AHIMTB/RJ

HISTORIADORES DO EXÉRCITO, MILITARES FALECIDOS

Adailton Sampaio Pirassinunga – General; Aguinaldo José Senna Campos – General; Alfredo Pretextato Maciel da Silva – Capitão; Alfredo Souto Malan –General; Amerino Raposo Filho – Coronel; Antônio da Rocha Almeida – General; Antonio de Souza Junior – General; Arivaldo Silveira Fontes – Coronel; Bertoldo Klinger – General; Cândido Mariano Rondon – Marechal; Carlos de Meira Mattos – General; Carlos Rosa — Coronel; Conde D'Eu - Marechal Gastão de Orleans; Deoclécio de Paranhos Antunes – Coronel; Dionísio Cerqueira — Marechal; Elber de Mello Henrique – Coronel; Emílio Fernandes de Souza Docca – General; Estevão Leitão de Carvalho — Marechal; Fernando Setembrino de Carvalho – Marechal; Francisco de Paula Azevedo Pondé – General; Francisco de Paula Cidade — General; Francisco Ruas Santos – Coronel; Germano Seidl Vidal – Coronel; Golbery de Couto e Silva — Coronel; Henrique Oscar Wiedersphan – Tenente-Coronel; Humberto de Alencar Castello Branco – Marechal; Joaquim Victorino Portella Ferreira Alves – Coronel; João Baptista Mascarenhas de Morais – Marechal; João Borges Fortes – General; João Carlos Albano do Amarante – General; Jonatas do Rego Monteiro – Coronel; José Pessoa Cavalcante de Albuquerque – Marechal; Liberato Bittencourt – General; Mário Clementino – Coronel; Morivalde Calvet Fagundes – General; Newton Freixinho — Coronel; Osório Santana Figueiredo – Subtenente; Paulo Queiroz Duarte – General; Pedro Cordolino de Azevedo – General; Raimundo Torres Negrão – General; Raul Silveira de Mello – General; Reynaldo Goulart Correia – Coronel; Rinaldo Pereira da Câmara – General; Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira – General; Tristão de Alencar Araripe – Marechal; Umberto Peregrino – General; Valentín Benício – General; Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay) – Major; Waldemiro Pimentel – General e Waldir Jansen de Mello – Tenente-Coronel.

Cel Cláudio Moreira Bento

CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR ÀS COMEMORAÇÕES DO BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA EM 2022

LIVRO DIGITAL

Capa por Camila Karen C.S. Renê

PREFÁCIO

O mundo da História Militar Terrestre do Brasil vai ficar devendo muito mais ao Veterano Cel Eng e de Estado-Maior , Pesquisador, Historiador, Pensador Militar, Memorialista, Acadêmico e Autor, CláudioMoreira Bento, por mais este livro, pioneiro e ao mesmo tempo clássico, de mais de 300 páginas, onde ele presta uma justa homenagem aos 47 (quarenta e sete) historiadores militares já falecidos, além de desvendar, para o leitor, toda a origem, as engrenagense os demais meandros da referida história militar.

Aos 91 anos de idade, completados em 19 de outubro de 2022, natural de Canguçu (RS), origem da qual se orgulha e homenageia sempre que pode, o Cel Bento continua em atividade compulsiva dentro do seu métier, tendo publicado, somente no corrente ano, as obras "**Duque de Caxias o Patrono do Exército Brasileiro**", pela Biblioteca do Exército - Bibliex; como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência e, em parceria com este prefaciador, o também inédito livro "**78 anos da Academia Militar das Agulhas Negras(AMAN) em Resende e Almanaque dos Aspirantes a Oficial dela oriundos – 1944/2022**", com 1.001 páginas, contendo a história da AMAN e a relação dos quase 29 mil Aspirantes a Oficial por ela formados (com o nome completo do militar, arma ou serviço, data do Aspirantado e nome da Turma), Obras dedicadas pela AHIMTB—RJ e pelos autores às comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil de Portugal.

Em resumo, o Cadete da Academia Militar das Agulhas Negras - AMAN *Cláudio Moreira Bento*, da Turma Aspirante Francisco Mega, foi Declarado Aspirante a Oficial do Exército Brasileiro em 15/02/55. Tendo cursado a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais - EsAO, em 1964 e a Escola de Comando e Estado-Maior – ECEME, de 1967a 1969.Integrou a Comissão de História do Exército, do Estado-Maior do Exército - EME, de 1971 a 1974. Foi Instrutor de História Militar na AMAN, de 1978 a 1980. Já como Coronel comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate do EB – 4º BECmb, em 1981/82, em Itajubá, Minas Gerais. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército – AHEx, de 1985 a 1990. O Cel Bento também é autor de mais de 120 obras, entre álbuns, livros e plaquetas e de centenas de artigos disponíveis em seu site www.ahimtb.org.br, criado e administrado por seu filho Veterano Capitão de Mar e Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, além de ser o fundador da Academia de História Militar Terrestre do Brasil – AHIMTB em 1996 em Resende , transformada em 2011 em Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil - FAHIMTB com as seguintes

Academias de História Militar Terrestre do Brasil dela dependentes: em Resende a Marechal Mário Travassos; no Distrito Federal a Marechal José Pessoa; no Rio de Janeiro a Marechal João Baptista de Mattos; no Rio Grande do Sul a General Rinaldo Pereira Câmara; e em São Paulo, em Sorocaba , a General Bertoldo Klinger. Tendo sido obrigado a extinguir a FAHIMTB em 20 dez 2020. Fundou independentes as citadas Academias e todas conservando suas denominações, mas tendo como seu Patrono o Duque de Caxias.

Em 2003, ano do Bicentenário do Duque de Caxias, a AHIMTB - Resende criou a Medalha do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, nos graus de Cavaleiro, Oficial e Comendador, que concede a destaques em História Militar Terrestre do Brasil. As AHIMTBstambém possuem Canção/Hino, Oração de Abertura de suas seções e Bandeira e têm como colaboradores/patrocinadores principais de seus livros, a Biblioteca do Exército – BIBLIEx e a FHE – POUPEX.

São exemplos como o do Cel *Cláudio Moreira Bento* que nos fazem terorgulho do nosso País e a esperança em um futuro melhor.

Boa leitura!

Luiz Fagundes
Historiador, Acadêmico da AHIMTB-RJ e Autor*

*1) Almanaque Pqdt 1944-Jun 2021 – 961 págs. (5ª Edição); 2) Almanaque Segunda Guerra Mundial 1930-1945–1096 págs.(3ª Edição); 3) Almanaque Monte Everest PQDT, do pessoal que atingiu topo nacarreira militar (EB/MB e FAB)–1944/jun 2021 - com 158 págs.;4) Coautor:livro78 da AMAN em Resende e Almanaque dos quase 29.000 Aspirantes a Oficial dela Oriundos, com 1001 págs., em parceria com o Cel Cláudio Moreira Bento; 5) No prelo, livro: A Mensagem a Garcia. É Acadêmico Titular da Cadeira Especial Cel Cláudio Moreira Bento, em vida, da AHIMTB-RJ –Academia Marechal JoãoBatista de Mattos.

Comentário do historiador Israel Blajberg, Presidente da AHIMTB/RJ

Professor Israel Blajberg
Presidente da AHIMTB/RJ

Vem a lume mais uma das notáveis obras do caro amigo Cel Claudio Moreira Bento, fruto do notável trabalho por ele desenvolvido como Acadêmico Emérito, fundador e Presidente da Academia de Historia Militar Terrestre do Brasil – AHIMTB, verdadeiro polo irradiador que estuda e desenvolve a História do

Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Polícias e Bombeiros Militares, Guarda Nacional e Voluntários da Pátria, a servico de estudantes, professores e pesquisadores civis e militares do Brasil e do Exterior.

Já na década de 70 o ilustre Cel Claudio Moreira Bento se dedicava a Historia Militar; em 1978 assumiu a função de Instrutor da matéria na AMAN. Dirigiu o Arquivo Historico do Exercito por longos anos, 1985 a 1991 e aos 20 de março de 1996 *fundou em Resende a* Academia de História Militar Terrestre do Brasil AHIMTB, acolhida pela AMAN em suas instalações. Em 19 de outubro de 2021 completou 90 anos de uma vida extremamente produtiva. Na ocasiao, o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil - IGHMB, realizou uma Sessao em homenagem ao Insigne Pensador Militar e Distinto Soldado, eminente Historiador Militar, ícone maior de diversas Academias de Norte a Sul, e no exterior em Portugal, congregando centenas de associados.

Historiador Militar consagrado com cerca de 1 centena de títulos publicados, entre Plaquetas, álbuns e livros, informativos da FAHIMTB, IHTRGS e ACANDHIS, e mais de 1000 artigos em periódicos civis e militares do Brasil e do Exterior, ao longo de meio-século de intensa atividade relacionada com a História Militar do Brasil, como historiador e instrutor de Historia Militar, com destaque para a História Militar Crítica. Nao se esgotam aqui as inumeras atividades e contribuições do nosso estimado Cel Bento, mas é fácil perceber sua inestimável contribuição, ao Exército e ao Brasil.

Nos dias que correm, quando a nação almeja melhor futuro, o legado dos Historiadores Militares que nos antecederam é digno de nota, registro que bem faz o Cel Bento nesta magnifica obra, que constitui-se em valiosa contribuição como repositório dos nomes de todos aqueles Historiadores Militares Nacionais que já não estão mais aqui entre nós, tendo um dia pesquisado e estudado a Historia Militar, devendo certamente afirmar-se como importante obra de referência.

Ao recordar estes nomes me vem à memória felizes lembranças de anos dourados, quando enverguei a farda verde-oliva, ao tempo em que me formei e iniciei a carreira profissional, seguindo-se posteriormente o ano inesquecivel na ESG em 2004 e o ingresso na AHIMB e IGHMB. Nas pessoas desses militares, presto singela homenagem a todos aqueles que um dia depositaram seus sonhos e esperanças na carreira que escolheram abraçar. Entre os inúmeros verbetes desta obra, selecionei alguns que conheci pessoalmente, alguns como amigos queridos que recordo até hoje com muita alegria e saudades:

Amerino Raposo Filho, Bravo Artilheiro da FEB, amigo dileto, companheiro de muitas viagens a Barueri para as comemorações do Ultimo Tiro da Artilharia da FEB.

Arivaldo Silveira Fontes, Carlos de Meira Mattos, ilustres historiadores, padrinhos do meu ingresso no IGHMB

Francisco Ruas Santos, ilustre pensador militar e meu Comandante nos saudosos tempos do CPOR/RJ

Germano Seidl Vidal, Bravo Artilheiro da FEB, que me introduziu no mundo da Historia Militar e do IGHMB

Hiram Freitas Câmara, Ilustre Confrade da AHIMTB e IGHMB

Jardro Alcantara de Avellar, Diretor do ColegioPallas na Tijuca - RIO, onde estudaram meus quatro filhos.

Joaquim Victorino Portella Ferreira Alves, Artilheiro da FEB e autor de livros classicos sobre Artilharia e Blindados. Presidente da Associação dos Ex Combatentes, que me brindou com inumeros relatos para meus livros.

Jonas de Moraes Correia Neto, Ilustre General de Exercito oriundo da arma de Artilharia, antigo Chefe do EMFA, sempre presente no Instituto, onde nos proporcionou inumeras orientações.

Jose Carlos Albano do Amarante, Ilustre General Engenheiro Militar, colega de profissao e irmao de armas, com quem muito conversamos sobre a Academia Real Militar que funcionou no Largo de Sao Francisco, alma-mater da AMAN e Politecnica da UFRJ.

Newton Freixinho, ilustre Artilheiro, nosso padrinho na AHIMTB.

Paulo Cesar de Castro, General de Exercito oriundo da Arma de Artilharia, sempre amigo, sempre claro e didatico em suas exposições.

E finalmente os que nao conheci de perto, mas admirei de longe:

Aurélio de Lyra Tavares, General de Exercito oriundo da arma de Engenharia, tendo se formado engenheiro na mesma Escola Nacional de Engenharia onde estudei, no Largo de Sao Francisco, antiga Academia Real Militar.

Cândido Mariano Rondon, o Marechal da Selva, orgulho nacional.

Marechal Gastão de Orleans, Conde d'Eu, Comandante da Artilharia na Guerra da Triplice Aliança.

Ao Prezado Confrade Cel Bento deixo aqui a expressão da minha amizade, e do reconhecimento pelo valioso trabalho que vem desenvolvendo, do qual a presente obra é a mais nova, mas não menos importante contribuição, agora da Academia de História Militar Terrestre do Brasil –Rio de Janeiro- Academia Marechal João Batista de Matos que tem por Patrono o Duque de Caxias – Patrono do Exército, colaboração excepcional do autor às comemorações em 2022 do Bicentenário da Independência da Pátria Brasil.

Rio de Janeiro, 22 de novembro de 2022

Prof. e Ten R/2 Art Israel Blajberg

Presidente AHIMTB / Rio de Janeiro, Cadeira 24 Cel Mário Clementino

ACADEMIA de HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE do BRASIL / Rio de Janeiro

Academia Marechal João Baptista de Mattos

Antigo Engenheiro do BNDES e Professor da UFF – Escola de Engenharia e UFRJ – Escola Politecnica

Datas Magnas - Efemérides em 2022

91 anos do Cel Claudio Moreira Bento - 19 de outubro de 1931
26 Anos da Fundação AHIMTB em Resende - 1º. de março de 1996
11 Anos da Instalação da AHIMTB/RIO na Casa da FEB/RIO
no Dia do Soldado - 25 de agosto de 2011

INTRODUÇAO DO LIVRO HISTORIADORES DO EXERCITO MILITARES FALECIDOS

O presente trabalho é uma homenagem justa, pioneira e de gratidão, que como historiador do Exército presto a **memória** dos historiadores militares j**á** falecidos, cujas vidas obras aqui resgatamos e que trabalharam intensamente com seus livros, artigos publicados e memórias, no desenvolvimento da História do Exército Brasileiro, contribuindo com seus trabalhos, para o desenvolvimento da Doutrina do Exército, da instrução dos seus quadros e tropa e para a preservação do seu Patrimônio Histórico e Cultural. E tamb**é**m oferecer ao leitor e pesquisador interessados na História do Ex**é**rcito Brasileiro, uma vasta lista de assuntos sobre o tema de autoria dos meus colegas aqui reverenciados.

Desde 1970, dedicado, por forte vocação, a pesquisa, preservação e divulgação da História, as do Exército em especial. Em 1978 ao assumirmos a função de instrutor de História Militar na AMAN, e já historiador militar consagrado, levamos junto os originais de meu livro **Como Estudar e Pesquisar a História do Exército Brasileiro**.Trabalho que foi publicado pelo Estado-Maior do Exército em 1959 e 1999 e por ele distribuído a AMAN, EsAO e ECEME. E a 2ª edição a própria Academia de História Militar Terrestre do Brasil AHIMTB, por nos fundada em Resende**(RJ)** em 20 de março de 1996 e acolhida pela AMAN em suas instalações externas e, em 2011, em suas instalações externas, no fundo de sua Biblioteca. Neste Manual, hoje disponível para ser baixado em Livros e Plaquetas no site www.ahimtb.org.br e no Google,abordo o meu pensamento sobre a História do Ex**é**rcito Brasileiro. E desde que egresso da ECEME, em 1969, na qual tivemos por mestre o saudoso Cel Art Veterano da FEB,Amerino Raposo Filho passamos a trabalhar com História Militar crítica, à luz dos fundamentos da Ciência e Arte Militar, como foi **ocaso** de nosso primeiro livro **As batalhas dos Guararapes descrição e Análise Militar**(crítica), por convencido de que a História Militar Descritiva,resgatada por historiadores, com apoio em fontes primárias de História, integras, autênticas e fidedignas, agrega Conhecimento Militar. E que a História Militar Crítica, com apoio na História Militar Descritiva, agrega Sabedoria Militar. Esta de grande valia na condução de um combate ou batalha.Pois entendemos que um combate ou batalha se assemelha a um jogo de xadrez, que exige das partes em confronto diversas jogadas, com em combate diversas condutas de combate, até que um deles de o xeque mate,ou a Vitória.

Da**í** o nosso entendimento do General Humberto de Alencar Castelo Branco, veterano da FEB como Oficial de Operações, e na qualidade de Diretor de Ensino do Exército introduzisse na AMAN o estudo de História Militar Critica, a luz, em especial, Princípios de Guerra e da Manobra e seus elementos. E confiando a execução deste ensino a outro Veterano da FEB, o Tenente-Coronel Inf Francisco Ruas Santos. Ensino visando a iniciação em Arte e Ciência da Guerra,dos que tivessem potencialidade para um dia, comandarem ou **assessorarem** o comandante num combate ou batalha.

O marechal Ferdinand Foch ao deixar a Escola de Guerra da França, onde ministrava História Militar crítica, dela saiu para comandar a Vitória Aliada na 1ª Guerra Mundial e assim valorizou a Historia Militar.

"Para alimentar o cérebro de um Exército na paz, para melhor prepará-lo para a eventualidade indesejável de uma guerra, não existe livro mais fecundo em lições e meditações do que o livro da História Militar."

O pensador militar e destacado professor de História Militar, Cel Mario Clementino, Jovem Turco, autor dos dois primeiros editoriais da **Revista a Defesa Nacional** expressou os seguintes pensamentos sobre História Militar em suas aulas de História Militar **há** mais de um século.

"Arte da Guerra exclui qualquer esquematização. E não há maior perigo do que se pretender querer conduzir uma campanha com régua e compasso, como quem faz geometria ..."

"Durante os períodos de paz mais ou menos longos, é do estudo meditado(crítico) da História Militar que os comandos dos exércitos se preparam para as eventuais campanhas futuras.Esse estudo é de tal forma proveitoso que se têm visto exércitos que durante largo tempo só estudaram a guerra nos livros, baterem em campanhas recentes, exércitos aguerridos, porém que deram mostras de menosprezo ao estudo teórico dos princípios da Arte da Guerra. De 1815-1866 o Exército da Prússia não tinha ido à guerra. Entretanto venceu com notável maestria em 1866, o Exército da Áustria que vinha de realizar campanha de 1859.

O Exército do Japão só aprendeu a Arte da Guerra com a experiência alheia, adquirida de missões militares alemã e francesa. E na Mandchúria revelou conhecimento completo da Arte da Guerra e fez campanha notável sob todos os pontos de vista.

Não se deve concluir disto que a mera acumulação na memória dos fatos da História Militar (História Militar Descritiva) confira a capacidade para comandar exércitos. Se assim fosse seria fácil ser um general cabo de guerra. Mas não é isto! A Guerra é produto de um conjunto de circunstâncias múltiplas e várias, e o que se pode afirmar é que nenhuma campanha se reproduz da mesma forma no espaço e no tempo, de modo que possa ser copiada ou rigorosamente imitada de campanhas recentes. O que interessa no estudo da História Militar (Crítica), no mais alto nível, é a capacidade de discernir, destacar e isolar os princípios da Arte da Guerra que regem o fenômeno, da massa enorme de fatos que deles se depreendem, como uma emanação espiritual. (Nota é o que classifico como História Militar Crítica). E mesmo depois que se fez isso, depois que os

Princípios da Arte da Guerra foram isolados, destacados e compreendidos, aqueles que aspiram as culminâncias da Arte Militar tem de ir um pouco além. Tem que penetrar-Ihes (Princípios da Arte da Guerra) em seu senso filosófico e por vezes esotérico, sua e**x**trema elasticidade diante das circunstâncias, o seu relativismo inflexível, os seus conflitos mútuo-aparentes ou reais, os paradoxos a que eles por vezes conduzem e, ao lado disso, o seu caráter imutável e eterno,a sua incoercibilidade irredutível em determinadas emergências, a implacabilidade de seus decretos, as consequências desastrosas que às vezes acompanham as suas mais elementares infrações. Tudo isto deve o general discernir e compreender em meio do tumulto e do entrechoque dos motivos, os mais diversos, que entram no fenômeno da guerra: motivos/psicológicos, biológicos, industriais, geográficos, topográficos, climatéricos, místicos, políticos e outros**...**"

Ao ser criado o Estado-Maior do Exército em 1898, a pesquisa e preservação da História do Exército passou a ser sua atribuição, como apoio ao desenvolvimento e atualização da Doutrina do Exército que era o seu encargo, como nos demais estados-maiores das grandes potências E de 1898-1970 o desenvolvimento da História do Ex**é**rcito ela teve três interrupções e três recomeços assinalados em pesquisa do Cel Ruas Santos. Em 1969, na ECEME testemunhei sua grandeza e desenvolvimento, através de palestra feita por sua Seção de Geografia e História Militar, cuja chefia foi exercida por dois destacados historiadores e pensadores militares: o General Francisco de Paula Cidade e o Cel Francisco Ruas Santos. Em 1970, por questões ligadas a necessidade de fazer frente a atuações adversas contra o Exército e a Revolução de 64, a **S**eção de Geografia e História Militar foi extinta e em seu lugar criada uma Seção destinada a contrabater nos públicos interno e externo a propaganda subversiva e mais a oposição a Revolução de 1964. Em Recife chefiei seção especifica dentro do espírito da nova seção do EME,e tive como missão o Planejamento, Construção e Inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes e escrever meu primeiro livro **As batalhas dos Guararapes descrição e análise militar**, ora na 3ª edição. Reedições prefaciadas e com abas de autoria de dois **oficiais** generais que foram meus alunos de História Militar em 1978. A História do Exército, no EME passou a fazer parte da Seção de Doutrina e nela inserida a criada Comissão de História do Exército do EME (CHEB) chefiada pelo Cel Francisco Ruas Santos e tendo o autor, já historiador militar consagrado, como seu adjunto. Sendo o Cel Ruas Santos mais antigo que o chefe da Seção de Doutrina, a Comissão de História do Exército do EME (CHEB) passou a atuar independente e subordinada direto ao Chefe do Estado-Maior, o então Gen Ex Alfredo Souto Malan. Comissão de História com a missão principal de projetar e coordenar a **História do Exército Brasileiro – perfil militar de um povo,** como contribuição do Exército às comemorações do Sesquicentenário da Independência. Todo o precioso acervo de História do Exército, acumulado em 72 anos foi transferido para a citada Comissão de História (CHEB). E por mim classificada durante mais de 3 anos, à luz do **Sistema de Classificação de**

Assuntos Forças Terrestres Brasileiras, do EME elaborado pela citada CHEB, ou **Teoria de História do Exército**, a qual reproduzi mais tarde, no tocante ao Emprego, de força militar nas mais variadas lutas internas e externas, em meu **Manual Como estudar e pesquisar a História do Exército,** publicado pelo EME em 1978 e 1999 e distribuído repetimos as AMAN,EsAO e ECEME e ao próprio EME e, a AHIMTB a 2ªedição.Em 1974 a citada CHEB foi extinta, sob a minha direção, e com o meu protesto veemente, disciplinado, naturalmente. E no Centro de Documentação do Exército, para onde foi transferido todo o acervo do EME, foi abandonada a classificação do acervo de acordo com a **Teoria de História do Exército** e reclassificada à luz do sistema de classificação usado por bibliotecárias formadas em Biblioteconomia. E a História do Exército acumulado pelo EME em 72 anos e por mi**m** classificado em cerca de 3 anos, à luz da **Teoria de História do Exército** do EME, foi se desfazendo e o Centro de Documentação mais voltado para a denominação histórica de unidades e com destaque especial para a atuação na sua chefia do acadêmico e historiador militar o Veterano Cel Inf Manoel Soriano Neto. O citado C Doc Ex foi extinto e seu acervo transferido para o recém criado Instituto de Estudos e Pesquisas de História do Exército, mas que não trabalha com a "j**o**ia da coroa" a História Militar Crítica, à luz dos Fundamentos da Arte e Ciência Militar, que acumula Sabedoria Militar, a matéria prima, a serviço do Cérebro do Exército, para desenvolver a sua Doutrina, a Instrução e a preservação do patrimônio histórico e cultural do Exército, sendo de que deste último, a História Militar Crítica, ou Sabedoria Militar é a matéria prima à disposição do Cérebro do Exército.

Em 1978, depois de haver deixado a Comissão de História do Exército há 4 anos, fomos procurados pelo então Cel Alberto Lima Fajardo na AMAN e que nos solicitou ajuda nos seguintes termos: "- Bento eu recebi a chefia de uma Seção de História no EME, que não possui livros nem pesquisadores. A cadeira de História poderia fazer algumas pesquisas para o EME."

E desta cooperação surgiu a contrapartida do Estado-Maior de patrocinar a elaboração das seguintes obras, por mim coordenadas e enriquecidas, como o único historiador militar, da cadeira História de História e já consagrado e premiado - **História da Doutrina Militar**; - **História Militar do Brasil** 2v; **- Manual como pesquisar e estudar a História do Exército.** Estes livros foram utilizados na Cadeira de História até 1998, por cerca de 20 anos, nos quais estudaram creio todos os oficia**i**s generais formados a par**t**ir **de**1978.

Em 1999, os citados livros foram aposentados lamentavelmente e substituídos por iniciativa do Diretor da Biblioteca do Exército e do Chefe da Cadeira de História Militar, pelas seguintes publicações: **A Arte da Guerra,** do Cel Ruas Santos e a **História Militar** do General **Pedro**Cordolino. Esta última equivaleu a um retorno a História Militar Descritiva, que vigorou até a introdução do estudo de História Militar Crítica, iniciativa do General Caste**ll**o Branco, como Diretor de Ensino do Ex**é**rcito. Os instrutores de História Militar crítica,e não professores com o curso da ECEME chegaram a numerar seis oficiais.Daí por diante, oficiais instrutores com o Curso de Estado-Maior foram retirados e

substituídos por professores oficiais sem o Curso da ECEME e tenentes oficiais com Curso de História em Faculdades Civis para lecionar História Militar.

A ECEME passou a subordina**r-se** ao Departamento de Educação e Cultura e não mais a**o** EME, que perdeu a sua fonte de pesquisas, em especial de História Militar Crítica ou de Sabedoria Militar. As informações de História Militar explodiram exponencialmente e para tentar dominá-la, creio, salvo melhor juízo, que **é** impositivo o Exército indexar e digitalizar o conteúdo de todas as revistas militares e disponibilizá-las em vídeos militares acessíveis, mediante senhas. E todos reunidos num Banco de Dados em Brasília, à disposição, em especial do Estado-Maior.do Ex**é**rcito Deste modo seria retirado da sepultura onde jaz a evolução **Pensamento Militar Terrestre Brasileiro** e os nomes dos autores que a escreveram, hoje lamentavelmente **enterrados** e esquecidos.

Creio que o resgate da História Militar Terrestre do Brasil ou da História do Exército, hoje contida em Revistas sem índice e impositivo, salvo melhor ju**í**zo**:** E como medidas para o Exército resgatar sua História sepultada em periódicos militares sem índice sugiro, salvo melhor juízo:

1 – Voltar a História para o **Estado**-Maior do Exército, como ocorreu durante cerca de 72 anos.

2 – Voltar a ECEME a ser subordinad**a** ao EME, como ocorreu até a sua transferência para o Departamento de Educação e Cultura. Ou uma dupla subordinação, ao EME, para efeitos de Doutrina do Exército e ao Departamento de Educação e Cultura para o fim do Ensino Militar.

3 – Colocar o Centro de Doutrina Militar subordinado ao Estado-Maior, como responsável pela Doutrina do Exército, como ocorre nos exércitos das grandes potências.

4 – Oficialização das Academias de História Militar Terrestre do Brasil, pelo Exército e subordinadas ao EME, que poderia dispor de todo o seu rico acervo, acumulado em 48 anos por seu Presidente e doada a AMAN e por ela recebido em Boletim Especial n**º0**02 de 17 de novembro de 2014

5 – Caso adotada esta linha de ação, o EME enviar oficiais com vocação para o estudo e pesquisa da História do Exército, à AMAN para que a AHIMTB-Resende através deste autor possa lhes transmitir o que praticou**.**

A FAHIMTB foi extinta em 20 de Dezembro de 2019**.E**la resistiu a durar apenas com o apoio **da** FHE POUPEX e , contribuição para desconto em folha de militares do Exército, no valor de 700 reais e acesso **às** instalações do Exército.

E o que ela realizou em 23 anos, em benefício de História do Exército consta do site www.ahimtb.org,br. Fomos contratado por obra certa por cerca de 25 anos e nesta condição tenho escrito sobre a História do Exército, como por exemplo **A História do Exército no Rio Grande do Sul** constituída de 21 livros que começam a ser reproduzidos**.**

Ligado há mais de 50 anos a pesquisa**,e**stud**o,**divulgação e ensino da História Militar Terrestre do Bra**sil** nunca ouvi ou l**i** alguém negar sua relevância cultural na formação do chefe**,do** planejador e do pensador militar brasileiro e no desenvolvimento da Doutrina Militar Terrestre Brasileira, o que enseja reportar-se, por analogia**,a** seguinte afirmação do Senhor Presidente da República e Chefe

Supremo das Forças Armadas, ao declarar em entrevista concedida a VEJA em 17 jan 1996.

"Penso que houve um erro estratégico das elites brasileiras que não levam a Educação no Brasil a sério**.F**alam de sua importância**,** mas é da boca para fora!**...**" Creio que isto se aplique a atual situação por que atravessa a História Militar Terrestre do Brasil, em que os historiadores militares terrestres estão se tornando categoria em extinção**,p**or desest**í**mulo a pesquisas e a edição de suas obras que seriam um dever de Estado**,p**or não darem**,p**or sua natureza, retorno editorial a editoras a procura de best sellers**.C**onstatar é obra de simples raciocínio e verificação. A situação se assemelha a encontrada em 1937, pelo Ministro da Guerra Marechal Dutra, em que os autores militares não conseguiam interessar editoras civis em suas obras e a C**oo**perativa de **A Defesa Nacional** que promoveu algumas, com enormes sacrifícios, não dava conta da demanda, ensejando a criação, então, a semelhança da Biblioteca del Oficial do Exército Argentino**,d**a BIBLIEX, destinada precipuamente a editar**,d**e preferência, obras de autores militares. A BIBLIEX, também como Editora**,v**eio complementar a estrutura das Fontes de História, com a criação do atual Arquivo Histórico do Exército em 1934, pelo Ministro da Guerra General Pedro Aurélio de Góes Monteiro e a produção histórica, com a fundação do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. (IGHMB). Assim as Fontes de História estavam no Arquivo**,a** pesquisa e produção histórica no IGHMB, a Divulgação na BIBLIEx**,n**a **Revista Militar Brasileira, Revista A Defesa Nacional e Revista do IGHMB,** todas impressas pela Secretaria Geral do Exército, através de sua Imprensa Militar, apoiada pelo Serviço Cine Foto e, mais a revista **Nação Armada**. A esta infr**ae**strutura se deve expressiva produção historiográfica militar terrestre e o despertar de notáveis vocações de historiadores militares e, diga-se de passagem, nos postos de oficiais generais e oficiais superiores. Produção historiográfica abundante que tornou possível, no início dos anos 60, na ECEME, valiosas pesquisas coletivas de História Militar Terrestre e, em 1972, a edição da **História do Exército Brasileiro perfil militar de um povo pelo** EME, consolidando a bibliografia produzida fundamentalmente no per**í**odo 1937-72**.C**onstatar é obra de verificaç**ã**o do editorial da BIBLIEX ,dos índices das revistas citadas e inclusive a do Clube Militar. Quem incentivou muito novas vocações como Diretor da BIBLIEX, foi o falecido General Humberto Peregrino encomendando trabalhos de oficiais com potencialidade para os produzir e fundamentais à Memória da Força Terrestre, como a **Coleção Bibliogr**á**fica Militar** do falecido Cel Francisco Ruas Santos contendo índices de artigos e autores em nossas revistas militares e hoje**,f**undamental instrumento de trabalho do historiador militar que registra parte da **Evolução do Pensamento Militar Terrestre Brasileiro** ali expresso . Não se vê ou se ouve um militar de terra negar no caso**,a** relevância da História Militar Terrestre do Brasil**,m**as é incomum constatar-se efetivamente por atos**,s**olidariedade**,e**stímulo e prioridade, ações relativas a produção e publicação de obras de História Militar Terrestre novas e o surgimento de novas vocações de historiadores militares terrestres hoje categoria em extinção**,m**as fundamentais para realimentar o assunto com novas

interpretações fundamentais, para realimentar a atualização da cadeia de ensino de História Militar nas Forças Terrestres do Brasil**...**O meu manual **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro,r**elaciona **à**s páginas 21-22 **,o**stestemunhos dos maiores e mais bem sucedidos capitães da História Militar Universal, acerca da relevância dos estudos de História Militar para a Profissão Soldado**,o**nde se destaca o já citado do marechal Ferdinand Foch, o comandante da Vitória Aliada na 1ª Guerra Mundia**l:**

Frederico O Grande:"Eu estudo toda a espécie de História Militar,desde Cesar até Carlos II, **e** as estudo com todas as minha forças."

Napoleão: O conhecimento superior da Arte da Guerra só se adquiri pelo estudo crítico da história das guerras e das batalhas dos grandes capitães... Façam a guerra como Alexandre, Anibal, Cesar, Gustavo, Adolfo, Turenne, Eugênio e Frederico - O Grande. Leiam e rele**ia**m a história de suas campanhas e guiem-se por elas. Eis o único meio de fazer um grande general e aprender os segredos da Arte da Guerra."

General Patton: "A leitura objetiv**a(**crítica) da História Militar é condição de êxito para o militar. Deve ler biografias e autobiografias de chefes militares.Quem assim proceder concluirá que a guerra é simples."

Moltke, o V**elho**: A história milita**r(**crítica) por dominar completamente a conduta da guerra é uma fonte inesgotável de ensinamentos**.**

Como cérebro de um Exército o Marechal Foch referia-se a uma minoria encarregada da formulação da Doutrina Militar (Regulamentação da Organização, Equipamento, Instrução, Motivação **-**Porque lutar e morrer se preciso for!**-** e do Emprego) e de sua constante atualização, coerente com esta afirmação de "que uma Doutrina Militar tem duas constantes o Homem e sua constante mudança." Mudança constante na atualidade em função dos avanços da Tecnologia. Aqui de forma singela tentaremos recordar para os leitores e pesquisadores interessados a grande importância da História Militar Terrestre do Brasil hoje em crise, por carência de historiadores militares terrestres, categoria em extinção repito e os poucos que se dispõem a tal não possuem estímulos para editar suas obras. Exemplo,1º Um historiador militar ou civil antes de iniciar seu trabalho relaciona as fontes históricas disponíveis. Submete-as à Heurística, quanto a Fidedignidade, Autenticidade e Integridade das mesmas. Conclui quais são as confiáveis no todo ou em partes, num processo semelhante a produção de Informações, onde classifica os Informes e, ao produzir a Informação dá prioridade aos Informes A, para não poluir seu trabalho que busca a verdade**.A** seguir o historiador civil ou militar reconstitui nos mínimos detalhes possíveis uma campanha militar ou uma batalha ou combate**.** A reconstituição deste assunto é domínio da História Militar Descritiva. Este material a seguir passará ao domínio da História Militar Critica ou ao campo da História Militar Aplicada por uma Força Terrestre considerada. Seus historiadores, instrutores de História Militar, planejadores, pensadores e chefes nos mais diversos escalões farão os mais variados usos e aplicações do material, com vistas ao maior grau de operacionalidade de sua Força Terrestre. O historiador militar crítico focaliza a campanha ou batalha à luz da Ciência e Arte da Guerra. Qual o princípio de guerra mais observado ou desrespeitado? Qual o

tipo de manobra que foi adotado**?** Enfim **é** interminável o número de indagações que poderá se fazer. Este material crítico pode ser aproveitado pelo instrutor de História para consolidar a formação em Arte Militar de seus alunos. O planejador militar poderá isolar elementos para incorporar a doutrina de sua força. O pensador militar poderá fazer considerações relevantes no sentido de alterar o Pensamento Militar Terrestre vigente. O chefe militar com apoio no material descritivo ou crítico, desenvolverá sua capacidade tática e estratégica, com apoio em experiências operacionais de outros e estará mais apto para melhor conduzir condutas de combate no meio do caos do campo de batalha ,onde vence quem erra menos. Enfim é o Tratando a que se referiu Camões, ao dizer de como se aprendia a Disciplina Militar Prestante (A Doutrina Militar). “A Disciplina Militar prestante não se aprende na fantasia, senão, vendo, tratando e pelejando.” - Outros subprodutos que a história militar crítica pode tirar da história militar descritiva: Os militares citados e os militares em geral poderão retirar de uma reconstituição histórica bem feita exemplos de Virtudes Militares**,e**scala axiológica da Profissão-Soldado encontrados no passado da Força; exemplos de observância ou não observância de Princípios de Chefia. Aliás assuntos para o desenvolvimento numa força considerada de Sociologia e Psicologia aplicadas a Profissão Soldado que avance além da Sociologia e Psicol**ó**gica teóricas que predominam. Enfim são inesgotáveis os livros da História militar geral e o da História militar terrestre do Brasil, em lições e meditações para alimentar o Cérebro de um Força Militar Terrestre na paz, no caso as FTB. Um exemplo do valor da História Militar Terrestre do Brasil: Um pensador militar terrestre brasileiro encarregado de estudos com vistas ao desenvolvimento da Doutrina Militar Terrestre Brasileira**,c**omparando manifestações doutrinárias brasileiras genuínas com outras que vigoraram no mundo**,c**oncluiria que no Nordeste a Doutrina Militar Luso - Brasileira, chamada de **Guerra Brasílica** por generais europeus confusos, foi uma manifestação doutrinária genuína, bem como **A Guerra à Ga**ú**cha**, desenvolvida no Sul, nas lutas contra espanhóis e seus descendentes. E sem esquecer **a Guerrilhafluvial** liderada por Pedro Teixeira, para expulsar invasores europeus que se estabeleceram no Baixo Amazonas. Vale lembrar as pesquisas coletivas realizadas na ECEME 1960-62, como a excepcional O **Combatente Brasileiro na Itália**, concluiria à luz de pesquisas de outros eventos que "o brasileiro em campanha não se se adapta a normas disciplinares rígidas e sim ao seu líder por laços coração a coração".

O Duque de Caxias, patrono do Exército e de nossas Academias de História Militar Terrestre do Brasil, se constitui num eloquente exemplo de chefe**,p**ensador e doutrinador do Exército, com apoio na História Militar Terrestre que ele fez como líder vitorioso no Maranhã**o1**938**,S**ão Paulo e Minas em 1842**,F**arroupilha 1842-45 e Guerra contra Oribe e Rosas 1851-52. Como Ministro do Exército em 1863, ele introduziu na Ordenanças de Portugal (Doutrina do Exército de Portugal de influência inglesa) modificações com apoio nas realidades operacionais sul-americanas que vivenciara em 5 campanhas que liderara, com a ressalva, "até que dispusesse o Exército de uma doutrina genuína". Pouco mais tarde o marechal Floriano Peixoto encarregou o cel Emílio Carlos Jourdan de escrever a

História da Guerra do Paraguai "para subsidiar estudos de tática e de estratégia pelos alunos das escolas militares do Ceará, Porto Alegre e Praia Vermelha, dentro das realidades sul-americanas."

Creio que a esta altura seja dispensável insistir na importância estratégica da História Militar Terrestre do Brasil que não passa por sua melhor fase . E sem ela, dispondo de historiadores e apoio editorial para suas obras não se alimentará atualizada, a cadeia de ensino e instrução de História Militar das FTB. Seu prestígio é tarefa patriótica coletiva, mas um sagrado, masacima de tudo dever de Estado. A Motivação, campo doutrinário ligado ao desenvolvimento das Forças Morais de uma Força Terrestre se baseia fundamentalmente na História Militar Terrestre que gera Glórias e Tradições Militares a cultuar, tais como culto aos heróis da força e a memória dos que tombaram no cumprimento do dever que segundo Péricles, *estratego* grego - "Fazem pela pátria num só dia que os demais em todas as suas vidas".

Enfim, a História Militar é um manancial inesgotável para desenvolver a Motivação ou as Forças Morais de uma Força Terrestre. Eo panorama hoje na MÍDIA brasileira é desalentador e desagregador. Constatar é fácil. A maior vítima são as Virtudes Militares em confronto desigual, com valores incompatíveis com a Profissão Soldado... E um desafio permanente a contribuir para silenciar a História - A mestra da vida militar. Hoje o grande historiador e professor de História da Yale nos EUA Timothy Snyder afirmou: “O mundo está descartando as lições da História, no momento em que delas mais necessita.” E creio, salvo melhor juízo, que ele está com razão. Tem contribuído entre nós para o desprestígio da História Militar Terrestre do Brasil o ensiná-la de forma Descritiva e não Crítica à luz dos fundamentos da Arte Militar a Arte do Soldado. Já no início do século XVIII Frederico II, cujas campanhas eram estudadas na Academia Real Militar, considerada raiz histórica da AMAN, assim repreendeu o professor de História Militar de seu filho: "Não ensine História Militar ao meu filho como se fosse um papagaio, fazendo-o decorar e repetir mecanicamente. Faça-o meditar, raciocinar e tirar conclusões do estudo que o levem ao aprendizado da profissão militar." Esta é a essência da História Militar como instrumento da aprendizagem da Profissão Soldado. Conta-se do orgulho de um professor de História de uma Polícia Militar de que seus alunos sabiam de cor e salteado os nomes de todos os generais de Napoleão e, de outro, que insistia em cobrar em provas o comprimento e o peso da espada de Alexandre, ou outro que insistia no nomes dos componentes da Legião Romana, sem atentar para um estudo crítico de seu funcionamento tático, alicerce até hoje da aplicação dos fundamentos da Arte da Guerra. Quem assim sofreu não pode dar valor a História Militar, por não haver tido um professor a altura para retirar da História Militar a sua essência de que falam os grandes capitães da História Universal. É lamentável! Este é o meu pensamento depois de 52 anos dedicado a preservação, pesquisa, ensinoe divulgação da História do Exército Brasileiro e as minhas observações críticas se enquadram, salvo melhor juízo, neste pensamento dos Jovens Turcos que fundaram **A Defesa Nacional** e expresso no seu primeiro Editorial de autoria do Jovem Turco Tenente Mario Clementino:

“N**ós estamos profundamente convencidos que só se corrige o que se critica: de que criticar é um dever; e de que o progresso é obra de dissidentes.”**

SUMÁRIO

.

Comentário do Professor Israel Blajberg Presidente daAHIMTB-RJ
Prefacio do Historiador Militar Luiz Fagundes
Introdução
Esclarecimento que se impõe
Conteúdo do site do historiador e pensador militar, memorialista e jornalista
Abreviaturas
Adailton Sampaio Pirassinunga- General
Aguinaldo JoséSenna Campos- General
Alfredo Pretextato Maciel da Silva - Capitão
Alfredo Souto Malan -General
Amerino Raposo Filho- Coronel
Antônio da Rocha Almeida - General
Antonio de Souza Junior – General
Arivaldo Silveira Fontes - Coronel
Bertoldo Klinger – General
Cândido Mariano Rondon - Marechal
Carlos de Meira Mattos - General
Carlos Rosa — Coronel
Conde D'Eu -Marechal Gastão de Orleans
Deoclécio de Paranhos Antunes - Coronel
Dionísio Cerqueira — Marechal
Elber de Mello Henrique - Coronel
Emílio Fernandes de Souza Docca - Marechal
Estevão Leitão de Carvalho — Marechal
Fernando Setembrino de Carvalho- Marechal
Francisco de Paula Azevedo Pondé - General
Francisco de Paula Cidade — General
Francisco Ruas Santos - Coronel
Germano Seidl Vidal - Coronel
Golbery de Couto e Silva — Coronel
Henrique Oscar Wiedersphan– Tenente-Coronel
Humberto de Alencar Castello Branco- Marechal
Joaquim Victorino Portella Ferreira Alves - Coronel
João Baptista Mascarenhas de Morais- Marechal
João Carlos Albano do Amarante - General
Jonatas do Rego Monteiro–
José Pessoa Cavalcante de Albuquerque - Marechal
Liberato Bittencourt - General
Mário Clementino - Coronel
Morival de Calvet Fagundes - General

Newton Freixinho — Coronel
Osório Santana Figueiredo - Subtenente
Paulo Queiroz Duarte - General
Pedro Cordolino de Azevedo- General
Raimundo Torres Negrão - General
Raul Silveira de Mello - General
Reynaldo Goulart Correia- Coronel
Rinaldo Pereira da Câmara - General
Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira - General
Tristão de Alencar Araripe – Marechal
Umberto Peregrino - General
Valentín Benício – General
Visconde de Taunay- Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay
Waldemiro Pimentel - General
Waldir Jansen de Mello–Tenente-Coronel
Currículo cultural sintético do Cel Cláudio Moreira Bento
Bibliografia

ESCLARECIMENTO QUE SE IMPÕE

Em 20 de março de 1999 fundamos em Resende a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) que criou Delegacias no Distrito Federal, no Rio de Jan**eiro**, Rio Grande do Sul e São Paulo. Instituição que funcionou inicialmente na Fundação Educacional D.Bosco e em seguida foi acolhida pela AMAN em instalações externas, ao lado da então Casa de Laranjeira da AMAN. Em 2011 no Bicentenário da AMAN, ela foi acolhida em instalações internas da AMAN, em amplo espaço no fundo da Biblioteca, agora com a denominação de Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasi**l(**FAHIMTB).

As então Delegacias de Brasília, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo, passaram a serem subordinadas diretamente a FAHIMTB e inclusive a AHIMTB – Resende.

Em 20 de Dezembro de 2020 fomos obrigados, por termino de nosso contrato de PTTC**(Prestação de Tarefa por Tempo Certo)** e decorrente insuficiência de recursos financeiros para mantê-la, a extingu**i**-la e fundar independentes as AHIMTB-Resende, AHIMTB-RJ, AHIMTB-DF, AHIMTB-SP e AHIMTB-RS todas tendo por patrono o Duque de Caxias. E as AHIMTBs que fundamos fornecemos orientação para elas preservaram os objetivos e ideais da AHIMTB de 1996...

Fundamos em Pelotas**,**em 16 de setembro de 1986**,** o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS). E em Canguçu-RS, meu berço natal, a Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) em 13 de setembro de 1988.

E em nossos livros e artigos com frequ**ê**ncia aparecem as siglas dessas instituições que fundei e presidi das quais somente**a**inda presid**o a** Academia Canguçuense de História. Mas participo de todas. Inclusive da AHIMTB-RJ que me disti**n**guiu como sou presidente da Comissão Consultiva e Patrono de Cadeira em vida.

Portanto ao leitor e pesquisador interessados, devem distinguir o significado das siglas AHIMTB, FAHIMTB, AHIMTB-DF, AHIMTB-Resende, AHIMTB-RJ, AHIMTB-SP, AHIMTB-RS, IHTRGS e ACANDHIS, as quais espero que seus integrantes continuem a entregar as mensagens que entreg**u**ei por mais de 20 anos ao tempo em que presidi a AHIMTB e FAHIMTB e o IHTRGS e breve no futuro a ACANDHIS.

Veterano Cel Cláudio Moreira Bento.

CONTEÚDO DO SITE DO HISTORIADOR E PENSADOR MILITAR, MEMORIALISTA E JORNALISTA

CLÁUDIO MOREIRA BENTO EM DESENVOLVIMENTO

O legado da extinta FAHIMTB está preservado no site www.ahimtb.org.br,cujo conteúdo continuo a desenvolver e preservar, Site que foi criado e administrado desde o início da AHIMTB em 1996, pelo hoje **Capitão de Mar eGuerra** Carlos Norberto Stumpf Bento, meu filho e de longa data instrutor de Navegação na Escola Naval, **da Marinha do Brasil**. Foi uma grande e muito trabalhosa contribuição e com a cooperação da jovem Camila Karen Costa Santos Renê na digitação e digitalização do material colocado no site.

Na página de abertura figuram o antigo endereço na AMAN, da extinta FAHIMTB **eA**HIMTB Marechal Mário Travassos e abaixo o distintivo da FHE-POUPEx patrocinadora das atividades da AHIMTB e depois FAHIMTB.

Abaixo pode se acessar o Informativo O GAÚCHO do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS), editados 122 números pelo Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e a partir do nº123 pelo Cel Bento fundador do IHTRGS em 10 de setembro de 1986.

E abaixo pode se acessar O TUIUTI, Informativo da AHIMTB-RS, editado por seu presidente e disponíveis no site www.acadhistoria.com.br,um dos links do site em análise.

Abaixo Hino da AHIMTB é acessado a letra do mesmo, de autoria do sócio da extinta AHIMTB/FAHIMTB, **Subtenente** Evilácio Saldanha, consagrado poeta castrense.

No Centro o brasão da extinta FAHIMTB. No canto direito o endereço de e-mail do Cel Bento e abaixo o acesso a Academia Virtual Visconde de Sá Leopoldo, administrada pelo acadêmico Cel Élcio Secomandi, e-mail: ersecomandi@gmail.com

E abaixo uma caixa de correio.

No centro, abaixo do brasão da FAHIMTB, Livros e Plaquetas.

Acesso a minha entrevista **à** TV com Pelotas- RS.

E clicando em Livros e Plaquetas, se acessa a assuntos constantes da Introdução, e no final de Livros e Plaquetas, os livros de autoria do Cel Bento para baixar.

Clicando em Índice do conteúdo de Livros e Plaquetas, os trabalhos de História Militar estão colocados nos seguintes itens:

Conflitos, Exército Brasileiro, Revista da SASDE (2º DE-SP), História da AMAN, Personalidades, FAHIMTB, Assuntos Militares, Rio Grande do Sul, Canguçu- RS, Cel Bento, Instrumentos de Trabalho do Historiador do Exército, História de Resende e Sul Fluminense e abaixo Historiador Cláudio Moreira Bento.

- Bibliografia até 2004
- Livros de sua autoria na Biblioteca do Congresso dos EUA
- Índice do Informativo O Tuiuti do nº 1 ao nº 104.

Na parte inferior da esquerda para a direita:

Brasão da AHIMTB, História da AHIMTB/FAHIMTB, Artigos do Cel Bento e de sócios, Informativo O GUARARAPES (índice do conteúdo do Informativo (1996-2020)), Livros (vazio), e links da AHIMTB-RS, IHTRGS, Militar (Especializado em Assuntos Militares), Defesa Net e Blog Spot da Academia Duque de Caxias da República Argentina.

Continuando Índice do Conteúdo do Informativo O GUARARAPES 1996-2020 e por fim Organização e desenvolvimento da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (1996-2018).

Este é o precioso legado da FAHIMTB e preservado neste site que continuo a atualizar até o momento, que por conveniente e oportuno transformá-lo em CDs para melhor divulgá-lo.

Hoje no Youtube, pode se acessar o Programa **Hoje no Mundo Militar**, voltado exclusivamente para temas militares atuais e Importantíssimos.

Sala de Guerra. Com valiosos trabalhos de História de Guerra acessíveis pelo Youtube e narrados pelo Historiador Júlio Cesar Guedes e também em blog www.saladeguerra.com.br/blog/. Destaco os seguintes e modelares abordagens sobre a evolução no Brasil de blindagens para se chegar a fabricação no Brasil de carros de Combate e sua reconstituição com imagens da época da Batalha de Fornovo.

Arte Militar. É valioso instrumento de abordagem de problemas relacionados com a História Militar Mundial e a do Brasil

Área Militar, no Youtube e também em site www.areamilitaryt.wordpress.com.

Giro Militar, no Youtube, em Vídeos pode se acessar os conteúdos.

Heni Ozy Cukier. Programa de Geopolítica de nações E muito rico em ensinamentos. Lembra muito uma an**á**lise de um dos Fatores da Decisão Militar o Terreno, quanto a Obstáculos, Cobertas e Abrigo, Campos de Tiro**,** Vias de Acesso**,**Acidentes Capitais que estudamos na ECEME**,** há 50 anos. Sugiro que

visitem estes sites para constatar a sua Importância para a História Militar do Brasil e Mundial. Eles complementam o site www.ahimtb.org.br. A AHIMTB Resende presidida pelo Cel Peres lançou Revista Eletrônica onde serão publicados trabalhos aprovados pela**(faltou aprovados por quem?)**

E votos que as AHIMTBs d**e**em continuidade aos Informativos O Guararapes, Monte Castelo, Montese**,T**uiuti e Fornovo. E que d**e**em continuidade ao esforço de 23 anos da FAHIMTB, sendo fieis aos seus Estatutos, e procurando Unidade de Doutrina, E eu a caminho dos 91 anos vibrando com as iniciativas das **AHIMTBs** relativas ao desenvolvimento da História Militar Terrestre do Brasil de suas Forças Terrestres (Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Polícias e Bombeiros). Aos poucos estou transformando em livros digitais matérias de minha autoria nos Infor**m**ativos O Guararapes**,O** Gaúch**oe**o Tuiuti **,b**em como meus artigos em revistas militares e civis**,E** continuarei neste trabalho disponibilizando em livros para baixar em Livros e Plaquetas meus artigos na Imprensa relacionados no citado site, dos quais conservei seus recortes**.T**enho con**s**ciência de que muito trabalhei como historiador civil e militar o que deixo em parte registrado at**é** 2020 no meu livro digital **Meu legado historiográfico civil e militar**.N**ão vivi em vão!** E continuarei nesta luta até que a sa**ú**de não mais o permita**. E** agradeço penhorado os comandantes e companheiros que prestigiaram o meu trabalho e entenderam a sua importância para o Ex**é**rcito**,o** Rio Grande do Sul onde fundei o IHTRGS e Canguçu-RS meu berço natal**, b**em como as cidades de Itajub**á-M**G**,o**nde inspirei a fundação AIDHIS e Resende e Itatiaia no Rio de Janeiro onde funde**i** as ARDHIS e ACIDHIS **e Barra Mansa** onde inspirei a fundaç**ã**o da ABMHIS,

Cel Cl**á**udio Moreira Bento

Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista

(Qr Code para acessar o site www.ahimtb.org.br)

ABREVIATURAS

1 – Militares

AHIMTB	Academia de História Militar Terrestre do Brasil
Alte	Almirante
Alte**Esq**	Almirant**edeE**squadra
Asp	Aspirante a Oficial
BC	Batalhão de Caçadores
BCP	Batalhão de Caçadores da Polícia
BE Cmb	Batalhão de Engenharia de Combate
BI	Batalhão de Infantaria
Brig	Brigadeiro
C Alte	Contra-Almirante
Cap	Capitão
CC	Capitão de Corveta

Cel Coronel
C Ex Corpo de Exército
CF Capitão de Fragata
Cia Fuz Companhia de Fuzileiros
Cia I**nf** Companhia de Infantaria
CMG Capitão de Mar e Guerra
CPOR Centro de Preparação de Oficiais da Reserva
CT Capitão Tenente
DB Divisão Blindada
DC Divisão de Cavalaria
DI Divisão de Infantaria
DIE Divisão de Infantaria Expedicionária
DIO Divisão de Infantaria em Operações
Dst Destacamento
Dst FEB Destacamento da Força Expedicionária Brasileira
Esqd Rec M Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado
Ex Exército
FAIBRÂS Força Armada Interamericana, Destacamento Brasileiro
FEB Força Expedicionária Brasileira
FIP Força Interamericana de Paz
G Can 155 AR Grupo de Canhões 155 Auto-Rebocado
Gen Bda Genera**ldeB**rigada
Gen Div Genera**ldeD**ivisão
Gen Ex Genera**ldeE**xército
G Ex Grupo de Exércitos
GO 155 AR Grupo de Obu**s**es 155 Auto-Rebocado
Gpt T Grupamento Tático
Maj Major
Maj Brig Major-Brigadeiro
Mar Marechal
Mar Ar Marecha**ldoA**r
NPOR Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva
PC Posto de Comando
PO Posto de Observação
QG Quarte**l-G**eneral
R**EI** Regimento Escola de Infantaria
R**/**I Reserva **Remunerada**
R**/**2 Reserva **Não Remunerada**
RC Regimento de Cavalaria
RI Regimento de Infantaria
1º Ten Primeiro Tenente
2º Ten Segundo Tenente
Ten Brig Tenente-Brigadeiro
Ten Cel Tenente-Coronel
V Alte Vice-Almirante

2 - Diversas

ABN Anais da Biblioteca Nacional

ACANDHIS Academia Canguçuense de História

ACIDHIS Academia **Itatiaiense** de História

A**DS**G Anais da Diretoria do Serviço Geográfico do Exército

AHIMTB Academia de História Militar Terrestre do Brasil

AHIMTB –Resende Academia de História Militar Terrestre do Brasil de Resende

AHIMTB–RJ Academia de História Militar Terrestre do Brasil do Rio de Janeiro

AHIMTB–RS Academia de História Militar Terrestre do Brasil do Rio Grande do Sul

AHIMTB-SPAcademia de História Militar Terrestre do Brasil de São Paulo

AI Anais do Itamarati

ARDHIS Academia Resendense de História

APCHGSR Anais do 1º Congresso de História e Geografia Sul-Riograndense

APCHN Anais do 1º Congresso de História Nacional

ASCHGSR Anais do 2ºCongresso de História e Geografia Sul-Riograndense

ASCHN Anais do 2ºCongresso de História Nacional

ATCHGSR Anais do 3º Congresso de História e Geografia Sul-Riograndense

BIBLIEX Biblioteca do Exército Editora

BMEME Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército

CHEB Comissão de História do Exército Brasileiro

DHGEB Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro

DN Defesa Nacional

ECEME Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

ESG Escola Superior de Guerra

FAHIMTB Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil que sucedeu em 2011, a AHIMTB e foi extinta em 20 dez 2020 dando origem às AHIMTBs.

IHTRGS Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul

INL Instituto Nacional do Livro

MCM Mensário de Cultura Militar

MMF Missão Militar Francesa

NA Revista Nação Armada

RAN Revista das Agulhas Negras

RCM	Revista do Clube Militar
REB	Revista do Exército Brasileiro
RIHGB	Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
RIGHMB	Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil
RIHGRS	Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul
RIHGSP	Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo
RM	Revista Militar
RMB	Revista Militar Brasileira
R Mil	Revista dos Militares
SUDAM	Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

3 — Estados e Territórios da Federação

DF - Distrito Federal
MT - Mato Grosso
RJ - Rio de Janeiro
RS - Rio Grande do Sul
SC - Santa Catarina
SP - São Paulo

Historiadoresdo Exercito, militares falecidos
Adailton Pirassinunga - General (1905-1882)

General Adailton Sampaio Pirassinunga, sua foto Como Capitão na inauguração do IHGB, em 1942-Vide foto no v.3 da História do Exército Brasileiro perfil militar de um povo.p.1059.

O patrono de cadeira nº 1 da AHIMTB na visão dos acad**ê**mico**s** Coron**é**is professore**s** Cecil e Malebranche. O Coronel Cecil assim o reverenciou seu patrono.

"Quis o diligente historiador militar coronet CLÁUDIO MOREIRA B**E**NTO, homenageando o Magistério Militar, constituir-me patrono da cadeira n°**1,** nesta ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL, Gen. ADAILTON

SAMPAIO PIRASSINUNGA. E, para primeiro ocupante da aludida cadeira, chamou um professor, visto que o patrono, além de historiador, foi professor de História Militar na extinta Escola Militar do Realengo.

É desta forma, assegura o coronel BENTO, entre os historiadores militares quando ainda da FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA, narrando seus feitos memoráveis, ou descrevendo passagens pitorescas, quase folclóricas, que vivi**c**om nossos bravos soldados, ou ouvi contar, com cunho de realidade.

Ninguém melhor que o fundador da ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL para colocar no campo da História da Força Terrestre brasileira esses falares, ou escritos meus, por isso que aceitei a indicação e aqui estou para tomar posse na cadeira cujo patrono, militar e professor como eu, tem no campo da atividade histórica um galardão: ter sido sócio fundador do INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL.

O general ADAILTON SAMPAIO PIRASSINUNGA juntou-se a vários historiadores militares nessa importante iniciativa, valendo citar agora o general SEVERINO SOMBRA, também patrono de cadeira desta ACADEMIA, em vida, professor e historiador companheiro de PIRASSINUNGA, único ocupante da cadeira n° 37 do INSTITUTO, cujo patrono é o general José de Oliveira Barbosa, Barão do Passeio Público e Visconde do Rio Comprido.

Tomo assento, pois, profundamente desvanecido, orgulhoso mesmo.

Há pouco, na fala em que o jovem cadete fazia minha apresentação, ouvi-o dizer muito do soldado brasileiro, por isso que transferi a referência a minha pessoa aos denodados companheiros da FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA.

Transportei-me, assim, às agruras sofridas além-mar, nos embates em que nos envolvemos, levando de vencida os aguerridos combatentes alemães e seus comparsas italianos, para expulsá-los de seus abrigos, para derrotá-los, para mostrar ao mundo que a LIBERDADE e a DEMOCRACIA não podem estar sob o guante de doutrinas malsãs**,** como as que vicejaram na Alemanha, na Itália e no Japão, espalhando-s**e a**ssustadoramente, por todo o orbe terráqueo.

E, para nós brasileiros, particularmente, mostrar que não podíamos sofrer esta**rrecidos**: - o ultraje lançado contra nossa soberania. Era mister desagravá-la, e face a face, o que fez a divisão expedicionária brasileira, cumprindo gloriosamente esse sacrossanto dever**.N**o falar de meu apresentador, certamente, o que se depreende é que “o bom soldado nutre, em realidade, pela Pátria, o que o filho extremoso nutre PELA mãe**.**”

O acad**ê**mico Cel Helios Malebranche Freres assim recordou a vida e obra do General Adailton Pirassinunga**:”**ADAILTON SAMPAIO PIRASSUNUN**GA**, nasceu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em maio de 1905, filho de pai português. "Cursou o Colégio Militar do Rio de Janeiro, onde se fez notar pela conduta militar ímpar, alta disciplina, nítida compreensão dos deveres, gentileza e fidalguia, como ressaltou seu comandante. "De Aspirante a Oficial até Coronel no serviço ativo do Exército, o General PIRASSUNUNGA exerceu diversas funções e serviu em diversas unidades de Cavalaria, sua Arma de origem. "Em 1930, como 1ºTenente, frequentou o Curso de Educação Física e, no ano seguinte foi nomeado instrutor de sua especialidade na Escola Militar de Realengo**.** "Sua participação ativa no campo da História Militar iniciou-se em 1936, quando, já capitão, foi nomeado auxiliar de ensino de História Militar do Brasil, escrevendo nessa época, para a Revista da Escola **um**trabalho de louvável esforço, quer pelo cuidado nas pesquisas de documentação, quer pe**l**o interesse demonstrado pela História Militar da Força Terrestre e também do Brasil. "O artigo recebeu o t**í**tulo de **SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA ESCOLA MILITAR** e versava sobre as

Escolas Militares e seus Diretores (corno eram denominados seus comandantes, naquela época), o artigo abrangia o período de 1811 a 1938 . "Em revistas da Escola Militar de Realengo, escreveu diversos artigos de real valor, como: **O ENSINO MILITAR NO BRASIL DURANTE O PERÍODO COLÔNIA; A MARCHA MILITAR; O CLERO NO MAGISTÉRIO MILITAR; A BANDEIRA REPUBLICANA NA ESCOLA MILITAR;** e outros mais, mostrando sempre uma**c**uidadosa pesquisa, expondo o seu empenho em rememorar passagens históricas da vida militar do Brasil". Todos esses artigos aqui citados, encontram-se arquivados, com seus textos completos, n**a A**cademia de História Militar, Em janeiro de 1939, o Cap PIRASS**I**NUNGA é matriculado na Escola das Armas, hoje a EsAO, de onde saiu em outubro do mesmo ano, seguindo para o 15**º R**egimento de Cavalaria independente. Nessa Unidade, retomou o ensino da História do Brasil, nos cursos de sargentos e cabos. De 1941 a 1943, cursou a Escola de Estado**-**Maior do Exército, sendo promovido a major em 1944. Como oficial de Estado**-**Maior, compôs a Comissão incumbida de atualizar o Plano Geral de Viação Nacional e, no mesmo ano, ainda corno representante do Estado**-**Maior do Exército, substituiu o então major RODRIGO OTÁVIO JORDÃO RAMOS (RO), no Conselho Rodoviário Nacional. Demonstrando grande zelo, dedicação, competência, método e segurança na execução de suas missões, foi bastante elogiado peto Ministro Clóvis Pestana. Em 1949, ainda major, é nomeado para o Quadro Ordinário do Corpo de Graduados da Ordem do Mérito Militar, no grau de Cavaleiro. Atinge o posto de **Tenente-Coronel**, por merecimento, em dezembro de 1950 e, em junho de 1956, também por merecimento, chega a Coronel. Em agosto de 1954, é promovido na Ordem do Mérito Militar, alçado ao grau de Oficial. Passou peia chefia do Estado**-**Maior da 1ª Região Militar, e, em 1958, retomou ao Estado**-**Maior do Exército. Foi secretário da Comissão de Promoções de Oficiais e, em 1962 era **SCmt** da EsAO**. E**m setembro de 1964 é promovido ao posto de General de Brigada e transferido para a reserva do Exército. Na Reserva, o Gen PIRASS**I**NUNGA é promovido a General de Divisão, vindo a falecer em 1982.

Alfredo Pretextato Maciel da Silva - Capitão (1860-1907)

Capitão Alfredo Pretextato Macielda Silva

QUEM RECORDA O PASSADO TRABALHA PARA O FUTURO." É exatamente dessa forma que aparece a legenda na capa do livro Os **Generais do Exército Brasileiro de 1822 A 1889** *(traços biográficos)*, Biblioteca Militar, na edição de 1940, como um farol a iluminar os bons caminhos, as rotas seguras e as pegadas marcadas por quem fez a História com grandeza, dedicação e amor à

Pátria. Houve alguém que valorizasse esses feitos, garimpando grama por grama do precioso metal, fundisse e moldasse uma j**o**ia de inestimável valor, cujas letras lhe compõem como um DNA; fazem parte do seu interior e a adornam clamando por admiração por delineados e bem traçados caracteres externos. Assim, trabalhando e preocupado com o futuro, deu um recado de início, deixou uma lição. A foto do Duque de Caxias descortina a mensagem do autor com uma dedicatória:

"Ao marechal de Exército Lui**s** Alves de Lima e Silva o imortal Duque de Caxias**,** o grande cidadão "que primeiro nas armas elevou aos astros o nome e a fama da Brasili**s** terra" dedicamos o presente volume."

A obra mereceu elogio do Chefe do Estado**-**Maior do Exército, cumprindo determinação do Ministro dos Negócios da Guerra, Hermes da Fonseca, através Ordem do Dia de 23 de março de 1907, autorizando a aquisição de quinhentos exemplares para distribuição aos estabelecimentos do Ministério.

Singelo, despretensioso por excelência, na sua mensagem ao leitor, datada de 31 de outubro de 1906, recém passados 100 anos, relata: "Reunindo em o presente volume, sensivelmente aumentados e corrigidos, os traços biográficos **de"O**s **Generais do Exército Brasileiro**" que desde junho de 1905, em homenagem à memória dos que se extinguiram, temos publicado na **Revista Militar,** procuramos apenas corresponder às delicadas solicitações de alguns amigos e camaradas que conseguiram convencer-nos que assim procedendo prestaríamos um serviço à nossa classe e principalmente à futura história militar do nosso jovem e querido Brasil; o que declaramos para que não se suponha alimentamos a idéia de que semelhante trabalho aspirar possa um modesto lugar entre as produções literárias dos nossos patrícios, pois reconhecemos a nossa incompetência intelectual agravada pela falta do necessário tirocínio. Entretanto, confessamo-nos desvanecidos com o termos podido encetar dito trabalho, remontando ao ano de 1822**, ..."** Sim, como generais do Reinado de **D.P**edro I, no primeiro volume, mas cujos subsídios são garimpados com muito trabalho nos diversos arquivos, em especial no da Secretaria da Guerra, organizado desde o ano de 1808. Foram os generais que fizeram a História da guerra e da paz, combatendo, pacificando, consolidando a independência, mantendo com determinação a união e a integridade do Brasil, construindo estradas, fortificações e contribuindo com estudos de engenharia e ação política para dar vida às cidades".

Reper**r**cussão na imprensa do livro em análise**.** Do **Correio da Manhã**, Moreira Guimarães, sob o epíteto **Um Livro de História**, Extrai-se: "E tanto que me chegou às mãos esse primeiro volume, folheei-lhe as páginas, percorr**i-l**he os dizeres com o pensamento. O título é sugestivo. Indica de pronto o valor da obra. Porque a história do generais do Exército brasileiro é, por assim dizer, a própria história da pátria**...**Não sei se a história é a mestra da vida. Mas os povos que esquecem os seus maiores, perdem as suas tradições. Isolam-se no tempo. Não caminham para a frente. Estiolam-se. Desfalecem. Debilitam-se rapidamente... A obra, cujo primeiro volume acabo de ler, é um trabalho de dedicação às classes armadas do país; é um serviço meritório do cidadão que se fez soldado para morrer pela Pátria e pela República. E essa obra desperta francos aplausos." Se com os povos que esquecem os seus maiores o bom não acontece, imaginem os que os aviltam."

O País: - "Uma clara ampliação destas notas constitui o preâmbulo em que o autor do livro pede ao leitor benevolência para o seu trabalho, pedido que não será certamente satisfeito, porque, para ser benévolo, o leitor não seria obrigado

a ser justo e, para merecer este último título, tem ele por força de julgar bom o livro, sem favor, sem benevolência."

Vieira Fazenda**,e**m ' **A Notícia.-** "Do merecimento e real valor dessa importante coletânea de biografias já se pronunciaram os sabedores destas coisas antigas**.E**m boa hora, o erudito oficial nos apresentou essa imensa galeria de valentes cabos de guerra de cujas gloriosas vidas existiam notícias dispersas em livros e documentos, prestes a desaparecerem pela mão do tempo e incúria dos homens."

Jornal do Comércio: - "O autor da publicação aludida saiu-se bem em sua produção na parte propriamente biográfica cujos dados, cujos apontamentos que pacientemente colheu, são fidedignos, pois foram extraídos de documentos oficiais referentes a ilustres militares; mas seria para desejar que ao lado dos perfis biográficos traçados, que constituem um trabalho material, aliás digno de nota, melhor se revelasse o espírito do autor fazendo estudo psicológico mais desenvolvido sobre cada um dos biografados."

O autor teve o espírito elevado quando publicou o comentário desse jornal com a ressalva, mas não deixou de complementar com a própria visão de quem fez o que não haviam feito e com tal profundidade, três volumes, um dos quais com 513 páginas: "Quanto ao estudo psicológico mais desenvolvido, sobre cada um dos biografados, releve-nos a ilustrada redação ponderar que o julgamos prematuro, pois para tal seria preciso que os dados por nós colhidos já o tivessem sido por outros, cabendo-nos então o importante trabalho intelectual, superior às nossas forças, de estudá-los e desenvolvê-los; ... Esperamos que os subsídios que apresentamos servirão pra os mais hábeis em breve prazo nos mimosearem com o desejado estudo, é bem de ver, o paralelo entre as qualidades político-militares e mesmo morais, do elevado número de cento e noventa e tantos cidadãos brasileiros que durante o extinto Império, afirmamos, pertenceram, como generais efetivos, ao nosso exército."

Liberato Bittencourtem**A Tribuna***:*- "Há muito que me não é dado ler em vernáculo livro tão interessante: porque me ensinou, em algumas horas apenas, capítulos interessantíssimos e para mim quase desconhecidos da nossa história militar."(Liberato **é** patrono da cadeira 23 da AHIMTB)**.**

Nabuco do Val (A**u**tran Dourado) *do* **Diário de Notícias***:*- "Os Generais do Exército Brasileiro" é trabalho que demonstra o esforço titânico do seu autor, pois, como dissemos, é difícil, dificílimo, organizar-se a história de um povo. ... A luta foi titânica, mas a vitória foi certa, e, a prova, aí está o livro, encerrado em suas páginas a legenda homérica de nossos homens de guerra."

Eis um resumo das várias apreciações da época sobre a obra de autoria de um militar que jovem passou para a história. Nasceu em 24 de fevereiro de 1860, no Estado de Pernambuco e faleceu em 1907 no posto de capitão. Foi bacharel em Matemática, Ciências Físicas e Naturais pela então Escola Superior de Guerra e Capitão do Estad**o-M**aiordo Exército. Nossa continência, silêncio e flores, ao Capitão Alfredo Pretextato Maciel da Silva**.** Obrigatória reverência ao recordar a importância do seu legado e como justa homenagem: Ao patrono da Cadeira 02 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil AHIMTB fundada **e**m Resende em 1º de março de 1996 pelo historiador Cel Claudi**oM**oreiraBento.

O nosso patrono de cadeira era filho do Capitão da Guarda Nacional, Hemetério Maciel da Silva e da Sra**.** Lupercina de Souza> Deixou 7 filhos, Maurício, Milton, Gilberto, Editte, Noemi, Ruth e Alfredo Petrônio**.P**raça de 12 de abril de 1878; 2º Cadete, 30 de abril de 1878; Alferes, 17 de junho de 1887; 1º Tenente, 17 de março de 1890; Capitão, 14 de dezembro de 1900. Cursou a Escola Militar de Porto Alegre – Infantaria e Cavalaria; Escola Militar da Corte;

Escola de Tiro de Campo Grande; Escola Militar do Ceará e a Escola Superior de Guerra (1890).Organizações Militares em que serviu, além das escolas:- Companhia de Cavalaria de Pernambuco; 3º Batalhão de Infantaria (adido);- 2º Regimento de Cavalaria;- 1º Regimento de Cavalaria (adido); - 5º Regimento de Cavalaria Ligeira**;** 1º Regimento de Cavalaria Ligeira; 13º Batalhão de Infantaria (adido); 6º Regimento de Cavalaria; 9º Regimento de Cavalaria; Adjunto do Estad**o-M**aior do Exército**.M**issão fora do Exército: À disposição do Ministério da Viação, para praticar na Estrada de Ferro Central de Pernambuco. Há que se ressaltar que foram biografados quase duzentos oficiais generais e que a continuidade do trabalho do Cap Pretextato vem sendo realizada pela Academia de História Militar Terrestre do Brasil em suas 23 obras sobre a História do Exército no Rio Grande do Sul, biografando os generais comandantes das Grandes Unidades doComando Militar do Sul, sob o título **Os comandantes, suas experiência**s p**rofissionaise lições de comando,** de autoria do Cel Claudio Moreira Bento. Pres**i**dente e fundador da Academia de História Militar Terrestre do Brasil AHIMTB.

Acrescentar que o reconhecimento da contribuição do Cap Pretextato para a História se faz presente também através o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil que mantém o seu nome como patrono de uma cadeira (Fonte**:** discurso de posse do Cel Ernesto Caruso na cadeira Cap**i**tão Alfredo Prete**x**tato Maciel.

Alfredo Souto Malan -General (1908-1982)

General de Exército Alfredo Souto Malan

General Alfredo Souto Malan **f**oi um chefe muito preocupado com as lições de nossa História Militar. Como comandante do IV Exército deu início as providências que resultaram, em 19 de abril de 1971, a inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, cujo Projeto, Construção e Inauguração, coordenamos como missão militar. Como chefe de Estado-Maior do Exército deu todo o apoio e incentivo para a concretização da obra **História do Exército Brasileiro – Perfil Militar de um povo,** contribuição do Exército às comemorações do Sesquicentenário de nossa Independência, cabendo-lhe fazer o Prefácio que conclui com estas palavras. “Quanto ao Exército Brasileiro que receba esta obra como manual, que lhe faltava, para rever-se o passado e motivar-se para as lides do presente e do futuro.”

O General Malan publicou pela BIBLIEx as seguintes obras, todas centradas na obra de seu pai o General Malan D’Angrone: - **Uma escolha, um**

destino e **Missão Militar Francesa de instrução junto ao Exército Brasileiro**. Missão contratada por seu pai então capitão, como Adido Militar do Exército Brasileiro na França. Alfredo Souto Malan nasceu em Porto Alegre no dia 8 de junh**o d**e 1908, filho de Alfredo Malan D'Angrogne e de Clementina Souto Malan D'Angrogne. Seu pai era natural de Gênova, Itália, e, já naturalizado brasileiro, foi um dos signatários do manifesto que intimou o presidente Washington Luí**z a** renunciar logo após a eclosão do movimento revolucionário de outubro de 1930.

A seguir transcrevemos a oração de posse na cadeira nº 37 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil AHIMTB de seu filho Veterano Cel Eng e de Estado-Maior Carlos José Sampaio Malan que acaba de lançar o livro **Etapas da minha caminhada**-Vidado G**eneral Alfredo souto Malan**.Porto Alegre: Renascença, 2021**.** Com dedicatória **"...**etapas da vida de meu pai das quais algumas o Sr**.**fez parte**."**

Elogio do Patrono da Cadeira Nº 37 Gen Ex Alfredo Souto Malan.

"Os seres humanos passam pela vida como um arado a sulcar a terra. Uns deixam marcas profundas outros mal arranham o solo. Nós passamos, mas nas etapas de nossa caminhada, deixamos nossas marcas por palavras, gestos, atitudes ou omissões. Os grandes homens que balizam a História se inscreveram por escassas razões. Ou deixaram obra duradoura particularmente nas ciências ou nas artes, ou nasceram em berço de ouro, ou morreram em feito espetacular, ou tiveram bons advogados que souberam, muitas vezes como agradecimento, destacá-los da massa." Frases colhidas do rascunho Etapas da minha caminhada do Gen Alfredo Souto Malan**".** Se já não fosse bastante a honraria de ter meu pai, como patrono da cadeira nº 37 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, quis o destino e a bondade de sua Diretoria aqui representada pelo seu Acadêmico e presidente Cel Eng Cláudio Moreira Bento, que me fosse concedido pertencer a este seleto grupo de historiadores militares, tomando posse na cadeira que tem como patrono, meu maior exemplo de cidadão e soldado. Alfredo Souto Malan é um dos cinco filhos do Gen Alfredo Malan D'Angrogne e Clementina Pereira Souto. Malan D'Angrogne, nasceu em Gênova, no dia 25 de junho de 1873, foi adido militar na França no período de 1914 -1918, onde na fase final de sua missão representou o nosso Governo no Contrato da Missão Militar Francesa e, como consultor Técnico, tomou parte no Congresso de Paz. Foi Subchefe e depois chefe do Estado-Maior do Exército, na primeira oportunidade serviu sob as ordens do seu camarada e amigo TASSO FRAGOSO, considerado por muitos o Pai da História do Exército. Historiador, geógrafo, correspondente do "Correio do Povo" com suas "Quinzenas de Guerra", o Gen Malan D'Angrogne inspirou através de suas atitudes, palavras e principalmente pelo exemplo, o nosso patrono Gen Alfredo Souto Malan. Alfredo Souto Malan, nasceu no dia 8 de junho de 1908, na cidade de Porto Alegre - RS. Segundo seus próprios relatos, teve uma formação primária tumultuada, iniciando seus estudos na Escola Pública Marechal Hermes em Porto Alegre (1915-1916) e no Lycée Janson-de-Sailly em Paris, no período em que seu pai era adido na França (1916-1920). Sua formação secundária (1920-1924) foi realizada no Colégio Santo Inácio; Colégio Militar e Curso Anexo da Escola Militar, todos na cidade do Rio de Janeiro. Inicia sua

formação profissional sentando praça na Escola Militar do Realengo, no dia 7 de abril de 1924. Conclui o Curso da Escola em 1928, sendo declarado Aspirante-a-oficial da Arma de Engenharia, em 19 de janeiro de 1929. Como oficial subalterno em 1929, serve como Aspirante no 3º BE (Cachoeira do Sul-RS), como 2º Ten no 1º BFv (Jaguarão-RS), onde participa há um ano, destacado no trecho, acampado em barraca de campanha. Transferido para a cidade do Rio de janeiro, já 1º Ten, passa pela 1ª Cia Fv (Deodoro) e no 1º BF Vila Militar). Durante a Revolução Constitucionalista de São Paulo, em 1932, passa à disposição da Diretoria da Estrada de Ferro Central do Brasil, no Rio de Janeiro. Após este período especializa-se em Comunicações, no então Centro de instrução de Transmissões em 1933, permanecendo como instrutor ao seu término. Como capitão, em 1935 realiza o Curso de Aperfeiçoamento na então Escola das Armas, cujo juízo sintético obtido pelo Capitão Malan ao término do Curso merece ser citado: "Inteligente, trabalhador e metódico. Possui cultura profissional equilibrada e redige com muita clareza e propriedade. Suas decisões são prontas. Foi dos alunos mais destacados da turma". Na turma composta de 29 alunos ocupou o número 2. Volta a Escola de Transmissões como instrutor, ficando de 193**6 a1**938. Começa a aparecer uma característica desse jovem oficial, ao término dos cursos que concluía, normalmente era convidado a permanecer como instrutor. Ainda como Capitão, prepara-se para o Concurso da Escola de Estado-Maior. Na apreciação sumária que consta do seu requerimento àquela Escola assim se expressou o Cmt do Curso Especial de Transmissões, sobre o Cap Alfredo Souto Malan. "O oficial em apreço é, em seu posto e em sua arma, um verdadeiro expoente. É muito trabalhador e disciplinado, competente e honesto. Pelos seus caracteres deve ser, futuramente, um brilhante Oficial de Estado-Maior." Logra aprovação no seu intento de cursar a Escola de Estado**-**Maior no ano de 1938 e durante seu Curso não decepciona seu antigo Comandante, pois conclui o Curso em 1940 com menção MB, obtendo o 2º lugar. Seu conceito ao término do curso fala por si mesmo! "E oficial de grandes possibilidades: boa base anterior, bom método e grande capacidade de trabalho. Aprende com facilidade todas as questões. Raciocina bem, tem flexibilidade de espírito; decide com segurança; exprime-se e redige com clareza. É desembaraçado no terreno. Os seus trabalhos tiveram sempre impecável apresentação. Oficial, embora jovem, tem personalidade definida. Dotado de ótimo preparo profissional criterioso poderá ser brilhante Oficial de Estado-Maior. Convém que seja aproveitado como auxiliar de ensino desta Escola". É bom lembrarmos que Alfredo Malan ainda era Capitão, quando concluiu a Escola de Estado-Maior, sendo naquela época o único Capitão de Engenharia que tinha o Curso de Estado-Maior. Terminado seu Curso de Escola de Estado-Maior é convidado para comandar a Companhia de Engenharia da Escola Militar. Assume em 1941 a Chefia do Curso, recebendo do então, Major Machado Lopes. Após um ano, ainda Capitão é transferido para a Secretaria do Conselho de Segurança Nacional e a seguir por necessidade de realizar seu estágio de Estado-Maior, é transferido para sua cidade natal, Porto Alegr**e-R**S, onde, no período de 1942 (**3ª R**egião Militar). Foi membro da Comissão de Defesa Passiva no Rio Grande do Sul. Nesta função é promovido a Major e seu período

de estágio de Oficial de Estado-Maior. Agora Maj Malan é designado adjunto do adido militar, em Washingto**n-D**C, nos Estados Unidos da América. Durante o período da Guerra (1943-1945) participa da Conferência da ONU em São Francisco, onde como assessor do Gen Leitão de Carvalho adquire, conforme seu próprio relato, uma experiência muito grande. Após essa sua primeira experiência profissional como militar no exterior, volta para o Brasil para ser instrutor da Escola de Estado-Maior e chama a atenção do Maj Mala**n a** presença do Coordenador Geral, o então Subdiretor de Estudos - Coronel Humberto de Alencar Castello Branco. Após um período de quatro anos (1945- 1948), como Instrutor de Tática Geral é o já agora Ten Cel Malan, designado a Cursar a Escola Superior de Guerra, em Paris, na França. Retorna o Ten Cel Malan, a França país que morara dos 8 aos 12 anos. Com certo orgulho, sem nunca negar suas origens gaúchas, lembro-me de meu pai dizer. "Que era um gaúcho, educado na França". Após a conclusão de seu Curso é convidado a permanecer no Corpo Permanente da Escola. É o único estrangeiro a permanecer ao término do 1ºCiclo, uma vez que o 2º Ciclo não era aberto para estrangeiros. Retorna ao Brasil em meados de 1949 e após fazer uma exposição sobre o Curso da Escola Superior da França, ao Gen Osvaldo Cordeiro de Farias, é convidado pelo então Comandante, para servir no Corpo Permanente da recém-criada, em 1949, Escola Superior de Guerra do Brasil. Em 1950, houve a primeira turma que se forma na Escola. Os oficiais do Corpo Permanente, foram considerados da turma de 1950, entre eles Ernesto Geisel, Antônio Carlos Muricy, Golbery do Couto e Silva, Rodrigo Otávio Jordão Ramos, Alfredo Souto Malan entre outros. Já nessa época, era Comandante o Marechal Juarez Távora. Do Corpo Permanente da ESG sai para Comandar o Batalhão 293 Escola de Engenharia, na Vila Militar, no Rio de Janeiro. Depois do Comando é convidado para fazer parte do Gabinete do Ministro Espírito Santo Cardoso. Não se demora muito tempo no Gabinete, sendo promovido a Coronel em setembro de 1952 e a convite do General Jair Dantas Ribeiro, exerce de (1952-1953) as funções de Subcomandante da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Da Academia, em 1954, é transferido para o Estado-Maior das Forças Armadas, onde chefia a 3a seção do Estado-Maior do Marechal Mascarenhas de Moraes. Durante quase seis anos serve no Estado-Maior das Forças Armadas, tendo durante este período contato com a Escola Superior de Guerra, particularmente com o Curso de Estado-Maior e Comando das Forças Armadas. Após este longo período no EMFA é convidado pelo General Inimá Siqueira, para chefiar o Estado-Maior da 7ª Região Militar, em Recife-PE. Permanece praticamente seis meses na Chefia do Estado-Maior, pois havia sido transferido em meados de 1960 e em 25 de novembro do mesm**oa**no, é promovido a General de Brigada. Permanece no Nordeste, agora a convite do Gen Emílio Rodrigues Ribas**,e**ntão ComandantedoIV Exército, passa **ae**xercer as funções de Chefe do Estado-Maior do IV Exército. Com a designação do Gen Ribas para Chefe do Estado-Maior do Exército, o Gen Malan o acompanha como chefe de seu Gabinete, retornando ao Rio de Janeiro. Durante o curto período que passa pela chefia de Gabinete em 1961, organiza e sistematiza a Cerimônia de entrega de espada de General, que se realiza até hoje, com um aspecto digno

de ser assistido. Do Estado-Maior do Exército segue novamente para o EMFA, dessa vez para ser Subchefe do Exército. Lá passa 62, 63, até 64. Na revolução de 64, era Subchefe do EMFA, representante pessoal do Chefe do Estado-Maior do Exército, que era no momento o Gen Castello Branco, com o qual manteve um contato muito estreito. Logo depois da revolução é convidado pelo Gen Syseno Sarmento, chefe do Gabinete do Ministro, que em nome do Ministro, o estava indicando para o Comando da Academia Militar 294 das Agulhas Negras. Assume o Comando da AMAN em 8 de maio de 1964, e em julho é promovido a General de Divisão. Embora o Ministro Costa e Silva pleiteasse a sua permanência até o final do ano de 64 no Comando da AMAN, o Gen Castello Branco agora Presidente da República, decide pela necessidade do Gen Malan no Comando da 4ª Região Militar e 4ª DE, em Minas Gerais. De 64 a 67, durante dois anos e oito meses, segundo depoimento do próprio Gen Malan, foi este um dos períodos mais interessantes de sua vida profissional. É nessa época que surgem as Ações Cívic**oS**ociais(ACISO). Certa feita, ao comentar com meu pai, sobre a quem caberia a idéia das Operações ACISO uma vez que havia dúvida sobre o seu idealizador. Modestamente, como era de seu costume, disse**-**me: "Não importa quem a idealizou, o importante é que ela seja realizada." Durante seu Comando realiza seis operações (Exercício no Terreno) sendo que o último teve aspecto real na região de Caparaó. Quando da visita do Gen De Gaulle ao Brasil, em 1964, é colocado **à** disposição do Presidente da França durante todo período em que aqui permaneceu. Do Comando da 4ª Região Militar vai para a Diretoria de Engenharia e Comunicações. Durante um ano procura sistematizar a carreira do Oficial de Engenharia, procurando ouvir as preocupações e as aspirações dos oficiais da Arma, que foram concluídas num trabalho sobre a Carreira do Oficial de Engenharia. Em 25 de março de 1968 é promovido a General de Exército e como tal, classificado no Comando do IV Exército em Recife-PE. De maio de 68 a setembro de 69 Comanda o IV Exército, num período em que com a doença e posteriormente morte do Presidente Costa e Silva, participa de uma sequência de encontros do Alto Comando do Exército, que marcaram aquela época. Emprestou grande estímulo à concretização do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, onde contou com a participação ativa do pesquisador e historiador, Cel Cláudio Moreira Bento. Do Comando do IV Exército, vai para o Departamento de 295 Provisão Geral - hoje Departamento Geral de Serviços, de Out 69 até Dez 70. Do Departamento de Provisão Geral, é convocado pelo Ministro Orlando Geisel para a Chefia do Estado-Maior do Exército, em Dez de 70 e nela permanece até Mai 72. Desempenha em princípio no Rio, e depois por decisão do Gen Orlando Geisel, transfere numa operação pormenorizadamente elaborada, o EME para Brasília, em maio de 71. Deu continuidade à obra realizada por seu antecessor na Chefia do EME. General Muricy, no sentido de concretizar a obra: A História do Exército Brasileiro - Perfil Militar de um Povo, editado pelo EME em 1972, em Comemoração ao Sesquicentenário da Independência, hoje esgotada e seguramente o ponto culminante da literatura histórica do Exército Brasileiro. Seus discursos e conferências**,** no período em que esteve na Chefia do EME, foram reunidos numa publicação editada pelo EME, que o Gen Malan era

dedicada aos camaradas que deixava na Caserna, na esperança de que neles pudessem encontrar algo daquilo que tanto se valera ao buscar ensinamento e conforto no legado de acertos - e também erros - dos antigos chefes que presidiram sua formação de soldado. Assim em 10 de maio de 1972, encerra o Gen Malan seus quarenta e oito anos de atividade militar, exercendo a função, que seu pai exercera, cinquenta anos atrás, como Chefe do Estado-Maior do Exército do Ministro Pandiá Calógeras. Durante a sua carreira militar o Gen Malan foi agraciado com as seguintes medalhas e condecorações: - Medalha Militar - Passador de Platina (mais de 40 anos de serviço); - Medalha de Guerra; - Medalha do Pacificador; - Medalha Marechal Hermes - Aplicação e estudo (Passadeira de ouro com uma coroa); - Medalha Marechal Trompowsk**y**; - Medalha Especial da Junta Interamericana de Defesa; 296 - Medalha Militar do Mérito da Venezuela; - Ordem do Mérito Judiciário; - Ordem do Mérito Militar de Ia Classe de Portugal; - Ordem Nacional da Legião de Honra da França - Comendador; - Ordem Nacional do Mérito da França - Comendador; - Ordem da Inconfidência - Grande Oficial; - Ordem do Mérito Aeronáutico - Grande Oficial; - Ordem do Mérito Naval - Grande Oficial; - Ordem do Mérito Militar do Paraguai - Grande Oficial; - Ordem do Mérito Militar(BR) - Grã Cruz**;** - Ordem do Mérito de Rio Branco - Grã-Cruz; - Ordem Militar de Aviz (Portugal) - Grã-Cruz**;**- Medalha Marechal Thaumaturgo de Azevedo; - Medalha do Mérito da Cidade de Recife; - Medalha Santos Dumont; - Medalha Cultural Afonso d'Escragnolle Taunay; - Ordem Estácio de Sá - Grande Oficial. Quando da passagem para a reserva do Gen Malan, assim se expressou o Gen Orlando Geisel, Ministro do Exército: "Na folha de alterações do Gen Malan encontram-se quase cinquenta anos de serviços a bem do Exército e do Brasil. Estudem-no e tomem-no como exemplo." O soldado retira-se de cena e entra o cidadão e o chefe de família exemplar, casado com Heloísa Sodré de Sampaio em 18 de janeiro de 1931, com quem teve cinco filhos: Helena, Alfredo, Alda Maria, César e Carlos José. Surge também o historiador e biógrafo na busca da verdade histórica. Alfredo Souto Malan escreveu artigos: Na "**Defesa Nacional**": - **Reparafinadeira** - 1932; **Arma de Transmissões** - 1943; **Transmissões: Arma ou Serviço** – 1943 Em "Letras em Marcha". - **ACISO; - Chefia do EME**. **Na "Revista do Clube Militar**" 297 - A Rota de Cachimbo. **Na revista "Cultura Militar**": - **Posição e papel do EME** - 1972. **No "Jornal do Brasil**": - **Memórias do Gen Weigaud** Proferiu Conferências: - Na **Biblioteca Pública de Porto Alegre**: **"A Defesa Passiva**"- 1943; - **No Grupamento de Unidades Escola (GUEs**) - Vila Militar**: "Guerrilhas**"- 1950: - **No Gabinete Português de Leitu**ra - Rio: **"Comunidade LusoBrasileira**" - 1962 (Reproduzida na "**Revista Militar" portuguesa**); - **Em Belo Horizonte**: **Aula inaugural do Ciclo de Estudos da ADESG** -1965; - **Na ESG de Paris**: "**O Brasil e seu Exército**"- 1971 (Reproduzido no "**Bulletin Trimestriel de L'Association des Amis de École Supérieure de Guerre**" - Paris; - **Na ESG/Rio**:-"**Os trabalhos preparatórios para o planejamento da Segurança Nacional";** - **"Desembarque no Sul da França"** ; "**Estratégia: princípios**"; "**Geopolítica e Segurança Nacional**" ; "**Tendências da forma da Guerra"**. - **Na cidade de Marechal Deodoro/AL**: "**Deodoro, o Soldado**"- 1977. Publicou Livros:

- "**Coletânea de impressões**" (Composição e anotações Imprensa do Exército - 1968); - "**Discursos e Conferências"** – EME, 1972; E repetimos - "**Uma escolha, um destino**" (Vida do Gen Malan D'Angrogne -BIBLIEx/1977);e - "**Missão Militar Francesa de instrução ao Exército Brasileiro**" -BIBLIEx/1988). Após a transferência para a reserva, Alfredo Souto Malan desempenhou as seguintes funções: - Diretor Vice - Presidente da Empresa "Café Solúvel Brasília S/A" (1972-1974, exonerado a pedido); - Diretor Vice-Presidente da Empresa "Bhering Companhia S/A" (1974, exonerado a pedido); 298 - Membro do Conselho Consultivo da Empresa "Editora de Guias LTB S/A" - 1973/74, exonerado a pedido); - Membro da Comissão de Publicações da BIBLIEx - 1975/77, exonerado a pedido); - 1º Vice-**p**residente da Associação de Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG), eleito para o biênio 1976/77; - Membro do Conselho Administrativo da "Association des Amis de **L'É**cole Supérieure de Guerra" - Paris, e eleito por 3 anos em 1977; - Membro Honorário da Academia Brasileira de História - 1977; - Vice-Presidente da "Association des Amis de **L'É**cole Supérieure de Guerre" - Paris, eleito em 27 Out 1977; - Diretor da Ass. dos Membros da Legião de Honra da França; - Sóci**o f**undador do Centro Brasileiro de Estratégia (CEBRES); - Sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB) - admitido por unanimidade em 3 Nov 81. Alfredo Souto Malan deveria tomar posse em sua cadeira de historiador militar no (IGHMB) no dia 9 Nov 82, tendo por patrono o Duque de Caxias e ao lado do qual figura como patrono seu ilustre pai e geógrafo militar Alfredo Malan D'Angrogne. Mas quis o destino, que em 5 Nov 82, quatro dias antes de sua posse, viesse a falecer na cidade do Rio de Janeiro, em consequência de uma embolia pulmonar, após uma operação de ponte de safena, Gostaria de terminar esta apresentação de meu Patrono, como iniciei, usando suas próprias palavras; deixando com os senhores uma frase, que meu pai sonhava que, um dia será inscrito, em letras de bronze, no Portão Monumental, na entrada da Academia Militar das Agulhas Negras, que segundo ele sintetiza a carreira militar: "Se vens em busca de honrarias, não entres, encontrarás decepções. Se vens em busca de um ideal, então entra, encontrarás honrarias."

Nota do Cel Bento: Escrevemos um Necrológio do Gen Malan, com o título: **General Malan e a História do Exército,** na **Revista do Clube Militar**, nº 256, p.8. 299; O General Malan e o General Paula Cidade deram um grande i**m**pulso a integração de trabalhos sobre a História do Exército. O General Paula Cidade como o seu ex**c**elente livro **Síntese de três séculos de Literatura Militar** em 1959 e o Gener**a**l Malan pela criação da Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971-1974 que de**u** um grande impulso a História do Exército**,o**nde se destaca a publicação em tr**ê**s volumes da obra **História do Exército Brasileiro**-**Perfil Militar de um Povo,** na qual o General Malan me escolheu para redigir, além de minhas funç**õ**es de adjunto do Presidente Cel Ruas Santos, o capitulo **Guerras Holandesas**. Lamentavelmente ao General Malan deixar o Estado-Maior a Comissão de História do Exército foi extinta e transferido todo o seu precioso acervo por nos classificado a luz do **Sistema de**

Classificação de Assuntos de História das Forças Terrestres Brasileiras (SCAHFTB) para o recém criado Centro de Documentação do Exército. E lá reclassificado por bibliotecárias. Foi uma grande perda do precioso acervo de História do Exército acumulado pelo Estad**o–M**aior do Exército desde a sua fundação**.** Abordamos o Gen Malan em nosso livro **Brasil Pensadores militares terrestres 1631-1990.** Obra disponível para baixar **em Livros e Plaquetas,** no site**www.ahimtb.org.br**e no Google.

Aguinaldo José Senna Campos -General (1900-?)

General Aguinaldo Jose Senna Campos
Veterano da FEB

General Aguinaldo José Senna Campos. Saudação ao ingressar como sócio no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil pelo Tenente-BrigadeirodoAr, Nelson Freire **Lavanère** Wanderley, atual Patrono do Correio Aéreo Nacional e patrono da Delegacia da FAHIMTB em Santos Dumon**t-M**G. Nascido em 20 de fevereiro de 1900 em Cordeiro-RJ, Município de Cantagalo. O General Aguinaldo José Senna Campos é filho do Dr**.** Bernardino de Almeida Senna Campos e de D**.** Rita Milagres Senna Campos. Declarado Aspirante a Oficial em 7 de janeiro de 1922, em 10 de novembro de 1933 atingiu o posto de Capitão; e nesse ano fez o curso da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais; em 1940 terminou o da Escola de Estado-Maior do Exército. E tive o prazer e a honra de ser seu colega de turma nesses três anos. A nossa turma, aliás, foi a primeira a terminar o curso nas novas instalações da Praia Vermelha. Desde 1931, Senna Campos vem se destacando em sua atuação como Oficial da Arma de Artilharia; já nesse ano, o Coronel Demócrito Barbosa, ao deixar a Interventoria do Estado do Rio de Janeiro, referiu-se a ele como sendo possuidor “das mais nobres qualidades militares e civis". 318 Ao ser desligado da Escola de Artilharia, o seu comandante ao referir-se a Senna Campos disse: "no exercício de suas funções esse operoso oficial soube confirmar o belo nome que vem constituindo no conceito dos seus chefes e camaradas, possuidor que é de uma brilhante inteligência e notória capacidade profissional, aliadas a um caráter em que se conjugam as mais belas virtudes morais, tornando-se um dos ornamentos cheios de esperança da Arma a que pertence". Em 1941 foi estagiar no Estado-Maior da 7ª Região Militar em Recife, onde foi promovido, por merecimento, ao posto de Major “já então

começou a se distinguir pelos conhecimentos de Logística em que mais tarde seria um dos maiores especialistas do Exército Brasileiro". Quando o então General**IdeD**ivisão João Baptista Mascarenhas de Moraes foi investido no Comando da Força Expedicionária Brasileira, o Major Senna Campos foi, desde logo, passado à sua disposição, como Chefe da 4ª Seção do Estado-Maior da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária; e em dezembro de 1943 seguiu na comitiva daquele General para a África do Norte e a Itália, tendo visitado o Teatro de Operações do Mediterrâneo, onde se inteirou dos principais problemas que os expedicionários brasileiros teriam de enfrentar. Em julho de 1944, o Major Senna Campos embarcou para a Itália no Escalão Avançado da Força Expedicionária Brasileira. Em outubro de 1944, o General Mascarenhas de Moraes publicou no Boletim da FEB a seguinte referência elogiosa: "Cumprindo com um dever de justiça, apresento ao Major Aguinaldo José Senna Campos, Chefe da 4ª Seção do Estado-Maior, os seguintes louvores: Esplêndido Oficial de Estado-Maior, é possuidor de notáveis qualidades de previsão e execução que o consagram como excelente chefe da seção de Estado-Maior. Modesto e eficiente, inteligente, metódico e disciplinado, o Major Senna Campos vem sendo um dedicado e prestimoso colaborador do meu comando, desde o embarque da tropa brasileira no Rio de Janeiro e durante sua estada na Itália". 319 Durante o inverno de 1944/1945 a Força Expedicionária Brasileira encontrou grandes dificuldades, tendo que lutar num terreno extremamente montanhoso, enfrentando um frio rigoroso e um inimigo implacável; foi nesse período que Senna Campos recebeu do General Mascarenhas de Moraes o seguinte elogio que consta dos seus assentamentos militares: "Habituei-me a ver no Tenente-Coronel Senna Campos um excelente oficial de Estado**-**Maior, possuidor de destacadas qualidades que o recomendam ao desempenho de qualquer função e que inspiram, sempre a confiança no seu serviço, nas suas atitudes e no acatamento que dispensa aos chefes e subordinados. Não é surpresa a sua ação, agora, nas operações que se desenrolam na Região do Reno, onde dá cabal desempenho ao que é exigido da seção que chefia, a 4ª, e onde graças à sua operosidade, vigilância e espírito de iniciativa, a tropa é atendida a tempo e a hora e as dificuldades são contornadas com rara habilidade. Louvando tão prestimoso colaborador, registro, ainda, a serenidade absoluta que soube manter nas situações difíceis da guerra e saliento a colaboração eficaz que presta para que a Força Expedicionária Brasileira seja tida no mais alto conceito entre os seus companheiros de luta." Dois meses mais tarde, o mesmo General Mascarenhas assim se referia: "Ao Tenente-Coronel Aguinaldo José Senna Campos, Chefe da 4ª Seção do Estado-Maior, louvo pela grande dedicação e eficiência com que acionou todos os órgãos dos Serviços ligados à operação sobre Monte Castelo. Em particular os transportes, o remuniciamento e as evacuações estiveram impecáveis e foram certamente elementos preponderantes no êxito que a Divisão alcançou." Pouco antes de terminar a guerra na Itália, o Comandante da Força Expedicionária Brasileira disse: "Os grandes lances da Divisão Brasileira para os cortes dos rios Panaro, Serchio Enza, Parma e Taro foram operações magistralmente apoiadas no bom funcionamento dos serviços e no esforço excepcional dos transportes acionados

pela 4ª 320 Seção. O Tenente-Coronel Senna Campos fez jus aos elogios que aqui ficaram registrados e que representam um preito de justiça. "Por ocasião da rendição da 148º Divisão Alemã e restos da Divisão Bersaglieri (Itália) e da 90º Divisão Panzer Grenadier, os seus serviços foram inestimáveis na organização e execução da apreensão do material capturado aos alemães, trabalhando ininterruptamente nas jornadas de 28 e 29 de abril, de modo a tornar mais grandiosa aquela vitória das nossas armas". Terminada a guerra na Europa, o Tenente-Coronel Senna Campos recebeu o diploma de Membro Honorário do IV Corpo de Exército do Exército Norte-Americano e foi agraciado com a Medalha de Campanha, a Medalha de Guerra, a Ordem do Mérito Militar e a Medalha da Legião do Mérito Norte-Americano. Em novembro de 1951 foi promovido ao posto de Coronel, por merecimento e nos três anos seguintes serviu, com destaque, no Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra. No ano de 1952, Senna Campos publicou o seu livro "**Logística na Paz e na Guerra**". Em 1956 foi transferido para a Reserva no posto de General de Divisão. Depois da Revolução de 1964, o General Senna Campos ocupou o cargo de Presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. No ano de 1985, publicou o livro **Logística para a Invasão,** em 1970**,e** o interessante livro "**Com a FEB na Itália"** e em 1972 e a obra "**A microrregião homogênea de Cordeiro**". Por essa rápida resenha da carreira do ilustre confrade que hoje toma posse no nosso Instituto, podemos assegurar que o nosso grupo de estudiosos de História se enriquece com a admissão de um experimentado guerreiro, extremamente dedicado às coisas do Exército Nacional e do Brasil. As obras que publicou o credenciam, fartamente, como historiador; as glórias que conquistou no Teatro da II Guerra Mundial, fazem com que nos orgulhemos com a sua entrada para o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. General Senna Campos, seja bem-vindo!

Existem muitas versões e controvérsias a respeito da criação do distintivo da Força Expedicionária Brasileira (FEB), a tradicional "cobra fumando". Como a controvérsia é inerente à História e esta é uma ciência que se baseia em fontes, deixo registrado aqui o relato do próprio comandante da FEB, o Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes, extraído de seu livro de memórias. (MORAES, João Baptista Mascarenhas. **Memórias.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército / Livraria José Olympio Editora, 1969, v.1, p.189).

*"*Quando de sua visita à linha de frente, o General Dutra, observando que as divisões americanas usavam um distintivo de braço que as diferençava, sugeriu que a tropa brasileira também adotasse aquele sistema. Surgiu, assim, a ideia de se representar em desenho a frase **'A cobra está fumando'**, motivo originário da tropa, já conhecido na gíria militar. Incumbi, então, o Tenente-coronel Aguinaldo José Senna Campos, chefe da 4ª Seção do Estado-Maior da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, de traduzi-la em desenho sob a forma de distintivo**.A**provado por mim o projeto, foi ele apresentado ao General Mark Clark, comandante do V Exército, também interessado em que a tropa brasileira tivesse seu distintivo, tendo-o julgado bem escolhido, por já ser de seu conhecimento a

expressão popular brasileira, que dessa forma se incorporava indelevelmente à vida da FEB. Posteriormente, o ministro da Guerra confirmou esse meu ato."

Amerino Raposo Filho -Coronel (1922-2021)

Cel Art e de Estado-Maior Amerino Raposo Filho
Veterano da FEB

Na data de hoje, aqui em Resende cidade dos Cadetes, tem lugar solene um importante evento na Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

É recepcionado e empossado no Colegiado Acadêmico desta instituição um novo membro: CEL. AMERINO RAPOSO FILHO. E**s**colhido não só pela projeção que logr**ou** alcançar como militar de ação e de pensamento em seu passado, mais talvez, prin**cipal**mente pela potencialidade da colaboração de elevada categoria que está em condições de prestar à Academia de História Militar Terrestre do Brasil e por encontrar**-s**e na plenitude de suas forças, como pensador e empreendedo**r.E**nriquece-se o patrimônio desta instituição com a inclusão do CELAMERI**NO** RAPOSO em seus quadros. Isso devido a três circunstâncias que se associam. De um lado, seu brilhante e intenso passado vivido no serviço ativo do exército, da cadete a coronel, como oficial de artilharia e de estad**o-m**aior, onde permaneceu cerca de 35 anos após ter nele ingressado no ano 1940. De outro lado, depois de transferir-se para a reserva, em fevereiro de 1976, ao tomar a iniciativa exclusivamente pessoal de contribuir em prol da cultura brasileira nos setores da história, estratégia, alta política e planejamento governamental, tanto no meio militar, como no meio civil. A partir desta notável experiência que logrou, traz o Cel. Raposo para o colegiado da Academia de História Militar do Brasil, o vigor de seu pensamento, orientado para os altos estudos da problemática brasileira e a vontade inquebrantável de ser útil à nação.

Na carreira das armas, não foi um militar de espada virgem, pelo contrário. Por duas vezes teve a oportunidade de exercitar sua aptidão e sua capacidade de soldado para o combate em guerra externa, a única que o Brasil participou no séc. XX (1944 - 1945). E A SEGUNDA NUM GRAVE EPISÓDIO DA CRISE POLÍTICAS INTERNA (1964), QUE AMEAÇOU A INTEGRIDADE NACIONA**L.**Como tenente, em 1944 e 1945, integrou a Força Expedicionária Brasileira, no teatro de operações europeu (Itália) fazendo parte do III Grupo 105/FEB (Grupo Souza Carvalho), hoje o *2º* regimento de obuses auto rebocado, Quitaúna, São Paulo. Naquela oportunidade, o Ten Raposo participou ativamente das missões de tiro em apoio a Infantaria Brasileira, na fase da conquista do

Bastião inimigo de Montese, e no aproveitamento do êxito com vários combates que culminaram com a rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã às tropas da FEB, totalizando 16000 homens, 4000 animais e 2500 viaturas. Cabe registrar que o novo Acadêmico, Cel Raposo, é dos poucos militares brasileiros vivos com a experiência em combate em guerra externa, portando medalha de cruz de combate e medalha da campanha.

Como oficial superior no posto de TC, no exercício do comando do 4º Grupo de Artilharia 75, a cavalo, da segunda divisão de cavalaria, com sede em Uruguaiana- RS, comprovou suas excepcionais qualidades de comandante de corpo de tropa em situações difíceis, ao conduzir com serenidade e firmeza a unidade, em episódio de grave crise política interna,cooperando com a atitude do exército em manter-se coeso para assegurar a integridade do País, julgando a ameaça de forças destrutivas, vinculadas a potência estrangeira (março de 1964)**.**Nas atividades em tempo de paz, a carreira das armas de AMERINO RAPOSO teve por fio condutor sua personalidade de profissional de ESCOL, pois se empenhou constantemente, nas atividades relacionadas com a preparação do exército para a guerra e nas vinculadas à segurança do país, em nível governamental.Impõe-se nesse momento seguir a exemplar trajetória militar do Cel. Raposo de Tenao posto de Cel.

Como instrutor, em escola de formação de oficiais, destacou-se pela sua contribuição ao curso de artilharia na Academia Militar das Agulhas Negras (1947 a 1949).

Após concluir o curso da Escola de Comando e Estado Maior do Exército, abriu-se para Raposo, largo horizonte onde teve oportunidade de marcar, de forma permanente, sua presença no exército e em atividades relacionadas com a segurança do país, como oficial de estado-maior de qualidades profissionais e de virtudes excepcionais.

Instrutor renomado de história militar na ECEME (1950 - 1960), por cerca de 4 anos, quando teve o ensejo de aprofundar suas pesquisas pessoais sobre a arte da guerra e afirmar seu gosto pelo estudo da aplicação da estratégia nasoperações militares, tornando-se um dos mais abalizados instrutores e historiadores sobre a evolução do pensamento estratégico, culminando com a elaboração da obra **"Dimensões da Estratégia**" em 4 volumes, dois já publicados em 1989. Essa obra, editada pela Bibliex, consagra o Cel Raposo como Expoente de Cultura Militar Brasileira e projeta-o nocenárionacional.

Como integrante do alto órgão incumbido da preparação e do emprego da Força Terrestre (EME), deixou ali marcas indeléveis de sua relevante contribuição, nos trabalhos empreendidos. Este período representou a fase que foram lançadas as bases da reorganização e do reaparelhamento do Exército Brasileiro (1968 - 1972).

Exerceu funções relacionadas com as atividades governamentais e com a segurança do país em época difícil, no contexto da Guerra Fria: Nasecretaria geral do Conselho de Segurança Nacional, no Departamento Federal de Segurança Pública e no Serviço Nacional de Informações (1964 - 1967).

Distinguido por seus méritos profissionais, Raposo foi designado para servir no exterior, no Colégio Interamericano de defesa, Washington, EUA (1968 -

1970).

Durante o ciclo de sua carreira no serviço ativo do exército, Raposo consagra-se como escritor militar. Foi incansável em produzir e publicar numerosos trabalhos, relacionados com a profissão militar, a maioria de sua autoria e outros via de tradução de artigos estrangeiros. Entre os de sua autoria cumpre citar: "**O Sentido Histórico de Guararapes", "Caxias e a Doutrina Militar Brasileira", A Manobra na Guerra", ' Guerra Moderna, Técnica e Surpresa", "Guerrilha e Guerrilheiros".**

Após transferir-se para a reserva do exército, que soube honrar e dignificar, AMERINO RAPOSO FILHO, inicia novo e fecundo ciclo de atividades, para produzir novos fatos como escritor e pensador engajado na área dos estudos e da formulação da estratégia, da alta Política Nacional e do Planejamento Governamental. É vigorosamente impulsionado pelas motivações nascidas e cultivadas na caserna.

A elaboração e a publicação de sua obra; **Dimensões da estratégia**; **Evolução do pensamento estratégico.** Esta obra abrangente e minuciosa já se tomou clássica na Literatura Política-Estratégica, no Brasil e no exterior. Trata-se de excelente análise da estratégia mundial, envolvendo o Brasil. São 25 séculos da análise, com grande brilhantismo, assinalando "A Dinâmica da Estratégia" como instrumento para fundamentar o poder e a política, no tabuleiro dos confrontos de natureza e nível planetário.

A segunda referência obrigatória quanto às atividades do Cel. Raposo, que presentemente exercita, situa-se no desempenho da função de direção no Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos (CEBRES). Trata-se de Instituição que, devido em grande parte a seu desempenho pessoal, vem ganhando projeção e renome nos Centros de Estudos Político-Estratégico no Brasil e no exterior, nas Universidades do país e mesmo em esferas governamentais do Estado-Nação Brasileiro. Devido à alta categoria dos trabalhos ali realizados e incentivados por influência do Cel. Raposo, o nosso mais novo membro tomou-se fonte de consulta obrigatória aos que se dedicam aos estudos e a formulação da Alta Política Nacional, da Estratégia e do Planejamento Governamental.Esseé o perfil caracterizado da personalidade do novo membro da ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL. Está de parabéns a Instituição em tê-lo em seu colegiado.Felicidades Coronel Amerino Raposo Filho(Minuta elaborada pelo Acadêmico Coronel Newton Freixinho do Colegiado da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, em junho de 1997.) Abordamos o Cel Amerino Raposo em nosso Livro **Brasil pensadores militares terrestres 1631-1990** as p.329-333.Livro por ele prefaciado e disponível em livros para baixar em Livros e Plaquetas no site www.ahimtb.org.br e no Google.

Antônio da Rocha Almeida -General (1902-1971)

General Antônio da Rocha Almeida

General Antônio da Rocha Almeida segundo o IHGB que ele era Membro, nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul, em 2 de janeiro de 1902, e faleceu em Porto Alegre. em 2 de outubro de 1971. Filho de Antônio Augusto de Pinto e Otília Vicência da Rocha Almeida. Serviu ao Exército brasileiro durante mais de 32 anos, tendo todos os cursos de sua Arma, alcançando o posto de general de brigada. Engenheiro, geógrafo, foi também jornalista. Lecionou nas Faculdades de Jornalismo e de Filosofia da PUC/RS. Pertenceu ao IHGRGS, à Academia Sul-Riograndense de Letras, ao Instituto Genealógico Brasileiro, ao Instituto de Estudos Genealógico do RS, ao IGHMB, ao IHG/Santa Maria e ao Instituto Genealógico da BA. Foi eleito sócio correspondente do IHGB em 26 de junho de 1963. Recebeu muitas condecorações, entre as quais: Ordens do Mérito Militar e Naval, Medalha do Pacificador, Medalha de Mérito Tamandaré, Cruz de Mérito da Cruz Vermelha Brasileira, Medalhas do Marechal Taumaturgode Azevedo, Maria Quitéria, Mar Sousa Aguiar, Mar Hermes e Mar Caetano de Faria. Publicou: **Curso de Estatística**, 1941 – **Curso de Arte e Análise Literárias**, 1943 – **A Igreja e o Mobiliário Brasileiro**, 1957 – **Titulares do Império nascidos no Rio Grande do Sul**, 1957 – **Bandeiras históricas do Brasil,** 1957 – **Sedes Sucessivas do Parlamento Brasileiro**, 1957 – **A Carta Constitucional do Império do Brasil**, 1957 – **Parlamentarismo e Presidencialismo,** 1958 – **O termo e a Praça Forte de Olivença**, 1959 – **A Sereníssima Casa de Bragança,** 1962 – **Vultos da Pátria** (seção dominical do **Correio do Povo,** de Porto Alegre, depois editada. pela Ed. Globo). O **Dicionário Bibliográfico Gaúcho de Pedro Leite Villas-Boas** complementa esta informação com os seguintes dados" Militar. Professor Universitário. Genealogista. Biógrafo. Historiador militar . Bibliografia . **Galeria dos Comandantes da 3ª Região Milit*ar* – Escorços biográficos. 1947**. Publicado nos números .105/108 da **Revista do I.H.G.R.G.S,** Porto Alegre. **Vultos da Pátria - Escorços biográficos.** 1º volume: 1ª Ed. 1961. Editora Globo, Porto Alegre. 2º volume: 1ª Ed. 1964, 249 na mesma editora e local p. 3º volume: Iª Ed. 1965, na mesma Editora e Local. *4º* volume: 1ª Ed. 1966, 226 na mesma Editora e Local. Nota — Esse trabalho foi publicado parcialmente antes, pelo "**Correio do Povo".Efemérides dos Principais Fatos Relacionados com a Campanha do Paraguai** - 1ª Ed. 1965, 124 p. PUC/RS, Porto Alegre. **Dicionário de História do Brasil - Histórico-bibliográfico**. 1ª Ed. 1969, 531 pela Coleção . **Enciclopédia do Curso Secundário** - Editora Globo, Porto Alegre.Sua Galeria

de comandantes da 3ª Região Militar as apresento em meus Livros **História da 3ª Região Militar** publicada em 3 volumes e disponíveis em livros para baixar, em Livros e Plaquetas no site www.ahimtb.org.br e no Google

Antônio de Souza Junior -General (1904-?)

General Antonio de Souza Junior
Veterano da FEB

O abordo às p. 299-316 em meu livro **Brasil Pensadores Militares 1631-1990** disponível no Google. Foi historiador e pensador militar revelado através das seguintes obras pelo BIBLIEX:- **Do Recôncavo aos Guararapes 1949.- Caminhos históricos de invasão nas Campanhas Militares do Sul 1950 e- O Brasil a Terceira Guerra Mundial.**- Teve destacada atuação na elaboração da **História do Exército perfil militar de um povo,** como Diretor do Projeto no Rio de Janeiro, estruturação dos capítulos e coordenação geral do texto. Ele atuou como historiador no Estado-Maior da FEB.No que tange aos caminhos de invasão ao Rio Grande do Sul e pelo litoral usado em 1769 pelo General Pedro Cebalhos e o pelo interior em 1777 por D. Vertys y Salcedo, descobrimos outro que seria usado em 1801, mas que foi detida a invasão por ele em 1801 no corte do Rio Jaguarão, Caminhão de invasão e assim balizado:Forte de Cerro Largo Uruguai - Passo Centurion, no rio Jaguarão -, Herval do Sul – Piratini – Canguçu.E a partir deste ponto Infletir sobre Rio Pardo ou sobre Rio Grande, ou ao mesmo tempo para os dois.Para cobrir esta direção que foi criada em 1789 a Vila dos Casais, atual cidade de Piratini e, em 1800, a Capela Curada N.S. da Conceição de Canguçu**.**Como historiador das Batalhas dos Guararapes no seu livro **Do Recôncavo aos Guararapes o** meu texto sobre **As Guerras Holandesas**,na **História do Exército Brasileiro –Perfil Militar de um Povo,** mereceram de sua parte atenção especial e poucas foram suas sugestões de mudanças. Sobre ele assim se referiu o General Adalardo Fialho ao receber como socio do IGHMB.

“.Gratíssima a missão que nos foi cometida de receber e saudar, em nome do Instituto de Geografia e História Militar, o nosso prezado camarada, General Antônio de Souza Júnior. Grata e honrosa por todos os títulos. Não só porque lhe exornam o caráter as mais nobres qualidades de cidadão exemplar, como porque traz, para o nosso Instituto, o prestígio de um nome consagrado como historiador. Se observarmos a carreira de escritor do nosso homenageado, ressalta o dividir-se ela nitidamente em três fases. A primeira teve início em 1946 e durou vários

anos. Foi quando chefiou, na Escola de Estado-Maior, o curso de História Militar. Chamar esse período de "fase de preparação" seria falsear a verdade porque, quando Antônio de Souza Júnior assumiu as responsabilidades daquele curso, já era cultor da História. Mas podemos dizer que acostumou o seu espírito à sistematização do estudo da História, devendo ter-lhe sido de pleno proveito o método cartesiano para exame de problemas militares, regra geral em todos os cursos daquela academia de altos estudos militares. 'Editou então o seu "**Curso de História Militar**", onde já: se revelam as suas qualidades de analista perspicaz e fiel observador das normas didáticas, qualidades que lhe hãode valer, ou sobressair, em todos os seus trabalhos, daí por diante. Data dessa época, ainda, o seu opúsculo **"Grandes Unidades na Batalha**". À segunda fase podemos chamar indubitavelmente de "fase de maturação", quando Souza Júnior já estava preparado para altos voos de erudição. Começa em 1949, quando publicou "**Do Recôncavo aos Guararapes",** em nossa opinião, e salvo melhor juízo, o seu melhor livro. Arrima a nossa opinião o haver esse trabalho conquistado o primeiro prêmio, no concurso instituído, pela Biblioteca Militar, para comemorar o tricentenário da segunda Batalha dos Guararapes. Livro aos brasileiros porque retrata fielmente o sentimento nativista que já ia despontando, mesmo na luta ombro a ombro com os portugueses, naqueles índios, naqueles pretos e naqueles mamelucos ou mulatos, dos quais Camarão, Henrique Dias e Vidal de Negreiros eram a expressão máxima. Livro admirável porque exalta aquele punhado de bravos, firmes na determinação de expulsar o holandês de um solo que já anteviam como seu, a ponto até de se sobreporem às determinações de Barreto e Menezes, o Mestre-de-Campo português que os comandava, para ir ao encontro do inimigo e batê-lo,corno aconteceu na segunda Batalha dos Guararapes. A descrição uigiio aos mestres-de-campoluso brasileiros, porquanto, separados por boqueirões, e limitados por várzeas e banhados, neles não poderia, como não pôde desenvolvero holandês insuspeito as suas formações de linhas. Já mestre de História, Souza Júnior realça com facilidade os pontos dignos de menção na atuação militar dos nossos. Merece citado o fato de os luso-brasileiros, antecedendo-se de cem anos às ideias do século XVIII, no campo militar, procurarem sempre destruir os efetivos inimigos, ao passo que os holandeses buscavam antes objetivos geográficos. Concentravam forças, enquanto que os batavos as dispersavam. Informavam-se bem, escolhiam o terreno adequado e o momento propício para golpear, empregavam a astúcia a par da bravura. Até reconhecimentos e golpes de mão, recursos que a arte militar moderna sanciona, foram inteligentemente utilizados pelos valentes curibocas contra a inação dos holandeses, demasiadamente confiantes na arrogância e fama de seus exércitos. Depois deste livro, seguiu-se "**Caminhos Históricos de Invasão"**, outro belo trabalho histórico--militar, seara onde agora Souza Júnior passa a colher com desembaraço. É uma bem compilada coletânea de fatos que focalizam, antes de tudo, as vias de penetração por onde, às vezes acertada, e de outras feitas erradamente, os adversários sulinos, primeiro portugueses e espanhóis, posteriormente brasileiros e platinos, encaminharam os seus efetivos, e com eles, também, as suas ambições, idiossincrasias e rivalidades. A batalha do Passo do

Rosário, como não podia deixar de ser, é o ponto alto deste estudo. escudado em vasta bibliografia, o autor, sem cansar o leitor, soube tirar oportunos ensinamentos de sua tese, revelando notável espírito de síntese, a par de fidelidade ao método expositivo. São páginas de um professor de História. Interessante é a sua advertência aos que seriam tentados a repetir operações do passado, seguindo os mesmos caminhos de invasão : "é preciso sempre saber distinguir as analogias e as diferenças, apreciar exatamente as situações e não cometer o erro do tomar uma época por outra",**Fronteiras Flutuantes**", editado em 1954, é o volume que encerra esta fase. É a transição para a terceira fase, que chamamos de "fase especulativa". **"Fronteiras Flutuantes**", na verdade, é integrado por dois livros. A primeira parte é um fascinante estudo do complexo processo do delineamento das nossas fronteiras ocidentais. Mato-grossense de coração, pois que, embora filho de Uberaba, mudou-se, aos sete anos, para Mato Grosso, e lá deitou raízes, Souza Júnior derrama-se. neste trabalho, em exaltações e louvores, aliás justos, à terra e aos fastos mato-grossenses. Perpassam pelos nossos olhos episódios memoráveis das lutas entre espanhóis e portugueses para a fixação das lindes entre as duas coroas, na capitania de Mato Grosso, como o ataque de D. Lázaro de Ribeira, governador do Paraguai, ao Forte de Coimbra, dando ensejo a que Ricardo Franco, Comandante do Forte, respondesse à intimação para se render com aquela altiva mensagem que o imortalizou na História, e que não nos furtamos de transcrever :

"Tenho a honra de responder categoricamente a V. Excia. que a desigualdade de forças sempre foi um estímulo que animou os portugueses, por isso mesmo, a não desampararem os seus postos e defendê-los até às duas extremidades: ou de repelir o inimigo, ou de sepultarem-se debaixo das ruínas dos Fortes que se lhes confiarem; e nesta resolução se acham todos os defensores deste presídio, que têm a honra de ver em frente a excelsa pessoa de V. Excia., a quem Deus guarde muitos anos. Coimbra, 17 de setembro de 1801."

Desfilam ainda pela nossa retina, como em visão caleidoscópica, tal a riqueza e colorido,páginascomo: a guerra do Paraguai, da qual resultou o Tratado de Limites de 1872, complementado só em 1927; as consequências da independência das colônias sul-americanas sobre os novos Estados da região central do continente; a questão da navegação dos rios Paraná e Paraguai e a incorporação do Acre ao Brasil, ressaltando o papel de Plácido de Castro e Rio Branco. Seu estudo vai mesmo mais longe, alcançando até a época em que Assunção e São Paulo eram os focos irradiadores das bandeiras de espanhóis e portugueses, respectivamente. Deixando de lado a parte histórica, Souza Júnior passa ao estudo fisiográfico da terra. Revela-se então um enamorado de Mato Grosso. Quando descreve o rio Paraguai, dir-se-ia um poeta a cantar o majestoso caudal que Deffontaines classificou de "o maior alagadiço do mundo". De fato, com seus 2.000 quilômetros, seus numerosos afluentes, e espraiando-se por 300 quilômetros, o Paraguai é um dos maiores fenômenos da natureza. Nem o Paraná, que também possui 2.000 quilômetros, se lhe compara porque, ao contrário do Paraguai, é rio de planalto e corre torrentoso, porque encaixado.

Muitos não sabem que o Paraguai é tão extenso e o seu regime de águas tão singular que, na mesma época, em certos trechos está em cheia, e em outros em vazante. Descreve também o Guaporé, outro gigante de 1.000 quilômetros, que se espraia por 120, mas pertencente à bacia amazônica. Passando ao estudo de Mato Grosso como Unidade política, sucedem-se .novos quadros empolgantes nesta lanterna mágica de fatos históricos, tais como a descoberta do ouro em Cuiabá, "importante e transcendente marco da nossa história colonial". Citando Pedro de Moura em "Bacia do alto Paraguai", Souza Júnior acrescenta :

"Mais do que a riqueza que o ouro pôde trazer, mais do que as vantagens materiais decorrentes do precioso metal, mais mesmo do que o marco de expansão para o oeste, com a fixação do homem e a garantia da conquista trazida pelas audazes bandeiras, mais do que tudo isso, O OURO DE CUIABÁ É UMA DAS PEDRAS ANGULARES DA UNIDADE NACIONAL". "A êle devemos a expansão para o ocidente: a conquista de Mato Grosso e a fixação das nossas lindes no Guaporé; a êle devemos a expansão brasileira pelo Paraguai, tornando-o um rio brasileiro, das nascentes até Baía Negra, com uma vigilância constante, e armada, do terreno conquistado; a êle devemos, principalmente, a ligação do sul com o norte, através dos caminhos históricos do Tietê e do Guaporé, visando ambos Cuiabá."Segue-se o estudo do desenvolvimento da pecuária, principalmente como fator de povoamento, ao dispersar os primitivos falseadores de ouro. no rio Paraná, cuja bacia abrange terras em que Mato Grosso, é também focalizado. Seu potencial energético atinge 12 milhões de H.P. Nada escapa à radiografia de Souza Júnior que, em brilhante conclusão, salienta ainda o papel estratégico de Mato Grosso, tendo em vista os antecedentes históricos, a sua posição geográfica e o estado atual das vias de penetração no grande Estado central, e é esta primeira parte de "Fronteiras Flutuantes", pelo colorido e originalidade dos temas e pela admirável síntese conclusiva, recomenda o livro. Mas Souza Júnior não se contenta. Montado em seu método histórico-geográfico de judiciosa escolha, pesquisa e análise dos assuntos tratados e, assim como, na primeira parte, já tirara ilações corretas de seu estudo sobre Mato Grosso, agora, nesta segunda parte, apresenta uma série de artigos publicados, em sua maior parte, na imprensa de São Paulo, focalizando aspectos geopolíticos e militares da 2ª Grande Guerra, todos confirmados pelos acontecimentos. Hoje, como ontem, confirmam-se as conclusões dos doutrinários da geopolítica, aduz ele... como Ratzel e Jacques Ancel:

"As orlas dos países oscilam e variam perpetuamente, pois uma fronteira não é estável senão como expressão de um equilíbrio dinâmico, transitório, resultante das ações que mutuamente exerçam os Estados confrontantes."

Visa Souza Júnior a comprovar, com essa segunda parte, "a importância que assumem o estudo e os conhecimentos da história militar na solução dos problemas estratégicos". Com ela, Souza Júnior abre caminho para a terceira fase de sua carreira de escritor, ou seja, a fase especulativa, como a batizamos. Encabeça-a "**o Brasil e a Terceira Guerra Mundial"**, editado em 1959, seguido

do "**Problemas Internacionais da Atualidade**" e "**A Influência da Geografia Sobre a Estratégia"**, ambos editados em 1961, e "**Os Problemas Mundiais e Seus Reflexos no Continente Americano**", Trata-se, como os títulos indicam, de Terreno difícil de trabalhos especulativos antes que pragmáticos. e delicado que requer, a par de penetrante espírito analítico, grande poder de síntese. O difícil aqui é correr o risco de sermos superados, em nossas conclusões, não só pelo vertiginoso progresso da ciência e da técnica, como pelos próprios acontecimentos internacionais, nesta época em que ditadores como Kruchev ou Mao Tsé-Tung, à maneira de Hitler, podem fazer qualquer coisa, deitando por terra todas as previsões. "**O Brasil e a Terceira Guerra Mundial"**, por exemplo, é um vigoroso ensaio de "Sociologia da Guerra, aplicado a um tema objetivo", em que o autor, à maneira Gaston Bouthoul, procura prever, "mercê de métodos de análise científica, aplicados sobre fatos conhecidos, os eventos humanos, inclusive as guerras, pela projeção, no futuro, das causas e móveis que determinaram o passado".

Apesar da ousadia do tema, Souza Júnior sai-se bem. Mais do que nunca resplende a sua cultura. Uma infinidade de assuntos delicados são examinados com acuidade e justeza. Entre outros, a repercussão do emprego das armas atômicas nas guerras futuras, o papel do petróleo do Oriente Médio na conjuntura política mundial e o estudo dos meios legais que a humanidade tem empregado para estruturar a paz, tais como alianças, tratados e sistemas defensivos. Ressalta ainda a Política Nacional de Energia Nuclear e focaliza, com rara felicidade, a importância do Nordeste brasileiro na eventualidade de uma terceira Guerra Mundial. Dificilmente se encontrariam condensados num só volume tantos e tão empolgantes temas de viva atualidade. Sob este ponto de vista, o livro é de grande e indiscutível valor documentário.

A respeito do valor do Nordeste brasileiro, em face de novo conflito mundial, temos opinião própria. Julgamos que o seu valor decresceu, desde a abertura das rotas polares, consequente ao aumento da velocidade e do raio de ação dos aviões. Tal é o progresso da aviação que, muito recentemente, uma inteira Divisão Blindada americana foi transportada pelos ares, em apenas alguns dias, dos Estados Unidos para a Europa. Os novos dados da ciência e da técnica (basta citar que o XB-70, avião americano, desenvolve uma velocidade de 3.500km por hora) alteram os conceitos antigos, ou mesmo os recentes. Vamos mais longe mesmo, e pedimos desculpas ao auditório pela nossa irreverência: com o aparecimento dos submarinos nucleares, espalhados pelos 7 mares do mundo, capazes de permanecerem submersos por tempo indefinido, e dotados de foguetes "polaris", vale dizer, de bombas atômicas, a frase de Napoleão "A Geografia traça o destino dos povos" caiu por terra. Na verdade, o conceito da estratégia esfumou-se. E isso sem falar na nova era que se avizinha, de artefatos nucleares, acionados à distância, lançados de veículos espaciais. Estas ideias, fruto de mera opinião pessoal, em nada desmerecem o livro de Souza Júnior, aliás escrito em 1958, porquanto nenhum estudo de fundo especulativo, seja em que domínio for, perde o seu valor. O espírito humano age por aproximações. O

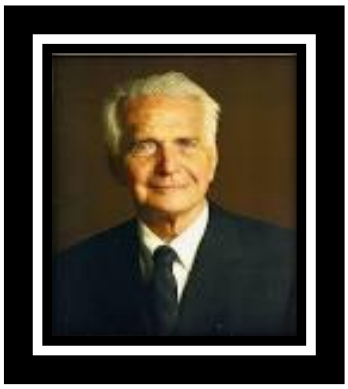
que hoje é mera hipótese, amanhã será verdade inconcussa. "Cada descoberta que se realiza, cada teoria que se aventa, cada hipótese que se emite", no dizer de Sampaio Mitke, renomado autor, "constitui um passo à frente (raramente um passo para trás) ou um elo a mais na cadeia infinita do Saber". "Sem os progressos alcançados pela astronomia no tempo dos caldeus e assírios — que tiveram sabida propensão para a ciência dos astros — diz ainda o referido autor, "não seria possível a Thales, de Mileto, prever eclipses 600 anos antes de Jesus Cristo, nem a Ptolomeu legar à posteridade o célebre "Almagesto", no qual já consigna mais de mil estrelas e expõe o sistema geocêntrico que prevaleceu durante mil anos; sem Copérnico, que derrubou o erro geocêntrico ptolemaico, mostrando que é a Terra que gira em torno do Sol, Kepler não teria podido formular as três leis do movimento- planetário; sem o conhecimento do sistema heliocêntrico copernicano e das leis de Kepler, bem como da luneta astronômica de Galileu — que também provou o movimento da Terra — Newton não teria podido legar à humanidade a maravilha que é a lei da atração universal, nem Laplace teria podido emitir a extraordinária hipótese cosmogónica que possibilitaria a concepção de todas as outras que se lhe seguiram". Eis porque "O Brasil e a 3a Guerra Mundial", livro essencialmente especulativo, guarda todo o seu valor, ao advertir o povo brasileiro e chamar-lhe a atenção para os problemas internacionais, dos quais tanto descuramos. Sob este ângulo, preenche inteiramente suas finalidades. Os outros livros e opúsculos desta fase são igualmente brilhantes interpretações de fatos de marcante atualidade. Ajudam à compreensão de complexos problemas e situam com propriedade o papel ao Brasil no concerto das nações. Notável a facilidade com que Souza Júnior, habituado ao estudo da História, comenta fatos de nossos dias e antevê eventos futuros.Escritor fecundo e versátil, põe em toda a sua obra, cujo conjunto é monumento de erudição, uma centelha de patriotismo. Souza Júnior é nacionalista, mas não desse nacionalismo propositada e maliciosamente estrábico que se opõe a tudo que, em nossa Pátria, contraria os interesses de Moscou e se omite ou combate tudo que favorece os interesses de Washington, porém é forrado desse genuíno nacionalismo que procura conhecer, estudar e interpretar os problemas brasileiros, e ainda prestar-lhes colaboração desinteressada em sua solução. Dentro dessas ideias, esforça-se por incutir, em todos os seus escritos, a consciência histórica, na verdade a base da formação de qualquer nacionalidade.

Para Haberlandt, se o clima e a situação geográfica constituem a metade da sorte de um povo, a base histórica em que ele repousa constitui a outra metade. Um povo que não toma conhecimento de sua própria história é um povo sem laços aglutinantes. O passado alumia o futuro. Citando Plínio Salgado:

"O conhecimento das nossas origens é fundamental para o fortalecimento da nossa personalidade nacional. Perceberemos, pelas constantes das nossas direções históricas no passado, pela psicologia dos nossos ancestrais, pelo que fizeram e pelo que deixaram escrito, pelas soluções nas vicissitudes adversas, pelo comportamento dos governantes, pelo estilo de vida dos que nos precederam, pelas atitudes na coexistência internacional,"

Visitamos o General Souza Junior em seu apartamento em Copacabana. Mas hoje 2022 perdemos contato com sua família. E nos foi impossível conseguir a data de seu falecimento.

Arivaldo Silveira Fontes – Coronel (1923-2008)



Coronel Arivaldo Silveira Fontes

É com satisfação e honra que a **Academia de História Militar Terrestre do Brasil** (AHIMTB), por intermédio de nós alunas da **Fundação Osório,** acolhe em seu **Colégio Acadêmico** o historiador militar **Cel Arivaldo Silveira Fontes,** figura singular de soldado, educador e administrador de escol.

E esta Academia o acolhe com apoio na integração de sínteses interpretativas de sua vida e obra feitas antes por **Murilo Andrade Filho, Argens José de Carvalho, Francisco Ferreira da Silva** e **Cláudio Moreira Bento.** O último ao comentar suas obras históricas **Vultos do Ensino Militar** e **Figuras e fatos do Sergipe** publicadas na revista do **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** (números373,1991, pp. 1206 e 378,1993, p. 149) e em outros periódicos.

Ao focalizarmos o historiador Arivaldo ou, mais precisamente o **historiador pioneiro do Magistério do Exército,** a Academia o faz dentro de uma moldura sintética do grande soldado, cidadão, educador e administrador brasileiro e eterno menino do Riachão, no Sergipe - Arivaldo Fontes. Dimensões expressivas e dominantes de sua vida e obra que - imitaram e até prejudicaram a sua grande potencialidade para a produção lítero-histórica, sua vocação e que só agora retoma com intensidade e tranquilidade.

Nasceu Arivaldo em 18 jun 1923 no Riachão em Sergipe, acrescido do Dantas em 1943, que aliás para Moreira Bento deveria de justiça ser chamado de **Riachão dos Fontes,** por ter sido fundado por João Fontes, glorificado pelo herói da Independência **Joaquim Fontes,** por **Lourival Fontes,** assinalado diplomata e jornalista e, hoje, por Arivaldo, educador brasileiro de projeção até internacional, filho dos mais ilustres do Riachão, que mais a estremeceu e mais a amou, ao ponto de sonhar um dia ser seu prefeito, seguindo o exemplo de seu avô materno Leopoldo, que foi prefeito 3 vezes de Riachão e em cuja biblioteca Arivaldo adquiriu o gosto pelo saber que os livros lhes transmitiam e transmitem, não esquecendo o exemplo do grande educador local, monsenhor Carvalho Daltro.

O eterno menino do Riachão do Dantas derramou todo o seu amor a terra e gente riachense em **Vultos e Fatos do Sergipe,** editado pelo SENAI do Rio Grande do Sul. Nele revela um sentimento de **sergipanidade** que em muito se

assemelha ao **Tradicionalismo Gaúcho** que se traduz por amor a terra natal (a querência), englobando a terra, a gente, os costumes, tradições e valores que, os sergipanos Caldas Júnior do centenário **Correio do Povo** de Porto Alegre ajudaram através do jornal a consolidar. Na obra citada, Arivaldo encontrou um local para revelar outro amor de que acabou de se reencontrar. Foi sintetizar a História desta Fundação Osório, já com 88 anos, que tem por patrono o legendário gaúcho general Osório, patrono da Cavalaria, expressão a mais refinada e representativa do gaúcho histórico, além de instituição idealizada, ou com o forte apoio de outro gaúcho bajeense marechal **João Nepomuceno Medeiros Mallet,** filho do marechal **Emílio Luiz Mallet,** patrono da Artilharia, e ministro que detonou a **Reforma Militar 1897-1945** marcada pela criação do Estado-Maior entre outros fatos expressivos iniciais.

Arivaldo após estudos em Aracajú cursou a novel **Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre** (EPPA) 1941/43, sediada no legendário e carismático **Casarão do Parqueda Redenção,** a instalação militar recordista em tempo de serviços contínuos ao Ensino no Exército e que sediou a Escola de Guerra 1906-11.

De 1944/46 integrou a Iª turma integralmente formada pela novel **Escola Militar de Resende** e a partir de 1951 **Academia Militar das Agulhas Negras.** Aspirante de Infantaria, sua turma destinou sobras da Cooperativa de Notas de Aulas para a Santa Casa de Misericórdia de Resende, a cuja frente havia se assinalado como Provedor o seu coestaduano e parente Dr. Silveira que, em 1895, havia tratado e assinado o Atestado de Óbito do marechal **Floriano Peixoto,** falecido próximo a Resende na Fazenda Paraíso. Como diretor Geral do SENAI apoiou a edição do livro de Cláudio Moreira Bento - A saga da **Santa Casa de Misericórdia de Resende,** tão ligada a história da AMAN no passado. Obra que ao final constou a relação dos aspirantes de Infantaria de 1946.

A lembrança dos tempos da AMAN levou o major Arivaldo em 1957 a publicar na **Revista Agulhas Negras** da AMAN o valioso artigo histórico "**A Academia Real Militar"**

Serviu no 19º BC em Salvador, próximo do seu Riachão dos Dantas.

O ano de 1950 marca o encontro com a **Casa de Thomaz Coelho,** o centenário **Colégio Militar do Rio de Janeiro** pelo qual Arivaldo, segundo Francisco Ferreira da Silva, passou a nutrir "grande amor, carinho, beirando a veneração" tendo ali iniciado sua caminhada definida ainda por Francisco "como a de um homem afeito a grandes causas sempre lhano, de educador sincero e singular "e para Murilo Andrade Filho," homem de uma capacidade intelectual e executiva incomum."

Homem afeito às grandes causas travou contato como mestre e em outras funções com a **Fundação Osório** onde ajudou a criar o órgão de divulgação-Nosso **Jornal.** Foi colaborador do presidente da Fundação - o ínclito marechal **Estevão Leitão de Carvalho** cuja cadeira 12 de que este chefe é patrono na AHIMTB, hoje ele inaugurará.

Oficial de Gabinete do Ministro da Guerra em 1955, sob sua assessoria foram viabilizados os Colégios Militares de Belo Horizonte, Salvador, Curitiba e Recife. Para a Casa de Thomaz Coelho a sua "Menina dos Olhos" conseguiu canalizar laboratórios e equipamentos e mais tarde na SEPLAN, a viabilizar o Parque Aquático do Colégio. Aliás foi orientador da **Sociedade Literária** e dinamizou e escreveu para a histórica revista do Colégio a **Aspiração** e mais para

a **Didática** e implementou o **Museu do Colégio Militar** entre outras marcantes iniciativas culturais. Foi um dos pioneiros da idéia hoje realidade de admissão de meninas nos colégios militares.Vendo a memória dos colégios militares sob a pátina dos tempos escreveu em 1958:**Breve Introdução dos Colégios Militares do Brasil. Rio, 1958.**

De 1963/64 foi convocado por Sergipe para secretariar inicialmente a Segurança Pública e, depois "a sua verdadeira praia" a Secretaria de Educação e Cultura a frente da qual, segundo Argens de Carvalho**,** Arivaldo filho do Riachão dos Dantas pode colocar o seu talento e suas convicções humanísticas a serviço da juventude sergipana.

De 1973-77 exerceu elevadas funções no Governo Federal na Secretaria de Planejamento (SEPLAN), onde se destaca haver sido coordenador do **Programa de Ensino Médio** (PRODEM), época em que as escolas técnicas e agrícolas federais foram contempladas com laboratórios e equipamentos indispensáveis ao aprendizado.

Em 1977 iniciou seu contato com o SENAI como Diretor Adjunto e 3 anos mais tarde foi guindado à Direção Geral. Instituição benemérita que absorveu 15 anos de sua utilíssima vida de educador Emérito. Segundo Murilo Andrade Filho**,** "Arivaldo liderou no SENAI uma política expansionista sem precedentes. As suas escolas passaram de 300 para 800, e de 500 mil alunos para 1 milhão e 300 mil. Organizou e promoveu em 1986 o Congresso Mundial de Formação Profissional. Estimulou autores nacionais de obras ligadas a Educação e Ensino. Reeditou em 5 volumes a obra de Celso Sukov, **História do Ensino Industrial no Brasil.** Não olvidou ajudar a BIBLIEx, o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil editando um número de sua revista. Amparou e editou a **Aspiração** do Colégio Militar. Editou do sempre lembrado diretor da BIBLIEx, Umberto Peregrino, **História da Biblioteca do Exército.** Do grande mestre **Jonas Corrêa,** o mais assinalado e sábio ex-presidente do IGHMB e patrono em vida de cadeira nesta Academia. **Símbolos do Império do Brasil.** De Cláudio Moreira Bento, **O Exército na Proclamação da República** que fez questão fosse lançado, como o foi na **Escola de Comando e Estado-Maior do Exército** e com sua presença e, mais, colaboração com o Exército na obra coletiva, **Cadernos da Comissão Coordenadora... dos centenário da República e da Bandeira.** 1991, projeto até sua decisão inviabilizado com o congelamento de poupança do agente que dispunha de verba federal destinada a tal fim.

Antes de deixar o SENAI havia aprovado plaqueta de autoria de Cláudio Moreira Bento e prefácio do gen. Plínio Pitaluga, como presidente do Conselho de Veteranos de Guerra do Brasil, sob a título **Participação da Marinha Mercante e das Forças Armadas do Brasil na 2ª Guerra Mundial,** como uma homenagem justa a memória dos brasileiros que lutaram pela Democracia e Liberdade Mundial na *2ª* Guerra Mundial e, em especial, aos que tombaram que, segundo Péricles da Grécia **"os que morreram em defesa da pátria fizeram mais por ela num só dia, que os demais em todas as suas vidas**". Ou segundo Fernando Pessoa **- " Que tudo vale a pena quando a alma nãoé pequena!"**

A principal obra do historiador Arivaldo Silveira Fontes**,** membro dos institutos de Geografia e História do Brasil (cadeira Barão de Caçapava e marechal Soares Andréa) e de Geografia e História do Sergipe, do Espírito Santo, do Rio de Janeiro e da Academia Resendense de História (cadeira marechal Souza Dantas) pode ser considerada como: **Vultos do Ensino Militar.** (Belo Horizonte, SENAI, 1991). Nela, segundo este autor, Arivaldo faz um resgate pioneiro, justiça histórica e reverência a 55 vultos do Ensino no Exército, chefes e professores responsáveis, em grande parte, pela formação nos últimos 108 anos

de expressivas lideranças das Forças Armadas e da Administração Pública e Privada do Brasil, com expressiva projeção na Sociedade Brasileira, a começar pelo chanceler Osvaldo Aranha, distinto aluno do Colégio Militar no início do século.

Certa feita numa reunião de velhos militares, nas recordações dos tempos escolares, era emprestada muita ênfase a apelidos de antigos professores e a detalhes que colocavam em ridículo suas memórias, ao invés de combiná-las com considerações de gratidão e respeito pelo que aqueles mestres haviam enriquecido suas personalidades com os conhecimentos valiosos que lhes haviam transmitido. E este autor comentou com o Brigadeiro Nelson Lavenère Wanderley**.** "-Curioso como nós custamos em ver em nossos antigos mestres pessoas que nos valorizaram culturalmente e os lembramos por aspectos ridículos apelidos etc". E o brigadeiro do alto de sua experiência respondeu: "-E bote tempo nisso companheiro! Esta citação é para valorizar a preocupação pioneira de Arivaldo em imortalizar os vultos do Ensino Militar, obra a que tem dado continuidade através dos **Letras em Marcha e Ombro a Ombro** que sempre auxiliou com anúncios para que hoje como "imprensa nanica ou alternativa da Família Militar Brasileira" não sucumbisse à massificante Mídia que está "dominando a tudo e a todos" e anestesiando **a vontade cultural coletiva histórica militar terrestre,** que se impõe no caso, aos que se dedicam a produção lítero-histórica e cremos às autoridades que possuem o dever de Estado de promover e divulgar a História do Brasil e suas vertentes, como essenciais à formação da perspectiva e identidades históricas do Brasil, essenciais para as lideranças, em especial, para a condução segura do destino do País como é consenso entre os grandes expoentes da historiografia mundial.

Arivaldo foi Diretor Cultural do Clube Militar e de sua Revista em 1971, na qual publicou síntese biográfica do gen Tertuliano Potyguaraque liderou, como alferes, o retorno da Escola Militar da Praia Vermelharevoltada em 1904, após ser esta detida na rua da Passagem, ao custo do ferimento seguido de morte do comandante da Escola gen Silvestre Travassos. Como capitão de Infantaria confirmou sua bravura e valor no Contestado e como combatente do Exército Francês na Iª Guerra, onde foi ferido na Batalha de San Quentin e, em consequência promovido por bravura e de lá transferiu a Doutrina Militar vigente, para o nosso Exército. Arivaldo também nela abordou o demarcador de fronteiras **Barão de Parima,** como também em **A Defesa Nacional,** na **Aspiração** e na **RIGHMB.** culminando em ver seu biografado, por sua proposta, acolhido patrono de cadeira do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB).

Aqui na presidência da Fundação, com apoio e compreensão do Exmo. Sr. Ministro do Exército e presidente de Honra desta Academia, gen Ex Zenildo de Lucena,o Cel Arivaldo conseguiu reverter a trajetória em franca decadência da Fundação Osório. Segundo sua equipe ele conseguiu pôr em dia os pagamentos atrasados dos fornecedores e funcionários, aumentar a matrícula de 200 para 1200 alunos e alunas e transformá-la em empresa pública sob a égide do Ministério do Exército e criar segurança para o Corpo Docente da Fundação situada na encosta de morros, os quais se tomaram os seus maiores aliados em promover esta segurança, pois ele abriu a matrícula a alunos filhos de patrícios residentes moradores em morros próximos.

Eis em largos traços o perfil do novo acadêmico e já vice presidente fundador da **Academia de História Militar Terrestre do Brasil,** fundada em Resende - **A cidade dos Cadetes,** com sede nas Faculdades D. Bosco, fundada por professores militares há mais de 20 anos. E Arivaldo o "eterno menino de

Riachão dos Dantas" que não podendo ser prefeito do Riachão, seu sonho de menino, para conterrâneos, realizou e realiza marcante obra de educador brasileiro de escol. que tantos benefícios trouxeram, trazem e trarão a expressivas parcelas da Juventude Brasileira Civil e Militar.

Seja bem-vindoao Colégio Acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, historiador militar **Arivaldo Silveira Fontes.** E sinceros votos de que empreste a esta Academia um pouco só de sua "capacidade intelectual e administrativa e vontade cultural incomuns" Ela é uma nobre causa, uma grande causa e principalmente, a despeito da massificante Mídia, impõe-se tentarmos com fervor cívico e com isto não nos omitindo na tentativa válida de procurar unir as antigas gerações de militares com as novas gerações de alunos e alunas militares, conciliando valores e aprendendo com reciprocidade, pela perspectiva e identidades históricas que a História Militar Terrestre do Brasil poderá assegurar. E mais do que isto, **tentar-se,** repetimos, **tentar-se,** o despertar de novas vocações de historiadores militares terrestres do Brasil, ação cultural, se vitoriosa, de importância estratégica futura incontestável. Que Deus nos proteja e nos recompense. E que o nosso ínclito patrono **O Duque de Caxias** ilumine as autoridades que possuem dever de Estado em promover a **História Militar Terrestre do Brasil,** como preciosa fonte entre muitas outras para o desenvolvimento da Doutrina Militar Terrestre do Brasil, ação de que deu exemplo em 1863, Duque de Caxias, ao adaptar Doutrina de Portugal às realidades sul-americanas que ele vivenciara em 5 campanhas militares, todas vitoriosas, que liderou e, com a qual venceu a derradeira em 1868, com a **Dezembrada.(**Pelo Cel. Cláudio Moreira Bento Presidente da AHIMTB).

Augusto Tasso Fragoso -General (1867-1945)

O Historiador do Exército General de Divisão Augusto Tasso Fragoso e o autor Veterano Cel Eng e de Estado-Maior CláudioMoreiraBento-Historiador e Pensador militar, Memorialista e Jornalista.

O autor do clássico da Literatura Militar Terrestre Brasileira, **A Batalha do Passo doRosário,** *é* considerado um dos grandes brasileiros do período (1889-1945). Segundo Gilberto Freyre, ele "animou os meios mais cultos com sua palavra amena e atraente".

Foi chefe, pensador, cientista e historiador militar dos mais brilhantes, fecundos, atuantese influentes da Primeira República, ou República Velha (1889-1930). Participou com relevados debates e decisões no Clube Militar que

desaguariam na Proclamação da República, regime que viu nascer, em 15 de novembro de 1889, ao lado do seu mestre, Benjamim Constant,de quem foi aluno dileto.

Pela consolidação da República, foi ferido gravemente, a bala, no Combate da Armação e, em decorrência, promovido a capitão por ato de bravura, pelo Presidente Floriano Peixoto.

Coube-lhe presidir o final da Primeira República, na qualidade de presidente da Junta Pacificadora, que transferiu o poder à vitoriosa Revolução de 1930.

No Exército, com os célebres artigos *"***O Estado-Maior do Exército***"* *e* ***"Como se Faz um Oficial Alemão",*** publicados na **Revistado Brasil***,* em 1897 e 1898, ajudou a desencadear o histórico e relevante processo da Reforma Militar (1898-1945) que se seguiu à Revolta de Canudos (1897-1898).

Esse processo, do qual foi um dos maiores dínamos, artífices e líderes, arrancou o Exército dos ultrapassados padrões operacionais revelados em Canudos, elevou-o aos da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que, na Itália, representou de modo condigno o soldado brasileiro, ao lutar contra, ou em aliança, com frações expressivas dos melhores exércitos do mundo que se fizeram representar na Europa Ocidental, na 2ª Guerra Mundial. Por seu concurso, na propaganda, proclamação e consolidação da República, chegou a ser chamado de **"Enamorado da República***".* Por sua atuação benemérita e relevante no Estado-Maior do Exército (EME), por quinze anos, dos quais, dez como seu chefe, tem sido chamado de "**Patrono Espiritual do EME*".*** E, finalmente, por sua marcante e importante contribuição, prestígio e valorização do estudo crítico de nosso passado militar, com vistas a dele extrair subsídios para a progressiva nacionalização da doutrina militar terrestre brasileira, foi chamado, em 1965, pelo então chefe do EME, de "**Pai da História do Exército Brasileiro".**

Em 21 de outubro de 1945, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Pedro Calmon, seu orador oficial, assinalou "que nenhum dos nossos historiadores militares ultrapassou Tasso Fragoso nesse proficiente de restaurar as condições de guerra, os seus elementos, o seu potencial, as suas diretivas, os seus erros, o conteúdo humano de seus paradoxos e sua beleza externa".

Sobre ele, em seu tempo, concluiu o acadêmico Humberto de Campos, seu coestaduano: “Primeira cabeça do Exército e uma das mais notáveis do Brasil contemporâneo e orgulho de qualquer país em que houvesse oculto das Armas.”

E ainda Pedro Calmon na ocasião acima citada, ao fazer o elogio do sócio do IHGB, Augusto Tasso Fragoso, recém-falecido:

*"*O General Tasso Fragoso conta--se entre esses homens superiores que podendo tudo ser na continuidade da vida triunfante, se contentam em obedecer à linha modesta de profissão e desinteresse. Às solicitações da política e do poder preferiu a fidelidade ao Exército, donde nunca saiu. Foi essencialmente um homem de sua classe."

O seu amigo e biógrafo, Marechal Tristão Alencar Araripe, assim o sintetizou, em 1965, no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB), sob a Presidência do General Jonas Correia: "Grande vulto nacional e valoroso soldado."

E noutra ocasião*: "O* entrosamento de suas atividades profissionais culturais

,voltadas para o progresso profissional do Exército foi uma constante."

Ao falecer, recebeu do Exército esta consagradora referência através de seu Ministro:

"O Exército foi a linha mestra da vida do General Tasso Fragoso."

Por tudo é oportuno evocar, aos leitores do clássico **A Batalha do Passo do Rosário**, traços da vida e obra de seu autor, e a parte culminante dos seus escritos, relacionados ao final deste artigo, bem como as relevantes reflexões do histórico prefácio.

Todos eles são ricos em ensinamentos e inspirações aos soldados do Exército do Brasil, do presente e do futuro, de todas as graduações e idades, que se empenham patrióticamente em construí-lo à altura do destino de grandeza que o povo brasileiro vem lutando para construir.

Augusto Tasso Fragoso nasceu em 28 de agosto de 1867, em São Luiz, Maranhão, e não em 1865, como assinala Tristão Alencar Araripe. Foi pouco depois de a Esquadra Brasileira haver forçado, com êxito, a fortaleza de Curupaiti, durante a Guerra do Paraguai, conflito que ele viria descrever, em 1934, de forma monumental, sob o título História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai(5v.)

Tasso Fragoso era filho do comerciante português de ferragens, Joaquim Coelho Fragoso, muito conhecido na chamada Atenas Brasileira, denominação popular dada a São Luiz, pelo grande surto cultural humanístico que atravessava, infra-estruturado por um notável surto econômico.

Nesse meio adiantado de estudos humanísticos, em que era dada grande importância àbeleza e à pureza da linguagem, Tasso Fragoso alicerçou estilo literário, *"*sóbrio, claro, puro e elegante*"*, que ajudaram a torná-lo notável e festejado escritor militar.

Depois de passara infância, a meninice e a juventude no Maranhão, de lá foitrazidopara o Rio de Janeiro por seu tio e futuro sogro, o jornalista Temístocles Aranha (pai deGraça Aranha), para que construísse, na Capital Federal, um futuro compatível com o enorme talento que revelara, fugindo, assim, ao destino de comerciante de ferragens projetado por seu pai.

Quando chegou ao Rio, a campanha abolicionista, a propaganda republicana, a questão militar e a doutrinação positivista atingiam seus pontos máximos, em especial, na Escola Militar da Praia Vermelha, que era uma das mais renomadas irradiadoras de cultura no Brasil, a par das faculdades de Direito de São Paulo e Recife, da de Medicina da Bahia e das escolas Central do Exército e Navalda Marinha.

Tasso Fragoso, talvez por influência de oficiais do Exército que lecionavam Matemática e Física em São Luiz, havia se inclinado para a Escola Militar da Praia Vermelha. Assim, parafrequentá-la, como adido, assentou praça voluntária, em 21 de março de 1885, no heróico Batalhão de Engenheiros, sediado no mesmo edifício da Escola e de tão gloriosas tradições na Guerra do Paraguai, ao comando de João Carlos Vilagran Cabrita e, depois,de Conrado da Silva Bittencourt. De 1885 a 1887, cursou, com brilho, a Escola Militar onde graduou--

se em Cavalaria,Infantaria e Artilharia. Às vésperas da República e durante sua proclamação, frequentava o Curso de Engenharia e de Estado-Maior em São Cristóvão. Como Alferes-Aluno esteve aolado de Benjamim Constant, em 15 de novembro de 1889, no ato da Proclamação da República. Ficou assim em posição privilegiada entre os novos detentores do poder. Masrecusou a cadeira de deputado pelo Maranhão e ser Ministro da Viação. O Exército era o seu objetivo e deste nunca se afastou, até morrer.

Sua primeira missão de oficial foi integrar a Comissão de Demarcação da Nova Capital. Durante a Revolta na Armada, no Rio de Janeiro, foi ferido a bala no abdômen, no Combate da Armação, em 9 de fevereiro de 1894, quando comandava um contra-ataquede uma fração composta de acadêmicos voluntários e guardas nacionais. Foi dado atécomo morto. Recuperado parcialmente, foi promovido a capitão por bravura. À procura desolução cirúrgica para suas seqüelas, que se agravavam, foimandado: em missão à Europa, de onde trouxe a saúde e contribuições relevantes e oportunas, de grande projeção no futuro do Exército, ao contato com os exércitos alemão, francês e inglês.

Em 11 de fevereiro de 1944, data inaugural oficial da atual Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), ele destinou, à guarda de seu Museu Acadêmico, sua túnica branca perfurada a bala, acompanhada de foto de canhão Krupp e da guarnição que comandava no combate da Armação e da carta do Presidente Floriano Peixoto, exaltando sua heroicidade e promovendo-o a capitão por bravura.

De 1894 a 1896, integrou, na Europa, a Comissão de Compras de Armamento e Material para o Exercito, tendo como missão relatar a organização dos serviços geodésicos da França e Prússia, nos quais aperfeiçoou o curso de Geografoa e Geodesia que tirara no Observatório Nacional do Rio de Janeiro, antes de integrar a Comissão Demarcadora da Nova Capital. Desse estágio resultou, mais tarde, a contratação da Missão Cartográfica Austríaca (MCA) (1920-52) destinada a organizar o Serviço Geográfico do Exército, formar engenheiros geógrafos militares e a apoiar a Carta Geral da República.

Durante os últimos meses de 1895, Tasso Fragoso estagiou na Fábrica Krupp. Nessetempo, aprendeu alemão, assenhoreou-se da técnica de fabricação de material bélico conseguiu uma correção cirúrgica parcial das sequelas consequentes do grave ferimentorecebido no combate da Armação. Durante os dois anos providenciais e oportunos deestágio na Europa, além de alemão, aprendeu francês e inglês, e inteirou-se do grande estágio atingido pela doutrina militar terrestre, comparada com a do Brasil, estagnadadesde a Guerra do Paraguai, assinalando até involuções em muitos pontos, como ficou evidente em Canudos.

Ao retornar da Europa, em 1896, foi mandado servir na Comissão de Fortificações e Defesa do Litoral do Brasil, tendo feito o projeto de fortificação das praias de Copacabana aGávea.

Por essa época, 1896-97, lavrava no sertão da Bahia a Revolta de Canudos, que evidenciou o despreparo operacional do Exército e motivou a Reforma Militar (1898-95) iniciada pelo Ministro da Guerra, João Nepomuceno Medeiros Mallet, traduzida pela instalação do EME, em 1899, sob a chefia do Marechal Cantuária e criação da Fabrica de Pólvora em Piquete(SP), liberando o Brasil de importar este item. Foram eventos para osquais muito influíram os seguintes artigos publicados na Revista do Brasil e assinados pelo capitão Tasso Fragoso, possuidor de sólido prestígio, como prócere herói da República, de vasta e sólida

cultura geral e profissional, recém-egresso da Europa onde entrara em contato com os mais modernos Exércitos do seu tempo.

O primeiro "**O Estado-Maior do Exército**" (Abr/Jun 1897) tinha, como idéia central, aseguinte afirmação: "Nenhuma instituição atual reclama e merece mais uma reforma quanto o nosso Exército."

O segundo, *"***Como se Faz um Oficial Alemão**" (Jan/Mar 1898), criticava e apresentavasugestões para corrigir o que apontou como "um dos grandes males do Exército — o bacharelismo de dólmã e o bacharelismo da espada".

O bacharelismo do dólmã era uma alusão aos oficiais formados bacharéis em Ciências Física e Matemática pela Escola Militar da Praia Vermelha, divorciados do aprendizado e prática, de fato, da profissão das armas, sob a influência de um positivismo mal interpretado no campo militar.

O bacharelismo da espada era o dos "tarimbeiros*",* oficiais que fizeram carreira de modo prático nas lides da caserna e sem conhecimentos e prática doutrinária militar compatível com os avanços da Arte e Ciência Militar, decorrentes da Revolução Industrial.

Dentre os bacharéis em Ciências Físicas e Matemáticas formados pela Escola da Praia Vermelha, Tasso Fragoso e Cândido Mariano Rondon são exemplos de coerência e equilíbrio, na conciliação dos interesses da profissão das armas que abraçaram e do ideal positivista de ter como religião a Humanidade.

Já não se pode dizer o mesmo de muitos egressos daquela Escola, que a usaram como escada social, não se prepararam militarmente à altura, e se voltaram para atividades científicas e matemáticas, concorrendo, assim, indiretamente, talvez por omissão, para os acontecimentos de Canudos, ao custo de tantas vidas e inútil sangue derramado de irmãos brasileiros, um grande desserviço à Religião da Humanidade que muitos se diziam praticantes fervorosos.

Rondon conciliou a Religião da Humanidade com a profissão das armas, ao realizar a obra de projeção internacional em prol do índio brasileiro, ao mesmo tempo que foi aluno brilhante da Missão Militar Francesa (MMF) e não se recusou a chefiar combate à Revolução de 24, no Paraná.

Tasso Fragoso conciliou a Religião da Humanidade (atuando sempre - sentido pacificador de conflitos intestinos e de defesa da Unidade e da profissão das armas que escolheu e na qual atuou mais ou menos assim segundo interpreto:

Sou o cidadão de um país pacifista, que repudia a guerra de conquista e a luta entre irmãos e deseja, para o bem da Humanidade, que o Exército Brasileiro nunca se envolva num conflito. Mas, por outro lado, dentro da responsabilidade social de soldado desse Exército, fazer tudo ao meu alcance, para que eu não perca um só momento em preparar-me o melhor possível para esta triste eventualidade, tão presente e viva na História da Humanidade, a guerra."

Instalado o EME, Tasso Fragoso, apoio na experiência que colheu no grande Estado-Maior do Exército Alemão, cuja história estudou desde a Guerra Franco-Prussiana de 1870, foi servir na 1° Seção encarregada de editar a Revista Militar com o seguinte objetivo geral: "Tratar de assuntos visando ao preparo do Exército: para a guerra ou para a defesa da Pátria..." Vem daí sua grande influência na conquista desse alevantado objetivo.

Quando Presidente, o Marechal Floriano Peixoto mandou editar a História da Guerra do Paraguai, do Coronel Honorário Carlos Jourdan, que, como tenente do

Corpo de Pontoneiros, projetar e dirigir a construção de algumas pontes da célebre Estrada Estratégica do Chaco, que permitiu, a Caxias, envolver a posição fortificada do Piquiciri eabreviar a guerra. A edição visava, segundo o Presidente citado, *"*a servir para os alunos de nossas escolas militares desenvolverem táticas e estratégias compatíveiscomas realidades operacionais da América doSul".

Instalado o EME, em 1899, seu chefe, tendo em mente a cultura e a vocação do Capitão Tasso Fragoso para a História, Geografia, Tática, Estratégia e Literatura, deu-lhe a missão de acompanhar a edição da obra citada na Imprensa Nacional.

A par disso, Tasso Fragoso escreveu, na Revista Militar*,* diversos artigos de alto valor, dentre eles ensaios sobre os históricos dos serviços, no Brasil, de Estado-Maior e Geofísico. Sobre o primeiro, teceu considerações ainda muito atuais, como a que "depois da Guerra Franco-Prussiana 1870", o Serviço de Estado-Maior propagou-se como elemento essencial ao exercício do comando de grandes massas militares".

Ao tentar historiar a evolução do problema no Brasil, assim concluiu sua memória, queleu para a Comissão de Reforma Militar: "Quase nada, para não se dizer nada, existe publicado entre nós, sobre a História do Exército Brasileiro."

No exercício das funções de Adido Militar na Argentina (1909-11), em período tenso nas relações Brasil-Argentina, em razão da Questão de Palmas, Tasso Fragoso foi obrigado aestudar as histórias militares do Brasil e da Argentina, pelas razões que assinalou nohistórico prefácio de A Batalha do Passo do Ros*ário,* sobre o qual peço que o leitor medite, por conter muitas lições permanentes e atuai s e, particularmente, esta sua reflexão-contrição:

"Logo aos primeiros passos da minha vida como oficial, senti com mágoa a deficiência de minha preparação histórica. Reconheci, sem demora, não só que me falecia em geral o conhecimento dos fastos da Pátria, mas, sobretudo, os seus grandes feitos militares."

De retorno da Argentina, foi encarregado de saudar o Barão do Rio Branco, no Clube Militar. Em sua oração revelou notável percepção histórica. Enfatizou a ação do grande brasileiro na estabilização de nossos limites, sem o recurso da luta armada, e, por sustentar seus pontos de vista, com o recurso de profundos e sólidos conhecimentos de História do Brasil, que acumulou por estudos.

Em 1911-14, como comandante do 8° Regimento de Cavalaria, em Uruguaiana, mandou levantar um esboço da Batalha do Passo do Rosário, cujos estudos iniciou a desenvolver.

Com a vinda da Missão Militar Francesa, Tasso Fragoso dela recebeu esta importante lição, reafirmação do que o Marechal Floriano Peixoto enunciara ao mandar editar a Guerra do Paraguai, de Carlos Jourdan:

"As estratégias e as táticas sul-americanas devem ser estabelecidas aqui. Muitas de suas bases devem ser buscadas nas campanhas militares da América do Sul. Por esta razão, a pesquisa, a elaboração e o estudo militar da História Militar, particularmente a do Brasil, deve ser estimulada entre nós."

E isto se impunha para o EME dar desempenho realístico às suas funções de elaborar planos operacionais e de defesa territorial. Como não havia ainda quase nada, para não dizer nada, escrito sobre a História do Exército Brasileiro, o então Capitão Tasso Fragoso teve ele de dar o exemplo, no sentido de pesquisar

e analisar criticamente a História Militar do Brasil, com vistas a buscar, no passado militar sul-americano e brasileiro, ensinamentos operacionais e as bases das táticas e estratégias que deviam também enformar o desenvolvimento da doutrina militar terrestre brasileira, emoldurada por fatores de política interna e externa.

Foi dentro desse espírito que Tasso Fragoso lançou, em 1922, este clássico, A Batalha do Passo do Rosário, a maior batalha campal travada no território brasileiro, obra que marcou sua estréia como historiador militar, e que dedicou nestes termos, ao grande animador civil da Reforma Militar:

"À memória do Barão do Rio Branco, cuja ação e cujos escritos são exemplos de invejável e entranhado amor ao Brasil e de intensa fé nos seus gloriosos destinos. Como testemunho de admiração e saudade."

Daí em diante e até falecer, produziu uma série de valiosos trabalhos, inventariados ao final deste artigo:

O outro clássico, **A História da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai**, ele dedicou:

"À memoria do Marechal Floriano Peixoto, soldado glorioso da Guerra da Tríplice Aliança e meu inolvidável e generoso amigo."

Era o reconhecimento que prestava à autoridade que, anos atrás, mandara editar a **História da Guerra do Paraguai**, de Jourdan, visando a "desenvolver estratégia e táticas" com apoio em nossa experiência naquele conflito.

Em 1938, Tasso Fragoso lançou, a **Revolução Farroupilha**, cujo caráter separatista ele negou. Ele dedicou este trabalho:

"À memória de todos os brasileiros que formaram no extremo meridional de nossa Pátria, a frente humana indispensável para lhe assegurar a posse definitiva, cujas ***linhas eles balizaram com seu próprio sangue, e a todos as rio-grandense do sul que, num arroubo invejável de idealismo, se bateram pela liberdade na República Federativa, e baquearam para dormir o sonho eterno, na selva verdejante da planícieouda coxilha.'"***

Embora apóstolo da Unidade e da Integridade nacional, assim homenageou os farrapos:

"Muitos deles caíram heroicamente na luta, sem que possamos saber-lhes os nomes e glorificá-los como merecem. Foram propagadores de grandes ideias, notadamente da organização republicana e da emancipação de escravos."

Muitos oficiais seguiram o exemplo de Tasso Fragoso, no sentido de cobrir a lacuna queele assinalou em 1898, acerca de que "nada havia sido escrito sobre a História do Exército". A maioria se voltou para as diversas dimensões da História de natureza descritiva. Poucos foramos que se voltaram para a dimensão da História Militar Crítica, que é "o sustento do cérebro de um exército na paz para prepará-lo para a guerra" (segundo Foch); "a fonte do conhecimento superior da Arte da Guerra"(segundo Napoleão); "História cuja leitura objetiva é condição de êxito para o militar" (segundo Patton); e "a que domina inteiramente a conduta prática da guerra" (segundo Molke). Enfim, a dimensão exaltada pelos grandes capitães da História e ainda pouco explorada no Brasil.

O esforço iniciado por Tasso Fragoso, em 1922, tornou possível ao próprio EME, que ele chefiara por 10 anos, concretizar, em 1971, na chefia do EME do Gen Ex Alfredo Souto Malan e no sesquicentenário da Independência, a edição da História do Exército Brasileiro Perfil Militar de um Povo, fruto da consolidação

da bibliografia e hemerografia produzida sobre História do Exército e realizada por uma grande equipe de alunos e instrutores da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, e historiadores convidados, sob a coordenação da Comissão de Históriado Exército Brasileiro do EME (1971-74) presidida pelo Cel Francisco Ruas Santos e do qual fomos seu adjunto**.** Essa publicação, considerada passo importante para escrever-se a História da Doutrina do Exército Brasileiro, e calcada em nossa experiência militar, de quase cinco séculos de lutas externas e internas, predominantemente vitoriosas, que contribuíram para configurar um Brasil de dimensões continentais, que não é obra de um milagre. É a história da doutrina de caráter crítico, que subsidiará táticas e estratégias terrestres brasileiras e outros importantes elementos do poder militar, visando ao desenvolvimento de nossa doutrina terrestre com progressivos índices de nacionalização. É a concretização do sonho visualizado e sonhado, em 1861, pelo Marquês de Caxias, atual Patrono do Exército, ao ser obrigado a adotar, com adaptações que introduziu, as Ordenanças do Exército de Portugal, até que o Brasil "desenvolvesse táticas e estratégias genuínas calcadas em sua experiência histórico-militar"*.* É o ponto de passagem obrigatória no objetivo de o Brasil conquistar o *status* de grande nação ou potência. Especialista em armamentos e munições, foi Diretor do Material Bélico. Atribui-se a ele a introdução no Brasil, do jogo da guerra e do trote elevado. Oficial de Cavalaria, por opção, comandou o 8º Regimento de Cavalaria e as 2° e 4° Brigadas de Cavalaria, em Uruguaiana e no Rio de Janeiro. Chefiou a Casa Militar do Presidente Wenceslau Braz(1914-18), considerado o *"*consolidador da estrutura militar do Exército*"* com a execução do Sorteio Militar e a extinção da Guarda Nacional, grandes passos da Reforma Militar. Deixou o EME durante a Revolução de 1932, por sustentar que a população civildevia ser preservada dos efeitos da luta. Foi Ministro do Superior Tribunal Militar, de 1938 a1945, do qual foi Vice-Presidente cinco anos. Combatente de idéias e princípios, homem deação e uma espécie de enciclopédia militar, influiu nas grandes reorganizações de 1901,1914 e na ação da Missão Militar Francesa, circunscrita ao preparo do Exército, sem interferir nos seus problemas concretos. Foi um defensor da importância de cultura geral, “como moldura indispensável ao chefe militar”, tendo a introduzido na Escola de Estado-Maior do Exército, que veio dar o seu nome a sua biblioteca, a qual abriga o que ele acumulou eu sou em vida para seus estudos e pesquisas.

Como historiador foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Viveu para ver aFEB retornar da Itália, vitoriosa, na primeira participação militar extracontinental do Brasil,fechando com selo de ouro o ciclo da **Reforma Militar,** em grande parte deflagrado com seuhistóricoartigo"**Comosefaz umOficial Alemão".**

O grande soldado, que soube ajudar a construir o Exército daFEB. alternando a espadae a pena, faleceu aos 78 anos incompletos, em 20 de setembro de 1945, data coincidentecom o 110º aniversário do início e ano do centenário do término da Revolução Farroupilha,que ele soube estudar com isenção e respeito pelos que foram às campinas e coxilhas gaúchas para lutar por suas verdades. E de igual forma que o Barão de Caxias que a pacificou.

Tasso Fragoso é estudado com maiores detalhes por seu biógrafo e grande amigo,General Tristãode AlencarAraripenaobra**Tasso Fragoso(Bibliex1960).**

Por ocasião de seu falecimento o Exército assim se manifestou pela palavra de seuMinistro:

"Uma das personalidades mais incisivas na evolução de nossa atividade militar,verdadeira relíquia, intimamente entrosado nos fatos mais interessantes decorridosno último século de vida nacional. Foi ele verdadeiro expoente da cultura de suaclasse e exuberante espírito que transbordou do meio militar, se refletiu no ambientenacional,onde se firmou com excepcional relevo. "O Exército foi a linha mestra de sua vida."

Em nosso livro pioneiro **Brasil Pensadores Militares (1631-1990**) focalizamos o pensador militar General Tasso Fragoso as p.108/126. Obra disponível para baixar em Livros e Plaquetas no site www.ahimtb.org.br criado e administrado pelo Capitão de Mar e Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento e também no Google.

Notas ao texto.

1.Históriaemsua relevantedimensão:Históriacrítica,estudada à luzdos fundamentos daArte doSoldadooudos GrandesCapitães daHistória.

2.ObrareeditadapelaBIBLIEX,em6volumes,entre1956e1960,commelhoramentosacargodoentãoMajorFrancisco RuasSantos,paratorná-lainstrumentodetrabalhoaopesquisadorfuturo doconflito.

3. SegundoPedroCalmon,TassoFragoso,engastouabalaqueoferiuemumalfinetedegravata,quepassouausarcomimensoorgulho cívico.

4.A Carta Geral da República, criada em 1903, instalada e dirigida por Tasso Fragoso, com minha missão de mapear, para uso reservado do Exército, as regiões mais estratégicas do Rio Grande do Sul, missão de grande alcance e repercussão na Defesa Nacional.

5.FoidesuaautoriaoprojetodoForteCopacabana,quemereceu,daFábricaKrupp,osmaioreselogios.

Este trabalho do autor foi o seu discurso de posse na cadeira nº 13 General Augusto Tasso Fragoso na Academia Brasileira de História em São Paulo e publicado na **Revista A Defesa Nacional** nº 750,out/dez 1990, p.105-117.

Bibliografia do General Tasso Fragoso

1. **A Batalha do Passo ao Rosário**.Rio de Janeiro: ImprensaMilitar, 1927,1ed. A BIBLIEx a republicou em 1951 e ora lança a3ªedição.

2. **ABatalhadoPassodoRosárioeacríticadoDr.MaxFleiuss**,RiodeJaneiro:ImprensaMilitar,1923(acercadapolêmica travada com aquele ilustre historiador secretário doIHGB).

3. **Sofismas e Contradições do Dr. Max Fleiuss**, Rio de Janeiro:Imprensa Militar, 1924 (ainda sobre a célebre polêmica sobre abatalha).

4. **A História da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai**,RiodeJaneiro:ImprensaMilitar,1934,5v(aBIBLIExarepublicoude 1956-61com valiosos comentários do historiador militar Cel Francisco Ruas Santos).

5. ***ARevoluçãoFarroupilha****,RiodeJaneiro:BIBLIEx,1938.*

6. **FrancesesnoRiodeJane**iro*,RiodeJaneiro:BIBLIEx,1965(2ªediçãorevistaecomentadapelo GenSouzaJúnior).*

A—**Na RevistaBrasileiraouRevistadoBra**sil

1. **OEstado-MaiordoExé*rcito****"-abr/jun1897,p. 352-361.*

2. *"***Comosefazumoficialalemão***"—jan/mai1898,p.50-65.*

3.QueéaArte"-*jul/set1898,p.72-96(críticadeumatraduçãodeQu'est cel'artde Tolstoi).*

Os artigos 1 e 2 tiveram grande influência na Reforma Militar(1898-1945)doExército.SuasredescobertasasdevoaossóciosdoIHGB—VamirethChacone Camarinha.

B – Preservadas In: ARARIPE, **Tasso Fragoso**,RiodeJaneiro:BIBLIEx,1960.

*1.***Osmeustravesseiro***s",1887,p.79.*

*2.***OpresentedeArabela***,1888,p.81*

3. **Província,1888***.p.83-87.Teridealguardado(poesia),p.87-88.*

4. **Ter umidealguardado***(poesia)*

5. **UmaexcursãoàFábricadeFerro deIpanema***,1899, p.88.*

6. **CorrespondênciacomMaland'Angrone***,p.363-389e477-482.*

7.DiscursonaCasadoEstudante—sobresuaaçãonaRepública,p.289-292.

C-**NaRevistaMilitardoEME(atualRevistado Exército***)*

1. **ServiçoGeográficodoBrasil***, 1899.*

2. **Fabricodepólvorasemfumaçanos EUA** *(tradução),1899.*

3. **Tentativasdegrupamentoracionaldo Exército***,1899.*

4. **CartuchodeManobra (manejo),***1899.*

5. **Operaçõesnosarredoresde SantiagodeCubaeassédioàcidade***(traduçãoe spanhola),1899.*

6. **Pólvoraeexplosivos—Explosivosaltosnaguerranaval—composição,usoevalor***(tradução),1899.*

7. **Asprimeirasexperiênciasdaguerraanglo–boer***(traduçãoinglesa),1900.*

8. ***BatalhadeColenro****(tradução),1900.*

*9..***0novoreparoKruppparacanhõesdemarinhaecosta***,1900.*

*1o2.***0ServiçodeEstado-Maior***,1900.*

Faltam tópicos 11 e 12

*13.***Os mestres da guerra** *(tradução francesa),1900/1901*

*.14.***Cálculodascoordenadasdosvérticesdeumapoligonal***,1901.*

*15.***Revista de Esquadrão** *(tradução alemã), 1902.*

*16.***Instituição das equações diferenciais do movimento deprojéteisnoar,***1901/1902.*

17. **Do método nos altos estudos militares da França e Alemanh*****a. (Trad.DoGenBonnal,1903)***

18. **EnxertosdeBalísticaExterna,1903.**

19. **Instrução mediante exercícios de quadros (tradução), 1907**

20. **Levantamentoexpeditosna4ªBda Cav-Rio.**

21.Sofismas e contradições do Dr. Max Fleiuss,1922.22.PalavrassobreoMal.Beviláqua,1930.

23.GeneralAlfredoMalan d'Angrone,1931.

24.OcombatedeSantaLuzia(1842),1935.

25.APazcom oParaguai,nº174, 1941.

D - NoBoletimMensal doEstado-MaiordoExército

1. **Pequenosexercíciosdeduplaaçãona4ªBdaCav-Rio,mai/jun***1913,p.273-296.*

2. **Levantamentosexpeditosna4ªBdaCav**—*Rio,em1918jan/abr1913,p.7-17.*

3. **Ainstruçãodetirona4ªBdaCav***em1918,mai/jun1919,p.297-302.*
4. **Instrumentosparafacilitarapontariaindireta***,1917,p.3-29(amplamenteilustrado).*
5. **Tiro de verificação***, 1920, p.. 1-42.*
6. **E E—Na RevistaADefesa Nacional**

*1."***Exercíciosno8ºRC-Uruguaiana***1913",nº16,jan1915,p.109-111;n°17,fev1915,p.136/138;nº18,mar1915,p.172-176;nº19,abr 1915,p.199-203e239.*

*2."***Otirocoletivo***", nº 10, jul1914,p.315-319.*

3. *"***OServiçoMilitarObrigatório***",nº12,set1914, p.375-379.*
4. *"***A propósito do milésimo***", n º 35, ago 1916,p. 354/357 e nº36,set 1916,p.310/383.*
5. *"***Nova Lei de promoções no Exército Argentino***", nº 37, out1916,p.3-11.*
6. **Um caso interessante de redução ao centro de estação***, nº43,abr1917,p.214-223.*
7. *"***GuiaparaoensinodatáticanasEscolasReaisPrussianas***" (sobre trabalho traduzido por Klinger-Leitão deCarvalho),nº44,mai1917,p.251-254.*
8. *"***Na seara alheia — Para rebater um golpe***",nº48, set 1917,p.405-409.*
9. *"***AGuerraCientífica***"(Traduçãodeartigodallustrationde21jul1917),nº 49,out1917,p.14-17.*
10. **"AnovaInfantaria**"(TraduçãodeartigodeGustavoBabendellustrationnº 2, fev1918), nº56,mai 1918, p. 234-238.
11. *"***AmissãodasClassesArma*das***",jan 1931,p.87-88.EncerramentodaEEM(atualECEME),n217,jan1932,p.5-9.*
12. **0combatedoRioPardo***(30abr1838),nº265,jun1936,p.583-603.*
13. **Trechodecartasuapublicadaem1914pelarevista***nº396,mai1947,p.1011-1012.*

F — **Na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro'**

1- **Discurso de Recepção ao General Tristão Alencar de Araripe.**232:223-230,jul/set.1956.

*2.-***APazcomoParaguaidepoisdaGuerradaTríplice Aliança***,v.174:1-334,1939,p.5-334.*

*3-***PalavrassobreoGeneralAgustinJusto***.v.177,1942,p.625/626.*

4- **ARevoluçãode30 e a Junta do Rio de Janeiro(memórias***), 232:303-319,jul/set 1956abr/jun 1951,v. 211.*

A **Revista do IHGB**, contém referências a sua vida e obra por Pedro Calmon, Estevão Leitão de Carvalho e outros. Além desses artigos contém referência a sua vida e obra: De PedroCalmon (Ano 1945, v. 189, p. 75); Do Gen Valentín Benício (Anos1952,v.216,p.160e1956,v.232,p.180); Do Gen Estevão Leitão de Carvalho (Ano 1952, v. 214, p. 142 e 180); e do Gen Francisco de Paula e Azevedo Pondé (Ano1970,v.286,p. 24). Fonte artigo do autor a **Revista A Defesa Nacional**,General de Divisão Augusto Tasso Fragoso.out/dez, 1999 p. 105-117 que foi meu discurso de posse na Cadeira nº 13 General Augusto Tasso Fragoso, na Academia Brasileira de História em São Paulo.

Aurélio de Lyra Tavares – General (1905-1998)

General de Exército Aurélio de Lyra Tavares

Aurélio de Lyra Tavares nasceu em João Pessoa, Estado da Paraíba, a 7 de novembro de 1905. Filho de João de Lyra Tavares e de D. Rosa Amélia de Lyra Tavares, iniciou seus estudos na terra natal, vindo, em 1917, para o Colégio Militar do Rio de Janeiro, no qual foi diretor da revista literária A Aspiração.Na Escola Militar do Realengo, onde ingressou em 1923, foi Presidente da Sociedade Acadêmica Militar, seu Orador oficial e Diretor da Revista da Escola Militar. Escolheu a Arma de Engenharia e nela foi declarado Aspirante na Turma de 30 de dezembro de 1925, recebendo, então, os Prêmios de "Tática Geral" e "História Militar", concedidos pela Missão Militar Francesa.

Diplomou-se Bacharel em Direito (1929) e em Engenharia Civil (1930) pela Universidade do Brasil.

Em 1939, promovido a Major, concluiu o curso da Escola de Estado-Maior do Exército com Menção Honrosa, conceito àquela época superior ao "Muito Bem", concedido raramente, como julgamento de exceção.Como Tenente-Coronel, foi nomeado Observador Militar junto às Forças norte-americanas na invasão da África do Norte. Posteriormente, integrou a primeira Turma de Oficiais brasileiros a cursar a Escola de Comando e Estado-Maior de Fort Leavenworth.Em 1945, foi nomeado Subchefe da Missão Militar Brasileira junto ao Governo Militar de Ocupação da Alemanha* chefiando-a durante o bloqueio de Berlim.Promovido a GeneraldeBrigada em 1955, foi Comandante da Artilharia Divisionária da 5ª Divisão de Infantaria, com parada em Curitiba, e depois Diretor de Comunicações e Chefe do Estado-Maior do I Exército. Como GeneraldeDivisão, comandou a 2ªRegião Militar (São Paulo), foi Subchefe do Estado-Maior do Exército e, posteriormente, Comandante do IV Exército (Recife), sendo então promovido a General-de-Exército. Comandou a Escola Superior de Guerra e foi, em seguida, Ministro do Exército (Governo Costa e Silva). Integrou a Junta Governativa que assumiu o poder com a doença e a consequente morte do Presidente Costa e Silva. Transferido para a reserva do Exército, foi nomeado Embaixador do Brasil na França, onde permaneceu de julho de 1970 a dezembro de 1974.

Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e da Academia Brasileira de Letras, onde

ocupa a cadeira nº 20, cujo Patrono é Joaquim Manuel de Macedo.Suas principais obras literárias.

O Soldado-Símbolo— Rio, 1926
Canções Militares Oficiais— Rio, 1927 a 1961
Domínio Territorial do Estado— Prêmio Rio Branco da Escola Politécnica, Rio, 1931
História da Arma de Engenharia— Rio, 1942
Impressões da África do Norte— Rio, 1943
Quatro Anos na Alemanha Ocupada— Rio, 1951
Telecomunicações e Segurança Nacional— Rio, 1959
O Fator Militar no Planejamento Nacional dos Transportes— Rio, 1954
Território Nacional — Soberania e Domínio da União — Rio, 1955
Caráter Monopolístico da Economia do Petróleo— Rio, 1955
Política Nacional de Transportes— Rio, 1955
Segurança Nacional — Antagonismos e Vulnerabilidades— Rio, 1958
Política Nacional de Telecomunicações— Rio, 1959
Compreensão da Segurança Nacional— S. Paulo, 1963
Segurança Nacional — Problemas Atuais— Rio, 1965
A Engenharia Portuguesa na Construção do Brasil —Lisboa, 1965
O Nordeste, Aspectos Políticos, Econômicos e Sociais —Rio, 1965
Exército e Nação— Recife, 1965
Temas da Vida Militar— Recife, 1965
O Exército Brasileiro— Recife, 1965
A Pesquisa Social e a Segurança da Democracia— Recife,1965
The Brazilian Army— Rio, 1966 .
A Engenharia Militar na FEB— João Pessoa, 1966
Plano de Ação do Ministério do Exército— Rio, 1967
Orações Cívicas e Militares— João Pessoa, Paraíba, 1967
Além dos Temas da Caserna— Rio, 1968
A Reforma Administrativa no Exército— Rio, 1968
O Exército Perante o Senado. Efetivos Militares— Rio, 1968
A Ação do Exército no Programa do Governo— Rio, 1968
Objetivos e Realizações do Exército — Rio, 1968
O Exército Brasileiro Visto Pelo seu Ministro— Recife, 1968
Instituição Militar e Trópico— Recife, 1968
A Engenharia na Batalha do Desenvolvimento— Rio, 1968
Por Dever de Ofício— Rio, 1969
Missões e Rumos do Exército— Rio, 1969
O Exército Brasileiro e a Atual Conjuntura— Rio, 1969
Posse na Cadeira Número 20 da Academia Brasileira de Letras — Rio, 1970
A Independência do Brasil na Imprensa Francesa — Rio, 1972
A Amazônia de Júlio Verne— Rio, 1973

Regards Sur 5 Siècles — France-Brésil— Paris, 1973
O Estudante Alsaciano — Uma pesquisa que vem de longe— Rio, 1976
A Engenharia Brasileira no Segundo Reinado.
Artigos na Revista A Defesa Nacional.
"**Novos meios de defesa: Camuflagem e abrigos**" - XIX, 107/111. Parte de uma conferênciarealizada no 1º BE.
"**Motores – noções indispensáveis – subsidio para o exame de admissão a E.E.M**." - XXIII, 695/698, n. Out, 407/411. n. Nov, 516/521.(Exame de admissão a hoje ECEME)
"**Portadas motorizadas para a travessia dos rios"** - XXVI, 1255/1257.
"O registro civil e futura lei do serviço militar" - XXVIII, 1239/1242.
"**Dever militar"** - XXIX, 363/371 (Set).
"A campanha da África do Norte" - XXX, 39/45 (Jul).
" A batalha de El Guettar, na Tunísia" – XXX, 599/602 (Out).
" O oficial arregimentado" – XXXVIII, 5/10 (Abr). Palestra para a 1ª sessão de instrução dos aspirantes do 3º BE. Em Cachoeira do Sul.
"Dever militar" – XL, 21/27 (Nov).
"**Conrado Bittencourt, patrono do 3º B.E**" – XLX, 87/95 (Set).
"O Brasil visto da Alemanha" – XLI, 139/141 (Out).
"Páginas de gloria da nossa Engenharia Militar" – XLII, 79/82 (Ago) – Config pronunciada noIGHMB, por ocasião do centenário do Batalhão Villagran Cabrita.
Na Revista do Clube Militar
Discurso nº 21, 1932, p.119
- **Duque de Caxias** nº 132, 1954, p. 43
- **Mar Territorial** nº 142, 1056, p.14
- **França nos 150 anos da Independência** nº 195, 1972, p. 30
- **O Proclamador da República** nº 211, 1977
- **Uma grande vida – Gen Pantaleão** nº 239, 1980, p. 49
- **Reflexos sobre a Independência** nº 243, 1980, p.45
- **Mal Mario Ary Pires** nº 254, 1982, p. 7
- **Família Militar** nº 204, 1984, p.44
- **O Exército e a Cultura Brasileira** nº 268, 1985, p.3
- **História deturpada** – FEB nº 271, 1985, p. 52
- **Um chefe que pensava no amanhã**, nº 277, p.7
- **A Instituição dos Patronos** nº 177, p. 7
- **Discurso em sessão solene do Clube Militar** nº 281, 1987

Na Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro
A Engenharia Brasileira no Segundo Reinado. 338:259-278,jan./mar. 1983.
História e Civismo. 273:137-146, out./dez. 1966.
O Segundo Reinado e a Unidade Nacional. 314:268-284, jan./mar. 1977.
Fomos honrado com o seu Prefacio em **Amor Febril Memória da Canção Militar Brasileira** e em nosso livro digital **Transposição de Brechas e Cursos D`água no Brasil.** Ambos disponíveis em Livros e Plaquetas no site www.ahimtb.org.br e no Google

Bertoldo Ritter Klinger – General (1884-1969)

General Bertoldo Ritter Klinger

Foi um pensador militar brasileiro, do qual muito se beneficiou a Artilharia do Exército.Estudamos sua vida e obra esquecidas, no seu centenário, em artigo: **Centenário do General Bertoldo Klingercofundador da Revista A Defesa Nacional** em seu número 11, Jan/fev 1984, p.5/16, e disponibilizado em Livros e Plaquetas em Personalidades no site www.ahimtb.org.br e no Google.

O Dicionário Histórico – Biográfico Brasileiro da FGV em seu Volume 2ed, as p. 1185/1189, Amélia Coutinho e Daniel Camarinha resgatam aspectos de sua vida e obra dedicada ao Exército Brasileiro.E resgatamos em parceria com o historiador militar Ernani Caminha Giorgis, a obra **Escolas Militares de Rio Pardo 1859-1911**, Resende: AHIMTB, 2005., disponível no Google, o que só foi possível em grande parte, as memórias do aluno Bertoldo Klinger que conquistou merecido lugar na história do nosso Exército como um paladino do profissionalismo militar, um modernizador da Artilharia de Campanha e como um dos idealizadores, e o mais moço, dentre 13 jovens turcos que fundaram a revista "**A Defesa Nacional"** Foi ele uma espécie de líder e catalisador da chamada "**Missão Alemã**" que, de 1911 a 1921, exerceu, de fato, considerável influência para a modernização e operacionalidade do Exército Brasileiro. Para isso conquistou, com o apoio dos mais destacados estagiários brasileiros que, de 1911 a 1912, serviram no Exército da Alemanha, quase todos egressos da Escola de Guerra de Porto Alegre. Escola que se tornou, a partir de 1909, sob a égide do **Regulamento de Ensino de 1905,** um ponto de inflexão do ensino, ao abandonar o bacharelismo em favor do profissionalismo militar.

Foram esses oficiais que fundaram esta revista, como porta-voz de suas ideias reformadoras e atualizadoras do Exército. E o fizeram dentro da filosofia da sadia crítica militar exercida por seus colaboradores e redatores, que contaram com a compreensão e o estímulo dos Ministros da Guerra que lideraram a Reforma Militar.

"Só se corrige o que se critica. Criticar é um dever. O progresso resulta da crítica. O que hoje parece excelente, amanhã será criticável. Nossa crítica visará as ideias e não as pessoas".

Com este lema, os fundadores partiram para um objetivo que não era outro senão aquele expresso no próprio nome da revista – A Defesa Nacional. E a ideia catalisadora se transformou numa bola de neve que, de tanto crescer, acabou por envolver, empolgar e abraçar expressivas inteligências militares e civis,

preocupados com uma segurança nacional que fosse compatível com a evolução da Doutrina Militar Mundial.

Como líder da referida "**Missão Alemã",** Bertholdo Klinger participou com destaque do trabalho patriótico e meritório que logrou, antes, durante e logo após a Primeira Guerra Mundial, reduzir a distância entre as doutrinas militares em voga na Europa e aquelas em prática no Brasil, que ainda lembravam, em seus aspectos táticos, Doutrina que fora aplicada na Guerra do Paraguai (1865-1870).

De fato, a "**Missão Alemã**" alicerçou durante 10 anos um trabalho que passaria a ser exercido, de 1920 a 1939, pela **Missão Militar Francesa**. Além disso, deu origem à célebre **Missão Indígena** da Escola Militar do Realengo, que integrada pelos melhores instrutores das Armas selecionados em concursos pelo Estado-Maior do Exército, teve seu período áureo entre 1919 e 1921.

Em 1917,o Comando do Exército adotou duas providências para a modernização da instrução militar. Criou o Centro de Instrução e Aperfeiçoamento de Infantaria, que serviu inicialmente para a formação dos Sargentos Instrutores dos Tiros de Guerra, e mais tarde foi transformado na Escola de Sargentos de infantaria. Estabeleceram pela primeira vez um concurso para a seleção de um quadro de instrutores para a Escola Militar do Realengo, o que deu origem à **Missão Indígena**. Ao receber em 1919 a apresentação do primeiro grupo de instrutores da Escola Militar, o Chefe do Estado-Maior do Exército, Marechal Bento Ribeiro, falou:

"Pela primeira vez este Estado-Maior teve intervenção na escolha dos instrutores da Escola Militar e foi minha preocupação única servir ao ensino prático dos futuros oficiais, como há muito já deveria ter sido feito... Muitos e distintos oficiais têm passado pela Escola Militar como instrutores e ainda agora alguns de lá saem, mas é de justiça afirmar que nunca o Corpo de Instrutores da Escola Militar atingiu o grau de homogeneidade que hoje assume com grande esperança para o ensino profissional...".

Foi nomeado comandante da Escola Militar do Realengo o Coronel Eduardo Monteiro de Barros. Soldado de poucas palavras e muita ação, bem compreendeu a missão de orientar e apoiar o novo Corpo de instrutores (Missão Indígena 1919-1922), como seu , verdadeiro líder da **Missão Indígena**, soube empenhar todas as suas energias no aperfeiçoamento da instrução daquela Escola. Coordenando a atuação do corpo de instrutores, realizou autêntica revolução no ensino militar.Sentiu-se a atuação da **Missão Indígena** no período 1919-1922, antes mesmo de começarem a ser colhidos os resultados da **Missão Militar Francesa**quetinha por finalidade impedir nela a influência de instrutores da **Missão Militar Francesa**.Esta **Missão Indígena** de certa forma, creio,salvo melhor juízo, foi o braço militar da **Semana de Arte Moderna** que equivaleu a tradição de admiração e imitação do que culturalmente ocorria na Europa para voltar-se a visão e valorizar o que culturalmente ocorreu no Brasil.A Primeira Guerra Mundial trouxe profundas mudanças na Ciência da Guerra. Adotaram-se novos tipos de armamento e novos métodos de combate. Desapareceram as linhas de atiradores e surgiu a organização da infantaria em grupos de combate, que atuavam como arma coletiva de grande cadência de tiro. A introdução dos

blindados, dos gases de combate e da aviação militar revolucionou completamente as características do campo de batalha. O emprego dos serviços em campanha, permitindo apoiar em períodos prolongados grandes efetivos que consumiam munição e outros suprimentos em escala nunca vista.

Os oficiais formados pela **Missão Indigena** tiveram grande expressão na vida do Brasil.Conferir é obra de simples raciocínio e verificação!

A atuação dinâmica, incansável e objetiva de Klinger, na "**Missão Alemã**" e em "**A Defesa Nacional"**, encontrou repercussão positiva na *Reforma Militar (1904-1945*) que contribuiu para arrancar o Exército dos obsoletos padrões operacionais de Canudos, para os padrões revelados pela Força Expedicionária Brasileira na Itália. Ali, A FEB daria mostras de grande valor, ao lutar em aliança ou contra representações dos melhores exércitos do mundo em confronto na Europa. durante a Segunda Guerra Mundial.No contexto da atuação múltipla de Klinger, destaca-se sua projeção modernizadora e atualizadora de nossa Artilharia de Campanha, graças ao que ele observou durante seu estágio na Alemanha. Tal atuação tornou-se intensa e apostolar através desta revista **A Defesa Nacional**, do **Boletim do Estado-Maior**, da tradução e edição de regulamentos específicos, e, sobretudo, através da instrução nas unidades de Artilharia de Campanha, no Rio de Janeiro, em São Gabriel, Itu e Campo Grande.Esse trabalho de um apóstolo da religião do trabalho, da qual se dizia adepto, se irradiou por toda a Artilharia de Campanha, a ponto de se projetar nos notáveis padrões de Artilharia da FEB (precisão e eficácia com economia). Afinal, o Marechal Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB, orgulhava-se de ter sido seu aluno e nessa matéria com ele haver escrito trabalhos em parceria.Como escritor militar, que desde 1903 passou a usar a pena como arma eficaz para sua ação modernizadora do Exército, Bertoldo Klinger prestou relevante contribuição à memória. não apenas do Exército como até mesmo do Brasil, ao escrever uma alentada, minuciosa e abrangente autobiografia que relaciona toda a sua vasta bibliografia e artigos na **Ortografia Simplificada Brasileira**, que ele inventou em 1940 e passou a adotar solitária e unilateralmente, Essaobra constitui algo de singularíssimo na literatura brasileira.E tive que traduzir o seu artigo a seguir para a meu livro inédito.**Os Brumer"Os rezingões**" – XXXVIII, 127/134 (Jan) ;103/116 (Fev) 115/128 (Abr); XXXVIII, 117/128 (Dez); XXXIX, 93/97 (Jan); XL, 17/21 (jun); XLI, 137/142 (Nov) ; 7/12 (Jun) –Trad de **Uma Legião estrangeira, de alemães a serviço do Brasil, na guerra contra Rosas**, em alemão, de autoria de Albert Schid.

Nota do autor: Klinger traduziu para sua linguagem osbosiana . E eu traduzi esta linguagem para o português para meu livro inédito **Os Brumers uma Legião Prussiana contratada pelo Império do Brasil para lutar na Guerra Contra Oribe e Rosa**s cujos originais destinei ao Museu **Arquivo Histórico de São Leopoldo** e publiquei síntese do mesmo em meu livro **Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul** , obra disponível em Livros e Palestras no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e no Google.Sobre o assunto publiquei os **Brummer, os primeiros pontoneiros do Exército Brasileiro** E tudo isto foi consolidado e ampliado pelo livro **Os Brummer** do Cel

Juvêncio Saldanha Lemos, recém publicado pela BIBLIEX e que por minha indicação consultou meu trabalho no Museu Histórico de São Leopoldo.Também abordei o assunto na **História da 3ª RM** v.1 disponível em livros para baixar no sitewww.ahimtrb.org.br e no Google.A partir de 1921, a obra de Klinger passa a ter um cunho predominantemente político-militar, cujo epílogo chegaria com o final da Revolução de 1932, em São Paulo. Foi nessa ocasião que conquistou um lugar na História Militar do Brasil, ao assumir o comando supremo, do movimento, cujo cinquentenário em 1982 deu margem a uma análise isenta de sua atuação. O consagramos como denominação da Academia de História Militar Terrestre – São Paulo em Sorocaba.

Publicou na Revista Militar 1889 /1908

Tema de Tiro de Artilharia1913.

Ponto de Artilharia seletiva 1913

Principais escolas de equitação europeias 1914

Paralaxes 1914 em tiro de Artilharia

A patrulha de oficial como órgão de missão estratégica de Artlharia 1915/1916

Exercícios de quados no terreno -Escursões a cavalo com duração de um dia 1919

Publicou na Revista A Defesa Nacional

"**Correntes táticas na artilharia francesa**" – 1913, 19/21, 59/61.

"**A tática da Artilharia Alemã**" – 1913, 83/86.

"A fortificação de campanha na França" – II, 91/93, 182/184, 228/230 e 285/288. Trad:trabalho do Maj Oberlindober.

"**Concurso de apontadores**" – II, 190/195.

"Expediente" – Por haver sido distinguido com um cargo no gabinete do Exmo. Sr.Ministro da Guerra, deixou de pertencer a redação desta Revista, desde 16 nov 1914,

-**Patrulhas de artilharia**" – 1914, 112.

"**O esclarecimento na artilharia – Exploração, reconhecimento e observação**" – 1914, 214/217.

"A tática da cavalaria" – 1914, 255/258 – Trad do Lobell's Jahresberichte1913.

"**Tática da artilharia de campanha**" – 1914, 268/270 – Trad Lobell'sJahresberichte 1913 e do Artilleristohe Monats chefte,de Fev 1914.

"**Projetil único**" – 1914, 306/307; 1914, p. 333/334.

"**Serviço de sapa em campanha para todas as armas**" – 1914, 232/236, 262/265, 334/336, 395/400; II, 62/65, 152/155.

"**Instrução de tiro na Cavalaria**" – II, 68 - Trad do Kavaleristiosh Monatss chefte.

" Raid de patrulhas de cavalaria" – II, 82/85.

" A precisão do tiro individual na infantaria, à luz da teoria das probabilidades" – II, 130/132 e 184/186 – Trad de trabalho do Gen H. Rohne.

"Em defesa do R.T.A. 1914" – II, 380/383.

"**Questões à margem das Cartas de Griepenkerl**" - II, 311/313 e 345/348, 385/387 – III, 24/25. 58/60, 140/142, 159/162, 191/194, 231/232, 268/270 e 392/393.

" O emprego da artilharia de campanha reduzido as noções para todos" - III, 124/126 e 156/158.

" C.T.M." – III, 137/139'.

“**Convocação”** – III, p. 176.
“**Engajabilidade**” – III, 214
“ Despreza Provincia” – III, 244/246.
“**Indisciplina de base dupla** –” – III, 277/279.
“ **Profilaxia Necessária –“ Minha terra e minha gente**” – III, 309/310.
“**Último lance** i” – III, 371/373.
“ **Da Província**” – III, 340.
“**Topografia Militar**” – III, 291/294, 333/335, 360/362, 398/400; - IV, 45/47, 78/79, 109/11, 147/148, 172/173, 208/212; IV, 246/248.
“**Exercícios táticos com unidades figuradas em esqueleto**” IV, 37/40, 64/68, 106/109, 145/147 e 342/344. Trad do livre de um folheto do Cel Hoppenstedt, 1912.
“**Do 4º Regimento de Artilharia – Exercício de tiro real**” – IV, 94/97 e 142/144.
“Um excelente medidas” – IV, 289/290 – Em artigo pub no autor, por razões que especifica.
“**Tiro real de Artilharia**” – IV, 373/376.“**Da Província – Diretivas para os exames, os exames do primeiro** *Nº 4º R.A*” – IV, 416/418.
“Clube de tiro a giz” – V, 86/89, 128/129, 158/161.
“**Exercício de Artilharia sobre a carta** – (Carta de Grumatam)” – V, 179/184.
“**Consolidação das disposições sobre fardamento**” - V, 148/151.
“ Reconhecimentos” – V, 217/220, 253/257, 296/298, 328/330, 346/347 e 372/375, Tradução.
“**Expediente**” – V, 357.
“Esclarecimento” – V, 357.
“**Fogo ceifante na artilharia**” – V, 389/390.
“**Expediente – Estevão Leitão de Carvalho**” – VI, 80.
“Projeto de lei de quadros e promoções” – VI, 58/61 e 26/12
“**O oficial de subsistências – Seu serviço em campanha e sua preparação na paz**” – VI, 101/102, 134, 211/213, 354/356 e 423/424; VII, 166/167, 237/273.
“**O que traz de novo o RISG** (N.7)” – VI, 364/365.
“**Pompeu Cavalcanti**” – VII, 108
“Alteração na rodatoria” – VII, 252.
“**Não predispor; premeditar – Promedite o comando. Não de ordens antecipadas**.” – VII, 231/235 – Trad trabalho do Gen von Freytag-Loringhoven.
“Intercalação da Infantaria em colunas de marcha de artilharia” – VII, 353/354 – Trad: adaptada.”
“ O que trazde novo o R.I.S.G. 1920” V III, 302/304, 337/339, 374/376 e 406; VIII, 14/15.
“A pontaria indireta do nosso 75 (2ªedição) pelos Capitães Klinger e Mascarenhas de Morais” – VII, 319/323, 346/350, 382/385 e 422/426 – VIII, 103/107, 204/206.
“**A nova Escola Militar – Seus efeitos na tropa**” – VIII, 34/35.
“**Serviço de escrita em campanha**” – VIII, 265/267 e 399/402 – Trad do Cap III do livro de Bronsart von Schellendorff” o Serviço do Estado-Maior”.
“**Tabelas de tiro, gráficas para a artilharia de campanha**” – VIII, 307/313 – Trad de artigo Ten H. Speerry, na Revue D’Artillerie.
“**Transformação da indústria civil em indústria de guerra**” – VIII, 325/327, 356/358 e 387/389.
“**Assim seja!”** – VIII, 373.

"**Geologia Militar"** – IX,184/186 – Trad de capítulo do livro Die TechnikumWeltkriego, organizado pelo GenSobwarte.

"**Do estrangeiro**" – IX, 13/15: IX, 204/205 – Discurso pronunciado no banquete oferecido pelo Ex Per aos militares de todas as embaixadas presentes por ocasião das festas do centenário da independência do Perú.

"O poder Militar alemão e a guerra mundial" – IX,226/234 – trad da parte introdutória do livro A TÉCNICA NA GUERRA MUNDIAL do GenD. Schwarte.

"**Ideias sobre a tática de artilharia na futura guerra**" - X, 473/475 – Art do CelWeitershausen,pub no Militar – Woochenblatytt, n. 14 de 1 out 22. Trad. X, 555/559.

"**Interinidades e inteirinismo**" – X, 598/599.

"**Destacamento de ligação** (Coletânea) " – XI, 247/250.

"**Subsídio ao histórico do forte de Coimbra**" – XIII, 26/28.

"Lei de promoção para oficiais do exército" – XVII, 300/307.

"O R.I.S.G. 1930" – XVII, 359/363, 426/430, 483/488; XVIII, 47/52.

"**Noticiário – serviço de E.M na paz e na guerra**" XVIII, 47/52.

"**Noticiário – serviço de E.M na paz e na guerra"** – XVIII, 461/466 – Trad de Trabalho do Gen H.V. Zwehl.

"**Ideias e cobiça"** – XVIII, 15/21, 95/96, 138/142, 197/200, 243/245, 275/278, 344/347, 399/401.

"**Noticiário – trabalho nos quarteis – Generais**" – XVIII, 521/524 – Trad trecho do Die Trupperfurug, Pelo Gen Von Cochenhausem.

"**Do Exército Alemão**" – XVIII, 315/320; XIX, 588/589.

"**Bombas que caíam do céu** ,... – O 1º Tenente Uehatius realiza um ataque aéreo, o primeiro do mundo" - XXVII, 541/550 – Trad:artigo de Bernhard Zerbrowski,publicado na Dia Wehrmacht, ano IV, n. 7, de 27 mar 1940.

Ataques a cavalo - XXVII 573/576 – trad: art pub na Die Wehmancht, ano IV, n. 6,13 Fev 40.

"**Motorização e guerra"** – XXVIII, 129/133 (n. Jul) – Trad: trab ten Cel von Oheimb, pub na M WBL, n. Mar 41.; , no M WBL, de 9 mai 41.

"**Contribuições para a história da guerra entre o Brasil e Buenos Aires nos anos de 1825,1826,1827 e 1828"** – XXIV, n. out, 428/435 – trad, com o título supra, de trabalho de autoria desconhecida.

"**La Lonje**" – XXXV, 8/10 (out).

"**Livros do Exército – Autores Militares**" – XXVIII, 409/418.

"O cinema a serviço de instrução e da História" ;XXVIII, 135/138 (n.Jul) – Trad: trab Gen Ludwig pub na N,WBI, n. Mar 41.

"O capacete de aço tem 25 anos" – XXVII, 369/372 (n. Ago) – trad de art em signal, 2º nº de Jan.

"**Cada qual em seu posto"** – XXVIII, 595/597 (n. Set) – Trad :Trab Dr Ellenbeck, pub na Die Wehrmacht, de 4 Dez 40.

"**Geografia e potência naval com atenção à guerra atual**" XXIX, 355/378 – Trad; Conf realizada a 28 mar 1941 pelo contra-almirante Donner no grêmio Questões de Marinha, Berlim, pub no mensário Ciência e Defesa Nacional, Mai 41.

"**Os rezingões"** – XXXVIII, 127/134 (Jan) ;103/116 (Fev) 115/128 (Abr); XXXVIII, 117/128 (Dez); XXXIX, 93/97 (Jan); XL, 17/21 (jun); XLI, 137/142 (Nov) ; 7/12 (Jun) –Trad; de Uma Legião estrangeira, de alemães a serviço do Brasil, na guerra contra rosas, em alemão 2ª edição, de autoria de Albert Schid, com um anexo int

Reminiscências e aventuras dum velho Rezingão (Brummer), por Cristovam Lenz, (que não figura na tradução), separata do sup. de A nação,

n.15683-15690, Porto Alegre, 1949, trad. essa feita na ortografia simplificada brasileira.

"**Monte Caseros e o fuzil de agulha**" XL, 7/12 (Jun); XLI, 137/142 (Nov).

"40 anos vos contemplam" – XLI, 19/22 (Out)."XXIII, 97/101"XXIII, 97/101

Foi expressiva a sua atuação com vistas a atualizar a Doutrina do Exército com o que ocorria nas doutrinas da Alemanha e França .

Possuo o Índice da **Revista A Defesa Nacional** até 1957 de autoria do Cel Francisco Ruas Santos ,o qual ele me ofertou a 2ª Via.O Comandante do Exército Gen Ex Enzo Martins Peri por sugestão do General Ex Francisco Carlos Modesto, comandante do CML, determinou que a BIBLIEX digitalizasse a **Coleção da Revista a Defesa Nacional** e a colocasse na Internet junto com um sumario detalhado na Internet, por ela refletir a evolução do Pensamento Militar Brasileiro. Enfim uma imposição da Era Digital em que vivemos!

Cândido Mariano Rondon -Marechal (1865-1958)

Marechal Cândido Mariano Rondon

O Marechal Cândido Mariano Rondon,entra nesta lista como historiador do Exército por suas **Memórias** contadas durante 8 meses a sua vizinha Ester v Viveiro e traduzidas em seu livro **Rondon conta a sua vida.** A presente abordagem transcreve Artigo de nossa autoria **Recordando O Marechal Cândido Mariano Rondon o Patrono da Arma de Comunicações no Sesquicentenário de seu nascimento em 5 maio 1865.** O Marechal Rondon foi o maior desbravador, civilizador, sertanista, bandeirante e inspetor militar de fronteiras mundiais, em terras e selvas tropicais, foi consagrado pelo Dec. 51.560, de 26 abr 1962, patrono da Arma de Comunicações, por haver chefiado a implantação, no Brasil ,de 8.000 Km de linhas telegráficas. Por quase 40 anos, este foi um fator de Integração, Unidade e Desenvolvimento, além de ser essencial ao exercício da Soberania Brasileira sobre a imensa faixa de fronteira e sobre os grandes vazios demográficos na Amazônia e no Centro Oeste. A obra de Rondon e também Patrono da Arma de Comunicações do Exército foi fundamental para apoiar a Marcha para Oeste e para o Norte, uma preocupação que vinha desde o Império, para que os vazios demográficos do Centro Oeste e do Norte fossem a cada dia mais povoados,explorados economicamente e por consequência conquistassem maior expressão política.Em virtude desse pensamento, surgiu o Projeto Rondon, que, sob a inspiração de sua vida e obra provocou, de 1968 a 1989 ,a marcha em especial para o Oeste e para o Norte, da

Universidade através de seus alunos em férias ,que conhecerem por meio de estágios de serviços as realidades brasileiras ao vivo e não na teoria . Linhas telegráficas que com seus picadões de 40 metros de largura prestariam serviços a circulação humana e de riquezas, com maior capacidade que as primitivas e 3 estreitas trilhas indígenas .Foram elas também fator de Paz Social por levarem em sua vanguarda Rondon – "O Pai Branco, " o "Apóstolo das Selvas " de nossa população indígena, por ele redimida, valorizada, protegida de massacres e explorações , compreendida e amada, fiel a seu lema – "Matar, nunca. Morrer se preciso for." Rondon como soldado, no Paraná e em Santa Catarina, teve brilhante desempenho pacificador ao evitar mal maior. Perguntado ao General Gamelin, chefe da Missão Militar Francesa (MMF) , na hipótese de uma guerra qual general seu ex-aluno que indicaria para comandar o Exército Brasileiro? Respondeu - o General Cândido Mariano Rondon! Ele soube bem conciliar a sua filosofia positivista – a Religião da Humanidade, com a profissão de Soldado do Brasil, do que deu cabal demonstração de conhecimentos como aluno da Missão Militar Francesa (MMF), nas Manobras de Saicã, em 1922; e em Pirassununga, em 1926; e na pacificação da Revolução de 1924, no Paraná e em Santa Catarina. E, como positivista , adepto da Religião da Humanidade, ao impor-se ao mundo por sua obra ciclópica, sem igual, de explorador de selvas tropicais e em favor do índio. Foi o delegado do Ministro da Guerra Pandiá Calógeras para, como Diretor de Engenharia do Exército, semear modernos e confortáveis quartéis pelo Brasil, os quais, cuidados com desvelo por seus ocupantes, há mais de 76 anos prestam valiosos serviços ao Exército . Este grande brasileiro, pelo conjunto de sua obra monumental, foi consagrado, de justiça na voz da História , pelo Povo Brasileiro, como Marechal Honorário do Exército, por decisão do Congresso Brasileiro, traduzido na Lei nº 2.409 de 27 jan 1955, além de ser dado o seu nome ao Território e atual Estado de Rondônia que ele desbravara . Em seus quase 93 anos de vida, o Marechal foi fidelíssimo ao seu pensamento: "Mais importante que a vida é o espírito com o qual a vivemos." Seu nome foi imortalizado e consagrado internacionalmente na Sociedade Geográfica de Nova York quando foi inscrito em letras de ouro sólido ao lado de outras três grandes sumidades internacionais : Amundsen - O descobridor do Polo Sul. Peary – O descobridor do Polo Norte. Byrd – O explorador que mais fundo penetrou em terras árticas . Rondon – O explorador que penetrou mais extensamente em terras tropicais Já o ex-presidente dos EUA Coronel Teodoro Roosevelt, depois de viajar pelo Mato Grosso e Amazonas guiado por Rondon, assim interpretou a sua obra em entrevista em jornal de New York : "A América pode apresentar ao mundo duas realizações ciclópicas: ao Norte o Canal do Panamá ,ao Sul o trabalho do Coronel Rondon – científico, prático e humanitário." 4 A grande e nobre aventura de sua utilíssima vida, devotada à Humanidade e ao Brasil, ele a contou a sua amiga e vizinha, a escritora Esther de Viveiros, durante quase 8 meses de convívio diário e com apoio em consulta a seus diários. O resultado foi a citada escritora traduzir seu trabalho na obra **Rondon conta a sua vida** (Rio de Janeiro: Cooperativa Cultural dos Esperantistas ,1969, de 617 páginas) . Trabalho prefaciado pela acadêmica de Letras Raquel de Queiroz que escreveu: "De

Rondon o biografado, Esther de Viveiros conta. E verão como ela conta maravilhosamente bem!"

Rondon, por sua obra em prol da Paz, ideal que esteve sempre presente e perseguido em suas atuações,foi proposto em 1957 por 15 nações para o Prêmio Nobel da Paz . Naturalidade,filiação , descendentes e primeiros tempos. Cândido Mariano Rondon nasceu em Mimoso, antiga sesmaria de Morro Redondo, próximo de Cuiabá, em 5 mai 1865, depois de esta ter sido ameaçada de ser conquistada pelos paraguaios, o que não conseguiram por ter sido barrado o seu avanço pelo Almirante reformado Leverger, em Melgaço, posição que ocupara em 20 jan 1865 . Assim, Rondon nasceu com parte de Mato Grosso invadido e sua população isolada e em pânico. Seu pai foi Cândido Mariano da Silva, falecido antes de ele nascer (no final de dezembro de 1864), quando teve lugar a invasão de Mato Grosso, ao tempo do ataque paraguaio ao Forte de Coimbra, em 29 nov 1864, Sua mãe, D.Claudina de Freitas Evangelista da Silva, faleceu quando Rondon tinha 2 anos. Órfão de pai antes de nascer e de mãe quando ainda não tinha percepção da perda, foi criado pelo avô paterno que o ensinou a ler. Aos 7 anos foi viver em Cuiabá com o tio, Manoel Rodrigues, que ficou viúvo quando Rondon tinha 9 anos. Frequentou a escola do mestre Cruz e alternava estudos com as funções de ajudante na venda do tio . A seguir ,em 1874, com 9 anos, foi cursar a Escola Pública. Concluiu o primário aos 13 anos. Daí foi para a Escola Normal que concluiu com distinção aos 16 anos em 1881. Foi nomeado professor, quando então decidiu ingressar no Exército, o que fez em 26 nov 1881, no 2ºRegimento de Artilharia a Cavalo e na qualidade de soldado com destino à Escola Militar da Praia Vermelha. Foi incluído na 4ª Bateria então comandada pelo Capitão Hermes da Fonseca, futuro Ministro do Exército e Presidente da República e atual denominação histórica da 1ª Região Militar, cujo processo tivemos a honra de sugerir e instruir historicamente. Rondon se casou em 1º fev 1992 com Francisca Xavier (Chiquita) ,aos 27 anos. Serviram-lhe de padrinhos o Cel Ernesto Gomes Carneiro, futuro herói mártir do Cerco da Lapa no Paraná, em 1893, e atual denominação histórica do 7 º BI Mtz em Santa Cruz do Sul – RS, e a viúva do General Benjamin Constant, seu antigo mestre e amigo na Escola Superior de Guerra, em São Cristóvão. 5 Deste feliz consórcio nasceram : Heloisa Aracy, em 13 nov 1892, nome homenagem à última filha de Benjamin Constant ; Bernardo Vito Benjamin,em 28 abr 1894, também homenagem a Benjamim Constant, "O fundador da República"; Clotilde Teresa, homenagem a Clotilde Devaux, ligada ao Positivismo ; Marina Sylvia ; Beatriz Emília ; Maria de Molina e Branca Luiza. Em 1969 descendiam de Rondon 30 netos e 20 bisnetos. Ao retornar aLetícia, em 1934, de sua missão pacificadora, mandou erguer com seus recursos próprios ,em Mimoso, a Escola Santa Claudina, em homenagem à mãe, e a Escola Rural Cândido Mariano da Silva, em homenagem ao pai de quem herdou o nome próprio . Da mãe herdara o sobrenome Rondon. A sua esposa Francisca assim a lembrou no Congresso, em cerimônia que o consagrou Marechal Honorário do Exército: "Vida de amor foi a de Francisca, por isso eterna, pois eterno é o viver para outrem." Formação militar e a filosófica positivista

Cursou na Escola Militar da Praia Vermelha (1883-85) o Curso Preparatório em 1883, o de Infantaria, Cavalaria e Artilharia. Por motivo de perturbações digestivas, repetiu o 2º ano em 1886 e fez o 3º ano em 1887. Em 1888 fez o Curso de Estado-Maior de 1ª Classe. Em 1889 cursou Matemática e Ciências Físicas e Naturais da Escola Superior de Guerra de onde saiu, em 8 jan 1890, com o título de Engenheiro Militar e com o diploma de Bacharel em Matemática e em Ciências Físicas e Naturais. Foi o 1º lugar do Curso em sua turma Rondon foi um fiel seguidor do Mestre Benjamin Constant, na Filosofia Positivista – a Religião da Humanidade , pregada por Augusto Comte. E, em decorrência, a favor da Abolição e da República, em cuja conspiração tomou parte com Augusto Tasso Fragoso. Isto ao servirem de ligação,a cavalo, do foco revolucionário concentrado em São Cristóvão e na madrugada de 15 nov 1889, com o Alte Wandenkolk no Clube Naval. Ao falecer, foram as últimas palavras de Rondon: **"Viva a República !"** Aliás, Rondon e Tasso Fragoso foram coerentes com as suas carreiras destinadas à Defesa Militar do Brasil e com a Religião da Humanidade, valores que conciliaram. Ambos foram profissionais militares de escol, ao contrário de muitos companheiros, que usaram a profissão militar como escada de ascensão social, e não foram fiéis a sua destinação de defender o Brasil em nome da Religião da Humanidade. Atitudes que em grande parte foram responsáveis pelo grande equívoco do ensino do Exército de 1874 a 1905 sobre a égide do bacharelismo militar que atuava preconceituosamente contra os profissionais militares chamados depreciativamente de" tarimbeiros" e os cursos militares profissionais, de" cursos alfafa". E sobre eles pesam as responsabilidades pelas tragédias da Guerra Civil (1893-95) na Região Sul, da Revolta na Armada (1893-94) e da Guerra de Canudos em 1897 , situação que Tasso Fragoso , positivista, conforme abordamos em artigo "General Augusto Tasso Fragoso " (Revista A Defesa Nacional nº 750 nov/dez 1990 p. 105/117), começaria a ajudar a reverter com sua estada na Europa para corrigir sequelas de ferimento recebido no combate da Armação em 1893 para debelar a Revolta na Armada. Isto ao constatar o enorme fosso doutrinário entre os exércitos da Europa e o do Brasil, 6 ocasião que em artigo na Revista do Brasil sugeriu a criação do Estado–Maior do Exército, o que seria concretizado pelo Ministro da Guerra General João Nepomuceno Medeiros Mallet. Iniciativa marco de uma virada de 180 graus no rumo do Ensino do Exército concretizado com o Regulamento de Ensino de 1905 ,ponto de inflexão do bacharelismo para profissionalismo militar que até hoje se sustenta e imposto em decorrência da Revolta da Vacina Obrigatória da Escola Militar da Praia Vermelha em 1904, seguida de seu fechamento e logo a seguir extinção, para ressurgir em 1906, em Porto Alegre de 1906-11, como Escola de Guerra, cujos alunos dela egressos iriam liderar a profissionalização do Exército. Constatar é obra de simples raciocínio e verificação de nosso artigo "**A Esquecida Escola de Guerra de Porto Alegre no ensino acadêmico militar do Exército de 1792-Atualidade** ." (Revista do IHGB ,155(383):423-427,jan/mar .1994)e de nosso álbum **Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas do Brasil.** (Rio de Janeiro : FHE/POUPEx . 1989) e em nosso livro **História Casarão da Várzea atual Caserna do CMPA**... .Tasso Fragoso analisou

os desvios de falsos positivistas e suas consequências para o Exército, na apresentação do clássico: **A batalha do Passo do Rosário** (Rio de Janeiro: Imprensa Militar,1922). Obra que o elevou à condição, para alguns,de "Pai da História Militar Crítica do Brasil". Vale a pena ser lida a sua apresentação! Sobre Rondon, positivista, debatemos com o Cel João Marinônio Aveiro Carneiro e muito o auxiliamos em sua obra **Filosofia e educação na obra de Rondon** (Rio de Janeiro: BIBLIEx ,1988) .Colaboração na interpretação e subsídios ao título - O Positivismo e as Forças Armadas e, em seus subtítulos: O positivismo e o Ensino Militar; A Reforma Militar; A Biblioteca do Exército e, a Formação positivista de alguns personagens brasileiros(p.38-54). Subtítulos que merecem leitura atenta de parte de profissionais militares brasileiros .Obra em cujo Posfácio a professora de Filosofia da UFRJ-UERJ Creusa Capalbo assim se expressou : "Com efeito Rondon procurou combinar o seu compromisso de militar com a Defesa da Pátria, com as ideias da Religião e da Humanidade ... E que Rondon realizou a prática humanista pregada pelos positivistas: buscar a integração dos indígenas com o Brasil em seu processo de desenvolvimento civilizatório. " A obra do Cel Carneiro ,como prefácio, reproduziu o Credo de Rondon de inspiração positivista: "Eu Creio: Que o homem e o mundo são governados por leis naturais. Que a Ciência integrou o homem ao Universo, alargando a unidade constituída pela mulher, criando , assim , modesta e sublime simpatia para com todos os seres de quem , como poverello , se sente irmão . 7 Que a Ciência, estabelecendo a inateidade (sentimento nato) do amor, como a do egoísmo, deu ao homem a posse de si mesmo .e os meios de se transformar e de se aperfeiçoar . Que a Ciência, a Arte e a Indústria hão de transformar a Terra em Paraíso, para todos os homens, sem distinção de raças, crenças, nações – banido os espectros da guerra, da miséria, da moléstia . Que ao lado das forças egoístas – a serem reduzidas a meios de conservar o indivíduo e a espécie – existem no coração do homem tesouros de amor que a vida em sociedade sublimará cada vez mais . Nas leis da Sociologia, fundada por Augusto Comte, e porque a missão dos intelectuais é, sobretudo, o preparo das massas humanas desfavorecidas, para que se elevem, para que se possam incorporar à Sociedade. Que, sendo, incompatíveis às vezes os interesses da Ordem com os do Progresso, cumpre tudo ser resolvido à luz do Amor. Que a ordem material deve ser mantida, sobretudo, por causa das mulheres, a melhor parte de todas as pátrias e das crianças, as pátrias do futuro. Que no estado de ansiedade atual, a solução é deixando o pensamento livre como a respiração, promover a Liga Religiosa, convergindo todos para o Amor, o Bem Comum, postas de lado as divergências que ficarão em cada um como questões de foro íntimo, sem perturbar a esplêndida unidade – que é a verdadeira felicidade . " Rondon ingressou na Igreja Positivista ao final de 1898, como major e como ardoroso membro na teoria e na prática positivista. A carreira militar de Rondon Praça em 26 nov 1881. Alferes - Aluno em 4 jul 1888. 2º Tenente em 4 jan 1890. 1º Ten, três dias depois, por serviços relevantes à Proclamação da República, no mesmo ato em que o Marechal Deodoro foi promovido a Generalíssimo e Benjamim Constant a general, em 7 jan 1890. Capitão graduado em 24 set 1892. Major, por merecimento ,em 8 jul 1903. Tenente-Coronel, por

merecimento, em de 5 ago 1908. Coronel, por merecimento, em 3 abr 1912. General de Brigada, em 1º jul 1919. General de Divisão graduado, em 17 dez 1923. General de Divisão efetivo, em 17 dez 1924, e reformado no mesmo posto, em 6 nov 1930, com quase 50 anos de efetivo serviço . Marechal Honorário (Lei nº 2.409, de 27/01/1955) em 5 mai 1955. Falecido em 19 jan de 1958, com 92 anos,8 meses e 14 dias. O soldado Rondon e as revoluções, tendo feito curso brilhante de atualização com a Missão Militar Francesa e, tendo como instrutor o próprio General Gamelin e além bem sucedido no comando de uma das peças de manobras nas Manobras de Saicã de 1922, Rondon foi convidado para arbitrar a veracidade ou não "com a sua consciência de homem de bem", o incidente das Cartas 8 Falsas atribuídas a Arthur Bernardes, mas ele declinou em carta ao Senador Raul Soares. Em 1922 foi convidado inclusive pelo positivista Dr. Borges de Medeiros para comandar a Revolução de 1922, o que recusou sob o argumento: "Somos positivistas e não podemos tomar parte em movimento subversivo, pois o Positivismo nos ensina que é preferível um governo retrógradoà mais progressista revolução. Aderir à Revolução é ir de encontro aos princípios que abraçamos que só visam ao bem da Pátria e da Humanidade. O Exército como o concebem os franceses deve ser o grande mudo, pronto a se sacrificar pelo bem da Nação, sem intervir em mesquinhas questões de politicagem ." De 1º out 1824 a 12 jun 1925, por 8 meses e 12 dias, Rondon exerceu o comando das Forças em Operações contra os revolucionários do Gen Isidoro Dias Lopes e com o seu QG em Ponta Grossa. Foi para ele a missão mais difícil e um drama de consciência ter de combater irmãos. Drama para o qual encontrou solução junto com a esposa depois de ser avisado pelo Major Euclides Figueiredo que o Ministro da Guerra iria convidá-lo no outro dia para a missão, decidiu com a esposa : " Que a missão era pacificadora em prol do Bem Comum e a serviço da Humanidade e assim da Pátria e da Família e que em consequência tinha obrigação de defender o Governo constituído . " Foram seus oficiais de Estado-Maior Eurico Gaspar Dutra, Aurélio Goes Monteiro que teriam grande projeção no cenário nacional e no Exército nas décadas de 30 a 50... Atuou procurando reduzir ao mínimo as consequências de a luta fratricida usar regimentos policiais da Bahia e Rio Grande do Sul e, assim, evitar lançar integrantes do Exército, uns contra os outros. A batalha maior foi em Catanduvas. Ali os revolucionários, ao comando do Capitão Nelson de Melo, foram cercados e aprisionados. Rondon forçou a Revolução a internar-se no Paraguai de onde passou para Mato Grosso ao comando do General Miguel Costa, dando origem à Coluna Miguel Costa/Prestes que passou à História, por manipulação política,como Coluna Prestes, trabalho de reparação histórica a que tem se devotado o Cel Gay Cardoso Galvão em sua obra Coluna Prestes Por quê ? lançada em 1999,com prefácios depoimentos do Gen Hélio Ibiapina Lima e do Cel Jarbas Passarinho e nosso comentário nas orelhas desta esclarecedora obra. O Gen Rondon cuidou de enviar Nelson de Melo, o futuro comandante do 6º RI, que presidiu a rendição alemã à FEB em Fornovo,e junto seus companheiros, por caminhos discretos para não serem desacatados e humilhados. Elogiou o Capitão Juarez Távora que recusou o reforço de tropas paraguaias para lutar contra o

governo brasileiro. Rondon, nesta missão, quase teve o mesmo destino, ali no Paraná, do seu primeiro chefe, o Cel Ernesto Gomes Carneiro, ferido mortalmente no Sítio da Lapa, em 1893, depois de haver cumprido a sua missão de retardar ali os federalistas, pelo tempo necessário ao governo para reforçar a frente defensiva em Itararé. 9 Os revolucionários no Paraná elaboraram um plano sinistro para matar Rondon em sua barraca. Plano a ser executado pelo célebre Ten Cabanas, da Polícia Militar de São Paulo. Ocorreu que quando Cabanas atingiu a barraca de Rondon, por obra da Providência Divina, ali não o encontrou. Foi assim que Rondon escapou ao trágico, mas heroico destino de seu amigo e padrinho de casamento e primeiro comandante na tropa, Gomes Carneiro. Antes, Rondon, por pouco, não fora morto por setas venenosas dos nhambiquaras depois da descoberta do rio Juruena, em 7 set 1913, conforme contou mais tarde. "Eu caminhava pela selva e de repente senti um vento junto ao meu rosto. Percebi que era uma seta. Uma segunda flecha roçou minha nuca. Divisei, bem próximo, dois nhambiquaras com arcos retesados prestes a desferir novas flechadas. Disparei duas vezes sem fazer pontaria e recebi uma terceira flechada. A bandoleira de couro de minha espingarda impediu que a flecha me atingisse o peito. Tratava-se de uma flecha envenenada que figura, hoje, no Museu Nacional. Os estampidos espantaram os índios. Meus companheiros queriam ir ao encalço dos nhambiquaras, mas, fiel ao meu programa de só penetrar no sertão com a paz e jamais com a guerra, não consenti na menor represália. Resolvi, pondo de lado qualquer orgulho militar, bater em retirada. Tive muita dificuldade em convencer o pessoal de que nossa missão devia ser fraternal e pacífica, nunca de guerra!" O regresso foi difícil. Gastara, na expedição, dois meses e vinte e sete dias. Percorrera 967 Km." Fala do seu competente desempenho como soldado, no combate à Revolução de 1924, o seguinte aviso do Ministro da Guerra, o Gen Setembrino de Carvalho, no Boletim de 17 ago 1924,do Departamento da Guerra : "O General Cândido Mariano Rondon, como Comandante em Chefe das Tropas de Operações contra os rebeldes no Paraná e em Santa Catarina, impôs - se a nossa franca admiração, pela capacidade de que deu provas do cabais desempenho das funções a que foi chamado a exercer, tendo realizado com inquebrantável energia cívica uma grande obra em benefício da civilização. Temos por isso de louvar, em nome do Presidente da República, esse general que acaba de enriquecer a sua fé de ofício com uma página brilhante de inteligência, cultura, iniciativa, ponderação, magnanimidade e tenacidade que o tornam incomparável Chefe Militar . " O Gen Setembrino de Carvalho o considero o Pacificador do Século XX , por haver pacificado a Revolta do Padre Cícero, no Ceará, em 1910; o Contestado, no Paraná e em Santa Catarina, em 1916; e a Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul. Chefe que 10 escolheu a dedo Rondon para pacificar a Revolução de 1924 ,também no Paraná e em Santa Catarina que ele havia pacificado 8 anos atrás . A Revolução de 30 foi encontrá-lo no olho do furacão — o Rio Grande do Sul. Foi preso em Marcelino Ramos pelo General Miguel Costa que comandara a Coluna Miguel Costa. Foi escoltado de Marcelino Ramos a Porto Alegre por juristas enviados por Getúlio Vargas. Pediu para ser preso em navio como o comandante deposto da 3ª RM, mas foi-lhe recusado,

sendo acomodado no Grande Hotel, tendo Porto Alegre por menagem. Ali se hospedavam Osvaldo Aranha e esposa que o procuraram e tudo fizeram para que aderisse à Revolução, o que ele se recusou com a mesma argumentação positivista usada em 1922. Teve então um grande choque ao ouvir que Juarez Távora havia dito a jornalistas que considerava "Rondon dilapidador dos cofres públicos, a distribuir pelo sertão bruto linhas telegráficas aos índios, para lhes servir de brinquedo e que em qualquer país civilizado e policiado, um general como Rondon estaria na cadeia." Mais tarde, em 29 mai 1956, passadas as paixões políticas, Juarez Távora se retratou em carta a Esther de Viveiros: "Esclareço que o fato de haver oposto restrição quanto à oportunidade do empreendimento (linhas telegráficas) do Marechal Rondon, não significava desapreço pelo conjunto de sua obra sertanista - e aí incluo o nobre esforço de catequese leiga de nossos índios — Rondon foi sem dúvida um pioneiro." Rondon viveu para conhecer esta retificação de Juarez Távora. Mas isto contribuiu para o pedido irrevogável de Rondon a Getúlio Vargas de reforma do Exército, respondido este, com elogios aos seus serviços. Mas aceitou dado ser pedido irrevogável. Getúlio lhe falou: "que estava em dia com o Serviço Militar no Exército, mas não com o serviço da nação que muito precisa e muito espera deles ! " Magoado, pediu que o submetessem a um Conselho de Guerra ou de Justiça para apurar quaisquer irregularidades. E aí terminou sua vida militar na Ativa. No Rio cobrou do Ministro da Guerra, Gen General Leite de Castro, o não atendimento de seu pedido de Conselho de Justiça e recebeu como resposta: "Não se constituirá nenhum tribunal, pois o mais alto tribunal da Nação que é a Opinião Pública, já o julgou general! " Rondon era então um monumento ambulante da Humanidade e do Brasil e, como tal foi cercado de todas as considerações pela Revolução de 30. E Rondon se tornaria um grande colaborador de Getúlio Vargas. Em 1942 em entrevista que solicitou ao Presidente pronunciou memorável discurso em apoio de Getúlio Vargas: 11 "Por este conduzir a Bandeira política e administrativa da Marcha para o Oeste, visando ao alargamento do povoamento do sertão e de seu aproveitamento agropecuário com fundamentos econômicos mais sólidos e eficientes. Homenagem pela sua expressão de simpatia à raça indígena e disposição de ocupar o vazio do território que permanecia despovoado.” Fez um retrospecto histórico dos modos, tempos e intensidades da Marcha para o Oeste. Comparou as ações de Afonso Pena, na liderança da Marcha para o Nordeste e Norte, com as de Getúlio para o Centro Oeste. E como sempre exaltou José Bonifácio, o Patriarca da Independência, como pioneiro da redenção do índio brasileiro, secularmente explorado e massacrado. E, em certa altura, Rondon revelou o motivo principal da homenagem: "Por o Governo atual haver praticado os seguintes atos que bem evidenciam a firme resolução de prosseguir na senda interrompida no começo de 1931: 1º - Forneceu recursos para o início da reorganização do Serviço de Proteção aos índios no corrente ano. 2 º – Criou o Conselho Nacional de Proteção aos Índios, convergente à solução do dito problema e a esse Conselho assegurou o Presidente todo o seu concurso moral e material". Principais funções exercidas por Rondon - Membro da Comissão

Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia (1890–91), sob a Chefia do Cel Ernesto Gomes Carneiro. Foi quando este colocou sob a proteção do Exército, os índios Bororós,marco inicial da saga rondoniana de proteção aos índios. - Catedrático substituto de Astronomia e Mecânica Racional da Escola Militar da Praia Vermelha, indicado pelo Gen Benjamin Constant (jun 1891 - jun 1892). - Chefe do 16º Distrito Telegráfico e Inspetor Permanente dos Destacamentos Militares ao longo da Linha Telegráfica Cuiabá - Araguaia (jun 1892-1893). Foi quando adotou o lema: "Morrer se necessário for! Matar nunca!" - Construção da Estrada Estratégica trecho Cuiabá–Araguaia, dentro do contexto de litígio entre Brasil e Argentina, sobre o território das Missões. (1893-98). - Auxiliar Técnico da Intendência Geral da Guerra (jan–jun 1899), sob a chefia do Gen Francisco de Paula Argolo. o qual, como Ministro da Guerra, iria baixar o Regulamento de Ensino do Exército de 1905, de cunho profissional. - Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso (1990-06). E quando foram estendidos cerca de 1747 km de linhas telegráficas, entre 17 estações. 12 - Chefe da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas Mato Grosso–Amazonas (1907–1909). Comissão esta que teve por núcleo principal o 5º Batalhão de Engenharia, com missões de Construção, Transporte e Vigilância. Foi escolhida como base de partida a vila Diamantino e a seguir, Tapirapuã, no rio Sepotuba, afluente do Paraguai. Foi depois de 237 dias que no dia de Natal de 1908 atingiram o rio Madeira, ocasião em que Rondon, exultante, mandou seu corneteiro dar o toque:- Viva o 5º Batalhão de Engenharia . - Diretor do Serviço de Proteção dos Índios e Trabalhadores Nacionais (1910-13), Serviço criado em 20 jun 1910. - Comissão de Acompanhamento do Cel Teodoro Roosevelt, ex-presidente dos EUA, ao Centro Oeste e Amazonas (out 1913–30 abr 1914). Viagem imortalizada nas obras do Cap Amílcar de Magalhães Pelos sertões do Brasil e Impressões da Comissão Rondon e da do Coronel Teodoro Roosevelt nos EUA – Nas selvas do Brasil. - Construção da Linha Telegráfica Cuiabá a Santo Antônio do Madeira, em Rondônia atual (mai 1914–1º jan 1915), com 1490 Km e 20 estações, a qual ele executaria a conservação até 1930. - Campanha sertanista (1915–19), acumulando a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas e o Serviço de Proteção aos Índios. A partir desta Campanha, Rondon acumulou, por muitos anos, a Construção de Linhas Telegráficas com o Serviço de Proteção dos Índios - Diretor de Engenharia do Exército e Chefe das Linhas Telegráficas (20 set 1919–1924). Neste espaço de tempo foi chamado ao Rio, atendendo a pedido do Rei Alberto da Bélgica e da rainha, interessados em conhecer sua obra. Rondon fez ao rei da Bélgica e esposa minucioso relato de sua atuação, sendo condecorado com a comenda da Ordem do Rei Leopoldo, a maior da Bélgica. Serviu na Missão Militar Francesa a partir de 30 set 1921 como estagiário, devotado e admirado, sendo apontado pelo General Gamelin chefe da Missão ,como um general a comandar o Exército em caso de um conflito. - Inspetor das Obras Contra as Secas no Nordeste (25 out–30 nov 1922), quando produziu relatório em que assinalava, como uma das causas das secas, a desertificação promovida pelo homem através do desmatamento. Tese que era defendida nos anos 1970 pelo Dr.Vasconcelos Sobrinho, professor da Universidade Federal

Rural de Pernambuco, em obra específica. Ele dizia que o rio São Francisco, que atravessava uma região desertificada pelo desmatamento e pecuária, não podia servir a três senhores a um só tempo: a irrigação , a geração de energia e a navegação, se não fosse reflorestada a região por ele atravessada . Ação esta, pelo simples descanso temporário de suas terras de atividades pecuárias e, em especial, de muares e caprinos. A vegetação para ele abrigaria, no conjunto de suas raízes, verdadeiras represas a alimentar a perenidade dos afluentes do rio São Francisco, ao contrário das represas a céu aberto, no curso do rio, que possuíam elevado nível de evaporação. 13 - Comandante das Forças em Operações no Paraná e Santa Catarina, com QG em Ponta Grossa, para combater os revolucionários de São Paulo ao comando do Cel Isidoro Dias Lopes (out 1924–17 dez 1925). - Inspetor de Linhas Telegráficas (1926), voltado para levantar a Carta de Mato Grosso, ocasião em que tomou parte ativa nas Manobras de Quadros do Estado – Maior do Exército em Pirassununga – SP. - Inspetor de Fronteiras de 15.000 Km delas por 4 anos (1927–6 nov 1930), tarefa que lhe consumiu na 1ªpartida de 257 dias, sendo 10.702 Km por água; 1801 em lombo de cavalo; 2.917 em automóvel e 1816 em ferrovia, num total de 17.316 km . Foi esta a sua última missão no Serviço Ativo, pois a Revolução vitoriosa de 1930, como figura expressiva que ele fora da República Velha, causou-lhe sérios aborrecimentos, levando-o a pedir transferência para a Reserva. Foi reformado como general de Divisão, posto máximo no Exército de então, em 6 nov 1930. - Inspetor de Fronteiras (mesmo já reformado), tendo elaborado muitos preciosos relatórios, e Chefe da Comissão Telegráfica (1931–jun 1934), por insistência de Getúlio Vargas. - Presidente de Comissão Mista: Peru, Colômbia e Brasil (jun 1934 – 4 ago 1938) com vistas ao cumprimento do Tratado de Paz entre o Peru e Bolívia. Desta missão retornou com a perda de uma vista pelo glaucoma e a outra com reduzida visão. - Presidente do Conselho Nacional de Proteção ao Índios (1939–55), por cerca de 15 anos até falecer, cego e viúvo. A projeção da obra ciclópica de Rondon, foi um profissional militar com relevante atuação no episódio de 15 de novembro de 1889. Foi aluno destacado da Missão Militar Francesa em 1921; o Comandante das Forças em Operações no Paraná e em Santa Catarina contra a Revolução de 1924; o semeador de linhas e estações telegráficas no Centro Oeste e na Amazônia, que integraram estas regiões entre si e ao restante do Brasil. Linhas de projeção estratégica na defesa da fronteira em Mato Grosso, ao ligar as localidades fronteiriças de Forte de Coimbra, Porto Murtinho, Bela Vista, Corumbá e Cáceres com o Rio de Janeiro. Foi o implantador de modernas casernas e obras militares pelo Brasil afora, as quais somaram mais 86 concluídas em sua administração e 36 em vias de conclusão ao final de sua administração, além da aquisição de 25 imóveis .Entre as obras espalhadas pelo Brasil, sob a direção técnica de Rondon, registrem-se os prédios do atual 1º BPE, construído para ali funcionar a ECEME, o quartel da EsAO, o da ESA, o da antiga Escola de Veterinária e um sem número de quartéis tipo Calógeras, como os de Pouso Alegre e o do 4º BE Cmb em Itajubá, que tivemos a honra de comandar de 1981 a 1982 e cujos registros assinalam a visita de Rondon em 14 out e em 15 dez 1922, um domingo, e ambas para inspeção das obras executadas pela

Companhia Construtora de Santos presidida por Roberto Simonsen . A última visita, para agradecer a colaboração do Batalhão que enviara elementos de Comunicações para o apoiar, no Paraná, no combate a Revolução de 1924, nas cabeceiras do rio Liso. Batalhão cujo comandante Major Volmir 14 Augusto da Silveira registrou em Ordem do Dia de 7 set 1922 – Centenário da Independência. "A situação do Exército do ponto de vista da eficiência é florescente. Aí estão : A sua organização, à moderna, para a paz e para a guerra ...o seu aquartelamento em casernas higiênicas, confortáveis e ricas de conforto..." Esta situação de novos quartéis, iniciados pelo Ministro Marechal Hermes, teve grande impulso com o Ministro Pandiá Calógeras, ao entregar a direção técnica a Rondon . Rondon, quando aluno da Missão Militar Francesa, teve como seu instrutor o próprio chefe da Missão, o General Gamelin, herói da 1ªGuerra Mundial. Foi quando surgiu uma amizade e admiração recíprocas, ao ponto de Rondon visitar Gamelin em sua casa e ver o seu retrato de consagrado sertanista na sala do mestre.Rondon foi um dos comandantes de uma das peças de manobra das célebres Manobras de Saicã de 1922 e nas de Pirassununga em 1926. Quando perguntado ao Gen Gamelin,em caso de uma guerra, quem ele indicaria para comandar o Exército Brasileiro, ele respondeu que indicaria o General Rondon. E acreditamos que tenha seu dedo a indicação de Rondon ao Ministro da Guerra, para pacificar o Paraná e Santa Catarina, em 1924. Rondon foi defensor e protetor dos índios, atuando como paladino da preservação de suas culturas, desde que o Coronel Gomes Carneiro, seu chefe, decidiu colocar os índios sobre a proteção do Exército, durante os trabalhos de construção da linha telegráfica, ocasião em que ameaçou com castigos quem praticasse atos hostis contra os índios. E isto, por insistência de Rondon que ficou muito triste, na medida que se internava no sertão, constatar o estado de abandono em que viviam os índios, isolados do resto do Brasil e vistos como inimigos, ou vivendo como escravos a serviço do branco dominador e cruel. Foi aí que decidiu, por volta de 1890, reverter esta situação e nela se empenhou a fundo por 68 anos, fazendo dela o norte de sua luta pela Humanidade e pelo Brasil. Ao ser encarregado pelo Presidente Afonso Pena para ligar pelo telégrafo Mato Grosso ao Amazonas, impôs como condição para aceitar o desafio: autorização presidencial para que as populações indígenas encontradas ao longo da construção da ligação telegráfica fossem colocadas sob a sua proteção, o que foi aceito. Rondon considerava os índios como pessoas humanas, com direitos de liberdade e prosperidade. Índios que por suas inteligências poderiam evoluir gradualmente para estágios mais adiantados, pela adaptação de seus costumes primitivos às vantagens da civilização de habitação, alimentação e uso de novas técnicas e ferramentas. Sua teoria foi incorporada em 1910 com o então criado Serviço de Proteção dos Índios e dos Trabalhadores Nacionais, o SPI de que foi o 1º primeiro presidente e que fez a aproximação, a pacificação e a integração dos índios à sociedade brasileira. Serviço no qual, com o nome de SPI e CNPI esteve à frente de 1939 a 1955, até findar os seus dias. Serviço hoje com o nome de Fundação Nacional do Índio – FUNAI. Como explorador e descobridor de milhares de inéditos exemplares botânicos, em mais de 40 anos percorrendo nossos sertões, a Rondon deve-se a

descoberta inédita de 158.000 exemplares de vegetação, 6.000 exemplares zoológicos, bem como centenas de exemplares mineralógicos reunidos em precioso e bem cuidado acervo, espalhados em locais e enumerados em conferência do Dr. Alípio de Miranda Ribeiro no Jornal do Comércio, (Rio de Janeiro 23 mar 1916), sob o título de "Trabalhos de Campo publicados sobre Mineralogia, Geologia, Botânica, Antropologia e Zoologia "conferência que proferiu no Museu Nacional ,em 26 mar 1916. Rondon e seus comandados fizeram numa área de 50.000 Km quadrados completos levantamentos topográficos, geográficos, etnográficos, linguísticos e zoológicos. Como Inspetor e demarcador de nossas fronteiras, com a missão de nelas proceder minuciosa inspeção, para avaliar as suas condições de povoamento, de segurança e de soberania, plantaram, do Oiapoque ao Chuí, em 3 campanhas, marcos de afirmação da soberania do Brasil, complementando a obra dos desbravadores, fronteiros, militares e diplomatas brasileiros, durante mais de 3 séculos de História do Brasil. Para se ter uma ideia, na 1ª Campanha, ela consumiu 257 dias contínuos. Os inspetores e demarcadores percorreram 10.702 Km por água; 1801 Km a cavalo; 2.917 de automóvel e 1.896 por ferrovia, num total de 17.316 Km percorridos. Somente para reconhecimentos no Pará e Amazônia foram percorridos 12.140 Km. Rondon cumpriu fielmente a missão e dela deixou preciosos relatórios muito bem documentados, inclusive fotograficamente, os quais, em grande parte, os encontrei como adjunto da Comissão de História do Exército do Estado–Maior do Exército,(CHEB/EME) em Brasília, em 1971/74. Esta missão inspetora se transformou igualmente em instrumento de boa vizinhança com os países fronteiros do Brasil. Como geógrafo, Rondon levantou a carta de Mato Grosso e a do extremo norte em território limítrofe com Guiana Francesa e Alto Rio Branco, na escala 1/500.000. Em relação a Mato Grosso pouco teve de realizar o Serviço Geográfico na Carta Geográfica do Brasil iniciada em 1903. Em todas as comissões construtoras de linhas telegráficas, Rondon, paralelamente, fazia levantamentos topográficos e geográficos com vistas a corrigir nas cartas locais locados com imprecisões . Como acompanhante do Presidente dos EUA Cel Teodoro Roosevelt em viagem de estudos, através de Mato Grosso e Amazonas, de 12 dez 1913 a 30 abr 1914, Rondon foi secretariado pelo Cap Amilcar Botelho de Magalhães que escreveria três livros sobre o feito, como os já citados e, mais, A Obra Ciclópica do General Rondon (Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1956). O grande objetivo fora o reconhecimento do rio de Dúvida, que Rondon batizou de rio Roosevelt e um afluente dele de Alfredo de Taunay. Nesta penosa jornada gastaram 59 dias para percorrerem 686 Km. Roosevelt emitiu o seguinte conceito sobre Rondon em seu livro citado: "O Coronel Rondon tem, como homem, todas as virtudes de um sacerdote. É um puritano de uma perfeição inimaginável na época moderna. 16 Como profissional e cientista de escol, tão grande é o conjunto de seus conhecimentos que se pode considerar o Coronel Rondon um sábio... Nunca vi, nem conheço obra igual. Os homens que junto com Rondon a estão realizando, são, pela sua abnegação e patriotismo, os maiores que existem...!" Olintho Pillar, em seu clássico **Os Patronos das Forças Armadas** (Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1982), assim se referiu à obra de Rondon: "

Trinta anos em plena selva consolidaram a personalidade de Rondon, esse esclarecido soldado, geógrafo dinâmico, redentor do índio, bandeirante do século XX, apóstolo da paz, um dos filhos prediletos do Brasil, cujos sertões e florestas por ele desbravados servem hoje de pedestal a sua glória imperecível." Usando a linguagem indígena corrente no Rio Grande Sul, o classificamos como o maior Tapejara de todos os tempos no Brasil. Tapejara no sentido de conhecedor de caminhos. O conjunto de sua obra ciclópica Rondon a mandou publicar, como Presidente do Conselho Nacional de Proteção aos Índios (CNPI). Levantamento do resultado de pesquisa feita por seu secretário no CNPI Cel Amílcar Armando Botelho de Magalhães e do Cel Francisco Jaguaribe Gomes de Matos, Chefe do Serviço de conclusão da Carta de Mato Grosso. Levantamento este, cujo original integra o acervo do Museu Histórico do Exército no Forte de Copacabana . MINISTËRIO DA AGRICULTURA/CNPI. Catálogo geral das Publicações da Comissão Rondon e do Conselho Nacional de Proteção dos Índios . Rio de Janeiro :Departamento de Imprensa Nacional,1950. O Coronel João Marinônio Aveiro de Carneiro em Filosofia e Educação na obra de Rondon citado, relaciona e descreve, ao final, o conteúdo de 49 publicações relacionadas com a obra de Rondon. Com estas indicações pode o leitor e o pesquisador interessados resgatar os mais variados aspectos da obra de Rondon. A consagração de Rondon O Marechal Rondon foi agraciado pelo Exército com a Medalha Militar de Ouro passador de platina por mais de 40 anos de Bons Serviços e com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Militar. Foi distinguido nacionalmente com a Medalha de Ouro Mérito da Sociedade Geográfica Brasileira e Medalha da Colônia de Mato Grosso no Rio de Janeiro. Foi distinguido, fora do Brasil, com a Grã Cruz da Legião de Honra da França, da Ordem do Mérito da República da Itália e da Ordem Isabel a Redentora de Portugal. Grande Oficial da Ordem do Sol do Peru, da Ordem Boyacá da Colômbia. Comendador da Ordem La Couronne da Bélgica e medalhas Crevaux da Sociedade Geográfica de Paris e, de bronze do Clube de Exploradores dos EUA. 17 Hoje o nome de Rondon é reverenciado das mais diversas formas. Se constituiriam em livros numerosos as apreciações da vida e obra de Rondon. Delas selecionamos a do acadêmico da ABL,Alcides Maya, filho de São Gabriel e a quem se deve, em grande parte, a denominação de São Gabriel a **Atenas Brasileira** ,como também de **A Terra dos Marechais** e autor do clássico **Tapera** de contos regionais gaúchos (Rio de Janeiro: Garnier,1913). "Na obra de Rondon tudo me comove. Não vejo apenas o deserto que ele devassa nas jornadas que empreende. Não me seduz o horizonte que desenha o seu arco. O que me fascina é o seu espírito, o seu princípio de amor, a sua violência de amor. Rondon é uma energia de coração. Rondon é um apóstolo. Que lhe importaria vencer o sertão deserto, se, com ele, não viessem para nós as almas rudes? Que importariam a árvore, a cachoeira, a flecha homicida, a febre se, depois de afrontar o ermo, ele não trouxesse para a civilização os extraviados da selva? A medida de sua obra é a felicidade do homem ...." Ainda do ex-presidente dos EUA Cel Teodoro Roosevelt: "Rondon não é apenas um oficial e gentleman brasileiro, como os que mais o são, nos mais bem organizados exércitos do mundo. É também excepcional, audaz e competente explorador, ótimo naturalista,

cientista, estudioso e filósofo. Com ele a conversa vai da caçada de onças e dos perigos da exploração do sertão à antropologia indígena. Dos perigos da civilização industrial, puramente materialista, à moralidade positivista. O Positivismo do Coronel Rondon é realmente a Religião da Humanidade. Doutrina que o impele a ser justo, bondoso e útil, a viver corajosamente a sua vida e, com igual bravura afrontar a morte ...." O poeta Coelho Neto, sobre a obra de Rondon e de seus colaboradores, escreveu : "Tudo lhes era adverso. Mas a voz enérgica do chefe, cada qual dava conta do que fizera. E desse herói Rondon que regressa do deserto, desse civilizador e pacificador, semeador de povos que serão cidades, plantador de roças que serão lavouras, dirão mais tarde as gerações brasileiras agradecidas repetindo o poeta: Tu cantarás na voz dos sinos, nas charruas, No esto da multidão, no tumultuar das ruas, No clamor do trabalho e nos hinos da paz ! E subjugando olvido, através das idades, Violador de sertões, plantador de cidades, Dentro do coração do Brasil viverás..." Projeto Rondon – a consagração universitária de Rondon Em 28 jun 1968, por Decreto Presidencial nº 62.927, foi criado em caráter permanente o Grupo de Trabalho Projeto Rondon, subordinado ao Ministério do Interior, 18 com a finalidade de promover estágios de serviço para estudantes universitários, objetivando conduzir a juventude a participar do processo de integração nacional . E por mais de 20 anos, atuou , até a sua extinção, por Medida Provisória nº 28 de 1989, promulgada pelo Senado como Lei nº 7.732, em 14 fev 1989 já como Fundação Projeto Rondon . E neste espaço de tempo, os universitários se interiorizaram no Brasil conhecendo as suas realidades e ajudando as populações de diversas formas Tivemos a oportunidade de idealizar o 1º Projeto Rondon na área cultural e coordenar pelo Exército o então Projeto Rondon dos Guararapes, em 1970, em que solicitamos estudantes de História, Biblioteconomia etc, recrutados em todo o Brasil, os quais, ao lado de 3 cadetes da AMAN, foram encarregados de fazer um levantamento histórico dirigido da Insurreição Pernambucana, com vistas à construção do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, cujo planejamento , construção e inauguração coordenamos. Parque que foi inaugurado em 19 abr 1971 pelo Presidente Emílio Garrastazu Médici. E tanto se aplicaram na pesquisa que conseguimos com a SUDENE que publicassem uma obra coletiva que foi chamada **O Projeto Rondon nos Guararapes** patrocinada pelo MINISTÉRIO DO INTERIOR e prefaciada pelo Gen Ex João Bina Machado, Comandante do VI Exército. Na inauguração do Parque, os estudantes retornaram cada um trazendo a bandeira de seu estado que foi hasteada ao lado das bandeiras do Brasil e de Portugal. A última hasteada por um cadete de Engenharia do Exército de Portugal mandado para este fim . Coordenamos pelo Exército, como adjunto da Presidência da Comissão de História do Exército do EME, o **Projeto Rondon Arquivos 1.** Consistiu na formação de monitores preparados pelo Coronel Francisco Ruas Santos e vindos de todo Brasil. Ao retornarem, lideraram estagiários do Projeto Rondon para avaliarem os arquivos oficiais em todo o Brasil, alertando da importância dos mesmos para a formação da consciência da identidade e da perspectiva histórica do Brasil, por integrarem o grande conjunto das fontes primárias da Memória Nacional. Como homenagem a Rondon e seus

bravos colaboradores, falta ser contada em filmes, pela TV, toda trajetória vivida por este ilustre brasileiro, Trajetória esta que a Humanidade deve ter conhecimento uma vez que ela servirá como lição preciosa às futuras gerações. Filmes que resgatem e divulguem " As ilíadas e odisseias cívicas , sepultadas nos relatórios da Comissão Rondon, nos quais a grandeza do Brasileiro apresenta fulgores incomparáveis, e tudo feito com a modéstia e a simplicidade de gente para quem o heroísmo e o sacrifício da vida em serviço da Pátria são ato banal e corriqueiro." Marechal Rondon o Patrono da Delegacia da FAHIMTB em Santo Angelo RS, sede do 1º Batalhão Divisionário de Comunicações, o Guardião do Museu particular do Marechal Rondon**.** Escrevemos a História desta Unidade em parceria como o Cel Luis Ernani Caminha Giorgis. No livro 3ª Divisão de Exercito Divisão Encouraçada Bicentenário . Resende:AHIMTB, 2008. 19 P.246/249.Unidade originária da 1ª Companhia de Transmissões da 1ª Divisão Expedicionária, oriunda da Companhia Escola de Comunicações que integrou o efetivo brasileiro na Italia no 1º semestre de 1945, participando ativamente das ações decisivas de Monte Castelo e Castelnuovo e, na Ofensiva para as conquistas de Montese e Zocca. O 1º B Com Ex instalou-se em Santo Angelo em 1º de fevereiro 1993 em muito concorrida cerimônia militar. Detalhes Marechal Rondon o Patrono da Delegacia da FAHIMTB em Santo Angelo RS, sede do 1º Batalhão Divisionário de Comunicações, o Guardião do Museu particular do Marechal Rondon. Escrevemos a História desta Unidade em parceria como o Cel Luis Ernani Caminha Giorgis. no livro **3ª Divisão de Exercito Divisão Encouraçada Bicentenário** . Resende:AHIMTB, 2008. P.246/249 do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul. Obra disponível em livros para baixar no site www.ahimtb.org.br e no Google. Unidade originária da 1ª Companhia de Transmissões da 1 Divisão Expedicionária , oriunda da Companhia Escola de Comunicações , que integrou o efetivo brasileiro na Itália, no 1º semestre de 1945, participando ativamente das ações decisivas de Monte Castelo e Castelnuovo e, na Ofensiva pára as conquistas de Montese e Zocca . O 1º B Com Ex instalou-se em Santo Ângelo em 1º de fevereiro 1993 em muito concorrida cerimônia militar. Detalhes em 2009, no Comando do Cel Claudio Alfredo Dornelles e a seu convite lá estivemos para empossá-lo como Acadêmico da então AHIMTB e também seu Delegado da Delegacia da AHIMTB Marechal Candido Mariano Rondon para tentar-se fazer frente ao culto ao índio Sepé Tiaraju como herói nacional que foi instrumento dos jesuítas para se oporem as soberanias do reinos de Portugal e Espanha que haviam decidido trocar os Sete Povos das Missões, a ser povoado por casais de açorianos para ali enviados por Portugal, por Colônia do Santíssimo Sacramento portuguesa que passaria daí por diante para Espanha, pondo fim a uma disputa militar e diplomática que se arrastava por70 anos. Em razão desta intervenção dos jesuítas, não foi cumprido o Tratado de Madrid, foi eliminada expressiva parcela da população masculina de índios missioneiros que enfrentaram tropas de Portugal e Espanha em diversos encontros e, índio Sepé Tiaraju, foi morto em São Gabriel atual pelo então Governador de Montevidéu.Em decorrência disto Espanha e Portugal expulsaram os jesuítas de seus domínios na America do Sul.O culto a lendária memória de Sepé Tiaraju que enfrentou as

soberanias de Espanha e Portugal na Guerra Guaranítica. Virou “História”. Soberania herdada pelo Brasil em sua Independência, mas afrontada pela lenda de Sepé Tiaraju e seu bordão. “Esta terra tem dono”,usada politicamente pelo MST e inclusive em blindados do Exército Brasileiro (Fonte Artigo do Cel Claudio Moreira Bento)

Carlos de Meira Mattos -General (1913-2007)

General de Divisão Carlos de Meira Mattos
Veterano da FEB

Existe um escritor e historiador Sul-Africano STUART CLOETE, que deu um dos melhores relatos da guerra do Zulus, nos 90 anos até 1888, entrelaçando-o com a vida de um elefante. Mais surpreendente que esta relação com o animal é que os Zulus chegaram a ter mais de 100 mil homens em armas e impuseram uma das maiores derrotas ao exército imperial inglês em Isandhlwana.

Ao falar sobre o elefante, STUART CLOETE, diz que se pode discorrer sobre todos os dados físicos e fisiológicos de um animal e, até apresentar a equação matemática da curva de suas presas e muito pouco será dito de sua vida.

Podemos alinhar todas as datas, postos, comandos e mesmo as ações de um chefe militar e também muito pouco oferecer para que se conheça a sua vida.

Apresentar a vida do Gen. CARLOS DE MEIRA MATTOS na sucessão de datas, dos postos militares e dos comandos exercidos, dos trabalhos realizados tanto no âmbito militar não dará todo o significado do que foi a sua vida.

Ter nascido em 1913 lhe permite sair da Escola Militar de Realengo em 1936 e servir como Tenente e como Capitão com o então, Gen. JOÃO BAPTISTA MASCARENHAS DE MORAES e esta sucessão de fatos o leva a FEB na Itália, já tendo participado de sua organização no Brasil.

A FEB, como uma Divisão de Infantaria nos moldes do Exército Norte-Americano dentro do qual se incorporava, compreendia 25 mil e tantos brasileiros e o Gen. CARLOS DE MEIRA MATTOS estava em condições de apreciar o que representava este fato e de fazer uma tomada de consciência de qual era a posição do Brasil.

O fato primordial não era tão somente os dados quantitativos que exprimia a posição socioeconômico do Brasil, mas a pouco ou nenhuma participação do Brasil até então no mundo, e vem a Segunda Guerra Mundial e mostra que o Brasil tinha em suas mãos o controle do Atlântico Sul e todo o acesso que este

garantia a uma enorme porção do globo.

Como Capitão e em função próxima a do Comando na Itália, pôde apreciar a lógica fria mas inegável de que a guerra tem que ser lutada no território do inimigo. A guerra moderna é por demais destrutiva para que nós possamos dar a veleidade de permitir que ela venha a ser lutada dentro do nosso território.

No comando de uma missão de paz na República Dominicana tem a oportunidade de verificar como o mundo se tomara um único mundo e sua vida profissional militar tendo de pensar no Brasil dentro do mundo. E sua participação é constante em conferências e seminários em toda a América do Norte e do Sul.

Os postos militares exigem um condicionamento físico que impõe faixas etárias regidas e sua carreira militar tem um final em função da cronologia de seu corpo em 1977.

Atingia os 64 anos, mas a sua capacidade mental e física ainda era plena e continua o ciclo de participação em reuniões, conferências e seminários no Brasil e no exterior.

Como prova maior desta capacidade, em 11 de março de 1993, faz a defesa de sua tese de Doutor em Ciências Políticas, na Universidade Mackenzie, onde ainda hoje leciona, perante uma banca presidida por GILBERTO FREIRE.

O Gen. MEIRA MATTOS torna-se ao longo de uma profícua atividade de historiador, membros dos principais institutos de História e de História Militar vindo hoje a ocupar a cadeira que tem como patrono o Marechal JOAO BAPTISTA MASCARENHAS DE MORAES, nesta nascenteAcademia de História Militar Terrestre do Brasil.

Ao falar do Gen. CARLOS DE MEIRA MATTOS como Historiador, tenho, embora me doa, como seu apresentador nesta Academia de História Militar, reconhecer que este militar se vê sempre mais dedicado a participar da história do que escrevê-la ou estudá-la. Como todo cabo de guerra que pretende as funções de Oficial-General sabia que precisava conhecer a história para poder agir na amplitude que suas ações requeriam,mas o Gen. MEIRA MATTOS foi obrigado a ir adiante e é chamado em função de sua capacidade administrativa para Vice-Presidência da Montreal Empreendimentos S/A e completava desta forma a ambiência da sua carreira.

Começamos então a ver a motivação premente que levou o Gen. MEIRA MATTOS a escrever sobre história e a necessidade de transmitir o que viu, o que aprendeu e o que ajudou ‘a realizar para uso.das gerações que virão e, na maioria das vezes, se prende as questões de segurança internacional em especial das Américas.

Este apresentador é contemporâneo do Gen. MEIRA MATTOS, nas décadas de vida que ambos acumulamos a diferença inferior a uma década não mais é significativa, e a sua carreira inteiramente na vida civil, salvo o período em que também participou da Força Expedicionária Brasileira, e o tempo que dedicou ao estudo da História Militar, em especial da correlação da Historia Militar com a História do desenvolvimento tecnológico e permitem uma visão bem nítida da função que o Gen. MEIRA MATTOS cumpriu na vida do Brasil nestes 3/4 de século.

O Gen. CARLOS DE MEIRA MATTOS fez sua vida num Exército Brasileiro

que teve que despertar para uma realidade que no mínimo era amedrontadora não podia deixar de participar de ações de guerra, já que mesmo as missões de paz teriam que se apoiar no poderio bélico das forças que a constituíam, e estar preparada para estas funções.

O Gen. MEIRA.MATTOS também viu que o Exército como as demais Forças Armadas, eram a projeção com capacidade bélica do poderio econômico e industrial do **País,** como é o mais importante do seu potencial humano.

O Gen. MEIRA MATTOS viu que existia uma imensa missão a cumprir para que o Brasil, a quem servia e ainda serve, pudesse cumprir as funções que lhe cabem no cenário mundial. E sendo um homem de tendência para realizador dedicou-se a concretização do que era e é preciso fazer.

Mas, nesta nascente Academia de História Militar, egoisticamente, mas olhando o futuro, desejamos de todo o coração de o Gen. CARLOS DE MEIRA MATTOS se permita dedicar mais tempo a História Militar.

General Meira Matos em seção da AHIMTB no IME quando foi agraciado no Grau de Comendador com a medalha do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil ocasião que doou a AHIMTB um CD com Canções Militares. A nossa direita o acadêmico Gen Ex Jonas de Moraes Correia Neto Ex Ministro Chefe do EMFA e a nossa esquerda o Gen Gleuber Ex Ministro e também Comandante do Exército.

Sobre o General Meira Mattos com o qualmantivemos amizade desde 1971 ;E estudou no Colégio Nª. Sra. do Carmo dos Irmãos Maristas em São Paulo-SP. Aos 19 anos lutou como revolucionário paulista na Revolução de 1932. E no ano seguinte ingressou, em março, na Escola Militar de Realengo, sendo declarado Aspirante a Oficial em janeiro de 1939. Em 1940-41 foi instrutor da referida Escola sendo promovido a capitão em setembro de 1942. Integrou o Estado-Maior da FEB como oficial de ligação da FEB com o IV Corpo de Exército dos EUA, tendo tomado parte no Combate de Monte Castelo como comandante da 2ª Cia/1º Btl

do 11º RI. Ao retornar ao Brasil integrou Comissão de Repatriamento dos nossos mortos na FEB. Foi Instrutor Chefe do Curso de Infantaria da atual AMAN. Em 1946 cursou a ECEME. Promovido a major, foi instrutor da ECEME, 1951-54, sendo a seguir nomeado Adido Militar na Bolívia. Promovido a Tenente-Coronel, em abril de 1957. Foi nomeado instrutor da ECEME e cumulativamente, a partir de 1959, instrutor de Geopolítica da ECEM da Aeronáutica. Foi Oficial de Gabinete do Ministro da Guerra General João Segadas Viana de1961- 62.E, neste último ano, Chefe da 2ª Seção do EME. Promovido a Coronel em agosto de 1963, foi comandar em 1964, o 16° Batalhão de Caçadores em Cuiabá, tendo participação destacada na Contra Revolução de 1964. Meira Matos assumiu o cargo de interventor de Goiás sendo substituído cerca de 2 meses após por governador eleito pela Assembleia Legislativa. Depois foi nomeado subchefe de Gabinete Militar do presidente Castello Branco. A seguir comandou o Destacamento Brasileiro — o FAIBRAS, da Força Interamericana da OEA na República Dominicana. E ao retornar desta missão comandou o Batalhão de Polícia da Capital Federal, sendo que em 19 de novembro, depois da decretação do AI 2, recebeu ordem de cercar o Congresso para dele retirar deputados cassados, oportunidade em que teve áspero e rápido diálogo com o Presidente da Câmara. Em 1967, o Coronel Meira Matos cursou a ESG e nela ocupou o cargo de Adjunto para Assuntos Militares, foi quando o conheci como aluno do 1ºano da ECEME, ao ir a sua casa solicitar um trabalho de Geopolítica, para um amigo do Sul, que se preparava para a ECEME, o então Major de Engenharia Roberto Martinez. E fui muito bem atendido. Ele já era um nome famoso na Força. De 11 de janeiro de 1967 a 8 de abril de 1968 presidiu comissão para emitir parecer sobre reivindicações estudantis, tendo produzido o Relatório Meira Mattos com diversas sugestões para melhorar o Sistema Educacional Superior no Brasil. Ano de 1968 assinalado por graves agitações estudantis pelo mundo e em especial na França. Promovido a General de Brigada foi nomeado comandante da AMAN em 1969, ano em que concluímos a ECEME. Em 71 foi comandar em Natal-RN a 7ª Brigada de Infantaria. Foi quando teve início nossa amizade com o ilustre casal. Dele havia recebido grande estímulo, através de carta que nos enviou Natal, que fez sobre nosso livro lançado na inauguração do Parque Nacional dos Guararapes em 19 de abril de 1971, **As Batalhas dos Guararapes — análise e descrição militar**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco,1971. Em carta que nos enviou deu-nos este grande incentivo:

"Li de um só fôlego e com apurado interesse seu livro **As Batalhas dos Guararapes análise e descrição militar**. Penso que nesta obra o senhor se consagrou definitivamente como historiador militar. O livro é um primor de clareza e objetividade. As descrições são escorreitas e nítidas. A análise sempre séria e bem fundamentada em sólidos conhecimentos históricos e profissionais. As conclusões abalizadas. Os esboços anexos fornecem uma ajuda extraordinária aos estudiosos de História Militar. São esboços falantes e ajudam na compreensão topo tática das situações vividas... A força de sua pesquisa meticulosa repõe na história, no lugar que ele ocupou nos acontecimentos, esse soldado regular, um dos poucos profissionais entre tantos guerreiros formados na

necessidade da luta - o Sargento-Mor Antônio Dias Cardoso.” (carta de Natal de 10 jun 1971). Noutra oportunidade a seu pedido e D. Serrana, os guiei em visita ao Parque Histórico Nacional dos Guararapes, com seus interesses, em especial pelo monumento a FEB que construímos com apoio da Prefeitura de Recife, contendo estes palavras do Marechal Mascarenhas ao ali depositar os louros da vitória da FEB na Itália, creio que com sua participação na redação das mesmas, pois sabe-se que ajudou o Marechal a redigir e organizar suas **Memórias**, tornando-se mais tarde o seu biógrafo, em dois volumes editados pela BIBLIEx. E foram estas palavras do Marechal Mascarenhas ao depositar os louros da vitória da FEB nos Montes Guararapes e que foram colocadas em bronze no citado monumento.

“**Nesta colina sagrada, na batalha vitoriosa contra o invasor, a força armada do Brasil se forjou e alicerçou para sempre a base da Nação Brasileira. Daqui ela partiu e já atravessa mais de 3 séculos a Monte Castelo, Castelnuovo, Montese e Fornovo. Na qualidade de comandante da FEB deponho no Campo de Batalha de Guararapes, os louros que os soldados de Caxias alcançaram contra tropas germânicas nos campos de batalha do Serchio, dos Apeninos e do Vale do Rio Pó.”**

Ele e o General Bina Machado muito trabalharam no meio estudantil. E acompanhei os esforços de ambos para criar líderes estudantis. Presenciei palestra que o General Meira Matos fez para universitários da PUC-Recife. Fiquei admirado de sua capacidade de bem se comunicar com a juventude. Em 1972 ele foi nomeado Diretor de Vias de Transportes, quando éramos adjunto da Presidência de Comissão de História do Exército do EME, onde muito me valeram suas orientações sobre História do Exército. E pude atender diversas solicitações de empréstimo de livros para suas pesquisas de Geopolítica. General de Divisão em novembro de 1973 foi nomeado vice chefe do EMFA e a seguir, em 1975, Vice Diretor do Colégio Interamericano de Defesa. E ao retornar em 1977, passou para a Reserva, com 44 anos de serviço e 64 anos por haver atingido idade limite Nesta ocasião esteve presente em nossa posse como sócio do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo a que ele pertencia e me apresentou diversos historiadores paulistas presentes. Sessão imortalizada em fotos nossas que guardo em meu arquivo. Em 1983 assistiu no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Centenário do Marechal Mascarenhas de Morais,minha palestra sobre o mesmo, por incumbência do Dr. Pedro Calmon. E ele especialista no tema muito apreciou nossa interpretação, como o mais importante integrante da geração do Exército, pós 2ª Guerra Mundial. Tivemos a oportunidade de lutar por seu nome para ingressar no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ao ser proposto pelo sócio Marcelo de Ipanema. Em 8 de junho de 1986 inaugurou o Colégio Acadêmico da AHIMTB ao ser o primeiro acadêmico a ser empossado, honraria que a seguir dispensamos aos acadêmicos General Plínio Pitaluga e Gen. Ex. Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira. O General Meira Mattos nos honrou com o seu prefácio nosso trabalho **Inspirações geopolíticas das ações de Portugal e do Brasil no Prata e suas projeções no Rio Grande do Sul**. Resende: AHIMTB, 2002. Em sessão no IME em 24 de novembro ele foi

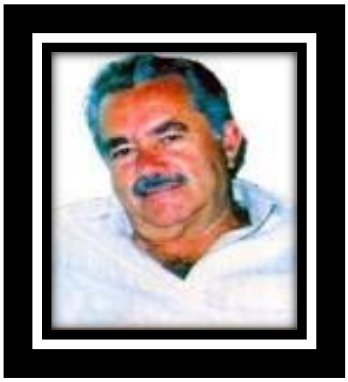
agraciado pela AHIMTB como Comendador da Medalha do Mérito Histórico e Militar Terrestre do Brasil, criada no bicentenário do Duque de Caxias, patrono da AHIMTB.Em 7 de março de 2005, na cerimônia de comemoração dos 10 anos da AHIMTB no Clube Militar ele recebeu em nome da AHIMTB, o novo acadêmico Gen Ex Luiz Gonzaga Schroeder Lessa. Sessão para cuja preparação trocamos diversos e-mails. Sua produção literária é vasta cabendo destacar os seguintes trabalhos sobre Geopolítica: **Projeção mundial do Brasil** (1960), A **experiência da FAIBRAS na República Dominicana** (1967), **Doutrina Política de Potência** (1976), **Brasil geopolítica e destino** (1975), **Geopolítica — projeções do pode**r (1977) e **Uma política pan-amazônica** (1980). Marcou presença em nossas revistas do **Clube Militar**, **A Defesa Nacional**, **Revista do Exército** e na imprensa especialmente na **Folha de São Paulo**. Junto com o Cel. Jarbas Passarinho formava uma dupla que considero os maiores e abalizados escritores castrenses, de seu tempo e seus textos sempre usados com muito proveito. É,pois, com pesar que a Academia lamenta a perda de tão expressiva personalidade de seus quadros, um homem realizado e que será sempre lembrado e consultado pela relevância de sua vida e obra de patriota e soldado valoroso e o maior geopolítico brasileiro de seu tempo. As palavras com que foi recebido na AHIMTB e o elogio ao seu patrono Marechal Mascarenhas de Morais constam do livro **AHIMTB — posses de Acadêmicos 1996-1997** publicado pelo SENAC tendo o acadêmico Cel. Arivaldo Silveira Fontes vice-presidente da AHIMTB como o seu organizador. Em seu falecimento o acadêmico Ten R/2 Art Israel Blajberg publicou plaqueta Gen. Carlos Meira Mattos Veterano da FEB23 jul. 1913 - 26 jan. 2007. A certa altura Israel escreveu sobre o sepultamento do General Meira Mattos.

"A Capela do Cemitério São João Baptista era pequena para todos que vieram dar o último adeus. Espalhando-se pelo corredor, antigos camaradas da FEB, ESG, IGHMB, AHIMTB. Alguns foram ministros, outros tantos governadores, empresários, outros ainda soldados, irmãos de armas, amigos, admiradores, alunos. Todos expressando um sentimento único. Foi uma grande perda, não só para o Exército, mas para o Brasil. Ao longo de seus quase 94 anos, a trajetória do Cadete do Realengo nascido em São Carlos em 1913 foi extensa e relevante, destacando-se a sua contribuição à Geopolítica, das mais relevantes, coroando uma carreira profícua. Nela se desempenhou com esmero das mais diversas lides castrenses, seja em ação na FEB, nas Forças de Paz em São Domingos, seja no ensino na AMAN, ESG, seja em funções de governo na Presidência da República e no EMFA, entre tantas missões sempre bem cumpridas. Aos 70 anos, doutorou-se em Ciência Política pela Universidade Mackenzie, onde teve Gilberto Freyre como examinador de sua tese. **Paladino das teses do Brasil Potência**, **Civilização nos Trópicos**, **Herança, Destino**, Projeto Nacional, sua palavra ponderada e opinião esclarecida era ouvida com atenção nos diversos fóruns a que comparecia, quer pessoalmente quer na rica produção bibliográfica ou na mídia, onde ainda há poucos dias publicou uma última contribuição na **Folha de São Paulo** sobre os destinos da Amazônia, com grande lucidez preconizando a necessária postura nacional. Pontualmente às 17 horas, Cadetes da AMAN que o

General comandara conduziram o caixão envolto na Bandeira Nacional, seguidos em cortejo pelos presentes, formando extensa fila ao longo das aleias do São João Batista. A tarde não foi tão quente como prenunciava. O Sol escondeu-se atrás das nuvens, como que desejando permitir também aos velhos soldados, ex-combatentes dos campos da Itália, acompanhar o General até o jazigo da família, próximo ao Mausoléu da FEB. No Mausoléu, inaugurado em 13 nov. 1982, repousam para sempre o Comandante da FEB, Marechal Mascarenhas de Moraes e sua esposa D. Adda Brandão, cujos restos mortais para lá foram trasladados ao cumprir-se o Centenário de Nascimento do Marechal. Como Oficial de Ligação do QG/1ª DIE, o então Capitão iniciou uma amizade com o Cmt. da FEB, que duraria muitas décadas. Aquele Capitão do 6° RI se destacaria ainda em Monte Castelo, tendo sido agraciado com a Bronze Star, nesta que foi a maior epopeia das forças brasileiras no Teatro de Operações Italiano. Uma Companhia do Batalhão de Guardas desincumbiu se das honras fúnebres, ao longo do trajeto que levava ao Mausoléu. As vozes de comando entrecortadas pelas salvas regulamentares de mosquetão trouxeram um pouco para perto dos presentes os sons da guerra, ao percorrerem a alameda ao longo da fileira de soldados. Nestes breves momentos, aos veteranos veio a lembrança daquele dia cinzento em Monte Castelo, quando superando forças mais experientes entrincheiradas nas alturas e arrostando o frio inclemente e chuvas torrenciais que impediam o avanço mecanizado e o apoio aéreo, nossos bravos pracinhas colheram brilhantes vitórias na dureza daqueles combates. Se hoje temos a democracia sob este sol tropical, certamente o devemos também aqueles valentes soldados, dos quais derradeiros remanescentes agora levam para a última morada um de seus grandes expoentes. Diante da sepultura, um amigo de longa data faz a última saudação. A voz do General Octavio Costa ecoa na amplidão do campo santo, destacando o patriotismo lúcido e o carinho do companheiro que partiu. Em palavras candentes emotivas, diante das dezenas de assistentes, afirma o exemplo do General, carreira digna de servir como paradigma às futuras gerações. Dois soldados descobrem a Bandeira Nacional do caixão, dobram-nae entregam aos parentes. O corneteiro executa o toque de Silêncio. É um toque pungente que envolve a todos, especialmente familiares, cujas lágrimas refletem a dor daquele momento. Destacando-se contra o céu azul, a estrutura do Mausoléu associa-se a silhueta do Cristo no Corcovado, como se ele, o contemplando do alto, eternamente enviasse sua bênção aos heróis que nele repousam. Ao final da cerimônia, o céu agora assumiu um tom metálico brilhante, graças aos reflexos do Sol por trás das nuvens brancas, como a querer também prestar uma última e significativa homenagem ao velho General. Deus disse a Adão: “Retornarás ao solo, pois é do solo que foste feito.” (Bereshit 3:19). Dizem nossos sábios, a alma é eterna, apenas migra para outra dimensão, e assim eleva- se aos Jardins do Éden, atravessando o Portal do Paraíso. Os presentes vão se dispersando, até que mais ninguém está por ali. Apenas restou a sepultura, recoberta por inúmeras corbeilles. Mas para sempre perdurarão as boas e valiosas lições que o irmão Carlos de Meira Mattos nos ensinou, antes de passar agora para o Ha Olam DayanHá’Emet (Mundo da Verdade).” Texto do

Acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil onde ocupa a Cadeira n°. 24 — Cel Mário Clementino. E hoje 2022, presidente da AHIMTB-Rio de Janeiro iblaj@hotmail.com Nota: Fomos convidados pelo General Meira Mattos na qualidade de historiador militar e Diretor do Arquivo Histórico do Exército para fazer parte de grupo no qual o filho da Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco entregava a ECEME arquivos do seu ilustre pai . . Ao perder sua esposa D. Serrana ao encontrar-me o General Meira Mattos me falou:" A sua amiga faleceu! D. Serrana era filha de Passo Fundo município gêmeo de meu berço natal Canguçu-RS, cuja história perdida resgatamos e nela fundamos a Academia Canguçuense de História,naqual depositamos expressivo acervo sobre a História do Exército Brasileiro, relacionados com nossas atividades de 45 anos como seu historiador.

Celso Rosa -Tenente-Coronel (1918-2006)



Tenente-Coronel Celso Rosa

Segundo oautor Presidente da AHIMTB,faleceu em Resende, em 19 de agosto de 2006, o expedicionário da FEB Ten Cel Inf Celso Rosa, que presidia a ANVFEB de Resende, e era irmão companheiro da Confraria dos Cidadãos de Resende e ocupante da cadeira n.º 1, da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, que tem por patrono o Gen Adailton Pirassinunga, e na qual sucedeu o falecido e heroico veterano da FEB em Monte Castelo, Cel Cecil Wall Barbosa de Carvalho. Sua posse na AHIMTB, em 8 de maio de 2000, foi registrada no **Livro de Posses da AHIMTB** n.º 26, às págs. 1 a 23.

O Ten Cel Celso era natural de Brazópolis - MG, filho de Juiz do Direito Dr. Francisco Pereira Rosa, tendo cursado Direito na Faculdade da UFMG, onde se diplomou com 23 anos. A seguir foi declarado Aspirante a Oficial de Infantaria, em 7 dez 1940, como Oficial da Reserva pela CPOR/MG.

Em 1942 foi convocado para o Serviço Ativo e serviu inclusive em Barra Mansa, onde conheceu sua esposa D. Lucy, de cujo consórcio nasceram um filho e duas filhas: Loreley, Eng. José Fernando, e Dr.ª Tereza Cristina.

Pertenceu ao 3º Escalão da FEB, e na Itália onde integrou o 6º Regimento de Infantaria – Regimento Ipiranga, de Caçapava - São Paulo, como tenente comandante de Pelotão. Lá foi ferido em ação no combate de Montese, por um estilhaço de granada. Ao terminar da guerra optou pela vida militar e cursou, em 1949, a Escola Militar do Realengo, e foi integrado no Quadro de Oficiais da Ativa,

tendo se transferido para a Reserva com 30 anos de serviço, como Tenente-Coronel. Residia em Resende desde 1974, onde foi professor universitário e cursou Pedagogia, aposentando-se anos mais tarde. Serviu no Batalhão de Comando e Serviços da AMAN como S-1 e Subcomandante, entre 1961-66; onde foi recebido como acadêmico da AHIMTB, em 8 de maio de 2000, no 5º aniversário da AHIMTB, saudado em oração lida pelo cadete Lima e Silva. Na ocasião o Ten Cel Celso lançou o seu livro de crônicas de guerra: **O Pracinha na Guerra**, escrito com o estímulo de seu filho e da AHIMTB, consistente em 67 crônicas de guerra, editadas pelo **Jornal Sul de Minas**, em Itajubá. Seu sepultamento, de acordo com sua vontade expressa, foi em Resende, em túmulo destinado aos Veteranos da FEB, no Cemitério Alto dos Passos. O Ten Cel Celso Rosa faleceu no momento em que a **Turma Heróis da FEB** da AMAN recebia o espadim e era estimulada em expressiva e vibrante oração pelo Gen Bda Marco Antonio Farias, comandante da AMAN. Foi uma coincidência que impressionou a todos que compareceram em seu velório, na Capela da Santa Casa de Misericórdia, local histórico onde lhe prestamos derradeira homenagem em oração, traduzindo o pesar dos integrantes da Confraria dos Cidadãos de Resende, e da Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Lembramos, então, que vivemos juntos, em Itajubá, em 1981/82, quando éramos comandantes do 4º Batalhão de Engenharia de Combate prestigiando e exaltando os exemplos dos Veteranos da FEB que lá residiam, dos quais ele possui o grau hierárquico mais elevado e sempre estava presente nas datas mais expressivas.

Recordo que em 2000, ainda ele muito forte aos 82 anos, mas com um certo desânimo e sem projetos futuros, o estimulamos a escrever um livro, porque conhecíamos em Itajubá suas belas crônicas de guerra.

Também o convidamos para integrar, como acadêmico, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, o que parece nele provocou um novo despertar e uma alegria grande de reviver momentos culturais e da vida castrense na AMAN. E com este ânimo permaneceu até baquear aos 88 anos, por doença.

Lembramos em nossa oração que o homem tem três mortes. A primeira, ao dar o último suspiro. A segunda, ao baixar a sepultura e, a terceira, a última vez em que seu nome for pronunciado ou lembrado. E que Celso Rosa em função de sua bela vida e obra demoraria a morrer, coerente também com esta afirmação.

“O Homem será eterno enquanto sua obra permanecer e for lembrada !”

Lembro de uma cerimônia que assisti em Brazópolis-MG, como Comandante do 4º BE Cmb, um desfile em que meninos desfilando traziam no peito os nomes do Febianos mineiros mortos em ação na FEB. De repente saiu da assistência uma senhora soluçando e abraça o menino que trazia em seu peito o nome de seu filho herói. E O Cel Celso estava presente !

Gastão de Orleans– Marechal (1842-1922)

Conde d'Eu Marechal Gastão de Orleans

Homenagem justa do Exército ao Marechal do Exército Gastão de Orleans e Conde D'Eu Comandante da Artilharia do Exército.Por portaria nº 546 do Ministro do Exército, de 01 Set 98 foi concedida à **Artilharia Divisionária da 6ª Divisão de Exército - Divisão Voluntários da Pátria,** a denominação histórica de **Artilharia Divisionária Marechal Gastão de Orleans**, em realidade Louis Ferdinand Gastón d'Orleans, o Conde D'Eu, que casou com a Princesa Isabel e de cujo consórcio nasceram no Brasil seus filhos, D. Pedro de Alcântara, em 1875, depois de 10 anos de casados, e conta-se, que depois de uma temporada tranquila em Caxambu -MG, Dom Luiz, "Príncipe Perfeito", artilheiro nos Exércitos da Áustria e Inglaterra em 1878 e D. Antônio, em 1881, tendo os dois últimos falecidos em 1920 e 1919, antes do falecimento do pai, a caminho do Brasil para o centenário da Independência, a bordo do **Mansilla,** em 28Ago1922. Seus restos mortais e os da princesa Isabel estão em mausoléu, em Petrópolis. A homenagem justa que o Exército lhe prestou, ligando-o à Artilharia, deve-se ao fato de haver sido o comandante da Artilharia do Exército por cerca de 24 anos; haver sido ao final da guerra do Paraguai, aos 27 anos, na Campanha da Cordilheira, o Comandante das Forças Aliadas em operações contra o Paraguai; à sua competência e preparo profissional, ao bem comandar ali experimentados generais brasileiros como Osório, Polidoro, Victorino, José Luiz Menna Barreto, etc., ao ponto de merecer este reconhecimento público do General Osório na qualidade de Ministro da Guerra, em 25Mai1877, em banquete oferecido ao Marechal Gastão de Orleans:

"Brindo o Senhor Conde D'Eu, meu companheiro de armas, pelo seu valor, pela sua coragem e pela justiça com que administrou o Exército. Brindo-o porque no Paraguai deu sempre provas de amor ao Brasil e se devotou do fundo de sua alma ao seu serviço, como os brasileiros lá o fizeram".

"A verdade é filha dos tempos e não da autoridade". E a verdade, passadas as paixões dos confrontos políticos monarquistas X republicanos, agora ressurge em todo o seu esplendor, relativamente ao Marechal Gastão de Orleans, o Conde D'Eu, alvo das paixões republicanas, pela possibilidade de num 3º Reinado, tendo por Imperatriz a sua esposa a Princesa Isabel, ocupar ele a posição destacada de príncipe consorte.

Segundo Armando Alexandre dos Santos, membro do IHGSP, em artigo **Os conselhos do Conde D'Eu ao príncipe perfeito**, **RIGHB** (a.159,n.398,p.79-

84,Jan/Mar,1998): "A imagem que a propaganda republicana fixou do Conde D'Eu foi: príncipe orgulhoso, sovina, antipático, carregando nos erres de modo pouco eufônico para ouvidos nacionais, incapaz de compreender e menos ainda estimar o Brasil e os brasileiros. Feito Marechal de nosso Exército exclusivamente por força do casamento com a herdeira do trono do Brasil, seu papel como Comandante Supremo na fase final da guerra teria sido quase opereta, limitando-se a colher, sem esforço nem mérito, os frutos que Caxias arduamente semeara."

Mas História é verdade e Justiça! E completa o autor citado: "Do epistolário enorme do Conde D'Eu, um incansável escrevedor de longas cartas, mostra um homem de todo diverso do que se pensa e até hoje se diz dele: carinhoso, afetivo, bondoso, religioso, profundamente amigo do Brasil e dos brasileiros, interessando-se empenhadamente pela saúde dos correspondentes, dos amigos e até dos criados das famílias com que tinha relações." E ´é o que se conclui da leitura de sua obra **Viagem Militar ao Rio Grande do Sul**, razão de figurar neste trabalho como Historiador do Exército. Obra a que nos referiremos adiante, que se constitui num eloquente documento histórico a desmentir a falsa imagem que passou dele a ser feita à posteridade, depois que foi eleito bode expiatório de uma complexa conjuntura política. Começaram a desfazer esta falsa imagem seus biógrafos Luiz da Câmara Cascudo em **O Conde D'Eu**. (São Paulo: Cia Ed. Nacional,1933) e Alberto Rangel em **Gastão de Orleans** (São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1935). Aqui nos preocuparemos em apresentar o perfil militar do Marechal Gastão de Orleans, muito justamente denominação histórica da AD/6, grande unidade da Arma de Artilharia do Exército, da qual ele possuía curso universitário na Escola Militar de Segóvia, Espanha e para a qual encaminharia o seu 2º filho brasileiro, D. Luiz, nascido em 1878, que fora obrigado a deixar o Brasil aos 11 anos. Príncipe que ingressou, pelo mão do pai, na Academia Militar de Viena, aos 17 anos, e na Artilharia, para, segundo o Conde D'Eu: "pois escolhi de acordo contigo a Artilharia, como sendo a arma em que terás mais ocasião de desenvolver a capacidade que sempre mostraste." Este seu filho brasileiro, formado em Artilharia, serviu no Exército da Áustria e a seguir no Exército Inglês, ao qual, na 1ª Guerra Mundial, serviu heroicamente, destacando-se em diversas batalhas e combates, de Ago1914 a Jun1915, tendo dado baixa gravemente doente, por doença contraída nas trincheiras geladas do Yser, em consequência da qual, depois de 5 anos de padecimentos, faleceu, em 26Mar1920, tendo sido condecorado, o valente e perfeito príncipe brasileiro, postumamente, pela Bélgica, França e Inglaterra. Morreu tendo ao lado seus filhos, D. Pedro Henrique (11 anos), D. Luiz Gastão (9 anos) e D. Pia Maria (7 anos), os quais, na hora final, chamou até junto ao seu leito de morte para que "aprendessem como morre um príncipe católico". Um Príncipe Francês O Conde D'Eu, o último com este título, nasceu em 28Abr1842, na Vila de Princess, no Castello de Naully, primogênito de Luiz de Orleans, Duque de Neumours e de Antonieta Augusta, Princesa de Saxe-Coburgo, sendo neto do Rei da França, Luiz Felipe de Orleans. Seu pai, no impedimento do Rei Luiz, seria o Regente da França. Castello de Naully - Vila de Princess - França, onde nasceu o Marechal Gastão de Orleans em 28Abr1842 e onde viveu até os 6 anos. O exílio na Inglaterra Quando tinha 6 anos, Gastão de

Orleans teve que procurar asilo na Inglaterra, junto com a Família Real, em razão da abdicação do trono da França, forçado pela Revolução Republicana que estabeleceu a 2ª República, presidida por Luiz Napoleão. Foram acolhidos no Solar de Clermont pela rainha Vitória e pelo Rei Leopoldo da Bélgica. Ali, menino, Gastão, aos 8 anos, assistiu a morte de seu avô, Rei da França no exílio, em 25Ago1850. E ali fez seus estudos preparatórios. Solar de Clermont - Inglaterra, onde o Marechal viveu dos 6 aos 17 anos até ingressar no Exército da Espanha. O Conde D'Eu ingressou no Exército da Espanha aos 17 anos, para lutar na guerra da Espanha contra Marrocos. Em 15 Dez 1855 foi nomeado Alferes de Cavalaria do Exército da Espanha e alistado no 11ª de Cavalaria - Regimento de Cavalaria de Albuera. Logo a seguir foi designado para servir, em 11 Jan 1855 no Regimento de Hussardos da Princesa(15ª de Cavalaria). Em 20Jan1859 atravessou o estreito de Gibraltar e desembarcou na África. "Montava um tordilho branco, levava no braço esquerdo o laço branco em ouro que o distinguia como oficial às ordens, e vestindo o uniforme de Alferes do Regimento de Hussardos da Princesa." Em 25 Jan 1855, com quase 17 anos, teve seu batismo de fogo no combate de Al Kantara. Em 24 Mai 1855, perto de completar 17 anos, foi promovido a tenente "por méritos de guerra". Ali esteve sob o comando do General D. Leopoldo O' Donnel, Conde de Lucena, presidente do Conselho de Ministros da Espanha, cargo que deixara para dirigir a guerra contra o Marrocos. Na batalha decisiva que assegurou a conquista de Tetuam de 06 Fev 1860, participou da carga de Cavalaria, o que lhe valeu ser elevado no campo de batalha a Cavaleiro de 1ª Classe da Real e Militar Ordem de São Fernando. Assistiu a ação de Sousse em 11Mar1860 e participou da batalha de Guadrós a 23Mar1860, "tornando-se mais uma vez notável pela sua intrepidez e bravura, espírito refletido a sangue frio". Atingiu Tanger com o Exército da Espanha, que restabeleceu a paz no Estado de Marrocos. Finda a guerra, desfilou triunfalmente em Madrid, em 11Abr1856, integrando as tropas vencedoras. Alferes Gastão de Orleans do 15º de Cavalaria do Exército Espanhol (Hussardo da Princesa na Guerra Contra Marrocos). Aluno do Colégio de Aplicação de Artilharia em Segóvia Finda a guerra foi matriculado no Colégio de Aplicação de Artilharia de 15 Segóvia como Sub Ten aluno, em 12Abr1855. Cursou este Colégio de Artilharia por 5 anos, concluindo-o em 01 Jan1863, onde se especializou em Fortificações Ligeiras e Permanentes e em Artilharia. Em 06 Abr 1863, foi promovido a Capitão de Cavalaria, "por especiais circunstâncias" e a 07 Abr 1863 promovido a tenente "de Ia planta facultativa" sendo mandado servir na Artilharia do Exército de Espanha. Oficial de Artilharia e Cavalaria. Foi mandado servir no 5º Regimento de Artilharia a pé, onde comandou uma bateria de Artilharia em Caramandelis. Em 23 Ago 1863 chegou a Vicálvaro, para servir no 3º Regimento de Artilharia Montada, de onde seguiu para Saragoça, no Estado-Maior do Regimento. Daí foi servir em Barcelona, no Regimento de Artilharia de Montanha. Ali, aos 21 anos, foi convidado, por D. Pedro II, para se casar com a Princesa Isabel. Deixou a Espanha em 09 Ago e chegou ao Rio de Janeiro em 02 Set 1864, aos 22 anos. Casou-se com a Princesa Isabel 44 dias mais tarde, em 15 Out 1864. O 1º aniversário "de meu feliz casamento", conforme sua citada **Viagem Militar ao Rio**

Grande do Sul , ele o passou em viagem, junto com o Imperador, entre Santana do Livramento e Ponche Verde, de retorno de Uruguaiana. Com a experiência adquirida no Colégio de Aplicação de Artilharia em Segóvia e vivência na tropa em Morteiros, Artilharia a pé, Artilharia Montada e de Montanha é que o Conde D'Eu veio para o Brasil, para ser elevado a Marechal de Exército e comandar a Artilharia do Exército Imperial do Brasil por cerca de 24 anos. Marechal do Exército Honorário e efetivo do Brasil. No dia de seu casamento, em 15 0ut 1864, o seu sogro e Imperador D. Pedro II conferiu-lhe, aos 22 anos, o posto de honorário de Marechal do Exército, com todas as honras, isenções, regalias e privilégios. Ele foi efetivado neste posto em Julho de 1865, seguindo no mês seguinte para o Rio Grande do Sul na comitiva do Imperador, onde assistiu, em 18 Set 1865 a rendição paraguaia em Uruguaiana e no dia 23, no mesmo local, o fim da Questão Christie com a Inglaterra, fatos que imortalizou em sua preciosa **Viagem Militar**. Razão repetimos,de sua presença neste trabalho como historiador do Exército... Marechal honorário do Exército Imperial do Brasil Gastão de Orleans no dia do casamento com a Princesa Isabel em 15 set 1864. A sua **Viagem militar ao Rio Grande do Sul** ocorreu ao retornar de sua lua de mel na Europa.O Marechal Gastão de Orleans conheceu estar o Imperador no Rio Grande do Sul, em razão da invasão paraguaia do Brasil por São Borja, e em seguida terem os paraguaios conquistado e ocupado Uruguaiana. E assim deixou o Rio em 01 Ago 1865 para integrar a Comitiva Imperial, à qual se incorporou em Caçapava do Sul em 15 Ago1865. Assim percorreu o Rio Grande do Sul de 05 Ago, data de sua chegada a Rio Grande, até 240ut, sua chegada a Pelotas, depois de 85 sofridos e desconfortáveis dias de viagem ao longo do itinerário: Rio Grande - Porto Alegre - Rio Pardo - Cachoeira do Sul - Caçapava do Sul - São Gabriel - Rosário do Sul - Saicã - Alegrete - Uruguaiana - Itaqui - São Borja - Itaqui - Uruguaiana - Alegrete - Santana do Livramento - Ponche Verde - Bagé - Candiota -Jaguarão - Santa Izabel - Pelotas - Rio Grande.E foi sobre eventos desta viagem que escreveu sua preciosa **Viagem Militar ao Rio Grande do Sul**, valiosa contribuição a História do Exército e do Rio Grande do Sul. Texto do autor em **História da AD 6da 6ª DE**.

Deoclécio de Paranhos Antunes - Coronel (1902-1962)

Coronel Deoclécio de Paranhos Antunes

Deoclécio, nasceu em 4 de julho de 1902, em Rio Pardo, dedicando-se à carreira militar – ele a iniciou como soldado em 1921, chegando ao posto de general de divisão, em 1956. Assinava suas pesquisas históricas e seus trabalhos literários como De Paranhos Antunes.Entre suas publicações estão *Ideias Heterogêneas e Contraditórias* (1932), *Episódios e Perfis de 1835* (1935), *Antônio Vicente da Fontoura - Embaixador dos Farrapos* **(**1935), *Limites e Povoamento do Brasil Meridional* **(**1937), *Um Capitão do Exército na Guerra do Paraguai* (1944), entre muitos outros. Deoclécio também integrou a Academia Rio-Grandense de Letras e a Alagoana e ocupou a cadeira 17 do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. E é patrono de Cadeira Especial da AHIMTB**.** Ele faleceu no Rio de Janeiro em 1962,aos 60 anos de idade.Militar, Poeta, Historiador, Crítico e Sociólogo. Bibliografia:**Arrulhos** - Versos. 1ª Ed. 1925, 20 p. Tipografia R. Reck, Santa Cruz do Sul. **Parque Abandonado** — Versos. 1- Ed. 1930, 98 p. Ofs. Tip. Francisco Dias, Cachoeira do Sul, RS. **História de Cachoeira** — Síntese. 1ª Ed. 1930. Form. 15,5 x 11,5cm. Edição de "O Cachoeirense", Cachoeira do Sul, RS. **Ideias Heterogêneas e Contraditórias** —**Ensaios**. 1ª Ed. 1932, 92 p. Livraria do Globo, Porto Alegre. **História do Rio Pardo** -**Subsídios p/ História do RS**. 1ª Ed. 1933, 78 p. Livraria do Globo, Porto Alegre. **Antonio Vicente da Fontoura** - Biografia. 1ª Ed. 1935, 171 p. Livraria do Globo, Porto Alegre. **Episódios e Perfis de 1835 — Ensaios**. *1ª* Ed. 1935, 104 p. Livraria do Globo, Porto Alegre. **Elogio de Marcelo Gama** -**Discurso de posse**. *1ª* Ed. 1935. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**, Porto Alegre. **O Combate de Rio Pardo — Artigo histórico**. 1936. Publ. nº 64 **Revista do I.H.G.R.G.S.,** Porto Alegre. 1936 (Sep.) 11 p. Ofs. Gráfs. Liv. Globo, Porto Alegre. **Os Partidos Políticos do Rio Grande do Sul de 1822 a 1889** - Tese. 1936. Publ. vol. 2 dos Anais do lºCongresso de História e Geografia do RS, Porto Alegre. **Os Sete Povos das Missões — História.** 1937. Publ. vol. 2 da Poliantéia "Terra Farroupilha", Porto Alegre. **As Bulas e os Tratados de Limite**s - Tese. 1937. Publ. vol. 1 dos Anais do II Congresso de História e Geografia Sul-Rio-Grandenses - Ofs. Gráfs. Livraria do Globo, Porto Alegre. Nota - O Congresso realizou-se em Rio Grande, em fevereiro de 1937. **Origens dos Primeiros Núcleos Urbanos - Municipalismo** — Tese. 1937. Publ. vol. 2 dos Anais acima citados. **Notas para a História do Charque -** 1937. Publ. vol. 2 de "Terra Farroupilha", Porto Alegre. **A Indústria da Lã no Rio Grande do Sul — Panorama.** 1937. Publ. vol. 2 de "Terra Farroupilha", Porto Alegre. **A Pecuária no Uruguai - Panorama. 1937**. Publ. vol. 2 de "Terra Farroupilha", Porto Alegre. **O Centenário do Marechal de Ferro -**Conferência. 1939. Publ. nª 73 Revista do I.H.G.R.G.S., Porto Alegre. **Porto Alegre no Século XVIII-** — **Tese histórica.** 1940. Publ. vol. 3 dos **Anais do III Congresso de História e Geografia Sul-Rio-Grandenses,** Porto Alegre. 1940 (Sep.) 37 p. Ofs. Gráfs. Liv. Globo, Porto Alegre. **Itinerários Mentais da Pampa Brasileira**- Ensaios. *1ª* Ed. 1940, 106 p. Livraria do Globo, Porto Alegre. **Osório - Perfil de um Herói - Síntese biográfica.** 1ª Ed. 1941, 31 p. Nº 1 Col. **Heróis Brasileiros**. Edições A Nação, Porto Alegre. 2ª Ed. 1941, 31 p. Mesma Editora e Local. **Charles Maurras e a Ação Francesa** - Ensaio. 1ª Ed. 1942, 35 p. s/ núm. Revista "Tradição", Recife, PE. **História do Grande Chanceler — Biografia do Barão do Rio**

Branco. 1ª Ed. 1942, 125 p. Biblioteca Militar, Rio de Janeiro. **Andrade Neves, o Vanguardeiro - Biografi**a. 1ª Ed. 1943, 156 p. Biblioteca Militar, Rio de Janeiro. **O Pintor do Romantismo - M. Araújo Porto Alegre** - Biografia. 1ª Ed. 1943, 211 p. + 24 p. notas. Zélio Valverde Editor, Rio de Janeiro. **Quando Petrópolis Gatinhava — Crônica**. 1943. Publ. 17, Fase. 8 da Revista de Intendência do Exército, Rio de Janeiro. **Um Capelão do Exército na Guerra com o Paraguai - História**. 1944. Publ. Revista de História e Geografia da Marinha, Rio de Janeiro. **Elogio de Varnhagen - Discurso**. 1ªEd. 1944, 25 p. Editor Henrique Velho, Rio de Janeiro. **Passado e Presente da Economia Brasileira — Estudo.**1ªEd. 1946. 218 p. Biblioteca Militar, Rio de Janeiro. **Os Prateiros do Rio Grande do Sul — Ensaio**. 1949. Publ. nº13 da Revista "Província de São Pedro", Globo, Porto Alegre. Nota - Trata-se de trabalho apresentado neste ano ao Congresso de História Nacional. **Rasgos da Vida de San Martin - Ensaio**. 1950. Publ. Revista do Instituto de Geografia e História Militar, Rio de Janeiro. 1950 (Sep.) 15 p. Mesma Revista. **Conde de Porto Alegre - Estudo biográfico**. 1ª Ed. 1952, 275 p. Biblioteca Militar, Rio de Janeiro. Nota - O trabalho foi escrito em parceria com Carlos Maul e Jayme R. Graça. **Os Dragões do Rio Pardo** - História Militar. 1ª Ed. 1954, 208 p. Biblioteca Militar, Rio de Janeiro. **Um Bravo nas Lutas da Cisplatina - Cel. de Milícias Jerônimo Gomes Jardim** — Artigo. 1952. Publ. nº 3/4 da Revista Militar, Rio de Janeiro. **Combustíveis na América do Sul** - Peq. estudo. 1951 (Sep.) nº 58 Revista de Intendência do Exército, Rio de Janeiro. **Noções de Economia de Guerra - Ensaio**. 1ª Ed. 1954, 97 p. Sem Editora, Rio de Janeiro. **Abastecimento e Transportes** — Estudo. 1ª Ed. 1955, 158 p. SAPS - Col. Ensaios e Debates, Rio de Janeiro. **Estudos da História Carioca** — Ensaios. 1ª Ed. s/ data (1960) Fonte Dicionário Bibliográfico Gaúcho de Pedro LeiteVillasBoas Porto Alegre :Edigal ,1991.

Artigos na Revista do IHGB**Eduardo Prado: o escritor e o polemista**. 249:163-167, out./dez. 1960. **Ricardo Franco de Almeida Serra**. 244:346-349, jul/set. 1959. **Rio Branco e a verdade documental**. 254:33-44, jan./mar. 1962. Os títulos de seus livros e artigos são aqui nominados em negrito. Deparanhos Antunes foi objeto de artigo do historiador Virgílio Correia Filho na **RIHGB** V..256 p. 432-433 jul /set 1962, Deoclécio também integrou a Academia Rio-Grandense de Letras e a Alagoana e ocupou a cadeira 17 do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. E é patrono de cadeira especial na AHIMTBhojeAHIMTB –RS.

Dionísio Cerqueira -General(1847-1910)

General Dionisio Evangelista de Castro Cerqueira

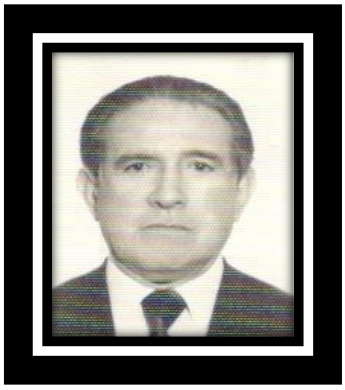
O General Dionísio Cerqueira nasceu em 2 de abril1847 em Castro Alves – BA e faleceu em Paris em 15 fev 1919.Tomou parte nos trabalhos que delimitaram as fronteiras brasileiras com a Guiana, Venezuela, Bolívia e Argentina.O município catarinense de Dionísio Cerqueira é assim denominado em sua homenagem, pois pacificou os limites geográficos das fronteiras entre Brasil e Argentina, e celebrou o tratado arbitrado por Grover Cleveland, o qual ficou conhecido como a Questão de Palmas.Casou-se com Antonietta Braga Torres, nascida em Sobral, filha do Brigadeiro Francisco Xavier Torres Junior com quem teve a filha Dionísia e a neta Maria Antonietta. Cunhado do senador Joaquim Antônio da Cruz e do escritor Domingos Olímpio, que o assessorou na missão acima e com quem colaborou no periódico "**Os Annaes**", que era editado até o início do século XX no Rio de Janeiro. Tio de Eurico Cruz e, por afinidade, do senador Benjamim Liberato Barroso. Tio-avô de Benjamin Eurico Cruz.

O General Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira comandou, no Casarão da Várzea, em 1891, a Escola Militar de Porto Alegre. Ele orientou sua vida pelo entendimento de que Deus legara três âncoras ao homem:" Amor à Pátria, Amor à Liberdade e Amor à Justiça. Ele, que era natural de uma localidade próxima à Feira de Santana, na Bahia, filho de um Médico, decidiu que seria Engenheiro e conseguiu que seu pai o mandasse para a Escola Central no Rio de Janeiro. Aos 17 anos, se apresentou-se como Voluntário do Exército quando do início da Guerra contra o Paraguai. Posteriormente, foi incluído na categoria de Voluntário da Pátria. Partiu para os campos de batalha como soldado de Artilharia.Mais tarde, para atender ao seu temperamento arrojado e desejoso de muita ação, conseguiu trocar a Artilharia pela Infantaria, mas registra em seu livro Reminiscências da Campanha do Paraguai, a propósito dessa decisão: "Compreendi então quão nobre e difícil é a missão do Oficial de Artilharia e a calma e abnegação que lhe são necessárias para a resistência aos ímpetos do coração nos dias das batalhas, na violência das refregas". Tomou parte na batalhas de Tuiuti, nos combates de Estabelecimento e de Forte Laureles, Humaitá, Angostura, Lomas Valentinas, Tupuia, Peribebuí e Campo Grande, e integrou a expedição ao Chaco – operação na qual recebeu citação imperial por denodo e bravura. Por sua participação no combate de Estabelecimiento foi agraciado com a Ordem da Rosa no grau de Cavaleiro. Em Angostura foi elogiado por sua excessiva coragem. Em Lomas Valentinas, onde foi ferido gravemente, recebeu a Medalha do Mérito Militar. Foi promovido a Oficial da Ordem da Rosa pela sua participação nos combates de maio de 1868. Nos combates da Cordilheira, o Conde D'Eu o promoveu a 1º Ten por ato de bravura. Depois da guerra, em 1872, faz o Curso de Artilharia e foi promovido a Capitão. Em 1874, conclui sua formação de Engenheiro Militar e Civil de Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas. Ao longo da sua profícua vida foi Militar, Político, Diplomata, Engenheiro, Geógrafo, Escritor Memorialista e Historiador , tendo sido Ministro de Estado (foi Ministro das Relações Exteriores no Governo Prudente de Morais e ocupou interinamente, nesse mesmo quadriênio as pastas da Viação e da Guerra – esta por duas vezes). Foi ainda, Constituinte em 1891 e Deputado

Federal (pela Bahia) em diferentes legislaturas. Depois da guerra contra o Paraguai, o assunto militar passou para segundo plano nas preocupações do Governo, o que significava acentuado grau de inação para os militares. Dionísio Cerqueira consegue se fazer Demarcador de fronteiras, o que significava uma existência aventurosa e áspera. Ele trabalhou na demarcação da fronteira com a Venezuela e posteriormente na mesma atividade em relação à fronteira com a Argentina. Nessas tarefas ele adquiriu grande experiência em relação à questão dos índios da Amazônia (dos quais passou a ser grande defensor – antecedendo Rondon) e também com relação à fronteira com a Argentina, o que o levou a protestar contra o Tratado assinado por Quintino Bocaiúva – Ministro do Exterior do Governo Provisório – por entender que ele dava à Argentina terras do Brasil. Estava em jogo a famosa Questão das Missões – identificação dos rios Chopim e Chapecó – que acabou sendo levada ao arbitramento do Presidente Cleveland, dos EUA. Dionísio Cerqueira foi um dos nossos negociadores – ele foi quem localizou, na Espanha, os documentos que nos asseguravam ganho de causa. Como Ministro das Relações Exteriores, em 6 de outubro de 1898, teve a glória de assinar o Tratado que consagrou a decisão arbitral para a qual tanto concorrera. Ainda no Ministério do Exterior resolveu diversas questões internacionais de importância para o Brasil, como a "questão dos protocolos italianos" e a questão dos limites com a Guiana Francesa. Na abertura do seu famoso livro – **Reminiscências da Campanha do Paraguai** – escreveu como abertura: "Glória aos bravos camaradas que caíram no campo da honra". Dionísio Cerqueira e sua obra foram muito estudados por Umberto Peregrino (patrono de cadeira ainda em vida da AHIMTB). Sobre as obras, diz Umberto Peregrino: "são o nosso melhor manancial de documento humano da nossa maior campanha externa". Ele destaca o espírito crítico das **Reminiscências.**.. com o comentário de que "não teriam a importância que têm, não seriam a mesma obra se fossem apenas informativas, se renunciassem às intervenções opinativas, se apresentassem destituídas de espírito crítico". No citado livro, Dionísio dá ênfase à necessidade do País sempre contar com uma Reserva apta, considerando-a a base fundamental dos Exércitos modernos. Ele vislumbrou e previu importante papel que os aviões poderiam desempenhar nos campos de batalha. Ressalta o papel da Cavalaria na perseguição e a importância da reunião das forças no momento oportuno, e apontou o Movimento como a primeira lei da guerra. Caxias, Osório, Mallet, Sampaio, Villagran Cabrita, Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto são alguns dos muitos chefes militares sobre os quais Dionísio faz as melhores referências. Dionísio Cerqueira manifesta as preocupações que teve com a guerra. "Oh guerra! E há quem faça a tua apologia", registra ele, que escreve sobre as dúvidas que passou a ter sobre as razões e necessidade da luta que assistia e tomava parte. Ele destaca o valor do soldado paraguaio, e em determinado ponto, refletindo sobre o quase extermínio de "um povo valoroso" indaga: - são hoje mais felizes? No seu outro livro – **Reminiscências da Fronteira** – lemos uma interessante descrição das viagens na região e dos trabalhos de demarcação das fronteiras. É nesse livro que registra sua repulsa à escravidão dos índios, que então ainda era prática ilegal corrente na Amazônia.

Umberto Peregrino, autor de interessante estudo biocrítico sobre a vida e obra de Dionísio Cerqueira, citado nos idos de 1948, assim destaca: “...foi grande na bravura, na inteligência, na fibra moral, sem ter deixado de ser profundamente humano. Soube bater-se e soube comover-se; soube aprender e soube compreender; soube elevar-se e soube guardar humildade; soube analisar e soube sentir; soube penetrar as almas dos outros homens e soube escutar a sua. Soube, enfim, achar o melhor sentido da vida, e soube vivê-la nesse sentido. Fonte: **História do Casarão da Várzea** do autor e o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis acessível no site www.ahimtb.org.br e no Google.Seu livro **Reminiscências da Guerra de Paraguai** tem tido diversas edições pela BIBLIEx e tem sido muito apreciado por diversas gerações de soldados. Dionizio Cerqueira possui Monumento em sua memória em Castro Alves seu berço natal. E é nome de município no Estado de Santa Catarina. Eu muito apreciei suas **Reminiscências.**

Elber de Mello Henriques -Coronel (1918-2005)



Cel Art Elber de Mello Henriques
Veterano da FEB da Esquadrilha de Ligação e Observação

Nasceu em Fortaleza, Ceará, em 11 de fevereiro de 1918, e faleceu em 25 de julho de 2005no Rio de Janeiro. Filho de João Baptista de Moraes Henriques e Abigail de Mello Henriques. Cursos: Colégio Militar do Ceará, Escola Militar de Realengo, Escola de Comando e Estado Maior do Exército, Escola Superior de Guerra, curso especial de Artilharia em Fort Sill, Oklahoma (EUA) e de Minas e Destruições, na Itália. Coronel do Exército da Arma de Artilharia (reformado). Foi observador aéreo de Artilharia na Campanha da Itália, Comandante da Bateria de Projetores do Forte de Copacabana, instrutor da Escola de Artilharia de Costa, ajudante-de-ordens do general Ignácio José Veríssimo, assistente-secretário do citado general e do general Aurélio de Lyra Tavares, oficial da segunda e chefe da quinta seção do Estado-Maior do Exército, chefe de gabinete do Estado Maior das Forças Armadas, comandante do Segundo Grupo de Canhões Antiaéreos de Quitaúna, São Paulo, etc. Pertenceu ao Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, ao Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos CEBRES, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (2 de outubro de 1985), à Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes doRio de Janeiro, etc. Possui as medalhas de Campanha da Itália da FEB, da Campanha da Itália da FAB, do Mérito Militar do Exército, do Mérito Militar do Chile, Aérea dos Estados Unidos, do Pacificador, de ouro do Exército, do Mérito dos Ex-Combatentes Brasileiros, do Mérito dos Ex-

Combatentes Poloneses, dos Inconfidentes, de Cruz de Combate da FEB, de Cruz da Aeronáutica, fita “A”, etc. São de sua autoria os livros: **A FEB 12 anos depois** e **Uma Visão da Antártica**. Prefaciou os livros **Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai**, **Lecor e a Província Cisplatina**, ambos do general Paulo de Queiroz Duarte, e **A Invasão de Mato Grosso na Guerra do Paraguai**, do major Jorge Maia. Publicou os seguintes artigos no jornal **A Razão,** de Fortaleza, Ceará, em 1936 – “**Patriotismo**”; na **“ Nação Armada**” – “**O Exército Vermelho**”, “**Um Estágio nos EUA**” (1944) – “**Observação Aérea. Prática de Guerra**” (1945); na “**A Defesa Nacional”** – “**BreveHistórico de Paraquedismo e das Primeiras Operações Aeroterrestres da História**” (1956), **Atividades Pioneiras do Exército no Campo da Cultura Nacional**” (1965), “A Guerra Revolucionária e sua influência no exercício da chefia” (1971), “**Missões Silenciosas, um infeliz equívoco do general Vernon Walters** (1987); na **Revista do Clube Militar**” – “**Paraquedismo Militar**” (1955), “**Uma Visão Política da Antártica**” (1983), “**Taiwan, a formosa e progressista ilha asiática”** (1984), **“Impressões de uma viagem à Rússia** (1989); na “**Revista da Intendência do Exército**” – **A alimentação na FEB”** (1964); na **Revista Cultura Militar”do EME” –”A Reconquista de Angola pelas tropas Luso-brasileiras no século XVII”** (1969)” – **O Binômio Segurança e Desenvolvimento e o Brasil de hoje”** (1969); na **Revista da ADESG**” – ”**Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri de 1750**” (1966), **“A Antártica e a cobiça internacional”** (nº 187); na **Revista do IGHMB** – “**Vida e obra do Marechal Ignácio José Veríssimo”** (1977); na **Revista do Exército Brasileiro** – **“Nossos heróis insultados”** (1983); no **Jornal do Brasil** – “**Os Cariocas da FEB**” (1965); na **Revista Militar Brasileira** – “**Sociologia de Guerra**” (1982); na **Revista do CEBRES** – “**Antártica, um alerta ao Brasil”;** no jornal **Letras em Marcha** – “**O General Crittenberger”** (1980**), ”A Artilharia Brasileira e o culto de suas tradições**” (1978), “**Caxias e Pedro II**” (1981), “**O Brasil no Conselho Consultivo da Antártica”** (1983), “**O General Mascarenhas e as manobras da FEB**” (1983), “**Ancient and honorable ArtilleryCompany of Massachussetts**” (1984), “**Napoleão Bonaparte no IGHMB”** (1981), “**Injustiçados os tenentes e capitães da FEB**” (1985), “**Uma escolha, um destino**” (1978) e “**A ESG e o jubileu de Prata da ADESG”. Na Revista do IHGB.Um estudo da perestroika e impressões de viagem à Rússia.** 149(360):308-326,jul./set. 1988. Firmeza **na conquista da Antártida brasileira**. 344:115-118, jul./set. 1984. **Vendo, ouvindo e interpretando os acontecimentos do meu tempo**. 147 (352):758-775,jul./set. 1986.

Uma vez mais se engalana a ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL, presidida pelo Cel Claudio Moreira Bento,para receber novo membro que, neste 26 de outubro de 1996, aqui galga um dos mais altos patamares de sua carreira de escritor e de historiógrafo, e ele alçado pelo consenso unânime de seus pares. Refiro-me ao Coronel de Artilharia e de Estado-Maior ELBER DE MELLO HENRIQUES, que, cumpridas as formalidades estatutárias, se empossa na Cadeira nº 17, cujo Patrono é o MARECHAL HUMBERTO DE ALENCAR CASTELLO BRANCO, figura exponencial do Exército Brasileiro, na paz e na guerra, verdadeiro mestre de nossa geração militar.

A ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL, alicerça em suasbases acontecimentos militares, suas causas e consequências, constituindo a HISTÓRIA MILITAR que, na opinião do saudoso MESTRE PEDRO CALMON, é a única que, verdadeiramente, existe.

Senhoras e Senhores !

Os nossos propostos para integrar esta nobre instituição, à exceção, naturalmente deste que vos fala, valem por uma legenda, do passado ao

presente, o conjunto de militares e historiógrafos, todos, sem exagero, são nomes da maior respeitabilidade, do mais acurado valor intelectual, da mais sincera e pura vontade de servir ao Brasil, servindo à sua invejável História.

É por isso que, quando suas portas se abrem para receber novo membro, os louvores e as esperanças são renovados. E quando se trata de personalidade com o estofo do CORONEL ELBER DE MELLO HENRIQUES, a alegria é ainda maior, e seus pares, lado a lado com seus amigos aqui se reúnem para, solenemente, reverenciá-lo, na oportunidade de sua admissão simbólica ao nosso convívio.

Recebeu grande número de elogios, dois deles por BRAVURA: o primeiro, ainda Tenente, na Fortaleza de São João, quando, com risco da própria vida, salvou a munição de sua Unidade; o segundo na guerra, de acordo com a CITAÇÃO DE COMBATE, constante de seu diploma da CRUZ DE COMBATE, condecoração que, até hoje, ostenta com muito orgulho.

Na Área Cultural, por seu indiscutível mérito, foi eleito Sócio dos Institutos Histórico e Geográfico Brasileiro e de Geografia e História Militar do Brasil.

Sua revelação, como escritor, aconteceu aos 18 anos de idade, quando o jornal **A RAZÃO**, de sua cidade natal, publicou o artigo intitulado **O PATRIOTISMO**, de sua autoria.

Assim por delegação que, com alegria e emoção recebi, proclamo em nome de todos e no meu próprio - SEJA BEM-VINDO À CASA QUE, DORAVANTE, É SUA TAMBÉM! Saudação do acadêmico Cel J.V. Portella Ferreira Alves.O Cel Elber dirigiu a **Revista Cultura** do Estado-Maior do Exército que acolheu dois importantes artigos de nossa autoria:**Integração Quartel-Pais e Conscritos** .nº 219 ,p73ss.**A História e a Geografia na Segurança Nacional** nº 221, p.57 ss e **A História Militar no Desenvolvimento da Doutrina do Exército dos EUA**, nº222,

Emilio Fernandes de Souza Docca- General (1884-1945)

General Emilio Fernandes de Souza Docca

Emílio Fernandes de Sousa Docca (Nasceu em São Borja, 16 de julho de 1884 — e faleceu no Rio de Janeiro, 21 de maio de 1945) foi escritor, historiador e militar do Exercito.Filho de José Fernandes de Sousa Docca e de Maria José da Rosa, ingressou no Exército em 1899, em sua cidade natal. Galgou todos os postos do Serviço de Intendência, até chegar a general, em 13 de junho de 1941. Fez o curso de Administração Militar de 1917 a 1921 e a Escola Superior de Intendência no Rio de Janeiro, em 1921.Como historiador,

pertenceu ao centenário Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, do qual foi um dos fundadores, e ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Riograndense de Letras.

Em julho de 1984 foi comemorado o centenário de nascimento na histórica e heroica cidade de São Borja-RS, do ilustre soldado e historiador militar, Emílio Fernandes de Souza Docca, filho de um veterano da Campanha do Paraguai. Foi soldado de Intendência dos mais ilustres e atuantes no Exército. Iniciou a carreira como soldado raso, em 4 de abril de 1899. Percorreu todos os postos até ornar os punhos com os bordados de general 42 anos depois, tendo, inclusive, lutado no Contestado. Mas foi como escritor e historiador que ocupou um lugar de destaque na História. Ao findar seus dias, em 21 de março de 1946, entre os seus títulos acumulados, destacavam-se o de sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, sócio benemérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sócio fundador e primeiro presidente da Federação de Academias de Letras do Brasil, sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e ex-Diretor da Biblioteca do Exército que hoje abriga a sua biblioteca particular — de 4 de abril de 1942 — 2 de maio de 1945. O sentido fundamental de sua obra histórica foi o de defender o acerto, o sentido moral, a elevação e a coerência da atuação diplomática e militar do Brasil no Prata, lá colocadas em dúvida, em certa época, com o apoio de alguns intelectuais no Brasil. Outra cruzada sua muito importante foi provar, com documentos, o sentido brasileiro da Revolução Farroupilha e seu ideal político de República e Federação, contra o argumento político conjuntural da época da Revolução, de separatista, que chegou, sem crítica, aos dias atuais. Amante da verdade histórica, reconstituída à base de documentos, por historiadores no papel de juízes do Tribunal da História, sua obra possui um significativo cunho polêmico. Isto, por serem muitas réplicas a erros históricos, na maioria das vezes, difundidas por intelectuais de grande prestígio e, assim, sob o risco de perpetuações como verdades. À luz de documentos restabeleceu a verdade sobre a "**Questão Militar",** meio deformada quanto à verdade, para não dizer desvirtuada quanto ao papel do Exército. Versão generalizada à base de comportamentos individuais que não representavam a instituição. Ao defender a moralidade e coerência da atuação política, diplomática e militar do Brasil no Prata, falseada por escritores platinos e nacionais, estava imbuído da convicção filosófica de que "só a verdade serve ao interesse da fraternidade entre povos", e mais, "que proclamar a verdade histórica e desprezar as lendas e os preconceitos é o melhor meio dos historiadores servirem às suas pátrias e o melhor modo de contribuírem para que suas respectivas pátrias se conheçam e se respeitem mutuamente". Dentro desse espírito, apresentou tese no Congresso de História Nacional do Uruguai, no Centenário de Independência daquele país, sob o título **"Convenção Preliminar de Paz de 1828**". Ela corrigiu diversos pontos e mereceu o maior respeito de nossos vizinhos. A paixão de Souza Docca era a História do Rio Grande do Sul da qual era considerado "um arquivo vivo de suas coisas e de seus homens" e, hoje, figura entre os maiores na hierarquia dos seus cultores e mestres em todas as épocas. Procurou traduzir seus conhecimentos na obra **História do Rio**

Grande do Sul, de edição póstuma, e que mereceu do desembargador Florêncio de Abreu, em prefácio, esta abalizada observação.

"E trabalho que nenhum outro escritor sul rio-grandense poderia empreender com maior autoridade na matéria. Trata-se de história completa, abrangendo todos os seus aspectos, mas, sintética vazada em estilo fácil e atraente, e de certo modo didática".

Em seu trabalho Estudo de História, entre outros conceitos, onde realçou o valor das fontes históricas e de seu processo de estudo baseado no Método de Descartes, escreveu a certa altura:

"Para o estudo de História o trabalho inicial é o conhecimento das fontes históricas, para a apreensão dos fatos que fazem chegar à síntese. A complexidade dos acontecimentos não permite considerá-los isolados na sua forma. E necessário uma noção mais completa das circunstâncias que variam desde a origem das eras sem história, onde só penetra o geólogo, passando aos aspectos geográficos, topográficos, climáticos e biológicos, para considerarmos, também, os fatores étnicos e, finalmente, combiná-los para dar forma ao enredo dos fatos a combinar".

Ele realizou muitos estudos biográficos; entre eles, sobre o Marechal Câmara, Caxias (diversos). Marquês de Barbacena, Visconde de Taunay, General Osório, Marechal Deodoro, Marechal Floriano, Getúlio Vargas, Hilário Ribeiro (seu patrono da cadeira 10 da Academia Rio-Grandense de Letras), Rocha Pombo (que substituiu no Instituto Brasileiro de Cultura) e sobre o General Bento Manoel Ribeiro (seu estudo favorito) — o controvertido General que inicialmente defendeu e ao final combateu a Revolução Farroupilha e, sob o título **Ensaio Psicológico do Marechal Bento Manoel Ribeir**o. Souza Docca, como chefe militar, honrou e dignificou o Exército. Como historiador, com apoio em documentos, restaurou, defendeu e projetou a verdade sobre a participação política, diplomática e militar do Brasil no Prata, além de haver provado e projetado o caráter brasileiro e o objetivo de Federação da República Rio-Grandense.Em todas as questões históricas sob sua apreciação, procurou comportar-se como um juiz do Tribunal da História, enfrentando a incompreensão das polêmicas que teve de enfrentar e venceu em nome da verdade histórica. Por tudo foi um prazer e um dever cívico evocar sua memória, como confrade, irmão de Armas e coestaduano no transcurso do seu centenário natalício. Sua vida e obra foram imortalizadas na obra FAGUNDES, Mário Calvet. **Souza Docca — Vida e Obra** .Porto Alegre, 1961.

Suas principais obras: Souza Docca é patrono da Cadeira 67 do Instituto de Geografia e História Militar, inaugurada pelo General Aguinaldo Senna Campos, ex-Chefe da 4ª Seção do Estado-Maior da FEB. Souza Docca participou da Campanha do Contestado, como Sargento Brigada do 30º Batalhão de Caçadores. Nesta época como potencial historiador militar escreveu o melhor perfil do grande guerrilheiro imperial Chico Pedro ou Moringue (Francisco Pedro de Abreu, futuro Barão de Jacuí). Como Capitão, classificou-se em 1º lugar em Curso de Administração Militar, ministrado pela Missão Militar Francesa. Na Revolução de 23, foi chefe de Intendência do Destacamento do Cel Eneas. Em

1930, foi preso a bordo do Comandante Riper ao largo do Guaíba. Chefiou os Serviços de Fundos e de Intendência do Exército. Colaborou diretamente na construção da AMAN e organizou o Serviço de Intendência da FEB. Foi soldado em 4 de abril de 1899, 2º Tenente em 11 de agosto de 1915 e General em 1941. Conclusões com apoio em: SENNA CAMPOS, Aguinaldo, **Discurso de posse no IGHMB** Em 5 de agosto de 1920. Segundo o acadêmico Professor Flavio Camargo em seu belo discurso inaugural da Cadeira General Souza Docca "reuniu-se um seleto grupo liderado pelo tenente Souza Docca e constituído dos seguintes Oficiais: Gen Oscar Miranda, Cap Antão de Faria, Cel Delfino Riet, Maj Miguel Pereira, Cel João Maia, Cel Aurélio Porto, Cel Faria Corrêa e outros. Nessa data, então, foi fundado o Instituto Geográfico e Histórico do RS, ficando encarregado de redigir o Estatuto o proponente da idéia Ten Souza Docca. Ainda bem jovem, publicou **A Batalha de Tuiuti**, obra que recebeu os maiores elogios, em vista de ter desmistificado conceitos mentirosos de historiadores tendenciosos e desonestos. Merecem referência especial assumir acadeira da AHIMTB General Souza Docca este publicou: **Causas da guerra do Paraguai**; **Estudo da História e a História à luz da Filosofia**; **A Convenção preliminar de paz de 1828**; **O Brasil no Prata**; **A missão Ponsonby e a Independência do Uruguai; e Limites entre o Brasil e o Uruguai.** Para o seu estado natal, Souza Docca dedicou a sua **História do Rio Grande do Sul,A Capitania de São Pedro**, **Gente Sul-rio-grandense, Bicentenário da Colonização de Porto Alegre e Vocábulos indígenas na Geografia Rio-grandense.** Contudo, sua maior contribuição para a História Gaúcha foi a coletânea dedicada à **Revolução Farroupilha**. Biografou**Visconde de Taunay,General Osório, Floriano Peixoto, Hilário Ribeiro, Getúlio Vargas** seu conterrâneo e **Rocha Pombo."** Em sua homenagem o Exército deu como denominação de sua Companhia de Engenharia em São Borja o nome do General Souza Docca. Ao finalizar seu discurso de posse na cadeira General Souza Docca finalizou o Cel Berthier "Aos companheiros e amigos que desejarem ir mais a fundo nos dados biográficos, e na análise crítica das obras de Souza Docca, recomendo a leitura do discurso de posse do ilustre Prof. FLÁVIO CAMARGO, proferido por ocasião de sua posse aqui na AHIMTB. Ele revela uma meticulosa pesquisa bibliográfica e um rigoroso documentário de acontecimentos históricos ligados à obra e a pessoa de Souza Docca. Conto com o apoio dos companheiros da AHIMTB, da Diretoria e em particular desse intelectual idealista que é o Coronel Cláudio Moreira Bento. A todos meus agradecimentos. Souza Docca publicou pela BIBLIEX; **Bicentenário da Colonização de Porto Alegre** 1941 e **Dia Pan–Americano** 1943 Souza Doca foi instado por alguém a candidatar-se a uma vaga na Academia Brasileira de Letras quando dirigia a Biblioteca do Exército. E teria recusado concorrer junto com outros candidatos. Mas insistiram que ele seria candidato único e aceitou,E ao procurar o resultado foi informado:- "General o sr. não foi eleito, pois não teve votos necessários!" Humilhado e preocupado terminou sendo vítima de um fatal ataque cardíaco. Ele fora vítima de uma armação comunista contra o Presidente Getúlio Vargas seu amigo e conterrâneo e ao Exército que ele integrava. Armação liderada Jorge Amado então comunista, dados que me foram passados por seu

falecido sobrinho o General Morivalde Calvet Fagundes. É lamentável uma instituição desta natureza ser tão hostil a integrantes das Forças Armadas. Pois nos últimos tempos o único que conseguiu ingressar foi o General Aurélio de Lyra Tavares, mas mesmo assim alvo de críticas de seus colegas como esta de que o Presidente da ABL Austregésilo de Athayde" teceu a Lyra para o interior da ABL". Entidade que deveria cultivar a isenção política e seus votos contra ou a favor serem justificados. E não simplesmente Sim ou Não.Tem merecido muita crítica a admissão dos grandes nomes da Música e do Teatro Gilberto Gil e a grande Atriz Fernanda Montenegro que deveriam pertencer respectivamente as Academia Brasileira de Música e a Academia Brasileira de Teatro, mas não a Academia Brasileira de Letras. Vamos ver se no futuro a ABL seja isenta e que seus membros esquerdistas votem em candidatos de direita de real mérito literário. E vice versa.

Estevão Leitão de Carvalho – Marechal (1891-1970)

Marechal Estevão Leitão de Carvalho

Estêvão Leitão de Carvalho, Nasceu em Penedo (AL) em 6 de abril de 1881, filho do português Francisco Leitão de Carvalho e da brasileira Maria Cerqueira Leitão de Carvalho. Fez os estudos preparatórios no Colégio Carneiro, em Salvador, e ingressou em 1898 na Escola Preparatória e de Tática do Realengo, no Rio de Janeiro (então Distrito Federal). Prosseguiu os estudos na Escola Militar da Praia Vermelha, ainda no Rio, onde fez o curso das três armas. Promovido a alferes-aluno em 1903, foi incorporado à arma de Infantaria e matriculou-se em 1904 no curso geral da Escola Militar. Em novembro desse mesmo ano, recusou-se a participar do levante dos cadetes da escola, contrários ao presidente Rodrigues Alves e ao decreto do governo que determinava a vacinação obrigatória (Revolta da VacinaObrigatória). Comunicou sua decisão aos colegas rebelados e apresentou-se às autoridades para auxiliar no restabelecimento da ordem.Promovido a segundo-tenente em março de 1907, concluiu o curso da Escola de Artilharia e Engenharia do Realengo em abril do mesmo ano, e, em fevereiro de 1908, diplomou-se engenheiro militar e bacharel em ciências físicas e matemáticas. Trabalhou em seguida na Comissão Construtora de Quartéis de Mato Grosso e, em 1910, seguiu para a Alemanha em estágio de aperfeiçoamento. Entre outubro deste ano e setembro de 1912, serviu como segundo-tenente no 4º Regimento de Infantaria da Turíngia, em Torgau.De

volta ao Brasil, empenhou-se na campanha pela remodelação do Exército, empreendida por oficiais jovens que se haviam aperfeiçoado no exterior, como Bertoldo Klinger e Euclides Figueiredo. Conhecidos como “jovens turcos” em alusão ao papel desempenhado por jovens militares na revolução modernizadora na Turquia, o grupo fundou no Rio, em 1913, a revista **Defesa Nacional**, mesmo nome do órgão propagador da renovação militar do império turco. Promovido a primeiro-tenente em abril de 1913, serviu até 1914 como instrutor no 52º Batalhão de Caçadores, no Rio, aplicando conhecimentos adquiridos em seu estágio na Alemanha. Em novembro de 1914, com a posse do governo de Venceslau Brás, foi nomeado oficial-de-gabinete do novo Ministro da Guerra, o marechal José Caetano de Faria. Foi a primeira vez que um tenente ocupou esse cargo. Isso ocorreu pelo apoio do Ministro às mudanças empreendidas no Exército Brasileiro pelo grupo de antigos estagiários no Exército da Alemanha.Nesse período, introduziram-se no Exército várias das modificações que vinham sendo propostas pelo grupo de Defesa Nacional, como o serviço militar obrigatório, a organização do Exército em divisões e a reorganização dos tiros-de-guerra. Leitão de Carvalho deixou o Gabinete do Ministro em outubro de 1918, pouco antes do fim do governo, sendo nomeado em seguida adido militar no Chile, onde permaneceu até 1921, tendo sido promovido a capitão em janeiro de 1919.De volta ao Brasil, em março de 1921, fez o curso de revisão de estado-maior sob a direção de oficiais da missão militar francesa que, sob o comando do general Maurice Gustave Gamelin, remodelou o Exército Brasileiro. Concluído o curso em janeiro de 1922, tornou-se professor adjunto de tática de infantaria passando a colaborar diretamente com os mestres franceses. Entre 1921 e 1922, também escreveu sobre assuntos militares para **O Jornal** do Rio de Janeiro. Promovido a major em fevereiro de 1923, no mês seguinte integrou a comissão militar que acompanhou a delegação brasileira à V Conferência Pan-Americana, realizada em Santiago do Chile. Em setembro de 1923, participou como técnico militar da IV Assembleia da Liga das Nações, em Genebra, e chefiou a delegação brasileira à II Conferência das Comunicações e Trânsito da Liga das Nações, realizada em novembro ainda em Genebra. Entre 1924 e 1926, representou o Brasil na Comissão Militar Consultiva da Liga das Nações e participou da Conferência para a Regulamentação do Comércio de Armas, Munições e Materiais de Guerra, realizada em junho de 1925. Sempre em Genebra, foi o representante militar do Brasil na comissão preparatória da Conferência de Desarmamento realizada em 1926.De volta ao Brasil, foi classificado no 8º Regimento de Infantaria, sediado em Passo Fundo (RS), a partir de dezembro de 1926. Promovido a tenente-coronel em agosto de 1928, no mês seguinte assumiu interinamente o posto de comandante do regimento, no qual foi efetivado em setembro de 1929. No início de agosto de 1930, foi procurado por Virgílio de Melo Franco, emissário das lideranças do movimento revolucionário que se vinha preparando no país. Levando em conta a importância estratégica da guarnição de Passo Fundo, próxima à divisa com Santa Catarina, e a ligação pessoal que existia entre o tenente-coronel Leitão de Carvalho e o pai do emissário, o embaixador Afrânio de Melo Franco, junto a quem o militar trabalhara na Liga das Nações, Virgílio propôs-lhe que se unisse ao movimento revolucionário. Leitão de Carvalho recusou.Promovido a coronel no dia 11 de setembro de 1930, por merecimento, dias depois foi novamente procurado por Virgílio de Melo Franco, que desta vez vinha credenciado diretamente por Getúlio Vargas, presidente do Rio Grande do Sul e chefe da revolução em preparo. Leitão de Carvalho tornou a recusar-se a aderir à revolução, e não concordou sequer em comprometer-se a se conservar neutro diante dos acontecimentos. Ainda assim, no dia 30 de setembro,

Virgílio endereçou-lhe uma carta em que anunciava a iminência da eclosão do movimento e o convidava a assumir a chefia do estado-maior das forças revolucionárias, ao que Leitão de Carvalho respondeu com nova recusa. Não só deixou de participar do movimento como ainda resistiu, à frente de seu regimento, aos ataques das forças revolucionárias. Sobre estes episódios, publicou em 1933 **Na Revolução de 30: a atitude do 8º RI, da guarnição em Passo Fundo.**Em 1931, foi chefe de gabinete do Estado-Maior do Exército, chefiado pelo general Augusto Tasso Fragoso. Após ter sido técnico militar da delegação brasileira à Conferência para a Limitação e Redução de Armamentos, realizada em Genebra em julho de 1932, retornou ao Brasil, tendo sido preso e reformado em outubro do mesmo ano, acusado de ligações com o movimento constitucionalista de 1932. Trabalhou, então, como superintendente de uma cooperativa de crédito no Rio de Janeiro até ser anistiado por decreto de 29 de maio de 1934, reingressando no Exército em julho. No período de 4 de outubro de 1934 a 2 de janeiro de 1936, comandou a Escola de Estado-Maior.

Entretanto, de junho a novembro de 1935 desempenhou novas funções no exterior, chefiando a delegação brasileira da Comissão Militar Neutra do Chaco, composta por representantes do Brasil, Argentina, Chile, Estados Unidos, Peru e Uruguai. A comissão foi incumbida da parte militar do protocolo que encerrou a guerra travada entre Bolívia e Paraguai (1932-1935) pela posse da parte norte da região do Chaco. A Guerra do Chaco, na qual perderam a vida cerca de cem mil homens, acabou com a vitória militar do Paraguai, ao qual os termos do tratado de paz asseguraram o domínio da maior parte da zona em litígio. Promovido a general-de-brigada no dia 28 de novembro de 1935, logo após a Revolta Comunista de 1935, participou no dia 3 de dezembro de uma reunião de generais convocada para discutir as medidas de punição aos revoltosos. Desse encontro resultou a decisão de solicitar ao presidente da República, além da aplicação das penalidades previstas em lei, a expulsão do Exército dos envolvidos. Nomeado em 1936 comandante da 1ª Brigada de Infantaria, sediada em Curitiba, em julho de 1937 deixou este comando para assumir o posto de primeiro-subchefe do Estado-Maior do Exército, chefiado pelo general Pedro Aurélio de Góis Monteiro. Em abril de 1939, assumiu o comando da **3ª**Região Militar**,** sediada em Porto Alegre, tendo sido promovido a general-de-divisão em maio de 1940.A partir de 1941, diante do crescente envolvimento dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, o Brasil passou a se aproximar militarmente daquele país a fim de colaborar, caso necessário, na defesa do continente. Ao contrário de um setor das forças armadas simpático ao Eixo, Leitão de Carvalho era decididamente favorável ao estreitamento da cooperação com os EUA. Desse modo, coube-lhe um importante papel na intensificação das relações militares com os norte-americanos a partir do início de 1942. Em março, deixou a 3ª RM e assumiu o posto de inspetor do 1º Grupo de Regiões Militares e comandante do Teatro de Operações do Leste e Nordeste, abrangendo todas as forças militares estacionadas entre a Bahia e o Pará, com a missão de colocar a região em "estado de defesa". Em maio, Brasil e EUA assinaram acordo estabelecendo as normas e condições que deviam regular a colaboração entre os dois países, resultando do pacto a formação de duas comissões mistas, uma com sede no Brasil e outra em Washington. Coube ao general Leitão de Carvalho a chefia da delegação brasileira à comissão de Washington, integrada ainda pelo almirante Álvaro Rodrigues Vasconcelos, representando a Marinha, e pelo coronel Vasco Alves Seco, da Aeronáutica. A comissão iniciou seus trabalhos em agosto de 1942. Vencida a resistência oposta à colaboração com os norte-americanos pelo

chefe do EME, general Góis Monteiro, a comissão passou a debater planos elaborados tendo em vista a possibilidade de ataque ao território por forças extracontinentais. No dia 22 de agosto, o Brasil declarou guerra aos países do Eixo. Como resultado dos trabalhos da comissão, o governo brasileiro concedeu inicialmente ao norte-americano diversas franquias, entre as quais a garantia de ordem e segurança para suas forças militares em trânsito ou em operações no território brasileiro. Facultava ainda aos EUA a utilização de instalações navais e aéreas em certos pontos do país, bem como a construção de depósitos para material e alojamentos para o pessoal. Por sua vez, o governo do Brasil assumia o compromisso de defender sua costa e mobilizar suas unidades militares, dando preferência às zonas estratégicas no Norte, Nordeste e Rio de Janeiro. Segundo diversas recomendações aprovadas pela comissão, cabia aos EUA fornecer material bélico e adestramento para as forças armadas brasileiras. Entre as diversas propostas aceitas, figuravam ainda a remessa de aviões de bombardeio norte-americanos para o Brasil e as normas para a regularização das compras de material bélico pelo governo brasileiro. As recomendações foram encaminhadas ao ministro das Relações Exteriores, Osvaldo Aranha, e receberam a aprovação do presidente da República em 17 de dezembro de 1942.

Mais tarde, Estêvão Leitão de Carvalho, em seu livro **A serviço do Brasil na Segunda Guerra Mundial** (1952), publicou carta que enviara ao ministro da Guerra em janeiro de 1944 sobre as negociações da comissão mista, afirmando: “enquanto as autoridades militares americanas se enquadraram... na concepção... de que o fornecimento de material bélico... deveria ser condicionado... à ação conjunta na guerra atual, o ponto de vista brasileiro... tem sido de que o Brasil deveria receber todo o material de que necessita para o seu Exército, a sua Marinha, a sua Aeronáutica, a sua indústria bélica e seu sistema de comunicação, isto é, deveria aproveitar a oportunidade para se transformar numa potência fortemente aparelhada para a guerra.” À frente da comissão, Leitão de Carvalho teve ainda destacado papel na defesa da participação brasileira no teatro de operações militares fora do continente. Em março de 1943, o presidente Vargas concordou com essa possibilidade de cooperação, e em agosto foi criada a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, mais tarde denominada Força Expedicionária Brasileira (FEB). O general Leitão de Carvalho candidatou-se ao comando do corpo expedicionário, mas foi preterido e permaneceu na chefia da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, acumulando esse cargo com o de delegado do Exército Brasileiro à Junta Interamericana de Defesa, órgão criado no Rio de Janeiro em 1942.Em 26 de março de 1945, foi promovido a general-de-exército, e dois dias depois foi reformado a pedido no posto de marechal. Em seguida, foi delegado do Brasil na Conferência das Nações Unidas realizada em São Francisco, nos EUA, entre 20 de abril e 26 de junho de 1945. Teve ativa participação na política nacional do petróleo entre 1948 e 1951. Juntamente com outros militares, como o general J Júlio Caetano Horta Barbosa, e políticos como Artur Bernardes**,** fundou o **Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional** (CEDPEN), tendo sido presidente de honra da entidade de 1948 a 1950. O centro reunia militares, homens públicos, intelectuais e estudantes, exercendo importante papel na mobilização da opinião pública em torno da questão do petróleo. Durante os debates sobre o anteprojeto do Estatuto do Petróleo, apresentado pelo governo do presidente Eurico Dutra, Leitão de Carvalho assumiu uma posição de defesa do monopólio estatal do produto, criticando o anteprojeto por possibilitar a participação do capital estrangeiro na exploração petrolífera. De 1949 a 1950, foi vice-presidente do Clube Militar na

diretoria presidida pelo general Salvador César Obino. Na época, a **Revista do Clube Militar** publicou diversos artigos criticando o Estatuto do Petróleo e a política em relação aos investimentos estrangeiros no Brasil. Em março de 1950, a revista publicou os pareceres de Leitão de Carvalho e dos generais Horta Barbosa e Raimundo Sampaio, membros do CEDPEN, contrários ao projeto de lei sobre investimentos estrangeiros elaborado pelo Conselho Federal de Comércio Exterior. Ainda em 1950, apareceu na revista uma conferência de Leitão de Carvalho, advogando o monopólio estatal do petróleo. Em 1951, após deixar a vice-presidência do Clube Militar, o marechal Leitão de Carvalho tomou a defesa dos oficiais membros da diretoria do clube que haviam sido transferidos por se terem pronunciado contra a intervenção norte-americana na Coréia e o envio de tropas brasileiras para aquele país.Exerceu a Presidência da **Fundação Osório**, colégio voltado à educação das filhas órfãs de militares da Força, até a data da sua morte.Estevão Leitão de Carvalho foi ainda sócio benemérito do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul, membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, da Sociedade Brasileira de Geografia e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Foi presidente da comissão diretora da revista trimestral do IHGB durante 15 anos.Faleceu no Rio de Janeiro em 29 de novembro de 1970. Publicou diversas obras sobre assuntos militares e sobre temas políticos e econômicos com os quais esteve pessoalmente envolvido:

Notas sobre a infantaria alemã (1913);
Guia para o ensino da avaliação de distancias à simples vista (1914);
A conferência do desarmamento (1936);
Petróleo: salvação ou desgraça do Brasil? (1950);
A paz do Chaco, como foi efetuada no campo de batalha (1956);
Dever militar e política partidária (1959);
Memórias de um soldado legalista (6v., 1961-1964);
Memórias de um general reformado (1967). No Rio de Janeiro,

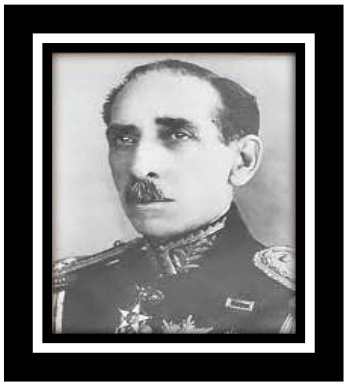
Existe uma escola municipal no bairro do Engenho da Rainha, batizada de Escola Municipal Marechal Estevão Leitão de Carvalho.

Na **Revista a Defesa Nacional** publicou segundo este autor pesquisou:**Defesa Nacional** XXXV 29/30. **A marcha para a química total** XLI 31/33. Escreveu na Revista Militar 1899-1908. **O Estado atual do Exército** 1911. Marechal Estevão Leitão de Carvalho foi intensa a sua atuação como pensador militar terrestre brasileiro. Cursou Infantaria no Exército Alemão e de retorno liderou, de certo modo, os Jovens Turcos que fundaram em 1913 a revista **A Defesa Nacional** e, de certa forma, protegendo seus companheiros reformadores do Exército, como oficial do Gabinete do Ministro da Guerra General Caetano de Farias. Seus pensamentos militares estão perenizados nas seguintes obras dentre outras: **- Notas sobre a Infantaria Alemã** - **Guia para o ensino de avaliação de distâncias a simples vista** 1914 - **A conferência de desarmamento** 1936 - **Petróleo: salvação ou desgraça do Brasil** - **A paz no Chaco como foi efetuada no campo de batalh**a - **Dever militar e política partidária** 1915 - **Memórias de um soldado legalista** 6 volumes 1961-1964 - **Memórias de um general reformado 1967.** Presidiu nos Estados Unidos a **Comissão Militar Brasil – EUA**, pela qual passaram todas as decisões de emprego das Forças Armadas do Brasil na 2ª Guerra Mundial, e sobre a qual publicou livro. - **A serviço do Brasil na 2ª Guerra Mundial** 1952. O General Estevão de Carvalho representou o Brasil em diversas comissões no exterior e integrou o gabinete do pensador militar General Pedro Aurélio de Góes Monteiro, como Ministro da Guerra, junto com Mário Clementino, como Chefe de Gabinete.

Integrou como sócio o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, atuando como ligação entre o Presidente do IHGB. Professor Pedro Calmon e o seu antigo instruído, o Presidente Médici, do que resultou o financiamento pela CEF que tornou possível a construção da moderna Casa de Pedro Calmon, a atual sede do IHGB, em cuja revista participou com 11 artigos entre os quais se destacam: - **Centenário do Marechal Caetano de Farias**. - **Forças Armadas - História da Guerra da Tríplice Aliança do General Tasso Fragoso** – **Napoleão** - **2º Centenário do Tratado de Madrid** - **Sesquicentenário do General Osório** - **Tasso Fragoso militar e historiador** Na Revista **A Defesa Nacional** publicou os seguintes assuntos, instrução. "**A instrução da nossa infantaria em face dos atuais efetivos**" – 1913, 8/11. "**O voluntario do Exército**" – 1913, 40/43, "**O raid para pelotão de infantaria"** – 1913, 77/80. "**Construção das trincheiras-abrigo**" – 1914, 121/ 125. "**Outro aspecto do nosso voluntariado**" – 1914, 201/204, 236/239, 302/305, 337/340 e 402/404. "**Infantaria – A instrução individual**" – 188/190. "**A doutrina tática dominante antes da guerra"** – III, 30/33 **"O voluntariado não basta**" – III, 82/83 – Transcr. do art. de sua autoria pub. no **Imparcial** de 17 de nov. 1915. "**Capitães montados na infantaria"** – III, 118/120. **Tribunais de honra na Argentina**" - IV, 11/14, 84/87 e 151/152. "**Exames de companhia**" IV, 51/54." – IX, 74/76, 106/109 e 173/176. "**O regimento de infantaria"** – XVIII, 193/196 e 240/242, 291/297, 347/353, 411/416, 441/447, 88 501/504, 600/604, 547/553: XIX, n. 217, 21/26. "**O problema do desarmamento na sociedade das nações** – conferência feita na escola de Estado-Maior do Exército, em junho de 1927, pelo então major Estevão Leitão de Carvalho, Ex-Assessor técnico de delegação Brasileira na conferência de Santiago e na sociedade das nações" – XIX, n. 218, p. 68/79. "**Perfil militar do marechal Jardim**" – XXV, 339/350 – conferência no Clube de Engenharia, como representante do Exército. "Na escola de Estado-Maior – **discurso na sessão de encerramento dos trabalhos escolares e entrega dos diplomas aos oficiais que terminaram o curso, realizada em 24 de dezembro de 1934.** " – XXII, 7/12. – **Discurso pronunciado por ocasião de encerramento do ano letivo**. "XXIII, 97/101 "**Vinte e quatro anos de labor profícuo**" – XXIV, n. Out, 422/426. **Colaboração militar Brasil-Estados Unidos"** – XXXIII, 181/202 – conf. realizado ano Clube Militar a 20 dez 45. "Boletim" – XXXIII, 727/728 (Set) – Em trecho do disc. no IGHMB. "**Instruções para os exames do primeiro período nos corpos da 9ª Brigada de infantaria"** – XXIV, 620/638, 19/29 (n. Jul), 202/205 (n. Ago.). "**A fundação de A DEFESA NACIONAL reminiscências"'Deodoro**" XXV, 595/602 (Nov) – **Discurso pron. em nome do Exército na Hora do Brasil**. "**O orgulho dos Veteranos"** – XLI, 13/ (Out). **"Marechal Caetano de Faria**" – XLII, 97/108 (Jun). Por sua recusa de participar da Revolução de 30, de que resultou em 1932 ser reformado, e readmitido em 1934, quando assumiu o comando da ECEME, no qual permaneceu mais de um ano. Escreveu na **Revista Militar** 1899/1908 segundo a **Coleção Bibliográfica Militar** da BIBLIEx do Cel Ruas Santos: **Notas sobre a Infantaria alemã**. 1913/1914 (artigos ilustrados). **Julgamento e resultado do tiro coletivo** 1939 (tradução de artigo de revista militar alemã), **O Oficial de infantaria alemã** 1913. **A indústria siderúrgica na Alemanha** 1920 Escreveu. **Sobre a Revolução de 30 a atitude do 1º RI, da guarnição de Passo Fundo.** Na Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil escreveu: **Discurso no IGHMB**, nº 8,1975, p.21ss. **Discurso de recepção do General Tristão Alencar de Araripe**. nº 11,1947, p.15ss. **Forças Armadas** nº 13,1948, p.85ss. 2º **Centenário do Tratado de Madrid**. nº 14, p.73ss. **Centenário do Marechal José Caetano de Farias - Homenagem** nº 19,1955, p.45ss. e **Olavo Bilac – Serviço Militar**, nº 24,1960, p. 81ss. **Nota do**

autor: Em 1986 o IGHMB pediu que escrevêssemos sobre o Marechal Caetano de Farias, cuja vida ia caindo no esquecimento. Então com muita dificuldade de fontes históricas e inexistência de índices de periódicos militares escrevemos o artigo **Marechal José Caetano de Farias como Chefe do EME e Ministro da Guerra e sua projeção na Reforma Militar** no nº 724 da **Defesa Nacional** de mar/abr 1986, p.93/124. Artigo disponível em Personalidades no site www.ahimtb.org.br e no Google.Na inatividade presidiu por largo período a Fundação Osório, destinada ao ensino de meninas órfãs de militares. Comandou na 3ª Região Militar nas grandes manobras de Saicã em 1940, quando ia acesa e viva a 2ª Guerra Mundial. Manobras que contaram com a presença de Presidente Getúlio Vargas, General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, General Pedro Aurélio de Góes Monteiro. Chefe do EME. Manobras cuja história resgatei no livro **História da 3ª Região Militar 1889-1953**. Porto Alegre: 3ª RM, 1995, p,.334/348 (ilustrado) 2º volume, hoje disponível para ser baixado ao final de Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br . r no Google Sua vida e obra foi muito bem restaurada por Roberto Pechanan no v.1 do **Dicionário Histórico – Biográfico Brasileiro,** Rio de Janeiro: Editoras FGV: CPOC, 2001 p.1172- 1774 Focalizamos o Marechal Estevão Leitão de Carvalho como Pensador Militar em nosso livro Brasil Pensadores Militares Terrestres as p.86-89.

Fernando Setembrino de Carvalho- Marechal (1861-1947)



Marechal Fernando Setembrino de Carvalho

O Marechal Fernando Setembrino de Carvalho (1861-1947) foi o pacificador do Contestado de 1914-1916. Ele nasceu em Uruguaiana-RS em 13 de setembro de 1861. Quatro anos depois Uruguaiana foi invadida e mantida por tropas paraguaias até estas se renderem em presença do Imperador D. Pedro II, conforme abordamos em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis na **História da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada** disponível em obras para baixar nosite**www.ahimtb.org.br**e no Google Ele faleceu no Rio de Janeiro em 24 de maio de 1947, com 85 anos incompletos. Síntese da evolução de sua carreira militar por suas promoções. Praça em 20 outubro de 1877 em Porto Alegre no 12º Batalhão de Infantaria, unidade que integrou a Divisão Provisória, a seu comando, no Contestado decorridos 37 anos. Segunda Parte Alferes-Aluno em 4 de março de 1882 na Escola Militar de Porto Alegre na Praia de Belas, nomeado por seu comandante, o valente herói popular na Guerra do Paraguai Cel Tibúrcio de Souza, prêmio aos bons estudantes. 2º Tenente em 5 Set 1883, na Escola Militar da Praia Vermelha, aos 21 anos. Tenente de Estado-Maior em 15

de dezembro de 1888 no atual Regimento Mallet. Capitão em 17 de março de 1890, classificado no 2º Batalhão de Engenharia em Rio Pardo. Major de Engenharia, por antiguidade em 14 de dezembro de 1900, tendo assumido as funções de subcomandante do 2º Batalhão de Engenharia em Rio Pardo. Tenente-Coronel por merecimento em 25 de abril de 1906, no comando do 2º Batalhão de Engenharia, trabalhando na construção de ferrovias e linhas telegráficas nas Missões onde em 1910 foi convidado para servir no rio no Gabinete do Ministro da Guerra, pelo General Hermes da Fonseca. Candidato à Presidência da República. Coronel por merecimento em 16 de agosto de 1911, antes de assumir a Chefia de Gabinete do Ministro da Guerra. General de Brigada em 8 de abril de 1914, no comando das atuais 10ª Região Militar e como Interventor Federal no Ceará pacificando revolta no CE e na 5ª RM/5ª DI no Paraná pacificando a Revolta do Contestado. General de Divisão em 12 de janeiro de 1918, no QG do Exército no Rio e no comando da 2ª Divisão em Niterói e no Comando da 4ª Região Militar em Juiz de Fora. Em 1922 assumiu a chefia do Estado-Maior do Exército e a seguir a função de Ministro da Guerra, tendo pacificado em 1923 a Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul. Era filho único do professor, funcionário público e comerciante, Capitão da Guarda Nacional, Fernando Vieira de Carvalho, natural de Porto Alegre e que faleceu com 94 anos e de D. Felicidade Ferreira de Carvalho, natural de Santa Maria e radicados em Uruguaiana. Iniciou seus estudos com seu pai, que desejava que fosse médico e sua mãe que ele fosse advogado. Ele preferiu ser Engenheiro Militar. Sua mãe era de um dos ramos da Família Carneiro da Fontoura, cujo tronco era o Marechal Carneiro da Fontoura do Brasil Colônia. A sua mãe, católica fervorosa, muito está a lhe dever a igreja da N.S • 39 • da Conceição a padroeira do Exército Imperial do Brasil na praça Paissandu na reconstrução, com donativos que por 3 anos ela recolhera em Uruguaiana. Era benemérita da Casa de Caridade de Uruguaiana. Em 1875, aos 15 anos, estudou em Pelotas no Colégio Reis um colega de magistério de seu pai onde foi submetido a um tratamento hidroterápico com banhos frios de chuveiro onde adquiriu resistência orgânica para conservar a vida em muitas fases trabalhosas. Em 1876 prestou exames de Português, Francês e Geografia na Repartição de Instrução Pública Geral, tendo conquistado aprovações plenas. Em 1877 estudou em Porto Alegre no Colégio Souza Lobo, onde foi colega de Augusto Borges de Medeiros e Ernesto Alves. E em 20 de outubro, ainda como interno do Colégio Souza Lobo sentou praça no 12º Batalhão de Infantaria na praça do Portão, de gloriosas tradições na Guerra do Paraguai Unidade que integrou 37 anos depois a Divisão Provisória com que ele pacificou o Contestado. De 1878 a 1882 estudou em Porto Alegre na Escola Militar de Porto Alegre, na Praia de Belas ao comando do Coronel Tibúrcio Ferreira de Souza consagrado hoje como nome da Praça da Praia Vermelha onde se erguem a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, o Instituto Militar de Engenharia e a Escola de Guerra Naval. Ao ingressar na Escola Militar na Praia de Belas foi morar numa república de estudantes. E a primeira vez que empunhou ainda recruta um fuzil, foi um Comblain nos funerais do pernambucano Barão de São Borja Tenente General Vitorino Carneiro Monteiro, denominação histórica da 6ª

Divisão cuja síntese biográfica abordamos na obra 6ª Divisão de Exército – Divisão Voluntários da Pátria: AHIMTB/Pallotti, 2001, em parceria com o acadêmico Osório Santana Figueiredo. O General Vitorino era pai do mais tarde meu querido e excelente amigo Marechal Bento Ribeiro Carneiro Monteiro. De Porto Alegre seguiu para o Rio de Janeiro, como possuidor dos cursos de Infantaria, Cavalaria e Artilharia • 40 • tendo na Escola Militar da Praia Vermelha de 1883-1885, concluído os cursos de Estado-Maior e de Engenheiro Militar como 2º Tenente de Artilharia a que fora promovido em 15 de Setembro de 1882 e recebeu o título de Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas, em complemento de seus cursos de Infantaria, Cavalaria e Artilharia em Porto Alegre e de Estado-Maior e de Engenheiro Militar Escola Militar da Praia Vermelha. E foi nomeado tenente da Ala Esquerda, formada por duas companhias do único Batalhão de Engenheiros existente e destinada a construir quartéis e fortificações no Rio Grande do Sul. As outras duas companhias integravam a Ala Direita do Batalhão aquarteladas na Escola Militar na Praia Vermelha. Neste batalhão, existiam oficiais de todas as armas. No Rio Grande do Sul existia uma Comissão de Engenharia integrada por oficiais do Corpo de Engenheiros do Exército. Neste Corpo, só podiam nele ingressar oficiais engenheiros com o posto de Capitão. E foi em Cachoeira do Sul, segundo o que o Marechal Setembrino descreve "...que me apresentei na sede da Ala Esquerda tendo exercido por dois meses a função de Secretário. Em abril de 1885 segui para Uruguaiana para auxiliar o diretor das obras do Quartel de Infantaria. Em setembro fui enviado a São Borja no comando de contingente de 100 praças à disposição do responsável pela construção em São Borja de um quartel de Cavalaria. Foi o meu primeiro comando. Um comando árduo. O seu pessoal era muito indisciplinado. Decorridos seis meses fui dispensado da Ala Esquerda e enviado para São Gabriel para o Regimento de Artilharia a Cavalo, tendo adoecido em Uruguaiana e com dois meses de licença para tratamento de Saúde. Me apresentando no hoje Regimento Mallet fui instrutor de Infantaria das praças e de instrução de Artilharia da 1ª Bia, Decorridos 5 meses fui nomeado para Comissão destinada a experimentar viaturas de transportes para o Exército. A experiência consistia em transportar de São Gabriel a Bagé pesadas cargas em caixões padrões. Nenhuma das viaturas foram aprovadas por não se prestarem as nossas estradas". No dia 22 de janeiro de 1887, aos 24 anos como 2º tenente ele se casou em Uruguaiana com a jovem Leontina Vilela com a qual havia ficado noivo quando foi destacado no comando de um destacamento em Barranca Pelada integrando um cordão sanitário em razão de estar ocorrendo uma epidemia de cólera morbus na Argentina. Com cinco meses de casado retornou em julho ao Regimento Mallet em seu quartel na Caserna de Bravos, do qual foi secretário por cerca de 18 meses ao comando do Ten Cel Bernardo Vasques, que chegou ao posto de Marechal e foi Ministro da Guerra (1894-96), antes da Guerra de Canudos, na Presidência de Prudente de Moraes, cuja biografia sintetizamos na nossa obra **História da 3ª Região Militar. 1889-1953**. Porto Alegre: 3ª RM/AHIMTB, 1995 à p. 49 como comandante da RM de 15 Fev-16 Ago 1892, que assinalou a Queda do Governicho e a quem coube intermediar, em 1895, a Paz em Pelotas. Era filho de Magé-RJ e faleceu no Rio.

O Tenente Setembrino encontrou “nele seu excelente mestre por seu elevado caráter, cultura militar e alto sentimento de justiça ...e guia seguro aos que se iniciavam no serviço militar.” Promovido a Tenente de Estado-Maior de 1ª classe deixou o Regimento Mallet com elogio do seu comandante de que transcrevo este trecho: “...Revelando sempre nas relações com este comando, ser, sem quebra da justa altivez, própria do homem digno e oficial brioso, um cavalheiro de fina educação, um militar subordinado e conhecedor dos preceitos disciplinares, de que apraz-me, declarar jamais se afastou...”. Foi adjetivado por um notável soldado de brioso, o que põe por terra seus desafetos o apelidaram de General “Sem ter brio…” A seguir foi servir em Uruguaiana como secretário do Comando da Guarnição e Fronteira compatível com sua condição de oficial de Estado-Maior de 1ª classe, função que o alcançou a Proclamação da República. Logo a seguir em 1890 foi transferido para São Borja como secretário do Comandante da Guarnição e Fronteira de São Borja ao comando do General Honorário Francisco Rodrigues Lima. Promovido a Capitão de Estado-Maior de 1ª classe foi transferido em junho de 1890 nomeado membro da Comissão de Engenheiros do Rio Grande do Sul, para reparos no quartel do Exército em Uruguaiana. Colaborou como assessor político do intendente de Uruguaiana, o Cel Antônio de Azambuja Cidade, tendo concorrido na eleição em 5 maio de 1891 e sido eleito deputado constituinte da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul que votou em 14 de julho a Carta Constitucional gaúcha. A dissolução do Congresso em 1891 pelo Marechal Deodoro da Fonseca encontrou o Capitão Setembrino deputado na Assembleia gaúcha. E presenciou pressões com vistas à renúncia de Júlio de Castilhos, que terminou por renunciar por solidário ao ato do Presidente Marechal Deodoro da Fonseca.Dissolvida a Assembleia, o Capitão Setembrino se apresentou à Comissão de Engenheiros. Finalmente, aderiu à tropa ao comando do General Manoel Luiz Osório que seguiu para Torres para fazer frente à possível invasão por forças em apoio ao Marechal Deodoro. Só não houve confronto ao Presidente Marechal Deodoro renunciar em favor de seu vice presidente o Marechal Floriano Peixoto. Os reflexos do fechamento do Congresso Nacional por Deodoro na área militar, o abordamos em detalhes **na História da 3ª Região Militar** v. II às p.17/44. Desiludido da política, retorna a Uruguaiana onde atendendo apelos de amigos passa a comandar o Batalhão Defensores da República, para lutar contra os federalistas na Guerra Civil 1893/1895. Batalhão “constituído desde os mais altos funcionários da magistratura local aos mais humildes operários”. Em breve este batalhão “por sua instrução e disciplina que eu mesmo ministrava” iria mais tarde regar em 3 Mai 1893, os campos de Inhanduí no qual 4.000 republicanos enfrentaram 6.000 federalistas. Confronto em que participou o capitão Setembrino comissionado tenente coronel por Floriano Peixoto, no comando do Batalhão Defensores da República e uma Bateria de canhões Withworth. Este combate foi o batismo de fogo do Capitão Setembrino e averbado em suas Alterações do que reproduzo este trecho: O Capitão Setembrino “com o seu Batalhão Defensores da República e Bateria em batalha, a direita da minha Brigada, vi-o funcionar até como chefe de peça, dando assim exemplos de sublime valor aos seus comandados e conquistando os

aplausos unânimes dos companheiros , que tomaram parte naquela ação por seu heroico procedimento.” E sobre este evento o Capitão Setembrino faz valiosas considerações nas p. 52/63 de suas **Memórias**. E recebeu elogio do General Hipólito Ribeiro comandante da Divisão Oeste e meu conterrâneo canguçuense que estudo em meu livro **Canguçu - reencontro com a História**. Resende: AHIMTB/ACANDHIS, 2007. 2 ed. p. 263/266, elogio do qual reproduzo trecho: “Para conhecimento das forças sob meu comando publico o seguinte: Havendo seguido doente para Uruguaiana, com licença deste comando o cidadão Tenente Coronel e Comissão Fernando Setembrino de Carvalho, comandante do Corpo Provisório de Infantaria e Artilharia, cumpro o agradável dever de fazendo-me interprete da justiça, louvá-lo por sua conduta irrepreensível, quer como militar, quer como cidadão, já tão evidentemente desde o combate de Inhandui, onde este plecaro e ardoroso republicano foi um dos cooperadores mais salientes para o brilho que ali tiveram as armas da corte republicana. A dedicação do Tenente Coronel Setembrino e a sua apurada educação militar devem servir de modelo para aqueles que empreendem a jornada (carreira) militar. Hipólito Antônio Ribeiro (comandante da Divisão Oeste). Retornou a Uruguaiana, em abril de 1895, e juntamente com o Capitão Arias Junior, Diretor de Obras, trabalhou, segundo o historiador acadêmico Carlos Fonttes, na construção de um quartel, onde se alojaria o 6º Batalhão de Infantaria. Esse aquartelamento abrigara muitas unidades militares, dentre as quais o famoso 5º Regimento de Cavalaria Independente, sendo mais tarde, aquele prédio, denominado pela população local de “Quartel Velho”, passando, muitos anos após, ao domínio público. Hoje, nada mais resta daquela velha construção, localizada a Rua Bento Martins, próximo ao rio Uruguai. Em 14 Dezembro 1900 foi promovido a Major e nomeado Fiscal (subcomandante) do recém criado 2º Batalhão de Engenharia estacionado em Rio Pardo, junto a Escola Preparatória e Tática, onde se apresentou em 13 Abr 1901. Em suas **Memórias** as p.64/67 relatou que encontrou o Batalhão mal instalado, com reduzido número de oficiais, sem disciplina, sem instrução e com falta absoluta de material. E unidade que havia participado do combate a Guerra Civil 1893-95 em Bagé e em Rio Grande a Revolta na Armada. E descreve: “Além da guarda do quartel, os soldados ocupavam-se da faxina na Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo, que o 2º Batalhão fazia parte do material de faxina (limpeza) da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo”. E prossegue em outras críticas da situação que encontrou que registramos em nossa obra em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. **Escolas Militares de Rio Pardo 1909-1911**. Porto Alegre: AHIMTB/IHTRGS, 2005, do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul. Ele concebeu a ideia de retirar o Batalhão daquela humilhante situação e o empregar na construção da ferrovia Porto -Alegre-Uruguaiana. E através de seu amigo Ten Cel de Engenheiros Bento Ribeiro, Chefe da Comissão de Construção de Linhas Telegráficas no Rio Grande Sul levou o seu pleito ao Marechal João Nepomuceno Medeiros Mallet, Ministro da Guerra (1898-1902). E passado um mês recebeu um telegrama do Dr. Vitorino Carneiro Monteiro do Rio de Janeiro: “Ontem em conferência com o Ministro da Guerra (Mallet) e o Presidente da República ficou resolvida a construção da Estrada de Ferro Porto Alegre –

Uruguaiana pelo teu Batalhão, Parabéns...' Foi momento de intenso júbilo para o 2º Batalhão de Engenharia e depois 1º Batalhão Ferroviário: "por deixar a situação humilhante em que vivia e senti-me tocado de justa emoção por haver sido o promotor de tão patriótica medida." Assim ele se tornou o pioneiro da ideia da participação da Arma de Engenharia na construção de ferrovias e rodovias, como adestramento para seu emprego nestas tarefas em caso de guerra e contribuindo assim para o Desenvolvimento e Integração do Brasil. A sua ideia foi a que sempre defendi, a participação dos batalhões de Engenharia na construção de ferrovias e rodovias e outras obras como adestramento para ficar nas melhores condições de exercer suas funções em caso de guerra e como subproduto contribuírem para o Desenvolvimento e Integração nacional. E não pura e simplesmente concorrerem com a iniciativa privada. Ou adestramento com desenvolvimento. Foi a minha convicção ao trabalhar no 1º Batalhão Ferroviário na construção do TPS de 1957/1959, como capitão comandante de Companhia, no 6º Batalhão de Engenharia de Combate em Cachoeira do Sul 1959/1960 e depois de novo no 1º Batalhão Ferroviário de 1961/1966 e mais tarde de 1981/1982 no comando do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá-MG. Lembro que em 1970 no EM/do VI Exército no planejamento de manobra em Serra Talhada, a participação planejada de tropa de Engenharia na manobra foi combatida sob o argumento de prejudicar o Desenvolvimento que então predominou sobre a prioridade de adestramento militar da Engenharia. Este ponto é importante basta ler-se a obra a **Logística da invasão** do General Aguinaldo Sena Campos que foi o E4 da FEB e publicado pela BIBLIEx em 1965. Argumentos por nós usados como Assessor do DEC em 1974 para junto ao EME evitar a extinção de Batalhões de Construção então pretendida. O 4º BE Cmb, ao ser criado em 1910, com base numa Bateria do Regimento Mallet, aquartelou algum tempo no local da Escola Militar em Rio Pardo, onde havia aquartelado o 2º Batalhão de Engenharia que como 1º Batalhão Ferroviário construiu a Ferrovia Pelotas Canguçu e por esta razão foi dada a parte da rua General Hipólito Ribeiro o nome de Avenida Exército Nacional, a qual passou a ter a seguinte denominação Avenida Nacional Brigadeiro Antônio Sampaio no bicentenário de nascimento do Patrono da Infantaria ,por ele haver comandado no local como Capitão de 1845-1849, uma Companhia de Infantaria para auxiliar a consolidação da Paz Farroupilha. O 2º Batalhão de Engenharia ao comando do Ten Cel Bento Ribeiro, grande amigo do major Setembrino deixou Rio Pardo por via férrea em 3 nov 1901 com destino a Cacequi com 500 praças e completo de engenheiros militares. De Cacequi marchou seguido de um comboio de 60 carretas até as margens do arroio Inhanduí onde acampou e no dia 18 de Novembro inaugurou o Batalhão a sua saga ferroviária com uma estaca junto a ponte sobre o rio Inhandui, e tendo o Major Setembrino, por diversas vezes assumido interinamente o comando do Batalhão e efetivo depois da saída do Cel Bento Ribeiro. Promovido a Tenente Coronel em abril de 1907 assumiu o comando efetivo do 2º Batalhão de Engenharia e depois de cinco anos de trabalho no Batalhão, retornou para sua caserna em Rio Pardo, em 7 de outubro de 1911, por ter sido substituído na missão pela Chemin de Fera au Brésil. Foram tempos difíceis que o Marechal

Setembrino aborda em suas **Memórias** às p.66/72. Com o apoio do Senador Pinheiro Machado consegue que o Batalhão receba a missão de construir a ferrovia Cruz Alta–Ijuí e em 17 de fevereiro de 1907 atingiu Cruz Alta onde acampou. E em 29 Maio de 1910 inaugurou o trecho de 30 quilômetros entre Cruz Alta e Faxinal, com a presença do General Trompowsky, comandante da 3ª Brigada Estratégica em Santa Maria, a atual 3ª Divisão de Exército, a Divisão Encouraçada cuja saga histórica escrevemos em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e Major Ândrei Clauhs sob o título **3ª Divisão de Exército Divisão Encouraçada – Centenário**. Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2008 onde abordamos o Marechal Trompowsky, o patrono do Magistério Militar as p.93/95. E dos seus trabalhos bem feitos no comando do 2º Batalhão de Engenharia, que ele descreve em suas **Memórias** às p.78/87 onde abordou: "A imagem que se formou em torno da minha obscura individualidade, naturalmente a reputação de bom soldado. Eu não era um soldado de raça. Mas logo ao ingressar na Escola Militar, senti-me dominado pelo espírito militar que mais e mais se desenvolveu na caserna. A carreira militar adquiriu para mim um caráter venerável e quase como sagrado. Era um sacerdócio a cujas imposições sempre me submeti com abnegação e devotamento. Se sacrifícios havia eu os recebia em boa mente, em honra da Pátria". E prossegue em outras valiosas reflexões sobre a carreira militar sobre o bacharelismo militar que vale a pena serem lidas. A seguir trabalhou em 1907, na construção dos ramais ferroviários Cruz Alta-Ijuí e São Borja-São Luis Gonzaga e em 1908 na linha telegráfica São Vicente-Santiago. Em 1910 recebeu em seu Batalhão, em Cruz Alta, a visita do Marechal Hermes da Fonseca que havia deixado o Ministério da Guerra (1906-1909) que lhe falou: "É necessário que você vá servir no Rio. É tempo de lá exercer uma atividade. Precisa progredir na carreira." E o convidou para ir para o Rio de Janeiro depois de 25 anos de trabalhos como engenheiro militar no interior do Rio Grande do Sul (sendo cerca de 9 anos no comando efetivo ou interino do 2º Batalhão de Engenharia, e sempre seu engenheiro chefe). No Rio, depois de 10 meses sem função e tendo sido promovido a coronel por merecimento em 16 Ago 1911 pelo Presidente Marechal Hermes, contrariando o Ministro da Guerra Emídio Dantas Barreto (1910-1911) que tinha outro candidato. E com a saída deste ministro para assumir o Governo de Pernambuco assumiu a chefia de Gabinete do novo Ministro da Guerra Gen Div Antônio Adolfo da Fontoura Mena Barreto (1911-12). O General Antônio Adolfo era veterano do Paraguai, e se destacou na proclamação e consolidação da República e é estudado na obra MENNA BARRETO, João de Deus Noronha. **Os Menna Barreto - seis gerações de soldados 1769-1950**. Rio de Janeiro: Graf. Laemmert, 1950. p. 285/346. O Coronel Setembrino continuou na chefia do Gabinete do novo Ministro da Guerra, o General Vespasiano, que havia sido seu professor de Arte Militar na Escola Militar em Porto Alegre, e segundo ele: "homem inteligente de apreciável cultura geral...amigo de seus amigos, mas inimigo rancoroso e que o único problema importante que tratou seu Gabinete, interessando o Exército foi o da Aviação Militar ...que coube-lhe a inauguração deste serviço com a construção dos primeiros hangares do Campo dos Afonsos." E descreve as p. 02/103 a as circunstâncias da morte, no

Contestado, do 1º Ten Aviador Ricardo Kirk, em desastre aéreo quando se dirigia em 1º de março de 1915 para um reconhecimento do reduto Santa Maria que seria atacado no dia seguinte. Em 9 de fevereiro de 1914 o coronel Setembrino embarcou para o Ceará para pacificar a Sedição de Juazeiro naquele estado, em substituição aos emissários do Presidente os generais Carlos de Mesquita (a que ele substituirá no Contestado) e a seguir o General Lino Ramos, missão que aborda as p.104-126 de suas Memórias, tendo assumido como coronel o comando da hoje 10ª Região Militar e a função de Interventor do Estado do Ceará onde foi promovido a General de Brigada em 8 de abril de 1914. Ao retornar ao Rio ficou a disposição do Ministro da Guerra. E a seguir foi enviado com a missão de Pacificar o Contestado. Sobre a pacificação do Contestado, deixou a respeito circunstanciado Relatório apresentado ao Ministro da Guerra Gen Div José Caetano de Farias (1914-1918) constante de 336 páginas, c/ 50 fotos e 31 anexosdo qual possuíamos exemplar que muito exploramos, com destaque para os seus notáveis, judiciosos e oportunos **Ensinamentos Militares para o combate a uma guerra irregular**. Estudamos o Marechal Caetano de Farias em artigo **Marechal José Caetano de Farias - projeção como Chefe do Estado-Maior e Ministro da Guerra na Reforma Militar**. **Revista a Defesa Nacional** nº 724, mar/abr 1986, p.93/124. A parte relativa aos **Ensinamentos Militares** se constitui um precioso exemplo da muito conhecida Crítica feita depois de uma manobra, exercício militar como instrução, ao mesmo tempo uma valiosa peça de História Militar Crítica, na qual o historiador militar crítico estuda um combate ou uma batalha, à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar, aprendidos e praticados no caso do Brasil na ECEME, em especial, com vistas a colher subsídios de Arte e Ciência Militar para formação dos quadros de uma força considerada e desenvolvimento de uma doutrina militar, no caso de uma doutrina militar terrestre genuína brasileira, como o fez Caxias, ao analisar a **Batalha do Passo do Rosário** a pedido do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de que era sócio e, mais tarde, em 1861, como Ministro da Guerra e Presidente do Conselho de Ministros, ao adaptar a **Doutrina Militar Terrestre de Portugal,** de influência inglesa, para as realidades operacionais européias, as realidades operacionais sul-americanas que ele vivenciara em 5 campanhas militares.) vitoriosas que comandara. Este é o desafio para os militares do Exército de hoje e do futuro de um país com crescente projeção internacional econômica e social, e com enormes riquezas a proteger de ambições internacionais em suas Amazônias Verde e Azul. Ou seja, desenvolver uma Doutrina Militar Terrestre do Brasil genuína temperada com o que de melhor houver nas doutrinas de exércitos de grandes potências econômicas e militares, de modo a construir, no menor tempo possível Poder Militar Defensivo Dissuasório Compatível, inclusive recorrendo com uma aliança militar mais conveniente como Portugal celebrou com a Inglaterra, contra Napoleão e o Brasil com os EUA na 2ª Guerra Mundial. E deixou também, Setembrino, em suas **Memórias,** o Capítulo III às p.127-148 sobre a sua Pacificação do Contestado que abordaremos nesta Segunda Parte deste trabalho. E desta ideia o Marechal Setembrino deu notável contribuição com seus **Ensinamentos Militares colhidos no Con**testado. De retorno ao Rio de

Janeiro, em 23 de junho de 1915, foi nomeado Inspetor dos Serviços Administrativos do Exército que mudou de nome para Diretor de Administração do Exército, função da qual aborda o seu desempenho as p. 174/177 de suas **Memórias** e na qual deixou traços de sua brilhante capacidade na função, e onde foi promovido a General de Divisão em 26 Jan 1918, sendo nomeado comandante da 2ª DE/2ª RM em Niterói, com jurisdição sobre os Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Niterói. Em 9 Jul 1919 foi nomeado comandante da 4ª Região Militar em Juiz de Fora. E em 11 Set 1911 em Juiz de Fora, sede escolhida para seu comando, instalou o seu QG em prédio particular. Comando que aborda em suas **Memórias** as p.176/181. Instalou o seu QG no Palacete Frederico Lage em Mariano Procópio e foram construídas as casernas em Juiz de Fora, São João Del Rei e Belo Horizonte e mais tarde as casernas de Ouro Preto, Pouso Alegre e Três Corações. E conseguiu manter a 4ª Região alheia às disputas entre militares na Revolução de 1922 sobre o que escreveu: “Por ocasião da campanha política entre as candidaturas Arthur Bernardes e Nilo Peçanha, o extremismo político conseguiu pelas Cartas Falsas, atrair para Arthur Bernardes uma forte corrente de oposição, de parte de numeroso grupo de oficiais, considerando-o incompatibilizado com o Exército. Este viu-se cindido em duas parcialidades. A maioria não acreditou na veracidade das cartas (que eram mesmo falsas). A agitação profunda abalou todos os espíritos do Sul ao Norte do pais. A única Região Militar que manteve calma atitude alheando-se de qualquer pronunciamento político foi a de Minas Gerais...” A Região sob o seu comando! Nomeado Chefe do Estado-Maior do Exército ele deixou Juiz de Fora em Julho de 1922 depois de três anos de feliz e profícuo comando da 4ª Região Militar que ele organizara. O General Setembrino assumiu a chefia do Estado-Maior do Exército em 5 de julho de 1922 em momento grave do Brasil. Na noite anterior havia estourado a Revolta da Escola Militar do Realengo e do Forte de Copacabana. E às p. 182/187 de suas **Memórias** ele descreve a parte que lhe coube no episódio como Chefe do Estado-Maior do Exército e a iniciativa que teve de assumir o comando das operações para sufocar a Revolta. E seu pensamento militar sobre Estado-Maior expressou três anos antes em Artigo na **Revista A Defesa Nacional** nº 73 de 15 Set 1919 quando exercia esta função o seu grande amigo Gen Div Bento Ribeiro. Artigo centenário resgatado, a nosso pedido, pelo Major Alcides de Souza, Historiador da BIBLIEx. Em 15 de novembro de 1922 o General Setembrino, a convite do presidente eleito Arthur Bernardes assume as funções de Ministro da Guerra que exerceu de 1922-26 por quatro anos em substituição ao Ministro da Guerra Pandiá Calógeras. E nas páginas 188-297 de suas **Memórias** aborda eventos de sua ação como Ministro da Guerra, dentre eles a Pacificação da Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul às p. 206/223 e o grande movimento revolucionário. O Gen Setembrino em visita como Ministro da Guerra em 1923 em Rio Pardo, ao solar de D. Maria Adelaide, filha do General Andrade Neves, o Barão do Triunfo, residência defronte à Escola Militar em Rio Pardo onde ele servira longo tempo e comandara o 2º Batalhão de Engenharia aquartelado naquela escola. A sua filha mais velha Zaida se casara com o sobrinho de D. Maria Adelaide, Francisco Ramos Andrade Neves que, como

general em 1932, comandou a 3ª Região Militar no combate à Revolução de 1932. Neste período pacificou a Revolução de 1923, em Pedras Altas - RS, atuação que mereceu elogios, por sua atuação, do historiador Sérgio da Costa Franco, em seu livro **A pacificação da Revolução de 1923** - As negociações em Bagé. Porto Alegre (vide Bibliografia). Em abril de 1924 foi graduado Marechal, tendo consagrado no ano anterior o dia 25 de agosto data do nascimento do Duque de Caxias, como o Dia do Soldado em homenagem ao Pacificador do século XIX tendo assinado artigo "**Dia do Soldado - sua instituição**" na **Revista A Defesa Nacional** nº 189, set 1929 que transcrevemos na Introdução desta obra. Em razão do Marechal Setembrino, até então, registrar em seu currículo a pacificação de três movimentos armados, em 1914 a Sedição de Juazeiro no Ceará, em 1914/1916, a Guerra do Contestado e em 1922, haver mantido a 4ª Região Militar em Minas Gerais alheias às agitações que culminaram na Revolução de 1922 (motivada por Cartas Falsas atribuídas ao presidente eleito Arthur Bernardes), e em 1923 a pacificação da Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul, considero-o o Pacificador do século XX. Enfrentou igualmente as revoluções tenentistas de 1922, no Forte de Copacabana e na Escola do Realengo que lhe coube sufocar conforme descreve em suas **Memórias** a sua atuação como chefe do Estado-Maior e a Revolução de 1924 em São Paulo, liderada pelo General Izidoro Dias Lopes, filho de D. Pedrito, e no Amazonas e Sergipe, tendo lançado dois manifestos ao Povo Paulista, em 11 de julho pedindo aos revoltosos que voltassem à Ordem e no dia 18 de Julho **O Manifesto 'Camarada**s' dirigido às praças pedindo que se dirigissem ao Comando das Tropas Legais onde seriam isentos de culpa. E a seguir a Coluna Miguel Costa Prestes 1924/26 como Ministro da Guerra de Arthur Bernardes. Na sucessão do Presidente Arthur Bernardes seu nome foi cogitado para a Presidência da República, conforme documenta em suas **Memórias** tendo declinado e apoiado o Presidente Washington Luiz. Setembrino deixou no livro **Memórias** – dados para a História do Brasil do qual conseguimos cópia que estamos explorando, das quais o CPDOC da Fundação Getúlio Vargas também possui, junto com o Arquivo do Marechal a ela confiado. **Memórias** digitalizadas em 304 páginas pela Universidade do Texas, nos Estados Unidos. Memórias relevantes para a História do Brasil, entre a Proclamação da República e a Revolução de 1930. E na Academia Militar das Agulhas Negras, no acervo da Federação de Academias de História Militar do Brasil (FAHIMTB) e Academia de História Militar Terrestre/Resende Marechal Mário Travassos, homenagem ao 1º comandante da AMAN, as suas **Memórias** estarão disponíveis para pesquisas nos centenários em 2022 da Revolução de 1922 na Escola Militar e no Forte de Copacabana e da Revolução de 1924 em São Paulo e da Coluna Miguel Costa Prestes. **O Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro 1930- 1983** da Fundação Getúlio Vargas v.1, p.682/684 aborda com mais detalhes sua vida e obra, inclusive que chegou a ser cogitado a candidatar-se à presidência da República na sucessão de Arthur Bernardes, quando desautorizou o lançamento de sua candidatura e apoiou a candidatura de Washington Luiz. O Centro Cultural de Uruguaiana, no antigo Quartel-General da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada de 1944/1977,

abriga várias peças relacionadas com o seu ilustre filho que foi consagrado pela Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) como patrono de sua Delegacia em Uruguaiana que tem por Delegado o acadêmico historiador e artista plástico Carlos Fonttes que nos forneceu cópia de suas **Memórias**. Ele se casou em 22 de janeiro de 1887 em Uruguaiana, aos 25 anos como 2º Tenente com D. Leontina Damasceno Vilela, de cujo consórcio nasceram 8 filhos: Zaida que se casou com o General Francisco Ramos de Andrade Neves, neto do general Andrade Neves, o Barão do Triunfo e que comandou a 3ª Região Militar durante a Revolução de 32 (vide do autor: **História da 3ª RM**. V.II, p.288); Fernando, bacharel em Direito; Adelina, casada com o Cel Lafayette Cruz; Scylla que se casou com o General Sebastião do Rego Barros; Urbano, engenheiro civil; Isabel, casada com o General Pedro Geraldo de Almeida que comandou a AMAN em 1962 e foi chefe do Gabinete Militar do Presidente Jânio Quadros e consta do **Dicionário Histórico Brasileiro da FGV**.v 1, p.85; e César, Engenheiro Civil. Em Uruguaiana existe a Av. Marechal Setembrino de Carvalho, a rodovia, de Uruguaiana, que vai dos quartéis da Guarnição local, até o aeroporto. E também em Campinas–SP existe rua com o seu nome. A Unidade de Artilharia AD/5 DE – Artilharia Divisionária da 5ª Divisão de Exército, de Curitiba-PR, tem a denominação de Artilharia Divisionária Marechal Setembrino de Carvalho e também, como homenagem a ele, existe a "Medalha Marechal Setembrino de Carvalho" e em Campinas-SP existe importante rua em sua homenagem. Em 23 de setembro, aos 77 anos, deixou as seguintes disposições à família sobre a sua morte e constantes de suas **Memórias**:

"Minha morte Pressinto que se aproxima a hora derradeira de minha vida. A voz secreta de minha alma anuncia o triunfo das forças destruidoras do organismo físico, na luta com as energias vitais. Há muito me fervilha na mente ideia de registrar no papel, para serem lidas e executadas no momento oportuno, minhas últimas palavras neste mundo. Pelos motivos acima referidos resolvi fazê-lo hoje, e ainda porque neste instante toda minha sensibilidade acha-se sob a influência da música, pelo rádio. A música sempre exerceu um grande poder sobre meus generosos sentimentos, teve sempre um grande império em minha alma e coração. Este último período de minha existência se caracteriza por acerbas dores morais, ainda que aparentemente tal pareça não suceder. Pura ilusão! Efeito de uma dissimulação imposta pela mais elevada e necessária discrição a que conveniências de naturezas várias me obrigam. Intimamente, porém, sofro muito. Amúsica, hoje, não sei porque, deu um impulso de tal ordem aos meus sofrimentos que fui levado a pensar na morte, e mesmo a desejá-la, resolvendo, por isso, não mais adiar aquilo que, como disse, desejava, há mais tempo, fazê-lo. Rogo, pois, aos meus amados filhos e filhas, ou as pessoas presentes, se porventura meu passamento ocorrer na ausência deles, que sejam cumpridas àrisca as seguintes instruções: 1 - O "enterramento deverá ser o mais simples possível"; 2 - A comunicação à Repartição competente militar deverá ser após o sepultamento, a fim de evitar pronunciamentos oficiais de qualquer ordem, e esta comunicação somente porque é necessária a fins ulteriores; 3 - Não haverá convites por meio algum, nem aviso a parentes e amigos; 4 - Os filhos presentes

e alguns amigos poderão ser auxiliados • 57 • por Praças do Exército para conduzirem o féretro para o carro e deste para o cemitério; 5 - Na sala mortuária, isto é, naquela em que o corpo for depositado, aguardando o tempo legal para o saimento, não deverá haver preparativos ou modificação de espécie alguma; 6 - Numa simples mesa o caixão deverá ser colocado; 7 - Não haverá tochas ou velas; 8 - Um simples crucifixo como continuação ou demonstração derradeira da profunda veneração que sempre tributei a Cristo, grande Redentor da Humanidade; 9 - Não haverá absolutamente flores. Estas só devem aparecer onde há alegria, e embora não haja grande pesar é de justiça esperar que alegria também não haja; 10 - Ninguém absolutamente deverá ver meu corpo; 11 - Logo depois de expirar deverei ser coberto, inteiramente, dos pés à cabeça. Provisoriamente, com uma colcha ou lençol, depois enrolado dos pés ecabeça em um pano de veludo roxo ou azul marinho, de maneira que ninguém me veja o rosto, vedando-o assim a todos os olhares; 12 - Com estas disposições não haverá na sala, além das pessoas que, apesar de não anunciado o passamento, comparecerem, mais que uma mesa, sobre a qual estará o caixão. Tudo muito simples de modo a não impressionar a ninguém; 13 - Por mim não haverá encomendação. Mas, não devo privar as pessoas da família, religiosas, dessa parte do ritual das cerimônias do seu culto; 14 - A sepultura será perpétua, podendo ser utilizada por outros da família. Fica isto à deliberação dos sobreviventes; 15 - Não deverá haver luto. Fui sempre contrário a exteriorização de pesar sincero ou convencional; 16 - Supondo que aos reformados, hoje, não cabem honras fúnebres militares. De qualquer maneira eu não as quero o que, aliás, se depreende do item n° 2; 17 - A Mutualidade do Clube Militar e o Círculo dos Reformados fornecerão um conto e tanto cada um para o enterro, no mesmo dia em que ocorrer o óbito. Basta telefonar. O Governo concorre, segundo a última tabela, se me não falha a mente, • 58 com 2 contos de réis, assim disporão com cerca de 5 contos para o enterramento; 18 - Se alguém, por espírito religioso, ao qual me não posso contrapor, por não dever tentar influir em crença alheia, lembrar-se da celebração de missas, poderá realizar a ideia, mas sem convites. Somente para as pessoas da família que revelarem interesse em comparecer; 19 - Morro com a consciência tranquila, com sincera paz de espírito e até mesmo satisfeito, porque já vivi além do que era necessário. Nada mais tenho a realizar neste mundo. Servi com dedicação esmerada à Pátria, à Família e à Sociedade; 20 - Levo para o túmulo o grande amor que sempre consagrei aos meus extremados filhos, a quem procurei ser útil em toda a minha vida. Marechal SETEMBRINO DE CARVALHO.”

Sobre sua vida e obra escrevi o livro **A Revolta do Contestado1912-1915 nas Memórias e Ensinamentos de seu Pacificador .** Obra disponível para ser baixada em Livros e Plaquetas no site www.ahimtb.org.br e no Google.

Nota do autor : Creio que decorridos 100 anos devam os profissionais militares julgá-lo como umsoldado que foi fiel a sua verdade e não por suas posições a partir da Revolução de 1922, provocadas por **Cartas Falsas** tomadas por muitos como verdades e que tantos prejuízos causaram a inocentes alunos da Escola Militar do Realengo que foram desligados, dos quais privei com os

notáveis Generais Jonas de Moraes Correa Filho e Edmundo de Macedo Soares hoje patronos das cadeiras 34 e 49 da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil e que foram meus presidentes no Instituto de História e Geografia Militar do Brasil e confrades no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e que tantos e notáveis serviços prestaram ao Brasil. (*) O original desta carta encontrava-se em poder de uma filha do Marechal (Sra. Lafayette Cruz), em Porto Alegre.

Francisco de Paula Azevedo Pondé -General (1905-1995)

General de Divisão Francisco de Paula Azevedo Pondé

Sua maior contribuição como historiador e pensador militar foi através das seguintes obras de resgate da Organização e Administração do Ministério da Guerra, no Império e na República através das seguintes obras:

- **Organização e Administração do Exército no Império 1986**

- Organização e Administração do Ministério da Guerra na República 1994

Ele resgatou livros registros na Real Academia Militar, que lhe permitiram resgatar expressivamente a sua história e a de seus alunos, esclarecendo esta declaração do Cel José Pessoa em 1939, ao contar a História do Espadim de Caxias, “para que não ocorresse com ele o que ocorreu com a Real Academia Militar que dela hoje se sabe que apenas existiu”.

O General Pondé era técnico dirigiu superiormente o Arsenal do Rio de Janeiro no qual organizou notável museu de armas que assinaram a evolução da Doutrina do Exército no tocante a seu Armamento. Publicou valiosa obra sobre documentação histórica do Arsenal do Rio de Janeiro.

Na inatividade atuou ativamente no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e presidiu o Instituto Histórico do Rio de Janeiro. Resgatou e divulgou a História da Indústria Militar do Exército.

FRANCISCO DE PAULA E AZEVEDO PONDÉ, ilustre representante da cultura baiana, que tantas e tão importantes contribuições deu à Cultura Brasileira, e a quem tive a grande honra de conhecê-lo pessoalmente, como aliás também, muitos dos aqui presentes:FRANCISCO DE PAULA E AZEVEDO PONDÉ;Natural de Salvador, Bahia a 06 de agosto de 1905.Casado com D. DULCE MARIA LEBRE E AZEVEDO PONDÉ.Engenheiro Militar.General de

Divisão.Falecido no Rio de Janeiro a 12 de dezembro de 1995.

Sua formação escolar:- Secundário: Ginásio Ipiranga e Colégio Antônio Vieira - Salvador - Bahia;- Universitário:Escola Militar do Realengo - Curso de Artilharia, turma de 1925.Meteorologia: Ministério da Agricultura – 1930 - Pós-graduação:**-** Escola Técnica do Exército (hoje Instituto Militar de Engenharia - IME) - Engenharia Industrial e de Armamento, 1938.-Master in Science of Engineering - University of Michigan, USA, 1947.-Automotive Course - Aberdeen Provlng gound, Maryland, USA – 1948,- Escola Superior de Guerra - Curso Superior, 1967.

Exerceu importantes funções militares e de ensino técnico, no Exército Brasileiro, com dezenas de trabalhos publicados, dentre livros, artigos e conferências.Estagiou na Indústria Civil e no Exército, nos Estados Unidos.Serviu como oficial de Artilharia no 8º Regimento de Artilharia Montada (Pouso Alegre), Fortaleza de São João, 4º Regimento de Artilharia Montada (Itú), Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro.

Como engenheiro militar foi o fundador do curso de Automóveis da Escola Técnica do Exército, 1948, e professor simultaneamente dos cursos de Metalurgia, Armamento e Automóvel.

Foi Diretor da Fábrica do Andaraí, chefe de Gabinete da Diretoria de Fabricação e Chefe de Gabinete do Departamento de Produção e Obras do Exército. Como OficialGeneral foi diretor do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro, Diretor de Fabricação e Recuperação e Membro da Comissão de Promoção de Oficiais do Ministério do Exército.

Em 1961, no comando e direção do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro, criou o Museu de História do Arsenal, por ocasião das comemorações do bicentenário daquele Arsenal, o mesmo museu que está sendo agora incluído num roteiro de visitação, dentro da nova política de difusão do nosso Exército Brasileiro.

Recebeu as seguintes condecorações:

- Medalha de ouro com passador de platina (40 anos de serviço militar)- Medalha de Grande oficial da Ordem do Mérito Militar- Medalha do Pacificador- Medalha Maria Quitéria,- Medalha Souza Aguiar- Medalha José Bonifácio- Medalha Cultural e Cívica José Bonifácio de Andrada e Silva- Medalha Cândido Rondon.Além de Militar de brilhante carreira, foi um primoroso investigador da História Pátria. Devemos-lhes obras singulares. Raros, no terreno da pesquisa paciente e construtiva, terão revelado as qualidades que dele fizeram um mestre.Foi presidente, durante cerca de 18 anos, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro e seu primeiro presidente Honorário, foi presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Histórico de Petrópolis, do Museu de Armas Ferreira da Cunha em Petrópolis e Conselheiro Editorial da Biblioteca do Exército. O General Pondé ficava feliz em falar sobre sua terra natal - a Bahia.O Instituto Militar de Engenharia o reverenciou dando seu nome à uma turma de Oficiais Engenheiros Militares A Academia de História Militar Terrestre do Brasil, o consagrou como patrono da Cadeira n.º32 que foi inaugurada pelo historiador e engenheiro militar

TRABALHOS PUBLICADOS - *(Livros, Artigos, Conferências*- Metalografia e Tratamentos Térmicos - ETE - 1944

- **Trabalhos Práticos de Metalografia Micro***scópica - ETE* - 1949

- **Demonstrações de Munições** - Trabalho apresentado após retomo de viagem a Suécia - publicado no **Boletim de Informações Técnico-científicas** de Departamento Técnico de Produção Militar do Exército - ano 7, n.º 01, 3 Trim. – 1954.

- **História da "Casa do Trem" e sua posição Histórica** - Anais do MHN Vol. XIV - 1953 e Rev. do Inst. de Geografia e História Militar do Brasil, n.º 42, Vol. XXIV – 1962.

- **Indústria Militar** - Jornal do Brasil – 1965

- **Indústria Militar - História** - Ver. Revista Militar Brasileira, ano LII, n.º 03 - Vol. LXXXI - 1966

- **Discurso de apresentação do professor Adolfo Morales de Los Rios Filhos,** no Centro de Estudos do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro - Ver. do Inst. de Geografia e História Militar do Brasil - IV e 44 Vol. XXXI - 1963

- **Trabalhos de Fundição** - Apresentação

- **Armas e Uniformes do Exército ligados à História do Rio de Jan**eiro - Conferência no - **Clube Militar no Ciclo do 4º Centenário do Rio de Janeiro -** 1965 (na biblioteca do Exército)

-**História das Armas e Uniformes** - Conferência no Pen Clube - 1965

-**História dos Uniformes nos tempos de D. Pedro II** - Discurso de Posse no Inst. Histórico de Petrópolis – 1966

-**De Montes Caseros a Tuiuty - História, Armas e Fardamentos** - Conferência no Museu Histórico Nacional - 1966 Publicado nos Anais do MHN , Vol. XVIII Com do 1º Centenário da Batalha de Tuiuty

-**Conde da Cunha** - Conferência no Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro - 1963

-**Discurso de Posse no IHGB** - sobre Frei Vicente do Salvador e Luiz Edmundo.

-**D. João VI e a Emancipação Intelectual do Brasil** - Conferência do IHG Brasileiro - 1967 - Ver. do IHGB, Vol. 279 - 1968

-**A Defesa Militar do Porto e da Cidade do Rio de Janeiro** - Conferência no Clube Militar, no Ciclo do 4^{9} Centenário do Rio de Janeiro - 1965 (no Prelo da Bibl. do Exército

-**Ten. Coronel Carlos Antonio Napion - Patrono do Quadro de Material Bélico** - Ver Inst. de Geografia e História Militar do Brasil - Ano LIV, n^{e} 01 Vol. LXXXVU1 - 1966

-**História de Defesa Territorial Fluminense** - conferência em Petrópolis, na Colônia Fluminense sob os Auspício do Inst. de História de Petrópolis - 1968

-**História e Mensagem do Arsenal de Guerra do Rio** - no Prelo - Rev. Militar Brasileira 2-0 Porto da Estrela e Sua História Inédita

-**Discurso de agradecimento, em nome do Ministro da Guerra, Gen. Artur da Costa e Silva,** na Conf. Nac.daInd./1964 - Boletim da Conf. Nac.da Indústria.

-Várias Conferências em Organizações do Ministério do Exército.

Seus artigos em revistas.

Na Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil

Volume XXIX número 42- **HISTÓRIA DA CASA DO TREM E A SUA POSIÇÃO NA HISTÓRIA** p. 09

Volume XXXIII número 62- **ARMAMENTO DAS TROPAS DE TERRA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO** p 43.

Volume XLIX número 63-**RECEPÇÃO DE SÓCIOS - SAUDAÇÃO AO**

GENERAL FRANCISCO DE PAULA E AZEVEDO PONDÉ PELO GENERAL ANTÔNIO DE SOUZA JUNIOR p. 59.

AS ESPADAS DO PRIMEIRO IMPERADOR p. 177

Volume XLVII número 60- **DISCURSO DE POSSE DO GENERAL FRANCISCO DE PAULA E AZEVEDO PONDÉ EM 16 DE DEZEMBRO DE 1969, NO AUDITÓRIO DO ARSENAL DE GUERRA DO RIO** – p. 21.

Volume L número 64´- A - **MARECHAL DE CAMPO ANTÔNIO SAMPAIO**

B-) **COMO FOI COMEMORADO CINQUENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA p. 61.**

Volume LIII número 66-- **AS FORTIFICAÇÕES DO TERRITÓRIO FLUMINENSE** p. 27.

Volume LX-- **A INDÚSTRIA MILITAR ANTES DA IMPLANTAÇÃO DA IMBEL** p. 71.

Na Revista A Defesa Nacional

Volume número 714-**DUQUE DE CAXIAS** p. 167.

Volume número 716-A DEFESA DAS FRONTEIRAS TERRESTRES **(1750 - 1780) p. 153.**

Volume número 293- POSSE DO IHGB **p. 35.**

Nos Anais do Museu Histórico Nacional.

Volume número 716- A DEFESA DAS FRONTEIRAS TERRESTRES (1750 - 1780) p. 153.

Volume número 293- POSSE DO IHGB p. 35.

Nos Anais do Museu Histórico Nacional.

Volume XVII- DE MONTE CASEROS À TUIUTI **p. 37.**

Volume XXII- OS MUSEUS E EMBLEMAS DO ARSENAL DE GUERRA DO RIO DE JANEIRO p. 17.

Volume XXXVI- OS TRANSPORTES NO SEGUNDO REINADO p. 81

Na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro **30ª Aniversário 1987.**

OS DOIS CAMINHOS DA SERRA DA ESTRELA p. 17.

Nos Anais da Independência Histórica do Brasil – 1975.

ACADEMIA REAL MILITAR p. 37.

A REALIZAÇÃO DO PLANO DE DEFESA DO TEN. CEL. ANTÔNIO ELZEÁRIO DE MIRANDA E BRITO EM 1822 p. 253.

PLANO DE DEFESA ECONÔMICO E MILITAR PARA A DEFESA DA ILHA GRANDE p. 385.

No Anuário do Museu Imperial.

Volume 37-41-- EVOLUÇÃO INDÚSTRIAL NO IMPÉRIO p. 215.

Volume 33-- D. PEDRO I E O PORTO DA ESTRELA p. 51.

Na Revista do Clube Militar

DEZEMBRO DE 1981LABATUT p. 05

Na Revista do Exército Brasileiro

- **LABORATÓRIO PIROTÉCNICO DE CAMPINHOS** - Dezembro de 1988 número 04 número 25 p. 88 - 93.

Na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

A CAMPANHA SERTANISTA DE RONDON. 148(354): 19-35, JAN./MAR. 1987.IL.

O CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO GENERAL AUGUSTO TASSO

FRAGOSO. 286:64-81, JAN./MAR. 1970.

D. JOÃO VI E A EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL DO BRASIL. 279:114-135, ABR./JUN. 1968.

A DEFESA DAS FRONTEIRAS TERRESTRES: 1750-1780, DE ACORDO COM O TRATADO DE MADRI. 155(382): 197-226, JAN./MAR. 1994.

O DUQUE DE CAXIAS. 338:175-184, JAN./MAR. 1983.

A FAZENDA DO BARÃO DE PATI DO ALFERES: FAZENDA DA PIEDADE. 327:83-155, ABR./JUN. 1980.

A INDÚSTRIA NO BRASIL À ÉPOCA DA INDEPENDÊNCIA. 305:5-33, OUT./DEZ. 1974.

O PORTO DA ESTRELA. 293:35-93, OUT/DEZ. 1971. IL.

SAUDAÇÃO A CONSUELO PONDÉ DE SENA COMO SÓCIA CORRESPONDENTE DO IHGB. 154(38L):271-275, OUT/DEZ. 1993.

Volume 279 A) **D. JOÃO VI E A EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL DO BRASIL** p. 115. e **CURSO D. JOÃO VI E O TRATADO DE VIENA DE** 1815 p. 65.

Volume 305-**A INDÚSTRIA NO BRASIL A ÉPOCA DA INDEPENDÊNCIA** p. 05.

Volume 327**-- A FAZENDA DO BARÃO DE PATI DO ALFERES (Fazenda da Piedade.**

O abordamos em meu livro **Brasil Pensadores militares terrestres** a p.263-270. Obra disponível para baixar em Livros e Plaquetas no site www.ahimtb.org.bre no Google. Convivemos com o General Pondé nos IGHMB.IHGB e IHG RJ. Foi uma convivência muito agradável e muito proveitosa culturalmente.

Francisco de Paula Cidade -General (1883-1968)

General de Divisão Francisco de Paula Cidade
Veterano da FEB, como juiz militar

A História estuda o Passado, para se entender o Presente, para melhor se planejar o Futuro em condições realistas. Esta abordagem reverencia a Memória do maior e mais profícuo historiador do Exército de seu tempo, o General de Divisão Francisco de Paula Cidade, cuja obra paira sobre o Exército Brasileiro, qual Estrela de raro brilho e ponto obrigatório de visita de todos os integrantes do Exército, com vocação e aptidão para se dedicarem às atividades relacionadas com a História Operacional e Institucional do Exército. Visita obrigatória, com vistas dela retirar subsídios de valor à disposição da instrução dos Quadros e Tropa do Exército Brasileiro e desenvolvimento progressivo da sua Doutrina, genuína, sonho manifesto pelo Duque de Caxias em 1861, Patrono do Exército e das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) como Chefe do

Gabinete de Ministros e Ministro da Guerra, no contexto da Questão Christie, ocasião em que a adaptou às realidades operacionais sul-americanas que ele vivenciara em 4 campanhas vitoriosas em que comandou o Exército Brasileiro, à Doutrina do Exército de Portugal, de influência inglesa, voltada para as realidades operacionais da Europa. Recordemos sua vida e obra a serviço do Progresso do Exército.

Dia 22 dezembro 2022 assinará 140º aniversário de nascimento do porto alegrense General Francisco dePaula Cidade. Oficial de Infantaria e de Estado-Maior de escol, além de bem sucedido comandante de Unidades e de Grandes Unidades, na paz e em ações de guerra interna e externa, e que foi apontado aos Cadetes, em 1955, em Ordem do Dia do comandante da AMAN, como um exemplo de oficial a ser seguido.

Paula Cidade hoje reverenciado como patrono de cadeira da AHIMTB-RS, devotou o melhor de suas energias, patriotismo, idealismo e inteligência para o progresso do Exército, a ponto de ser punido disciplinadamente por lutar pelas ideias hoje vitoriosas – a retirada do Exército do encargo de guardar repartições fazendárias e a exigência de arregimentação na tropa, como condição de promoção, costumes que comprometiam seriamente a operacionalidade do Exército, no início do século.

Participou ativamente, como oficial de Infantaria, “troupier ou tarimbeiro” e de Estado-Maior e escritor especializado em assuntos militares, da Reforma Militar, cujos lances principais imortalizou indelevelmente em sua obra literária. Assim, foi cofundador e redator da Revista dos Militares, fundada em Porto Alegre em 1912 e da Defesa Nacional, fundada no Rio, em 1913, junto com outros “jovens turcos”. Revistas que na época tiveram papel relevante na formação e difusão da moderna corrente do pensamento militar terrestre brasileiro. Pensamento que ajudou a arrancar o Exército dos ultrapassados padrões operacionais revelados na Revolução Federalista 1893-95 e Guerra de Canudos, 1897, aos modernos padrões alcançados pela FEB, na Itália. Força que fez muito boa figura ao lutar, lado a lado, ou contra representações dos melhores exércitos do mundo presentes na Europa Ocidental na 2° Guerra Mundial.FEB que ele integrou como Juiz Militar.

Como escritor militar voltado fundamentalmente para a História Militar, desde os tempos da Escola Preparatória Tática do Rio Pardo, em 1902 e até 1967, ou por cerca de 65 anos, foi quem produziu em seu tempo a obra literária militar mais atentada e variada, além de pioneiroentre nós em Geografia Militar.Foiaté falecer em 1968, aos 84 anos , o maior intérprete da evolução da doutrina, do pensamento e do processo histórico militar brasileiro. Até o presente foi o único geógrafo e sociólogo militar terrestre brasileiro, de fato.

Egresso da Escola de Guerra, em 1908, em plena crise provocada pelo Regulamento de Ensino de 1905, ponto de inflexão do ensino militar, de bacharelismo para profissionalismo militar, o Aspirante Paula Cidade, carente de conhecimentos militares modernos, foi juntar os seus esforços a oficias com cursos na Alemanha , formando o grupo chamado “jovens turcos” e, desde então, dínamos da modernização do Exército e a qual se juntaram, pouco a pouco,

outras expoentes da classe, tudo sob a égide de destacados chefes do Exército da época.

Paula Cidade foi professor de História e Geografia Militar da Escola Militar, durante o memorável comando do então Coronel José Pessoa, o idealizador da AMAN e, a convite desse chefe, para “ajudá-lo a carregar a sua cruz”.

Desse contato guardou as melhores recordações de seus cadetes e estes de sua figura marcante de mestre e exemplo de profissional militar.

Foi introdutor de Geografia Militar na Escola do Estado-Maior e a seguir na Escola Militar, depois de diversas incursões na Seção de Geografia e História do EME, como adjunto e chefe. Exerceu a chefia de Gabinete da então recém criada Secretaria Geral do Ministério da Guerra, sob chefia de seu amigo desde o Rio Pardo, General Valentín Benício, ao qual substituiu diversas vezes num período de realizações culturais memoráveis daquela repartição.

Como profissional militar deescol e de profissão de fé legalista, Paula Cidade encerrou sua carreira em ações de guerra, no Norte, como Comandante da 8.ªRM, encarregada da proteção da Base Aérea de Val de Cans, próxima do Canal do Panamá e ponto de passagem obrigatório, junto com o Amapá e com Natal, no Saliente Nordestino, das comunicações militares aéreas americanas com a África e a Europa e, finalmente, como coroamento, a função de membro do Conselho Supremo de Justiça da FEB.

Ao despedir-se de seu chefe, amigo e também gaúcho, o então General Mascarenhas de Moraes, ouviu dele estas palavras proféticas:

“Cidade, vamos partir para a maior aventura de nossa História Militar”.

Como escritor militar, encerrou sua carreira na Ativa, na presidência da Biblioteca do Exército. Sua obra literária voltada para o progresso do Exército, continua a produzir seus benéficos efeitos. E, por muitos e muitos anos, será difícil alguém estudar História, Geografia e Sociologia Militar Terrestre Brasileira e a História do Exército como instituição de 1902-1966, sem beber a sabedoria específica na obra de Cidade.

Não foram fáceis a vida e as dificuldades de Paula Cidade como escritor e soldado, para provar que:

“Não cora o livro de ombrear com o sabre e nem cora o sabre de chamá-lo irmão”.

Mas, como sentenciou o General Jonas Correia, patrono de Cadeira na AHIMTB,-RJ e por quem fui honrado receber-me como sócio dos Instituto de História e Geografia Militar de Brasil (IGHMB) do qual foi o seu maior presidente, e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro(IHGB):

“A vitória da inteligência é o selo da posteridade. E aí estão seus livros, a prová-lo!”

Livros publicados, para não referir a sua obra inédita. Em 1980, o mesmo General Jonas propôs eteve aceita proposta de eleger o General Paula Cidade, patrono da Cadeira 88 do Instituto de Geografia e História do Brasil que ele tanto honrou e prestigiou em vida. Cadeira que me coube por escolha e aprovação do Instituto inaugurar como seu primeiro ocupante, em razão de afinidades

espirituais, culturais e profissionais com aquele ilustre soldado e escritor, nosso coestaduano que aprendemos a admirar desde o primeiro contato com sua obra literária militar terrestre brasileira, ímpar.

Cidade nasceu e viveu sua infância, meninice e juventude próximo ao Quartel General em Porto Alegre. Ali, aos dez anos foi tocado pelo desejo de ser soldado, ao testemunhar as movimentações da Revolução Federalista e contemplar os alunos militares do histórico Casarão da Redenção e atual Colégio Militar de Porto Alegre, cuja História resgatamos em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis na obra **História do Casarão da Várzea**: Resende:IHTRGS/AHIMTB, 2009.Obra disponível para baixar em Livros e Plaquetas no site www.ahimtb.org.br e no Google.

Entre a carreira de advogado, sugerida pela mãe, e a de soldado, ele destinou-se a esta, com apoio de seu padrasto e grande amigo para o resto da vida. Aos 11 anos, no curso da Revolução Federalista, de família modesta, iniciou a trabalhar na Livraria Americana, onde tomou contato com o mundo encantado dos livros. Deixou este emprego aos 13 anos,logo depois da Revolução Federalista, por não se sujeitar aos maus tratos de seu patrão.

Dos 13 anos aos 15 anos, de 1896 a 1898, foi caixeiro de uma loja de sapatos, das 06.00 às 20.00h. Discretamente, aproveitava o intervalo do almoço para estudar Português e Matemática, com o professor Ildefonso Gomez. Depois das 22.00 horas fazia as lições e lia poesias e literatura. Daí em diante e até um ano antes de falecer, ligou-se com paixão à Literatura Militar Brasileira, que teve como rival a sua paixão pelo Exército e seus destinos que ele ajudou a alicerçar como soldado reformador e historiador militarfestejado.

Em 15 de abril de 1902, Cidade sentou Praça no Exército como soldado nº 165, da 2.° Cia, do 25.°Batalhão de Caçadores, com quartel na Praça do Portão, em Porto Alegre e na condição de ouvinte da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo.

Nesta cidade castrense, “A Tranqueira Invicta”, ele ficou até setembro de 1903, a sua transferência da Escola para Porto Alegre.

A recepção naquela capital foi agradecida em oração do aluno gaúcho Raul Silveira de Mello, patrono de cadeira da AHIMTB-RJ,o único sobrevivente da Escola do Rio Pardo, que faleceu com mais de 100 anos e consagrado como o historiador militar da Fronteira Oeste, cuja obra completa foi reeditada pelo Estado de Mato Grosso do Sul da qual recebemos exemplar através do Instituto Histórico de Mato Grosso do Sul e está disponível na sala da AHIMTB-Resende na AMAN.

Pelo General Raul Silveira de Mello, Paula Cidade nutria admiração especial por suas qualidades excelsas de homem e de cristão.

Mais tarde, Cidade recordou os alunos que passaram pelo Rio Pardo a sua época, cujas obras tiveram tão grande projeção nos destinos do Brasil ou do Exército, como os ex-presidentes Getúlio Vargas e Eurico Dutra, General Mascarenhas de Moraes , comandante da FEB, Valentín Benício, Sérgio Ari Pires e Pantaleão Pessoa, seus amigos desde o Rio Pardo, e Bertoldo Klinger – amigo do peito e seu compadre e padrinho de 2.° casamento, além de Cezar Obino, Amaro Soares Bittencourt, João Mendonça Lima, Emílio Lúcio Esteves, Francisco

José Pinto, Regueira e outros.Personagens que recordamos na obra, em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis,Escolas Militares de Rio Pardo 1859/1911.Porto Alegre: Genesis/IHTRGS/AHMTB,2005.

Cidade foi acolhido em Porto Alegre, na Escola Preparatória, pela crise militar provocada pela Revolta da Vacina Obrigatória da Escola Militar da Praia Vermelha em 1904.Crise que provocou o Regulamento de Ensino de1905, ponto de inflexão do bacharelismo para profissionalismo militar,depois do fechamento e extinção da Escola Militar da Praia Vermelha, recriada com o nome de Escola de Guerra em Porto Alegre, onde passou a funcionar de 1906 até 1911.Naquela época, a oficialidade do Exército dividia-se em científicos e tarimbeiros (ou troupier).Os primeiros,egressos da Escola Militar da Praia Vermelha como bacharéis em Ciências Físicas e Matemáticas e sem conhecimentos práticos visando a operacionalidade do Exército, evitaram com raras exceções a Tropa,mantendo-se em funções técnicas e administrativas. Os tarimbeiros,mais numerosos,não possuíam cursos.Fizeram carreira na Tropa com base em lei de 1860.Estes eram complementados por 300 ou 400 alferes antigos sargentos comissionados naquele posto na Revolução de 93 e confirmados pelo Congresso.

A Revolta da Vacina Obrigatória de 1904 , de cunho político positivista, provocou a maior revolução doutrinária e filosófica no Exército e que Paula Cidade assim assinalou:

"Em 1906 a Escola de Guerra recebeu uma avalanche de alunos anistiados da extinta Escola Militar da Praia Vermelha e passou a ser comandada por um coronel de Infantaria, ao invés de engenheiros,como era tradição. Foram construídos no meio do pátio do Casarão da Redenção dois pavilhões em madeira com 4 salas de aula. O critério de promoção a Aspirante a Oficial,posto então criado, passou a ser o do mérito intelectual e não o da antiguidade. Houve muita improvisação,até externato por falta de espaço."

Mais a verdade é que ali, no Casarão da Redenção,se processou ,de 1906-11,a grande e benéfica revolução no Exército,visando a orientar seu Ensino para a operacionalidade e Defesa Nacional. Cidade assistiu e documentou nestes termos a instalação da Escola da Aplicação, paralela à da Escola de Guerra:

"Os instrutores eram dedicados e compreensivos, mas não puderam dar o que não haviam recebido. Nenhum sabia desenvolver um tema tático sobre uma carta, prática velha na Europa e há muito em uso na Argentina, que havia contratado instrutores alemães de alta capacidade e renome. Os regulamentos em vigor estavam próximos da Guerra do Paraguai."

Cidade, na Escola de Aplicação, estudou topografia prática, fotografia, esgrima, escrituração militar, serviço em campanha (casos esquemáticos) e telegrafia Morse. Apesar de assinalar graves defeitos e falhas na Escola de Guerra e seu complemento, a Escola de Aplicação, as achou obras de importância transcendental, nascidas de uma crise política – a Revolução da Vacina Obrigatória de 14 de novembro de 1904. Escreveu sobre isto:

"Esta arrancada inútil da mocidade militar trouxe em seu bojo consequências extraordinárias, positivas e duradouras, através de medidas que exigiram meio século para serem adotadas, como a de formar- se soldados e não doutores."

Das três turmas saídas da Escola de Guerra, segundo Cidade, cerca de 1/3 de integrantes preferiram a vida na tropa. Estes se fizeram instrutores de si mesmos. Depois uniram-se a oficiais com curso na Alemanha e formaram um grupo idealista reformista que fundou a Defesa Nacional e passaram á História , como " jovens turcos".

Em Janeiro de 1909, em cerimônia interna simples no pátio do Casarão da Redenção, sem festas, e madrinhas de espada, Cidade e seus companheiros foram declarados aspirantes, com a simples leitura do Boletim. A seguir, em coluna por dois, ao comando do Ajudante, atravessaram o Parque da Redenção (Várzea) e foram apresentados ao Comandante do agora 25.° Batalhão de Infantaria, na Praça do Portão,unidade a que pertencia.

Sua espada custou a metade de seu soldo. Os uniformes de aluno foram aproveitados. Fazê-los novos era um luxo na época. Sua primeira e difícil missão foi ajudar a conduzir um grupo de soldados de mau comportamento, transferidos do Rio, de Porto Alegre a Cruz Alta, numa viagem cheia de peripécias que relata em suas **Memórias.**

Paula Cidade e outros nomes egressos das citadas escolas iriam se associar aos oficiais com curso na Alemanha, para promoção da Reforma Militar. E como reformador atuou muitas vezes no tablado, como instrutor ou professor, e através de seus escritos profissionais publicados nas Revistas dos Militares, de Porto Alegre e **Defesa Nacional**, das quais foi cofundador, redator e colaborador destacado.

Sua primeira missão de instrutor foi em Cruz Alta, em 1909, como instrutor dos soldados da Unidade de Infantaria. Em 1910, foi instrutor militar da Escola de Engenharia de Porto Alegre, iniciativa de professores da Escola de Guerra de Porto Alegre, assunto que abordamos na obra citada História do Casarão da Várzea.

Em 1913, no 2.° Regimento de Infantaria no Rio, inventou e publicou na Defesa Nacionalum sistema de sinalização de fácil aprendizagem que foi aprovado pelo Ministro da Guerra .Na mesma época editou a obra com 73 folhas,Noções e Problemas de Leitura de Cartas,segundo ele:

"Problemas até então desconhecidos pela imensa maioria dos oficiais e inspirado em obras alemãs de Tática".

Em 1917, de volta a Porto Alegre, foi preso por 8 dias,pelo Comandante da Região,por um artigo técnico da Revista dos Militares,no qual fazia uma crítica doutrinária à luz de doutrina alemã em vigor.

Como comandante de Companhia, cultivou a Ordem Unida, como verdadeira escola da Disciplina. Orgulhava-se de haver conseguido movimentos de armas

comparáveis às da Infantaria Alemã. Tornou o manejo de armas um esporte onde selecionava os mais aptos para instruírem os menos aptos e assim nivelar a aprendizagem. Aliás, ideia hoje vigorante no Exército, ao lado das “de aprender fazendo e de buscar atingir níveis de operacionalidade cada vez mais elevados”. Dava muita ênfase à Instrução de Tiro.

Como reformador, no posto de 2° tenente, lutou pela extinção do serviço de escala à Alfândega e Delegacia Fiscal que tantos prejuízos causava ao adestramento da tropa, bem como pela arregimentação, como condição de promoção, mesmo por antiguidade, recorrendo para isto a Pandiá Calógeras, no primeiro caso, e a Olavo Bilac, no segundo. A segunda medida empunha-se para evitar o abandono dos corpos de tropa do interior, de parte dos oficiais. O preço de sua interferência e para seus colegas que assinaram o memorial sobre o assunto foi de 30 dias de prisão. Daí por diante, foi impossível fazer-se carreira militar sem nunca entrar num quartel.

Em 1921, como aluno da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), testemunhou fato histórico de grande projeção na Reforma Militar – a inauguração dos trabalhos daMissão Militar Francesa (MMF) naquela escola, com a presença do Ministro da Guerra Pandiá Calógeras. Ali trabalhou exaustivamente com temas táticos sobre a carta da Vila Militar. Conquistou o direito de ingressar na ECEME sem concurso, além de apto a preencher as funções de instrutor.

Depois da Revolução de 30, já no posto de Capitão, foi professor de Geografia Econômica Militar na ECEME (conferencista) e de História e Geografia Militar na Escola Militar no comando do Coronel José Pessoa. Em todas as guarnições por onde passou, pronunciou conferências sobre assuntos de sua especialidade. Sua narrativa prendia a assistência pela simplicidade, objetividade, boa dicção e densidade.

Depois de cursar a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiai (EsAO) e a Escola de Comando e de Estado-Maior do Exército (ECEME), esta com sua sede no quartel do atual 1° Batalhão de Polícia do Exército na Tijuca, foi estagiar na 2 ° Seção do Estado-Maior do Exército (EME) a partir de 1924. Havia cursado aquela escola sob orientação da Missão Militar Francesa que não entrou no EME, da qual era consultora em assuntos de Instrução Militar. Foi estagiar na 2° Seção e aprendeu lições de Informações Militares, valiosas para a sua vida, conforme registrou em suas Memórias.

Seu trabalho foi interrompido de 13 de julho a 06 de agosto,1964 quando atuou em São Paulo, na Revolução de 24, no eixo Santos - São Paulo, como Subchefe de Estado-Maior de um destacamento organizado por seu amigo Major Euclydes de Figueiredo, como oficial de Gabinete do Ministro General Setembrino de Carvalho e com enormes dificuldades. Destacamento ao comando do General Carlos Arlindo, que partindo de Santos conquistou sucessivamente a região do Monumento Ipiranga, Vila Mariana e Avenida Paulista. Combateu no destacamento do General Carlos Arlindo, o Coronel Pedro Dias Campos, patrono de cadeira especial da AHIMTB-SP, Comandante da Força Pública de São Paulo que se mantivera fiel à legalidade. Sobre ele escreveu Cidade:

“Era um homem moreno de pequena estatura, tipo de militar japonês, dados os traços mais marcantes de sua fisionomia. Mais tarde eu havia de admirar nele um dos exemplares mais completos de soldado com que defrontei naqueles dias amargos.”

Pedro Campos fora coadjuvante destacado da Missão Militar Francesa, na Polícia Militar de São Paulo. Foi um dos mais marcantes comandantes daquela então Força Pública, além de historiador militar brasileiro de expressão nacional.

Cidade descreve com muito realismo, em 54 páginas de suas Memórias, o seu batismo de fogo naquela Revolução. Elas encerram preciosos ensinamentos do ângulo profissional militar, por marcarem a diferença da doutrina militar, na prática e na teoria. É a maior contribuição contida em suas Memórias.

Destacou a importância do tiro direto da Artilharia no combate em localidades, e apoio à Infantaria. Registrou, então, um consumo exagerado de munição, disparos durante a noite, sem motivo. Concluiu que o soldado assim procedia por medo e como medida preventiva de uma possível ação sobre sua posição. Enfim, uma tentativa caríssima e irresponsável de espantar o inimigo, e incontrolável. É uma consideração que deve ser levada em conta pelos futuros comandantes de ações semelhantes. Outro costume era o de os soldados exagerarem qualquer movimento em torno de suposição, provocando a montagem desnecessária e desgastante de patrulhas. Este costume diminuiu ao se obrigar quem disse que viu algo anormal, a participar das operações, visando confirmar suas suspeitas. Ali mais uma vez confirmou-se o dito popular: “Em tempo de guerra,a mentira é terra !”.

Em 1930, retornou ao Estado-Maior do Exército, chefiou a sua Seção de História e Geografia Militar, dirigiu a Revista Militar Brasileirae lecionou na ECEME e Escola de Intendência, onde o colheu a Revolução de 30.

Foi então destacado para chefiar o Estado-Maior do Destacamento do General Tourinho que deveria operar contra os revoltosos em Minas Gerais, no eixo Rio-Juiz de Fora-Remonta-Belo Horizonte. O General Tourinho, seu comandante, havia opinado contra a guerra de destacamentos. Foi a favor de lançar a 1° Divisão de Infantaria que comandava, a mais bemdotada e instruída, contra Minas e Rio Grande do Sul, para bater por partes as forças revolucionárias.

As **Memórias**de Paula Cidade sobre a Revolução de 30 são ricas em ensinamentos profissionais. Dentre os fatos que testemunhou merecem registro:

Primeiro, a comunicação de seu comandante de que iria agir por conta própria, como na Revolução do Contestado:

‘Nada de guerra à francesa, com apoio em cartas topográficas, mas sim com apoio em vaqueanos, dos quais iria organizar um Corpo muito bem pago.”

O Destacamento que Paula Cidade foi Chefe de Estado-Maior foi batido na Remonta, em 22 de outubro, onde possuía seu centro de resistência.

O segundo caso é o do Aspirante Amilcar Dutra de Menezes que resistiu à interferência familiar de retirá-lo da frente de combate e do convívio de seus soldados, que ele liderava pelo exemplo e com os quais convivia com risco de vida.

E narra Cidade: “Fiz-lhe a vontade. Voltou para seu pelotão e para a linha de fogo. Mais tarde, quando o Destacamento se esfacelou e a disciplina começou a periclitar por toda parte, este mesmo o Aspirante veio procurar-me. Queria que eu visse o seu Pelotão que estava pronto a cumprir qualquer ordem. Dirigi-me a seu Pelotão. Na sombra e na melhor compostura militar o Pelotão repousava. Algumas garrafas de guaraná espalhadas pelo chão. Os soldados se levantaramprontamente à minha chegada como se fossem imunes ao alvoroço que ia em torno deles. Aquela gente suja, roupa maltrapilha pelos longos dias passados às intempéries, sob influência de um pequeno escalão, conservara a força moral e a coesão em toda plenitude. Não desagregara, porque sua coesão fora cimentada pelas qualidades de liderança de seu comandante imediato!” Isto comoveu muito o soldado Paula Cidade!

Em 28 de outubro de 1930, após dissolvido, o Destacamento de que fora Chefe de Estado–Maior Cidade apresentou-se ao EME onde foi acolhido pelo Ministro General Leite de Castro, o qual junto com o Chefe do Estado–Maior do Exército General Augusto Tasso Fragoso, o protegeram de uma reação revolucionária. Ali continuou na Chefia da 5° Seção (História e Geografia) até 24 de abril de 1932.

Em 23 de junho de 1936, retornou ao Estado-Maior, como Chefe da 1ª Subseção da 3ª Seção, encarregada de elaborar Planos de Operações e um anteprojeto para o Colégio Militar. Nesta ocasião aprofundou estudos históricos que resultaram no clássico Lutas no Sul com espanhóis e descendentes. Permaneceu desta vez no EME até 25 de dezembro de 1937. Foi elogiado nos seguintes termos ao ser transferido para a 5ª Seção:

“Oficial culto e inteligente. Confirmou o bom conceito comque é tido no Exército. Além de seus trabalhos normais deu desempenho de trabalho de outras seções que lhe foram confiadas.”

O depoimento desse período em suas **Memórias**é relevante.

Nessa época Cidade mantinha muito boas relações de amizade com dois antigos colegas de Escola Tática do Rio Pardo: o General Dutra, Ministro da Guerra e o Coronel Mário Ari Pires, do Conselho de Segurança Nacional, ambos ligados funcionalmente ao Presidente Vargas, também seu contemporâneo no Rio Pardo.

A sua derradeira ação como oficial de Estado-Maior foi a de Chefe de Gabinete da Secretaria Geral do Exército, então recém-criada, onde teve como chefe, seu amigo desde a Escola Tática do Rio Pardo – O General Valentín Benício. patrono de cadeira da AHIMTB-RJ. Estas funções Cidade as exerceu por cerca de 4 anos,como Coronel, de 03 de Jan 39 a 16 Mar 42. Sobre Benício escreveu Cidade:

“Sua competência e capacidade de trabalho merecem ser registradas. Ele realizara verdadeiro milagre ao planejar e organizar em poucos meses um

repartição ao nível de tão grande complexidade. O segredo de seu êxito consistia em bem escolher seus auxiliares."

Cidade liga-se a todas as grandes realizações da Secretaria Geral do Exército, particularmente as de natureza cultural, no período 1939-1941. Ele por diversas vezes a dirigiu interinamente. Registra eternamente esses grandes momentos da Secretaria Geral os Anais do Exército Brasileiro 1939-41, uma das mais preciosas fontes da História do Exército, interrompidos com a saída da Cidade para outra função. Foi dinamizada a BIBLIEx, reorganizada em 38 por Valentín Benício e inspirada na Biblioteca de Oficial do Exército Argentino, com dois objetivos:

"- Editar obras de preferência de integrantes do Exército;
- Colocar à disposição dos oficiais do Rio sua coleção de livros."

Segundo Cidade, a BIBLIEx:

-"Foi marco no desenvolvimento da cultura no Exército; - facilitou aos militares a publicação de seus livros e abriu novos caminhos ao pensamento militar brasileiro. "

Foi na BIBLIEx, na condição de seu Presidente que, Paula Cidade exerceu suas últimas funções na Ativa, de 12 Jul 45 – 05 Jul 48, pelo espaço de três anos.

Cidade comandou duas unidades de Infantaria. A primeira como Major no ano de 1935, durante a Guerra do Chaco, o 19° Batalhão de Infantaria em Corumbá. A segunda, como Coronel no ano de 1938 – o 12° Batalhão de Infantaria,então comsede em Juiz de Fora.

Em Corumbá teve a missão de guarnecer e manter a neutralidade brasileira, ao longo de uma linha de fronteira de 700 a 800 km, na frente da qual, paraguaios e bolivianos travavam a Guerra do Chaco. Chegou a Corumbá a bordo do "Fernandão". Assumiu o comando em 5 Mar 1935. Lá encontrou "Oficialidade excelente com as raras exceções de sempre" e problemas de disciplina entre os soldados recrutados nas ruas de cidades do Nordeste, organizados em bandos no quartel. Ele os enfrentou e os venceu com firmeza, doçura e determinação. Contornou as agitações comunistas do ambiente. Foi ao poucos apertando os parafusos da disciplina, cuidando para não os fazerdemais " e espanar a rosca".

Conseguiu bons resultados dando o exemplo; estabelecendo regime de instrução severo, cuidando do bem estar de seus soldados; expulsando os incorrigíveis e bem administrando a Justiça Militar. Para tal recebeu o apoio moral e material de seu comandante, General Pedro Cavalcanti.

Administrativamente saneou os alojamentos de percevejos e combateu indícios de desonestidade, principalmente no rancho, onde fez um rodízio nos postos chaves. Em face das revoluções anteriores, a Carga Geral estava na maior desordem, fato que exigiu dele medidas saneadoras rigorosas. Assim, sua ação de comando pode ser resumida: disciplina; instrução; bem-estar da tropa; moralidade e ordem administrativa.

Naquele tempo, enquanto bolivianos e paraguaios lutavam do outro lado, Corumbá era um centro de luta secreta entre agentes daqueles países. Face a indícios de invasão do Brasil pelo Paraguai para um ataque de flanco à Bolívia, fez a seguinte consulta ao seu comandante de Região:

"Caso forças paraguaias invadissem o Brasil, manobrando contra flanco colombiano, encaro três soluções:

1° - Cubro Corumbá e seu porto e aguardo a ação da 9° Região Militar.

2° - Ligo-me aos bolivianos, regulando minhas ações pela deles, prolongando sua esquerda.

3° - Ataco os invasores unicamente com meu Batalhão, caso haja invasão.

Caso a presente consulta não tenha sido solucionada adotarei a 3° solução.

O curioso é que no debate dessa 3° solução houve um capitão que protestou com veemência:

- A 3° solução será a repetição de Dourados. Não quero dar uma de Antonio João!"

Antes da Intentona Comunista, segundo assinalou Cidade, um grupo de prisioneiros bolivianos comunistas que haviam aderido ao Paraguai contra o seu país, planejou conquistar Puerto Suarez, foco de funcionários civis e militares bolivianos pertencentes ao Partido Comunista.

O desempenho de seu comando é traduzido pelo elogio de seu comandante:

"Expressiva figura de relevo profissional e moral do Exército. Brilhante oficial de Estado-Maior, já se tem feito notar por sua iniciativa na solução de várias questões relativas à Instrução."

Em 1976, como oficial do Estado Maior do 2º Exército tivemos a oportunidades de visitar o 17° Batalhão de Caçadores e o prazer de conseguir o retrato de Paula Cidade para a galeria daquela OM, bem como a do General Tertuliano Potiguara, herói do Contestado e da 1ª Guerra Mundial e denominação histórica da 5ª Brigada de Cavalaria Blindada, em Ponta Grossa-PR.

Cidade foi muito feliz. Deixou o 17° Batalhão de Caçadores realizado profissionalmente por sabê-lo reorganizado, disciplinado e instruído. Como sempre acontece em tais casos, deixou seu Batalhão emocionado:

"Aproximei-me da tropa em forma fazendo lhe um aceno com a mão, como um pai que, chocado pela partida, se despede dos filhos sem dizer-lhe uma palavra!"

E esta sensação se repete anualmente com tenentes-coronéis e coronéis do Exército. É uma emoção muito forte e muito marcante na carreira!

Cidade comandou o 17º Batalhão de Caçadores de 5 de maio de 1935 a julho de 1936.

Em 25 de janeiro de 1938 assumiu o comando do 12° Regimento de Infantaria I em Juiz de Fora, e atualmente em Belo Horizonte.E escreveu:

“Contei com admiráveis oficiais e sargentos. Encontrei com surpresa, ali naquele recanto de Minas Gerais, uma organização modelar onde tudo funcionava com a regularidade de um mecanismo de relojoaria. “

Assim, o esforço de Cidade foi conservar e completar as partes ainda em fase de estudos. Ali tudo estava em ordem e em dia. Fez um grande esforço para melhorar a comida dos praças, encontrando reação do aprovisionador – um oficial comissionado de 30, que teimava em afirmar:

“De acordo com o regulamento, o comandante não tem nada a vercom o rancho.”

O mencionado oficial teve de afastar-se do rancho por ter sofrido fratura da bacia, em consequência de uma queda quando domava seu cavalo. Afastado por um acidente de função, o seu substituto deixou o rancho como o velho Coronel Cidade gostava:

“Comida boa, farta e variada e servida em equipamento compatível.”

Paula Cidade durante a II Guerra comandou e organizou a Infantaria Divisionária da 9ª Região Militar (ID/9) em Corumbá. “A cidade branca e rainha do rio Paraguai”,durante seis meses de jul-dez de 1942. Logo depois foi a 8° Região Militar, com sede em Belém, a partir de 15 de Mar 43, por cerca de um ano. Em Corumbá, além da sua missão profissional normal, deixou em suas Memóriasvaliosas informações sobre aquela fronteira. Coordenou ação comunitária visando a reduzir os mosquitos que infestavam Corumbá... Coibiu abusos em relação aos súditos do Eixo e seus patrimônios, evitando fatos lamentáveis ocorridos noutras partes. Fundou e foi o primeiro presidente da Sociedade dos Amigos de Corumbá. Ao ser promovido a general, a cidade agradecida em um gesto de generosidade, reconhecimento e amizade, ofertou-lhe a espada de ouro de Oficial General. Antes de seguir para seu comando em Belém, recebeu pessoalmente a seguinte missão do Presidente Vargas:

“Ficar em condições de ocupar a Guiana Francesa.”

Motivo:

“Com um governo francês pró-Alemanha em Vichy, certamente uma nação extracondicional iria ocupar a Guiana Francesa e não mais sair dali. E se alguém devia fazer isso seria o Brasil.”

Esta ideia aos poucos foi perdendo consistência com o evoluir da guerra e a ação principal de Cidade resumiu-se no seguinte:

- Proteger a base aérea americana de Val de Cans, em Belém, próximo do Canal do Panamá e ponto de passagem obrigatório das comunicações militares aéreas americanas com a África e Europa, junto com as bases aéreas de Macapá e Natal. Seu principal instrumento para a missão foi a Cia de Metralhadoras Antiaéreas na base de Val de Cans, comandada pelo então Capitão Janari Nunes, mais tarde interventor do Amapá e autor de livro sobre a Bandeira

Nacional. Seu relacionamento com as autoridades americanas foi excelente e de alto nível, conforme registrou.

Ocupou grande parte de seu comando em atritos com o Governador do Pará – Coronel Barata. O velho general defendeu com firmeza suas funções, às tentativas de interferência. O incidente contado em detalhes em suas Memórias, terminou em Belém com a mediação do Comandante da Marinha da área e só foi sepultado no Palácio do Catete, com mediação do Chefe da Casa Militar.

No setor disciplinar agiu com firmeza e doçura. Um grupo de reservistas convocados cometia toda sorte de excessos para seus integrantes serem expulsos ou processados para fugirem à Força Expedicionária Brasileira. Os incidentes entre soldados e populares eram frequentes. O remédio para tamanho mal foi a criação em cada unidade de um Pelotão Disciplinar e, a exemplo dos americanos, as patrulhas e o pessoal de serviço passaram ao uso de cassetetes. O remédio deu resultado e foi pouco a pouco reduzindo por conselhos do Ministro da Guerra, General Dutra, com quem Cidade se correspondia.

Em Belém, Cidade conviveu fraternamente como bom católico com D.Jaime Câmara. Foi eleito sócio correspondente da Academia de Letras Paraense. Deu um saco de açúcar pago de seu bolso, para que numa época de racionamento pudesse ser servido o tradicional cafezinho da festa do Círio de Nazaré.

Um dos seus orgulhos dessa época foi o de ter sido pioneiro da inseminação artificial da área, graças segundo ele ao “Chefe do Serviço Veterinário da Região – o então Major Waldemiro Pimentel, oficial trabalhador e de larga visão naquele pedaço do Brasil. O trabalho consistiu em inseminar, com base em reprodutores cavalares de alta linhagem, 752 matrizes na Ilha de Marajó, que produziram 751 potros de belo aspecto.”

O General Waldemiro Pimentel patrono de cadeira na FAHIMTB foi até falecer, proeminente membro dos Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e Histórico e Geográfico Brasileiro. Era membro da seleta Academia de História do Japão. A ele devo, em parte, o reconhecimento e iniciativa que resultou no meu ingresso no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1978. A ele nossa homenagem e gratidão neste registro.

Da ação de Cidade no Pará, impressões valiosas que colheu e o carinho que recebeu das famílias e povo, deixou atentado registro em suas Memórias. Sua ação seria ressaltada em 1955 pelo Comandante da AMAN, General Júlio Teles de Menezes, que o auxiliara em Belém, na Defesa de Costa, e que ao assumir o comando da AMAN o apontara aos cadetes como exemplo a ser seguido por eles como:

“Vida sempre inteiramente dedicada à profissão que abraçou com entusiasmo. Soube ser chefe operoso e brilhante historiador militar.”

Serviu nesta época em Belém o Capitão Francisco Ruas Santos que, mais tarde, implementaria sobremodo os estudos pioneiros de Cidade sobre História Militar no tocante a epistemologia específica.

É possível que a vocação para literatura de Paula Cidade tenha sido despertada aos 11 anos, em seu primeiro emprego, na Livraria Americana em Porto Alegre. Vocação que se consolidou no seu segundo emprego, quando

idealizou e foi eleito, aos 14 anos,em 1897, ano da Guerra de Canudos, o primeiro presidente da Sociedade Recreativa e Literária dos Comerciários de Porto Alegre. Nas escolas preparatórias do Rio Pardo e de Porto Alegre, e por fim, na Escola de Guerra, dessa última cidade, ele sempre foi eleito redator chefe das revistas nelas editadas “Luz” (1904), “Ocidente” (1906), “Cruzada” (1907) e “Aldebarã” (1908). Sua infância correu na época de ouro do romance, dos versos e dos contadores de “causos” em torno de um lampião nos serões porto-alegrenses. “Causos” como a Nau Catarineta, Lunar de Sepé, Tiarajú, o do bandido Camparina, de Pedro Malazartes, do Negrinho do Pastoreio etc.

Em 1910, como Aspirante a Oficial,ainda servindo na Praça do Portão, deixou de lado a literatura e a poesia puras e simples e colocou seus predicados a serviço da Literatura MilitarTerrestre Brasileira, como suporte para suas ideias reformadoras do Exército e instrumento de difusão da Doutrina, da História e da Geografia Militar brasileira terrestre e de registro, para a posteridade, dos costumes militares e da evolução militar terrestre. Esta guinada ou mudança de rumo ele assim comentou:

“Substitui minhas leituras literárias em geral, pelas do que falavam a língua de Marte – o Deus da Guerra – Van de Goltz, Frederico II, Napoleão e outros. A vida militar não matou em mim o amor aos livros, apenas me mudou de rumo.”

Ou seja, colocou sua vocação a serviço do desenvolvimento do Exército Brasileiro.

Assim, em 1910, foi gerente da Revista dos Militares, surgida em Porto Alegre, que pregou ideias progressistas e acompanhou a evolução do Exército e da Marinha por largo período, e com assinalados serviços à Reforma Militar. Revista que teve como patrocinador o General Manoel Joaquim Godolfim, Comandante da3ª Região Militar e o seu Chefe do Estado-Maior, Luiz Acácio Leiraud como redator. Na Revista dos Militares, Cidade foi gerente, redator e secretário, o que o tornou conhecido no Rio de Janeiro e em outros locais.

Em 1913, servindo no 2° Regimento de Infantaria da Vila Militar, integrou o grupo dos 12 jovens turcos. Foi cofundador da Revista Defesa Nacional, cujo programa, segundo o seu depoimento, foi obra de Estevão Leitão de Carvalho e de Bertholdo Klinger, patronos de cadeiras nas AHIMTBs. Revista que visava impulsionar a renovação da Doutrina Militar Terrestre Brasileira e propugnar por uma profunda modificação da Ordem de Batalha ou articulação das forças terrestres no território. E, daí por diante, foi intensa a atividade literária de Paula Cidade. Ela, de fato, perdurou por 69 anos desde que fundou o Grupo Recreativo Literário dos Comerciários de Porto Alegre, no ano da Guerra de Canudos.

Fundaram a Defesa Nacional os “jovens turcos”: EstevãoLeitão de Carvalho, Mário Clementino de Carvalho, também patrono de cadeira da AHIMTB-RS, Joaquim de Souza Reis, Bertholdo Klinger, também patrono da AHIMTB-SP em Sorocaba-SP,Francisco de Paula Cidade,patrono de Cadeira da FAHIMTB e de Delegacia da FAHIMTB, Brasílio Taborda,patrono de Delegacia da FAHIMTB em Itapetininga São Paulo, Epaminondas Lima e Silva, César Augusto Parga Rodrigues, Euclides Figueiredo (pai do ex-Presidente João Figueiredo e dos generais Euclides e Diogo), cujo centenário de nascimento transcorreu em 1983,

José Pompeo Cavalcanti Albuquerque, Jorge Pinheiro e Amaro de Azambuja Villa Nova.

Do programa de trabalho e objetivo destaco:

"Colaborar para o soerguimento de nossas instituições militares, trabalhar para o progresso dos meios de defesa do povo brasileiro, aparelhando o Exército, para sua função conservadora e estabilizante dos elementos sociais em marcha etc.".

A certa altura esclarecem:

"Nós estamos profundamente convencidos que só se corrige o que se critica; de que criticar é um dever; e de que o progresso é obra de dissidentes.Não queremos ser absolutamente no seio de nossa classe, uma horda de insurretos, dispostos a endireitar o mundo a ferro e fogo, mas um bando de Cavalheiros da Idéia, que saiu a campo, armado, não de uma clava, mas de um argumento, não para cruzar ferros, mas para racionar; não para confundir, mas para convencer. Nesta revista exerceremos o direito da crítica – às ideias,e não aos indivíduos."

Em 2013, ano do Centenário da **Revista A Defesa Nacional** abordamos em **O Guararapes** nº 13 a fundação da Revista, da qual fomos Presidente de sua Comissão de História e Conselheiro Editorial quando seu Diretor e da BIBLIEx, o Coronel Aldilio Sarmento Xavier. Nela sugeríamos pela relevância da evolução Pensamento Militar Brasileiro nela contido que ela fosse digitalizada e indexada e assim colocada na Internet à disposição da Inteligência Nacional e, em especial aos alunos de nossas Escolas Militarespara elaboração de suas monografias curriculares.

Paula Cidade foi e continua sendo o maior geógrafo militar terrestre brasileiro. Ao entregar seu **Thesaurus de Cultura Militar** ao IGHMB, em sessão em 1983, o Coronel Francisco Ruas Santos declarou que seu Thesaurus era inexpressivo em Geografia Militar, setor que se mantivera sem novidade e estagnado desde a obra de Paula Cidade – **Notas de Geografia Militar Sul-Americana,** editada pela Escola Militar em 1932, no comando do Coronel José Pessoa e pela Biblioteca Militar em 1942. Obra de grande repercussão militar sul-americana, traduzida pelo Exército do Chile e dali difundida, estudada e muito apreciada, até hoje nas escolas de Altos Estudos de outros países sul-americanos ,onde o autor goza de justa e merecida nomeada, segundo o Coronel Ruas Santos, meu presidente de 1970/1974 na Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército (CHEB)que recebeu todo o acervo da então extinta Seção de História e Geografia do EME depois de cerca de 70 anos de assinalados serviços ao Exército.A Comissão de História do Exército do EME foi extinta em 1974 e transferido o seu acervo para o então criado Centro de Documentação do Exército, onde seu acervo foi reclassificado por bibliotecárias civis e eliminada sua classificação à luz da Teoria de História das Forças Terrestres do Brasil do EME. Na qual durante cerca de 3 anos classificamos todo o citados acervo à luzdo Sistema de Classificação de Assuntos de História das Forças Terrestres Brasileiras do Estado-Maior do Exército. Foi lamentável !

Acreditamos que o gosto pela Geografia Militar levou Paula Cidade a produzir, com apoio em obras alemãs de tática seu primeiro livro sob o título **Noções e problemas de leituras de cartas**,sistematizando e ampliando ensinamentos desconhecidos então pela intensa maioria dos oficiais, os quais foi obrigado a absorver, como autodidata, ao ser encarregado, ainda como Aspirante na Praça do Portão, em Porto Alegre, de ministrar instrução de Jogos de Guerra, denominação imprópria para, em realidade, Exercícios na Carta.

De 1924 – 30, como Capitão serviu no histórico e tradicional então 1° Regimento de Infantaria Regimento Sampaio... Comandou a 1° Cia do 3° Batalhão que estava à disposição da EsAO. Teve como subalternos os tenentes PauloLobo, morto na Revolução de 30, e Juracy Magalhães. Sobre o último acabo de receber de Paulo Cesar dos Santos seu valioso livro **Juracy Magalhães Um depoimento Histórico.Petrópoli**s:Editora Pirilampo foi incorporado ao Acervo da AMAN. em **Memórias de Chefes do Exército.**Nessas funções Cidade realizou inconfortáveis reconhecimentos no terreno, à luz de cartas topográficas, para o Diretor da Missão Militar Francesa da EsAO.

Como instrutor de História Militar, recebeu o encargo do Comandante Coronel José Pessoa, de introduzir a Geografia Militar na Escola Militar do Realengo. Disse-lhe então:

"Aquele chefe que oconsiderou o maior comandante que teve a Escola Militar em toda a sua vida e um dos mais destacados militares do seu tempo.Capitão Cidade! Não recuse ser instrutor de Geografia Militar, pois a meu ver você é a única pessoa capaz conforme provas que já deu em outras escolas."

Com as muitas notas de aula no curso da ECEME e um pouco mais escreveu Cidade em suas **Memórias:**

"Surgiu um livro que teve grande repercussão no estrangeiro – **Notas de Geografia Militar Sul-Americana**, que a Escola Militar mandou imprimir. Este trabalho foi mais tarde editado pela Biblioteca Militar em 1942".

De seus movimentados contatos com a Geografia Militar em sua subunidade que apoiava a EsAO, foi chamado para o Estado-Maior do Exército onde lhe foi confiada a chefia da Seção de História e Geografia Militar e a chefia da **Revista Militar Brasileira***.* Assuntos de sua preferência e nos quais firmara sua reputação no centenário da Batalha do Passo do Rosário.

O derradeiro trabalho publicado de Cidade,**Dois ensaios de História***,* é uma combinação de Sociologia, Geografia e História Militar. O segundo é mais precisamente um trabalho de Geo-história no sentido explicar a história do Rio Grande do Sul pela sua Geografia e já publicado pelo Congresso de História e Geografia do RS em 1937, em seus **Anais.** Fez este ensaio com originalidade e espírito nativista. Seus estudos de **Geografia Militar Sul-americana** merecem continuidade em nossas Escolas Militares, como essência do espírito da Geografia Militar, assunto que forneça aos alunos militares uma visão dos aspectos topo táticos e topo estratégicos essenciais ao estudo do Terreno pelos

Estados Maiores, em qualquer escalão tático e estratégico considerado. E, mais, estudo que deve atingir estágio visando não só a aspectos geográficos militares físicos, mas os econômicos, políticos e sociais que possam enquadrar-se em Geografia Militar de interesse do planejamento e condução de Operações Militares. O CoronelRuas Santos procurou provar que, se os americanos tivessem levado em conta aspectos geográficos militares sociais sobre o Vietnã, teriam conduzido aquela guerra de outra forma, ou mesmo a evitado. Isto com apoio em levantamento das guerras que tiveram lugar naquela península em milênios, à luz da **Enciclopédia Britânica**.

O HISTORIADOR MILITAR PAULA CIDADE

Paula Cidade foi, no cerne, um historiador militar crítico... Seus estudos tomaram corpo e passaram a ser publicados em função do Centenário da Batalha do Passo do Rosário em 1927, quando servia no Estado-Maior, Seção de História e Geografia Militar, junto com o General Tasso Fragoso, chefe daquele órgão que então escreveu um clássico sobre aquela batalha.Sobre o tema, Cidade editou: **O Soldado de 1827**,"**Uma Brigada de Cavalaria na Cobertura, Histórico da Campanha de 1825-28** etc., além de preparar e anotar a caderneta de Severloh. Seus estudos prosseguiram num crescendo, focalizando as guerras contra Oribe e Rosas 1851-52, a contra Aguirre 1864 e a com o Paraguai 1865-70. Desse confronto de estudos publicou o clássico **Lutas no Sul com espanhóis e descendentes**, 1948, complementado em 1960 pelo ensaio dirigido aos candidatos à ECEME. **O que é indispensável saber sobre nossas intervenções no Prata.** Prosseguindo seus estudos sobre literatura militar brasileira, editou em 1959 o clássico **Síntese de três séculos de literatura militar brasileira**, ponto e passagem obrigatório para quem deseje estudar a História Militar Terrestre Brasileira.Creio seja a sua obra-prima,

O último trabalho publicado encerrou um ensaio complementar o esboço biográfico do **Marechal José de Abreu – Barão de Serro Largo**, realizado pelo Barão do Rio Branco e, na época, passaporte do grande diplomata e historiador para seu ingresso, muito jovem, no Instituto Histórico e GeográficoBrasileiro de que foi presidente. Personagem que classifiquei em artigo como **Um diplomata com alma de soldado**e consagrado como patrono de Cadeira da AHIMTB-RJ cuja obra sua e de estudiosos de sua vida e obra a AMAN conserva em sua Biblioteca com carinho a serviço da instrução dos cadetes na cadeira de Relações Internacionais, que ao penetrarem na AMAN pelo antigo conjunto principal deparam com seu busto, depois do D. João VI, o criador em 1810 da Real Academia Militar destinada a formar Oficiais para o Reino de Portugal com sede no Brasil, tendo antes como Príncipe Regente aprovado a criação em Dezembro1792 pelo Vice Rei Conde de Resende a **Real Academia de Artilharia Fortificação e Desenho**, a pioneira no ensino militar acadêmico nas Américas e do ensino acadêmico civil no Brasil e destinada a formar no Brasil Colônia seus oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e engenheiros civis e militares. D.João

VI patrono de Delegacia da FAHIMTB em Lisboa que tem por Delegado o acadêmico português, titular da Cadeira Conde de Resende,Rui Santos Vargas.

O SOCIÓLOGO MILITAR

Paula Cidade foi, de fato, o maior sociólogo militar prático das forças terrestres brasileiras. Neste particular, realizou obra literária sem igual até o presente. Seus estudos a respeito tiveram início em 1909, como Aspirante a Oficial, quando serviu três meses em Cruz Alta. Lá começou então a observar e registrar os costumes militares brasileiros. Através dos tempos, foi uma característica relevante de sua obra. Dentro desse espírito ele produziu o seu primeiro livro em 1922 sob o título **O soldado de 1827.**

Em 1939, no cinquentenário da República, ele produziu o trabalho **O Soldado de 1889** para a obra A República Brasileira. Junto com Bertoldo Klinger estudou os **"Brummer" – A Legião Prussiana** (1° Reg Art, 1° RI e 2 Cias de Pontoneiros) contratados pelo Brasil para lutarem contra Rosas em 1851-52. Assunto que tratei em meu livro **Estrangeiros e Descendentes na História Militar do RS**.Porto, IEL, 1975. E depois tratado com maior profundidade pelo acadêmico Cel Juvêncio Saldanha Lemos. A obra de Cidade – **Síntese de três séculos de literatura militar***,* está recheada de valiosas informações sociológicas militares brasileiras, bem como sua outra obra – **Cadetes e alunos militares através dos tempos**em 1961, que preserva importantes informações relacionadas com os costumes e tradições militares em nossas escolas militares.

Em suas **Memórias** inéditas que tivemos a honra e o privilégio de estudar, para elaborarmos este ensaio, Paula Cidade nelas registrou dados relevantes sobre costumes nos locais onde serviu de 1902 – 1948. Tiramos cópias do original em poder de sua filha mais nova residente em Teresópolis e a deixamos no Arquivo Histórico do Exércitoquando o dirigimos 1985-1980.

O HOMEM

Paula Cidade em corpo e alma foi produto do meio físico e mental do Rio Grande do Sul, onde nasceu, se criou e se tornou adulto. Meio físico e mental que ele estudou e definiu de modo ímpar em sua obra – Dois Ensaios de História*.* Ele mesmo se questionou no início de suas **Memórias:**

"Quantas vezes não tenho agido errado ou com acerto, transportando-me inconscientemente para a terra onde nasci e me criei, colocando-me sob a influência de meus ancestrais que surgiram inesperadamente em minhas atitudes, embora recondicionados. Vez por outra, sem o querer, retorno ao meio rio-grandense de minha infância e juventude."

Cidade era um homem forte. Sua vida sempre foi morigerada, comia muito pouco, não fumava, não bebia e gastava o mínimo necessário. Sua única diversão era a pesquisa histórica, assunto em que concentrava suas atenções nas folgas de profissional militar dedicado. A parte logística e familiar ficava por conta de sua esposa, D. Estelita.

Extremamente católico, tinha muito orgulho cristão de haver por duas vezes falado com o Papa. Ao perder a sua primeira esposa em 1946, mudou-se do

Grajaú para a Praia do Russel para ficar mais perto das instituições culturais de que necessitava. Foi soldado corajoso de elevado senso de justiça, boa rusticidade, frugal e que sabia alternar com equilíbrio as virtudes de Firmeza e Doçura, características do gaúcho histórico e que encontraram em Osório um expoente.

ÚLTIMOS TEMPOS DE CARREIRA

Em 23 de julho de 1944 partiu para a Itália integrado a FEB como membro do Conselho Supremo de Justiça Militar, órgão submetido a pressões e a incompreensões no Brasil e na Itália. Dessa sua missão que durou até 13 de dezembro, ele não guardou boas lembranças. Pois o Conselho não foi bem sucedido, não funcionou a tempo e teve seu trabalho anulado pela Anistia. Suas impressões de grande valor sobre sua missão foram registradas em suas **Memórias,** e em seu **Nápoles e um pouco mais** e em obras inéditas sobre Nápoles e a História da Justiça Militar.

De retorno da Itália passou a presidir a BIBLIEX de 12 Jul 45 até 5 Jul 48, data de sua passagem para reserva da qual desfrutou por quase 20 anos, como General de Divisão, depois de 46 anos de excelentes e modelares serviços prestados ao Exército, na paz e na guerra. Na Reserva, passou a dedicar-se aos seus estudos e produzir suas **Memórias**,sob o seguinte argumento:

"Desde que, pela minha passagem para a Reserva, fui sepultado no esquecimento, tomei resolução de escrever minhas **Memórias***,* com o fito de à História de um depoimento que, talvez tenha interesse para os que, mais tarde, queiram saber certas particularidades de curva imaginária que o Brasil vem descrevendo, na sua interminável marcha para o infinito do calendário. De onde viemos? Para onde vamos?"

Sobre estímulos de sua segunda esposa D. Nera, Cidade passou o resto de seus dias dedicado à Literatura. Ora escrevendo, ora fazendo conferências, ora participando de eventos do Pen Clube. Enfim dando uma finalidade social relevante aos seus dias e compatível com seu passado de soldado.

Faleceu em 5 de março de 1968 no Hospital Central do Exército (HCE), foi sepultado no sarcófago perpétuo 394, Ala 4 do Cemitério São João Batista.

O Instituto de Geografia e História Militar do Brasil o homenageou na ocasião, através de sua Revista Vol XLII – 1° sem, 1968, p. 168.

ALGUNS PENSAMENTOS DE PAULA CIDADE

1. Sobre o progresso na primeira metade do século:

"Tudo passa rápido, do que na realidade nos parece. A transmissão de um pensamento, dos que vivem em regiões afastadas entre si e que outrora exigia meses e anos, passa a fazer-se em poucos minutos pelo telefone e por outros meios básicos. O avião abole as distâncias, como o rádio passa a propagar o pensamento, bom ou mau, através do espaço e as ideias rápido se expandem. Contudo, isto, montanhas, rios e florestas já não são obstáculos a homogeneização dos costumes e cada vez mais reduzidas as probabilidades de civilizações localistas e fechadas sobre si mesmas. A máquina e as facilidades de

comunicações se tornaram denominador comum de todas elas. Os homens que viveram o último meio século (1900 – 1950) testemunharam o ocaso de uma civilização e o amanhecer de outra. Eu fui um desses homens."

2. Sobre o Pensamento Militar português (sua interpretação):

"Julgada a causa justa, pedir proteção divina e atuar ofensivamente, mesmo em inferioridade de meios."

3. Marcos da evolução militar terrestre (sua interpretação):

"Há na revolução das instituições militares brasileiras, quanto ao Exército, cinco pontos culminantes:

a) A vinda da Família Real de Portugal para o Brasil, o que deu às forças locais de terra importância que anteriormente lhes eram negadas.

b) A Guerra do Paraguai, que culminou com uma experiência técnico-administrativa que durou mais do que devia.

c) A criação da Escola de Guerra de Porto Alegre, que modificou profundamente o preparo funcional dos oficiais do Exército, completada pela decretação do Serviço Militar Obrigatório em 1916.

d) A contratação da Missão Militar Francesa que, em 20 anos de trabalho, recondicionou o pensamento militar brasileiro, atualizando-o.

e) A intervenção do Brasil na 2° Guerra Mundial, que proporcionou a certo número de oficiais o reconhecimento real de campo de batalha moderno, permitindo-lhes encarar as consequências da intervenção atômica, nas guerras do futuro...".

4- Suas Impressões de um combate na Revolução de 30 (sua visão do campo de batalha na Remonta, na Revolução de 30):

"Um campo de batalha, à noite, quando os adversários se enfrentam a curta distância, apresenta um quadro que nenhuma pena pode descrever, porque ainda não se inventou um meio de reproduzir literalmente a eclosão simultânea de numerosos aspectos terrificantes. A escuridão da noite acarreta a possibilidade de surpresas reais e imaginárias, os cadáveres encontrados pelo caminho, os feridos transportados para a retaguarda ou que se arrastam sozinhos, os estampidos das armas de armas de toda espécie, os gritos dos combates, os clarões sinistros dos incêndios que se divisam ao longo, a fadiga do corpo e da alma, as incertezas relativas ao que o acaso nos reservam, tudo enfim conspira contra os que se habituaram a esse namoro com a morte. A maioria dos homens suporta tudo isso com resignação, principalmente quando há prévia separação mental. Poucos são os que fogem a esta regra."

5- Palavras de encerramento de suas Memóriasreferente às injustiças de que foi alvo ou vítima:

"Agora a confissão de um pecador não arrependido: meu grande erro na vida foi o de crer que aquilo que eu não faria contra o direito alheio, outros não fariam com os meus. Erro ou doença adquirida em tenra idade, na minha grande escola que foi o meu lar onde se dizia, insistindo nesse erro, que o mundo é justo e dá a cada um aquilo que de direito lhe toca."

Esta é a síntese da vida e obra de Paula Cidade, meu admirado coestaduano ,patrono de cadeira no Instituto de Geografia e História Militar do

Brasil no transcurso do seus 140 anos de nascimento em dezembro de 2022,no ano do Bicentenárioda Independênciacuja obra brilhante de soldado e historiador pensador e geografo militar constitui uma Estrela de raro brilho que continua a iluminar o Exército Brasileiro que ele tanto amou e serviu como profissional e historiador e pensador, com obra de grande validade a ser consultada por profissionais do Exército interessados de hoje e de sempre. Constatar minha afirmação é obra de simples raciocínio e verificação!

A OBRA LITERÁRIA DE PAULA CIDADE

A obra literária produzida por Cidade e a seguir relacionada é alentada. Consta de livros publicados na BIBLIEx e de enorme lista de artigos publicados nas revistas Militar Brasileira *(*atual"do Exército" que ele dirigiu), Defesa Nacional*,* dosMilitares, NaçãoArmadae nos jornais Correio da Manhã*,* Jornal do Comércio*,* do Rio, Estado de São Paulo. Usou o pseudônimo de M. T. Camilo Eugênio.

Como trabalhos inéditos, deixou:

"**Memórias**", "**História da Justiça Militar**" de fundo histórico, "**Visões da Itália**" e "**A luz do lampião de querosene**", conjunto de "causos" e lendas de natureza folclórica gaúcha no entendimento geral ou de natureza tradicionalista ou nativista, no entendimento gauchesco.

Integrou como ocupante da cadeira n° 3 que tem como patrono o Barão do Rio Branco, o Instituto de Geografia e História do Brasil, do qual foi um dos fundadores. Hoje é patrono da nova cadeira n° 88, que tivemos a honra de ocuparaté a nossa elevação à condição de acadêmico benemérito. Foi membro correspondente dos institutos históricos e geográficos do Rio Grande do Sul, São Paulo e cidade de Santa Maria. Igualmente das Academias Fluminense, Paraense e Sul- Riograndense de Letras, da Associação Amigos de Simancas, Pen Club, Estudos Históricos da Bolívia e Comissão de Estudos de Textos da História do Itamarati. Integrou comissões organizadoras do IBGE, da BIBLIEX e Arquivo do Exército. Recebeu as medalhas e condecorações: Mérito Militar (grande oficial); 40 anos de bons serviços; da campanha da FEB; de Guerra; Jurídica Militar (Alto Mérito) e de Comandante da Legião do Mérito dos EUA. Foi comendador da Ordem dos Andes (Bolívia). Recebeu ainda as medalhas comemorativas: Santos Dumont; Cinquentenário da República; Sesquicentenário da AMAN; Solidariedade da Itália e Centenário do Rio Grande. Paula Cidade falava francês e italiano e traduzia alemão. Estas foram importantes ferramentas para transferência de "know-how" militar na fase da Reforma Militar.

Publicou alguns trabalhos na Itália que foram vertidos para o italiano por sua ilustríssima esposa D. Nera Ponsiglione Cidade, que fora professora de literatura brasileira na Itália, além de estudiosa de Machado de Assis, cuja obra despertou a atenção de Paula Cidade nos seus últimos anos de vida.

Paula Cidade, um escritor e soldado a serviço do progresso do Exército, na Reforma Militardeixou alentada obra bibliográfica e em artigos em periódicos militares e civis a seguir relacionada. É talvez o ponto alto da presente contribuição neste resgate e o tributo mais significativo à preservação e culto de sua memória, até agora ímpar em seu tempo como escritor e modelar como

profissional militar, a homenagem da Defesa Nacionala um de seus fundadores, secretário, quando essa revista comemora 70 anos de existência.

Bibliografia e Artigos do General Francisco Paula Cidade (1883 – 1968)

1910 – **A verdadeira e a falsa nação armada**. Porto Alegre, Liv. Americana, cerca de 1910 (Tiro de Guerra 4 de Porto Alegre), 42 p.

1913 – **Manual do sinaleiro**. Porto Alegre, Liv. Americana – Cunha, 1913.

1921 – **Noções e problemas de leituras de cartas**. Rio, 1921. (Separata da Revista dos militares de Porto Alegre.)

1924 – **O soldado de 1827**. Rio, Imprensa Nacional, 1927. (Separata da Revista Militar Brasileira – RMB.)

1928 – **O Exército brasileiro na Colônia**, in Pródomos da Independência. Rio, Imprensa Nacional, 1928, 58 páginas.

1930 – **A nossa gente: Paissandú e Leandro Gomes**. Rio, Imprensa Nacional, 1930 (sobre .

1930 – **O domínio da Bacia Hidrográfica do Prata**. Rio, Imprensa Militar, 1930.

1930 – **Prefácio e notas** in **Reminiscências de campanha de 1827**. (Separata da RMB n° 1, 1930.)

1931 **– Uma Brigada de Cavalaria Ligeira no Serviço de Cobertura**. Rio, Imprensa Militar, 1931 (Separata da RMB). Sobre a missão do Gen Bento Manuel, em Passo do Rosário.

1934 – **Notas de geografia militar sul-americana**. Rio, Escola Militar do Realengo, 1934. 1 ed. e Bibliex 1942, 2ed.

1939 – **O soldado de 1889** *in* A República Brasileira.Rio, BIBLIEx, 1939.

1939 – **Floriano no vale Uruguai**, *1865, In* Floriano. Rio, Bibliex, 1939.

1941 – **O Barão do Rio Branco**. Rio, DIP, 1941 (Seu discurso de posse no IGHMB e de sua recepção no mesmo pelo Ten Cel Jonas Correia).

1941 **– *Las bases naturales de La buena vicinidad*** in Fuerzas Armadas de América. t.1. Buenos Aires...

1946 – **Nápoles e um pouco mais**. Rio, Bibliex, 1946.

1948 – **Lutas no Sul com espanhóis e descendentes**. Rio, BIBLIEx, 1948.

1955 – **Duque de Caxias** In Vidas de Estadistas Americanos. Porto Alegre, Liv.a Globo 1955,p..219-413.

1959 – **Síntese de três Séculos de Literatura Militar Brasileira**. *Rio,* BIBLIEx,*1959.*

1960 – **O que é indispensável saber sobre as nossas intervenções no Rio da Prata**. Rio, Imprensa do Exército,1960(Separata da RMB).

1961–**Cadetes e alunos militares através dos tempos**. *Rio,* Bibliex*,1961 (Sesquicentenário da AMAN).*

1966 – **O Rio Grande Do Sul – Explicação da História pela Geografia** In Dois ensaios de História. *Rio , Bibliex,1966.*

1966 – **Mal José Abreu – Barão de SerroLargo** In Dois ensaios de História. Rio, BIBLIEx,1966.

Hemerografia parcial de Paula Cidade

1 – Publicados na **Defesa Nacional** (e relacionados no índice do Cel Francisco Ruas Santos,na Administração da Revista).**Subsídios Táticos.Os fanáticos. Recrutamento de oficiais. Exércitos estaduais. Em torno do Contestado. Em torno de um Relatório. Colégios Militares. Dois Assuntos. Reflexões. A Velha Infantaria. Notas e curiosidades. Um novo Regulamento. Organização Regional. A doutrina e os processos de exercícios. O desenvolvimento em setor determinado. A localização dos Corpos de Tropa**

do RGS. Armamento de Infantaria. Tradições internacionais no Rio da Prata. História Militar do Brasil do Cap Genserico deVasconcelos. Os cadetes. Operações estratégicas defensivas (Van der Goltz). Em defesa de nossa língua. Oficiais de Estado-Maior. Escola Militar. O problema da segurança. O desaperto. O fator moral na campanha de 1825. O centenário de Passo do Rosário. As DI. Observações sobre a organização da Infantaria. O Marquês de Barbacena e as promoções ao seu tempo. A Defesa Nacional e sua História (revista). Osório, sua vida e gestos. A prata da casa. Questões administrativas. Vinte e sete anos mais tarde. Chefes da Cavalaria – galeria. Boletim de Informações da BIBLIEx. O túmulo de Virgílio. Trinta e cinco anos mais tarde. Confissões de um veterano.

2 – Publicados na **Revista Militar Brasileira**e relacionados em índice do Cel Francisco Ruas Santos, na administração da Revista, ora Revista do Exército*:* *(*1930) **O Soldado de 1827**. **Municiamento e remuniciamento**. **Pequenas frações de Infantaria**. **O domínio da Bacia do Prata.** Concurso a ECEME – orientação. **O Exército Russo dos Soviéticos** (trad.). **Uma Brigada da Ligeira na Cobertura** (1931). **Como estudar um ponto de História**. **Ataques aéreos em mass**a (trad.). (1941) – **Cavalo ou Motor**? **Em torno da Geografia Militar**. **O Conde D'Eu,na Chefia da Comissão de melhoramentos do EB e no Comando Geral da Artilharia**. (1945) - **A intelectualidade entre os mercenários alemães de Pedro I**. (1946) – **Cidades que agonizam** (impressões da Itália). **Gomes Carneiro, um chefe que soube morrer cumprindo ordem**. Marte afia a espada (geografia operativa na guerra moderna). (1947) – **O pão como arma de guerra.** (1948) **– Mal Antonio Ilha More**ira. (1949) – **A verdade Histórica.** (1950-54) – **Verbetes para um Dicionário Bibliográfico Militar Brasileiro**. (1966) – **O que é preciso saber sobre a diplomacia imperial no Prata** (Separata).

3 – Publicados em **Nação Armada** (1539-47) : (1941 – Jul) – **Atuação de Rio Branco no plano militar e diplomático**. (1941 – Out) – Costumes de Soldados. (1942 – Jun, Set e Nov) e (1943 – Jun e Ago) – Exército do Passado – **Rio Pardo e uma velha Escola Preparatória**. (1943 – Mar, Abr e Dez) – **O Exército do passado** (costumes e fatos antes de 1908). (1944 – Dez) – Lili Marlene. (1945 – Abr) – **Os nossos soldados na Itália.** (1945 – Jul) – **A Justiça Militar na FEB** (do diário de um expedicionário).

4 – Publicados na **Revista do Instituto de Geografia e História Militar no Brasil***:* (1955 – 1° Sem) – **Mal Hermes da Fonseca**. (1961 – 2° Sem) – **Arquivo Militar e Arquivo do Exército – um equívoco**. (1962 – 2° Sem) – **Tasso Fragoso, um pouco de História do Exército**. (1963 – 1° Sem) – **Quando nasceu o general Osório?** (1963 – 2° Sem) – **Pombal e os jesuítas e o Bra**sil – Bibliografia – apreciação . (1964 – 1° Sem) – **O terço e as ladainhas**. (1966 – 2° Sem) – Pé de página II.

5 – Publicados na **Revista do Clube Militar***:* **Municipalism**o (Jan/Fev 55); **Unidade Nacional em perig**o (Set/Out 55) e **Brasil – Bolívia** (Nov/Dez 55).

6 – Publicados na Revista da Escola Militar: **Um começo de vida** (1934) e **Mal Hermes da Fonseca** (1963).

7 – Publicados no **Boletim Mensal do EME**: **Tiros de combate no 10° RI** (1918).

8 – Publicados na **Revista dos Militares** – Porto Alegre: **Noções de Geografia, História Pátria e Militar** (1913); **Guia de instrução do sinaleiro** (1917); **Noções e problemas de leitura de cartas** (1921) e **Organização do Exército e do Serviço Militar** (Existem exemplares desta revista no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

9 - Publicados na **Revista Brasileira de Geografia**:**Aspectos geo-humanos de Mato Grosso – Corumbá** (Abr/Jun 43).

10 – Publicado na **Revista de Cultura Política**: **O problema da Defesa Nacional** (Jun 42, p. 218-233).

11 – Publicado na **Revista do Ginásio Imaculada Conceição: Corumbá** – 1945: **Discurso de paraninfo**.

12 – Publicado no **ASCHN**N° 2: **O Exército do Brasil na Independência à Maioridade** (p. 328-367).

13 – Publicado no **CIHA** – 7: **O Exército Brasileiro na Colônia** (p. 687-735).

14 – Publicados no **Jornal do Comércio** – Rio: **Um escritor (Trischauer) sobre o Brasil** (14 Jul 42); **Marte afia a espada** (14 Set 46); **Argentina Geo-Política Sul-Americana** (23 Set 46); **A Justiça Militar Brasileira – notas da Itália – observações** (25 Jun e 01 Jul 47); **Da Itália – livros e outros brasileiros** (Out 49); **A verdadeira história e o lirismo histórico** (28 Mai 50; **O Brasil visto por observadores do rei de Nápoles** (22 Out 50); **A FEB por seu comandante – verbete** (Nov 51); **O programa atual da imigração italiana** (18 Jul 54); **Um eleitor dirigiu-se ao partido** (15 Set 54); **Reminiscência da Revolução de 30 em Minas** (12 Dez 54); **O Rio e a mudança da capital** (25 Abr 56); **O custo de vida e os vencimentos militares** (15 Dez 56); **Documentos sobre o Brasil em Nápoles** (Jan 57); **Reminiscências de uma expedição à Bahia** (24 Mar 57) e **Duas vezes com Sua Santidade – o Papa** (11 Ago 57).

15 – Publicados no **Jornal do Brasil**– Rio: **A guerra e a renovação de costumes** (07 Abr 42): **Titara e Borman** (09 Fev 52); **Arquivo Militar e Arquivo do Exército** (20 Abr 58); **Deodoro espada contra o Império** (11 Mai 58), **Alguns aspectos do general Osório** (25 mai 58), **A Revolução de 1922 na Escola Militar no Realengo** (30 Jun 58), A velha cidade de Porto Alegre (17 Ago 58); **Velhos costumes de nossa gente** (21 Set 58); **História da história do Barão de Serro Largo** (30 Nov, 07 e 21 Dez 58).

16 – Publicados no **Correio do Povo**de Porto Alegre**: As 10 obras fundamentais da biografia rio-grandense** (22 Out 55); **Santo Ângelo e Sepé e sua estatura** (1955); **Comitê internacional de Ciência Histórica** (07 Set 56); **Os dois ciprestes (**08 Set 56); **Autógrafos raríssimos** (15 Set 56); **Porto Alegre – Até a visita** (27 Out 56); **Carlos Maul** (10 Nov 56), **Costumes de Soldados** (08 e 15 Dez 56); **Centenário da morte de Augusto Conte** (16 e 17 Mar 57); **Duas vezes com Sua Santidade o Papa** (29 Jun 57); **Porto Alegre, trágica sentimental** (03 Ago 57); **Acquercelli Napoletani** (27 Nov 57); *A minha primeira noite num quartel* (11 Jan 58); **A velha Porto Alegre** (30 Ago 58); **Velhos costumes de nossa gente** (18 Out 58); **Arquivo Militar e do Exército** (18 Abr 59); **Meio século mais tarde da declaração de aspirantes de 1909** (13, 10 e 17 Jun 59); **Bahia, berço do Brasil** (05 Dez 59); **Em torno da História do Brasil** (30 Abr 60).E com o pseudônimo de M.T. Camilo Eugênio. **Os contos**. **Um voluntário** (23 Jul 60) e **O Crescêncio** (30 Jul 60).

17 – Publicados no **Jornal de Rio Pardo**– RS: **A partida da Escola Tática e Preparatória** (07 Fev 55).

18 – Publicados na **Gazeta de Coru**mbá– MT: **Corumbá – Brasil – Bolívia** (31 Mar 37) e **Corumbá, um apelo** (02 Fev 55).

19 – Outras colaborações:

-**O canto da guerra do 30° BI** (1910) e **Cabocla Bonita** (letras) In**: LIRA** 1° Exposição de Folclore no Brasil. Rio, 1953.

- Orador oficial da turma que concluiu a ECEME em 1940, In Escola de Estado-Maior,1940.

- **Estudos e notas**, I*n;* **Os Brummer***,* Rio Grande, 1951. (Publicado pelo Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos.)

- **Prefácio e notas***in* SEIDLER*,* **Dez anos de Brasil**. São Paulo, s/d.

- **Colaborações**, I*n:* **Manual para o comando de Tropas***.* Porto Alegre, 1917 (com Klinger e Eneas).

O arquivo do General Francisco Paula Cidade encontrava-se em 1983, sob a guarda de seu filho Cel R/1 Waldir Vieira de Paula Cidade, em Teresópolis no Rio de Janeiro. Sua Biblioteca em grande parte foi doada a AMAN.Coube-me inaugurar sua cadeira no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, onde fui recebido pelo General Jonas Correia Filho que havia recebido o General Paula Cidade como sócio da mesma entidade. O que acabo de abordar foi o meu discurso de posse no IGHMB, o qual foi publicado na revista **A Defesa Nacional.** com o título **Paula cidade um soldado a serviço do Exército,** em seu nº 709 ,set/out 1983 as p.13/35, e disponível em Livros em Plaquetas, em Personalidades no site www.ahimtb.org.br e no Google. Cópia de suas **Memórias** as deixei no Arquivo Histórico do Exército.

Francisco Ruas Santos- Coronel (1914-2008)

Cel Inf Francisco Ruas Santos
Veterano da FEB

Faleceu aos 94 anos em 2008, no Rio de Janeiro, o Cel Inf Francisco Ruas Santos, natural de Belo Horizonte e Patrono de Cadeira, em vida,da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, cadeira que foi inaugurada pelo historiador Cel Inf Manoel Soriano Neto.

Honraria que a Academia lhe conferiu em vida, pelos relevantes serviços que prestou à pesquisa, preservação, culto e divulgação da História do Exército e, em especial, o planejamento e coordenação da edição da História do Exército Brasileiro Perfil Militar de um Povo em 1972, no sesquicentenário da Independência, na qualidade de Presidente da Comissão de História do Exército do Estado - Maior do Exército 1971/74, da qual fomos o seu adjunto e fomos por ele indicado ao Chefe do Estado Maior do Exército Gen Ex Alfredo Souto Malan que nos convidou para escrever o Capitulo sobre a as Guerras Holandesas.

Como escoteiro assistiu a tomada do 12º RI em Belo Horizonte, na Revolução de 30 e a Olimpíadas na Alemanha,no Governo de Hitler,o qual combateria cerca de 14 anos mais tarde, como Capitão na Defesa Territorial no Pará e como expedicionário da FEB do 11º RI de São João de Rei.

Como oficial, no Serviço Ativo realizou obra histórica notável como Comandante do CPOR/RJ e instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras no início da década de 60 do século XX, onde elaborou vários

livros textos, como chefe da Cadeira de História Militar da AMAN e com a orientação do General Castelo Branco, ambos veteranos da FEB e com o Curso nos EUA. O então Tenente Coronel Ruas introduziu na Cadeira de História militar a análise militar crítica, à luz dos fundamentos da Arte Militar(Princípios de Guerra e a Manobra e seus elementos) para substituir o ensino descritivo da História Militar que agregava Conhecimento Militar) que até então predominava. Ensino crítico que agregava Sabedoria Militar e que passou a ser ministrado privativamente por instrutores com Curso da ECEME Publicou pela Imprensa Acadêmica os livros Arte Militare Teoria e Pesquisa em História Militar. Como seu adjunto na Comissão de História do Exército do EME, recordando seus tempos de instrutor de História Militar concluiu que havia dado uma enorme carga de assuntos aos cadetes que possuíam outros pesados encargos. Situação que procuramos evitar quando fomos instrutor de História Militarna AMAN 1978-1980 do 3º e 4º anos. E deste tempo foram meus alunos os Generais de Exército Walter Souza Braga NetoeLuiz Eduardo RamosBaptista Pereira.

Em 1979/80 a Cadeira de História contou com 6 oficiais instrutores do QEMAe o Estado-Maior do Exército patrocinou os livro textos História da Doutrina Militar da Antiguidade a 2ª Guerra Mundial, A História Militar do Brasil em 2v(texto mapas). Livros por nós coordenados e enriquecidos com pesquisas que já havíamos feitos sobre as Batalhas dos Guararapes, Reconquista do Rio Grande do Sul aos espanhóis em 1776 e sobre a Batalha do Passo do Rosário. E também publicou como manual meu livro Como Estudar e Pesquisar a História do Exército Brasileiro, edições de 1979 e 1999, os quais distribuiu as EsAO,AMAN e ECEME. A idéia era ministrar orientação básica em Arte Militar,para que o oficial, ao longo de sua carreira pudesse desenvolver suas habilidades em Arte Militar. Sabedoria militar essencial nos Estudos de Situação relâmpagos, nas condutas de combate.

O Cel Ruas produziu numerosos instrumentos de trabalho do Historiador Militar, entre eles o Sistema de Classificação de Assuntos de História das Forças Terrestres do Brasil, do Estado-Maior do Exército do qual participamos e pelo que o considero autor da Teoria de História do Exército Brasileiro, instrumento que, salvo melhor juízo, poucos exércitos dispõem.

Em nosso **Manual Como pesquisar a História do Exército Brasileiro** editado pelo EME/AHIMTB 2.ª ed., aproveitamos a parte relativa ao emprego da força, para a pesquisar e depois concluir qual a doutrina militar(Organização, Equipamento, Instrução e Motivação e Emprego) usada em cada intervenção.

O Cel Ruas sonhava com uma História Cientifica do Exército, nos moldes da que o Centro de Documentação da Marinha realizou na administração do comandante Max Justo Guedes.

Hoje nos preocupamos com a História Critica de intervenções históricas de nosso Exército, ao longo do processo histórico do Brasil, para concluir quais as lições retiradas da análise militar crítica, à luz dos fundamentos da Arte da Guerra, sobre a forma de erros e acertos, visando com eles subsidiar,o desenvolvimento progressivo de uma doutrina militar genuína brasileira como sonharam o Duque de Caxias, o Marechal Floriano Peixoto e os coronéis J.B Magalhães, Amerino Raposo Filho e Nilson Freixinho etc que fizeram o que lhes foi possível em seus tempos.

Desde meu primeiro livro **As Batalhas dos Guararapes descrição e analise militar** todos as batalhas e combates sobre os quais escrevi, os analisamos criticamente àluz da Arte Militar e em especial sobre os Princípios de Guerra e a Manobra e seus elementos,

Fornecemos a produção literária sobre História Militar do Cel Ruas ao General Professor Jonas de Moraes Correia Filho (pai) para receber o Cel Ruas como sócio do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro.

Ao Cel Ruas ingressar na Reserva propomos seu nome ao Ministério dos Transportes para chefiar sua Seção de Documentação.Dispensado destas funções, dedicava-se a seu Centro de Documentação particular, no Largo do Machado, onde idealizava produzir argumentos para filmes, novelas e documentários.

Síntese biográfica

O Cel Ruas nasceu em Belo Horizonte, MG (4 de agosto de 1914). Filho de Vitoriano de Barros Santos e Maria Augusta Ruas Santos.

Fez os cursos da Escola Militar do Realengo (1937), da EsAO, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, da Escola Superior de Guerra (CEMCFA) e, em Fort Canning, nos EUA, o Curso Avançado de Infantaria do Exército.

Atingiu o posto de coronel, por merecimento em 1964. Durante sua carreira militar, exerceu os comandos da Companhia Independente de Fronteira 1943/44 no Pará e do CPOR do RJ,1965/67. Foi instrutor, professor em comissão e chefe da Seção de Ensino História e Geografia da AMAN; chefe da 1ª Divisão de Relações Públicas do Ministério do Exército.Foi convidado pelo Estado-Maior do Exército, Gen Ex Alfredo Souto Malan em 1971, para chefiar a Comissão de História do Exército do Estado–Maior 1971/73, encarregada de organizar a pesquisar história militar terrestre do Brasil,necessária à elaboração da História do Exército Brasileiro, pelo Estado-Maior do Exército em 1972. Montou o modelo reduzido de um Centro de Documentação Militar Terrestre, base para a criação do Centro de Documentação do Exército. Planejou e coordenou a criação do Centro de Informações Culturais do Museu Histórico Nacional. Participou da FEB na Campanha da Itália. Fundou e dirigia o seu Centro de Informações Culturais, onde, durante muitos anos, desenvolvia sistemas e técnicas da informação, sobre o que escreveu e publicou numerosas comunicações, folhetos e Thesaurus.

Pertencia ao IGHMB, ao IHG/SP, ao IHG/RJ. Foi eleito sócio honorário do IHGB em 15/12/75, passando a efetivo em 17/12/77. Renunciou à condição de sócio do IHGB em 1989,por achar que seus sócios resistiam as suas indicações.É patrono de Cadeira na Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

Possuía a Medalha Cruz de Mauá (Min. dos Transportes), a Cruz de Combate de 2ª Classe (Campanha da Itália), Medalha de Campanha da FEB, Medalha de Guerra, Medalha da Ordem do Mérito Militar (Grande Oficial), Medalha do Pacificador, Medalha Rui Barbosa.

Além de artigos, publicou: **A preparação para a Escola do Estado-Maior do Exército**, SP, Livros & Publ. Milit. Ed., 1949 , **Fontes para a História da FEB**,RJ, BIBLIEX 1958 – **Ensaios e estudos militares**, RJ BIBLIEX, 1959 – **Coleção Bibliográfica Militar**, RJ, BIBLIEX, 1960 – **Memórias de um mosqueteiro francês**, **Os holandeses na Bahia,** 1624/1625, RJ, Record, 1964 – **As forças Armadas no Brasil**, RJ, Record, 1964 – **A segunda Guerra Mundial.** RJ ECEME, 1967 – **Osório,** RJ, BIBLIEX, 1967 – **História da 2ªGuerra.**

A projeção do Coronel Francisco Ruas Santos como pensador militar a revelou quando introduziu na AMAN o ensino de História Militar Terrestre crítica à luz dos Fundamentos da Ciência e Arte Militar,(Princípios de guerra e a Manobra seus elementos) com orientação do General Castello Branco Diretor de Ensinodo Exército,que atuara como Oficial de Operações da FEB.

. Outra sua grande obra, com a qual colaboramos como seu adjunto na Comissão de História do Exército do EME e como historiador convidado pelo

Chefe do Estado-Maior do Exército, foi o Plano de Obra e a coordenação da **História do Exército Brasileiro – Perfil Militar de um Povo** 3v, contribuição do Exército às comemorações em 1972, do Sesquicentenário da Independência do Brasil. Outra grande contribuição como pensador militar terrestre brasileiro foi desenvolver a Teoria de História do Exército Brasileiro, publicada pelo Estado-Maior do Exército como **Sistema de Classificação de Assuntos de História das Forças Terrestres Brasileiras.** Sistema que em meu manual **Como pesquisar e estudar a História do Exército Brasileiro**, publicado pelo Estado-Maior do Exército em 1978 e 1999, reduzimos para somente o Emprego de Forças Terrestres nas diversas circunstâncias. E da análise do emprego da força em cada evento, tentar concluir a Doutrina Militar utilizada quanto a sua Organização, Equipamento, Instrução, Motivação (Forças Morais de Combate). E desta análise militar crítica, à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar, concluir os acertos e erros cometidos. O Cel Ruas foi uma vida dedicada a História do Exército, como historiador e pensador militar.

O Cel Ruas publicou pela BIBLIEX os seguintes livros: - **Fontes para a História da FEB** /1958. - **Ensaios e Estudos Militares** 1959. - **Coleção Bibliográfica Militar** 1960. - **Arte da Guerra 1988,**reedição de trabalho na AMAN em 1962. E pela Editora Acadêmica da AMAN: - **Teoria e Pesquisa em História Militar**, 1961. - **A Arte da Guerra** 1962. Era muito preocupado em produzir instrumentos de trabalho do historiador militar brasileiro e produziu **Coleção bibliográfica militar** e um índice da revista **A Defesa Nacional**até 1957, bem como a da Revista da AMAN, os quais me presenteou. Hoje os estudantes civis e militares dificilmente recorrem a livros e sim a sites e ao Google para acessarem em seus computadores e celulares o desejado. Assim muitos periódicos se tornaram, sem índice de seu conteúdo e de autores, sepulturas do pensamento militar. Ficou extremamente complexo as controlar e a razão de colocarmos a mais expressiva parte de nossa produção cultural, depois de digitalizá-la no site www.ahimtb.org.br . criado e administrado por meu filho Veterano Capitão de Mar-e- Guerra. Carlos Norberto Stumpf Bento, professor de Navegação na Escola Naval e historiador naval.Mas isto não é mais suficiente, pois a modernidade, segundo o historiador norte-americano Timothy Snyder em entrevista ao Milênio da Rede Globo, sobre a Democracia ameaçada, concluiu que a “História está sendo descartada no mundo (e por extensão no Brasil) no momento em que o mundo mais do que nunca dela precisa.”

Para o Cel Ruas Santos ao introduzir o ensino de História Militar crítica orientado pelo General Castello Branco, na AMAN ,se propunha apenas a iniciar o cadete no estudo da História Militar e, de tal modo, que possa prosseguir sozinho. Além daqueles objetivos conquistadoso Cel Ruas me declarou que repito que havia dado uma dose cavalar de História Militar aos cadetes e que julgava que havia errado, pois os cadetes possuíam pesados encargos. Como instrutor de História Militar 1978-1980 e como historiador militar já consagrado e membro de instituições históricas e historiador premiado, procuramos simplificar o ensino de História Militar na publicação dos seguintes livros textos: - **História da Doutrina Militar da Antiguidade a 1945.** - **Historia Militar do Brasil** 2 volumes textos e mapas. - **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**, edições de 1978-1999 e distribuído pelo Estado-Maior em grande número às AMAN, EsAO e ECEME. A realidade é que as vocações de historiadores militares e civis no Brasil diminuíram significativamente e as entidades de História que a cultuam como “a mestra das mestras”, “a mestra da vida” pouco avançam, em parte por falta de apoio financeiro às instituições de História por parte dos governos que são eleitos para representar o povo e assim responsáveis para preservar,

desenvolver e divulgar sua História. Todos os dias atravessava a Biblioteca da AMAN para atingir a sede da FAHIMTB e deparava com uma variedade enorme de livros e revistas militares. Tinha vontade de lê-las, mas é impossível dada a sua enorme quantidade. E lá isoladas, como um sepulcro do pensamento histórico militar brasileiro uma coleção incompleta da Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, cujo conteúdo me esforcei para salvar através de índice de seu conteúdo que produzi no Arquivo Histórico do Exército. Revista em que seus historiadores escreveram e que ali caminham para o esquecimento, bem como, páginas notáveis das histórias do Exército, Marinha e Aeronáutica. **A Revista A Defesa Nacional** aborda a evolução do pensamento militar brasileiro durante um século,mas que está sepultada em 324 exemplares de suas coleções, sem que se disponha de um índice de seu conteúdo e talvez até uma coleção completa.

O Comandante do Exército General de Exército Enzo Martins Peri, atendendo pedido do Gen Ex Francisco Carlos Modesto, comandante do CML ao qual lamentamos a falta de um índice da Revista a Defesa Nacional, ordenou a Biblioteca do Exército que elaborasse um índice da **A Defesa Nacional** e o disponibilizasse na Internet, bem como o conteúdo digitalizado da Revista. Esta pratica hoje se impõe! Segundo o Cel Ruas Santos, à guisa de apresentação de um trabalho seu assim definiu o Ensino de História Militar na AMAN:

"O Curso de História Militar da AMAN deseja que os futuros oficiais do Exército meditem sobre a situação em que se encontra a História Militar do Brasil e, seguindo os impulsos de seu gosto e inclinação, contribuam, na medida do possível, para colocá-la ao nível sonhado de grandeza do Brasil."

Situação da História do Brasil que creio salvo melhor juízo se encontra mais crítica hoje do que em 1961. Conferir a obra de simples raciocínio e verificação. Hoje nos preocupamos com a História Militar Crítica, de intervenções históricas de nosso Exército ao longo do processo histórico do Brasil, para concluir quais as lições obtidas da análise militar, a luz dos fundamentos da Arte da Guerra, sobre a forma de erros e acertos, visando com eles subsidiar o desenvolvimento de uma doutrina militar genuína brasileira, como sonharam o Duque de Caxias, O Marechal Floriano Peixoto e os coronéis J. B. Magalhães, Amerino Raposo Filho e Nilson Freixinho etc, que fizeram o que lhes foi possível em seus tempos.

Foi eleito sócio honorário do IHGB em 15/12/75, passando a efetivo em 17/12/77. renunciou à condição de sócio em 1989. Ao lançarmos em 1971 nosso primeiro livro as **Batalhas dos Guararapes análise e descrição militar**, dele recebemos o seguinte estímulo do que resultou minha transferência do IV Exército para o Estado-Maior do Exército e minha destinação para ser seu adjunto na Comissão de História Exército do EME (CHEB), seguido de convite do Chefe do EME Gen Ex Alfredo Souto Malan para escrever o Capítulo da História do Exército Brasileiro perfil Militar de um Povo relacionado as **Guerras Holandesas**.

"Trata-se do mais completo trabalho histórico-militar sobre as duas Batalhas dos Guararapes. O autor soube valorizar as fontes pertinentes, analisou-as com critério e de modo cabal e interpretou-as devidamente, com lógica e boa fundamentação topo-tática e histórica. Elaborou para a boa compreensão de parte dos leitores, uma coleção de esboços que enriquecem o trabalho e com apoio num levantamento de curvas de níveis de 10 em 10 metros que solicitou ao Ministério da Agricultura para a construção da Parque Histórico Nacional dos Guararapes, cuja coordenação lhe esteve afeta.[...] O trabalho do Major Cláudio Moreira Bento está fadado a servir de base a um roteiro de turismo cultural, tendo por fim o conhecimento dos locais ligados aos dois grandes feitos das armas luso-brasileiras, em 1648 e 1649, destino que lhe atribuímos dada a objetividade de

que a obra se reveste."(Parecer da Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército, em 29 Abr 1971, por seu presidente Cel Francisco Ruas Santos).

O Cel Ruas Santos publicou os seguintes assuntos na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: **Análise e indexação da Revista do IHGB** 345 41:141-150,out/ dez 1983. **Arquivos históricos e computadores** 345:119-120. out/dez 984. **Atualização da Informática** 339: 121-135, abr/jun 1983. **Atualização dos Institutos históricos** 341:151-153, out/dez 1983. **Capistrano de Abreu: sua grandeza e atualidade** . 148 (355): 219-224, abr/jun 1987. **O conceito entre torre e casa forte** 1548 e 1648. 323: 30- 38 abr/jun 1979. **Dicionários históricos** 340:21-24 jul/set 1983. **As efemérides cariocas de Roberto Macedo** 342:241-246 jan/ mar 1984, **O Ensino de História do Brasil por meios modernos** 147(351):362-370. **Eugênio Vilhena de Morais guerreiro do bom combate**... 149(359):231-237 abr/jun 1988. A Guerra da Tríplice Aliança 344:87-94 Jul/set 1984 **A iconografia de Caxias: vocabulário político** 340:25-26 jul/set 1983.

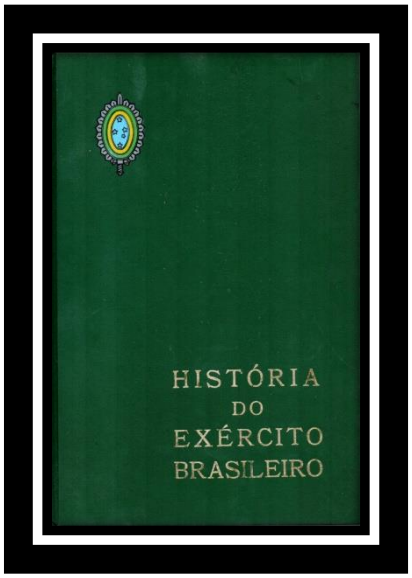
Artigos do Cel Ruas Santos na Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. **Discurso de posse na cadeira nº 12**, nº 41 p,149ss. nº 48 p.15ss. **As forças terrestres brasileiras na Guerra da Tríplice Aliança, lições de validade permanente.Saudação ao Cel Waldir da Costa Godolphim** nº 50 p,159ss. **O Exército Imperial,antecedentes,constituição e papel na Independência** nº 52 p.159ss. **Posse do Maj. Fernando Maya Pedrosa** nº 57 p.129ss. **Posse do Gen Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira** nº 60 p.163ss. **Tentativa de atualização da História Militar do Brasil** nº 44 p.105ss. 329.**A Guerra da Tríplice Aliança e o Paraguai**, do gen. A. Tasso Fragoso,com suas notas e comentários, BIBLIEX, 1956, 5v. – **Teoria e Pesquisa em História Militar**, Resende, AMAN, 1961 – **Marechal Castelo Branco: seu pensamento militar**, RJ, ECEME, 1968 (organização e notas). De sua vasta bibliografia, constam ainda estudos sobre guerras mundiais e localizadas para os alunos da AMAN, e índices de várias revistas, artigos e conferências.

"Homem profundamente interessado e conhecedor da História do Brasil e do Exército Brasileiro, ajudou com suas obras e conselhos a muitos estudiosos de Genealogia e de História do Brasil e de Portugal" (Eng Ten R/2 Eng Luiz Alberto Costa Fernandes seu aluno no CPOR/RJ e titular da Cadeira Gen Ex Aurélio de Lyra Tavares da AHIMTB –RJ ."

Cel Inf QEMA	Presidente	FRANCISCO RUAS SANTOS,
Maj Eng QEMA	Adjunto	CLÁUDIO MOREIRA BENTO,
2.° Ten QOA	Sec Ref	ANTÔNIO FERREIRA AMORIM, Ch

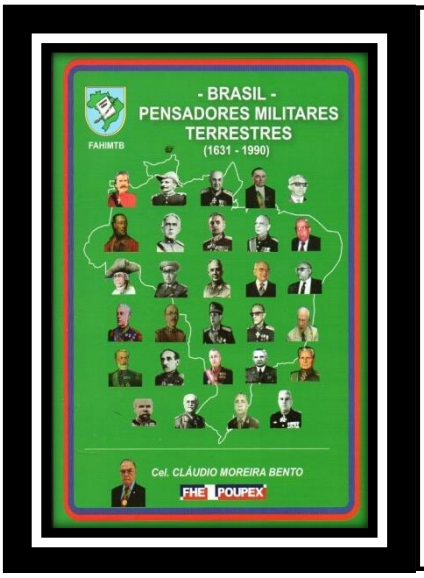
Auxiliares

Subten	MANOEL DE ALMEIDA VASCONCELLOS
1° Sgt	EDSON DA SILVA MENEZES
I.° Sgt	HÉLCIO AVEGÃO LEMOS
3.° Sgt	ALVARO GUERGOLET
Desenhista	BENEDICTO DA SILVA CORDEIRO
Desenhista	ANAEL PEREIRA DA SILVA
Datilografa	TEREZINHA MARLENE CRUZ DA SILVA
Datilografa	VERA LÚCIA VIEIRA SANTOS
Sv Gerais	MANOEL MARINHO DO NASCIMENTO
Sv Gerais	MANOEL PEÇANHA



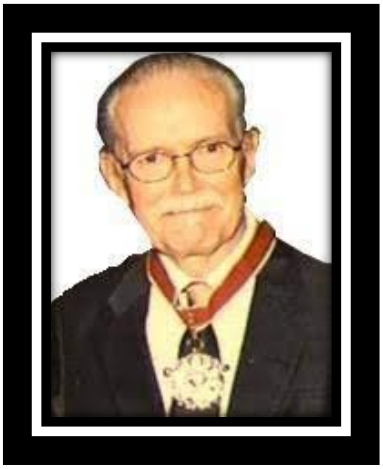
A esquerda cópia da capa da obra História do Exército Brasileiro perfil militar de um povo, desenvolvida pela Comissão de História do Exército do Estado–Maior do Exército, tendo a direita a sua constituição que figura na última página do 3º volume.Página encimada pela seguinte expressão

“No dia 30 de novembro do ano do Sesquicentenário da Independência do Brasil, a Comissão de História do Exército Brasileiro, do Estado-Maior do Exército, concluiu os trabalhos de elaboração e coordenação geral desta Obra.



Capa de meu livro **Brasil-Pensadores militares terrestres 1631-1990** no qual focalizo o Penssdor Militar Terrestre Cel Francisco Ruas Santos as p.321/329 e cuja foto e a segunda da última coluna.Livro disponível para ser baixado em Livros e Plaquetas no site www.ahimtb.org.br E também no Google

Germano Seidl Vidal –Coronel(1922-2008)



Cel Art e de Estado-Maior Germano Seidl Vidal
Veterano da FEB

Pelo Ten R2 Art Israel Blajberg Presidente da AHIMTB-RJ

Coronel Germano Seidl Vidal, Artilheiro da FEB(19 jul 22-out2008).Historiadore escritor fecundo e membro modelo da AHIMTB, o Cel Germano faleceu no sábado 04 out 2008, deixando relevantes trabalhos sobre a FEB.Foi Comandante da 2ª Bateria do 8º GMAC (Rio-RJ), Comandante da 8ª Bateria do 2º RO-105 (Itu-SP), Instrutor da EAC (Rio-RJ), Comandante da 1ª/4º GACos M(unidade isolada, Salvador-BA), Comandante do CPOR de Salvador e Membro do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra (Rio-RJ).

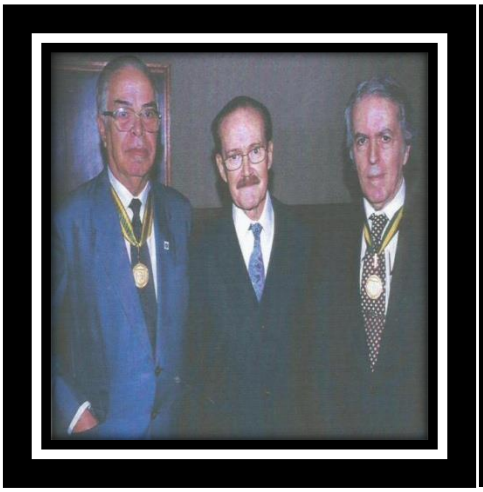
O seu sepultamento foi no domingo 05 out 2008 às 1400h. no Jazigo da Família no Cemitério São Francisco Xavier no Caju. As honras fúnebres foram prestadas por militares do 11º GAC – Grupo Montese, unidade sucessora do Grupo Escola – I/1º RAPC (4º Grupo de Artilharia 155 da FEB) onde o então Ten GERMANO comandou a Linha de Fogo da 2ª Bateria. De projeção notável foi sua obra a Guerra Proscrita cujo site acabava de comunicar atingira milhares de visitas.A Academia de História Militar Terrestre do Brasil lamenta profundamente o falecimento deste seu acadêmico emérito e ela preserva em seus arquivos os valiosos e modelares documentos por ele enviados.Pela AHIMTB Cláudio Moreira Bento,Presidente.

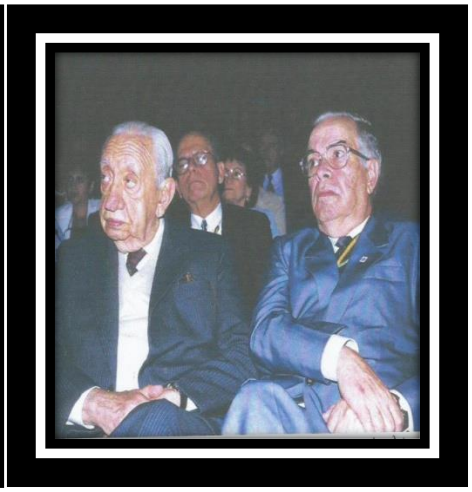
Pensamento do Cel Germano. "~Todos temos um caminho. Por ele vamos aos tropeços, Uns ajudando aos outros, dando-se as mãos em busca da melhor direção. Na chegada,há uma curva.Quando a ultrapassamos, perdemos contato com os demais,caminhamos rumo ao desconhecido, talvez para o infinito..." registrado de turma acadêmico Cel José de Sá Martins.

Convite para missa por um filho do Cel Germano:

"GERMANO SEIDL VIDAL nos deixou para viver no paraíso. Com certeza, foi recebido por muitos anjos, os seus parentes, muitos amigos e admiradores, com muita alegria e carinho. DEUS está feliz com mais este discípulo.MEU PAI deixa um legado de grandes realizações, porém a mais importante e significativa é a nossa família, onde sua esposa, seus filhos, netos, bisnetos, genros e noras têm por ele, muito amor, enorme respeito, grande admiração pelo carinho sempre disponível, pela sua sensibilidade, pelo seu senso de humor, pela sua arte, pela honestidade, pela ética, pela luta incansável em defender a teoria do pacifismo e pela sua honra.Certamente, todos nós estamos sendo observados, protegidos e iluminados por ele, nos olhando lá do seu novo escritório de grandes ideias, em seus longos momentos de criação.Convidamos a todos para nos unirmos em oração, nesta 6ª Feira (10 de outubro), a partir das 19:00 horas, na Igreja Santa Margarida Maria (na Fonte da Saudade – Lagoa), onde será celebrada a "Missa da Ressurreição", para compartilharmos muita paz e harmonia.Desejamos que ele tenha a melhor das vidas para sempre. Ele merece!Agradeço em nome da nossa família, todas as manifestações de pesar dos parentes e amigos. *Germano Vidal* Filho

O site da Academia www. ahimtb.org.br deu destaque no obituário do ilustre Cel Germano da lavra do Professor e TenR/2 de Art Eng Israel Blajberg acadêmico da AHIMTB seu 3º vice-Presidente Delegado da Delegacia Marechal João Batista de Mattos.





A posse como acadêmico do Cel Germano foi no IME. Na foto da esquerda o autor, no centro o Cel Germano e a direita o Acadêmico Christovão de Avila. Na foto a direita o acadêmico General Carlos de Meira Mattos e o autor

Golbery do Couto e Silva– General (1911-1987)

General Golbery do Couto e Silva
Veterano da FEB

Ele teve muita influência como pensador militar através das seguintes obras sobre Estratégia que publicou pela BIBLIEX:

- **Planejamento Estratégico-** 1955
- **Aspectos Geopolíticos do Brasil**- 1957
- **Geopolítica e Poder**
- **Conjuntura política internacional e a Geopolítica do Brasil**

Na tropa escreveu em 1939 a obra:

- **Tiro de Morteiro**, que creio foi muito utilizado pela FEB na Itália;

Sobre guerrilhas escreveu que "**A guerrilha e a estratégia do fraco contra o forte".** E ela se tornou eficiente com **Guerra Brasílica** contra os holandeses no Nordeste, e como **Guerra à gaúcha** contra os espanhóis no Rio Grande do Sul, e como **Guerra fluvial**,contra estrangeiros na Amazônia, ao comando de Pedro Teixeira.

O Cel Golbery assumiu a Casa Civil de vários governos da Revolução Democrática de 1964. Ele era natural da cidade de Rio Grande(RS).

Golbery primeiro aluno de sua turma na Escola Militar de Realengo em 1930. Como capitão serviu na Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional.

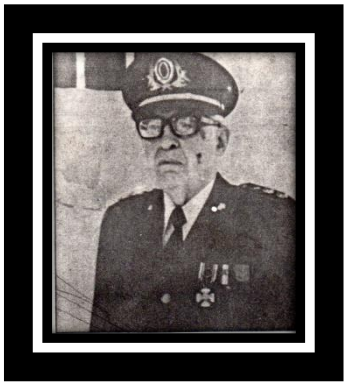
Foi o 1º lugar em 1941 em concurso de admissão a ECEME. Em 1977 cursou Estado-Maior na Escola de Guerra em Fort Leavenworth. Dali foi enviado para integrar a FEB, como oficial de inteligência estratégica e informações.Serviu no EMFA com a finalidade de preparar decisões estratégicas relativas a organização em grupo conjunto das Forças Armadas.

Na Escola Superior de Guerra no comando do General Juarez Távora pôs em prática o "eu" de uma elite tecnológica, para fortalecer a segurança nacional e comprometido com os Objetivos Nacionais Permanentes ONP.Sua Doutrina de Segurança Nacional foi absorvida pela ESG e ela alinhava o Brasil com o bloco ocidental sob a liderança dos EUA.

O Gen Golbery foi um dos criadores da Doutrina de Segurança Nacional e um dos fundadores do Serviço Nacional de Informações SNI.

Serviu como chefe da Casa Civil dos governos dos presidentes Ernesto Geisel e João Figueiredo. A partir de 1974 foi o idealizador da “política de distensão” que marcou o início do processo de abertura política.Teve forte repercussão interna o seu livro **Geopolítica do Brasil**. Serviu no EMFA com a finalidade de preparar decisões estratégicas relativas a organização em grupo conjunto das Forças Armadas.

Henrique Oscar Wiedersphan-Tenente-coronel (1906-1994)



Ten Cel Art Henrique Oscar Wiedersphan

Senhor Presidente Cel Claudio Moreira Bento desta seleta Mesa - Demais componentes, já nominados**.** Não podia hesitar mais; daí ter fabricado coragem, adquirido forças e ousado apresentar palavras que brotarão de meu ser aos ouvidos atentos e bondosos deste memorável e culto auditório.

Procurei, no meu alforge de peregrino, pobre em cultura: vocábulos, expressões e conceitos; poucos os encontrei por não os possuir tão perfeitos como se requer em tal conjuntura. Faltar-me-ão frases lapidares, brilhantes e polidas; porém, certamente, o coração ajudar-me-á a formar frases adequadas a este evento.

Como é de praxe passarei a fazer o panegírico do meu ilustre Patrono, da Cadeira nº 6, que em vida foi de uma excepcional atividade histórico-cultural - o imortal Coronel Henrique Oscar Wiedersphan.

Henrique Oscar Wiedersphan nasceu no dia 24 de novembro de 1906, em Salvador do Sul, município de São João de Montenegro/RS. Era filho do engenheiro civil Henrique José Wiedersphan e de Dona Elisa de Prêmio Wiedersphan. Casou-se com Dª Maria de Lourdes Guimarães Wiedersphan, natural da cidade do Rio de Janeiro(RJ).

Desde Cadete, na Escola Militar, dedicou sua vida ao estudo e à pesquisa nos campos da História, da Genealogia e da Heráldica, além de cumprir fielmente com seus serviços profissionais militares, todos dedicados à nossa Pátria.

Tinha pendor para a prosa e poesia: neste último gênero publicou em 1935, sob pseudônimo, poesias intituladas “**Segredos...Amor eterno!”** com a alma plena de espiritualidade devido à sua formação marista.

Como militar serviu nos Estados do RJ, RS, PA, ES e SP.

Participou da “Revolução de 1932”, em São Paulo, do lado legalista e das operações militares contra a Intentaria Comunista, em 1935/RJ. Com a entrada do

Brasil na 2ª Grande Guerra. Comando uma fortaleza guarda costa no ES.

No Governo Castelo Branco voltou à ativa, após curto período na reserva militar, tendo chefiado o Serviço de Informações-Imprensa-Rádio e TV.

Em meados do Governo Médici, quando foi introduzida a censura afastou-se definitivamente da ativa, pois a principal matéria prima do seu trabalho, que era a liberdade dos órgãos de comunicação, havia perdido autenticidade.

Sua vida cultural foi intensa, plena de livros publicados, conferências realizadas e artigos em jornais, de Norte e Sul do país.

Foi membro de inúmeras instituições culturais no país e no exterior.

Possuía, entre outras homenagens, a Comenda da Ordem do Mérito Militar (1972); a Medalha do Pacificador (1972); a Medalha Militar de Bronze (1932). Recebeu várias medalhas comemorativas oficiosas e culturais.

A **Academia Militar das Agulhas Negras -** AMAN, sediada em Resende, o homenageou com um quadro, em ampliação fotográfica, mostrando o Corpo de Cadetes em uniforme de parada, formado em seu pátio principal, tendo à frente as suas duas Bandeiras e numa outra em dourada os dizeres: ' Ao TenCel. Henrique Oscar Wiedersphan, homenagem da AMAN - Abril de 1981".

Membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (RJ); dos Institutos Históricos e Geográficos de São Paulo, PA, RS e PE; do Instituto de História de São Leopoldo- RS; do Instituto Genealógico Brasileiro e do Instituto Hans Staden, ambos de São Paulo;da "Sociedade Der Herold" - Berlim - Alemanha.

Membro permanente e titular do antigo Colégio de Armas e Consulta Heráldica do Brasil (fundado pelo grande historiador Gustavo Barroso)/RJ. Consultor jurídico do seu "Armorial".

Vogal das Comissões de Heráldica, História da América e História Militar, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Sócio honorário da Sociedade Amigos de Brusque/SC.

Como Tenente publicou **"Cannae e nossas Batalhas"** (1934); '**Campanha de Ituzaingô**(Bibliex - 1961); **"Blumenau, na História Militar"** ("Blumenau em Cadernos" - 1962): **"Bento Gonçalves e as Guerras de Artigas"** (1979).

Nosso Presidente da Academia, o culto historiador Cel. Cláudio Moreira Bento, o considerou um pioneiro no estudo crítico militar das batalhas brasileiras; e, ainda, um pioneiro motivador para o trabalho de companheiros de outras gerações.

São obras dele, o nosso Patrono: **O General Farroupilha João Manoel de Lima** e **Silva"; "Origens e evolução do Estado-Maior"; "A nossa Guerra da Independência"; "0 General Alípio Virgílio di Primio e o Serviço Geográfico do Exército"; "A Confederação do Equador de 1824"; "Os Lagunistas e Silva Paes"; "Terceiro Centenário da 1ª Batalha dos Guararapes"; "O Conde de Lippe - sua obra e seu legado".**

Ativo, como sempre, pode-se dizer que produziu um trabalho interessante por mês, em quase 50 anos de produção cultural**.**Outras obras de sua autoria**:**

- **"A colonização açoriana no Rio Grande do Sul -** PA/RS/979.
- **"O Convênio de Ponche Verde"** - PA/RS/980.
- **"Conquista e povoamento"**/RS.
- E muitas outras.

Fez diversas e oportunas Separatas como "**O verdadeiro significado do Estado do Brasil** e as bases dinásticas da nossa unidade nacional" - São Paulo -

1958.

Fez diversas palestras e conferências como **“Osório e a Batalha de Tuiuti** - 1934.; “0 **Centenário do Marechal Conde D’ EU”** - Abril/1942 Quitaúna - SP.

Participou em congressos e simpósios de História. Também atuou, com profundidade de serviços, nos assuntos de Heráldica e Genealogia.

Oferecia concepções heráldicas para estandarte de várias Unidades da Força Pública do Estado de São Paulo; também brasões de armas municipais para Brusque/SC e Diadema. Mocanguê e Ribeirão Pires, as 3 de SP. todos com os seus desenhos definitivos (executados por seu filho Ten/R2 Henrique Carlos Wiedersphan, heraldista como o pai).

O nosso Patrono colaborou em publicações militares tanto na **“Revista da Escola Militar”** (como Cadete, 2º e 1º Ten.); Na **“Defesa Nacional”** (de 1931 até 1960); **“Revista do Clube Militar”** (1935/41); **“Revista Militar Brasileira”** (1936/86);“**Revista do Exército Brasileiro”** (1982/83); na publicação **“Armas do Brasil em Revista”** (1950); **“Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil”** (1977/84); **“Letras em Marcha"**(1977/87).

Forneceu muito conteúdo de História para jornais e revistas, riograndenses-de 1933 até 1985; idem, para Rio de Janeiro (1935/56); para o Estado de São Paulo, em seus jornais e revistas, entregou matérias sobre História desde 1942/82. No dia 13 de abril de 1994, por volta das 23:30 horas, faleceu no Hospital da Sociedade Beneficente Alemã/ São Paulo/SP, tendo sentido a aproximação da morte, como citarei: A enfermeira de plantão, percebendo sua respiração ofegante, chamou, às pressas, o médico. Quando este chegou, o nosso Patrono, foi logo lhe dizendo: “Por favor, não faça nada. Chegou a minha hora e eu quero morrer em paz”!Logo em seguida fechou os olhos, bem tranquilo, para em seguida, dizer, para grande perplexidade do médico e da enfermeira: “Que interessante, estou ficando, leve ... estou subindo ... me botem de novo na cama”...- foram suas últimas palavras!”

Como pedira, foi sepultado com o uniforme cinza do Exército, tendo a Bandeira Brasileira sob a mão direita e a Bandeira su lriograndense sob a mão esquerda; no meio, um crucifixo de Jerusalém (que sempre mantinha junto de si).

Eis a vida de um dos maiores historiadores do nosso país.

Invoco “Minerva”, a “Deusa da Sabedoria”, para que possa falar, com critério, neste importante evento da minha vida, para dizer da minha gratidão e do profundo agradecimento aos Imortais desta Academia.Quem me dera, nesta oração, tera eloquência oceânica de Vieira;a adjetivação torrencial de Rui;a estilização condoreira de Castro Alves;e a sonoridade melodiosa das sinfonias de Carlos Gomes, para compor um hino de louvor com que saudar, à justa, meus prendados e cultos Imortais da Academia de História Militar Terrestre do Brasil,presidida pelo culto Cel Claudio Moreira Bento, que hoje me recepcionam nesta casa da Cultura.Perdoai-me Senhor, se recebi tanto e tão pouco ofereci; de qualquer maneira, Senhor, rogo para que não deixe apagar, em mim, a chama de bem servir.“Se todos quisermos”, já disse Tiradentes, “haveremos de fazer deste país uma grande nação. VAMOS FAZÊ-LO!”

Como soldado aprendi, na caserna, a falar a linguagem da ação e a calar, no peito, o grito contra a ingratidão dos que não reconhecem valor em alguém.

Permitam-me invocar Abrahão Lincoln ao dizer que gosto de ver um homem orgulhar-se do lugar onde vive, mas gosto mais de ver um homem viver de modo que seu lugar - o Exército se orgulhe dele.

O dia de hoje, amanhã será História; devemos ter sempre presente a importância deste fato.Tive, no lançamento nacional da minha coleção, em 4 volumes; da obra intitulada HISTÓRIA DO BRASIL” em 03/11/80, a excelsa honra

de ouvir do Imortal Pedro Calmon, da Academia Brasileira de Letras e Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro- no auditório da Universidade Federal do Paraná, estas palavras:

"Estamos carentes de vulto, de essência, como esta História do Brasil" que o Brasil necessita há mais 10 anos."

Sabemos que cultura é tão necessária quanto o ar que respiramos e o pão que nos alimenta e que a verdadeira riqueza de uma nação não se baseia no ouro ou na sua prata na sua civilização, na sua cultura e na integridade moral de seus filhos.

Peregrino por patriotismo, desbravador por destino, apaixonado por temperamento, estoico por profissão - eis o meu cartão de visita ideal!

Assumindo, agora, a Cadeira nº 16, patronímica do TenCel**HENRIQUE OSCAR WIEDERSPHAN.** tenho o dever moral de ser cada vez mais digno da honraria que me é outorgada nesta oportunidade; é semeadura, a mais, no campo de meu caráter, fertilizando-o ainda mais e permitindo germinação de outros trabalhos literários em futuro próximo.

Agradeço, com muita ênfase, do fundo do coração, àquele que me apresentou pois soube muito bem resumir minha vida pregressa; meu muito obrigado pelas suas palavras.

O trabalho enobrece; o trabalho dignifica o homem. Vamos, pois, ao trabalho para sempre sermos dignos e felizes.

Não pergunte o que a Pátria pode fazer por você mas o que você pode fazer pela Pátria.

A História pátria é pródiga em exemplos magníficos de coragem, de desprendimentos e de dedicação: relembrá-los é preito de gratidão aos homens que a escreveram.

Escritor é beletrista que conta o passado, relata o presente e projeta o futuro.

Senhores, não vim ao mundo para ser servidor, mas para servir. Vivi no trabalho e não perdi o entusiasmo. Quem não vive para servir não serve para viver!

O Historiador não é o antiquário, mas o homem de seu tempo. Sua matéria só é o passado, na medida em que é também o presente, pois este é o seu campo, sem o que a história é ornamento, erudição, algo sem vida. Nobre e sedutora é a missão do historiador que faz ressurgir o passado nos seus lineamentos característicos.Não há história sem documentos; é oportuno, pois, ressaltar os livros e seus respectivos autores.

Talvez tenha chegado mais longe, com homenagens, do que mereci, pelo que fiz na vida.Há sentimentos de tristeza, desalento e revolta face à atual situação que atravessa o país. Vai mal sua Economia. Péssima a moral social. Falham demais as Instituições nos seus respectivos funcionamentos.

O Legislativo brasileiro anda fraco nas suas devidas atuações, isto porque muitos procuram, conforme a "Lei de Gerson"- "levar vantagem em tudo": há muitas votações demagógicas e de interesses de parcela da Sociedade. O Judiciário nacional é moroso na aplicação da Justiça.

E, assim, de um modo geral, o país atravessa fase crítica onde predominam apelo à vulgaridade; sexo em demasia; homossexualidade; palavrões; humor grosseiro; etc.

Vamos reagir, patriotas, a essa passageira nuvem que nos atinge com seus desdouros. O povo brasileiro, em si, não aceita esta situação.

Não cabe só ao Governo resolver estes problemas, mas cada um de nós precisa contar com sua valiosa parcela de contribuição.

Não podemos mudar todo o mundo, mas a parcela dele, que nos pertence, podemos tentar modificar.

Ofereçamos a consciência do dever bem cumprido, nesta nossa rápida passagem sobre a Terra onde vivemos.

Segundo OLAVO BILAC: “Ame com fé e orgulho a terra onde nasceste!...Não verás país nenhum como este: imita, na grandeza, a Terra onde nasceste!”

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil foi fundada a 1ºde março deste ano pelo historiador Cel Claudio Moreira Bento e tem como Patrono o Duque de Caxias; nas suas Cadeiras estão sentados historiadores militares (terrestres) e chefes militares de vulto, entre os quais citaremos o Marechal José Pessoa, Mascarenhas de Moraes, Castelo e outros.

A AMAN, à sombra da grande muralha da Mantiqueira, à margem do rio Paraíba do Sul, em Resende, no Estado do Rio de Janeiro, me acolheu, no meu último ano como Cadete, e me deu a subida Honra de poder ser da Turma de Aspirantes a Oficial “Escola Militar do Realengo”, com a Declaração em 11/08/45, há mais de 51 anos passados. Hoje, retomo a AMAN, para receber tão importante homenagem na minha vida.”Convivi muito com oTen Cel Wiedersphan em São Paulo,quando lá servíamos no Estado-Maior do 2ºExercito .Foi contato muito proveitoso. E dele recebi preciosos documentos e continuamos mantendo contato epistolar sobre a História do Exército Brasileiro, objetivo de nossos interesses como historiadores militares de fortíssima vocação.

Humberto de Alencar Castello Branco-Marechal (1900-1867)

Marechal Humberto de Alencar Castello Branco
Veterano da FEB

Pensador militar fecundo, cuja ação se fez notável como comandante da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Chefe do Estado-Maior do Exército e mesmo como Presidente da República, O saudoso historiador militar Cel Francisco Ruas Santos e o então Major Fernando Maia Pedrosa resgataram parte do pensamento militar do Marechal Castelo Branco no livro **O Marechal Castello Branco e seu pensamento militar,** 1960. Obra lançada na ECEME em 1966, quando me preparava no 1º Batalhão Ferroviário em Bento Gonçalves-RS para prestar concurso à ECEME. Obra que analisei na Comissão de História do Exército Brasileiro do EME. em **Boletim de Pesquisa**, á luz do Sistema de Classificação de Assuntos de História das Forças Terrestres do EME,

desenvolvido por sua Comissão de História. Ou a Teoria de História do Exército Brasileiro.Teoria que abordei no tocante ao Emprego das nossas Forças Terrestres ao longo do processo histórico brasileiro, no meu Manual Como Estudar e Pesquisar a História do Exército Brasileiro, publicado pelo EME em 1979e 1999 Obra distribuída às nossas Escolas AMAN,EsAO e ECEME . Vejamos o que conclui: ao final deste artigo sob o título: Como colocar os Temas de Emprego das FTB a Serviço dos Objetivos da História do Exército.

HUMBERTO DE ALENCAR CASTELLO BRANCO, nasceu em Fortaleza/CE, em 20 de setembro de 1900, filho do então Capitão Cândido Borges Castello Branco, e de dona Antonieta de Alencar Castello Branco.

Estudou no Colégio Militar de PORTO ALEGRE, depois de estudo das primeiras letras em RIO PARDO, onde seu pai servia na Escola Militar local. Desde cedo se destacou entre seus pares, pelos seus conhecimentos e dedicação profissional. No Colégio Militareconviveu com COSTA e SILVA, os irmãos KRUEL, os ETCHEGOYEN e NAPOLEÃO DE ALENCASTRO GUIMARÃES, entre outros.Cursou a Escola Militar do Realengo e a seguir a ECEME em 1929/1931 como Tenente, classificando-se em 1º lugar.

- O casamento em 1922, em BELO HORIZONTE, com D. ARGENTINA, de cujo consórcio nasceram os filhos ANTONIETA e, PAULO, oficial de Marinha e já falecidos.

-Cursou a Escola de Estado-Maior, em 1929, 1930 e 1931, ainda como 1º Tenente, em 1º lugar. Voltou a servir na Escola Militar do Realengo, ao comando do Coronel João Baptista Mascarenhas de Morais, onde comandou o Curso de Infantaria e apontou seu coestaduano o Brigadeiro Antonio de Sampaio como patrono não oficial da Arma de Infantaria. Em 1937 como Capitão, cursou a Escola Superior de Guerra de PARIS, destacando-se como um dos melhores alunos, e de onde retornou como Major, para a Escola de Estado-Maior, pela 3ª vez.

- Em princípios de 1944, como Ten Cel estagiou na Escola de Comando e Estado-Maior dos EUA. Ao regressar, passou à disposição do General MASCARENHAS DE MORAES já designado para organizar e instruir a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, da qual foi o Chefe de Operações. No retorno ao país, foi promovido, em caráter excepcional, ao posto de Coronel, em 25 de junho de 1945.

- Em 02 de agosto de 1952, foi promovido a Generalde Brigada, sendo nomeado para o Comando da 10ª RM, em sua terra natal.

Em 1954, foi servir no EMFA, como Subchefe do Exército, sob as ordens do Marechal MASCARENHAS DE MORAES,Em 1955 foi nomeado para comandar a ECEME, servindo nela pela 5ªvez . CASTELLO BRANCO viveu os anos de 1956, 1957 e 1958, na Escola Superior de Guerra.Temas de suas palestras : Estratégia, Segurança Nacional e Guerra Revolucionária comunista, alertando para os perigos de sua expansão no mundo inteiro. Antevendo o que aconteceria em 1964 assim se manifestou:

"É também legítimo, o Poder oriundo de uma revolução vitoriosa, desde que, num prazo que não implique usurpação, garanta a legitimidade de sua continuação pelo voto..."

CASTELLO BRANCO preocupava-se o com a agravamento da situação nacional e o crescimento das hierarquia e Disciplina nas Forças Armadas,Vigas Mestras do Ordenamento Jurídico Brasileiro...

- Como General de Divisão, em 25 Ago 58, comandou a Amazônia e a 8ª RM, com sede em BELÉM. Começaria a desempenhar o papel reservado aos grandes homens, nos difíceis momentos por que passam instituições e as nações. Posteriormente, já servindo no RIO DE JANEIRO, na Diretoria Geral de Ensino, viveu o drama da renúncia de JÂNIO QUADROS, a partir de 25 de agosto de 1961. Era difícil a conciliação entre seu espírito legalista e a força de sua solidariedade militar; além dos escrúpulos, diante da alternativa de fugir à solução institucional da grave crise político-militar.

- Em 25 de Julho de 1962, já como Gen Ex , foi comandar o IV Exército, em RECIFE. Lá começou a enfrentar o problema da guerra revolucionária, em pleno desenvolvimento, pela ação das milícias camponesas, de orientação marxista e revolucionárias, com a mais agressiva tentativa de comunização.

Mesmo sofrendo o rude golpe, em 23 de abril de 1963, pela perda da companheira, D. ARGENTINA, agigantou-se, ainda mais no Nordeste. Possivelmente porque sua presença em um Grande Comando operacional, fosse um obstáculo para a subversão, CASTELLO BRANCO foi nomeado Chefe do Estado-Maior do Exército, assumindo em 13 de setembro de 1963.

À frente de tal órgão, ao contrário do que desejavam os que tramavam a subversão, ele viria a ser a peça decisiva para a instalação do **Movimento de março de 1964**, se consagrando como um dos grandes líderes militares do BRASIL. Intensificou a preparação dos quadros, para opor-se à investida da guerra revolucionária, em pleno curso, pois era então, o mais preparado de todos os chefes.

No início de 1964, o BRASIL, envolto em grave crise política e econômica, agitado por crescentes perturbações da ordem, estava à beira da guerra civil. Vivia o país um momento inédito na sua história. Em 20 de março, expediu a sua histórica Diretriz como Chefe do Estado-Maior do Exército:

"... Os meios militares nacionais e permanentes não são propriamente para defender programas de Governo, muito menos a sua propaganda, mas para garantir os poderes constitucionais, o seu funcionamento e a aplicação da lei... Não sendo milícia, as Forças Armadas não são armas para empreendimentos antidemocráticos. Destinam-se a garantir os poderes constitucionais e a sua coexistência ... É preciso aí perseverar, sempre, dentro da lei"...

O movimento militar que deu início à Revolução Democrática de 31 de março de 1964, foi fulminante e incruento. Uma forte e incomparável aprovação popular, uma intensa atuação dos políticos e da imprensa complementaram e legitimaram a Revolução. Ela foi oportuna e necessária.Ao se despedir do Exército para assumir a Presidência assim se pronunciou:

"... O velho soldado, que definitivamente se afasta da vida profissional, volta, por último, seu pensamento para o Exército Nacional. Dele nunca saí para exercer qualquer cargo civil... Ao Exército tudo devo: minha educação, a formação de meu caráter e as habilitações várias que me foi dado adquirir. Agora, espero em Deus corresponder às esperanças de meus compatriotas... cumprindo plenamente os elevados objetivos do movimento vitorioso de abril, no qual se irmanaram o povo inteiro e as Forças Armadas, na mesma aspiração de restaurar a legalidade, revigorar a Democracia, restabelecer a paz.".

Ao assumir a Presidência em 15 de abril de 1964, recebeu um país devastado pela mais grave crise política, social, econômica e financeira de sua história.Entregou-o, mais tarde, no caminho do progresso e da segurança. Após três anos de infatigável trabalho, consciente da laboriosa missão que lhe outorgara a Revolução, CASTELLO mudou a fisionomia desta Nação, restituindo-lhe a ordem, restaurando-lhe o crédito, implantando o planejamento, iniciando o desenvolvimento.Não houve setor da vida brasileira que não experimentasse a ação enérgica, por vezes obstinada, do denodado reformador, que semeou para o futuro. Na economia, nas finanças, na ordem social, na estrutura administrativa, na organização política, ele deixaria a marca do estadista empenhado na construção de uma nova sociedade. Ao longo de seu governo, infatigável, determinado, consciente da sua espinhosa tarefa, legou-nos uma estrutura social menos injusta, sob a égide de organização política democrática. O que lhe importava, porém, era semear: outros colheriam depois dele.

Embora seu governo tenha sido considerado como de um EXECUTIVO FORTE, com respaldo decorrente do poder institucional da Revolução vitoriosa, seu esforço foi enorme, sobretudo para não se perpetuar em nome dessa mesma Revolução. CASTELLO pautou, assim, toda sua vida, privada e pública, com absoluta correção, honestidade, lealdade à PÁTRIA e ao seu EXÉRCITO e, sobretudo, a DEUS. Restabeleceu no mais alto,grau, o princípio da autoridade, manteve a ordem, salvando a nação dos extremos da anarquia e da ditadura.

A 15 de março de 1967, passou a faixa presidencial ao general ARTHUR DA COSTA E SILVA.Em seu discurso de despedida, CASTELLO, com emoção, assim se expressou.

:"... Não quis nem usei o Poder como instrumento de prepotência. Não quis nem usei o Poder para a glória pessoal ou a vaidade dos fáceis aplausos. Dele nunca me servi. Usei-o, sim, para salvar as Instituições, defender o princípio da autoridade, extinguir privilégios, corrigir as vacilações do passado e plantar com paciência, as sementes que farão a grandeza do futuro... A verdade é nunca faltarem os que insistem em preferir sacrificar a segurança do futuro em troca de efêmeras vantagens do presente, bem como os que põem as ambições pessoais acima dos interesses da Pátria!... A única lembrança que conservarei para sempre é a do extraordinário povo, que na sua generosidade e no seu patriotismo, compreensivo face aos sacrifícios e forte nos sofrimentos, ajudou-me a trabalhar com lealdade e com honra para que o BRASIL não demore em ser a grande Nação almejada por todos nós".

No dia 18 de julho de 1967 O Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco faleceu em consequência de colisão do avião do Governo do Ceará em que viajava comum jato da FAB. Hoje a Escola de Estado-Maior do Exército onde ele pontificou diversas vezes tem como denominação histórica seu ilustre e honrado nome. Foi pensador militar de destaque, em especial como comandante da ECEME e Chefe do Estado-Maior. Como comandante da ECEME seu esforço foi no sentido de consolidar a Doutrina de combate a Guerra Revolucionária e, orientou como Diretor de Ensino, a cadeira de História Militar da AMAN, a ministrar História Militar Crítica, como iniciação aos oficiais inclinados para o estudo da História Militar crítica, para agregar-lhes Sabedoria Militar, ao invés de somente Conhecimento militar. Sabedoria militar útil para desenvolvimento progressivo da Doutrina Militar do Exército, pós 2ª Guerra Mundial. Como instrutor chefe do Curso de Infantaria da Escola Militar do Realengo escolheu junto como seus cadetes o Brigadeiro Antônio de Sampaio,O Bravo dos Bravos de Tuiuti, como patrono não oficial da Infantaria. Cursou no Exército dos EUA, Curso de atualização na Doutrina do Exército dos EUA, antes de assumir a função de Oficial de Operação da FEB, onde contribuiu expressivamente para suas vitórias em Monte Castelo e Montese.

De retorno comandou a ECEME e o IV Exército, onde conseguiu a desapropriação dos terrenos onde tiveram lugar as Batalhas dos Guararapes, local onde em 1970/1971 foi construído o Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes, cujo projeto, construção e inauguração, tivemos a honra de coordenar como missão militar, a nós atribuída pelo Comandante do 4º Exército (atual CMNE) Gen Ex Arthur Duarte Candal de Fonseca.Foiele que nos deu a missão de escrever o livro que ele prefaciou As Batalhas dos Guararapes descrição e análise militar, já na sua 3ª Edição.

O seu cadete no Realengo General de Divisão Octávio Pereira da Costa escreveu artigo no PADECEME nº19, 3º Quadrimestre p. 4/10, 2008 intitulado Castello Branco. Seu perfil na profissionalização das Forças Armadas e na construção da Doutrina Militar Brasileira. E destaca empenho do Marechal Castelo Branco na formulação de uma Doutrina para enfrentar guerras insurrecionais. No comando da ECEME do Veterano Gen Bda Luiz Eduardo Rocha Paiva, a ECEME onde Castelo Branco pontificou por dilatado período, passou a denominação histórica de Escola de Comando e Estado-Maior do Exército Marechal Castelo Branco.General Rocha Paiva que é o titular da cadeira nº17, hoje vinculada a Academia de História Militar Terrestre do Brasil do Distrito Federal- Academia Marechal José Pessoa e cujo patrono é O Duque de Caxias.

Como colocar os Temas de Emprego das FTB a Serviço dos Objetivos da História do Exército.

Um exemplo: Em 1973, no EME - CHEB, realizamos a pesquisa a seguir transcrita, tudo à luz do Sistema de Classificação de Assuntos de História das FTB, **do EME - 1971:**

EME/CHEB, Boletim de Pesquisa N2 63 - Do Major Cláudio Moreira Bento. No livr**o - Marechal Castello Branco Seu Pensamento Militar: Rio de Janeiro: Imprensa do Exército,- 1966.**

LISTA DE ASSUNTOS

1- **REYNALDO Mello de Almeida, Gen Bda (Bibliografia), p. 7-8)**
2- CASTELLO BRANCO, Humberto de Alencar, Mal. B (PensamentoMilitar)- CASTELLO BRANCO, Humberto de Alencar, Mal. B (Bibliografia)
3 **- RUAS SANTOS, Francisco, Cel, B (Bibliografia)**
4 **- 115.1 ECEME (Função segundo Castello Branco), p. 15ss**
5 **- 105.1 Trabalho de Comando, 1948, ECEME, p. 19-40**
6 **- 105.1 Arte Militar 1946-8, ECEME, p. 15-7**
7 **- 105.1 Arte Militar - Guerra de Movimento, p. 62-5**
9-105.1 Arte e Ciência Militar 1946-8, ECEME p. 40-72 (Doutrina Militar e Guerra Moderna)
10 - 105.1 Arte Militar, 1962, ESAO, p. 73-85 (A Manobra Ofensiva)
11- CASTELLO BRANCO, Humberto de Alencar, Mal, B (Estudioso de História Militar pragmática, p. 89-117)
12- 412.20 Guerra Holandesa 1624-54, p. 85-95
13-441.1Revolução de São Paulo 1842, p. 96-101
14 -441.1 Combate de Santa Luzia 1842, p. 96-101 (Manobra de)
15- 413.40 Guerra contra Rosas e Oribe, p. 102-3
16- 413.60 Guerra da Tríplice Aliança 1864-70, Comando Aliado, (Manobra Piquisciri.) Estudo das operações 1866-1068, p. 104-125
17. 443.40 Campanha da Itália 1944-5, p. 134-5 (Problema humano - Participação do Brasil)
18- 042. O combatente brasileiro na FEB 1944-5 (Comportamento, características), p. 160-161
19- 042.0 Forças Morais no combate em relação a FEB, p. 160-1
20- CAXIAS de, B (Militar e Político), p. 163-5
21 - SAMPAIO, Antônio de, Brig, B (Valor Militar), p. 166-70
22- OSÓRIO, Luiz Manoel, Mal, B (Homem, militar e chefe), p. 171-7
23- 042.2 Chefia e Liderança, p. 179-80 (Problema humano no Exército)
24- 042.2 O profissional militar, p. 181-2 (Perfil desejável)
25- 042.2 O Dever Militar, p. 183-4 (Concepção)
26-- 042.0 O Oficial de Estado-Maior, p. 185-9 (Papel do Oficial de Estado-Maior) - 020.0 Doutrina Militar Brasileira (Organização), p. 2
27 - 527.0 Forças Terrestres e a política de Segurança Nacional, p. 190-211
28 -NACIONALISMO,p.190-211
29- 312 Guerra Revolucionária, p. 13-27
30**- 020.0 Doutrina Militar Brasileira, p. 229-87**
31**- 250 Estratégia, p. 289-98 32-118.1 Estado-Maior do Exército 1963-4**
32 - 445.838 Revolução de 1964, Causas da, p. 303-4

MINHA APRECIAÇÃO DO CONTEÚDO

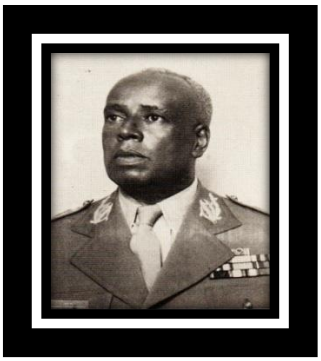
Abrange parte do pensamento militar do Marechal Castello Branco, sobre assuntos profissionais militares da maior relevância, constantes da Lista de Assuntos.Revela o historiador militar didático que foi o Marechal Castello, ao procurar tirar ensinamentos da História das FTB.Trabalho de grande relevância que merece estudo atento de parte dos alunos da ECEME, oficiais EM e de chefes, pensadores e historiadores militares do Exército.Síntese do pensamento em áreas de interesse cultural, de um dos mais destacados integrantes do Exército, no período 1944-64.Repositório de ensinamentos doutrinários e históricos militares das Forças Terrestres do Brasil.Subsídio valioso para o desenvolvimento da Doutrina do Exército e das FA do Brasil.Contém às p. 303-4, importante documento histórico responsável pela eclosão da Revolução de 1964.Obra mandada realizar pela ECEME, sob a coordenação do Cel Ruas Santos, no arquivo do Marechal Castello Branco doado à ECEME. Arquivo constante de 2.000 peças catalogadas em depósito na Biblioteca Tasso Fragoso, da ECEME. Cooperou na obra o Major José Fernando Maia Pedrosa.O trabalho contém valiosos subsídios sobre Arte Militar (Estudo de Comando, Princípios de Guerra, Manobra e seus elementos aplicados a casos históricos nacionais).

Na década de 60 do século XX por orientação do então General Castello Branco,como Diretor de Ensino foi introduzido na AMAN, o ensino militar crítico de História Militar, à luz dos Princípios de Guerra e da Manobra e seus elementos. E os professores de História Militar passaram a condição de instrutores de História Militar, função privativa de Oficiais do QEMA. Situação que alcancei em 1978/1980 como instrutor de História Militar na qual a Cadeira de História da AMAN passou a contar com 6 oficiais do QEMAe que ministravam História Militar Crítica, a luz do Princípios de Guerra e da Manobra e seus elementos.Até o início da década de 60 do século XX o ensino de História Militar era descritivo e só agregava Conhecimento Militar. A partir da citada década de 60 por orientação do General Castello Branco o ensino de História Militar passou a ser de História Militar Crítica, aquela que agrega Sabedoria Militar.Creio que este tipo de ensino seja fundamental para o combatente.

O Marechal Castello Branco publicou os seguintes artigos no **Mensário Cultural** do Estado-Maior do Exército.

A Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais na atualidade militar .
Destinação constitucional e a finalidade do Exército
O Dever militar em face da luta ideológica e mais,
Papel do Estado-Maior do Exército.na RIHGMB .nº 44 ,p.27-30

João Baptista de Mattos- Marechal (1900-1969)



Marechal João Baptista de Mattos

João Baptista de Mattos (Rio de Janeiro, 24 de junho de 1900-Rio de Janeiro,21 de maio de 1969) foi um militar brasileiro tendo sido o primeiro negro a chegar a patente de marechal no Brasil.A História do Exército Brasileiro Perfil militar assim lhe faz justiça histórica na pagina 1029 do seu 3º volume com a sua foto e esta legenda," General João Baptista de Mattos, ilustra oficial, cuja carreira se caracterizou pela dedicaçao, esmero e inteligência. Membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Autor da notável obra **Os monumentos nacionais,** fruto de vasta e profunda pesquisa em todo o Brasil." Ao fundarmos em 1996 em Resende a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, consagramos seu ilustre nome como denominação histórica de sua Delegacia no Rio de Janeiro e hoje Academia independente, tendo por seu patrono o Duque de Caxias e como seu presidente o Professor e Historiador Ten R2 Israel Blajberg, que a certa altura assim se manisfesta de que

" A AHIMTB-RJ tem o privilégio de ostentar como sua denominaçção histórica o nome ilustre do Marchal João Baptista de Mattos, nome ilustre de soldado exemplar, educador dedicado e historiador eminente."

Filho e neto de ex escravos e de família simples e com poucos recursos, João Baptista de Mattos foi alfabetizado e teve acesso à instrução primária formal, em uma escola pública municipal do Rio de Janeiro. Depois, estudou no Colégio Pedro II. Ingressou no Exército Brasileiro em 1918, aos 17 anos de idade, quando prestou prova de seleção para a Escola Militar do Realengo(Atual Academia Militar das Agulhas Negras). Aprovado, iniciou seus estudos como Aspirante da Arma de Infantaria.Concluiu a Escola Militar em 1921 e foi designado para servir em Florianópolis, sendo promovido a 2º Tenente e, em pouco tempo, 1º Tenente e depois Capitão. Enquanto Tenente do Exército serviu em Florianópolis, Curitiba, Maceió, Salvador, Recife e na então Capital Federal. Casou com D. Olga Braga Gomes, em 1923, tendo sete filhos.Também se formando Bacharel em Direito na década de 1930 em Niterói, Mattos serviu em cerca de 13 estados da federação ao longo de sua carreira, sempre se destacando perante os demais oficiais. Durante a Segunda Guerra Mundial, como Major e Tenente-Coronel, esteve à frente do treinamento dos oficiais da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Ao longo de sua vida envolveu-se ainda em diversos círculos letrados, voltados para a pesquisa histórica e geográfica brasileira. Foi presidente do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil, tesoureiro da Sociedade Brasileira de Geografia, membro efetivo do Instituto Histórico do Sergipe, Rio de Janeiro e Pará, círculos que denotam sua inserção no mundo intelectual.Atingiu o generalato no final da década de 1940 e em 27 de julho de 1954, já com o posto de General-de-Divisão, ele foi nomeado oficial de Gabinete do Ministro da Guerra, assumindo a função em 10 de agosto, para auxiliar na administração do Exército. Neste período, o

Presidente da República Getúlio Vargas reunia forças para tentar resistir às investidas desestabilizadoras, operadas contra o seu governo. Em 1961 comandou a 9ª Região Militar, já como General-de-Exército.O General João Baptista de Mattos foi promovido ao posto de Marechal em 1964, chegando ao mais alto posto do Exército Brasileiro na época, tendo ido para a Reforma logo depois. O falecimento de Mattos, no dia 21 de maio de 1969, no Rio de Janeiro, rendeu diversas, homenagens e hoje ele dá nome a algumas escolas e ruas do Brasil. Sua presença nesta obra como historiador do Exército deve-se a suas importante série de livros **Monumentos nacionais.** Hoje disponivelem diversas bibliotecas e tambem disponíveis a venda na Internet.(Sintese pelo autor da presente obra,com apoio inclusive da **Wikipedia**.)

João Baptista Mascarenhas de Moraes- Marechal - (1883-1968)

Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes

Veterano da FEB

O historiador e pensador militar se revelou em suas obras.

--**A FEB por seu comandante.**

-- **Memórias** 2 tomos em 1984 pela BIBLIEx.

Em 1983 no Centenário do Marechal Mascarenhas de Moraes, recebemos a honrosa missão do Presidente Pedro Calmon, de em nome do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro sermos o orador das homenagens do IHGB ao centenário do ilustre soldado. Oração que foi publicada na **Revista do IHGB** Volume 344/ Jul/Set 1983 p. 119-136, hoje disponível em Livros e Plaquetas, em **Personalidades** no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br

. Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes, de família modesta e sem tradição militar,nasceu na castrense São Gabriel –RS que ele ajudou a consagrar como a terra sulina dos marechais e dos historiadores militares. Coube-lhe a suprema honra, na 2ª Guerra Mundial, em função de Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, de comandar as principais ações militares do Brasil, levadas a efeito contra o nazi-fascismo.

Primeiro, ao bem organizar a defensiva no Nordeste “O Trampolim da Vitória”, a proteção dos seus portos e das bases aéreas americanas, em Natal e Recife, e a ilha de Fernando de Noronha, contra um ataque alemão, partindo da África, até a conquista desta pelos Aliados.

Segundo, ao comandar, em Ofensiva, na Itália, a vitoriosa ação da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Histórica e gloriosa missão que ele classificou antes de partir de “a maior aventura da História do Brasil e do Povo Brasileiro,” e

depois classificado pelo Congresso Brasileiro de “o mais brilhante empreendimento militar do Brasil na República.”

Atuação brilhante, pela qual o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a Casa da Memória Nacional, em sua função de Tribunal da História, consagrou Mascarenhas de Moraes “Como heroi nacional, e recomendá-lo como exemplo de patriota moderno.” Se o Duque de Caxias, sócio honorário do IHGB, instituição que abriga desde 1925 sua heroica e invicta espada de campanha, é o maior soldado do Brasil e a maior Espada do Império, Mascarenhas de Moraes é o maior soldado da República. Ambos os líderes militares providenciais com que contou a Pátria Brasileira, em três dos seus mais graves momentos, para conduzir o Brasil à Vitória, em guerras externas, a que foi forçado, contrariando a sua tradição pacifista e de repúdio à Guerra de Conquista. Caxias, hoje patrono do Exército e da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), herói consagrado na condução das guerras contra Oribe e Rosas (1851-52) e da Tríplice Aliança contra o Governo do Paraguai (1865-70), em defesa da Integridade e da Soberania do Brasil.

O Marechal Mascarenhas destacou-se na primeira guerra extracontinental que o Brasil independente participou, ao lutar na Itália e fazer muito boa figura, em aliança ou contra representações dos mais modernos e melhores exércitos do mundo, presentes na Europa Ocidental, no maior conflito da História da Humanidade, em defesa da Democracia e da Liberdade Mundiais. À medida que passam os anos, a semelhança de Caxias, que foi o seu modelo em vida, vem se agigantando na projeção da vida e obra do nosso Marechal “que somente viveu do Exército e para o Exército, ao serviço do Brasil, na paz e na guerra, até o sacrifício sem reservas e vacilações”. Em função disso, nosso herói recebeu justas e honrosas homenagens tais como: do povo norte-americano três citações presidenciais, consagradoras de sua obra como Cabode Guerra de projeção internacional; dos gaúchos, a oferta de Espada de Ouro - hoje no Museu da República. Honraria concedida antes ao General Osório, também gaúcho, e o maior líder de combate de nossa História. Do Povo Brasileiro, através da Assembleia Constituinte em 1946, a concessão das honras de Marechal- de - Exército e do Congresso e Executivo do Brasil, em 1951 (Lei nº 1.448, de 10 dez 51), a sua reversão ao serviço ativo, em caráter vitalício, no posto de Marechal-de-Exército. Honraria igual à concedida depois da I Guerra Mundial, pela França, aos seus marechais que a conduziram à Vitória e, pelos Estados Unidos, ao General John Pershing, que comandou os americanos naquela guerra na Europa. O nosso marechal faleceu em 17 de setembro de 1965, aos 85 anos, cercado de todo respeito do Exército e da Nação e da veneração de seus comandados da FEB que ele liderou e por eles se interessou até falecer. Isto, com a consciência tranquila de haver trasladado da Itália, os mortos na campanha da FEB para o monumento condigno aos Mortos do Brasil na II Guerra Mundial, que idealizou e construiu sob argumento: - Eu os levei para o sacrifício cabe-me trazê-los de volta.

Exemplar e edificante atitude do maior soldado brasileiro contemporâneo. E cumpre-nos realçar os relevantes serviços que prestou ao desenvolvimento da Cultura, ao culto às Tradições militares nacionais, da Geografia e da História do Brasil e da nossa Doutrina...

O Gen Mascarenhas e seus generais na Itália. À sua direita, Euclydes Zenóbio da Costa e Olympio Falconiéri da Cunha. À sua esquerda Osvaldo Cordeiro de Farias. Não estão na foto os generais juízes militares, entre os quais o gaúcho Gen Francisco de Paula Cidade

Como comandante da Escola Militar 1935/37, quando no Realengo (EMR), oficializou, estimulou e dinamizou as bibliotecas Central, a dos Cursos das Armas e Serviços e a da Sociedade Militar Acadêmica, integrada por Cadetes. Sociedade entre outros presidida pelos cadetes Aurélio de Lyra Tavares e Jarbas Passarinho, ambos hoje patronos de cadeira na FAHIMTB. E criou outras, especializadas. Tudo visando a despertar nos futuros oficiais, o gosto pela leitura e o recurso ao autodidatismo no aprimoramento da Cultura Geral, Profissional e Especializada. Na fase Defensiva do Nordeste, contra um possível ataque alemão partindo da África, foi buscar inspiração, para si e para seus comandados, nos Montes Guararapes, através de cerimônia cívico-militar memorável, de trasladação para a igreja, mandada construir pelo general vencedor daquelas memoráveis batalhas, dos restos mortais dos heroicos Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros. Montes Guararapes desde 21 de abril de 1971 inaugurado como o 1º Parque Histórico Nacional, pelo Presidente Emílio Médici. Parque Histórico do qual recebi a honrosa missão como oficial do Estado-Maior do então IV Exército, de coordenar o seu Projeto, Construção e Inauguração. E escrever como missão o meu primeiro livro **As Batalhas dos Guararapes - Descrição e Análise Militar**. Recife: UFPE, 1970., como história militar crítica aquela que agrega Sabedoria Militar e não so Conhecimento Militar como a História militar descritiva.

Ao retornar da Itália, vitorioso, Mascarenhas foi depositar os louros conquistados pela FEB nos Montes Guararapes, proferindo palavras memoráveis e antológicas que desde a inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, em 1971, encontram-se inscritas, em bronze, em local de destaque ao mesmo nível da Igreja N. Sra. dos Prazeres.

“Nesta colina sagrada, na batalha vitoriosa contra o invasor, a força armada do Brasil se forjou e alicerçou para sempre a base da Nação Brasileira. Na qualidade de comandante da FEB deponho no Campo de Batalha de Guararapes os louros que os soldados de Caxias alcançaram contra tropas germânicas nos campos de batalha do Serchio, dos Apeninos e do Vale do Rio Pó.”

Como demarcador das novas fronteiras, do Brasil com a Bolívia, no Acre e Mato Grosso, decorrentes do Tratado de Petrópolis de 1903, prestou assinalados e relevantes serviços à Geografia do Brasil. Sua obra específica merece respeito e consagração dos brasileiros e em especial dos seu conterrâneos do Rio Grande do Sul. Prestou meritório serviço à Memória Nacional ao produzir as obras A FEB **POR SEU COMANDANTE E MARECHAL MASCARENHAS DE MORAES - MEMÓRIAS,** 2 v., fontes preciosas de nossa História Contemporânea que o consagraram como patrono de cadeira da Federação de Academias de História Militar Terrestre (FAHIMTB) que fundamos em Resende em 1º de março de 1994, no aniversário do término da Guerra do Paraguai. FAHIMTB desde então acolhida em instalações da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) que ele comandara no Rio de Janeiro como Escola Militar do Realengo. Elas, ao lado de trabalhos históricos que produziu, focalizando o Duque de Caxias como a Maior Espada do Império e o General Gamelin, primeiro chefe da Missão Militar Francesa (MMF), no nosso Exército, também o consagram como historiador militar. Revelam uma consciência histórica cristalina, serena e equilibrada dos tempos que viveu e testemunhou, fruto de segura, madura, honesta e muito franca interpretação.

As suas **MEMÓRIAS**, em particular, constituem uma das mais serenas e claras fontes da História do Exército, como Instituição e Força Operacional, no contexto de Reforma Militar. E mais, indispensável item na bagagem e cabeceira dos oficiais, como um guia do Oficial do Exército Brasileiro. Elas traduzem a vivência militar de quem é hoje padrão, símbolo e patrono espiritual do soldado brasileiro moderno. Além de exemplo de ilustre e exemplar cidadão, cabo-de-guerra estudioso, dedicado, simples e corajoso. E para Menotti del Pichia, “o Marechal historiador”, que ajudou a fazer e a escrever um dos mais belos capítulos da História Contemporânea ao comandar a FEB na 2ª Guerra Mundial.

Jango, como era conhecido em família, recebeu influência cultural e espiritual de seu avô materno, pelotense que estudou no Caraça, em Minas. Seu avô venceu na vida, tornando-se estancieiro próspero em São Gabriel, onde foi vizinho e amigo de Deodoro da Fonseca. Sua infância foi feliz. Aos 10 anos, a Revolução Federalista de 1893, com seus barbarismos, obrigou-o a migrar para Porto Alegre, em companhia dos pais, com significativa perda patrimonial. Em Porto Alegre, durante o dia auxiliava a mãe numa padaria, enquanto o pai percorria o Rio Grande como caixeiro-viajante. À noite estudava, visando a Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo, cedendo à vocação de soldado. Esta, despertada na infância “ao deslumbrar-se com o brilho das espadas, o vibrar de clarins e com os desfiles do Regimento de Mallet, aos domingos, para assistir missa na Matriz”. E, como era tradição no Império, “com suas fardetas ajustadas, guritões de verniz, gravatas de couro e calças alvíssimas”.

Iniciou a carreira militar em 1º de abril de 1899, na Escola Tática do Rio Pardo, em turma de civis, onde se destacava, e onde escreveu “a figura minúscula, como eu, de Bertoldo Klinger”. Em Rio Pardo escreveu “Getúlio Vargas, senhor já daquele sorriso que nunca o abandonou”.

Sobre esta escola publicamos em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis a obra **Escolas Militares de Rio Pardo 1859/1911**(Porto Alegre: AHIMTB/Gênesis, 2005), que resgata a vida nesta Escola dos alunos Getúlio Vargas, Eurico Gaspar Dutra e Bertoldo Klinger – este, memorialista que nos ajudou neste resgate, o mais difícil que enfrentamos, por carência de fontes primárias.

Mascarenhas concluiu a escola com destaque, no início de 1902, quando tomou contato com o Rio, terra adotiva, como aluno da Escola Militar da Praia Vermelha. Ali foi colhido, ao final do 3º ano, pela Revolta da Vacina Obrigatória de

1904, da qual se recusou, de pronto, como poucos, a participar. Fechada e extinta a Escola, foi mandado apresentar-se à tropa como soldado raso de Infantaria e logo a seguir de Artilharia na Fortaleza de São João. Ali colheu, através dosargento Fontoura, um correto exemplo de profissional modelar e consciente. Em 23 de agosto de 1905, após exames, foi de soldado a alferes-aluno, posto lembrança, do que classificou “De um Exército de teóricos” à cuja última turma pertenceu. Aliás, denominação abandonada, desde então, em função do Regulamento de 1905, pela atual de Aspirante a Oficial. Regulamento que transformou o episódio político da Revolta da Vacina, na maior revolução doutrinária ou cultural do Exército. Isto por se constituir em ponto de inflexão do Ensino Militar, de bacharelismo para profissionalismo militar. E, na prática, por elevar os padrões de operacionalidade do Exército, dos descoloridos e tristes de Canudos e Revolução Federalista, para os destacados padrões atingidos pela FEB, que Mascarenhas teve a honra e o privilégio cívico de conduzir à Vitória na Itália.

Coube-lhe assim, como representante da última turma do bacharelismo, da Praia Vermelha, impregnada por um Positivismo mal interpretado no Campo Militar, dar a volta por cima e tornar-se o maior expoente do profissionalismo militar, ao comandar a FEB.

Como demarcador de fronteiras a sua primeira missão foi na demarcação das fronteiras com a Bolívia, no Acre e Mato Grosso, em função do Tratado de Petrópolis de 1903. Nela demorou-se cinco longos anos. Percorreu os vales dos rios da Prata, Paraná, Paraguai, Madeira, Abunã, Xipamano, Rapina e Amazonas. Num intervalo da missão cursou Engenharia e Estado-Maior. Como engenheiro praticou na construção do Forte Copacabana. Acusou de ridículo e pretensioso o Ensino Militar da época, ao conferir a um 2º tenente o título de oficial de Estado-Maior. Este modificado pela Missão Francesa, ao entendimento atual. Conseguiu driblar a malária e aumentar suas rendas para auxiliar seus pais e realizar o sonho de constituir família. Consciente, de forma clara, dos momentos históricos que viveu, registrou a coincidência de quatro conterrâneos gabrielenses terem tido participação ativa na incorporação do Acre ao Brasil: Gentil Norberto, ao iniciar a Revolução Acreana; Plácido de Castro ao colocar-se à frente do movimento armado e torná-lo vitorioso; o diplomata e jurista J. F. Assis Brasil, como negociador plenipotenciário, junto com Rio Branco, do Tratado de Petrópolis de 1903 e, finalmente, ele Mascarenhas de Moraes, como um dos demarcadores das novas fronteiras com a Bolívia, no Acre.

De retorno da demarcação no Acre, em 1915, tiveram lugar duas fortes ligações sentimentais: - Primeiro o casamento com sua conterrânea Adda Brandão com quem viveu ligação modelar e teve um casal de filhos; a segunda, sua ligação com o Regimento de Artilharia Montada - Grupo Floriano, onde penetrou afetivamente nos mistérios de Artilharia, inclinação despertada na infância à vista do heroico e legendário Regimento Mallet e por ouvir suas bélicas tradições. Ali foi guia seguro e esclarecido o seu amigo desde o Rio Pardo, o Capitão Bertoldo Klinger, que cursara, de forma brilhante, Artilharia no Exército Alemão.

Era a época da Revolução Cultural, levada a efeito na Revolta **DEFESA NACIONAL**entre outros, por Klinger, Leitão de Carvalho, Euclydes Figueiredo, Paula Cidade. Klinger e Paula Cidade eram gaúchos. Klinger filho de Rio Grande e Paula Cidade porto-alegrense e meu patrono no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Ambos hoje patronos de cadeiras numeradas na FAHIMTB.Consciente disso e das constantes intervenções da Escola Militar na vida política do Brasil, desde a campanha republicana, no Império, o Coronel

Mascarenhas de Moraes fez um levantamento de todos os movimentos ocorridos em escolas do Exército (Praia Vermelha, Realengo, Porto Alegre e Rio Pardo). Determinou suas causas e tratou de erradicá-las.

Ao eclodir a desastrada Intentona Comunista de 1935, empregou os cadetes na erradicação do foco na Escola de Aviação, em apoio à ação da Vila Militar e à reação liderada pelo então Tenente-Coronel Eduardo Gomes no 1º Regimento de Aviação. Coube a cadetes render e conduzir à sua presença, na Escola Militar, os dois principais chefes do levante na Escola de Aviação e conduzi-los, presos, à 1ª Região Militar.

O dia 27 de novembro de 1935, foi também marco da erradicação de revoltas da Escola Militar, fruto da manipulação externa, da pureza e romantismo cívico da juventude militar, combinada com desassistência interna. Sobre isto registrou o Coronel Mascarenhas:

"Sob o meu comando, pela primeira vez no Brasil, os alunos da Escola Militar saíram do quartel para defender a ordem e as instituições". E continuou: "Mediante assistência dedicada e permanente, diligenciei no sentido de que os cadetes, futuros chefes, fossem preservados da deformação mental provocada pelo espírito revolucionário extremista, apregoado pelo Comunismo e Integralismo. Foram sobretudo orientados e instruídos no respeito à Lei e à Disciplina, fundamentos de todo o Ordenamento Jurídico do Brasil".

Em janeiro de 1936, dirigiu em presença do Chefe da Nação, aos aspirantes da turma de 1935, saudação que chamou de "Modesto Catecismo" com 15 itens, para orientar a vida dos aspirantes e que conserva até hoje grande atualidade. Dele destaco quatro conselhos, fruto de reflexão madura duma vivência militar de 35 anos. Conselhos de um chefe extremamente responsável e mais do que isso, o pai de um dos cadetes em forma:

- "Ampliai vossa cultura profissional, em proveito próprio e no do adestramento da Tropa que comandais". (Cultura e Operacionalidade).
- "Economizai e conservai, com carinho, os bens da Fazenda Nacional e em especial o material de guerra que além de caro é diminuto para nossa necessidade". (Economia e zelo pelos bens da Nação).
-"Sede brandos e justos para com vossos comandados, subordinados e leais para com os superiores, severos convosco, abnegados no serviço, tudo na forma sublime do sacerdócio militar". (Justiça, Lealdade, dar o Exemplo - Carreira Militar, Sacerdócio).
- "Senti bem a força de vossa autoridade, sem vos esquecerdes de que ela é uma delegação do próprio Estado, através de todos os escalões da Hierarquia. Ela emana da Soberania Nacional e, como tal, só se exerce em defesa do Brasil e de suas Instituições". (Autoridade Militar é Delegação para Defesa da Pátria).

Modesto **Catecismo** também ouvido pelo Aspirante Carlos de Meira Mattos, mais tarde seu capitão na FEB, seu amigo, prefaciador de suas MEMÓRIAS, e hoje seu biógrafo, considerado uma das maiores autoridades em Gepolítica do Brasil, também ex-comandante da AMAN e o primeiro a tomar posse como acadêmico da FAHIMTB, inaugurando a cadeira numerada Marechal Mascarenhas de Moraes, cadeira hoje que tem por titular seu único neto o acadêmico Cel Art Roberto Mascarenhas de Moraes.

E mais, pelos cadetes do 2º ano, entre os quais o seu próprio filho Roberto Brandão Mascarenhas de Moraes. No 1º ano, formavam, entre outros, os cadetes

João Baptista de Oliveira Figueiredo e Délio Jardim de Mattos. Dentre os capitães e tenentes que integraram a FEB muitos foram seus ex-cadetes na Escola Militar.

Pelo Boletim Escolar nº 31 de 6 de fevereiro de1937, reconheceu e oficializou a Biblioteca Escolar, bem como as dos cursos da Sociedade Acadêmica. Autorizou os departamentos de Equitação e Educação Física a organizar bibliotecas especializadas.

Seu gesto sucedeu de um ano ao da criação do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, do qual é patrono da cadeira nº 79. Antecedeu um ano a reorganização da BIBLIEX com o espírito, então, de dar preferência a trabalhos de militares do Exército, para estimular o surgimento de novos escritores militares e apoiar, como biblioteca de consulta, os militares da Guarnição do Rio. Tudo como parte de um contexto de apoio e estímulo ao desenvolvimento e difusão da corrente do Pensamento Militar Brasileiro que emergiu da Reforma Militar e a orientou. Pensamento visando o longo prazo, a formulação de uma Doutrina Militar Brasileira genuína. Sonho que vinha sendo sonhado e perseguido por Caxias, Deodoro, Floriano, Medeiros,Mallet, Hermes e Clodoaldo da Fonseca, e pelos “Jovens Turcos” da Revista a Defesa Nacional, os veteranos de nosso Exército, que lutaram ao lado da França na 1ª Guerra, os missionários indígenas da Missão Indigena da Escola Militar do Realengo 1919/1921, os pensadores militares J. B. Magalhães e Castello Branco e muitos outros, que seria exaustivo enumerar, até 1945. Como outros eventos marcantes de seu comando na EMR registre-se:

O recebimento do Espadim de Caxias, das mãos do Presidente Getúlio Vargas, pelo primeiro recipiendário do Espadim de Caxias a atingir a Presidência da Nação e a Chefia Suprema das Forças Armadaso ex-Presidente General João Figueiredo. Envio de representação de um Pelotão de Cavalaria a Porto Alegre, para o Centenário da Revolução Farroupilha. Definição de 23 de abril, data de início do funcionamento da Academia Real Militar em 1810, como data oficial do aniversário da AMAN. Consagração da Escola Militar como Campeã Universitária de Atletismo e, finalmente, incorporação à Escola, em 25 de fevereiro de 1937, do bronze “Pela Pátria, pela Humanidade”, alegoria ao gesto heroico do Aspirante Humberto Pinheiro Vasconcelos, que deixou mutilar sua mão e braço, colocado do lado de fora da sala, por uma janela para evitar que granada de mão, acionada acidentalmente, atingisse a tropa que instruía numa sala.

A partir de 1936, o Coronel Mascarenhas registrou o brilhante auxílio que passou a receber do então Major Tristão Alencar de Araripe, emérito instrutor da Tática Geral na ECEME, como seu Diretor de Ensino, personalidade que destacou-se na 2ªGuerra Mundial na defesa de Fernando de Noronha e depois, como historiador e Presidente, diversas vezes, do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, além de membro do IHGB e comandante da Escola de Estado-Maior, e também um grande defensor do ensino de História Militar Crítica à luz dos Fundamentos da Ciência e da Arte Militar e não como História Descritiva.

A ação de nosso herói moderno foi providencial, relevante e vitoriosa na 2ª Guerra Mundial. Tanto na fase Defensiva no Nordeste como na Ofensiva na Itália, em resposta ao acordo Militar Brasil - EUA (Mar 1942).

Na fase Defensiva, como comandante da 7ªRegião Militar, no Recife para: “Assegurar a integridade do Nordeste ´O Saliente Nordestino´ incluído no cinturão de Defesa Estratégica dos EUA, contra possível ataque alemão partindo da África”, até que ocorreu o desembarque vitorioso americano naquele Continente.

O correto e eficaz desempenho dessa missão é atestado pela citação do presidente dos EUA - Franklin Delano Roosevelt, ao conceder-lhe a Ordem da Legião do Mérito:

"Conduta excepcionalmente meritória, de setor que incluía bases aéreas e portos. Organizou e dirigiu a defesa dos mesmos quando era constante a ameaça de ataques. Sua previsão, excelente critério, iniciativa, habilidade para organização, faculdade inventiva e superior direção, contribuíram de maneira inestimável para a continuação do esforço de guerra no Nordeste".

Nessa honrosa missão teve o concurso de cerca de 50.000 militares. Entre eles alguns historiadores do IHGB. O primeiro, o general Estevão Leitão de Carvalho que lhe "fez inspeção severa e preciosa com observações úteis e plausíveis". O terceiro, após ter deixado o Nordeste, o General Tristão de Alencar Araripe, no comando da defesa de Fernando de Noronha "A guarnição sacrifício", cujos 99 canhões 152, foram desembarcados em trabalhos hercúleos e épicos, pelos pontoneiros do 4º Batalhão de Engenharia de Combate de Itajubá, que tive a honra de comandar em 1981/82. Canhões que foram instalados e apontados pelo nosso estimado confrade nos IHGB e IGHMB General Francisco de Paula Azevedo Pondé, também Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e hoje Patrono de cadeira na FAHIMTB.

Na fase Ofensiva, coube-lhe conduzir a FEB à vitória, nos campos da Itália. Feito maior que trataremos sinteticamente por se achar bem preservado e divulgado e com suas fontes significativamente arroladas, pelo Coronel Francisco Ruas Santos, expedicionário da FEB e introdutor na AMAN em 1961 do ensino de História Militar Crítica, à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar,por orientação do General Humberto de Aslencar Castello Branco, como Diretor de Ensino do Exército. Trabalho editado pela BIBLIEX, sob o estímulo de seu diretor, à época e também nosso ilustre consócio, Gen Umberto Peregrino que se preocupou em editar trabalhos sobre a FEB e que apoiou o Marechal, através da BIBLIEx, na primeira cerimônia realizada no Monumento aos Mortos da 2ª Guerra Mundial, ainda em construção no Aterro do Flamengo. História da FEB cujas fontes primárias reunimos numa sala especial no Arquivo Histórico do Exército quando o dirigimos em 1985/1991, sendo Secretário do Exército o hoje falecido Acadêmico Emérito Gen Ex Jonas de Morais Correia Neto, ocasião em que conseguimos mudar o nome de Arquivo do Exército para Arquivo Histórico do Exército, com sua missão definida em placa de Bronze em sua entrada. Atuaram em apoio ao Marechal mais três ilustres consócios e chefes militares, primeiro o general Estevão Leitão de Carvalho, como representante do Brasil na Comissão Mista Brasil - EUA, intermediário entre os dois governos, em tudo que se referia à FEB e ex-comandante da Escola de Estado-Maior. Segundo nosso confrade no IHGB, o então tenente-coronel Nelson Lavanère-Wanderley, pioneiro do primeiro voo do CAN, e hoje seu patrono e também patrono de Delegacia da FAHIMTB em Santos Dumont, MG, e como integrante da comitiva do Marechal na África, para os primeiros contatos com oficiais dos EUA no TO do Mediterrâneo e que permaneceu naquele TO, como Oficial de Ligação de Aeronáutica das forças brasileiras com as norte-americanas.

Em terceiro lugar, o então tenente-coronel Aurélio Lyra Tavares, integrando a Chefia do Estado-Maior do Interior no Brasil, encarregado de assuntos relacionados com a FEB, na Itália, cujos detalhes nos fornece em sua obra o **BRASIL DE MINHA GERAÇÃO**v.2 e que, na qualidade de Ministro do Exército, baixou ato em 1968, incluindo foto e dados sobre o Marechal, no Almanaque dos Oficiais

do Exército, logo a seguir a página reservada ao Duque de Caxias - como Patrono do Exército.

Além das vitórias colhidas na FEB pelo Marechal Mascarenhas e os cerca de 25.000 brasileiros que comandou (militares do Exército e Força Aérea, enfermeiras e civis do Banco do Brasil) merece destaque o grande feito pouco percebido e enfatizado, mesmo por especialistas. Feito semelhante ao milagre da transmutação da água em vinho! Ele consistiu na adaptação da FEB na Itália, da Doutrina Francesa em implantação há 24 anos no Brasil, para a Doutrina Americana, graças à criatividade e adaptabilidade do soldado brasileiro e o valor de chefe do futuro Marechal.

Doutrinas com diferenças gritantes em seus processos e equipamentos. A americana baseada na motorização, no fuzil Garand, nos canhões 105 e 155, na observação aérea, etc., coisas desconhecidas do Brasil, com seu Exército hipomóvel, voltado para a Defesa das fronteiras Sul e Oeste e não para uma Expedição Ultramarina.

Durante a campanha, Mascarenhas tomou duas decisões históricas de grande repercussão na sucessão de vitórias da FEB, segundo Meira Mattos.

A primeira foi a centralização do comando, depois dos insucessos de Monte Castelo, particularmente o preparo e conduta das operações de combate. Daí por diante, as ações da FEB foram conduzidas com sucessos assinalados pelas vitórias de Monte Castelo, Castelnuovo, Montese e Colléchio, entre outras. Sobre isto escreveu:

"A FEB somente passou a resplandecer no cenário da guerra, quando centralizei em minhas mãos o comando periclitante de nossa Divisão Expedicionária".

A situação traz-me à lembrança a conduta da guerra do Paraguai, até o desastre de Curupaiti, que determinou a ida de Caxias para assumir o Comando Único e Centralizado.

À primeira vista é uma preciosa lição da História Militar do Brasil. É um assunto importante a ser analisado como lição.

A segunda foi embarcar a Infantaria nos caminhões da Artilharia, na fase da Perseguição as forças inimigas em Retirada. O Marechal foi formado na era hipomóvel.

Esta decisão determinou a Surpresa Tática das unidades alemãs que tiveram a Retirada cortada pela FEB, através do rio Pó. Isto resultou na rendição de 15.000 alemães e o abreviamento da campanha.

Este feito traz à lembrança a manobra desbordante de Caxias, de Piquiciri, através do Chaco, com o desembarque de surpresa, em Santo Antonio, entre o grosso adversário e a capital Assunção.

Por sua brilhante atuação no comando da FEB, Mascarenhas de Moraes foi alvo das citações do Presidente dos Estados Unidos cujo termos sintetizo:

"Demonstrou em grau superlativo, habilidade, liderança e coragem. Conduziu a FEB por 299 dias de ação contínua, contra o inimigo, sob intempéries por ele desconhecidas. Suas tropas fizeram cerca de 20.000 prisioneiros. Cumpriu todas as missões recebidas dos oficiais do Exército dos EUA, sob cujas ordens serviu, demonstrando suas magníficas qualidades de líder de combate." E em outra citação:"Dirigiu hábil e corajosamente operações contra resistências sob condições adversas do Terreno. Neste afã seexpôs a grave perigo nas áreas avançadas. Pela sua vigorosa e sábia direção a FEB mostrou adaptabilidade e zelo

na execução de cada missão. O largo conhecimento profissional e habilidade para cooperar e coordenar com as unidades aliadas, envolvidas nas operações, granjearam-lhe créditos e estão em acordo com as mais altas tradições dos exércitos aliados".

Do povo brasileiro recebeu consagração através de Projeto deLei N° 115 de 1948 do Congresso Nacional, assinado por 143 deputados, entre os quais sócios do IHGB, General Jonas Correia e Afonso Arinos.Foi também deputado signatárioEuclides Figueiredo, Jovem Turco e Missionário Indígena, e pai do ex-Presidente General João Figueiredo. Projeto transformado na Lei nº 1.488 de 10 de dezembro de 1951, sancionada pelo seu antigo calouro do Rio Pardo, o então Presidente Getúlio Vargas e com o seguinte espírito:

"Investidura no posto de Marechal-de-Exército, reversão e permanência no Serviço Ativo até morrer. "

Na justificação do projeto seus signatários se expressaram entre outros nos seguintes termos:

"Sob seu bravo comando a FEB realizou os mais gloriosos feitos. Onde quer que tenha atuado antes da guerra, deixou a marca de uma forte individualidade e de militar dotado das virtudes essenciais à profissão de soldado. Democrata nas ideias e nos hábitos, discreto, inimigo do ruído em torno de seu nome e atos. Modelo em resumo, do oficial completo para quem o serviço da Pátria é o objetivo supremo da existência.Na direção das tropas, no estrangeiro, longe da Pátria, mostrou, finalmente, como era de fato incomum a sua capacidade de chefe militar e de esplêndido condutor de homens. Capacidade de comando revelada pela ascendência sobre os subordinados, baseado no exemplo e na confiança que soube conquistar, pela prática das verdadeiras virtudes militares e provas positivas e permanentes das qualidades de chefe".

: O Marechal Mascarenhas de Moraes é símbolo e padrão do soldado brasileiro moderno. Comandou à vitória forças brasileiras, na Itália, no esforço de guerra dos Aliados na 2ª Guerra Mundial, que culminou com a derrocada da ameaça nazi-fascista no maior conflito da Humanidade.Por essa razão, principalmente, conquistou lugar de grande relevo, entre os maiores guerreiros do Brasil, cultuados, evocados e apontados como exemplos à Nacionalidade.Nosso marechal conheceu em vida a glória e a consagração, como herói nacional militar, em demonstrações espontâneas oportunas e justas de parte do Povo Brasileiro e do Exército do Brasil. Iniciando a vida militar, como aluno, passou pela graduação de soldado raso e atingiu a culminância da Hierarquia militar no posto de Marechal, por vontade soberana do Povo Brasileiro. Esta, manifestada através do Congresso Nacional. Por vontade desse mesmo Povo Brasileiro reconhecido, teve o privilégio da vitaliciedade no Serviço Ativo e o de ser soldado na Ativa por 65 anos, até morrer.

Sua espada honrada só foi desembainhada em defesa da Lei, da Ordem e das Instituições, no campo interno, e da Democracia e da Liberdade Mundial, no campo internacional. Prestou assim brilhantes serviços, de grande projeção no Brasil, em sua marcha rumo à conquista de seu destino de grandeza.

Concentrando no comando da FEB, na Itália, e no retorno vitorioso da mesma, grandes poderes legais e, potenciais de fato, em suas mui dignas mãos, jamais abusou dos mesmos, virtualmente soldado, não cedeu às tentações

políticas, em que caíram vários generais, ao retornarem cobertos de glórias do campo de batalha, conforme o registra a História da Humanidade.

Suas glórias imortais e consagradoras, como a maior espada até o presente, da República, ele as conquistou com soldados tropicais no montanhoso e por vezes nevados campos de batalhas na Itália, já sexagenário, e na condição de o mais velho general Aliado em campanha, naquele Teatro de Guerra.

Lá, segundo seu Oficial de Operações, o então Tenente-Coronel Humberto de Alencar Castello Branco, nosso herói afrontou a morte com serenidade, expondo-se aos lances e perigos da guerra, com característica de Ato de Bravura. Esta, reconhecida em citação do Presidente Harry Truman dos EUA. Bravura capaz de justificar a concessão de medalha específica a "única que não recebeu e que mereceu mais do que ninguém" e que completariam as suas 27 condecorações, das quais 11 nacionais e 16 internacionais.

Escolhido por sua ciência e virtudes para comandar a FEB, segundo o acadêmico Menotti del Picchia,

"O Marechal que aliava dignidade à bravura, transformou aquela força, de um punhado de bravos, num corpo de combate, homogêneo, eficiente, não raro audaz e impetuoso que nos trouxe as vitórias de Castelnuovo, Montese, Fornovo e o instante épico de Monte Castelo que iluminou de glória: as virtudes do soldado brasileiro".

Nosso Marechal à frente da FEB, a História o comprova, revelou ao Brasil, um espírito superior ao chamar a si a responsabilidade do revés e dividir os louros da vitória. Mostrou-se modelar como chefe e líder militar brasileiro, consciente e com alto grau de seus deveres e responsabilidades em sua histórica missão de "comandar a maior aventura militar do Brasil na República". Ele revelou calma, equilíbrio intelectual e emocional no insucesso e humildade e modéstia na vitória. Foi organizador silencioso, discreto, meticuloso e previdente. Estrategista e tático inspirado. Planejador sóbrio e objetivo. Condutor sereno, tenaz, enérgico, perseverante, estoico e capaz dos maiores sacrifícios. O grande historiador brasileiro Dr. Pedro Calmon assim definiu o Marechal Mascarenhas de Moraes:

"Herói providencial por ter sido sem injustiça, sem ilegalidade, sem egoísmo e impelido por sua única paixão, compatível com os deveres cívicos - a paixão do Bem Comum. Providencial por ter feito como soldado modelo, do destino nacional a sua diretiva da glória sem mácula, a sua ambição, do sacrifício o seu timbre heráldico, das vitórias ganhas pelo país os títulos impessoais de sua carreira militar honrada".

Todos os seus feitos que o consagraram na galeria dos maiores soldados guerreiros do Brasil, foram praticados sem alardes, arruídos, violência desnecessária e abusiva. Não se embriagou com a glória. Não tripudiou sobre os vencidos. Ao contrário, exigiu para os prisioneiros de guerra trato humano coerente com as melhores tradições brasileiras e recusou assinar proclamações que expusessem seus homens a manipulações psicológicas.

Como gaúcho foi fiel às características de Firmeza e Doçura do gaúcho histórico que encontraram no General Osório a sua expressão maior e mais autêntica. Características inscritas na bandeira da República Rio-Grandense sob a forma de dois amores-perfeitos"Firmeza no combate ao lutar com toda a bravura, garra, firmeza, tenacidade e determinação. Doçura. depois da vitória,

traduzida pelo respeito, como religião, à vida, à honra, à família e ao patrimônio do vencido.”

Foi além, a expressão viva da dignidade e do respeito à ética e a encarnação da lealdade autêntica à Ordem, à Lei e às Instituições, pelo que sua dignidade pagou alto preço em 1930.

Não foi um líder carismático, arrebatador. Mas sim líder que firmou sua liderança em função de suas elevadas capacidades profissional, militar e administrativa. Esta, decorrente das aptidões de muito bem planejar, organizar, comandar, controlar e coordenar. Tudo embasado em: inteligência e saúde mental invejáveis; caráter superior; espírito público e integridade em grau superlativo; coragem física e moral, provada em diversas ocasiões; capacidade de decisão e de diagnosticar situações humanas, como no caso de seu Estado-Maior antes da vitória de Monte Castelo; grande capacidade de autoanálise, auto-domínio e fortaleza de espírito que resistiu na guerra às enormes pressões, que não lhe deixaram sequelas na paz, caso comum entre veteranos de campanhas.

Comparando-o com um iceberg, a ponta era representada por sua figura humana que ele classificou certa feita de minúscula. Sob ela, a parte restante e a maior do iceberg, era representada por seu espírito superior e providencial, para comandar os brasileiros na primeira participação militar extracontinental da Nacionalidade.

Chefe e amigo de seus subordinados, foi o arquiteto de seus entusiasmos, levou, todos os dias, em todos os recantos de sua Zona de Ação a sua presença, a sua assistência moral, a palavra certa e sobretudo a confiança. Na paz continuou atento aos seus destinos e na luta pela defesa de seus legítimos interesses.

Além das qualidades excelentes e modelares de cabo-de-guerra e cidadão brasileiro, foi esposo modelar. Alimentou um amor-veneração correspondido por sua esposa Adda Brandão, exemplo de filha, esposa, mãe e avó de soldados do Exército Brasileiro. Heroína brasileira moderna que repousa ao lado do Marechal, no Mausoléu dos Veteranos da FEB, no cemitério São João Batista, que inauguraram com seus veneráveis despojos. Eis mais um traço comum do Marechal com o Duque de Caxias, entre tantos outros estudados em LETRAS EM MARCHA pelo seu oficial de Logística na FEB, do falecido general Aguinaldo JoséSenna Campos, autor do anteprojeto do célebre distintivo da FEB “A cobra está fumando”.

Marechal Mascarenhas de Moraes, hoje denominação histórica da gloriosa 1ª Divisão de Exército, da Vila Militar, que carrega as mais caras tradições da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária da FEB, à frente da qual colhestes com teus bravos soldados, louros inacescíveis para armas brasileiras, na Itália na II Guerra Mundial.Hoje, nesta minha Memória Evocação para o Círculo de Pesquisas Literárias (CIPEL) através da palavra deste relator, modesto soldado e pesquisador e divulgador da História do teu Exército, prestar-te, por justiça e dever, uma das poucas homenagens que te eram devidas e mais do que isto, para consagrar-te!

Como historiador e geógrafo brasileiro e, fundamentalmente como padrão, símbolo e patrono espiritual do soldado brasileiro moderno, com projeção histórica que mais se aproxima do ínclito Duque de Caxias - o Patrono do Exército.Como general brasileiro que conquistou nos campos de batalha na Itália, lugar na galeria dos capitães da História Militar Mundial; o de maior soldado latino-americano deste século e um dos maiores da História do Brasil e que esteve à altura e honrou as tradições militares brasileiras dos Guararapes, Catalan, Taquarembó,

Passo do Rosário, Monte Caseros, Paissandu, Passo da Pátria, Tuiuti, Curuzú, Humaitá, Itororó, Avaí, Lomas Valentinas e Campo Grande.

Bravo Marechal Mascarenhas de Moraes!Que o teu imortal exemplo de soldado gaúcho moderno continue a inspirar e alicerçar o presente e o futuro do Brasil e em especial o do Exército Brasileiro - o teu Exército - o Exército do Duque de Caxias - O Pacificador".

Finalizando:

O Major de Engenheiros Alfredo de Taunay, ao falar em nome do Exército, no sepultamento do Duque de Caxias, assinalou como maior característica do Patrono do Exército

"A grandeza de sua simplicidade".

Do Marechal Mascarenhas, falando em nome das instituições históricas que eu presido ou integro creio, interpretando os sentimentos gerais, podemos afirmar que suas maiores características foram A grandeza de sua dignidade e a de sua consciência profissional

BENTO, Claudio Moreira. Marechal Mascarenhas de Morais - Significação Histórica.**In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** nº 344:119-136, jul/set 1984. (Nossa oração no Centenário do Marechal a convite do Dr. Pedro Calmon).

____. O Dia da Vitória. **Letras em Marcha***,* 07 mai 1977.

_____. **A participação das Forças Armadas e da Marinha Mercante do Brasil na 2ª Guerra Mundial.** Volta Redonda: Gazetilha,1ª ed. 1994 e 2ª ed. Porto Alegre: ANVFEB: Contursi Produções, 2000. A 1ª ed. com prefácio do General Plínio Pitaluga e a 2ª ed., de José Conrado de Souza, ambos acadêmicos da FAHIMTB e veteranos da FEB. Disponível em Livros no site www.ahimtb.org.bre no Google

_____. As duas faces da Glória. In **Revista A Defesa Naci**onal*,* nº 255, abr/jun 1992, p. 131

_____. Marechal Mascarenhas de Moraes. Significação histórica - síntese. In **Revista do Clube Militar**, nov/dez 1983, p. 21/24. **Mensário Letras em Marcha** nº 146, nov 1983. **Diário Popular** Pelotas nov 1983 e *Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, tomo 69, 1983, p. 93ss.

_____. Evocação do Comandante da FEB nos 60 anos do Dia da Vitória. In: **O Guararapes** nº 45 da AHIMTB, abr/jun 2005, disponível em Informativo no site www.ahimtb.org.br

_____. et GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. A participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial. In:**Brasil - Lutas contra invasões, ameaças e pressões externas**... Resende: FAHIMTB/IHTRGS, 2014, p. 388/420.

_____. Palavras finais na posse como acadêmico do General Domingos Ventura Pinto Junior na cadeira Marechal Mascarenhas de Moraes, disponível em artigos no site www.ahimtb.org.br

____.**Brasil–pensadores militares terrestres** 1631-1990. Resende:FAHIMTB,2019.p192-213.

FAHIMTB. Orações de posse na Cadeira Marechal Mascarenhas de Moraes: General Carlos de Meira Mattos, Cel Germano Seidl Vidal, General Domingos Ventura Pinto Junior e Cel Roberto Mascarenhas de Moraes, no Arquivo da FAHIMTB, na AMAN.

FIGUEIREDO, Osório Santana. João Baptista Mascarenhas de Moraes. In: **Terra dos Marechais***.* Santa Maria: Pallotti, 2000, p. 77/103.

MASCARENHAS DE MOARES, Roberto. Meu avô Mascarenhas de Moraes (depoimento de quatro páginas cedido ao autor).

MATTOS, Carlos de Meira. Marechal **Mascarenhas de Moraes e sua época**. Rio de Janeiro: BIBLIEx,1983(Tomos I e II).

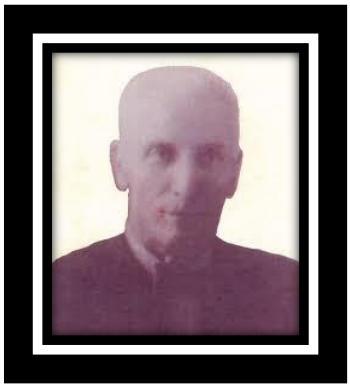
_____. Traços da personalidade do Comandante da FEB. ***In :*Revista Militar Brasileira,** nº especial dedicado à FEB, 1973 p. 84-85.

OLIVEIRA, Tácito Theophilo Gaspar de. Marechal Mascarenhas de Moraes, Centenário.**In Revista do Instituto do Ceará**, 1981, Tomo 97, p.1/7.

PERES, Carlos Roberto (org). Cel João Baptista Mascarenhas de Moraes. **In: Dois séculos formando oficiais para o Exército**. Resende: IPSIS-Graf. Ed. 2011, p. 88/89.

VIDAL, Germano Seidl. A figura excelsa de Mascarenhas de Moraes. **In Revista do Exército**, v. 139, 3º quadrimestre 2002.

João Borges Fortes General (1870-1942)



General João Borges Fortes

O destino, essa força imponderável e imprevisível, de causas e efeitos, vem traçando o meu roteiro terrenal, por caminhos ínvios e surpreendentes. Sigo arredando sacrifícios - parece ser esse meu fado - lutando contra o desigual, vencendo preconceitos e incompressões, rompendo barreiras e arredando abrolhos que se opõe a meu caminho, para lâ adiante, num topo periódico da vida, vivenciar momentos de arrebatadoras emoções.

Por vezes impressionam-me certos atos imprevistos, que me tocam a alma sensível e emotiva, pela satisfação interior que me causam, como a compensação dos dissabores sofridos, para quem se dispôs a luta, perseguindo um ideal de aspiração suprema.

Como hoje, por exemplo, voltando mais uma vez à legendária e lendária “Caserna se Bravos” de nossa inspiração, graças a generosidade de amigos que logo citarei, cnde moldei minha formação de soldado e cidadão, para bem servir a sociedade e a pátria, dentro e fora dos quadrados castrense

E quem nos trás aqui nesta ocasião de exaltação intelectual, se não alguém que aqui viveu e foijou seu espírito civil e militar, amando e se doando, como poucos, à sua cidade e ao velho quartel do então Iª de Artilharia, até etemizá-lo nas páginas cintilantes da história militar brasileira. Foi ele gabrielense de origem e de coração, conterrâneo dos mais ilustres, general João Borges Fortes, Patrono da Cadeira nº 13, ia ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL, com sede em Resende, Rio de Janeiro. Coube-me a distinção honrosa de ocupá-la, graças a bondade e fidalguia do nosso dileto amigo e confrade,

historiador de renomeado prestígio, Coronel Cláudio Moreira Bento, fundador e Presidente dessa futurosa entidade de cultura literária. Ao agradece-lo, efusivamente, seu reconhecimento e grato também, ao gesto de nobreza cfertória e amizade deferenciosa, do coronel Carlos José Sampaio Malan, comandante do 6º B.E. e Patrono deste Encontro, um evento de inedetismo cultural e social da nossa Atenas Rio-Grandense.

Eis-me aqui, diante de vós. Tenho os ombros arqueados pelo peso da responsabilidade moral, que me radiografa e revela a minha pequena diante de tamanha grandeza do nosso homenageado, um luminar das letras pátrias. Seu nome é sempre evocado. E suas obras consultadas, pesquisadas, compulsadas, por quantos buscam ampliar seus horizontes de conhecimentos sobre as raízes e a epopéia do bravo povo gaúcho. De mim direi que um dos mais fortes motivos de meu orgulho pessoal, ao transpor os umbrais deste sodalício, é vir ocupar uma cadeira que simboliza, pela sua evocação histórica, a alma imortal e amorável do povo rio-grandense.

Eis porque atrevo-me a dissertar sobre a figura e obra do ínsigne gabrielense e zatriota modelar, ornamento de virtudes excelsas, que foi João Borges Fortes, historiador de glorificação eternizada. Pois foi aqui em São Gabriel, rincão de tradições e egendas - Terra dos Marchais - e também de um “Marechal de Letras” na pessoa de Alcides Maya, segundo o conceitua o historiador Arthur Ferreira Filho, que nasceu João Borges Fortes, a 2 de maio de 1872. Sendo seus pais, o advogado e magistrado João Borges Pereira da Silva Fortes, e dona Cecília Ofélia Abbott. Ela filha do Dr. Jonathas Abbott Filho, natural da Bahia, major médico neste vetusto aquartelamento; e de dona Zeferina Barbosa de tradicional família gabrielense, irmã, portanto do Dr. Fernando Abbot, de reconhecida proeficiência médica. Descendiam os Borges fortes dos chamados “Troncos Seculares” dos quais originou-se a histórica família rio-grandense, que produziu tantos e intemeratos patriotas defensores das nossa fronteiras do Sul, a partir de 1730. “O General João Borges Fortes - escreveu Walter Spalding - não fugiu a tradição da família e se fez soldado, com seu irão mais velho e mais moço, para começar a vida.

Iniciou seus estudos aqui mesmo em São Gabriel. Mais tarde ingressou na Escola militar de Porto Alegre, bacharelando-se em ciências pelo Regulamento de 1880. Seguiu o Curso de Engenharia, formando-se engenheiro militar em 1899.

Em março de 1892, como alferes-aluno, foi incorporado no lº Regimento de Artilharia de Campanha, aqui em São Gabriel. No ano de 1893, participava da Revolução Federalista, Juntamente com seu irmão mais velho, Jonathas Borges Filho, que também chegou a general. Ambos participaram dessa campanha fratricida, ao lado das tropas legalistas de Júlio de Castilhos, como discípulo positivista de Augusto Conte. Tomou parte nos combates de 6 e 7 de novembro frente aos participantes da revolta contra o Governo de Floriano Peixoto, em Porto Alegre.

Foi um dos oficiais mais brilhantes do Exército Brasileiro. Dotado de uma inteligência culta, soube com dedicação e perseverança, converter-se numa figura de projeção expoente, a par das suas qualidades de vocação profissional. Por ser um predestinado ao dever, tal sua dedicação exemplar, foram-lhe confiadas honrosas missões no Exército, destacando-se sobre as demais, a missão que o

levou aos Estados Unidos, a 17 de agosto de 1917, encarregada da compra de armamentos. Lá permanecendo 18 meses.

No ano de 1924, envolvidos pelos movimentos revolucionários que grassavam no país, reformou-se do serviço ativo do exército, no posto de general, com mais de 40 anos de serviços prestados ao Exército e a Pátria. Seu último comandante, no Estado Maior do Exército, general Tasso Fragoso, em sua despedida, assim se expressou em Boletim: “Esse distinto oficial que tanto honrou o Exército, estava chamado pelas suas qualidade, a ocupar posições elevadas, sem outro auxílio, senão seus próprios méritos.

Perdeu o Exército um soldado de valor inquestionável, mas ganhou as letras e a historiografia brasileira, uma forma de sedimentar na perpetuação, todo aquele que se eleva do comum dos homens.

Passo agora, a ocupar-me, então somente do literato, de onde vertem sua criações literárias, quase todas do gênero histórico, vastas e prenhes de um idealismo, telúrico, dos mais edificantes na elucidação dos fatos. Seu cenário foi o Rio Grande antigo, no qual se afunda prescrutando os acontecimentos, recolhendo documentos, interpretando-os à luz de um rigoroso critério na cata da verdade, que ãs vezes as esconde, por trás de velhos, documentos perdidos no fundo mofado de desprezível baú avoengo. Narra em livro, o general Mário Rego Monteiro, “ que o general Borges Fortes, “desde moço sempre demonstrou inclinação pela história da sua terra natal, toman- do-o após sua passagem para a reserva do exército, um dos maiores historiadores rio- grandenses".

Da sua substanciosa produção literária, citaremos, apenas, algumas das suas principais obras. - seu trabalho de estréia - “O Tupi na Coreografia do Rio Grande” foi publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, no ano de 1930. ‘Troncos Seculares”, livro, em 1931, estuda as origens etimológicas do povo gaúcho. “A Frota de João Magalhães”, descreve a penetração do lagunista nas terras abruptas do Rio Grande, iniciando seu povoamento. “Casais”, 1932, a primeira obra que se publicou sobre os casais açoristas que povoaram o Rio Grande do Sul. “Francisco Pinto Bandeira”, 1938, ensaio biográfico de um dos pioneiro do heroismo fronteiriço rio-grandense. “ O Rio Grande de São Pedro”, 1941, na apreciação dos críticos, aos quais nos somamos, esta é uma obra prima da literatura e da historiografia do Rio Grande. Seu conteúdo rico de dissertação, traz-nos a evocação estóica e a belicosidade do gaúcho de antanho, com cheiro de campo bravio, fragrância de amor às coisa sagradas do pago. “**Brigadeiro José da Silva Pais e a Fundação do Rio Grande**”, 1933 - **Cristóvão Pereira de Abreu,** 1931. “**Velhos Caminhos do Rio Grande do Sul”,** 1938 - **Tratado de 1750, Gomes Freire, o General**, 1941. **Povoamento inicial do Rio Grande do** Sul, **Francisco Pinto Bandeira** Estes separatas da **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.**E mais **Rio Grande de São Pedro,** pela **BIBLIEx** em 1941 e **Velhos Caminhos** pela **ATCHC(**Anais do 3º Congresso de História Nacional**)**

Todavia, da sua numerosa bagagem literária, sobressai-se para nosso gosto, a **"Estancia”** uma síntese vigorosa de essência evocativa de exaltação a alma rio- grandense. **“Estância”,** é um discurso memorável, pronunciado quando João Borges Fortes, tomou posse no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, em 22 de outubro de 1931.

Continuar rememorando os títulos da sua produção literária, seria por demais extenso e não cabe para tempo tão exíguo exigido para este tema de resumo biográfico.Como frisamos antes, foi como alferes-aluno que Borges Fortes incorporou em março de 1892, no 1º Regimento de Artilharia, no velho Quartel de São Gabriel. Vivia o Rio Grande uma fase de instabilidade política pela turbulência partidária, disputando poderes. Nesse mesmo mês o 1º de Artilharia, sob o comando do coronel Jorge Santiago, mais tarde general, comandante da 3ª Região Militar, deixou sua sede e marchou para uma grande manobra que se realizava em Saicã. Essas manobras militares, Borges Fortes as qualificou como “Fracasso formidável”.

O inverno foi tenebroso naquele ano e o lº Regimento perdeu toda sua cavalhada, morta de frio e fome. Ao citá-lo, escreveu: “Nessa hecatombe desapareceram os miares da artilharia”.

A situação para aquelas tropas acampadas nos descampados ermos das coxilhas nuas de Saicã, foi das mais calamitosas. Por fim chegou a ordem de regresso aos quartéis. Borges Fortes ao relatar o que foi aquele episódio, escreveu com comiseração, sem deixar de dar um ar de tragicomicidade: “O lº Regimento teve de recolher aos seus amigos de São Gabriel. Não tinha meios de se locomover. Assim numa lindíssima rarde de agosto o velho regimento, entrava alegremente em São Gabriel, com sua bandeira enrolada no fundo de uma carreta, sem seu comandante à frente, com seus 24 canhões Krupp, 75 mm, puxados a bois, que os saldados iam conduzindo ao brados.. Eta boi velho...Eta Pitanga...Toca Ramalhete...”

O general João Borges Fortes já em avançada idade já em avançada idade, quando escreveu o “Regimento Mallet” complementando o trabalho do então

Capitão, José Faustino Filho, publicado em 1932, o faz com expansão sentimental, saudoso de São Gabriel. Diz Inicialmente: "Reavivar na minha memória que a relhice vai enfraquecendo, a terra querida do meu berço, aquele glorioso regimento – o 1º de Artilharia, o Heróico. Que Soberbo Regimento! A minha infância ! A minha terra, o nosso Regimento ! Quanta Saudade."

Na velhice a saudade tem o sabor da melancolia. Foi aqui neste quartel que ele preparou-se para o exame de admissão, organizado pelo incomparável Coronel Filinto Somes de Araújo, um gentleman que viveu em São Gabriel, preocupados com os moços civis, pobres, e com os sargentos que desejavam prosseguir na carreira militar. Borges Fortes referindo-se a essa Figura emplicante do seu tempo afirma: "Foi com Felinto o período áureo da vida do tradicional regimento". E expressa-se com uma carinhosa gratidão ao inolvidável chefe, assim recordando: “Fui um dos moços que aqui aprendeu com grande proveito.”

Com o fim da revolução federalista, em 23 de agosto de 1891 o lº Regimento de Artilharia que se achava em Porto Alegre, desde de dezembro de 1893, pode regressar a sua sede. Ao chegar o Heróico “Boi de Botas” a macróbia "Caserna de Bravos" deparou com um quadro deplorável de estragos por toda parte. O então tenente João Borges Fortes, com a alma compugida, assim o descreve como o viu naqueles dias: "O quartel estava completamente danificado. Os seus assoalhos tinham servidos para lenha, como as portas e janelas. Um dos parques desabara; era um montão de ruínas, um miserável albergue, não havia

alojamentos de soldados da Unidade do Exército, que vinha de cumprir seus deveres na luta do Regimento de honrosas tradições".

"Tudo o que lá ficara estava perdido. Mas a maior perda, inestimável, irremediável, foi a do precioso arquivo da velha corporação. Um incêndio na secretaria o destruira" -Ouvimos de antigos que foi posto fogo de propósito por elementos a serviço do vandalismo. Essa perda do arquivo do lº Regimento de Artilharia, será lamentada perenemente pelos Historiadores militares que estudam a História da Artilharia do Exército Brasileiro; pois com ela perdeu-se a memória do Regimento nas guerras do Uruguai, Argentina e Paraguai.

No ano de 1907, Borges Fortes já capitão, ao fazer a apologia do general Antônio Adolpho da Fontoura Menna Barreto, mais tarde Ministro da guerra, no governo do Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, Gabrielense, que comandava a 3ª Brigada de Infantaria, aqui sediada no antigo quartel (hoje 13ª Companhia de Comunicação) relata ele o estado precário em que se encontra o quartel e o regimento, quase em ruína moral e material "O regimento não tinha arreamento de tração e não se podia locomover. Pobre e paralítico, amadorado. Mas o General Menna Barreto com seu Prestígio arrancou ele as verbas magras de orçamentos que lhe permitiam ir pondo paradeiro a ruína material do quartel". Mas adiante asseverou: "ainda um grande serviço prestado pelo general Menna Barreto a guarnição de São Gabriel e a instrução do Exército, foi mandar construir uma linha de tiro no campo de Invemada da Artilharia (Hoje 9ª RCB), própria para o exército daquela arma, como armas portáteis. Fui incumbido de realizar essa construção, e em 15 de novembro de 1907, era inaugurada a linha de tiro "General Menna Barreto" Adiante finaliza " A linha de tiro ruirá. O nome de Menna Barreto ficará sempre de pé.

Sim. Ficará sempre de pé, porque junto ao General havia um Historiador que registrou em livro, para posteridade, esses acontecimentos, vividos neste quartel e acontecidos nesta cidade. Costumo dizer que o Historiador é o "Tabelião dos Tempos" infeliz da cidade que não tem Historiador, nasce e morre em cada geração, sofrendo de amnésia crônica sem memória. Estufa na lembrança perdida do tempo.

Coincidência Histórica ou não, mas aconteceu. O vaticínio do General João Borges Evandro Rodrigues Soares, comandante do 9[9] RCB e guarnição, inaugurava na mesma invemada, a "Pista de Combate Marechal João Propício Menna Barreto" . O nome de Menna Barreto estava de pé. E quis também o destino que lá estivesse um historiador para registrar o fato, que hoje narramos, uma distinção honrosa do cel . Soares que somos para sempre gratos.

O campo de instrução da artilharia de 1907, há anos tentamos localizá-lo.

Em vão. Nem vestígios. As constantes arações do terreno, por certo obliteraram- no para sempre. Mas ele existe . Está transcrito em livros.

Mas um dos momentos mais comoventesa da vida militar do General João Borges Fortes, sofrido por ele constante da história do Regimento Mallet, foi quando a extinção do l[9] Regimento de Artilharia de campanha, substituído pelo 4 [9] Regimento de Artilharia Montada, depois 5[S] RAM. Comandava o resto do efetivo do legendário regimento. É uma página de tocante e dolorosa emoção. Isto aconteceu no dia 10 de março de 1909. Com a alma em prantos e o coração

dilacerado por tão angustiante decisão, escreveu ele aquele momento vivido , num local qualquer do interior deste quartel.

“Estava prescrito o caso do heróico Is Regimento, o regimento da Artilharia Revolver de Mallet, o regimento de Felinto.

"As ironias do destino! foi a mim que a sorte reservou a tarefa tristíssima de escrever a última ordem do dia do meu regimento. A mim, que tinha por aquela unidade o amor extremoso de um filho dedicado. Era um dever ... penoso, porém, que teria de ser cumprido".

"E foi derramando lágrimas de dor, lágrimas de sangue, brotadas do fundo do meu coração, que tive de escrever aquela ordem do dia, a derradeira, que ainda úmida e quente foi em formatura geral de oficiais e praças. Todos eles, presos da mesma angústia, chorando de emoção e tristeza...

“O Iª Regimento...”

João Borges Fortes amou sua São Gabriel, como todo bom filho ama sua terra natal. No documento anexo, escrito do próprio punho, revela-se o vínculo afetivo e vigoroso, aprofundando nas raízes do solo sagrado da terra Gabrielense. Propõe a intendência (prefeitura) a compra de um terreno por 500 mil réis , que havia por sobra do lote que desmarcara, na face norte da "Praça da Artilharia" assim chamada de frente do atual quartel do 6e BE até a rua cel. Tristão Pinto . A data é de 02 de Janeiro de 1908.

No ano de 1937, como se vê deste outro documento (anexo) assinado pelo General Jonathas Borges Fortes, seu irmão mais velho, ainda possuía em São Gabriel. À rua Laurindo Lopes Nunes, um prédio de 163, e que vem provar tão sólido continuava o elo carinhoso e sentimental que a unia a sua amada São Gabriel. Já estava viuvo da esposa, Maria Manoela Ferraz Borges Fortes, sua prima, falecida no Rio de Janeiro, a 19 de novembro de 1934.

Do casal ficaram 09 filhos, entre eles o General Breno Borges Fortes do antigo 3S Exército, hoje Comandante Militar do Sul. O general João Borges Fortes em família tinha o apelido de Jango, o “tio Jango “ como o chama o general Mário Rego Monteiro.

Em São Gabriel continua existindo, como nos áureos tempos, um marco da sua estética arquitetônica, no soberbo edifício do Clube da União Caixeiral. Como engenheiro traçou a planta e dirigiu a construção desse portentoso prédio, um dos mais nobres e mais tradicional da fisionomia urbana da nossa cidade. Há também uma Escola Municipal, hoje desativada, sito à Avenida Antônio Mercado, na Vila três de Outubro, ostentando numa das paredes laterais o inconfundível nome do General João Borges Fortes, Patrono daquele Educandário.

Mas que caracterizou a individualidade do general Borges Fortes, engenheiro, historiador, genealogista, escritor e conferencista, foi a naturalidade do sul feitio, eminentemente rio-grandense, inspirado no amor a coxilhama verdejante das plagas gaúchas e na belicosidade do filho heróico dos pampas. Disse com acerto o historiador Arthur Ferreira Filho, no traçar e seu perfil de literato e soldado; “General das Armas e das Letras. Em ambos os campos

brilhou, porque neles as vocações das letras e das armas se encontravam provindas de origens idênticas.

Na saudação que lhe fez os historiador Aurélio Porto, um dos mais citados historiadores do Rio Grande do Sul, ao ser recebido no Instituto Histórico e Geográfico do RGS, a 22 de outubro de 1931, foi preciso, quando analisando sua obra, disse a certa altura:

"João Borges Fortes trabalha pelo Rio Grande, envastelando numa torre de saudade. A sua história não pode ser o frio relato que os velhos papéis, carcomidos pelas traças, nos fazem dos tempos idos. Ela vibra, ela encanta. Tem a quentura suavíssima de um carinho, os requintes de um amor filial. A sua palavra é util, o seu conceito pesa. Pensador e historiográfico, soldado e gaúcho, é em todas essas modalidades um general de verdade.

E o escritor Gabriel Menna Barreto, em artigo do Correio de Povo de 12 de Janeiro de 1972, referindo ao centenário de nascimento de Borges Fortes, o eleva no seu conceito, dizendo inicialmente: "Entre as figuras exponenciais da nossa literatura histórica, destaca-se o general João Borges Fortes. Tive a grata satisfação de visitá-lo e consultá-lo muitas vezes a propósito de assuntos históricos. Tive pelo saudoso mestre uma simpatia de admiração intelectual".

O historiador Borges Fortes, manteve uma correspondência assídua com o célebre historiador Walter Spalding, um dos seus biógrafos e amigo íntimo, casado com uma sua sobrinha, Ainda, filha de seu irmão Jonathas. Já muito alquebrado pela doença que o acometera de forma insidiosa e pertinaz, mas confiante da sua predestinação de "tabelião dos tempos", dirigira ao amigo sua última correspondência, datada de 18 de março de 1942. Ultimando-a com esta palavras, as derradeiras, impregnadas de altivez e determinação: "Agüento-me de pé, não sucumbi aos golpes da enfermidade e agora estou outra vez na estacada, pensando, vivendo e trabalhando sempre pelo Rio Grande."

Era o fim. A 13 de setembro daquele ano de 1942, falecia no Rio de Janeiro, aquele que Arthur Ferreira Filho, o tinha como "uma das mais altas expressões da inteligência rio- grandense".

Furando os decênios, João Borges Fortes, continua imune ao pó esfumante do tempo. Venceu o silêncio da morte e penetrou a imortalidade, laureado pelos desígnio dos predestinados a unir a épocas e tomá-la redivivas em cada geração que se sucede. Mais forte e duradouro que o bronze dos monumentos alterosos, que às vezes, os destroi a sanha dos encenoclastas, os bons livros como os do nosso homenageado, são peregrinos de difusão de idéias e de fatos, falando a voz do autor eternizado no conhecimento, um legado imperecível da cultura histórica do seu povo.

O homem físico fenece. Mas o homem-fonte, síntese do talento e inteligência sábia, que se exprime em obras, permanece. O general João Borges Fortes, figura idealista na fulguração dos tempos, emerge dos seus contemporâneos, para estar conosco neste momento. Como ontém, como hoje e sempre, permanece. Muito obrigado. (Em 21/ 03/1997)

Geraldo Levasseur França- Cel (1925-1999)

Coronel Professor Geraldo Levasseur França, ao ser declarado Aspirante a Oficial

É com grande prazer e alegria receber, em nome da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, na condição de sócio acadêmico, o confrade Geraldo Levasseur França, um destacado educador na cadeira n^{e} 23, que tem por patrono o grande militar educador general Liberato Bittencourt.

O confrade Geraldo Levasseur França, carioca de nascimento, resendense de coração e titulado cidadão resendense desde 1969, é um misto exemplar de soldado, professor, educador e artista plástico. E aliado a esta última condição a criação dos brasões das Academias Resendense, Itatiaiense e de História Militar Terrestre do Brasil.

O confrade França nasceu no Rio de Janeiro em 18 de janeiro de 1925, filho de um artista natural de Valença, o maestro e professor emérito de harmonia superior da UFRJ, Agnello Gonçalves Vianna França, cujo nome teve projeção internacional. Sua mãe, Mana José Guimarães França, mineira de Leopoldina.

Casou-seem 20 de maio de 1950 com a Dona Arlette Pellini França, com a singularidade de haver sido o primeiro casamento realizado no altar mor da matriz de Resende, após o seu incêndio em 1945. Possui três filhas e quatro netos.

Teve o privilégio de frequentar com brilho o ginásio 28 de Setembro, Rio de Janeiro, de 1936 a 1941, sob a orientação do grande educador, além de escritor, historiador e filósofo com influência positivista, general Liberato Bittencourt, hoje nosso grande homenageado com a cadeira n^{e} 23, desta Academia.

Como oficial de Infantaria, egresso da AMAN, turma Agulhas Negras 1947, peregrinou por Rio Grande, Niterói, Lorena, Ponta Grossa e pelo BCS da AMAN, até 1956, quando passou a ser professor da AMAN durante 26 anos, de Geometria Descritiva, matéria que foi catedrático, além de autor de três trabalhos importantes sobre o assunto.

Lecionou Geometria Descritiva e Desenho Geométrico por 13 anos na Faculdade de Filosofia, curso de Matemática, em Barra Mansa, tendo sido agraciado em 1992, com o título de professor emérito. Foi professor em Resende dos colégios Municipal, Dom Bosco e Pedro Braile e dos ginásios Santa Ângela e Marechal Souza Dantas, sendo homenageado, em enquete popular em Resende, em 1975, com troféu e diploma de melhor professor do ano. Em 1992 foi agraciado pela Câmara Municipal de Resende com o título de professor Emérito.

O nosso confrade França, além de professor foi um grande educador, pois além de transmitir técnicas e soluções práticas, transmitiu também a seus alunos

valores morais, espirituais e culturais, conforme atestam reconhecimentos vários de seus alunos civis e militares, que tiveram o privilégio de tê-lo como mestre de 1956 a 1986, **e** que lhe tributam até hoje o maior carinho e consideração. Como exemplo transcrevo esta dedicatória que recebeu de um aluno, em 06/nov/1984, prestes a encerrar a sua carreira de professor:

Professor França que o senhor tenha sempre esta garra para expandir a mais linda e pura das essências que é a sabedoria e que o senhor seja sempre um prisioneiro de sua simpatia e humildade".

De um superior hierárquico, temos estas impressões, entre outras, sobre o confrade **França:**

"Alma preciosa que só tem para seus alunos palavras de estímulos, confiança e de amizade. É um verdadeiro mestre... suas ações têm sido de valor inestimável para a **formação de oficiais do Exército, tanto por seu exemplo, como por seus conhecimentos e didática, tomando por tudo isso seus alunos em amigos e admiradores".**

Em pesquisa realizada na seção Psicotécnica da AMAN, para orientação dos professores sobre as suas deficiências em aulas, os cadetes deveriam responder usando letras de forma, sem assinar, para que pudessem ser francos e sem receios de futuras represálias. O mestre França recebeu a maior consagração de seus alunos, tendo recebido respostas tais como:

"É amigo da turma, dedicado e ensina muito bem"; "É um dos melhores professores que tive em minha carreira militar, pois além de infundir confiança nos seus alunos por seus excepcionais conhecimentos da matéria, demonstra um interesse paternal por todos, fazendo-se estimar e admirar por eles"; "Ensina com o coração, dando vida às suas aulas. É um amigo franco e leal"-, "Mantém a turma num grande clima de cordialidade o que faz com que a aula tenha rendimento"; "Trata o cadete respeitando o lado humano, sem, contudo, ferir a hierarquia. É um bom professor e também um amigo"; "É um ótimo professor e um dos melhores mestres da AMAN. Tem a virtude de não encher o saco dos alunos"; "É um mestre digno da admiração e da consideração, de todos que eu tive, até chegar à AMAN, é o que demonstra maior conhecimento da matéria, mostra grande interesse pela aprendizagem e é um amigo", etc.

Todos os seus alunos pesquisados foram unânimes em reconhecer a dedicação, a competência e a cordialidade que o mestre França sabia demonstrar em suas aulas.

Reconhecimentos semelhantes recebeu de seus alunos do curso de Matemática da Faculdade de Filosofia de Barra Mansa, bastando lembrar que foi sempre homenageado com a escolha de seu nome para paraninfo, patrono ou nome de turma.

Ao terminar o ano letivo de 1975, além de ter sido escolhido paraninfo da turma, recebeu de lembrança da turma, um estojo de escritório e por coincidência, 40 anos atrás, seu pai maestro França, recebia homenagem semelhante, também acompanhado de um conjunto de escritório da época. A seguir uma comissão de

alunos o entrega uma corbelha de rosas, com um cartão dirigido a sua esposa, em que dizia:

"Dona Arlette:**É sempre com muito carinho que o professor França fala na senhora, diz que é seu reflexo que garantem a paz e a tranquilidade de suas aulas. Daí, a senhora ter desempenhado um papel muito grande na nossa formação, de certa forma sem ter disto consciência, a senhora foi o nosso anjo da guarda. Receba essas rosas com a nossa gratidão".**

É de autoria do confrade França os estandartes oficiais de Resende e Itatiaia e o brasão Armas da última.

Foi o autor dos projetos iniciais da praça das Gerações no Manejo, hoje conhecida por praça do Tobogã (1967) e da ampliação da sede do Clube Campestre Casa da Lua.

A maior contribuição a cultura de Resende, Itatiaia e AMAN do confrade França, tem sido como artista plástico através de óleos, desenhos, brasões, estandartes, murais, decorações, alegorias e cartazes, flâmulas, tudo de sua criação e sem aceitar pagamentos, não só para as a entidades filantrópicas como: Santa Casa, APMIR, Vila Vicentina, Asilo Nicolino Gulhot e Escola Dona Antonina, como também, para o CIMAN, cursos da AMAN e clubes sociais.

O confrade França é solidário e soldado sempre pronto a lutar pelas boas causas. Não assume o que não possa bem cumprir. Hoje, por restrições médicas deve ser poupado e segundo o nosso presidente confrade Cláudio Moreira Bento lembrando alguns remédios onde consta: "agite antes de usar", peço aos amigos do confrade França: "Use-o sem agitar e sem preocupá-lo e que muito de grande ele ainda produzirá."

Confrade Geraldo Levasseur França. A Academia de História Militar Terrestre do Brasil, cujo brasão é de sua autoria, também um dos solidários batalhadores para a sua concretização, sente orgulho em mostrá-lo em sua real exemplar e grande dimensão comunitária, nas sociedades resendense, itatiaiense família militar e mais, em recebê- lo como seu sócio acadêmico.

Seja Benvindo! Tome assento em sua cadeira! Conte-nos sobre o grande educador militar o general LiberatoBittencourt, seu patrono.

Jardro de Alcantara Avellar - Coronel (1924-?)

Coronel Professor Jardro de Alcantara Avellar

O Coronel Professor **JARDRO DE ALCANTARA AVELLAR ,** natural do Rio de Janeiro, iniciou sua vida de oficial em 1947, estagiando como aspirante no

Regimento Sampaio e no 3º Regimento de Infantaria. No mesmo ano, passa de aspirante a 2ºTenente, no então 12º Regimento de Infantaria, em Juiz de Fora.

Foi transferido como 2º Tenente para o 1º Batalhão de Infantaria Blindado em São Cristovão, Rio de Janeiro, onde fez o curso de Foto-Informação da Escola de Instrução Especializada (Es.I.E.). Posteriormente, foi para a Polícia do Exército e depois para o 1º Batalhão Zenóbio da Costa (1950/1952), onde serviu até a promoção a capitão, sendo deslocado para Lorena, São Paulo, permanecendo até 1961 ocasião em que retornou aoRio de Janeiro para cursar a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

Terminado o curso da EsAO, foi nomeado Ajudante-de-Ordens do Exm[9] Sr. General de Divisão, José Alves Magalhães (1957/1958). Com a passagem para a reserva do referido General, foi designado, novamente, para 1º Batalhão de Infantaria Blindado, ainda como capitão (1958/1959).

Prestou concurso e foi nomeado Professor de História do Colégio Militar do Rio de Janeiro (1959/1962), logo depois, promovido, por merecimento, a Major e, em seguida, a Tenente-Coronel.

Em 1963, foi transferido para o Colégio Militar de Salvador, onde seu trabalho como professor o tornou credor do reconhecimento do comando daquela Instituição de Ensino. Através do seu Comandante, Coronel José Marcos Bezerra Cavalcanti, recebe expressivo elogio:

“Tenente Coronel R/1 JARDRO DE ALCANTARA AVELLAR, do Colégio Militar do Rio de Janeiro, posto à disposição do Colégio Militar de Salvador para os anos de 1963 e 1964, demonstrou, durante o corrente ano letivo, possuir o mais alto gabarito profissional, moral e intelectual que se possa reconhecer e desejar de um professor de Magistério do Exército".

Em 1965, regressou ao Colégio Militar do Rio de Janeiro, promovido ao posto de Coronel, onde entre tantos outros elogios, destaca-se o proferido pelo Exm[9] Sr. General Comandante do Colégio Militar do Rio de Janeiro, nos seguintes termos:

"Coronel JARDRO DE ALCANTARA AVELLAR, um nome que dignifica o Magistério Militar em todos os sentidos: chefe de família exemplar, mestre de escola, comunicação fácil e atraente, seus conhecimentos transmitidos bem assimilados, humano, justo, correto disciplinado, assíduo, pontual, prestimoso e leal em toda linha, manteve sempre a História, sua disciplina, em nível de grande projeção no currículo escolar. Participou, com eficiência, de bancas examinadoras em concursos para professores e de alunos. Conferencista muito aplaudido. Memoráveis palestras sobre vultos históricos militares, realizou-se em vários estabelecimentos de Ensino do Estado, onde teve oportunidade de demonstrar seus profundos conhecimentos e de elevar o nome do Colégio Militar do Rio de Janeiro".

Em 1974, recebeu a Medalha Anchieta, de bronze, pelos serviços prestados à Educação, do então Estado da Guanabara.

Em 1968. recebeu a medalha do Pacificador e em 1970 a Medalha Marechal Trompowsky.

Recebeu, em 1975, a Medalha Militar de Ouro, por contar mais de 30 anos de bons serviços prestados ao Exército.

Suas obras são fontes de consulta para aqueles que assumem um compromisso com a nossa História. Entre elas podem ser destacadas :

- **História do Brasil, Estudos Iniciais,** para o 1º e 2º**Graus,** em coautoria com Hélio de Alcantara Avellar, em duas edições 1969 e1970.
- **História do Brasil, resumo e exercícios** (três edições 1984/1989 e 1993).

Programações Audiovisuais:

Para a Comissão de Moral e Civismo do Município do Rio de Janeiro:

- **Projeto Tiradentes,** 1976.
- **Projeto Independência,** 1976.

Para o Instituto Nacional do Cinema:

- **Caxias.**
- **Império Brasileiro: Primeiro e Segundo Reinados. Segurança Nacional.**
- **Condições Atuais do Brasil.**
- **Símbolos Nacionais.**

Avulso:

- **Tamandaré e a Marinha de Guerra do Brasil.**

Escreveu vários artigos na **Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil** e na **Revista Didática do Colégio Militar do Rio de Janeiro**.

Proferiu várias palestras sobre vultos históricos militares, em que se destacou como conferencista de preparo “meticuloso e impecável” nas suas exposições.Pertenceu às seguintes Instituições:

Academia de História Militar Terrestre do Brasil

Academia Brasileira de História.

Instituto de Geografia e História da Bahia.

Instituto Histórico de Petrópolis.

Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Museu de Armas Ferreira da Cunha (Conselheiro).

Liga da Defesa Nacional , núcleo Tijuca (Conselheiro e Benemérito).

Prêmios recebidos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da então Universidade do Estado da Guanabara, como aluno do Curso de História:

- Prêmios José Bonifácio, Jônathas Serrano e João Ribeiro.

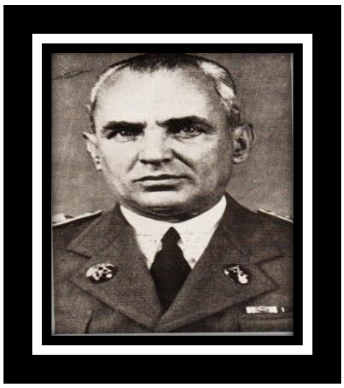
Exerceu o Magistério superior na Associação Universitária Santa Úrsula e Faculdade de Ciências, Letras e História Notre Dame.

Atualmente é Diretor do Colégio Palas, 1º e *2º* Graus.

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil sentiu-seorgulhosa em receber em seu seio o ilustre Professor **JARDRO DE ALCANTARA AVELLAR** entre os seus mais destacados membros.

Fomos recebido pelo Cel Jardro em seu tradicional Colégio Palas para que lá lançássemos nosso livro Caxias e a Unidade Nacional. Muito doente veio do Rio a Resende e nos visitou em nossa residência no Bairro Jardim das Rosas em Itatiaia.E desde o nosso primeiro contato sempre estimulou e prestigiou o nosso trabalho como historiador e presidente da AHIMTB

João Batista Magalhães- Coronel(1887-1966)



Coronel Cav João BatistaMagalhães

Oração de Posse do Acadêmico Cel Art Nilton Freixinho Referência aos Coronéis Cláudio Moreira Bento e Arivaldo Silveira Fontes, respectivamente Presidente e Vice-Presidente da Academia e aos demais integrantes da Colenda Mesa pela acolhida que me proporcionam.

Destaque ao Cel. Bento pelo Convite e realce do seu admirável trabalho em prol da História Militar Brasileira. Distinguido historiador, incansável pesquisador de fatos, vultos do tempo-espaço histórico-militar do Brasil; emprestando contribuição inestimável à historiografia pátria; contribuição realmente notável à Memória da Força Terrestre.

1. Agradecimento à Saudação dos Cadetes.

- Jovens Cadetes que me distinguis com Saudação tão generosa!
- Dupla emoção me assalta neste momento: o fato de estar sendo saudado pela juventude militar, esperança do Brasil da virada do século; e ser Caxias o Patrono deste Sodalício e neste dia comemorar-se a Data Magna do Soldado-Símbolo do Brasil.

2. Ainda nesta introdução, desejaria externar a tríade de sentimentos que me dominam deste momento**:**

- De Saudade, pela recordação de tempos idos, pretéritos, que não voltam mais. A propósito, lembro-me, faz 57 anos, na vetusta Escola Militar do Realengo, em 25 ago. 40, quando recebi o Espadim de Caxias, símbolo da Honra Militar. Lembro- me, e jamais olvidaria, do final da Ordem do Dia do Cel. Cmt.: “(...) Sêde, Cadetes, servos da Soberania e da Integridade pátria, tudo sacrificando, inclusive a própria vida, para sua conservação Integral, Intangível, para os pósteros”. E foi isso que procurei perseguir, em toda minha vida militar: entregar-me ao serviço da Pátria, com absoluta e voluntária devoção, na paz e na guerra, sem nenhuma vacilação; sempre fiel e escravo do Dever, servidão às Instituições e ao Brasil.
- Também relevo o sentimento de Orgulho, por estar neste Templo Castrense, de Caxias, autêntico Templo de Janus, cujas portas se abrem hoje, não para travar uma guerra, como na Roma Antiga, antes para reverenciá-la, meditando sobre o pensamento estratégico militar de Chefes Militares ilustres, como o Cel. J. B. Magalhães, que a estudaram, estudando o Brasil e o problema político-militar de seu tempo.
- Por fim, sentimento de Esperança, pela convicção de que, nas próximas

décadas do século que alvorece, nossa Força Terrestre, nosso Brasil, certamente contará com Chefes Militares, que muitos de vãs então sereis, para Defender a Pátria, a Lei e a Ordem. Defender a Soberania e a Integridade pátria, contra conceitos, ideias e ideologias ofensivas à estatura do Brasil como Estado-Nação independente e autodeterminado. Sobretudo, dissuadindo potências que intentem dificultar o acesso do Brasil ao Centro de Poder mundial e Globalizante, num Mundo que se Planetariza.

Por todas essas razões, sinto profunda emoção estar entre vós, para o cometimento altamente distinguido de tomar posse na Cadeira, cujo Patrono é o Cel. J. B. Magalhães**.**

- Cel João Batista Magalhães, considerado pelo Marechal Castelo Branco como pensador militar, em especial com seus livros:

- **Noções Militares fundamentais** 1945
- **A Compreensão da Unidade Nacional 1956**
- **A Evolução Militar do Brasil**
- **Civilização, Guerra e Chefes Militares**

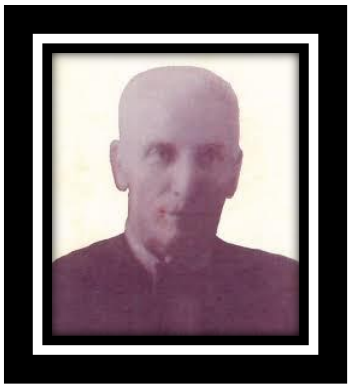
-Publicou na **Revista do Clube Militar**

- **Oração de posse na cadeira** 31, nº 13, 1979, p. 167
- **Quarto Centenário de São Paulo**, nº 19, 1955, p. 219
- **A Cavalaria Brasileira em Monte Caseros** nº 17, 1952, p. 51

Publicou os seguintes artigos na Revista do IHGB

Patrono Um americano de escol. 217:136-148, out/dez. 1952. **Centenário da morte do tenente-coronel Baena** em 26 de maio de 1950. 207:192-206, abr/jun. 1950. **A civilização, a guerra e os chefes militares**. 223:298-424, abr./jun. 1954; 224:3-108, jul/set. 1954; 225:3-119, out/dez. 1954. **Comemoração de Osório**. 216:175-189, jul./set. 1952; 239:292-300, abr./jun. 1958. **A criação da capitania do Rio Negro**. 228:304-323, jul./set. 1955. **A defesa do Rio de Janeiro no século XVHI**. 200:3-32, jul./set. 1948. il. mapas. **Documentação do conselheiro José Antônio Lisboa: financista do Brasil Reino e Brasil Império.** 213:3-132, out/dez. 1951**. Estudo histórico sobre a guerra antiga**. 198:28-246, jan/mar. 1948. il. **Estudo sobre a teoria e a prática da democracia no Brasil**. 234:50-93, jan./mar. 1957. **Estudo sobre as disposições a inserir na nova Constituição relativamente à defesa nacional e às classes armadas**. 201:13-71, out/dez. 1948; 202:156- 233, jan./mar. 1949. **Estudo sobre o comando militar nas democracias.** 234:94-138, jan./mar. 1957. **Estudo sobre o patronato do Exército**. 202:234-251, jul./set. 1949. **Estudo sobre os militares e a política.** 234:139-175, jan./mar. 1957. **Guerra do Paraguai: corrigendas históricas de Rio Branco**. 248:288-294, jul./set. 1960. **A guerra e a América**. 236:24-53, jul./set. 1957. **Henri Raffard**. 212:88-105, jul/set. 1951. **José Antônio Lisboa**. 208:111-185, jul/set. 1950. **Osório e a política**. 188:92-107, jul./set. 1945. **O Pan-americanismo no quadro geral da civilização ocidental.** 199:119- 142, abr/jun. 1948. **Reflexões sobre a história da República até 1945**. 238 O estudamos em Brasil pensadores militares 1831-1990 as p.271-284.

João Borges Fortes-General (1870-1942)



General João Borges Fortes

O destino, essa força imponderável e imprevisível, de causas e efeitos, vem traçando o meu roteiro terrenal, por caminhos ínvios e surpreendentes. Sigo arredando sacrifícios - parece ser esse meu fardo - lutando contra o desigual, vencendo preconceitos e incompreensões, rompendo barreiras e arredando abrolhos que se opõe a meu caminho, para lá adiante, num topo periódico da vida, vivenciar momentos de arrebatadoras emoções.

Por vezes impressionam-me certos atos imprevistos, que me tocam a alma sensível e emotiva, pela satisfação interior que me causam, como a compensação dos dissabores sofridos, para quem se dispôs a luta, perseguindo um ideal de aspiração suprema.

Como hoje, por exemplo, voltando mais uma vez à legendária e lendária "Caserna de Bravos" de nossa inspiração, graças a generosidade de amigos que logo citarei, onde moldei minha formação de soldado e cidadão, para bem servir a sociedade e a pátria, dentro e fora dos quadrados castrense

E quem nos traz aqui nesta ocasião de exaltação intelectual, se não alguém que aqui viveu e forjou seu espírito civil e militar, amando e se doando, como poucos, à sua cidade e ao velho quartel do então 1ª de Artilharia, até etemizá-lo nas páginas cintilantes da história militar brasileira. Foi ele gabrielense de origem e de coração, conterrâneo dos mais ilustres, general João Borges Fortes, Patrono da Cadeira nº 13, da ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL, com sede em Resende, Rio de Janeiro. Coube-me a distinção honrosa de ocupá-la, graças a bondade e fidalguia do nosso dileto amigo e confrade, historiador de renomeado prestígio, Coronel Cláudio Moreira Bento, fundador e Presidente dessa futurosa entidade de cultura literária. Ao agradecê-lo, efusivamente, seu reconhecimento e grato também, ao gesto de nobreza ofertória e amizade deferenciosa, do coronel Carlos José Sampaio Malan, comandante do 6º B.E. e Patrono deste Encontro, um evento de ineditismo cultural e social da nossa Atenas Rio-Grandense.

Eis-me aqui, diante de vós. Tenho os ombros arqueados pelo peso da responsabilidade moral, que me radiografa e revela a minha pequena diante de tamanha grandeza do nosso homenageado, um luminar das letras pátrias. Seu nome é sempre evocado. E suas obras consultadas, pesquisadas, compulsadas, por quantos buscam ampliar seus horizontes de conhecimentos sobre as raízes e a epopeia do bravo povo gaúcho. De mim direi que um dos mais fortes motivos de meu orgulho pessoal, ao transpor os umbrais deste sodalício, é vir ocupar uma cadeira que simboliza, pela sua evocação histórica, a alma imortal e amorável do povo rio-grandense.

Eis porque atrevo-me a dissertar sobre a figura e obra do insigne gabrielense e patriota modelar, ornamento de virtudes excelsas, que foi João

Borges Fortes, historiador de glorificação eternizada. Pois foi aqui em São Gabriel, rincão de tradições e legendas - Terra dos Marechais - e também de um “Marechal de Letras” na pessoa de Alcides Maya, segundo o conceitua o historiador Arthur Ferreira Filho, que nasceu João Borges Fortes, a 2 de maio de 1872. Sendo seus pais, o advogado e magistrado João Borges Pereira da Silva Fortes, e dona Cecília Ofélia Abbott. Ela filha do Dr. Jonathas Abbott Filho, natural da Bahia, major médico neste vetusto aquartelamento; e de dona Zeferina Barbosa de tradicional família gabrielense, irmã, portanto do Dr. Fernando Abbot, de reconhecida proficiência médica. Descendiam os Borges fortes dos chamados “Troncos Seculares” dos quais originou-se a histórica família rio-grandense, que produziu tantos e intemeratos patriotas defensores das nossa fronteiras do Sul, a partir de 1730. “O General João Borges Fortes - escreveu Walter Spalding - não fugiu à tradição da família e se fez soldado, com seu irmão mais velho e mais moço, para começar a vida.

Iniciou seus estudos aqui mesmo em São Gabriel. Mais tarde ingressou na Escola militar de Porto Alegre, bacharelando-se em ciências pelo Regulamento de 1880. Seguiu o Curso de Engenharia, formando-se engenheiro militar em 1899.

Em março de 1892, como alferes-aluno, foi incorporado no 1º Regimento de Artilharia de Campanha, aqui em São Gabriel. No ano de 1893, participava da Revolução Federalista, juntamente com seu irmão mais velho, Jonathas Borges Filho, que também chegou a general. Ambos participaram dessa campanha fratricida, ao lado das tropas legalistas de Júlio de Castilhos, como discípulo positivista de Augusto Comte. Tomou parte nos combates de 6 e 7 de novembro frente aos participantes da revolta contra o Governo de Floriano Peixoto, em Porto Alegre.

Foi um dos oficiais mais brilhantes do Exército Brasileiro. Dotado de uma inteligência culta, soube com dedicação e perseverança, converter-se numa figura de projeção expoente, a par das suas qualidades de vocação profissional. Por ser um predestinado ao dever, tal sua dedicação exemplar, foram-lhe confiadas honrosas missões no Exército, destacando-se sobre as demais, a missão que o levou aos Estados Unidos, a 17 de agosto de 1917, encarregada da compra de armamentos. Lá permanecendo 18 meses.

No ano de 1924, envolvidos pelos movimentos revolucionários que grassavam no país, reformou-se do serviço ativo do exército, no posto de general, com mais de 40 anos de serviços prestados ao Exército e a Pátria. Seu último comandante, no Estado Maior do Exército, general Tasso Fragoso, em sua despedida, assim se expressou em Boletim: “Esse distinto oficial que tanto honrou o Exército, estava chamado pelas suas qualidade, a ocupar posições elevadas, sem outro auxílio, senão seus próprios méritos.

Perdeu o Exército um soldado de valor inquestionável, mas ganhou as letras e a historiografia brasileira, uma forma de sedimentar na perpetuação, todo aquele que se eleva do comum dos homens.

Passo agora, a ocupar-me, então somente do literato, de onde vertem suas criações literárias, quase todas do gênero histórico, vastas e prenhes de um idealismo, telúrico, dos mais edificantes na elucidação dos fatos. Seu cenário foi o Rio Grande antigo, no qual se afunda prescrutando os acontecimentos, recolhendo documentos, interpretando-os à luz de um rigoroso critério na cata da verdade, que às vezes as esconde, por trás de velhosdocumentos perdidos no fundo mofado de desprezível baú avoengo. Narra em livro, o general Mário Rego Monteiro,

“ Que o general Borges Fortes, “desde moço sempre demonstrou inclinação

pela história da sua terra natal, tomando-o após sua passagem para a reserva do exército, um dos maiores historiadores rio- grandenses".

Da sua substanciosa produção literária, citaremos, apenas, algumas das suas principais obras. - seu trabalho de estreia - “O Tupi na Coreografia do Rio Grande” foi publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, no ano de 1930. “Troncos Seculares”, livro, em 1931, estuda as origens etimológicas do povo gaúcho. “A Frota de João Magalhães”, descreve a penetração do lagunista nas terras abruptas do Rio Grande, iniciando seu povoamento. “Casais”, 1932, a primeira obra que se publicou sobre os casais açoristas que povoaram o Rio Grande do Sul. “Francisco Pinto Bandeira”, 1938, ensaio biográfico de um dos pioneiro do heroísmo fronteiriço rio-grandense. “ O Rio Grande de São Pedro”, 1941, na apreciação dos críticos, aos quais nos somamos, esta é uma obra prima da literatura e da historiografia do Rio Grande. Seu conteúdo rico de dissertação, traz-nos a evocação estoica e a belicosidade do gaúcho de antanho, com cheiro de campo bravio, fragrância de amor às coisa sagradas do pago. “**Brigadeiro José da Silva Pais e a Fundação do Rio Grande**”, 1933 - **Cristóvão Pereira de Abreu,** 1931. “**Velhos Caminhos do Rio Grande do Sul”,** 1938 - **Tratado de 1750,Gomes Freire, o General**, 1941. **Povoamento inicial do Rio Grande do Sul**, **Francisco Pinto Bandeira** Estes separatas da **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.**E mais **Rio Grande de São Pedro,** pela **BIBLIEx** em 1941 e **Velhos Caminhos** pela **ATCHC(**Anais do 3º Congresso de História Nacional**)**

Todavia, da sua numerosa bagagem literária, sobressai-se para nosso gosto, a **"Estancia”** uma síntese vigorosa de essência evocativa de exaltação a alma rio-grandense. **“Estância”,** é um discurso memorável, pronunciado quando João Borges Fortes, tomou posse no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, em 22 de outubro de 1931.

Continuar rememorando os títulos da sua produção literária, seria por demais extenso e não cabe para tempo tão exíguo exigido para este tema de resumo biográfico.Como frisamos antes, foi como alferes-aluno que Borges Fortes incorporou em março de 1892, no 1º Regimento de Artilharia, no velho Quartel de São Gabriel. Vivia o Rio Grande uma fase de instabilidade política pela turbulência partidária, disputando poderes. Nesse mesmo mês o 1º de Artilharia, sob o comando do coronel Jorge Santiago, mais tarde general, comandante da 3ª Região Militar, deixou sua sede e marchou para uma grande manobra que se realizava em Saicã. Essas manobras militares, Borges Fortes as qualificou como “Fracasso formidável”.O inverno foi tenebroso naquele ano e o 1º Regimento perdeu toda sua cavalhada, morta de frio e fome. Ao citá-lo, escreveu: “Nessa hecatombe desapareceram os muares da artilharia”.

A situação para aquelas tropas acampadas nos descampados ermos das coxilhas nuas de Saicã, foi das mais calamitosas. Por fim chegou a ordem de regresso aos quartéis. Borges Fortes ao relatar o que foi aquele episódio, escreveu com comiseração, sem deixar de dar um ar de tragicomicidade: “O 1º Regimento teve de recolher aos seus amigos de São Gabriel. Não tinha meios de se locomover. Assim numa lindíssima tarde de agosto o velho regimento, entrava alegremente em São Gabriel, com sua bandeira enrolada no fundo de uma carreta, sem seu comandante à frente, com seus 24 canhões Krupp, 75 mm, puxados a bois, que os soldados iam conduzindo aos brados... Eta boi velho...Eta Pitanga...Toca Ramalhete...”

O general João Borges Fortes já em avançada idade, quando escreveu o “Regimento Mallet” complementando o trabalho do então
Capitão, José Faustino Filho, publicado em 1932, o faz com expansão sentimental, saudoso de São Gabriel. Diz Inicialmente:

"Reavivar na minha memória que a velhice vai enfraquecendo, a terra querida do meu berço, aquele glorioso regimento – o 1º de Artilharia, o Heróico. Que Soberbo Regimento! A minha infância! A minha terra, o nosso Regimento! Quanta Saudade."

Na velhice a saudade tem o sabor da melancolia. Foi aqui neste quartel que ele se preparou para o exame de admissão, organizado pelo incomparável Coronel Filinto Gomes de Araújo, um gentleman que viveu em São Gabriel, preocupados com os moços civis, pobres, e com os sargentos que desejavam prosseguir na carreira militar. Borges Fortes referindo-se a essa Figura emplicante do seu tempo afirma:

"Foi com Felinto o período áureo da vida do tradicional regimento". E expressa-se com uma carinhosa gratidão ao inolvidável chefe, assim recordando: “Fui um dos moços que aqui aprendeu com grande proveito.”

Com o fim da revolução federalista, em 23 de agosto de 1891 o 1º Regimento de Artilharia que se achava em Porto Alegre, desdedezembro de 1893, pode regressar a sua sede. Ao chegar o Heróico “Boi de Botas” a macróbia "Caserna de Bravos" deparou com um quadro deplorável de estragos por toda parte. O então tenente João Borges:

"O quartel estava completamente danificado. Os seus assoalhos tinham servidos para lenha, como as portas e janelas. Um dos parques desabara; era um montão de ruínas, um miserável albergue, não havia alojamentos de soldados da Unidade do Exército, que vinha de cumprir seus deveres na luta do Regimento de honrosas tradições".

“Tudo o que lá ficara estava perdido. Mas a maior perda, inestimável, irremediável, foi a do precioso arquivo da velha corporação. Um incêndio na secretaria o destruíra" -Ouvimos de antigos que foi posto fogo de propósito por elementos a serviço do vandalismo. Essa perda do arquivo do 1º Regimento de Artilharia, será lamentada perenemente pelos Historiadores militares que estudam a História da Artilharia do Exército Brasileiro; pois com ela perdeu-se a memória do Regimento nas guerras do Uruguai, Argentina e Paraguai.

No ano de 1907, Borges Fortes já capitão, ao fazer a apologia do general Antônio Adolpho da Fontoura Menna Barreto, mais tarde Ministro da guerra, no governo do Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, Gabrielense, que comandava a 3ª Brigada de Infantaria, aqui sediada no antigo quartel (hoje 13ª Companhia de Comunicação) relata ele o estado precário em que se encontra o quartel e o regimento, quase em ruína moral e material “O regimento não tinha arreamento de tração e não se podia locomover. Pobre e paralítico, amadorado. Mas o General Menna Barreto com seu Prestígio arrancou ele as verbas magras de orçamentos que lhe permitiam ir pondo paradeiro a ruína material do quartel”. Mas adiante asseverou: “ainda um grande serviço prestado pelo general Menna Barreto a guarnição de São Gabriel e a instrução do Exército, foi mandar construir uma linha de tiro no campo de Invernada da Artilharia (Hoje 9ª RCB), própria para

o exercício daquela arma, como armas portáteis. Fui incumbido de realizar essa construção, e em 15 de novembro de 1907, era inaugurada a linha de tiro “General Menna Barreto” Adiante finaliza:

“ A linha de tiro ruirá. O nome de Menna Barreto ficará sempre de pé.Sim. Ficará sempre de pé, porque junto ao General havia um Historiador que registrou em livro, para posteridade, esses acontecimentos, vividos neste quartel e acontecidos nesta cidade. “

“Costumo dizer que o Historiador é o “Tabelião dos Tempos. Infeliz da cidade que não tem Historiador, nasce e morre em cada geração, sofrendo de amnésia crônica sem memória. Estufa na lembrança perdida do tempo.Coincidência Histórica ou não, mas aconteceu. O vaticínio do General João Borges Evandro Rodrigues Soares, comandante do 9^{9} RCB e guarnição, inaugurava na mesma invemada, a “Pista de Combate Marechal João Propício Menna Barreto” . O nome de Menna Barreto estava de pé. E quis também o destino que lá estivesse um historiador para registrar o fato, que hoje narramos, uma distinção honrosa do cel Soares que somos para sempre gratos.”

O campo de instrução da artilharia de 1907, há anos tentamos localizá-lo.

Em vão. Nem vestígios. As constantes arações do terreno, por certo obliteraram-no para sempre. Mas ele existe. Está transcrito em livros.Mas um dos momentos mais comoventes da vida militar do General João Borges Fortes, sofrido por ele constante da história do Regimento Mallet, foi quando a extinção do 1^{9} Regimento de Artilharia de campanha, substituído pelo 4 ^{9} Regimento de Artilharia Montada, depois 5^{S} RAM. Comandava o resto do efetivo do legendário regimento. É uma página de tocante e dolorosa emoção. Isto aconteceu no dia 10 de março de 1909. Com a alma em prantos e o coração dilacerado por tão angustiante decisão, escreveu ele aquele momento vivido, num local qualquer do interior deste quartel.

“Estava prescrito o caso do heróico 1^{s} Regimento, o regimento da Artilharia Revolver de Mallet, o regimento de Filinto.

"As ironias do destino! foi a mim que a sorte reservou a tarefa tristíssima de escrever a última ordem do dia do meu regimento. A mim, que tinha por aquela unidade o amor extremoso de um filho dedicado. Era um dever ... penoso, porém, que teria de ser cumprido."E foi derramando lágrimas de dor, lágrimas de sangue, brotadas do fundo do meu coração, que tive de escrever aquela ordem do dia, a derradeira, que ainda úmida e quente foi em formatura geral de oficiais e praças. Todos eles, presos da mesma angústia, chorando de emoção e tristeza...”**O 1º Regimento...”**

João Borges Fortes amou sua São Gabriel, como todo bom filho ama sua terra natal. No documento anexo, escrito do próprio punho, revela-se o vínculo afetivo e vigoroso, aprofundando nas raízes do solo sagrado da terra Gabrielense. Propõe a intendência (prefeitura) a compra de um terreno por 500 mil réis, que havia por sobra do lote que desmarcara, na face norte da "Praça da Artilharia" assim chamada de frente do atual quartel do 6^{e} BE até a rua Cel Tristão Pinto. A data é de 02 de Janeiro de 1908.

No ano de 1937, como se vê deste outro documento (anexo) assinado pelo

General Jonathas Borges Fortes, seu irmão mais velho, ainda possuía em São Gabriel. À rua Laurindo Lopes Nunes, um prédio de 1863, e que vem provar tão sólido continuava o elo carinhoso e sentimental que a unia a sua amada São Gabriel. Já estava viúvo da esposa, Maria Manoela Ferraz Borges Fortes, sua prima, falecida no Rio de Janeiro, a 19 de novembro de 1934.

Do casal ficaram 09 filhos, entre eles o General Breno Borges Fortes do antigo 3º Exército, hoje Comandante Militar do Sul. O general João Borges Fortes em família tinha o apelido de Jango, o "tio Jango " como o chama o general Mário Rego Monteiro.

Em São Gabriel continua existindo, como nos áureos tempos, um marco da sua estética arquitetônica, no soberbo edifício do Clube da União Caixeiral. Como engenheiro traçou a planta e dirigiu a construção desse portentoso prédio, um dos mais nobres e mais tradicional da fisionomia urbana da nossa cidade. Há também uma Escola Municipal, hoje desativada, sito à Avenida Antônio Mercado, na Vila três de Outubro, ostentando numa das paredes laterais o inconfundível nome do General João Borges Fortes, Patrono daquele Educandário.

Mas oque caracterizou a individualidade do general Borges Fortes, engenheiro, historiador, genealogista, escritor e conferencista, foi a naturalidade do sul feitio, eminentemente rio-grandense, inspirado no amor a coxilhama verdejante das plagas gaúchas e na belicosidade do filho heróico dos pampas. Disse com acerto o historiador Arthur Ferreira Filho, no traçar e seu perfil de literato e soldado; "General das Armas e das Letras. Em ambos os campos brilhou, porque neles as vocações das letras e das armas se encontravam provindas de origens idênticas.

Na saudação que lhe fez os historiador Aurélio Porto, um dos mais citados historiadores do Rio Grande do Sul, ao ser recebido no Instituto Histórico e Geográfico do RGS, a 22 de outubro de 1931, foi preciso, quando analisando sua obra, disse a certa altura:

"João Borges Fortes trabalha pelo Rio Grande, encastelando numa torre de saudade. A sua história não pode ser o frio relato que os velhos papéis, carcomidos pelas traças, nos fazem dos tempos idos. Ela vibra, ela encanta. Tem a quentura suavíssima de um carinho, os requintes de um amor filial. A sua palavra é útil, o seu conceito pesa. Pensador e historiográfico, soldado e gaúcho, é em todas essas modalidades um general de verdade."

E o escritor Gabriel Menna Barreto, em artigo do **Correio de Povo** de 12 de Janeiro de 1972, referindo ao centenário de nascimento de Borges Fortes, o eleva no seu conceito, dizendo inicialmente:

"Entre as figuras exponenciais da nossa literatura histórica, destaca-se o general João Borges Fortes. Tive a grata satisfação de visitá-lo e consultá-lo muitas vezes a propósito de assuntos históricos. Tive pelo saudoso mestre uma simpatia de admiração intelectual".

O historiador Borges Fortes, manteve uma correspondência assídua com o célebre historiador Walter Spalding, um dos seus biógrafos e amigo íntimo, casado com uma sua sobrinha, Ainda, filha de seu irmão Jonathas. Já muito alquebrado pela doença que o acometera de forma insidiosa e pertinaz, mas confiante da sua predestinação de "tabelião dos tempos", dirigira ao amigo sua última correspondência, datada de 18 de março de 1942. Ultimando-a com esta palavras, as derradeiras, impregnadas de altivez e determinação:

"Agüento-me de pé, não sucumbi aos golpes da enfermidade e agora estou outra vez na estacada, pensando, vivendo e trabalhando sempre pelo Rio Grande."

Era o fim. A 13 de setembro daquele ano de 1942, falecia no Rio de Janeiro, aquele que Arthur Ferreira Filho, o tinha como "uma das mais altas expressões da inteligência rio-grandense".

Furando os decênios, João Borges Fortes, continua imune ao pó esfumante do tempo. Venceu o silêncio da morte e penetrou a imortalidade, laureado pelos desígnios dos predestinados a unir a épocas e tomá-la redivivas em cada geração que se sucede. Mais forte e duradouro que o bronze dos monumentos alterosos, que às vezes, os destrói a sanha dos encenoclastas, os bons livros como os do nosso homenageado, são peregrinos de difusão de ideias e de fatos, falando a voz do autor eternizado no conhecimento, um legado imperecível da cultura histórica do seu povo.

O homem físico fenece. Mas o homem-fonte, síntese do talento e inteligência sábia, que se exprime em obras, permanece. O general João Borges Fortes, figura idealista na fulguração dos tempos, emerge dos seus contemporâneos, para estar conosco neste momento. Como ontem, como hoje e sempre, permanece. Muito obrigado. (Em 21/ 03/1997).

João Carlos do Amarante– General(...../.....)

General de DivisãoJoão Carlos do Amarante

Doutor em "Aeronautics and Astronautics"(Stanford University,1979), Mestre em Engenharia Mecânica (Stanford University), Mestre em Engenharia Química (Coppe-UFRJ,1974), Bacharel em Engenharia Química pelo Instituto Militar de Engenharia (IME, 1971). General de Divisão da Reserva do Exército.Tem experiência na área de Engenharia Aeroespacial, com ênfase em Aerodinâmica e Propulsão de Foguetes. Foi Diretor do Parque Regional de Manutenção da 1ª Região Militar e do Arsenal de Guerra do Rio. Foi Comandante e Reitor do IME, Presidente da Indústria de Material Bélico do Brasil (IMBEL), Diretor de Fabricação e Recuperação do Exército, assessor do Ministério da Defesa para Assuntos da Indústria de Defesa, Ciência e Tecnologia.Atuava na área de Defesa como professor e pesquisador nos programas de pesquisa e pós-graduação do Instituto Meira Mattos da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) e Professor Visitante no Instituto de Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense. É pesquisador bolsista do Programa de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) do Instituto de Pesquisas

Econômicas Aplicadas (IPEA). Em 2012, lhe foi conferido o título de Professor Emérito da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME).

EBlog: O Sr. integrava o Conselho Consultivo do IMM. Como foi sua participação no processo de criação deste Instituto?

Gen Amarante:O processo de criação do Instituto Meira Mattos foi conduzido pela ECEME de maneira formal e irretocável. Por ser um palestrante de longa data da ECEME, a aproximação comigo ocorreu em duas fases. Resultou, inicialmente, de um convite do então comandante da Escola, o Gen Sérgio, para sermos apresentados ao Instituto, seus objetivos e seu modo de funcionar. No final da visita, houve uma conversa explorando a capacidade do Instituto de ser o elemento de ligação entre a pós-graduação em ciências militares e a pós-graduaçãoem ciências"civis".

A segunda fase foi um processo interno na Escola que levou ao convite formal e irrecusável de integrar o Conselho Consultivo do IMM e ser professor emérito e permanente no quadro do Instituto.

EBlog: Como o IMM pode ajudar o Exército a transpor os desafios da Era do Conhecimento?

Gen Amarante:"A evolução dos meios de guerra desde a antiguidade até a modernidade implica em uma enorme complexidade tecnológica, que pode ser classificada por três funções tecnológicas básicas do combate: o sensoriamento (S), o processamento (P) e a atuação(A) .

A guerra na Antiguidade era tão somente o resultado do choque de atuadores, enquanto a guerra na modernidade é um conflito generalizado, que tende a explorar, de maneira automatizada, o ciclo SPA, sinalizando para o futuro a guerra de sistemas. Em consequência, na modernidade, o militar lida com um volume de conhecimentos imensamente maior do que na antiguidade.

Por essa razão, o Exército como um todo deve se aproximar, mergulhar e aprender a ciência e tecnologia militar. É impositivo e mandatório. O IMM se constitui em importante ferramenta para proporcionar a alunos militares e civis o conhecimento tecnológico militar.

EBlog: O Sr. acredita que o curso de mestrado acadêmico conduzido pelo IMM pode estreitar a ligação entre as linhas bélica e científico-tecnológica do ensino do EB?

Gen Amarante:" Sem sombra de dúvida. Poderíamos estabelecer áreas de concentração, comuns ou complementares, aglutinando professores de programas distintos e voltados para assuntos da Defesa. O objetivo seria a integração das várias linhas de pesquisa de maneira que as questões de Defesa e científico-tecnológicas, ou duais, pudessem ser tratadas de forma sintética e com facetas multi e interdisciplinares."

EBlog: A dualidade tecnológica civil-militar pode influenciar no desenvolvimento da Base Industrial de Defesa (BID)?

Gen Amarante:"A Base Industrial de Defesa necessita comercializar seus produtos e a dualidade amplia a gama de mercadorias que empregam a tecnologia dual civil-militar. Além disso, a venda de produtos militares é sazonal,

isto é, não existe a figura de venda mensal nem de produto de prateleira. Existe sim a venda por encomenda, que implica na ocorrência de períodos de atividade febril intercalados por fases de estagnação produtiva. Em consequência, a dualidade também ajuda a reduzir o tempo de ociosidade produtiva."

EBlog: De que forma os Projetos Estratégicos do Exército podem promover o desenvolvimento da indústria de defesa nacional?

Gen Amarante:"O sucesso atingido pelos Programas SIVAM/SIPAM da Aeronáutica bem demonstra o efeito colateral e indutor provocados por programas estratégicos cumprindo dois objetivos. Primeiro, é uma ação dissuasória pela ampliação da capacidade nacional e, segundo,o Brasil aprende a especificar e produzir sistemas, com o ciclo SPA integrado, trabalhando em cenários mais do que prováveis da guerra do futuro."

EBlog: Em sua avaliação, o Livro Branco de Defesa Nacional (LBDN) tem efetivamente influenciado a evolução do pensamento de defesa no Brasil?

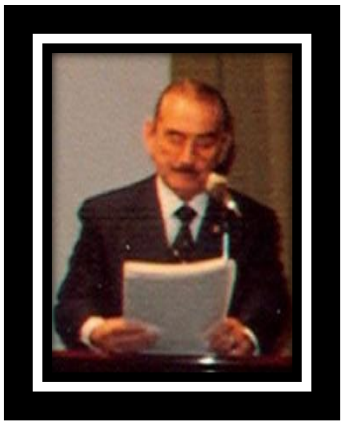
Gen Amarante:" Novamente, sem sombra de dúvida. O LBDN apresenta propriedades conflitantes. Por um lado, proporcionou aos outros países conhecimentos que poderiam permanecer inatingíveis, ou melhor poderiam continuar secretos. Por outro lado, forneceu à sociedade brasileira meios de participar em atividades de defesa, convencendo-a que a defesa é responsabilidade de todos os habitantes do Brasil – civis e militares."

Nota Defesa Net:

O Gen R/1 (Dr.) José Carlos Albano do Amarante, integrante do Conselho Consultivo do Instituto Meira Mattos (IMM) e antigo comandante do Instituto Militar de Engenharia (IME) é autor do livro "**O voo da humanidade**", BIBLIEx, Rio de Janeiro, RJ (2009).Resumo: O livro aborda a estreita relação entre ciência e tecnologia (C&T) que havia se tornado evidente durante o século XIX, consolidou-se no século passado. Tornou-se clara a importância do binômio C&T para o continuo progresso da humanidade, fazendo com que passasse a constar das prioridades políticas e estratégicas de praticamente todos os países.Para ilustrar a evolução da humanidade, Amarante expõe, cronologicamente, cento e uma inovações tecnológicas que modificaram substancialmente as condições da vida no planeta. Estas, apresentadas e analisadas de maneira original, vão do domínio do fogo às perspectivas recentes abertas para a medicina pelo conhecimento científico a respeito das células tronco.Amarante ainda apresenta intrigantes reflexões prospectivas e antevê que, no futuro próximo, o voo, nas asas da ciência e da tecnologia, levará a humanidade ao desafio da aventura espacial, sem descuidar da responsabilidade pela preservação das condições aprazíveis e acolhedoras de habitabilidade da Terra.Estante virtual-> http://www.estantevirtual.com.br/qau/jose-carlos-amarante

O autor presidindo a Comissão de História da Revista **A Defesa Nacional** , quanto chefe da BIBLIEX o saudoso Coronel Aldilio Sarmento Xavier e nesta Comissão tivemos como um dos seus colaboradores o então Coronel João Carlos do Amarante.

Joaquim Victorino PortellaFerreira Alves- Coronel (1916-2010)



Cel Art J.V Portella Ferreira Alves

Veterano da FEB

Nasceu no Rio de Janeiro, na Avenida Rio Branco, em 1916.Filhode Stela e de Alpheu Portella Ferreira Alves,inteligente, de temperamento expansivo, trato agradável, amigo solícito e um dos mais categorizados escritores militares. «Escreveu 05 livros, dos quais 03 de interesse permanente:

"Seis Séculos de Artilharia" de 296 páginas, no qual historia o nascimento dosanhões com a finalidade atingida de destruir as muralhas dos castelos, o que contribuiu para o fim da Idade Média. Estudou o desenvolvimento desta arma imprescindível às ações da Cavalaria e da Infantaria na ofensiva, na defensiva e nas retiradas. E finalmente prevê suas necessidades face ao surgimento da Aviação, dos Mísseis e da energia nuclear para fins bélicos. Esse livro foi premiado pela Biblioteca do Exército em 1957.**- "Os Blindados Através dos Séculos"** no qual estuda os mais antigos engenhos fabricados pelos homens para atacar e vencer o inimigo, e sua presença como fator predominante dos combates e batalhas da II Guerra Mundial. Contém 477páginas de leitura agradável e instrutiva.**"Mallet - O Patrono da Artilharia"**foi seu último livro publicado no ano de 1979, e possuía 296 páginas de pesquisa do passado no passado histórico e na distância geográfica que atravessa o Oceano para vasculhar os arquivos Franceses. Não se limitou a vida do grande Chefe Militar. Estudou também o ambiente político-militar sul-americano do século XIX onde Mallet foi personagem marcante.Nascido na França de uma nobre família que emigrou para evitar a perseguição Napoleônica, atingiu por seus méritos militares o supremo posto do Exército Brasileiro, o de Marechal e o título de Barão de Itapeví. Um de seus filhos exerceu a alta função de Ministro de Guerra e deu início à Reforma Militar ao criar o Estado –Maior do Exército e a Fábrica de Pólvora em Piquete –SP livrando o Brasil da servidão de importar pólvora para o Exército e Marinha – Joaquim Victorinofez com destaque todos os cursos do Exército, inclusive a Escola Superior de Guerra no âmbito do Estado Maior das Forças Armadas. Participou da II Guerra Mundial como voluntário e esteve em campanha do primeiro ao último dia de luta.Viajou para a Itália no 1º escalão da FEB e somente voltou ao Brasil após o término daGuerra. Exerceu a função de oficial de ligação da Artilharia Divisionária junto aos topos de Artilharia por ela comandados, falando corretamente o idioma inglês fez a ligação entre nossa

Artilharia com Artilhari**as** aliadas, Americanas, Inglesas e Sul Africanas.Na qualidade de poliglota, exerceu após a guerra, a ligação entre o Estado-Maior do Exército com Adidos Militares e Oficiais Estrangeiros, e de Assessor da Comissão Militar Mista Brasil-EUA. Cursou a Escola Superior de Guerra e, depois, face a excelência da **impressão que** deixou como Estagiário foi convidado para membro do Corpo Permanente **da ESG** e designado para chefia da Divisão de Assuntos Econômicos. Na Reserva ingressou na atividade civil como: - Diretor Superior do Consórcio Nacional de Cinema, e - Delegado Brasileiro junto a FederaçãoMundial dos antigos Combatentes, com sede em Paris. Tendoatingido a idade limite de convocação, foi reformado ex-ofício. Mas, dinâmico, fisicamentesaudável e mentalmente lúcido, continuou um palestrante e conferencista disputado pela cultura nacional. Não se conformou com ochamado ócio com dignidade. Diretor-Presidente da Editora Letras emMarcha, responsável pelo Jornal do mesmo nome, de circulação restrita aos quartéis das Três Forças Armadas;

- Membro da Seção Brasileira do Comitê de História da II Guerra Mundial com sede na França;
- Vice-Presidente do Conselho Nacional da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil**;** 2º Vice Presidente do Instituto de Geografia e Historia Militar do Brasil. Ostentou emseu peito 18 condecorações, sendo 06 estrangeiras;

Medalhas brasileiras: Cruz de Combate da 2ª Classe; Medalha da Campanhada Itália; Medalha de Guerra; Cruz da Aviação da FAB, fita “A”; Medalha da Campanha da FAB; Ordem de Mérito Militar (Comendador); Ordem de Mérito Naval (Oficial); Ordem de Rio Branco (Oficial); Medalha Militar de Ouro (30 Anos); Medalha do Pacificador; Medalha Marechal Mascarenhas de Moraes;eMedalha do Ex- Combatente da Polônia Livre.

Medalhas estrangeiras: Bronze Star Medal dos EUA;The Legion of Merit dos EUA;Croce al Valor Militare da Itália;Ordem do Mérito Militar do Paraguai; Ordem do Santo Humberto da Itália; e Ordem do Mérito Militar de Portugal**. Foi sócio de8 instituições culturais: Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra;Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Instituto de Geografia e História Militar do Brasil; Instituto de Geografia e História do Estado do Rio de Janeiro; Instituto de Geografia e História do Estado de São Paulo e Instituto Geográfico, Histórico e Etimológico do Ceará. Pertenceu ao Conselho Nacional da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil e Ordem dos Velhos Jornalistas**.

Eles e seus três irmãos tiveram atuação cultural destacada, em especial o seu dinâmico irmão Neomil foi consagrado como Patrono de cadeira na Academia de História Militar Terrestre do Brasil -AHIMTB e em especial na dinâmica e criativa direção do Jornal **Letras em Marcha** onde este autor escreveu 48 artigos cuja relação mantém registro. O Cel Joaquim Victorino residia no Rio de Janeiro, na Avenida Atlântica, em apartamento**,** com bela vista para o mar. Desfrutava de nível financeiro superior àmédiadosmilitares, em cujo meio possui inúmeros amigos e admiradores, dentro os quais me incluo. Ele inaugurou a cadeira nº 6, Barão do Rio Branco, da Academia de História Militar Terrestredo Brasil.

Jonathas da Costa Rego Monteiro – Coronel (1869-1939)

Coronel Eng Jonathas da Costa Rego Monteiro

Nasceu Rego Monteiro na cidade de São Gabriel, RS, a 21 de junho de 1869. Era filho do Major Joaquim da Costa Rego Monteiro e Eulália Fernandes Barbosa, de tradicional família gabrielense.

No ano de 1883 matriculou-se no Colégio Naval do Rio de Janeiro, tendo logo de deixar a Marinha por dificuldades financeiras, devido a morte do pai, em Manaus. A 22 de março de 1886, assentou praça na Escola Militar da Praia Vermelha, sendo promovido a aspirante no ano de 1891, quando foi classificado no 1º Regimento de Artilharia de Campanha, com sede em São Gabriel, sua terra natal.

Não demorou muito e passou a servir na Arma de Engenharia, onde o destino lhe reserva grandes tarefas e exaustivas missões de caráter determinante.

Teve atuação destacada durante a Revolução Federalista de 1893, tomando parte nos combatesda Serra da Taquara, em 07 de fevereiro de 1894, e no da Picada da Forquilha, a 17 de junho do mesmo ano.

No ano de 1897 estava matriculado no curso de Engenharia da Escola Superior de Guerra, no Rio de Janeiro, tendo se formado em 1899. No ano de 1901 servia no 2ºBatalhão de Engenharia, que estava encarregado da construção da estrada de ferro Cacequi-Inhanduí. No ano seguinte, como capitão, participou da inauguração do trecho que estava incumbido, unindo Porto Alegre-Uruguaiana, quando foi elogiado pela inteligência e elevada capacidade profissional, demostrada como oficial encarregado da construção do referido trecho ferroviário.

A estrada de ferro haveria de ser o roteiro maior da sua existência de construtor do progresso do Rio Grande do Sul e do Brasil. Como engenheiro militar, teve o seu encargo a construção da linha ferroviária de Cruz Alta, Ijuí, Itaqui, São Borja e Colônia Jaguari, um dos mais acidentados trechos, exigindo apurados conhecimento técnicos para atravessar essa região com vários cursos de água, numa época invernosa, que lhe requer muita dedicação, competência e determinismo inexcedível.

A 19 de setembro de 1911, já no posto de major, viu entregar ao tráfego o trecho da estrada de ferro Cruz Alta-Ijuí, recebendo do seu comandante um vasto elogio, onde não faltaram encômios de exaltação aos seus méritos e as suas altas qualidades comprovadas na ação e no trabalho realizado.

O trabalho de Rego Monteiro foi longo e operoso, participando, projetando, dirigindo e comandando várias obras de relevo, que enaltecem com honrosas distinções a Engenharia Militar do nosso Exército. Foi chefe da Comissão de Obras Fortificações da Barra de Paranaguá.

No ano de 1918 foi promovido por merecimento, ao posto de tenente-

coronel, sendo nomeado chefe da Comissão da Construção do Campo de Instrução Militar de Gericinó. Em 1921 assumiu o comando do 1º Batalhão de Engenharia, com a incumbência de construir o ramal ferroviário ligando a Vila Militar ao Campo dos Afonsos, em Marechal Hermes.

Promovido ao posto de coronel, por merecimento, nesse mesmo ano, continuou desempenhando importantes funções a serviço do Exército e do País. Em 1925 foi nomeado, em caráter permanente, representante do Ministério da Guerra no Congresso de Estradas de Rodagem, onde se salientou nos estudos das obras do Forte de Copacabana, Fábrica de Trotil, Fábrica de Pólvora, em Piquete, e outras realizações, cuja atuação e capacidade técnica, marcaram indelevelmente o seu trabalho e sua memória, pela concretização de obras que se cristalizaram no tempo e no espaço.

A 27 de junho de 1929, ao atingir a idade limite e com mais de 45 anos de serviços prestados ao Exército e à nação, reformou-se. No ano de 1936, com a criação do Arquivo do Exército, foi nomeado, por Ato do Ministro do Exército, seu primeiro Diretor. Na aposentadoria, uma obra extraordinária, grande e nobre estava-lhe reservada. Antes construíra na terra, agora iria construir livros, fazer História. E como é difícil fazer História. Não obstante ser um trabalho consistente e indeformável. Passou a pesquisar de interesse permanente que, até hoje, são fontes maravilhosas de consultas obrigatórias e inesgotáveis.

Entre tantas de suas publicações, destacamos: **"Dominação Espanhola no Rio Grande do Sul",** 1935. **"A Colônia do Sacramento",** em dois volumes, 1937. Obra por si só fala do seu alto valor histórico. **"Unidades do Exército Brasileiro",** 1939. Trabalho inédito, até então. Escreveu ainda várias obras técnicas e trabalhos vários, que mereceram publicações em revistas e jornais, com larga repercussão, alguns reeditados.

O coronel Jonathas da Costa Rego Monteiro, pesquisador, escritor, historiador e engenheiro militar, faleceu no Rio de Janeiro, a 16 de junho de 1939, com 70 anos de idade. Mas na sua obra ele vive e permanece.

(Dados extraídos do livro **"Descendência de Dionysio Rodrigues Mendes"** de autoria de seu filho, general Mario Rego Monteiro, sobre a descendência dos Fernandes Barbosa, que se entrelaça com outras famílias tradicionais do Rio Grande do Sul, como Rodrigues, Abbott, Rego Monteiro, Bicca, Castro, Borges Fortes e outros.

Com esta obra de minuciosa pesquisa e investigações, Mario Rego Monteiro consagrou-se como genealogista e escritor de conceito firmado. E São Gabriel deve ao ilustre descendente de um filho da terra um penhor de gratidão imperecível, pois esse estudo envolvendo famílias de renome social político e militar, tem sua origem umbilical, quase todos na bendita terra de São Gabriel, seio ubertoso de tantas estirpes, que se fizeram legendas na constelação fulgurante da historiografia brasileira.

O general Mario Rego Monteiro, como incansável obreiro da história e social de seu povo, tomou-se merecedor do aplauso e do reconhecimento de todas as gerações gabrielenses, pela tarefa difícil de resgatar o passado imprescindível à compreensão: presente, que pode gerar o fanal luminoso para podermos nos orientar no futuro.Um trabalho que vale milênios.Em 21 de março de 1997.

PS: Por doente o general Mário não pode comparecer a sua posse e fazer o elogio ao seu patrono. O elogio a seu patrono foi feito a seu pedido por Osório Santana Figueiredo baseado na biografia do pai na obra atual, **Descendência de Dionysio Rodrigues Mendes".**

Nota do autor.O Coronel Jonathas publicou também **A formação do Regimento de Dragões do Rio Grande do Sul,**no **ASCHGBS** p. 125-135; **Fortificações no Canal e cidade de Rio Grande-RS** no **ASCHGBS;A Campanha de 1801** no **ATCHN;**e a **Relação de Fortes existentes no Brasil em 1820 com indicação do seu armamento** na **Revista do IGHMB** ,abr/jun 1927;e na **Revista Militar Brasileira** artigo **A dominação Espanhola do Rio Grande do Sul...** Trabalhovalioso, mas que foi de conhecimento restrito, o qual ampliamos expressivamente em nosso livro **1774-1776 A Guerra de Reconquista do Rio Grande do Sul aos espanhóis pelo Exército do Sul e suas guerrilhas e pela Esquadrilha Naval do vice Reinado do Brasil:**Resende:IHTRGS/AHIMTB/ACANDHIS, 2019**.**Ampliação da 1ª edição **A Guerra de Restauração do Rio Grande do SUL ,**1774-1776.BIBLIEX,1796.Fomos com o Coronel Jonathas diretor do Arquivo do Exército, atual Arquivo Histórico do Exército onde ele publicou o livro pioneiro Exército Brasileiro a genealogia das Organizações do Exército em parceria com o Cel Faustino.Obra preciosa.

Jonas de Moraes Correia Filho – General Professor (1903-1998)

JONAS DE MORAES CORREIA FILHO por seu neto,o saudoso Acadêmico Cel Cav Reynaldo Goulart Correia.

"É chegado o momento de falar sobre o meu Patrono, meu saudoso e querido avô.

Quase um menino de calças curtas, saiu de Parnaíba, no Piauí, sua terra natal, para estudar no Rio de Janeiro, onde foi acolhido por seu tio que, mais tarde, seria General. Pouco tempo depois ficou órfão de pai, fato que o abalou profundamente.

Em 1916 ingressou no Colégio Militar, tendo sido oficial-aluno, Presidente da Sociedade Literária e Porta-Bandeira. Ao término do curso foi condecorado com a medalha-prêmio "Conde de Porto Alegre", em ouro, da qual se orgulhou pelo resto da vida.

Disse-me que chegou ao Rio trazendo apenas uma pequena mala, com alguns pertences pessoais e duas mudas de roupa que praticamente não usaria, pois, naquele tempo, os alunos iam passear na cidade envergando, garbosos, o uniforme do Colégio Militar.

Para que façam uma idéia da sua personalidade, ainda em formação, ao passar para o último ano seria promovido, mas pediu para continuar no posto

de Tenente-Aluno, a fim de permanecer como Porta-Bandeira do Batalhão Escolar. Foi atendido!

Ao ingressar direto na Escola Militar do Realengo optou pelo Curso Especial de Engenharia, o que faria com que escrevesse a letra da atual Canção do Engenheiro, cuja música é de autoria de minha avó, pianista, à época sua noiva. Ao final dos anos 1960 foi composta a Canção da Engenharia, mas, quando entrei na AMAN, em 1973, a Canção do Engenheiro ainda era a preferida dos cadetes, e a mais cantada.

Aluno da Escola Militar, motivou-se para o estudo da História ao participar dos trabalhos de uma comissão que tinha por objetivo erigir um "Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados". É o monumento que vemos hoje na Praia Vermelha.

Estando entre os alunos rebelados por ocasião da Revolução de 1922, foi preso e, logo após, expulso da Escola e do Exército. Foi um rude golpe em seus sonhos e na esperança de prosseguir na carreira.

Relembrava este episódio com justificada tristeza e certa amargura, pois viu que fora manipulado, juntamente com outros companheiros, por instrutores a quem emprestaram irrestrita confiança e lealdade. Mas, como sempre fez ao longo da vida, assumiu sua cota de responsabilidade, mesmo sabendo que pagaria um alto preço por isso.

Como precisava dar prosseguimento a sua vida, aos vinte anos prestou concurso para o Banco do Brasil, onde ascendeu rapidamente, diplomando-se Contador e Guarda Livros. Escreveu o livro "Contabilidade Bancária", editado em 1929 e, por cerca de quarenta anos, bibliografia básica e obrigatória para os candidatos à carreira bancária, particularmente para aquela instituição. Nesse período foi o idealizador e um dos fundadores da Associação Atlética Banco do Brasil, a AABB, no Rio de Janeiro.

Tendo a Revolução de 1930 sido vitoriosa, foi anistiado e optou por retornar ao seu Exército, como 1º Tenente de Engenharia. Seus colegas de trabalho não entenderam tal decisão, até porque ganharia menos da metade do seu salário no Banco. Não compreendiam o poder que tem uma verdadeira vocação. Resignados, como prova de amizade ofertaram-lhe uma bela espada, com expressiva gravação.

Classificado no então 4º Batalhão de Engenharia, em Itajubá - MG, naquele quartel iniciou sua vida de oficial do Exército. Lá, meu pai, aos cinco anos, teve seu primeiro contato com a rotina de um corpo de tropa: montava a cavalo com meu avô e chegou a acompanhá-lo em uma marcha, seguida de um acampamento.

No início de 1932 meu avô foi convidado para lecionar no Colégio Militar do Rio de Janeiro. Aceito o convite, retornou ao Rio e, pouco depois, já Capitão, foi voluntário para seguir com as tropas que iriam combater os paulistas durante a Revolução Constitucionalista. Chefiou o serviço de Engenharia de um dos setores e foi, posteriormente, Prefeito Militar de Campinas. Encerrado o conflito retornou ao Colégio Militar, agora em definitivo. Sua carreira estava traçada: foi como professor e educador que mais se afirmou e projetou.

Em 1938 ingressou, voluntariamente, no Magistério Militar, sendo promovido a Major, na reserva e, no ano seguinte, a Tenente Coronel. Em virtude do seu desmedido amor ao Exército e encantamento pelas coisas castrenses, certa vez meu pai, já oficial, perguntou-lhe o que o levara a deixar a ativa. Meu avô respondeu que "na tropa havia se dado conta do descompasso prático de quase dez anos entre ele e os tenentes recém-saídos do Realengo e, havendo a

chance, preferira produzir muito mais, fazendo o que sabia fazer de melhor, a se acomodar numa legião de desatualizados malvistos".

Entre 1933 e 1938 lecionou no Colégio Militar, na Escola de Intendência do Exército e na Escola Superior do Comércio do Rio de Janeiro, período em que se diplomou bacharel em Direito.

Foi um dos fundadores, em 1936, do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, o qual presidiu por quase quinze anos.

Sócio atuante do Clube Militar por mais de seis décadas, do qual foi Conselheiro e Diretor do Departamento Cultural, ainda Capitão dirigiu a sua Revista, tendo preparado, em 1937, a edição comemorativa do cinquentenário do Clube.

Em 1939 foi criada, na Escola Militar, uma nova disciplina chamada Revisão de Português. Dezessete anos após ser expulso, meu avô retorna vitorioso ao Realengo, nomeado Catedrático da nova cadeira.

No início do ano seguinte assumiu a direção do Departamento de Educação Primária do Distrito Federal e, em 1942, tornou-se Secretário-Geral de Educação e Cultura. À frente do ensino público desenvolveu uma obra educacional digna dos maiores louvores. Promoveu, em 1944, a Reorganização do Ensino Primário, à qual o conceituado mestre Lourenço Filho, em conferência para educadores cariocas, assim se referiu: "A Reforma Jonas Correia é uma das mais adiantadas, é a real expressão da pedagogia moderna".

Em outubro de 1945, com a queda de Getúlio Vargas, em virtude da aprovação e do reconhecimento da população ao seu trabalho na área do ensino, meu avô foi convencido a se candidatar, pelo PSD, à Câmara dos Deputados, tendo sido o Deputado Federal mais votado no Rio de Janeiro. Comentava-se, à época, que ele havia sustentado, e arrastado, no Distrito Federal, a votação do Gen Dutra à Presidência da República. Na Câmara integrou as Comissões de Educação e Cultura e de Diplomacia. Mas não era um político e, divergindo de várias posições adotadas pela situação, rompeu com a sua legenda, mudando de Partido.

Suas convicções e atitudes sempre foram muito bem definidas e do conhecimento de todos. Isto ficou evidenciado por ocasião da histórica sessão da Câmara, de janeiro de 1948, quando, como 3º Secretário, assumiu o ônus da leitura do ato de cassação dos mandatos dos deputados do Partido Comunista Brasileiro, encargo que o 1º e o 2º Secretários não quiseram assumir, a fim de evitar um provável desgaste de suas imagens. Meu avô o fez, mostrando sua firmeza de caráter e coragem moral perante uma Casa repleta e com a opinião pública não totalmente convencida da justeza do ato.

Sua experiência como político trouxe-lhe mais decepções e dissabores do que satisfações e, assim, não se reelegeu. Em determinada ocasião perguntei-lhe acerca desse período e ele me disse que os valores que se cultuavam naquela Casa eram muito diferentes daqueles que aprendemos a cultivar e a cultuar no Exército Brasileiro, e que só não renunciara ao mandato para honrar a confiança do povo que o elegera com milhares de votos.

Retornou ao Colégio Militar em 1951, como chefe do Departamento de Ensino de Português, mas sem deixar de lecionar, que era o que mais gostava de fazer.

Em 1955 foi convidado pelo Comandante, Cel Adalberto Pereira dos Santos, que viria a ser Vice-Presidente da República no Governo Geisel, para ser o Subdiretor do Ensino Geral, a mais elevada função do Magistério, no Colégio, que exerceu até meados do ano seguinte, quando se reformou, sendo promovido, na inatividade, a Gen Bda, mais tarde corrigido para Gen Div.

A respeito de sua possível ascensão ao generalato quando ainda professor do Colégio Militar, valho-me das lembranças do meu pai: “Enquanto nas tarefas letivas, acenaram-lhe com a possibilidade de ser promovido a General e permanecer em serviço. Recusou! Um dia, conversando sobre isso, perguntei-lhe o motivo da recusa. Pedindo-me reserva, para não parecer que estivesse criticando algum colega, disse-me mais ou menos o seguinte: *‘Eu não ia me sentir bem dando aulas fardado de General. Além disso, é um posto que sempre respeitei e reconheço que não fui preparado para alcançá-lo; e só o tenho como inativo por causa das vantagens legais que interessam também à minha família’.”*

Após sua reforma, em 1956, meu avô não teve mais ligações de trabalho com o Colégio Militar, mas os laços de afeto e gratidão o acompanharam até a sua morte. Gostava de ir ao “seu” Colégio! Quantas vezes, aos sábados pela manhã, no final dos anos 1950, levou-me ao Esquadrão de Cavalaria para montar o cavalo Pagé!

Reformado, dedicou-se integralmente às atividades culturais, especialmente à História Militar, sempre preservando suas raízes, vinculado ao ambiente militar.

Integrou o Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro e o Conselho Editorial da Biblioteca do Exército, do qual foi Benemérito.

Participou da elaboração dos três volumes da História do Exército Brasileiro. –Perfil Militar de um povo.No que tange à “revisão dos aspectos históricos das monografias básicas”, compunham o grupo de trabalho, além dele, nomes como Artur César Ferreira Reis, Prado Maia, Lavanère-Wanderlei, Salm de Miranda, Victorino Portella, Claudio Moreira Bento e outros. Na equipe que tratou do “estudo de problemas de forma e comunicação da obra” esteve ao lado de Pedro Calmon, Josué Montello, Jacobina Lacombe e D. Pedro Gastão de Orleans e Bragança.

Fez pesquisas de campo, escreveu artigos, ensaios, pareceres e livros; dezenas de palestras e conferências. Era frequentador assíduo de todas as instituições de que foi membro. O fato de residir no Rio de Janeiro, e possuir o título de “Cidadão Carioca”, fez com que priorizasse o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual foi sócio emérito, orador e vice-presidente; o Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro; a Academia Carioca de Letras, da qual foi decano; a Academia Brasileira de Filologia, onde foi presidente; a Academia Luso-Brasileira de Letras e o Clube Militar. Porém, reservava um carinho especial a todas as demais instituições, como os Institutos Históricos de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul; o PEN Club do Brasil; a Academia Portuguesa de História e outros.

Culto e erudito, foi excelente escritor e primoroso orador. Dentre os inúmeros trabalhos publicados, alguns merecem destaque: **Estudos de Português**; **Introdução ao Vocabulário da Gíria Militar**; **Linguajar e Anedotário Militar no Rio de Janeiro**; **Sentido Heróico da Poesia de Castro Alves**; **Olavo Bilac, o Patriota, o Poeta**; **Santos Dumont na Literatura, na Poesia e na Música**; O Espírito de Caxias; Deodoro e seus Dois Momentos Históricos; **Floriano**; **A Glória de Rio Branco; Mallet na História; Tuiuti, perfil histórico de uma batalha;** e **O Ensino Militar no Brasil**, lançado quando representou o Exército em São Paulo, em 1939, no cinquentenário da Proclamação da República.

Em página do início dos anos 1940, ao referir-se ao General Osório chamou-o “A Lança do Império”, expressão que passou a ser acolhida no meio militar e por diversos historiadores, principalmente os gaúchos, sem que fosse indicada a sua autoria.

Existe, entretanto, um traço da sua personalidade muito pouco divulgado: era um mestre em criar e em contar histórias infantis. Quando éramos crianças,

ainda bem pequenos, no Rio de Janeiro, eu e meu irmão do meio dormíamos no mesmo quarto. Quase todas as noites meu avô nos contava histórias versando sobre as arriscadas e temerosas aventuras de dois irmãos, Alfredinho e Marilda, que moravam em um sítio repleto de locais e entes misteriosos. Nas noites em que não podia estar conosco era uma decepção muito grande, pois ele sempre terminava o "capítulo" anterior em um momento realmente empolgante, e ficávamos ansiosos para saber como os irmãos resolveram a perigosa e assustadora situação que se apresentava. Creio que nem ele mesmo sabia! Algumas vezes minha mãe reclamava porque, quando ele saía do nosso quarto, sempre após uma rigorosa inspeção para verificar se havia alguma bruxa escondida embaixo das nossas camas, demorávamos a pegar no sono.

Havia alguns personagens fixos, mas quase diariamente novos figurantes surgiam naquele ambiente surreal, enquanto outros saíam de cena, para retornar em momento oportuno. Quatro ou cinco anos após essa época nasceria minha irmã, em Uruguaiana, que recebeu o nome de...Marilda.

Pouco tempo depois de ser alfabetizado, sem dúvida motivado pelas histórias do meu avô, li toda a coleção infantil de Monteiro Lobato.

Retornando às coisas sérias, desde menino eu gostava de admirar uma grande caixa de vidro onde meu avô expunha uma expressiva quantidade de condecorações. Cada uma tinha a sua história e ele valorizava todas, mas, de acordo com meu pai, parece que tinha certa predileção por três delas: a Medalha de Ouro "Conde de Porto Alegre", do Colégio Militar; a Comenda da Ordem do Mérito Militar; e a Comenda da Ordem Nacional do Mérito Educativo, que lhe foi imposta pelo seu ex-aluno Presidente João Figueiredo.

Sua última contribuição à cultura nacional encontra-se no livro, editado pelo SENAI em 1994, **Símbolos Nacionais da Independência**. Produto de demorada e minuciosa pesquisa, o tema foi abordado de forma bastante ampla, sendo a obra mais completa, do gênero, existente no País. Os originais, com ilustrações em cores, foram doados por meu pai ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Em 1964 estudei História e Geografia com meu avó, para prestar o concurso de admissão ao Colégio Militar. Ele, sempre atento, dizia que as duas matérias eram inseparáveis; que para bem entender a História deveríamos ter, sempre, um mapa à mão; que a História inscreve o fato no tempo e a Geografia o imprime no espaço.

Ao final daquele ano, sendo meu pai instrutor da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, foi meu avô quem me levou, durante quatro dias, para realizar as provas do concurso. Permanecia lá, conversando, cercado de amigos, quase todos seus ex-alunos. Quando eu saía, ao término da prova, apenas me olhava, analisava a minha reação e dava um sorriso.

Minha querida avó viria a falecer em abril do ano seguinte, mas a tempo de me ver envergando o uniforme do Colégio Militar, que ela achava lindo. E como meu avô tinha orgulho daquela farda! Certa vez, convidou a mim e a meu irmão para um passeio no bondinho do Pão de Açúcar, mas impôs uma condição: deveríamos ir fardados. E nós fomos!

Criança ainda, decorei uma estrofe que havia em um pequeno quadro, na sua grande biblioteca: "Filhos, estudem! Na vida, o quanto nós aprendemos é fortuna sempre havida e bem que nós nos fazemos."

Sempre gostou de poesia, talvez influenciado pela minha avó Valmirina, primorosa poetisa. Apreciador das obras de Castro Alves, lembro-me até hoje de um trecho da poesia O Livro e a América, que ele não se cansava de repetir:

Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É gérmen - que faz a palma,
É chuva - que faz o mar.

Jamais se cansou de estudar. Citava Leonardo da Vinci, dizendo que "Aprender é a única coisa de que a mente nunca se cansa, nunca tem medo e nunca se arrepende".

Meu avô viveu intensamente. Teve uma vida rica em conhecimentos, trabalho e produção. Deixou inúmeros amigos e admiradores. Foi soldado e cidadão.

A última vez em que estive com ele foi em maio de 1997, por ocasião das Bodas de Ouro dos meus pais. Já apresentava problemas de saúde, mas a sua cabeça permanecia a mesma. Conversamos bastante e, como sempre, aprendi muito. Foi a última aula que tive com meu avô, que faleceria oito meses depois.

Minhas senhoras e meus senhores! Creio ter-lhes dado uma idéia acerca do insigne Patrono da Cadeira que terei a honra de ocupar."

Foi muito forte a minha ligação de amizade com o General Jonas. Uma ligação semelhante a filial. Dele tomei conhecimento pela análise muito positiva de meu livro publicado sobre a forma de manual pelo Estado-Maior do Exército **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro** em 1959, análise com o fim de contar pontos para promoção. Depois por seu empenho em tornar-me socio dos IGHMB e IHGB nos quais fui por ele saudado em nome destas importantes entidades. E mais tarde em me propor como Irmão da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro e eleitor do administrador daquela entidade.Foi Diretor da Revista do Cinquentenário da **Revista do Clube Militar**. E como Diretor Cultural do Clube Militar e de sua Revista, no Centenário do Clube Militar o convidei para dela participar .

A seguir recordo o teor de minha recepção no IHGB como sócio desta importante entidade o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro:

"SAUDAÇÃO ao Tenente Coronel Cláudio Moreira Bento (*)

Jonas Correia

Exmo. Sr. Dr. Pedro Calmon,Magnífico Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro;Meus prezadíssimos confrades;Senhoras e Senhores.

Seja bem-vindo a esta Casa, senhor tenente-coronel Cláudio Moreira Bento. Tome assento. Acomode-se. Já é nosso consócio: Honorário, na fé dos seus títulos e confiança em seus propósitos. Ouça, agora, o nosso recado, através da palavra modesta de quem lhe abre a grande e iluminada porta deste templo, em que o culto da História decerto atraiu o seu espírito, e o trouxe até nós. Para ficar. E mais ilustrar-se,ilustrando-nos. Eminentíssimos confrades.

As Forças Armadas do Brasil têm sempre os olhos voltados para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Queremos dizer que, sendo ele a casa da Memória Nacional, os militares sentem e sabem que nos seus bem cuidados

arquivos se guardam, e no seu espírito se resguardam os registros dos fatos que as tem tornado perenemente dignas do melhor conceito nacional. Por isto, o Instituto, para nós, representa o máximo! E todos nós o respeitamos, acatamos e amamos, como se daqui, todas as manhãs, surgisse um sol, para dealbar os caminhos históricos da Nação.

Da Marinha, do Exército e da Aeronáutica — a afluência de representantes é comumente vasta e expressivaàs nossas sessões ou reuniões, quando almirantes, generais e brigadeiros e demais graduados de postos menores, e até pracinhas, comparecem, e nos dão com isso uma satisfação singular. E é certo que eles aqui vêm interessados, curiosos e sinceramente dominados por incontida emoção que a deferência ea veneração pelo Instituto impõem a cada um e a todos.

Em particular, seja-nos permitido um parêntese, que intercalamos nesta breve alocução, como parágrafo luminoso a ser ressaltado de um escrito empobrecido pelas condições do autor —, em particular, aos militares do Exército este Instituto se liga pela circunstância excepcional de agasalhar a Espada de Caxias, gloriosa e invicta, sempre magnânima e nunca desumana!

No passado, inúmeros e insignes homens de farda figuraram na nominata dos sócios do Instituto. Citaremos apenas alguns —, o Coronel Fausto de Sousa, o próprio Duque de Caxias, o General Dr. João Severiano da Fonseca, o Coronel Moreira Guimarães, o General J. B. Magalhães, o saudoso Marechal Leitão de Carvalho —, o Almirante Thiers Flemming, o Almirante Rademaker, o Almirante Greenhalgh. E, no presente, é confortador considerar os consócios militares que estão também festejando, como recipiendário desta festa, o novel Sócio Honorário Tenente-Coronel Claudio Moreira Bento.

Inclui-se, assim, o seu nome entre os nossos. E merecidamente. Eis que, de há muito, o ilustre camarada se vem dedicando à pesquisa e ao aprofundamento dos estudos históricos, à análise e à interpretação desses estudos —, sob critérios científicos modernos, em que se especializou.

Possuidor dos cursos de Engenharia, de Aperfeiçoamento e de Comando e Estado Maior, o Coronel Bento figurou entre os planejadores do Parque Nacional dos Guararapes e do Monumento às batalhas que ali foram travadas entre nós e os holandeses (19.IV.1648e 19.11.1649); assim como, e com evidência de adjunto, no planejamento e coordenação da edição da **História do Exército Brasileiro** (em 3 volumes; 1972), cabendo-lhe especialmente a elaboração do Capitulo relativo as Guerras Holandesas.

Pode apresentar o distinto recém-empossado confrade um rol de trabalhos que assaz lhe demonstram dedicação às especialidades históricas. Dentre eles pinçaremos — **O gaúcho fundador da imprensa brasileira**, sobre Hipólito José da Costa e o seu **Correio Brasiliense**que, em 1808 e em Londres, começaram a servir a causa da Independência do Brasil; — **Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul,** livro de real mérito, por estudar personalidades e vinculá-las a fatos que a memória comum já não se habituara a considerar reunidas, e por isso despertou entre os sulriograndenses um comovedor entusiasmo; — **O Negro e descendentes na sociedade do Rio Grande do Sul,** obra que abarca uma pesquisa que vem de 1635 a 1975, e coloca o negro no seu lugar de honra, naquela terra de trabalho e produção, onde o imigrante e o colono parece não haverem concorrido com o negro, saudável, tranquilo, bom, obediente.

Além desses, e mais para uso do Exército, que os pôs sob a sua direta

reserva, devem-se ao Coronel Bento dois excelentes compêndios: — **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**, um ensaio elogiável sobre como e onde pesquisar e estudar a História do Exército, história que tem realces próprios no contexto de grande História pátria, quando tem sido, em muitos lances, a chave, o fecho, a decisão; — e **História da Doutrina Militar**(Da Antiguidade à 2ªGuerra Mundial em que, partindo do conceito geral de que por doutrina militar se deve compreender um conjunto de conceitos básicos, de princípios, processos e normas de comportamentos, que sistematizam c coordenam a atividade das Forças Armadas, num dado momento —, o autor nos apresenta um quadro evolutivo das organizações militares que, a seu tempo, tiveram influência no mundo.

Desejamos ainda lembrar duas excelentes conferências do Coronel Bento, que ouvimos — uma, quando se comemorou o **Bicentenário da Restauração do Rio Grand**e, e outra, por ocasião das celebrações do **Sesquicentenário da Batalha do Passo do Rosário** e aquela, em 1976, tratando do estupendo feito de 1º de abril de 1776, que nos trouxe de volta ao domínio pátrio o chão do Rio Grande, e provou o valor dos nossos soldados quando bem comandados; e essa, em 1977, discorrendo sobre o reencontro bélico de Passo do Rosário (20.11.1827), e em que o Coronel Bento, como nós, também adota a teoria do inesquecível Mestre Max Fleiuss, secretário Perpétuo deste Instituto, que considerava a batalha finalizada de modo indeciso, ou empate, sem vitória para nenhum dos contendores.

Prezadíssimos confrades.

Em traços gerais, procuramos transmitir-lhes o perfil cultural daquele que elegemos e que passará a conviver conosco, toda a vida. Seu trato afável e cordial, sua pessoa bem cuidada e simpática, sua conduta civil, reta e correta —, são-lhe o penhor de ótima companhia.

Senhor Tenente-Coronel Cláudio Moreira Bento.

Foi-nos grata a incumbência de recebê-lo no Instituto. Nesta hora de glória para o seu nome, estamos pensando na repercussão que esta cerimônia terá entre seus alunos, na Academia Militar das Agulhas Negras.

Como antigo Professor-militar, pedimos que lhes mostre qual a grande lição a tirar desta hora: é que vale a pena estudar!

Meu caro Coronel Bento, já lhe demos o recado do Instituto. Vamos, então, ouvir o seu. Meu recado foi sobre a História da AMAN em seu 35º ano em Resende-RJ.

Ao fundarmos a Academia de História Militar Terrestre do Brasil AHIMTB, consagramos o seu ilustre nome como patrono da Cadeira nº 34 a qual foi inaugurada por seu falecido filho Gen Ex Jonas de Morais Correia Neto, que foi substituído por seu falecido filho neto Cel Cav Reynaldo Goulart Correia, neto do General Jonas e substituído por antigo aluno do CMRJ Dr. Edson Areas. Posses que tive a honra de Presidir no CMRJ sendo que a do Cel Reynaldo em Santiago-RS na 1ª Bda C Mec. Onde ele proferiu brilhante oração sobre seu avô , o meu saudoso amigo e estimulador.

Jonas de Morais Correia Neto -General (1925-2015)

General de Exército Jonas de Morais Correia Neto

GEN EX JONAS DE MORAIS CORREIA NETO (1925-2015) NA MINHA MEMÓRIA Cel Claudio Moreira Bento pelo IHGB e IHTRGS É com pesar que a Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul,(IHTRGS) perde, por morte,aos 90 anos bem vividos, de seu dedicado e muito apreciado sócio, e um grande amigo e incentivador, o General de Exército Jonas de Morais Correia Neto cuja cadeira da FAHIMTB de que seu pai falecido General Divisão Professor Jonas de Morais Correia Filho é o patrono,ele inaugurou em cerimônia marcante no Colégio Militar do Rio de Janeiro, no qual ambos ali deixaram belas e me memoráveis histórias. O General Jonas Neto, era acadêmico emérito da FAHIMTB, na qual foi substituído por seu filho, o acadêmico Cel Cav. Reinaldo Goulart Correia, em cerimônia em Santiago, na ocasião em que lá lançamos, em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e Carlos Fonttes,a**História da 1° Brigada de Cavalaria Mecanizada.**Resende:AHIMTB/IHTRGS,2010 O General Jonas nasceu na década em 28 de abril de 1925 e desde então sua vida é obra inseriu-se, sem interrupção, no seio Família Militar Brasileira. Foi comandante aluno de Colégio Militar do Rio de Janeiro e sua carreira na Ativa culminou como General de Exército, Ministro Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas e assessor direto da Presidência da República. Fez carreira militar brilhante e movimentada. Iniciou sua formação em 1942 na Escola Militar do Realengo e foi declarado Aspirante a Oficial de Artilharia na AMAN, em 1945, da 1ª turma ali formada, sendo classificado em Bagé, no hoje 25° Grupo de Artilharia de Campanha, cuja síntese histórica o Cel Caminha produziu em nosso livro em parceria. **3° Brigada de Cavalaria Mecanizada** . Porto Alegre: Ed Pallotti, 2002. p 259 /.263. O General Jonas se casoucom D. Ercília Goulart de cujo consorcio nasceramGuilherme Paulo,Jonas,Reinaldo e Marilda. Depois do exercício competente, por 33 anos, de variadas funções, de tenente a coronel, ascendeu a general em 1979, permanecendo na Ativa por cerca de 12 anos, sendotransferido para a Reserva em 1991.Cursou Equitação em 1949 e estagiou no Corpo Químico dos EUA em 1848.Como Oficial de Estado- Maior estagiou em Uruguaiana, na hoje 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, A Brigada Charrua, cuja bela história resgatamos em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis em **2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada Charrua**. Porto Alegre:AHIMTB/IHTRGS,2007.Nesta época ele percorreu o campo de batalha do

Passo do Rosário, onde colheu diversas balas esféricas disparadas pelos armas dos combatentes, das quais me doou alguns exemplares. Como Secretário do Exército, sua ação foi importante para transformar o Arquivo de Exército em Arquivo Histórico do Exército, por nossa proposta, quando dirigimos esta organização de 1985 – 1990, como a Casa da Memória do Exército... Casado em Bagé, desde então se encantou com as tradições e valores dos gaúchos e de suas tradições guerreiras, tornando-se tradicionalista gaúcho dos bons. Comandou o Colégio Militar de Porto Alegre, onde denominou de Pátio Plácido de Castro, o enorme pátio do CMPA em homenagem ao conquistador do Acre que ali havia estudado antes da Revolução de 1893, conforme abordamos com o nosso parceiro Cel Caminha na obra.O Casarão da Várzea 1885-2008.Resende:AHIMTB/IHTRGS, 2008, na qual às páginas p.110/113 sintetizamos a sua vida obra até então. Como general de Brigada comandou na histórica Cruz Alta a AD/3, cuja história escrevemos em parceria com os coronéis Ernesto Caruso e Luiz Ernani Caminha Giorgis,**Artilharia Divisionária da 3° Divisão de Exército.Resende:**AHIMTB/IHTRGS,2011, cabendo ao General Jonas, como reverência dos autores, solicitar que ele escrevesse as Orelhas ou Abas, nas quais ele sintetizou o seu comando daquela Grande Unidade, que tem por denominação histórica Brigadeiro Gurjão. E com esta obra encerramos o **Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul**, do qual fomos encarregados em 1994, pelo falecido Gen Div João Carlos Rotta.Projeto e constante de 21 livros. Como comandante da 6° Divisão de Exército em Porto Alegre sócio do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, presidiu cerimônia em que lançamos no auditório do CPORPA, nosso livro **Porto Alegre – Memória dos Sítios Farrapos e da Administração de Caxias.** Brasília;EGGCF, 1967... Como Comandante do II Exército, onde havíamos servido em 1976 – 1977, em seu Estado-Maior, contamos com a sua solidariedade em descobrir num hospital no litoral de São Paulo meu filho mais moço, marinheiro mercante, que não compareceu no embarque em razão de haver sofrido um acidente de moto ao ajudar o próximo e estava baixado num Hospital. Durante toda a sua vida a partir da Academia Militar, o general Jonas produziu trabalhos sobre História Militar: artigos, conferências, ensaios basicamente sobre a História do Exército. Praticante de Equitação, especialidade da qual possuía curso praticou algumas proezas dignas de um cavalariano, sendo consagrado como Espora Dourada do Exército. Falava e escrevia, com clareza, segurança e consistência.E era um conferencista de raros méritos e muito requisitado. Entre suas produções literárias recordo como uma amostragem. **A Tomada do Rio Formoso**.A Defesa Nacional, abril 1954.**Caxias em Itororó na Berlinda**(Polemica histórica).**Correio do Sul,** Bagé em agosto e novembro de 1957 e na Revista do Clube Militar em 1958. **A Batalha do Passo do Rosário.** Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, 1992. **Conferência Aspectos da Guerra Revolucionária na PUC Rio 1965,** para o Curso de Jornalismo e publicada no **Mensário de Cultura Militar** do EME em jan/out 1965.Conferência **A personalidade do Duque de Caxias,**Jan1965.**Carta a um Soldado.Letras em Marcha**, março de 1967. **Influência de Napoleão no Exército Brasileiro.** Revistas do IHGB e IGHMB

agosto 1969.**Barão do Triunfo o Bravo dos bravos.**Conferencia no IGHMB no centenário de sua morte. **Carta a um aluno do Colégio Militar**.A Defesa Nacional mar/abr 1970. **General Osório,num relance evocativo**.Revista do IHGMB,2º sem.1970 E mais trabalhos produziu.Na reserva por um longo tempo presidiu o Instituto de Geografia e História do Brasil, onde criou por nossa proposta como bibliotecário o NEPHIM (Núcleo de Estudos e Pesquisas de História Militar) a semelhança da CEPHAS do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de que foi sócio atuante, com fora seu ilustre pai, o General Jonas Correia Filho que me honrou em receber-me como sócio dos Institutos de Geografia e História Militar do Brasil, que presidiu superiormente por 12 anos o Instituto de Geográfico Brasileiro e em nome do quadro social destas duas entidades. Todos nós viemos a esse mudo e escrevemos nossa História e partimos. Histórias de valor social variável de zero, a histórias modelares, a serem admiradas e servirem de exemplos a serem seguidos pelos pósteros do nosso Exército, em especial... E esta é uma pequena amostragem de uma história modelo de Soldado e Cidadão a que ele deixa a posteridade do Exército que ele tanto amou e tão bem serviu. Colégio Militar de Porto Alegre que o então Cel Art QEMA Jonas de Morais Correia Neto comandou de 29 abr 1986 a 28 abr 1988. onde sintetizamos sua vida e obra em BENTO,Claudio Moreira et GIORGIS, Luiz Ernani Caminha.**A História do Casarão da Várzea** 1885-2009. Resende: AHIMTB/IHTRGS p.110-112. “Preservar a Memória do Exército é dever de todos!” ORAÇÃO DE RECEPÇÃO NA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL DO ACADÊMICO GEN. EX. JONAS DE MORAIS CORREIA NETO NA CADEIRA Nº 34 PELO CEL. NILTON FREIXINHO. Presidimos a posse do Gen Ex Jonas de Morais Correia Neto, na cadeira que tem por patrono seu pai, no Colégio Militar do Rio de Janeiro, a Casa de Tomas Coelho e muito ligada sentimentalmente ao pai e filho. E, em Santiago do Boqueirão, ao lá lançarmos a História da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada empossamos na Cadeira Gen Jonas Correia Filho o Cel Cav ReynaldoGoulart Correia, neto do patrono de sua cadeira e que no momento sucedia seu pai. Oração de Recepção do acadêmico Gen Ex Jonas Moraes Correia Neto. Nesta cerimônia, de alta relevância, é empossado, solenemente, na Academia de História Militar Terrestre do Brasil, ilustre e bem sucedido Chefe Militar do Exército Brasileiro; renomado pesquisador e conferencista Emérito dos feitos bélicos de nossa Pátria, incansável pregador da mística da nobre profissão das armas; escritor torrencial de largos recursos estilísticos; e extremado cultor do idioma pátrio General de Exército JONAS DE MORAIS CORREIA NETO. O Colégio Acadêmico, a partir deste momento, fica enriquecido pela inclusão, em seus quadros, de personalidades que se destacam, de maneira sobranceira, pelos títulos conquistados em passado recente, e pela incessante altamente expressiva, participação, no presente, em atividades intelectuais no cenário cultural da Nação Brasileira, cuja atuação apoia o âmbito militar interno para projetar-se além das fronteiras do País. Destarte, a nossa Instituição de História Militar a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (atual FAHIMTB) passa a contar com a colaboração, em alto nível, de novo Acadêmico cuja potencialidade, intelectual e cultural o credencia ampliar e

consolidar seu almejado papel de mensageira dos valores espirituais, morais e culturais das Instituições Militares, junto às novas gerações de brasileiros e se direcionam para a carreira das armas. Éfácil demonstrar e comparar a afirmação feita, O difícil é circunscrevê-lo aos limites dotempo destinado a esta saudação, em face da amplitude das características que estruturam a personalidade marcante e atuante de JONAS DE MORAIS CORREIA NETO. Nascido no meio da década de 20, do novecentos, época em que se inicia largo período de profundas transformações políticas, econômicas e sociais do Brasil, a vida de JONAS CORREIA NETO insere-se ao meio militar, sem interrupção, por cerca de 60 anos. Dos bancos escolares do Colégio Militar do Rio de Janeiro, Comandante Aluno, ao pináculo da carreira das armas, no serviço ativo, como General de Exército, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, o mais alto organismo da estrutura governamental doEstado Nação Brasileira, assim assessor direto do Presidente da República no planejamento administrativo e estratégico de preparo e emprego, em conjunto, das forças Armadas, nas administrações dos presidentes José Sarney e Fernando Collor de Mello, integrando o "Alto Comando das Forças Armadas" e exercendo a Presidência do Conselho de Chefes do Estado-Maior (Exército Marinha - Aeronáutica) portanto já no Quadro do Estado Democrático de Direito, sob a égide da Constituição promulgada em 1988. Para os jovens que ora iniciam a nobre profissão das armas, vale assinalar e registrar que três são as características da brilhante carreira militar de JONAS CORRÊIA NETO. É ponte entre a última geração de oficiais formados pela tradicional Escola Militar de Realengo e as Novas Gerações egressas da Academia Militar das Agulhas Negras. Isso por que, tendo iniciado o curso de formação no Realengo, em 1942, concluiu em Resende, na AMAN, em 1945, quando é declarado Aspirante a oficial, da Arma de Artilharia. Por isso, fez jus e foi distinguido com o diploma da criação da Academia Militar das Agulhas Negras. Após 33 anos de exercício de funções, do posto de Tenente ao posto de Coronel, nos estados-maiores e comandos - ascende ao GENERALATO em 1979, onde permanece no serviço ativo por cerca de 12 anos, sendo transferido para reserva em 1991,no último posto da carreira, General de Exército, por imposição legal, no momento em que, por sua experiência no trato de questões militares e político-institucionais, poderia continuar prestando relevantes serviços à República, no quadro de preparo e emprego estratégico das Forças Armadas. É compreensível o propósito da lei - renovação de quadros, mas é lamentável que se prive a Instituição Militar de alguém que ainda disponha de alta potencialidade para continuar a prestar serviço de natureza relevante, como estava em condições de fazê-lo o GENERAL JONAS. A terceira característica da carreira militar, do Acadêmico JONAS DE MORAIS DE CORREIA NETO, reside na circunstancia de estar ela vinculada, geograficamente e culturalmente, às terras gaúchas, onde serviu constantemente e por muitos anos, desde sua primeira classificação, como Aspirante a Oficial, em Regimento de Artilharia, na guarnição de Bagé. Apenas para ilustrar, fazendo referência ao posto de General, nos seus 12 anos degeneralato, a par das funções de Subchefe do EMFA (Brasília); de Secretário Geral do Ministério do Exército (Brasília); de Comandante Militar do Sudeste (São

Paulo); integrando o Alto Comando do Exército; e de Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas na condição de Ministro de Estado (Brasília), teve o GENERAL JONAS, a oportunidade de servir por duas vezes no Rio Grande do Sul: Comandante da Artilharia Divisionária da3ª Divisão de Exército - a "Divisão Encouraçada" - Cruz Alta; Comandante da 6ª Divisão de Exército. - a "Divisão Voluntários da Pátria"- Porto Alegre. É lícito afirmar que o largo período em que serviu em guarnição do Exército, sediadas no Rio Grande do Sul, tenha despertado, em JONAS CORREIA NETO, a curiosidade e o gosto pelos estudos da História Militar dos tempos heroicos da formação da nacionalidade brasileira, e, também o seu interesse em pesquisar e propagar a mística da profissão das armas - tudo isso, certamente, por influência do cenário gaúcho onde se travaram as lutas bélicas pela posse do Brasil meridional, face aos países platinos, herdeiros da colonização hispânica, gerando profundo sentimento nacionalista, alimentador da identidade nacional brasileira. Esta é a segunda faceta da personalidade do novo acadêmico que merece ser abordada na presente saudação, e que responde pela continuidade da atuação do GENERAL JONAS, após ter deixado o serviço ativo doExército, em 1991. É assombrosa, este é o termo que traduz com maior realismo a torrente produção intelectual de JONAS CORREIA NETO, através de artigos, estudos, conferências, monografias, breves ensaios críticas, sob a mais variada temática, porém espertamente vinculada a esfera da carreira que, com ardor e verdadeira paixão, abraçou e percorreu, desde Comandante Aluno do Colégio Militar, ao posto de General de Exército, na atividade. Uma produção que não sofre solução de continuidade ao ser transferido para a reserva. Antes, pelo contrário, ganha crescente intensidade até os dias de hoje, com claros sinais de que prosseguirá enquanto Deus tiver por bem preservar vida tão útil ao destino da Nação Brasileira. O prestígio, por não dizer, a justa fama que conquistou, nos cinquenta anos que vem firmando, sem cessar, sua condição de escritor, historiadore conferencista sobre assuntos ligados à profissão das armas, à história da constituição da nacionalidade em seus marcantes episódios bélicos e, também, surpreendentemente, visando a educação integral dos jovens - explica por que Jonas de Moraes Correia Neto vem sendo requisitado pela "mídia" por institutos de Geografia e História; por associações de classe; por estabelecimentos de ensino, da área militar e no setor civil, para prestar sua colaboração destinada a festejar o exaltar efemérides cívicas de alta relevância no calendário da História Militar e da História Geral do Brasil. Tudo isso, somado e combinado, explica sua eleição para institutos ligados à preservação da memória regional e nacional e de nação amiga: Institutos de História e Geografia de vários Estados da Federação; Instituto Sanmartiniano do Brasil; culminando com sua eleição, como sócio, do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (sócio titular), e do Instituto Geografia e História Militar do Brasil (sócio benemérito), que presidiu de 1991 a 1994, realizando uma administração renovadora e vitalizadora que se fazia necessária. No exterior, e sócio da Academia Portuguesa de História; da Academia Nacional DeLa(Argentina); do IHG; do Uruguai e, da Real Academia De La História (Espanha). O que mais intriga ao pesquisador da obra histórico literária do

Acadêmico general Jonas, enquanto no serviço ativo do Exército, como conseguiu ele empreender tão avultada produção e, concomitantemente, desempenhar, com destacada eficiência, testemunha em numerosas referências elogiosas, as absorventes funções de militar, arregimentado, de oficial de Estado-Maior; de comandante de Corpo de Tropa e de Diretor de Instituto de Ensino e de Chefe de elevados organismos das Instituições Militares e de Comandante de grandes unidades Operacionais e Territoriais. Não seria um despropósito atribuir essa irresistível vocação para o domínio intelectual e das letras, uma decorrência de herança paterna. Seu pai, JONAS CORREIA, também militar predominantemente ligado ao Magistério - Colégio Militar do Rio de Janeiro - abalizado catedrático de Literatura, constantemente empenhado em atividades intelectuais, publicando, ao longo dos anos valiosas obras que bem indicam seu pendor para o mundo do pensamento e suas preocupações em desvendar as raízes de identidade nacional - brasileira, culminando com a elaboração e publicação, em 1972, da obra de **Símbolos Nacionais da Independência**. Assim, seu filho Jonas Correia Neto, hoje aqui recepcionando, tem também, sua alma de soldado casada, de modo indissolúvel, ao espírito de pedagogo, pois toda sua obra, no fundo e a rigor, reveste-se de aspecto educacional, por exaltar a nacionalidade brasileira, em propósito de preservar os valores espirituais, morais e cívicos da nação. Sob esse aspecto é oportuno fazer referência e destacar, de modo todo especial, duas de suas produções. A primeira, intitulada **"Carta a um Recruta",** dirigida a seu filho mais velho, quando, em 1967, foi incorporado ao Exército Brasileiro, como conscrito, na qual situa, para seu filho, as características da instituição que passará a prestar serviços.A segunda, intitulada **"Carta a um Aluno do Colégio Militar**", em que orienta seu filho mais moço, ao matricular-se naquele estabelecimento de ensino. Pela atualidade dos conceitos expedidos nas duas mencionadas cartas, cópias do texto das mesmas são anexadas à presente saudação, com o propósito de ser encaminhadas ao Corpo de Cadetes da AMAN, como fonte de inspiração da formação do cidadão-soldado. Ademais, a saudação ao General Jonas provocou profunda investigação sobre a fecunda e ampla produção intelectual do novo acadêmico, chegando-se à indeclinável conclusão de que sua publicação, no formato de coletânea de artigos, sob os auspícios e o patrocínio da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, teria de constituir valioso subsídio para a formação militar das novas gerações de oficiais que venham a escolher a carreira das armas, como destino de sua vida. Fica registrada, aqui, a sugestão! Ilustre General Jonas A saudação que acaba de ser feita não teve, necessariamente, o propósito de exaltar a personalidade do novo acadêmico, pois isso e perfeitamente dispensável em face do conceito que desfruta entre os pares de sua geração. Teve ela, isto sim, o objetivo de apontar um exemplo de paradigma a ser não propriamente imitado, mas para servir de inspiração à conduta das novas gerações de oficiais que venham a vincular-se à nobilitante carreira das armas.Felicidades, General Jonas, aqui neste cenáculo que o acolhe como seu acadêmico na cadeira da FAHIMTB que tem por seu ilustre pai como patrono e neste Colégio Militar do Rio de Janeiro. O Cel Art Nilton Freixinho destacado escritor e ex–comandante do Curso de Artilharia da AMAN,

tomou posse em Resende como acadêmico inaugurando a cadeira da personalidade já esquecida pela História o Cel Mario Clementino, autor do celebre editoria do nº1 da **Revista A Defesa Nacional.**

José Pessoa Cavalcantide Albuquerque – Marechal (1885-1959)

Marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque

Foi pensador militar fecundo e introdutor dos tanques de guerra no Exército Brasileiro, depois de cursar ocurso de blindados na França. Sua mais marcante atuação como pensador militar foi a de modernizar o ensino na Escola Militar de Realengo e idealizar a Academia Militar das Agulhas Negras e suas mais caras tradições, e assim desenvolver expressivamente a Doutrina do Exército. A condição de Patrono de Cadeira à qual o Marechal José Pessoa foi elevado nesta Academia de História Militar Terrestre do Brasil deve-se, dentre as múltiplas, variadas e notáveis projeções de sua imortal vida e obra de soldado brasileiro, às suas projeções como escritor e historiador militar e como criador de nobres tradições militares consolidadas em nosso Exército e, em especial, as de nossa Academia Militar das Agulhas Negras, da qual ele foi idealizador e cuja concretização foi um compromisso assumido e resgatado pela Revolução de 30. Pessoa considerou essa obra a maior realização de sua utilíssima vida, conforme declarou ao passar o último dia de sua vida militar na ativa na AMAN.As projeções de José Pessoa, como escritor, historiador e tradicionalista ou simbolista militar do nosso Exército, são pouco divulgadas ou enfatizadas, mas foram fundamentais e, diria, até essenciais para que o marechal comunicasse a públicos mais amplos as suas ideias e ideais e os mantivesse preservados à disposição, a qualquer tempo, da posteridade, através do seu pensamento militar escrito, ou consagrado nas nobres tradições militares que criou em nosso Exército.Muito do simbolismo das tradições militares que introduziu na AMAN teriam se perdido ou se turvado na letra fria dos regulamentos e da linguagem oficial castrense, se o marechal José Pessoa não tivesse imortalizado suas criações, bem como as motivações cívicas que presidiram suas criações em artigos na Imprensa. ele assim procedeu em toda a vida relativamente à AMAN e às suas tradições, bem como em outros campos de seu interesse:Escotismo, Polo, Blindados, Chefes da Cavalaria Brasileira,Ensino Militar, Estradas Estratégicas, Geopolítica, Geografia Militar e finalmente a Nova Capital do Brasil. Assuntos sobre os quais a sua produção literária foi expressiva e, a maioria, de grande atualidade. E não se limitou à Imprensa Militar, tendo utilizado os jornais **O Globo** e o**Correio da Manhã**. Este, o seu predileto, além de expressar seu pensamento em Ordens do Dia nos diversos comandos que exerceu.Umberto Peregrino, um grande diretor da BIBLIEx, também intérprete e testemunha da vida

e obra do marechal José Pessoa e seu ex-ajudante de Ordens, em artigo "**Dimensões do Marechal José Pessôa**" na **Revista do Clube Militar** – Especial 1980, enfatizou o gosto do marechal pelas letras e o seu apreço à inteligência, ou melhor, possuir como auxiliares diretos,soldados notáveis e também escritores, historiadores, geógrafos militares e geopolíticos. No projeto da AMAN contou com o concurso do geógrafo militar e geopolítico Cap Mário Travassos,que viria a ser o primeiro comandante da AMAN. Como inspetor de Cavalaria teve como Ajudante de Ordens o Ten Nelson Werneck Sodré, já crítico literário de o **Estado de São Paulo**,antes de suas vinculações ideológicas com o Marxismo, fatos bem conhecidos.Foi substituído por Umberto Peregrino, escritor e historiador de vocação que, à frente da BIBLIEx, estimulou o surgimento de novas vocações de escritores militares, por convidar a estes a produzir livros, os quais ele editava. Outro auxiliar que se consagrou na vida cultural foi o então tenente Manuel Cavalcanti Proença.

Segundo Umberto Peregrino, diariamente o marechal José Pessoa escrevia (a noite) sobre assuntos de serviço ou problemas nacionais, entregando pela manhã os seus manuscritos para que seu Ajudante de Ordens os "copy-deskasse" e os submetesse à sua aprovação antes do destino final.O General Umberto Peregrino foi consagrado patrono em vida da AHIMTB.

O Historiador e Pensador Militar Marechal José Pessoa:O seu primeiro livro como historiador militar teve como título:**Os tanks na guerra européia, 1914-18**. (Rio de Janeiro: Cia Albuquerque Neves, 1922). História do uso de carros de combate,assunto que cursara na França e também porque combatera,durante a 1ª GM, em unidade francesa de Cavalaria que possuía carros de combate. Ele seria pioneiro no Brasil no assunto Blindados.Com este livro ele divulgou no Brasil a introdução da nova e poderosa arma de guerra, o carro de combate, que surgira na Batalha do Somme em 1916. Citar 2 ed. seu livro pela ESG e meu Guararapes sobre seu livro

Na **Revista da Escola Militar**, atual **Revista Agulhas Negras**,publicação que ele estimulou e a dotou de verba especial,reconhecendo sua importância, ele publicou:

- **A pedra fundamental da Escola Militar das Agulhas Negr**as (nº Especial, 1938).

- **História do Espadim de Caxias, do Brasão das Armas, do Corpo de Cadetes e dos Uniformes Históricos da Escola Militar**"(nº 42, nov. 1939). Neste trabalho, traduz os simbolismos que presidiram as tradições que introduziu na Escola Militar do Realengo.

- **Pantheon de Caxias- Regresso das cinzas do Duque da Vitória à sua terra natal**.

- **Projeto da Capela monumental em Resende para abrigar os restos mortais de Caxias e ideias sobre as solenidades de translado"** (nº 45. out. 1940).

- **Projeto de uma Escola de Cavalaria em Pirassununga** (nº45, out. 1940). Em seu lugar lá foi construída a Academia da Força Aérea, em 1986, ano de seu centenário de nascimento. E era comandada por seu filho, de mesmo nome. Construída sobre enorme área que ele havia conseguido para sua Escola de Cavalaria.Aliás, ele pensava longe e grande! O Clube Militar e a Sociedade Hípica da Lagoa devem em muito à sua visão, no que se refere às suas atuais sedes, por ele conseguidas, para não se falar na imensa área da AMAN e da área onde se ergueu Brasília,cuja desapropriação ele conseguiu com o Governador de Goiás,em razão de não ter conseguido com o Presidente Café Filho.

- **Chefes da Cavalaria**. (Rio de Janeiro: Imprensa Militar,1941). Foi o seu 2º livro. Ele abrangeu o levantamento dos principais chefes da Cavalaria Brasileira, incluindo iconografia, a qual traduziu numa série de quadros que há muito ornamentam o Curso de Cavalaria da AMAN. Galeria a qual enriquecemos com pintura existente na Biblioteca da AMAN, que foi substituída pelo original que conseguimos trazer do Arquivo Nacional, no centenário da morte do General Osório na AMAN, comemoração que reconstituímos em nosso livro **General Osório - o maior herói e líder popular brasileiro,** disponível no Google.

Na **Revista do Clube Militar**;-**Vitória dos Montes Guararapes** (nº 94, 1949, p. 18), onde focaliza a epopeia dos Guararapes, que consagrou seu conterrâneo André Vidal de Negreiros, cujos restos mortais se encontram na Igreja do Parque Nacional dos Guararapes, para onde foram trasladados pelo então General João Baptista Mascarenhas de Moraes quando comandava a Defesa Territorial do Nordeste na 2ª Guerra Mundial, antes de assumir o comando da FEB.

- **Contra as ofensivas imperialistas dos trustes**

- **Vitória** nº 87, 1948, p. 19

- Pedra fundamental da AMAN nº 272, 1958, p. 6.

-A Pedra Fundamental da atual AMAN (nº 271, 1938), Pedra fundamental que descobrimos em 1978, estando completamente deteriorada a sua caixa de metal e seu conteúdo, por ter sido atingida por um lençol d'água. Antes da ampliação da AMAN, o local onde a encontramos foi balizada por um marco de cimento na forma de um esplendor.

Na **Revista Nação Armada**:-"**Grandes chefes da Cavalaria**" (n° 12, novembro de 1940); -"**Os tanks na guerra européia – o triunfo da moto mecanização**"(nº 18, maio de 1941);-"**Resende e a Escola Militar das Agulhas Negras**". (nº 41,agosto de 1941).

Na **Revista Militar Brasileira**, atual **Revista do Exército**:-"**O problema da formação do Corpo de Oficiais e os nossos institutos de Ensino Militar"** (1942). Merece registro entre suas numerosas **Ordens do Dia, a do Dia 17 de dezembro de 1932**,no Largo do Machado, no Rio, alusiva à 1ª entrega de espadins,onde ele inicia com estas antológicas considerações:

*"*Cadetes, defrontando a estátua do Marechal de Exército Luiz Alves de Lima e Silva, aquele que em vida foi o maior dos generais sul-americanos, acabais de prestar o juramento de recebimento de vosso espadim – arma distintivo que reproduz o saber glorioso do invicto soldado que com atos de sublimada grandeza, esmaltou com refulgência inigualável as páginas gloriosas da história nacional,marcando-a com traços imperecíveis e assinalando o seu nome como o do cidadão que melhor a serviu e mais a estremeceu..."

O Marechal José Pessoa, como escritor, produziu diversos trabalhos: o primeiro foi no célebre **Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército**em 1916 sobre "**O papel social do Escotismo".**

Na Revista **A Defesa Nacional;**-"**As vantagens do Pólo no Exército**" (nº 270, nov. 1936).

Na **Revista do Exército**-"**Rio São Francisco - problemas e soluções**, 1942". Defendia o Rio da Unidade Nacional como podendo servir de ligação do Norte-Nordeste com o Sul-Sudeste e Centro-Oeste na hipótese de interdição do litoral pelo Nazismo. E em realidade sua visão e conselho confirmaram-se;- "**Estrada do Norte**" (nº 13, dezembro de 1940), preconizava o uso mais intenso dos rios Araguaia-Tocantins como estrada do Norte do Brasil.Em 1958 publicaria

o seu 3º e último livro, que teve por título: - **Nova Metrópole do Brasil – relatório geral de sua localização.**(Rio de Janeiro: Imprensa Militar. 1958). Neste relatório alentado e muito ilustrado, ele traduziu o parecer da Comissão de Localização e de Mudança da Nova Capital, cujo nome para ele deveria ser Vera Cruz ao invés de Brasília, como viria a ser consagrada 4 anos mais tarde. Em menos de um ano, em 1955, ele apresentou um projeto de **Plano Piloto para a Nova Capital**.A História de Brasília vinha silenciando e até omitindo a sua participação relevante da Comissão da Nova Capital que o marechal José Pessoa presidiu, cuja solução ele considerava o problema geopolítico brasileiro nº 2, ao lado do nº 1 – a redivisão do Brasil em unidades harmônicas, hoje uma utopia.Para Umberto Peregrino (op. cit.), o marechal José Pessoa e a sua Comissão ligam-se indelevelmente à História de Brasília por duas razões:

1ª - As iniciativas que sua Comissão tomou foram decisivas para tornar Brasília realidade em tão pouco tempo. Elas respaldaram “o ânimo indomável do presidente Juscelino”.

2ª - O Plano Piloto de Brasília, de Lúcio Costa, coincidiu em linhas gerais com o da Comissão José Pessoa. Esta idealizou uma cidade em forma de cruz (a Vera Cruz) e Lúcio Costa em forma de avião.O Marechal José Pessoa foi consagrado patrono de cadeira da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, por nós fundada em 20 de março de 1996 em Resende no aniversário do início do ensino acadêmico na AMAN. Tivemos a honra de ser o seu 1ºacadêmico ocupante. Mais tarde, criamos em Brasília, sediada no Colégio Militar de Brasília, a Delegacia da AHIMTB Marechal José Pessoa, para pesquisar, preservar, cultuar e divulgar a obra do Marechal José Pessoa, relativamente a Brasília, e que vem sendo silenciada.Hoje, ele e o Presidente Juscelino são patronos de cadeirana AHIMTB. Pois Juscelino, como médico militar da Polícia Militar de Minas na resistência à Revolução de 32, no túnel ferroviário que dava acesso à cidade de Cruzeiro, elaborou relatório dos fatos ali ocorridos. E no Museu da Polícia Militar de Minas, em sua Academia Militar, que visitamos, ele abriga farto material sobre a atuação militar do Cel Médico da PMMG Juscelino Kubitschek de Oliveira.

O criador de nobres tradições militares consolidadas em nosso Exército; Antes da 1ª Guerra Mundial, o então Ten José Pessoa foi distinguido para estagiar no Exército da França, e também em Saint Cyr, o equivalente à nossa AMAN, no Centro de Estudos de Carros de Combate e no 503° Regimento de Cavalaria francesa, unidade de elite que dispunha de carros de combate onde José Pessoa, na paz e depois na guerra, adquiriu preciosa experiência que transferiu para o nosso Exército.Ali, segundo o Gen Aurélio de Lyra Tavares, o Ten José Pessoa teve motivações para alimentar o seu espírito de soldado reformador e criador de tradições militares entre as quais ressaltamos:

- Introdução da tradição do Pólo no Exército, em 13 de maio de 1923, numa disputa dos atuais regimentos Dragões da Independência e Andrade Neves.

- Escolha do General Osório como patrono da Cavalaria,sendo o 1º a assim tratar e consagrar Osório em Chefes da Cavalaria Brasileira, cit.

- Ao assumir o comando da Escola Militar do Realengo, tendo nela introduzido profundas reformas em seu ensino militar,consolidadas em Resende, e as seguintes tradições:

- Criação do Espadim dos Cadetes como arma privativa dos mesmos e cópia fiel em escala do sabre invicto de seis campanhas do Duque de Caxias, o qual se encontra no IHGB desde 1925.

- Restabelecimento do título monárquico de Cadete, abolido com a República, mas agora com o sentido de companheiro mais jovem do oficial.

- Criação do Brasão da Escola Militar tendo nele, já estampada,a silhueta das Agulhas Negras, local para onde a Escola Militar iria se transferir 12 anos mais tarde. No fundo dourado, por detrás das Agulhas Negras, ele simbolizava o sol que brilhava em Itororó, o momento maior de Caxias como líder de combate.

- Criação do Corpo de Cadetes e o seu respectivo Estandarte,que foi entregue solenemente pelo presidente da República Getúlio Vargas, antigo aluno da Escola Preparatória Tática do Rio Pardo (1900/Mai - 1903). Ato imortalizado em pintura na Biblioteca da AMAN.

- Criação dos Uniformes Históricos dos cadetes, como elo entre os exércitos do Império e da República, simbolizando um só Exército. Outra medida com este espírito de unidade foi usar,simbolicamente, para chegar à Escola do Realengo, a antiga carruagem (caleça) que fora usada pelo comandante da Escola na Praia Vermelha, o marechal Polidoro Quintanilha Fonseca Jordão,que se destacara no comando da Escola no Império.

- Introdução da cadeira de Geografia Militar no Realengo, no sentido de Geopolítica ou de Geografia do Soldado, com vistas aos Estudos de Situação, a mais profunda abordagem do fator da Decisão-Terreno, nos mais variados escalões considerados.Encargos para o qual convidou o Jovem Turco, cofundador de A Defesa Nacional, Capitão de Infantaria Francisco de Paula Cidade,nosso Patrono de cadeira no IGHMB e que produziu as valiosas **Notas de Geografia Militar Sul-Americana**, cuja primeira edição o Cel José Pessoa patrocinou com recursos da Escola Militar. E a segunda foi pela BIBLIEx. Do Realengo a Geografia Militar foi introduzida na ECEME pelo Capitão Paula Cidade.Este era o espírito da Geografia Militar trazido por ele da França.Enfim, estudar o fator da Decisão Militar Terreno.Não conseguiu o marechal tornar o Duque de Caxias patrono da AMAN.Hoje o Pátio do Novo Conjunto Principal foi batizado de Duque de Caxias.Ainda que fosse concretizado o seu sonho de servir como FECHO FINAL das majestosas instalações da AMAN a construção de um Pantheon para abrigar as relíquias de Caxias e os seus restos mortais e os de sua esposa – a Duquesa de Caxias.Ideal assim expresso por José Pessoa:

“O monumento a Caxias deve ser retirado para um sítio de plena quietude para que se torne um recanto sagrado e possa ser visitado com recolhimento do Duque de Caxias”.

Foi em 2018 inaugurado na AMAN um Memorial ao Duque de Caxias para o qual não fomos consultado, como biografo de Caxias e do Marechal José Pessoa, presidente da FAHIMTB, o qual não correspondeu ao sonho do marechal em sua afirmação de que” A tradição é a Democracia dos mortos,”ou quando os sonhos e obras dos mortos são respeitados pelos vivos que, salvo melhor juízo, não foram até o presente.

E sobre a tumba da Duquesa de Caxias está a homenagem do patrono do Exército ao seu grande e único amor:“Nenhum dos atos com que costumam exaltar-me, nenhum,deixou de ser sugerido e inspirado por ela ou por lembrança dela”.

Talvez aí o marechal estivesse, de forma inconsciente, prestando homenagem à sua esposa e grande companheira, a inglesa D. Blanche Mary.Segundo seu biógrafo, o acadêmico da AHIMTB Cel Hiram de Freitas Câmara, em **Marechal José Pessoa. A força de um ideal.** (Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1985):“D. Blanche Mary contribuiu de modo decisivo para os êxitos alcançados pelo marechal José Pessoa”.Ela deixara o conforto de um bairro elegante londrino, tendo como pai um bem sucedido comerciante da classe média alta,para acompanhar o marido na deserta e então atrasada São Luiz Gonzaga, nas Missões.Os mais de dois séculos de ensino militar acadêmico terrestre no

Brasil são balizados pelo Antes e o Depoisdo marechal José Pessoa, tal a marca indelével de sua atuação histórica.Outra tradição firmada que só conseguiu ver triunfar em 1951, foi a atual denominação Academia Militar das Agulhas Negras,depois de cerca de sete anos chamar-se Escola Militar de Resende.Nesta luta justa foi cometida uma grave injustiça contra o Conde de Resende, O fundador do ensino militar acadêmico nas Américas e do ensino superior civil no Brasil, ao fundar na Casa do Trem, em 1792, aniversário da Rainha D. Maria I e sob a égide do Regente D. João – a Real Academia, de Artilharia,Fortificação e Desenho, destinada a formar no Brasil-Colônia oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenheiros. O Conde de Resende que em 1801 fundou Resende, onde desde 1944 funciona a AMAN.Diz uma tradição castrense *"*que o chefe nunca erra; que às vezes se equivoca e que quando isto acontece é por culpa única e exclusiva do subordinado". Alguém lhe informara que "O Conde de Resende fora quem assinara a sentença de morte de Tiradentes e que pegaria mal à Escola Militar levar o nome de quem sentenciou Tiradentes à morte".Em realidade, quem condenou Tiradentes à morte foi um Tribunal Civil. A sentença foi assinada abrandada pela rainha D.Maria I, a Piedosa, que perdera a razão em decorrência da morte de um filho (Príncipe da Beira) e do marido. E não foi comutada pelo Regente D.João, que poderia tê-lo feito. O Conde de Resende propiciou a assistência de um advogado e uma véstia branca com recursos da Santa Casa do Rio, da qual era Provedor. Em nome desta falsa culpa foi tentado mudar o nome da cidade de Resende, só se conseguindo o de Estação Resende para Estação Agulhas Negras.

Esta injustiça contra o Conde de Resende consta de obra de Itamar Bopp "**Resende – Cem anos de cidade 1848-1948**"e de obra histórica sobre a AMAN recém editada, com apoio da Odebrecht, para cuja edição não fomos ouvidos! História é verdade e justa! Aqui ficamos à vontade para promovê-las. Pois o Conde de Resende é o nosso patrono na cadeira nº 2 da Academia Resendense de História e o Marechal José Pessoa é o nosso patrono de cadeira, que inauguramos nesta Academia de História Militar Terrestre do Brasil, ambas sediadas em Resende. Fizemos amplo resgate da obra do Conde de Resende, que está traduzida na **Revista do Instituto Histórico Brasileiro**, alusiva ao **Bicentenário da Inconfidência Mineira** (v. 153, nº 375, abr/jun 1992, p. 32/43) em artigo *"***O conde de Resende, o fundador do Ensino Militar Acadêmico nas Américas do Ensino Superior Civil no Brasil e criador do município e cidade de Resende"***.*Ambos, o Conde de Resende e o Marechal José Pessoa,são hoje culminâncias na História do Ensino Militar no Exército desde 1792. Confirmar é obra de simples verificação e raciocínio.O Marechal José Pessoa foi consagrado como patrono da cadeira 22 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) por suas projeções, que demonstramos, como historiador e pensador militar,escritor e sobretudo como um tradicionalista ou simbolista militar brasileiro. Pois o acadêmico Gen Aurélio Lyra Tavares, paraibano como ele, amigo e patrono em vida de uma cadeira em nossa Academia de História Militar Terrestre do Brasil, assim o definiu em artigo "**Um chefe que pensava no amanhã"** (Revista do Clube Militar, set./out. 1985):

"O Marechal José Pessoa foi sempre, como soldado, um entusiasta dos grandes valores simbólicos (tradições) e materiais que alimentam a chama da carreira das Armas pelo culto dos heróis do passado, como fonte de inspiração do verdadeiro Espírito Militar, o que se observa no traço característico das pregações que dirigia aos seus subordinados, para educá-los na linha doDever e do Civismo personificados nos exemplos dos grandes chefes, a começar pela figura de

Caxias, cujo saber lhe serviria de símbolo para moldar o espírito dos futuros cadetes do Brasil,na Academia Militar das Agulhas Negras, a grande obra que o imortalizou".

O marechal José Pessoa forjou seu espírito de soldado na esquecida, mas grandiosa, Escola de Guerra de Porto Alegre (1906-1911), dentro do espírito do Regulamento de Ensino de 1905, ponto de inflexão do equivocado bacharelismo militar (1874-1905), para o profissionalismo militar, o qual José Pessoa consolidaria no Regulamento de 1944 na AMAN.Em realidade foi a Escola de Guerra de Porto Alegre, no Casarão da Várzea – o celeiro de chefes que consolidaram a Reforma Militar 1897-1945, conforme demonstramos em nosso livro **História do Casarão da Várzea 1885-2008**, atual caserna do CMPA, em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis,prefaciadopelo grande ex-comandante da AMAN Gen Bda Marco Antônio de Farias e ex-Diretor do DEPA. E orelhas de autoria do acadêmico da AHIMTB Gen Ex Paulo César de Castro, então chefe do DEP (atual DECEx)...Ao leitor interessado nas demais projeções da vida e obra deste grande brasileiro indicamos as seguintes obras, editadas em seu centenário em 1975, que ampliam nossa abordagem:

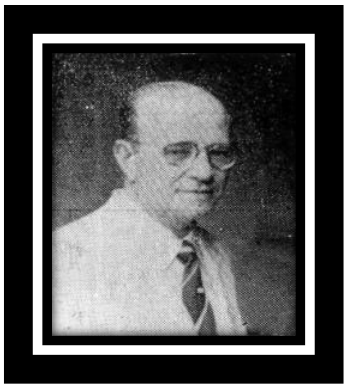
- CÂMARA, Hiram de Freitas. **Cel Marechal José Pessoa - a força de um ideal.** Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1985. Contém depoimentos de testemunhas e subsídios ao final, vários de nossa lavra.

- FONTES, Arivaldo Silveira, Cel Prof. **AHIMTB – Posses de Acadêmicos 1996-1997**. Brasília: SENAI,1978. Cadeira 22.p.129-140.

- **REVISTA DO CLUBE MILITAR** - Edição Especial Mal José Pessoa, set/out. 1985 {Artigos dos generais José Pessôa (reprodução),Aurélio de Lyra Tavares, Sylvio Frota, Tasso Vilar de Aquino,Geraldo Knaack de Souza, Umberto Peregrino, Flamarion Pinto de Campos, João Baptista Peixoto e Cel Cláudio Moreira Bento).*"*O homem é eterno enquanto sua obra for lembrada ou permanecer"! Temos certeza de que isto está ocorrendo com o idealista e patriota Marechal José Pessoa. Chefe que, tendo mil motivos para justificar a não concretização de suas realizações, arrumou mil motivos para levá-las avante. E temos igualmente certeza de que a eternidade de sua obra será ajudada pelos seus escritos.

Em 2020 publicamos o livro **O Marechal Jose Pessoa os seus méritos na fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército.**Obra disponível em obras para baixar em Livros e Plaquetas no site www.ahimtb.org.br e no Google e com grande número de exemplares disponíveis na sala na AMAN da AHIMTB-Resende e que só foram lançados em 1922 para o1º ano. Esperamos que um maior número de cadetes recebam este livro sobre o idealizador da AMAN!

José Lima Figueiredo - General (1902-1956)



General José Lima Figueiredo

Nasceu em 21 de Junho de 1902 no Rio de Janeiro. Cursou a Escola Militar do Realengo, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e a Escola de Estado-Maior do Exército.

Como Tenente Coronel Comandou a Escola de Educação Física do Exército e como Coronel integrou o Gabinete do Ministro da Guerra Eurico Gaspar . Foi Adido Militar no Japão por ocasião da Guerra Japão x China.Missão que relatou em dois de seus livros **Japão por dentro** e **Um ano de observação no Extremo Oriente.**

Foi eleito Deputado Federal por São Paulo em 1950, onde foi relator da Comissão de Segurança Nacional, durante os debates em torno do Petróleo, participando ativamente dos debates e discussões relacionadas com a criação da Petrobras como representante dos militares a favor do monopólio estatal.Atuação que ajudou a decretação da Lei 2004, de outubro de 1953, que garantiu o Monopólio Estatal da União. Foi sócio dos institutos históricos e geográficos do Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Paraná e foi Assessor Técnico do Conselho Nacional de Geografia, Vice Presidente do Conselho Nacional de Desportos.Dirigiu a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

Seu pensamento político e administrativo foi amplamente abordado pelo advogado Jorge Eduardo M. de Lima Figueiredo nas Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil nº 71, (2º sem.), 72 e 73 (1º e 2º sem.) e 74 (1º sem.).

Como historiador militar publicou as seguintes obras.

Pela BIBLIEx:

- Grandes soldados do Brasil,1935;

- **Cidades e Sertões,** 1941;

- Um ano de Observação no Extremo Oriente (Japão);

- **Centenário do Marechal Bernardino Borman** (com outros), 1944; e

- Casernas e Escolas.

E por outras editoras:

- **O Japão por dentro;**

- As fronteira do Brasil;

-Oeste Paranaense;

-Eurico Gaspar Dutra, traços biográficos;

-Terras de Mato Grosso e da Amazônia;
-Brasil Militar, 1944;
- A Conquista do Brasil pelos brasileiros;
-No Japão foi assim e Getúlio Vargas e a conquista do Sertão;e
-Limites do Brasil, 1939.

E ainda publicou. **Barbacena a grande figura do Império** na **RIGHMB** ,nº 2, p.71-79 e **Hermes e o Clube Militar** , na **RMB**, nº63, p.191-205.

Na cidade de Vinhedo tem rua com o nome do General José Lima Figueiredo

Concluir este resgaste foi muito difícil. Uma grande figura que pesquisando várias fontes só encontrei o que acabei de escrever. Seu nome era muito falado. Eu li com grande proveito seu precioso Grandes soldados do Brasil e muito apreciei. Em algum lugar descobri a data de seu falecimento aos 54 anos. Muito Jovem, Mas não menciona o local. Fiz o que pude para resgatar a sua vida e obra.

ManuelLiberato Bittencourt -General (1869-1948)

General ManuelLiberato Bittencourt

Liberato Bittencourt nasceu em Florianópolis, SC, a 30 de outubro de 1869, filho de Francisco Bittencourt e de D. Maria Bernardina Duarte Bitencourt. Órfão de pai e mãe, foi criado e educado por sua avó materna. Aprendeu as primeiras letras em Florianópolis, e, adolescente, sentiu nascer a vocação para a carreira das armas. Como não tinha dinheiro para a viagem, conseguiu emprego de foguista num navio cargueiro que viajava para o Rio de Janeiro. Aproveitando os momentos de folga e o clarão da fornalha, procurava resolver os problemas de Matemática. Quando o comandante do navio se deu conta de seu sacrifício, recompensou-o com outras tarefas, que lhe facilitassem os estudos. Ingressando na Escola Militar da Praia Vermelha,se tornou engenheiro militar.

Sofreu, na juventude, forte influência positivista de seus chefes militares. Posteriormente, tomou-se cristão. Afastou-se, ainda Major, dos corpos de tropa, para assumir na Escola da Praia Vermelha a cadeira de História Militar. Lecionou, também, na Escola de Estado-Maior do Exército, onde se reformou em 1910, como Coronel, com graduação de General.

Eleito a 1º de maio de 1912, tomou-se sócio do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Como homem de letras, confessou certa vez sua predileção

por Tobias Barreto, Euclides da Cunha, José deAlencar e Rui Barbosa, buscando um traço comum ao estilo de autores tão distintos. Vejamos a influência desses autores na ênfase, na pompa dos parágrafos, no vocabulário opulento e no estilo como foram caracterizados pelo então Ten Cel Cavalcanti Proença, em sua obra póstuma, em homenagem ao Gen Liberato.

Certa vez, perguntaram-lhe qual o título de que mais se orgulhava. Engenheiro Militar, Engenheiro Civil, General do Exército Brasileiro, Escritor, Historiador ,Professor das Escolas Militares da Praia Vermelha, do Realengo e da Escola de Estado-Maior do Exército, Doutor Honoris Causa da Universidade de Ciências de Roma, respondeu:Ser educador!

Entre suas obras sobre História do Brasil, ciências varias, Curso de Matemática Elementar, Educação em seus vários aspectos, Estudo das Letras e Estilo, destacamos trabalhos na área militar:**Príncipes Généraux d'Organisation des Armées** (Estudo crítico dos grandes chefes militares nacionais e estrangeiros, impresso em francês, idioma que falava fluentemente. Em 1933, já alcançava a 8[9] edição). Outros trabalhos: **Reforma do Exército; Psicologia do Comando Chefe; Reforma da Instrução Militar; Os Professores Militares; Operações da Esquadra na Guerra contra o Paraguai; Discurso em Homenagem ao Duque de Caxias, 1923** (em nome do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro publicado em sua Revista nº 148. Nesta Revista publicou os seguintes artigos: Lauro Muller nº197: 106-119,out-dez 1947. E Psicologia do Barão do Rio Branco 75 (125): 9—113, 1912. **Classificação das Ciência**s (com prefácio do exigentíssimo crítico literário Sílvio Romero,em que este declara: "Jovem militar, com vistas acertadas paratodos os ramos científicos, qualidades de filósofo e pensador."Escreveu, o livro **"Exame de Admissão",**com opropósito de despertar em seus alunos **civismo, idealismo e respeito às tradições.** Segundo oCel Professor Geraldo Levasseur França ." Conheci nosso General Liberato . Minha primeira impressão foi de medo. Tinha apenas onze anos e fui levado por meu pai, homem também austero, para matricular-me no Ginásio 28 de Setembro, do General Liberato... Fiquei surpreso ao ver um aluno do último ano uniformizado, de talabarte e espada. Era o aluno oficial de dia ao Colégio. O General nos apresentou uma saleta gradeada, com a palmatória bem à vista... Minhas perninhas tremeram, pois, meu pai foi logo dizendo: "Se for para aplicar aplique em dobro- pelo senhor e por mim!" Daíem diante, entenderam-se e se tornaramamigos. Transcrevo agora parte do artigo da revista mensal, finamente ilustrada, publicada pela Companhia de Seguros A Equitativa, em seu número de maio de 1936:

"O Ginásio Vinte e Oito de Setembro, fundado em 1913 pelo então Major Dr. Liberato Bittencourt**,** seu atual General Diretor, é hoje uma das grandes casas de ensino do Brasil…Conta, no presente, com mil alunos e a seção feminina completamente separada da masculina, em prédios próprios, recentemente construídos em cimento armado. Ocupa o nº 543 da Rua 24 de Maio, os números 23 e 25 da Rua Paes de Andrade**,**todos ligados pelos fundos, formando corpo

único. Cuida por igual, desde sua criação**,**do corpo, da cabeça e do coração dos lidadores do porvir, preparando cidadãosaptos para a luta de cada dia. Seu diretor, continuamente à testa do vasto Estabelecimento, criou a “Aula de Moral”, que ele próprio rege, assim como a “Aula do Brasil”**,** perfeita realidade em todo o Vinte e Oito de Setembro. Toda criança ali sustenta convencida: O BRASIL ACIMA DE TUDO! - dito que todos repetem orgulhosos, ao som da Marcha 5, às 6 horas da manhã, ao hastear a Bandeira, e às 6 horasda tarde**,** ao descer da mesma. No Curso Primário, diz o Diretor, só há três cousas importantes para estudar e bem saber: Português, Aritmética e Brasil. Tudo o mais é acessório. Eis por que aluno ou aluna do “28”, de corpo e alma, se atira à Pátria**,** querendo-a grandiosa em seus ensinamentos, modelar em sua atividade, consciente enfim de sua Soberania. “Dá prazer e gosto estudar no Vinte e Oito de Setembro**. “**

Segundo ainda o saudoso acadêmico Cel França **“** Àsquartas-feiras, durante meu curso de admissão ao ginásio, tínhamos como tarefa desenhar, alternadamente, o mapa do Brasil com seus Estados e respectivas capitais**.** Na outra semana, a Bandeira Brasileira com seus detalhes. O velho Mestre verificava e rubricava todos os trabalhos, para que não fossem reapresentados na semana seguinte. Exigia do professor de música a aprendizagem correta dos hinos Nacional**,**à Bandeira, da Independência e a deCaxias, para serem cantados corretamente nas aulas de Moral, realizadas no último sábado de cada mês, durante o ano letivo.

Falandoem Aula de Moral , vem-me à lembrança o enorme salão, todo ornado com retratos a óleo dos grandes vultos nacionais: Caxias, Osório, Rio Branco, Oswaldo Cruz, Tobias Barreto... Entre eles, destacava-se um jovem, que fiquei sabendo tratar-se de Joaquim Gomes de Souza, o famoso matemático, autor dos livros: **Integrais que todos resolvem** e **Integrais que Eu e os Sábios Resolvemos...** e o terceiro: **Integrais que só eu resolvo.** Nosso General reconhecia em “Souzinha” o maior químico que conhecera. Assim era o nosso Salão Nobre onde, reunindo o masculino e ao centro o feminino, aprendíamos a admirar nossas tradições, através das alocuções dos oradores de todas as séries. Nesta época, fiquei conhecendo o ritual de entrada e saudação da Bandeira em forma, com sua respectiva Guarda de Honra. Portava o Pavilhão Nacional o aluno mais distinto da última série , e o Estandarte do Colégio, a respectiva aluna mais distinta.

Nosso General foi homem de hábitos regulares e disciplinados. Levantava-se cedo fazia sua ginástica “sueca”, tomava o desjejum e iniciava, a pé, o caminho Ginásio , onde era o primeiro a chegar. Andava cerca de cinco quilômetros diariamente. Ao café da manhã,só comia pão dormido, por ser mais saudável. Naquele tempo,geladeira era objeto raro,

O General Liberato fez parte do Tribunal Militar que julgou o jovem oficial Dilermando de Assis, responsável pela morte de Euclides da Cunha. Baseado nosfatos e na sua consciência, votou a favor da absolvição do réu, num caso de indiscutível legítima defesa, tendo de enfrentar a imprensa e a opinião pública que exigiam acondenação de Dilermando. Foi muito desassombro diante de tamanha pressão!

Certa feita, advertiu muito severamente um menino, que abaixou cabeça e começou a chorar. Sentindo-se demasiado truculento, o General comentou: "A lágrima é mais forte argumento de defesa da mulher e da criança**" e** afagou a cabeça do garoto, com ternura.

Noutro dia, um grupo de colegas mais adiantados resolveu fazer gazeta,

indojogar sinuca num bar próximo. Percebendo a falta, o Diretor foi para a porta do bar e apenas ergueu o braço com o dedo em riste apontando para o Ginásio. Tanto bastou para que os gazeteiros tomassem rumo da sala de aula, cabisbaixos.

As instalações do Ginásio eram usadas o dia inteiro: na parte da manhã, com as aulas do Ginasial; à tarde, com as do Primário; e à noite, ali funcionava o Tiro de Guerra 140. Foi neste Tiro de Guerra que aprendi as primeiras noções de armamento e maneabilidade. Estávamos em plena II Guerra, e o TenBenedito era exigente,compenetrado e bom instrutor. Sabia estimular os exercícios de combate.

Contava o nosso Diretor com a colaboração de seus filhos: D. Laira, era a Diretorado feminino, o então TenLiberato Bittencourt Filho, um ótimo professor deMatemática e de Educação Física. Ensinou-me a cantar minha primeira canção militar, para a volta à calma, depois da ginástica, cujo estribilho dizia:

"Brasil, nome sagrado,

Partimos resolutos para a guerra.

Todo o vigor que meu peito encerra

É teu, só teu, Brasil amado!"

Nesse ambiente, grande número de colegas seguiu a carreira das armas, graças a vibração patriótica que de nosso Ginásio emanava. Dentre esses, cito os seus netos filhos do Ten Liberato: coronéis Liberato Bittencourt Neto (cujo apelido familiar era LITO) e Arnaldo de Mesquita Bittencourt, e tantos outros, como os coronel Amauri Rocha Vercillo, Jardro Alcantara Avellar, Paulo Burlier Fontes. Os coronéis França no qual baseamos parte destabiografia e o Cel Jardro de Alcantara de Avellar foram destacados educadores, seguinte o exemplo do mestre e ambos membros da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.Em todas as salas de aula, acima do quadro negro, estava impressa a frase **: "O Brasil espera que cada um cumpra escrupulosamente o seu dever."** A palavra"escrupulosamente" havia sido inserida por ele na famosa frase do Almirante Barroso na Batalha do Riachuelo.

Gostava de lembrar Bismark, quando indicava a leitura de algum livro. Para que ficássemos bom proveito, finalizava com a assertiva: "*Só os tolos não aprendem com a experiência alheia."*

Como exemplo de amor à Pátria, citava o TenSIQUEIRA CAMPOS, um dos heróis 18 do Forte de Copacabana, quando disse: **"Â Pátria tudo se dá nada se pede, mesmo compreensão."**

E outras frases:**"0 homem é como o peixe, morre pela boca." -** e acrescentava: **"comendo o que não pode e falando o que não deve. O homem educado sorri, o animal gargalha." "Devemos servir ao Brasil e não servir-nos do Brasil."Se a palavra convence, o exemplo arrasta."**

O General Liberato foi membro do IHGB no qual foi admitido em 27 maio 1912. E no qual integrou a Comissão de Bibliografia; Integrou a Sociedade Brasileira de Geografia e foi professor Honoris Causa da Universidade de Ciências de Roma.

O General Liberato faleceu no dia 15 de Novembro de 1948 aos 79 anos, deixando um precioso exemplo de soldado, historiador militar, cidadão e acima de tudo de um grande educador.

Mário Clementino - Coronel (1876)

Coronelde Infantaria Mário Clementino

Foi pensador militar terrestre fecundo. Participou do Grupo enviado pelo Marechal Hermes da Fonseca para curso no Exército Alemão.De retorno integrou o grupo de Jovens Turcos, que em 1913 fundaram a revista **A Defesa Nacional,**cabendo-lhe a autoria do 1º editorial da Revista e por ele assinado. Editorial e reproduzido na **História do Exército Brasileiro, perfil militar de um povo** 1972 as p. 805-807 de seu segundo volume.E neste editorial inicia com estas palavras “Como é fácil de ver, o escopo de seus fundadores, não é outro senão o de colaborador, na medida de suas forças, para o soerguimento de nossas instituições militares, sobre asquais repousa a defesa do vasto patrimônio territorial que os nossos antepassados nos legaram e da enorme soma de interesses que sobre ele se acumulam”.E mais adiante:

“Nós estamos profundamente convencidos de que só se corrige o que se critica e de que criticar é um dever; e de que o progresso é obra de dissidentes.” Esta revista foi fundada, por conseguinte, para escrever o direito que todos temos, de julgar as coisas que nos afetam, segundo o nosso modo de ver, é darmos nossa opinião a respeito. Mais tarde como professor de História Militar, ele informa sobre pensamentos do Marechal Ferdinando Foch sobre Arte Militar.

“Arte da Guerra exclui qualquer esquematizo. E não há maior perigo do que se pretender querer conduzir uma campanha com régua e compasso, como quem faz geometria ...”

Exemplificando o pensamento do Marechal Ferdinand Foch, professor de História Militar da Escola Superior de Guerra da França que dali saiu para comandar a vitória aliada na 1ª Guerra Mundial, Mario Clementino escreveu em suas aulas de História há 81 anos:

"Durante os períodos de paz mais ou menos longos, é do estudo meditado da História Militar que os comandos dos exércitos se preparam para as eventuais campanhas futuras.Esse estudo é de tal forma proveitoso que se têm visto exércitos que durante largo tempo só estudaram a guerra nos livros, baterem em campanhas recentes, exércitos aguerridos, porém que deram mostras de menosprezo ao estudo teórico dos princípios da Arte da Guerra. De 1815-1866 o Exército da Prússia não tinha ido à guerra. Entretanto venceu com notável maestria em 1866, o Exército da Áustria que vinha de realizar campanha de 1859.

O Exército do Japão só aprendeu a Arte da Guerra com a experiência alheia, adquirida de missões militares alemã e francesa. E na Manchúria revelou conhecimento completo da Arte da Guerra e fez campanha notável sob todos os pontos de vista.

Não se deve concluir disto que a mera acumulação na memória dos fatos da História Militar (História Militar Descritiva) confira a capacidade para comandar exércitos. Se assim fosse seria fácil ser um general cabo de guerra. Mas não é isto! A Guerra é produto de um conjunto de circunstâncias múltiplas e várias, e o que se pode afirmar é que nenhuma campanha se reproduz da mesma forma no espaço e no tempo, de modo que possa ser copiada ou rigorosamente imitada de campanhas recentes. O que interessa no estudo da História Militar (Crítica), no mais alto nível, é a capacidade de discernir, destacar e isolar os princípios da Arte da Guerra que regem o fenômeno, da massa enorme de fatos que deles se depreendem, como uma emanação espiritual. (Nota é o que classifico como História Militar Crítica). E mesmo depois que se fez isso, depois que os Princípios da Arte da Guerra foram isolados, destacados e compreendidos, aqueles que aspiram as culminâncias da Arte Militar tem de ir um pouco além. Tem que penetrar- lhes (Princípios da Arte da Guerra) em seu senso filosófico e por vezes esotérico, sua estrema elasticidade diante das circunstâncias, o seu relativismo inflexível, os seus conflitos mútuo-aparentes ou reais, os paradoxos a que eles por vezes conduzem e, ao lado disso; o seu caráter imutável e eterno; a sua incoercibilidade irredutível em determinadas emergências, a implacabilidade de seus decretos, as consequências desastrosas que às vezes acompanham as suas mais elementares infrações. Tudo isto deve o general discernir e compreender em meio do tumulto e do entrechoque dos motivos, os mais diversos, que entram no fenômeno da guerra: motivos/psicológicos, biológicos, industriais, geográficos, topográficos, climatéricos, místicos, políticos e outros....” Em 1934 foi louvado pelo Cel. Francisco José Pinto ao deixar o comando das Escolas Técnicas do Exército e Militar Provisória, para assumir a chefia do Gabinete de Ministro da Guerra Gen Div Pedro Aurélio Góes Monteiro, grande pensador militar.

“Peço neste instante permissão ao Sr. Cel. Mário Clementino, muito digno professor da 5ª aula de História Militar do 3° ano, para testemunhar-lhe a minha profunda admiração pelo cabal desempenho e inexcedível competência com que rege a referida aula de História Militar Esses predicados que ornam o Sr. Cel. Mário Clementino não constitui para mim novidade. Desde o seu ingresso no oficialato do Exército Brasileiro, que me habituei a o ver muito justamente pela

sua vasta cultura intelectual e profissional e pela inteireza de seu diamantino caráter, como um dos mais brilhantes ornamentos do quadro de professores militares".

Em 1934 integrou a Comissão Examinadora de História Militar da Escola Militar Provisória. em 1936 aos 60 anos foi transferido para a Reserva, por haver atingido a idade limite.Este foi o pensador militar esquecido e professor de História da Escola Militar, autor do notável, contundente e corajoso Editorial do nº 1 de A Defesa Nacional. Revelação, justa e oportuna.Mário Clementino, havia caído no esquecimento de onde foi resgatado, com apoio em sua fé de ofício, pelo acadêmico benemérito da FAHIMTB Israel Blajberg, ao tomar posse na cadeira Mário Clementino. Posse que a FAHIMTB preservou em seu volume 39 de posses de acadêmicos, p. 73/305, em seu acervo na AMAN.Também o abordamos em pesquisa o Cel Inf Mário Clementino de Carvalho, como homenagem da FAHIMTB, a um pensador militar brasileiro esquecido. Homenagem disponível em Livros e Plaquetas. em Personalidades no site www.ahimtb.org.br.

Escreveu na revista A Defesa Nacional.

Canções de Guerra III p.38/41

Aos Srs.Diretores de A Defesa Nacional XXXV 29/30

A marcha para a química total XLI 31/33

Moacyr Lopes de Resende -General Professor (1911 -)

General Professor Moacyr Lopes de Resende

O Patrono da cadeira, Gen Moacyr Lopes de Resende, tem a sua vida militar intimamente ligada à Academia Militar das Agulhas Negras, desde a sua instalação em Resende.

Nascido no Espírito Santo, em 1911, sentou praça em 1927, ano em que ingressou na Escola Militar, no Realengo, onde foi declarado aspirante-a-oficial de Infantaria, no início de 1932, tendo a ventura de ser comandado pelo então Coronel José Pessoa.

Sua primeira unidade foi o 3o Batalhão de Caçadores, atual 38° Batalhão de Infantaria, Vila Velha, ES. Naquela tradicional unidade, serviu cinco anos, par-

ticipando dos combates ao lado das tropas legalistas na Zona de Operações de Guerra, no Vale do Paraíba, durante a Revolução Constitucionalista de São Paulo de 10 JUL a 23 OUT 1932.

Em 1937, vamos encontrá-lo no 10° Regimento de Infantaria, atual 10° Batalhão de Infantaria, em Juiz de Fora, MG, onde foi promovido a capitão, em 1938.Em 1941, comandou a 1ªCompanhia Independente de Fronteira, posteriormente, transformada em 1º Batalhão de Fronteira, atual 34° Batalhão de Infantaria Motorizado, em Foz do Iguaçu, onde permaneceu até ser nomeado instrutor da Escola Militar de Resende.

Apresentou-se em 14 de março de 1944, sendo um dos instrutores pioneiros da nova Escola Militar. Como comandante da 1ªCompanhia do 1° ano, empenhou-se na implantação e organização do curso de formação de oficiais combatentes, que se iniciava em Resende.

Em abril de 1946, por ocasião das comemorações do 135° aniversário de criação da Academia Real Militar, proferiu interessante palestra sobre o “Histórico da Escola Militar”, já revelando forte pendor para o estudo da História Militar.

Em 1947 cursou a EsAO, obtendo o conceito MB e retornou à Escola Militar, agora como Adjunto de Professor de História Militar, em comissão, no período de 1948 a 1954. Pode ser considerado um dos primeiros professores de História Militar da AMAN.

Sua consagração no campo da História militar se deu com a obra “História da Academia Militar das Agulhas Negras (1811- 1951)”. Com uma linguagem simples e objetiva percorreu a história da Academia, revelando detalhes sobre a evolução do ensino e as peculiaridades das diversas sedes ocupadas pela escola de formação de oficiais, da Casa do Trem a Resende. A riqueza do conteúdo do trabalho garantiu a publicação na Revista Agulhas Negras de 1951. Em 1948, foi promovido a major.

Por suas qualidades pessoais e profissionais foi nomeado comandante do Batalhão de Comando e Serviços da AMAN, cumulativamente com os encargos de professor de História, para o biênio 1951/52. Como comandante daquele batalhão, o então Major Resende revelou ser um excepcional administrador e disciplinador. Com rara habilidade soube harmonizar a instrução, a administração e o imprescindível apoio à formação do oficial do Exército - razão de ser da Academia. Em 1953, foi promovido a tenente-coronel.

Realizou o Estágio Técnico de Ensino pela Diretoria de Ensino do Exército, já vislumbrando a nova etapa da carreira que se iniciaria em 23 de junho de 1954, quando foi nomeado em caráter efetivo para o Magistério do Exército, como Professor Adjunto de Catedrático sendo promovido a coronel e transferido para a reserva.

Permanecendo na AMAN, entre 1954 e 1958, foi também Professor Adjunto de Catedrático da Cadeira de Contabilidade Geral.

Em 1955, o Comandante da AMAN determinou a inclusão no Cerimonial da AMAN, que o estandarte do Corpo de Cadetes fosse apresentado aos novos cadetes, na cerimônia de aniversário da Academia, em 23 de abril, cabendo ao Cel Resende realizar pela primeira vez na história da Academia a citada apresentação.

Em 15 OUT 1957, como Subdiretorde Ensino Fundamental organizou e conduziu a primeira comemoração do Dia do Professor na AMAN.

Em 11 AGO 1958, promovido a general-de-brigada, foi nomeado para o cargo de comandante do Colégio Militar de Belo Horizonte, função que exerceu de 01 JAN 1959 a 30 MAR 1960.

Além de integrar a Ordem do Mérito Militar no grau de Cavaleiro, foi agraciado com as seguintes medalhas: Medalha Militar de Ouro; Medalha do Pacificador; Medalha de Guerra; Medalha Marechal Caetano de Farias; Medalha Marechal Trompowsky.

Por ocasião das comemorações do bicentenário da Academia Militar das Agulhas Negras nada mais justo que relembrar a carreira desse brilhante oficial que prestou serviço durante 14 anos como instrutor do Corpo de Cadetes, professor a título precário e efetivo, Prefeito Militar, Chefe da Divisão Administrativa e Subdiretor de Ensino.

Prezado Cel Bento,o senhor me concedeu o privilégio de pertencer a esta Academia. Quero dizer da minha honra em ser admitido para a cadeira cujo patrono é o Gen Moacyr Lopes de Resende e conviver com historiadores de renome que compõem os quadros dessa notável agremiação.Muito obrigado.(Oração de posse do Coronel Renildo Heitor Agostini.)

O General Moacyr foi o organizador de precioso Instrumento do Historiar da AMAN do qual possuo cópia desde 1980.Trata-se do **Registro Histórico das Escolas Militares ,desde a Academia Real Militar – 4 de Dezembro de 1810 a Academia Militar das Agulhas Negras -31 de Dezembro 1957** Registro com base no Boletim Interno destacando fatos histórico mais importantes no período de 1810-1957 e levantado no comando do General Nestor Souto de Oliveira -31 mar 1951/25 nov 1952. Informações deste registro foram muito usadas nas comemorações dos 150 anos da AMAN em especial para o livro do General Moacyr **"História da Academia Militar das Agulhas Negras (1811- 1951)".**

Morivalde Calvet Fagundes -General (1912-2000)

General Morivalde Calvet Fagundes, quando coronel na Ativa

O General Morivalde Calvet Fagundes,nasceu em Porto Alegre a 30 de março de 1912, sendo o 4º filho de Antonio Lobo da Costa Fagundes e de Dona Maria Calvet Fagundes, ambos naturais de Pelotas. Fez o curso primário e o 1º ano ginasial no Ginásio Anchieta, hoje Colégio dos Padres Jesuítas. Em 1928, trancou a matrícula, para trabalhar como balconista no armazém de seu tio. A 02 de maio de 1931 sentou praça como soldado no então 8º Batalhão de Caçadores, em São Leopoldo, sendo, no prazo de um ano, promovido a Cabo e a 3º Sargento. De 1933 a 1938 realiza um curso de preparação à carreira militar, enquanto faz sua estreia, a partir de 1935, no jornalismo, publicando artigos no Correio de São Leopoldo. Casou-se em 1937, com Dona Nady Duarte Rodrigues, tendo dela três filhos. Nesta época volta a estudar em Porto Alegre (Colégio Universitário), recolhe dados para a biografia do poeta pelotense Lobo da Costa, seu tio-avô, e pronuncia em público (1939) sua primeira conferência, em São Leopoldo, sobre o 51º aniversário da morte de Lobo da Costa. Em 1940 ingressa na Escola Militar de Realengo, sendo declarado Aspirante a Oficial do Serviço de Intendência em 09 de outubro de 1942. Classificado em Porto. Alegre, continua aliando armas e letras, pronunciando e escrevendo dezenas de palestras, conferências e trabalhos. Em 24 de junho de 1943 é promovido a 2º tenente. Desde jovem portanto, revela-se um homem atento à evolução e aos acontecimentos da época, sem descuidar dos ensinamentos da História. O ano de 1945 é importante para Calvet, pois inicia sua carreira maçônica, na Loja Bento Gonçalves dePorto Alegre, filiada à Grande Loja do Rio Grande do Sul. Em nove

meses já chega à Venerança, e no ano seguinte alcança grau 30. Em 25 de março do mesmo ano é promovido a 1º tenente. Cinco anos depois, 25 de dezembro de 1950, foi promovido a Capitão. Em 1954 surge o seu primeiro livro – **Lobo da Costa, Ascensão e Declínio de um Poeta** – homenagem a seu tio-avô. Na Maçonaria, ainda em 1954, destaca-se como Grande Orador de sua Grande Loja. Sua promoção a Major, em 25 de agosto de 1956, acarreta, no ano seguinte, transferência para o Rio de Janeiro. Naquela capital filia-se à Loja Maçônica Luis de Camões. Seu segundo livro – **Estórias da Figueira Marcada** – sobre folclore gaúcho, é lançado em 1961, com prefácio e anotações do mestre Câmara Cascudo. No ano de 1962 galga um degrau importante na carreira militar, ao concluir o Curso de Chefia de Serviços, na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME – Praia Vermelha, Rio). Foi promovido a Tenente-Coronel em 25 de agosto de 1963. Na mesma época é agraciado com a Medalha do Pacificador e com a Medalha Militar de Ouro (Tempo de Serviço), pelos seus mais de 30 anos de bons serviços prestados à Pátria e ao Exército. Em 1965 solicita transferência para a Reserva Remunerada do Exército, alcançando assim os postos de Coronel e de General de Brigada, simultaneamente, pela legislação da época. Na iniciativa privada revela-se um administrador, lançando, no Círculo dos Oficiais Intendentes das Forças Armadas (COIFA), onde exerce funções de Vice-Presidente, o Pecúlio-Pensão, modalidade que alcança muito boa repercussão em todo o território nacional, aos associados da COIFA. Posteriormente, Calvet alcançaria a posição de Presidente da mesma entidade. Em 1967 ocupa o cargo de 1º Grande Vigilante da Loja Luís de Camões, filiada à Grande Loja Maçônica da Guanabara. Dois anos depois é Grande Tesoureiro Adjunto do Supremo Conselho do Grau 33º e eleito membro efetivo e redator-chefe da **Revista Astréa**. Em 1972, funda a Academia Brasileira Maçônica de Letras, a primeira do gênero no mundo, congregando intelectuais brasileiros e estrangeiros. A iniciativa do General Calvet foi extremamente profícua, pois existem hoje mais de 14 academias no Brasil, realizando intercâmbios culturais, congressos internacionais e publicações de Anais e documentos, inclusive com a participação e colaboração da Academia Brasileira de Letras. Calvet foi, também, fundador da Academia Sul Riograndense Maçônica de Letras (Cadeira 1), sendo atualmente Patrono da referida Academia. O seu 3º livro – **A Maçonaria e as Forças Secretas da Revolução** – que retrata a participação da Maçonaria na Revolução Farroupilha, é publicado em 1976,comprefáciodomaçonólogo Nicola Aslan. Em março de 1981 organizou o 1º Congresso Maçônico Internacional de História e Geografia, no Rio de Janeiro, reunindo os trabalhos de 12 escritores estrangeiros e 35 brasileiros, constituindo a maior obra maçônica dos tempos modernos, com 4 volumes e 1100 páginas. O General Calvet faz parte também das seguintes associações literárias e de classe: Academia Maçônica de Letras, Ordem dos Velhos Jornalistas, Associação Brasileira de Geografia, Academia Anapolina de Ciências e Letras, Instituto Histórico e Academia de Letras de Uruguaiana, Clube Militar, Academia Guanabarina de Letras, Instituto BrasileiroPeruano Marechal Ramón Castilla, Instituto Cultural Simon Bolívar Argentino-Brasileiro, Centro de Estudos de Maçonaria Espanhola, Instituto de

História e Tradições do Rio Grande do Sul, Academia de História Militar Terrestre do Brasil e Instituto de História e Geografia do Rio Grande do Sul. Foi diplomado Cidadão do Estado da Guanabara e Benemérito da Cultura, além de Honra ao Mérito da Grande Loja do Estado do Rio de Janeiro e do Grande Oriente Independente do Estado do RJ. Colaborou, por mais de 50 anos, com os principais jornais do país. Conferencista, ensaísta e historiador, Calvet Fagundes desenvolveu intensa atividade intelectual, sendo que seus trabalhos receberam, sempre, louvores da crítica. Por último, publicou as seguintes obras: - **Maçonaria, Espírito e Realidade**. Rio de Janeiro, Editora Aurora, 1982. - **A Bandeira do Brasil como Símbolo Sagrado da Pátria**. Rio de Janeiro, Editora Aurora, 1983. - **História da Revolução Farroupilha**. Caxias do Sul, EDUCS, 1984, 2ª ed./1985 e 3ª ed./1989. - **Uma Visão Dialética da Maçonaria Brasileira.** Rio de Janeiro, Editora Aurora, 1985. - **Subsídios para a História da Literatura Maçônica Brasileira do Século XIX.** Caxias do Sul, EDUCS, 1989. - **Rocha Negra, a Legendária**. Londrina, Editora A Trolha, 1989. - **Os Maçons – sua Vida e sua Obra. - Dom Pedro I na Intimidade**. Porto Alegre, Edições EST, 1994. - **Peregrinando pelo Rio Grande**. Porto Alegre, Edições EST, 1995. O General Morivalde Calvet Fagundes faleceu a 23Jun2000, no Rio de Janeiro, onde residia, motivo pelo qual o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) vêm prestar-lhe esta homenagem como militar, maçom, historiador, escritor, tradicionalista gaúcho, escritor, conferencista, ensaísta, administrador e, sobretudo, patriota, na certeza de que o conjunto de sua obra tem e terá sempre inestimável valor. Nota O General Calvet Fagundes foi homenageado pela FAHIMTB como nome de sua Delegacia em Caxias do Sul e seus livros sobre a Revolução Farroupilha e o As Forças Secretas da Revolução os recomendo a leitura,(Nota do autor seu amigo e admirador . O General Morivalde foi presidente do Conselho Fiscal do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul por nos fundado em Pelotas em 10 de setembro de 1986, no sesquicentenário do Combate de Seival.E é patrono da Delegacia da AHIMTB-RS em Caxias do Sul.Mantivemos sólida amizade.E o conheci quando orecebi em meu apartamento na rua Ferreira Pontes no Rio de Janeiro,para presentear-me com o seu livro precioso então lançado **História da Revolução Farroupilha**

Newton Freixinho – Coronel

Cel Art Newton Freixinho.

Sua foto como Major Instrutor Chefe do Curso de Artilharia da AMAN,foto na Galeria de Comandante do Curso de Artilharia na AMAN.

Nesta Cerimônia é empossado solenemente nesta Academia de História Militar Terrestre do Brasil, o ilustre escritor-historiador Coronel Nilton Freixinho.Como irmãos de arma e com grande satisfação que prestamos esta homenagem e manifestamos nossa alegria em poder contar com sua valiosa colaboração junto a esta casa.

Na vida do Cel Freixinho podemos identificar dois grandes valores que direcionaram sua brilhante caminhada. O primeiro deles assinalou a vocação para a carreira das armas. O outro valor, muito atual, revelou sua vocação como historiador- escritor.

Falando um pouco dessas etapas de vivência, focalizaremos exatamente a pessoa do Cel Nilton Freixinho.

Durante trinta e cinco anos de serviços às Forças Armadas o Cel Freixinho foi desde o começo destacado militar. Ingressou por concurso na Escola Militar de Realengo em 1937, e ao fim de três anos foi declarado Aspirante de Artilharia.

Como 1º Tenente, valendo-se da legislação especial vigente na época, prestou concurso na Escola de Estado-Maior, vindo a servir como instrutor de Artilharia na ECEME ainda como capitão.

Como oficial de Estado Maior, desempenhou as funções de comandante de subunidade, instrutor chefe do Curso de Artilharia daAMAN, nos anos de 1957 e 1958, comandante do 1ª/5º RO - GRUPO GOMES CARNEIRO e comandante do 1º GO 155 Grupo Montese. Foi instrutor e aluno da ECEME e ESG. Serviu no EMFA em duas oportunidades e esteve em missões no exterior diversas vezes.

Em julho de 1972 o Cel. Freixinho passando para a Reserva deixa marca de sua dedicação e competência, vindo a atuar a partir de então na área civil.

Entre 1975 e 1991 exerceu a gerência de acompanhamento físico e financeiro do Projeto ITAIPÚ, setor que lhe coube organizar, pôr em funcionamento e dirigir por muitos anos.

O Cel Nilton Freixinho atingiu os anos noventa com uma bagagem cultural notável, disponível a uma inteligência lúcida e objetiva. Oportunidade em que, como opção de vida fez-se historiador. Como historiador, tem por característica não se limitar às descrições ou narrações dos fatos, porém avança nas pesquisas, análises críticas e conclusões.

Sabe e consegue concatenar e interpretar, facultando aos leitores a compreensão da colocações que adota e das projeções que estabelece, às vezes bastante sugestivas, espicaçantes mesmo.

É claro, pode-se aceitar ou não algo do que ele diz, concordar ou não com ele, aqui e ali, o que não se pode mais é ignorá-lo, como escritor de História, nem deixar de admitir a força das suas elucubrações e o valor das suas elaborações nas temáticas que aborda fruto de meticulosa seleção preferencial, de exaustivos estudos de corretas sedimentação e de competente concepção.

Suas obras são:

O poder permanente da História. Ed. Kosmos 1992 e Bibliex 1994;

As instituições em tempo de crise;Duas Vidas Paralelas, Dutra e Goes Monteiro. Rio de Janeiro; BIBLIEx, 1997;

Brasil, os difíceis caminhos da Integridade, (Kosmos, 1994),

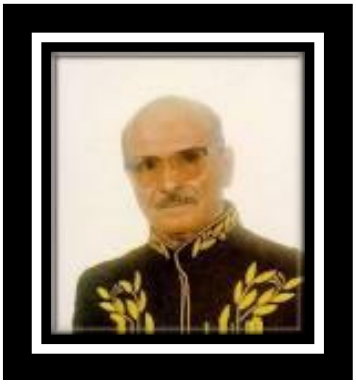
Obras que lhe valeram o cobiçado “Prêmio José Veríssimo”, concedido pela

Academia Brasileira de Letras em 1993 e, a Menção Honrosa referente ao "Prêmio Tasso Fragoso da BIBLEX, em 1996.

Como reconhecimento ao excelente trabalho desenvolvido pelo Cel Nilton Freixinho, é que hoje sentimo-nos honrados em poder, como cadetes de Artilharia, respeitá-lo como porta-vozes dos sentimentos da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

O quanto o Sr. já fez e o muito que ainda fará no campo maravilhoso da História, causa-nos natural orgulho de como Artilheiros estarmos participando deste evento.Seja bem-vindo Cel. Freixinho. Sucesso! (A base desta saudação, trabalhada pelos cadetes de Artilharia foi da lavra do Gen. Ex. Jonas Correia Neto).

Osório Santana Figueiredo – Sub Tenente (1926-2017)



Sub Tenente Osório Santana Figueiredo

Das honrarias até então deferidas, recebo esta como a mais nobre. Eis que se reveste com a roupagem da cultura, de alguém que, na humildade da sua origem, foi crescendo, com seus méritos, advindo através dele, o agasalho do seu corpo e do seu espírito, pois desde jovem, Osório Santana Figueiredo sentiu a inutilidade do mundo se mantivesse sua alma pobre e vazia, e nela, posso afirmar, os rigores do inverno e da ignorância, nunca encontraram abrigo.

Osório Santana Figueiredo, um amigo, que tive o prazer deprimeiro pessoalmente, ver referendadas suas virtudes pelo testemunho do convívio fraterno, bem como através das expressões sinceras que brotam do seu grandioso coração, amadurecido no convívio dos seus familiares. Aos seus companheiros de caserna, dos seus conterrâneos, das suas permanentes leituras, valiosas pesquisas e nos embates acadêmicos. Destacando-se sempre por seu nível intelectual que o colocou no invejável patamar que o identifica como o mais decantado Historiador desta generosa terra dos Marechais.

A academia de História Militar Terrestre do Brasil, nobre sodalício do saber, neste dia glorioso se instala em São Gabriel, como a ave portentosa que, das alturas, serenamente aqui vem pousar, para levar consigo e para a imortalidade, o filho dileto desta terra, hoje homenageado. A fim de que tome posse na cadeira número 13, cujo patrono general João Borges Fortes, outrora, também se impõe por sua majestosa presença, permanecendo em nós vivificadas a sua memória e as suas obras.

Osório Santana Figueiredo, filho de João Baptista Figueiredo e Maria Santana Figueiredo, para nosso orgulho, nascer na localidade de Passo do Ivo,

município de São Gabriel, em 7 de fevereiro de 1926.

Esposo e pai devotado, é casado com a prendada senhora Juracy Lopes Figueiredo, com descendência de três filhos: Maria de Lourdes, Marilene e Geraldo.

Seu currículo literário, bem demonstra sua vocação pela pesquisa e pela história. Rememorando fatos e esclarecendo dúvidas através da aplicação de métodos seguros e científicos, capaz de demoverem muitos e restabelecerem a verdade que, em seus trabalhos, fluem com a limpidez de uma fonte que jorra do paraíso, através da inspirarão que somente é dada àqueles predestinados pelo cósmico e que, a recebendo, sabem também semear a boa semente doada pelo divino criador: no caso vertente. Transformadas em relíquias de um recanto ajardinado, em forma de flores multicores que se estiolaram em duas inumeráveis obras, tais como: **Maneco Pereira - o homem que laçava com o pé, São Gabriel desde o princípio, Cooperativa Rural São Gabrielense 50 Anos de História, Carreteadas Heróicas, Alcides Maya - Clássico dos Pampas, História dos Apelidos Urbanos de São Gabriel, As Revoluções da República, e Sesquicentenário da Caserna de Bravos.**Este autor teve grande prazer em assinar as Abas de alguns de seus livros.Além de prefaciar inúmeras obras, Osório Santana de Figueiredo é fino ornamento de renomadas entidades intelectuais. Tanto do Brasil como do Exterior.

Sócio Fundador de Institutos e de Associações Culturais, tomou-se membro, por merecimento, da Academia Sul Brasileira de Letras, onde ocupa a cadeira nº 25, que tem como patrono o decantado poeta Guilherme de Almeida.Conferencista de invulgar capacidade, recebeu a honraria de ser distinguido com o título de colaborador emérito do Exército, fazendo que ainda, a inúmeros diplomas de mérito.Foi também agraciado com a medalha do pacificador, outorgada pelo Ministro do Exército, no ano de 1989.

Em resumo, este é o papel do Gabrielense ilustre: da eminente personalidade que, com estilo próprio e linguagem pura, vivificou no meu peito este ardor cívico por minha terra, por minha gente, transformando meu corpo num templo, onde, o desencadear das suas obras, processou em minha alma a renovação do sublime culto aos nossos antepassados.

Agradeço a Deus, em nome de todos os Gabrielenses, pelo abençoado privilégio de termos recebido neste solo sagrado, tão preciosa dádiva divina que, gerado no tempo, está a cumprir uma missão que transcende o próprio tempo, através da imortalidade que somente é conferida aos sacerdotes da cultura, verdadeiros peregrinos do saber e da benemerência que, no caso presente, se constitui na memória viva e permanente de São Gabriel, Osório Santa Figueiredo.

Foi lido na plateia de posse, em 21-03-1997, na 6º BE, pela professora Celsa Margarete, com uma bela citação de voz, sendo bastante aplaudida.

PS: Osório Santana Figueiredo foi Secretário do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, fundado em Pelotas em 11 de set 1986 por este autor, Cel Cláudio Moreira Bento, na Escola Técnica Federal de Pelotas-RS.

Em São Gabriel (RS) – O ST Osorio Santana Figueiredo faleceu no dia 06 de Agosto de 2017, aos 91 anos.Antes de partir, pediu para seu filho Beraldo Lopes Figueiredo ser porta-voz neste agradecimento:

“Sou grato a todos os gabrielenses, grato ao Exército Brasileiro no qual me acolheu e servi fazendo dele uma missão.

Grato a Santa Casa de caridade, a provedoria, aos médicos, as enfermeiras.

Grato a minha família, esposa, filhos e parentes, grato a minha amada cidade.

Grato aos meus amigos pessoais, amigos distantes, amigos presentes, grato ao carinho e solidariedade nas horas difíceis.

Nada tenho a reclamar, pois Deus foi generoso comigo, me deu uma terra no qual amei e nela construí tudo que sou. Deixo como herança a todos os gabrielenses minhas obras, estarei presente nos livros que escrevi, nas árvores que plantei, nos filhos que criei, nos netos e bisnetos.

Adeus São Gabriel, que os que nascerem nesta terra, lutem por ela, não basta idealizar, tem que fazer".

O Prefeito Municipal de São Gabriel decretou, na manhã de domingo, 6 de agosto, luto oficial de três dias. O Subtenente Osorio foi sepultado no Cemitério da Irmandade da Santa Casa de Caridade, no final da tarde do mesmo dia. O caixão foi carregado por militares do 9º RCB – "Regimento João Propício", Unidade na qual serviu.

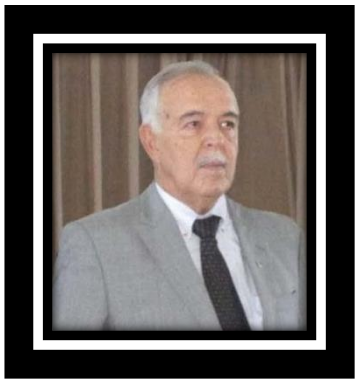
O Subtenente, historiador e biógrafo é um dos nomes mais importantes da cultura de São Gabriel. Escreveu várias obras, dentre as quais destaca-se: Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes; História de São Gabriel; As Revoluções da República; Sesquicentenário da Caserna de Bravos; Plácido de Castro, o Colosso do Acre; Caxias, o Predestinado da Pátria; General Osorio - O Perfil do Homem; e Marechal João Propício Menna Barreto – Barão de São Gabriel. Foi coautor do livro do **9º RCB – Regimento João Propício**, juntamente com o Coronel **Evandro Itamar Lupchinski**, antigo comandante do regimento e o Coronel Luiz Ernani Caminha Giorgis abas de seu amigo Cel Cláudio Moreira Bento**.**

Possuidor de impressionante cultura e invulgar memória, pertenceu às seguintes instituições: Sócio fundador do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul; Sócio Fundador da Associação Cultural Alcides Maya (ACAM), São Gabriel; Membro da Academia Sul Brasileira de Letras, ocupando a cadeira número 25; Acadêmico Emérito da Academia de História Militar Terrestre do Brasil/RS, ocupando a cadeira número 13, da qual é Patrono o General João Borges Fortes e Sócio correspondente da Academia Canguçuense de História de Canguçu, cidade de que assim a denominou "Canguçu , A Magnífica dos Cerros" . Distinções civis e militares: Diploma de Colaborador Emérito do Exército; Diploma do Mérito João Propício; Medalha do Pacificador; Medalha Marechal Mascarenhas de Moraes; Medalha da Ordem do Mérito Militar, Grau Cavaleiro; Comenda Dante deLaytano, Comissão Gaúcha de Folclore; Medalha da Ordem da Ordem do Mérito Grau Oficial; Medalha Comemorativa do Bicentenário do Duque de Caxiase Comenda do Cerro da Liberdade pela Academia Canguçuense de História ACANDHIS.

Além disso, foi cofundador da Associação dos Militares da Reserva Remunerada, Reformados e Pensionistas das Forças Armadas em São Gabriel (ASMIR) e responsável, por muitos anos, do Museu João Pedro Nunes e do Museu Gaúcho da FEB.Seu notável trabalho de historiador e cidadão gabrielense foi assim reconhecido pelo 9º RCB – Regimento João Propício:

"O Comando do Regimento e seus integrantes registram o reconhecimento a este ilustre militar e cidadão da Terra dos Marechais e apresentam as mais sinceras condolências! Que Deus conforte os familiares e amigos! Fonte principal Aluizio Barrosque o saudou ao ingressar na AHIMTB em São Gabriel.

Paulo Cesar de Castro – general (1944



General Ex Paulo Cesar de Castro

O General-de-Exército Paulo Cesar de Castro nasceu em 04 de julho de 1944, na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, filho de Adhemar da Silva Castro e de Odaléa Oliveira de Castro. Em 1966, o então 2º Tenente Castro casou-se, no Santuário Santo Antônio, em Belo Horizonte, com a Sr.ª Maria Helena Mourão de Castro, natural de São João Del Rei, Foi aluno do CMRJ e entrou para o Exército em 1º março de 1963, tendo no ano seguinte integrado junto com o Corpo de Cadetes da missão pacificadora da AMAN, ao comando do General Emilio Garrastazu Médici que impediu o choque armado entre os atuais CMSE e CML.AspiranteOf de Artilharia da Turma AMAN 4º Centenário do Rio de Janeiro... Sua primeira Unidade então 2º Grupo/5º Regimento de Obuses 105, atual Grupo Salomão da Rocha, em Curitiba.Lembrando o herói de Canudos que inspirou o Bordão " Abraçado ao canhão, morre o artilheiro". Em 1966 se especializou em Artilharia de Costa e Anti Aérea.Declarado aspiranteaoficial da Arma de Artilharia, em 18 de dezembro de 1965, foi classificado no então 2º Grupo/5º Regimento de Obuses 105, atual Grupo Salomão da Rocha, em Curitiba, unidade na qual desempenhou, durante dois anos e meio, todas as funções do oficial subalterno de Artilharia.Possui todos os cursos regulares do Exército. Cursou Estado–Maior na Argentina e o Curso de Guerra Naval na Escola de Guerra Naval. Possui os cursos de Inglês avançado e o de espanhol.

Comandou o 21ºGAC, Grupo Monte Bastione, unidade que disparou o primeiro tiro da Artilharia brasileira na FEB... Desempenhou as funções de instrutor dos cursos de Artilharia da AMAN e da EsAO. Serviu no 5º Grupo de Canhões 90 Antiaéreos (Campinas, SP), no 29º Grupo de Artilharia de Campanha (Cruz Alta, RS), no 31º Grupo de Artilharia de Campanha (Escola) (Rio de Janeiro, RJ) ...Serviu na 9ª Brigada de Infantaria Motorizada (Escola) e de adjunto de subchefia da Secretaria-Geral do CSN de energia nuclear, em Córdoba, Argentina (1989), e Brasil-China de energia nuclear, em Pequim, Emei e Shangai, na China (1989), e membro da delegação brasileira à conferência geral

da Agência Internacional de Energia Atômica, em Viena, Áustria (1990). Foi instrutor da ECEME e chefe do Grupo de Trabalho para o Estudo da Modernização do Ensino.

Como oficial-general, foi Diretor de Ensino Preparatório e Assistencial, Diretor de Promoções, Comandante da ECEME Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Diretor de Formação e Aperfeiçoamento, Comandante da 4ª Região Militar/4ª Divisão de Exército, "Região Mariano Procópio e Divisão das Minas do Ouro", com sede em Belo Horizonte; e Secretário de Economia e Finanças, cuja caserna era o QuartelGeneral Marechal Bittencourt, em Brasília, Distrito Federal.

Foi o último chefe do Departamento de Ensino e Pesquisa e primeiro do Departamento de Educação e Cultura do Exército.

Segundo o Coronel Cláudio Moreira Bento, "Em todas estas funções o General Castro prestigiou as atividade da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.Como comandante da ECEME solicitou a AHIMTB a elaboração dos seguintes trabalhos de autoria do Cel Bento. **Brasil Lutas Externas** e **Brasil Lutas Externas .** Trabalhos que ampliados pelo citado autor e em parceria com o Cel Inf Luiz Ernani Caminha Giorgis daria origem aos livros **Brasil Lutas contra invasões , ameaças e pressões externas** e **Brasil Lutas internas 1500-1916.** Ambos disponíveis no Google e no site www.ahimtb.org.br.Consciente da importância da História Militar para os Exércitos, idealizou e criou **Clubes de História** em nossas Escolas e Colégios militares. Eu participei da fundação do Clube de História da AMAN e a ele doei livros de História do Exército de minha autoria.Clube que ao que parece foi extinto em 2022 pela necessidade da AMAN de mais espaço de salas de aula de novas matérias. Pertenceu as seguintes instituições culturais: Academia de História Militar Terrestre do Brasil, como sócio emérito, na qual ocupou acadeira nº 12, Marechal Estevão Leitão de Carvalho e na qual tomou posse na ECEME em cerimônia presidida pelo Cel Bento; Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, como sócio emérito, no qual ocupou a cadeira nº 74, Marechal Emílio Luís Mallet, Barão de Itapevi;Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, como sócio correspondente;Academia Brasileira de Defesa, como sócio emérito, na qual ocupa a cadeira nº 16, Marechal Mascarenhas de Moraes; Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira, ANVFEB,como sócio especial;Conselho Consultivo do Instituto Meira Mattos, da ECEME;Instituto Histórico de Petrópolis, comoassociado correspondente; Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, como membro correspondente. Centro de Investigação e Estudos de História e Cultura Luso Brasileira, da SOAMAR – Portugal.

Foi membro do Conselho Editorial da Biblioteca do Exército. Em 1966, o então 2º Tenente Castro casou-se, no Santuário Santo Antônio, em Belo Horizonte, com a Sr.ª Maria Helena Mourão de Castro, natural de São João del Rei, Minas Gerais.

TRABALHOS PUBLICADOS

ARTIGOS

– “**Jubileu de Prata**”, artigo sobre os vinte e cinco anos da Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial (**Revista do Exército Brasileiro**, vol. 135, primeiro trimestre de 1998, p. 47ss seguintes).

– “**Do Colégio Militar do Imperador ao Sistema Colégio Militar do Brasil**, ou de 1840 a 1998”, artigo em coautoria com o General José Carlos Albano Amarante, publicado pela Biblioteca do Exército Editora e nas seguintes obras:Revista do Exército Brasileiro, vol. 135, quarto trimestre de 1998, p. 33 e seguintes; – “**Instituto Militar de Engenharia, Uma Ponte para o Futuro**”, Capítulo 4, em 2013. Autor: General Amarante.

“**O Ensino Superior Militar**”, artigo publicado na **Revista do Clube Militar**Nº 430, de agosto, setembro e outubro de 2008.

– “**Cuidado, pode não dar tempo!”,** artigo publicado na **Revista do Exército Brasileiro**, volume 133, primeiro semestre de 1906, e no **PADECEME**, informativo nº 4/95.

Depoimento, artigo publicado no Catálogo da Exposição realizada, em maio de 2009, pelo Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana, sob o título **“O Aleijadinho” e a Religiosidade Barroca Brasileira.**

– “Pátria-Mãe”, artigo publicado nas:

– **Revista do Clube Militar** nº 434, de agosto, setembro, outubro de 2009;

– **Revista Aeronáutica** nº 270, de outubro, novembro e dezembro de 2009;

– **Revista da Arcádia de Minas Gerais**, Volume V, novembro de 2009;

– **Revista “Idéias em Destaque**”, do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, nº 32, janeiro/abril de 2010;

– **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**, Volume XXXIV, de 15 de agosto de 2010;

– **Academia Valenciana de Letras**, Informativo nº 113, junho de 2012;

– **Revista Sirius Magazine**, nº 156, março/abril de 2013;

– **Pátria Mineira**, em 06 de abril de 2012;

– sítio “**Mundo Lusíada**”, em 09 Jul 09;

– sítio “**Abore**”, em 04 Ago 09;

– sítio da **Academia Brasileira de Defesa**, em Jun 10;

– sítio do **CEPEN**, em 02 de agosto de 2010;

– sítio “**Portal Militar**”, em 31 de julho de 2009.

– “**Nossa Vitória Final**”, artigo publicado na:

– **Revista do Clube Militar** nº 435, novembro, dezembro, janeiro de 2009;

– **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**, Volume XXXIV, de 15 de agosto de 2010;

– **Revista Verde Oliva**, nº 224, de julho de 2014.

– sítio do CEPEN, Centro de Estudos de Políticas e Estratégias Nacionais, em 3 de março de 2010;

– sítio **Militar**.com, em 4 de novembro de 2009.

– **“Somos Ingênuos**”, artigo publicado na:

– **Revista “Idéias em Destaque**”, do **Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica**, nº 33, maio/agosto de 2010.

– no sítio da **Academia Brasileira de Defesa**, em 2010;

– no sítio do **Clube Militar**, em 01 Set 10.

"**A Preparação de Líderes Militares no Exército Brasileiro**", artigo publicado na **Military Review**, edição brasileira, novembro – dezembro de 2009.

"**O Soldado de Caxias**", artigo publicado na **Revista da Cultura**, nº 17, agosto de 2010.

1.11 – "**Tiros-de-Guerra: Líderes Militares e Atualidade**", artigo publicado na:

– **Military Review**, edição brasileira, novembro e dezembro de 2010.

– **Air & Space Journal**, em português, 1º Trimestre de 2011.

– **Revista do Exército Brasileiro**, Vol. 147, 3º Quadrimestre de 2011.

1.12 – **"Estratégia Nacional de Defesa… é mesmo?**", artigo publicado na:

– **Revista "Idéias em Destaque**", do Instituto Cultural da Aeronáutica, nº 34, setembro/dezembro de 2010.

1 "**Vamos pensar o Exército?**", artigo publicado na:

– Coleção "Meira Mattos", **Revista das Ciências Militares**, Nº 22, 2º quadrimestre de 2010.

– **Revista do Exército Brasileiro**, Vol. 147, 2º Quadrimestre de 2011.

– **"Operação São Lourenço, suas lições**", artigo publicado na:

– **Revista "Idéias em Destaque**", do Instituto Cultural da Aeronáutica, nº 35, janeiro/abril de 2011.

– **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**, Vol. XXXV, de 8 de abril de 2011.

– "**O Desafio da Segurança Pública**", artigo publicado na:

– **Revista do Clube Militar**, nº 439, dezembro/janeiro de 2011

– Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, Vol. XXXV, de 8 de abril de 2011

.16 – "**Honra e Glória à Primeira Mulher Chefe de Estado no Brasil**", artigo publicado no (a):

– **Jornal Inconfidência,** Edição Histórica, Nº 168, 25 de agosto de 2011;

– **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**, Vol. XXXVI, de dezembro de 2011;

– **Revista Aeronáutica**, Número 277, de outubro, novembro e dezembro de 2011. – página eletrônica "**A Monarquia Brasileira**";

– página eletrônica: "**Alerta Total**", em 04 de julho de 2011;

– página eletrônica do **CEPEN;**

– página eletrônica "**Gente Decente**", em 02 de julho de 2011;

– página eletrônica "**Instituto Cultural D. Isabel I, a Redentora";**

– página eletrônica "**Militar.com**", em 13 de julho de 2011;

– página eletrônica "**Pequenas Histórias**".

– página eletrônica "Reservaer", em 29 de junho de 2011;

– página eletrônica "**Sangue Verde-Oliva +".**

– **Jornal Inconfidência**, Nº219, de 04 de outubro de 2015;

– Centro de Estudos de Cultura e História Luso-Brasileira, da **SOAMAR – Portugal,** em 28 de maio de 2016.

"Três Gerações de Soldados", artigo publicado na:

– **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**, Vol. XXXV, de 8 de abril de 2011.

1.18 – "**Todo o cuidado é pouco**", artigo publicado na:

– **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**, Vol. XXXVI, de dezembro de 2011.

"**França: Testemunhos de Fé Cristã**", artigo publicado na:

– **Revista da Catedral Militar "Rainha da Paz**", Nº 080, de Nov – Dez 2011 e Jan 2012;

– **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**, Volume XXXVII, Ago 12.

– página eletrônica da **Academia Brasileira de Defesa**, em 2011.

"**França: Turismo e História**", artigo publicado na:

– **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**, Volume XXXVII, Ago 12;

– página eletrônica "**Sangue Verde-Oliva Positivo**", em 09 de dezembro de 2011.

"**Força Armada**", artigo publicado na(s):

– **Revista do Clube Militar**, Nº 444, de Fev – Mar – Abr de 2012. – seguintes páginas eletrônicas: – **Academia Brasileira de Defesa; – Academia de História Militar Terrestre do Brasil; – Alerta Total; – Blog do Lício Maciel; – Clube Militar, a Casa da República; – Forças Terrestres; – Fórum Base Militar; – Grupo Guararapes; – Incognitus; – Reservaer, Leitura Recomendada; – Lilicarabina; – O Santo Ofício, em 26 de novembro de 2011;– Portal Militar;– Terço da Transformação; Todo mundo vivo, sabendo e aceitando;– UPEC – União pela ética e cidadania; – Sangue Verde-Oliva Positivo.**

"**A Costa do Descobrimento: 1500 – 2012**", artigo publicado na (s):

– **Revista "Ideias em Destaque**", Nº 37, de Jan/Abr 2012, do INCAER;

– **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**, Volume XXXVII, Ago 12;

E nas seguintes páginas eletrônicas: – **Sangue Verde-Oliva +,** em 22 de abril de 2012; – **Clube Militar**, em 22 de abril de 2012; – **Pátria Mineira**, em 22 de abril de 2012; – **Semper Fidelis**, em 22 de abril de 2012; – **Irmandade dos Blogs Católicos,** em 22 de abril de 2012; – **Coluna Acontecendo**, em 02 de maio de 2012; – **Portal Militar**, em 05 de maio de 2012.

"**Liderança Militar Estratégica: Experiências e Reflexões**", artigo publicado pela:

– "Military Review", Edição Brasileira, maio – junho de 2012;

– **"Jornal do Exército**", Portugal, nº 627, abril de 2013;

– **Revista do Exército Brasileiro**, Vol. 150, 1º Quadrimestre de 2014.

"**A Guerra no Meio do Povo**", artigo publicado por:

– “**Doutrina Militar Terrestre em Revista**”, nº 001, janeiro – março de 2013;

– **Revista “Ideias em Destaque**”, Nº 40, de Jan/Abr 2013, do INCAER. – e pelas seguintes páginas eletrônicas: – **Reservaer,** de 17 de dezembro de 2012; – **PLETZ,** “site” da comunidade judaica, de 18 de dezembro de 2012; – **Ministério Brit**, de 18 de dezembro de 2012; – Coluna “**Acontecendo”,** de 18 de dezembro de 2012; – **Blogando Francamente**, de 22 de dezembro de 2012; – **Academia Brasileira de Defesa**, em agosto de 2013.

1.25 – “**Heróis e Heroínas da Cristandade**”, artigo publicado pelo (a):

– “**Pequena Via”,** órgão da Paróquia de Santa Teresinha do Menino Jesus: nº 249, de maio; nº 250, de junho; nº 252, de agosto de 2013;

– **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**, Volume XXXVIII, de agosto de 2013;

– **Revista da Catedral Militar, “Rainha da Paz”,** nº 86, 87 e 88, respectivamente de: maio a julho de 2013, agosto a outubro de 2013 e novembro de 2013 a janeiro de 2014.

“**A Arte da Guerra no Século XXI: Um Enigma”,** artigo publicado pela:

– **Military Review**, Edição Brasileira, maio-junho de 2013;

– e pelas seguintes páginas eletrônicas: – **Coluna “Acontecendo**”, de 15 de julho de 2013; – **Academia Brasileira de Defesa**, em agosto de 2013; – **Instituto de Geografia e História Militar do Brasil**, em fevereiro de 2014. 1.27 – “**Iniciativa e a Intenção do Comandante”,** artigo publicado pela: – **Revista “Doutrina Militar Terrestre**”, nº 3, julho – setembro de 2013.

“**Eu sou a Poderosa Artilharia**”, artigo publicado pela:

– “**Revista do Exército Brasileiro”,** volume 150, 2º quadrimestre de 2014;

– “**Doutrina Militar Terrestre em Revista**”, nº 05, janeiro/junho de 2014.

“A Crimeia e o Poder”, artigo publicado pela:

– Revista “Ideias em Destaque”, nº 43, de janeiro/abril de 2014;

– **“Doutrina Militar Terrestre em Revista”,** nº 06, julho/dezembro de 2014;

– e pelas seguintes páginas eletrônicas: – **Academia de História Militar Terrestre do Brasil,** em 10 de junho de 2014; – **“Centro de Estudos de Políticas e Estratégias Nacionais General Carlos de Meira Mattos”,** da ADESG/Europa, em 18 de julho de 2014.

“De Florença ao Cabo Frio”, artigo publicado pela: – **Revista “Ideias em Destaque”**, Nº 42, de Set/Dez de 2013, do INCAER; – **“Revista Aeronáutica”**, Nº 287, de 2014; – “**Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**”, Volume XXXIX, de agosto de 2014.

“**Francisco, Fé e Verdade”,** artigo publicado pela:

– **“Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**”, Volume XXXIX, de agosto de 2014.

– **“Liderança Militar: conquista de corações e mentes**”, artigo publicado pela: – **Military Review**, edição brasileira, maio/agosto de 2014.

“O Descobrimento de Portugal”, artigo publicado pela:– **Revista “Ideias em Destaque”**, do INCAER, nº 45, de janeiro/junho de 2015;– “**Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais”**, Volume 40, de 2015.

E nas seguintes páginas eletrônicas: – **"Centro de Estudos de Políticas e Estratégias Nacionais General Carlos de Meira Mattos",** da ADESG/Europa, em 04 de fevereiro de 2015; – **Centro de Estudos de Cultura e História Luso-Brasileira, da SOAMAR – Portugal**, em 28 de maio de 2016.

"**FEB: setenta anos de glória**", artigo publicado pela revista: – "A Força Expedicionária Brasileira em Lisboa", da ADESG/Europa e da Aditância do Exército e da Aeronáutica em Portugal. Fevereiro de 2015.

"O Braço Forte e a Mão Amiga: Esperança do Brasil", artigo publicado nas seguintes páginas eletrônicas:

– "**Sangue Verde-Oliva +",** em 8 de abril de 2015;

– **"Clube Militar",** em 9 de abril de 2015;

– "**A Verdade Sufocada",** em 9 de abril de 2015;

– " **Reservaer",** em 9 de abril de 2015; – "**Blog do Lobbo",** em 9 de abril de 2015;

– **"Alerta Total",** em 10 de abril de 2015;

– "**Norte RS",** em 10 de abril de 2015;

– "**Ternuma",** em 10 de abril de 2015;

– "**Últimas Notícias de Santa Cruz da Esperança**", SP, em 13 de abril de 2015.E na publicação eletrônica: "Por um País Melhor", coletânea de artigos do Clube Militar, 2015, publicada em março de 2016.

"Clarim, toque 'Ao Combate! '", artigo publicado na página eletrônica do **Exército Brasileiro**, em 6 de agosto de 2015, e nas seguintes páginas eletrônicas: – "**Alerta Total",** em 7 de agosto de 2015; – **"RESERVAER**", em 7 de agosto de 2015; – **"Academia de História Militar Terrestre do Brasil**", em 9 de agosto de 2015; – "**TERNUMA – Terrorismo Nunca Mais",** em 10 de agosto de 2015.

"Mascarenhas, o Líder da Vitória", artigo publicado pela:– **Military Review,** edição brasileira, novembro/dezembro de 2015;

– **Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil,** n° 101, 2015.

"**General Jonas, exímio com a espada e a pena",** artigo publicado na **Revista do Clube Militar,** nº 458, setembro/outubro/novembro/dezembro de 2015.

"Conhecimento e Poder", artigo publicado por:

– "**Doutrina Militar Terrestre em Revista**", nº 08, julho/dezembro de 2015;

– **"Ideias em Destaque**", do INCAER, nº 46, de julho/dezembro de 2015;

– "**Military Review",** edição brasileira, maio/junho de 2016;

– "**A Defesa Nacional",** nº 829, 1º quadrimestre de 2016;

– página eletrônica do **Centro de Estudos de Cultura e História Luso-Brasileira, da SOAMAR – Portugal,** em 9 de julho de 2016;– página eletrônica da **Academia Brasileira de Defesa**, em março de 2017.

. "Sob o Sinal da Cruz", artigo publicado pela:

– Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, volume 41, 2016; e pelas seguintes páginas eletrônicas: – Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil, em 2 de abril de 2016; – **Centro de Estudos**

de Cultura e História Luso-Brasileira, da SOAMAR – Portugal, em 28 de maio de 2016; e por – "**Ideias em Destaque**", do INCAER, nº 47, de janeiro/junho de 2016; – **Centro de Estudos de Cultura e História Luso-Brasileira, da SOAMAR – Portugal,** em 25 de janeiro de 2017.

"**O Soldado, a Família e o Idioma",** artigo publicado no (na):
– **EBlog,** o Blog do Exército Brasileiro, em 30 de maio de 2016;
– página eletrônica do **Clube Militar**, em 01 de junho de2016;
– página eletrônica "**Sangue Verde-Oliva +",** em 02 de junho de 2016;
– **Revista do Clube Militar**, nº 460, de abril/maio/junho/julho de 2016;
– **Coletânea do EBlog,** do CComSEx, em dezembro de 2016;– página eletrônica da **Academia Brasileira de Defesa**, em março de 2017.

"**Coesão",** artigo publicado no:- **EBlog,** o Blog do Exército Brasileiro, em 23 de agosto de 2016; – **Coletânea do EBlog**, do CComSEx, em dezembro de 2016.

"Olimpíadas Rio – 2016, **uma leitura geopolítica**", artigo publicado por: – **Centro de Estudos de Cultura e História Luso-Brasileira, da SOAMAR – Portugal,** em 06 de setembro de 2016; – página eletrônica da **Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra**, em 19 de setembro de 2016; – página eletrônica "**Reservaer",** em 19 de setembro de 2016; – página eletrônica da **"Federação das Academias de História Militar do Brasil",** em 2016; – **"Military Review**", edição brasileira, primeiro trimestre de 2017; – página eletrônica da **Academia Brasileira de Defesa**, em março de 2017.

"O Exército do Ponche Verde", artigo publicado por:

– Centro de Estudos de Cultura e História Luso-Brasileira, da SOAMAR– Portugal, em 15 de dezembro de 2016;
– **Blog do Robson Sampaio**, em 16 de dezembro de 2016;
– Blog do Hamilton Bonat, em 18 de dezembro de 2016;
– **Sítio do Grupo Terrorismo Nunca Mais**, em 18 de dezembro de 2016.;
– **Sítio "A Verdade Sufocada",** em 18 de dezembro de 2016;
– **EBlog, o blog do Exército**, em 19 de dezembro de 2016;
– **Sítio "Scoopnest Beta**", em 19 de dezembro de 2016;
– **Sítio "Alerta Total**", de Jorge Serrão, em 20 de dezembro de 2016;
– **Revista do Clube Militar**, nº 462, de novembro – dezembro de 2016.;
– Coluna "Acontecendo", em 28 de dezembro de 2016;
– **Sítio da Academia Brasileira de Defesa**, em março de 2017.

ORELHAS OU ABAS DE LIVROS

Orelha para o livro **"Memorial de D. Pedro Cavaleiro",** de autoria de Stella Leonardos.

Orelha para o livro "**História do Casarão da Várzea**", de autoria dos coronéis Cláudio Moreira Bento e Luiz Ernani Caminha Giorgis.

APRESENTAÇÕES DE LIVROS

Apresentação dos livros "**História do Brasil – Império**" e "**História do Brasil – República",** de autoria do Coronel FE Aldo Demerval Rio Branco Fernandes, do 1º Ten QCO Maurício de Siqueira Mallet Soares e da Professora Neide Anaruma.

Apresentação dos livros "**História Oral da Engenharia Militar Brasileira**", do **Projeto História Oral do Exército Brasileiro...**

Apresentação do livro **“Estratégia**”, de autoria de Edward N. Luttwalk, cuja tradução foi publicada pela BIBLIEx.

Apresentação do livro “**Documentos e Cartas do Grupo Guararapes**”, de autoria do **Grupo Guararapesde Fortaleza-CE.**

Apresentação dos livros “**História Oral da Artilharia de Costa**”, do **Projeto História Oral do Exército Brasileiro**.Apresentação dos livros “História Oral da Formação de Oficiais da Reserva”, do **Projeto História Oral do Exército Brasileiro.**

Apresentação do livro “**O Coronel e o Fantástico Mundo do Futebol**”, de autoria de Carlos Alberto de Lima.

PREFÁCIOS

Prefácio do livro “**Escola de Comando e Estado-Maior do Exército”.**

Prefácio para a **Revista Educação Física**, no. 141, de junho de 2008.

Prefácio para o livro “**Muralhas de Pedra, Canhões de Bronze, Homens de Aço – Fortificações do Brasil,** de 1502 a 2006”, de autoria de Adler Homero Fonseca de Castro.

Prefácio da **Revista “A Defesa Nacional**”, Nº 822, de 13 de outubro de 2013, edição especial para o centenário de criação de “A Defesa Nacional”.

TRABALHO PARA POSSE NO IHGMG

“**Tradições Históricas do Exército em Minas Gerais”,** publicado na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**

PESQUISAS HISTÓRICAS E RESPECTIVOS TEXTOS ALUSIVOS.

Textos alusivos aos 78º e 90º aniversários da 4ª RM/4ª. DE, publicados em **Boletins do Grande Comando** e transcritos no Histórico desse mesmo Grande Cmdo.

Textos alusivos aos 40º e 41º aniversários da Revolução Democrática de 31 de março de 1964, publicados em **Boletins da 4ª RM/4ª DE,** em 31 de março de 2004 e 2005, e transcritos no Histórico desse Grande Comando.

Texto alusivo ao 44º aniversário da Revolução Democrática de 31 de março de1964, publicado em **Boletim do Departamento de Ensino e Pesquisa e do Comando Militar do Leste,** em 31 de março de 2008, e transcrito no Histórico de ambas as organizações militares.

Textos alusivos à Batalha de Santa Luzia, relativos às comemorações, em Santa Luzia em 2003 e 2004, lidos no sítio histórico da Batalha, publicados em **Boletim do Comando da 4ª RM/4ª DE,** e transcritos no Histórico desse Grande Comando.

Texto alusivo às comemorações dos sessenta anos do término da Segunda Guerra Mundial, lidos nas tribunas da Câmara de Vereadores de Belo Horizonte e da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, e transcritos nos Anais destas casas de lei.

Síntese histórica da 4ª Região Militar e 4ª Divisão de Exército, publicada em **Boletim desse Grande Comando** e transcrita no Histórico respectivo em 2004.

Texto alusivo ao 73º aniversário da Intentona Comunista de1935, publicado em **Boletim do DEP e do CML** em 27 de novembro de2008, e

transcrito no Histórico dessas organizações militares e nos boletins de todas as organizações subordinadas ao DEP.

ENTREVISTAS

Entrevista para a **Revista da Cultura**, nº 13, de dezembro de 2007.

Entrevista para a **Revista VIVA BARSA PLANETA**, nº24, de julho e agosto de 2008.

Entrevista para a **Revista Forças Armadas**, nº. 12, 2008.

O General Castro foi condecorado com as seguintes medalhas nacionais:

Ordem do Mérito Militar, no grau de grã cruz;Ordem do Mérito Naval, no grau grande oficial;

Ordem do Mérito Aeronáutico, no grau grande oficial;Ordem do Mérito da Defesa, no grau grande oficial;Ordem do Mérito Judiciário Militar;Medalha Militar de ouro, com passador de platina; Medalha do Pacificador;Medalha Marechal Trompovsky;Medalha Mérito Santos Dumont;Medalha Mérito Tamandaré;Medalha Caxias;Medalha Marechal Hermes de prata com duas coroas;Medalha Marechal Osório “O Legendário”;Medalha Franklin Dória;Medalha Marechal Mascarenhas de Moraes;

Medalha do Mérito do Ex-combatente do Brasil;Medalha da Vitória;Medalha Sangue de Heróis;Medalha Tenente Max Wolf Filho;Medalha Jubileu de Ouro da Vitória na II Guerra Mundial;Medalha Soldado da Paz;Medalha Ordem do Mérito Batalhão Suez, categoria ouro;Medalha Marechal Zenóbio da Costa;Medalha Cruz da Paz dos Veteranos da FEB;Medalha Ordem do Mérito Conselheiro Tomaz Coelho;Ordem do Mérito do Instituto dos Docentes do Magistério Militar, no grau de cavaleiro;Ordem do Mérito Judiciário Milton Campos, no grau de grã-cruz, da Justiça Federal de Primeiro Grau de Minas Gerais;Grande Medalha da Inconfidência, do Governo de Minas Gerais;Medalha Santos Dumont, grau ouro, do Governo de Minas Gerais;Ordem do Mérito Imperador D. Pedro II, do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais;Medalha Alferes Tiradentes, da Polícia Militar de Minas Gerais;Ordem do Mérito Policial Militar, da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, no grau de comendador;Medalha do Mérito Coronel Fulgêncio de Souza Santos, da União do Pessoal da Polícia Militar de Minas Gerais;Ordem do Mérito Legislativo, grau Mérito Especial, do Estado de Minas Gerais;Colar do Mérito Judiciário Militar, do Tribunal de Justiça Militar do Estado de Minas Gerais;Colar do Mérito da Corte de Contas Ministro José Maria Alkmin, do Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais;Grande Colar do Mérito Legislativo Municipal de Belo Horizonte;Comenda João Gomes, da Prefeitura Municipal de Santos Dumont;Medalha Mérito Cabangu, da Fundação Casa de Cabangu, Santos Dumont;Medalha Nove de Março, da Prefeitura e Câmara Municipal de Virginópolis, Minas Gerais;Grande Medalha de Mérito Cidade de Sete Lagoas;Medalha do Mérito Histórico Militar Terrestre,da AHIMTB , no grau de comendador;Medalha do Mérito Duque de Caxias, da Ordem dos Cavaleiros da Inconfidência Mineira;Medalha do Mérito Humanitário, da Ordem dos Cavaleiros da Inconfidência Mineira;Medalha do Mérito Dragões Reais das Minas, da Delegacia Ten Brig do Ar Nelson Freire Lavànere Wanderley, da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, em Santos Dumont, Minas Gerais;Medalha do

Jubileu de 80 anos do 4º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado;Medalha do Jubileu dos 30 Anos do 4º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado em Santos Dumont, MG;Medalha do Mérito Tiradentes, da Federação das Academias de Letras e Artes de São Paulo;Medalha Esquadrão Tenente Vaz, da Ordem dos Cavaleiros do Esquadrão Tenente Vaz;Medalha Major Apollo Miguel Rezk;Medalha Comemorativa do Cinquentenário do Término da II Guerra Mundial;Colar “O Patriarca da Independência” José Bonifácio de Andrada e Silva, da Sociedade dos Amigos do CPOR-SP;Medalha Israel Pinheiro, do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais;Medalha Ordem do Mérito da Academia Brasileira de Medalhística Militar, grau cavaleiro;Distintivo de Comando (dourado). E com as seguintes medalhas estrangeiras:Medalha “Al Mérito a la Confraternidad Militar”, do Exército Argentino;Medalha de Honra, do Exército Argentino;eMedalha da Vitória dos Combatentes Poloneses.O presente trabalho bem registrado pelo General Castro foi ordenado pelo saudoso Coronel FE Aldo Demerval Rio Branco Fernandes.

Paulo Queiroz Duarte - General

General Paulo Queiroz Duarte. Sua foto como Major comandante do Curso de Infantaria da **AMAN, retirada da Galeria de Comandantes do Curso de Infantaria da AMAN**.

CARTA DO HISTORIADOR MILITAR GEN PAULO QUEIROZ DUARTE EX-COMANDANTE DO CURSO DE INFANTARIA DA AMAN, AO CEL CLÁUDIO MOREIRA BENTO Rio de Janeiro, 12-04-1980.

“ Prezado Cel. Bento. Apraz-me agradecer seu estimado cartão, com a remessa dos excelentes estudos que tem feito, esclarecendo curiosidades da nossa História Militar. Na minha parte, tenho a informar: 1. Na verdade, o primeiro comandante efetivo, do Corpo de Cadetes da AMAN foi o então Ten Celde A. Olynto Dennys, que o comandou em 1945, quando passou a ter o curso das Armas de que era constituído. O Cap. Dióscoro Gonçalves do Vale, (aliás boa praça), em 1944, sem o curso de EM, comandava as Cias do 1º ano;2. A biblioteca dessa academia deve possuir dois estudos meus: - **Dias de Guerra no Atlântico Sul**, Ed. da Bibliex, - **O Nordeste na II Guerra Mundial** - **Antecedentes e Ocupação**, Ed.Record. Deste último estou enviando-lhe um exemplar,pelo correio. "Deve existir aí, também uma tela a óleo, representando a

construção da estrada do Chaco, na guerra do Paraguai. Este quadro foi remetido para a AMAN quando eu comandava o Batalhão de Guardas, hoje Btlda Guarda Presidencial,em Brasília,isso por interferência do Marechal Lott, Ministro da Guerra, creio que em 1956. Este quadro pertenceu durante muitos anos ao acervo do Batalhão de Guardas...; 4. No seu trabalho: **A Divisão Encouraçada na Guerra do Paraguai**, vocêdiz: Impõe-se, igualmente, pesquisar nas Ordens do Dia do 1º Corpo de Ex. para determinar-se a procedência local e provincial dos batalhões (aliás Corpos) de Voluntários da Pátria ... que integravam a 3ª Divisão de Sampaio. Esclareço ao amigo: Essas pesquisas foram feitas por mim,exaustivamente, não só nos Corpos de Voluntários do 1º Corpo de Ex . (de Osório), mas, também no núcleo de forças que, depois, no ano de 1866, deu origem ao 2º Corpo de Porto Alegre. Isto é abrangeram todos os 57 Corpos de Voluntários e deram como resultado meu livro:**Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai.** Propositadamente, classifiquei tal estudo como ensaio, pois não é, nem podia ser um trabalho completo,definitivo, tal a magnitude do assunto. Pois haverá sempre um "patriota" que porá a cabeça de fora, reclamando um lugar ao sol para o povoado onde nasceu, que dera um contingente de voluntários. Esta obra, em cuja feitura gastei mais de 60 mil cruzeiros, com desenhos feitos sob encomenda, deve ser publicada pela Bibliex, segundo ajuste que acabo de fazer com o Cel Aldilio Sarmento Xavier Diretor dessa OM. Este ano sairão os dois primeiros volumes, pois terá seis... Meu recente estudo,concluído, "**Lecor e a Cisplatina",** de que lhe falou o Cel.Elber, foi entregue com suas inúmeras ilustrações, feitas algumas em Montevidéu, ao Dr.Raul Lima, Dir. do Arquivo Nacional,que mostrou interesse em publicá-lo. Não obstante, surgiu um impasse com a notícia da exoneração do Diretor do Arquivo. Não sei como ficará o negócio...Finalmente, passando ao pedido do prezado amigo, tenho a informar: A Divisão de Voluntários Reais,mandada organizar em Portugal pelo Príncipe Regente D. João, trouxe apenas um oficial com o nome de Bento.Era o Cap de C Bento José Duarte, que aqui chegou na função de Cmtda 2ª Companhia",do 2º Corpo de Cavalaria. Trouxera consigo a esposa e uma criada. Se teve filhos, estes, naturalmente, nasceram em Montevidéu, a partir de janeiro de 1819, data da entrada daquela GU na capital uruguaia*.Creio, embora não possa afirmar, que este oficial não retornou à Europa, adotou a nacionalidade brasileira, juntamente com outros camaradas da Divisão de Voluntários... Quanto ao projeto de um contato com cadetes, que me será extremamente agradável, pois tenho muito grata recordação dos dois anos em que aí servi, peço aguardar melhor oportunidade, pois no momento estou muito preocupado com o estado de saúde de minha mulher, que se encontra bastante doente.Mais uma vez, muito grato pelos trabalhos remetidos, aqui fico ao seu inteiro dispor. Um abraço do camarada e amigo Gen Paulo de Q.Duarte, R. Joana Angélica,64/401 Ipanema-Rio de Janeiro-RJ. CEP-22.420-030. A BIBLIEx publicou em 1988 o livro do General Paulo Queiroz **Sampaio,**o Patrono da Arma de Infantaria. Assunto que abordamos em nosso livro **Brigadeiro Antonio de Sampaio Bicentenário O Bravo dos Bravos em Tuiuti.**Obra disponível para ser baixada em Livros e Plaquetas no site www.ahimtb.org.br e disponível no Google.

Nota do autor:Em 2017, com o General Paulo Queiroz Duarte este autor procurava localizar meu trisavô Antônio Bento que era Alferes em 1828, ao ser desmobilizado em Piratini-RS, o Exército Imperial Brasileiro que combateu na Guerra Cisplatina 1825- 1828.Antônio Bento que se casou em Piratini com Cecília Matos e de cujo consórcio nasceu meu bisavô Professor Antônio Joaquim Bento e que tinha como irmão Carlos Frederico Lecor Bento,homenagem ao General Carlos Frederico Lecor, que viera de Portugal, em 1816, no comando da Divisão de Voluntários Reais. Alferes Joaquim Bento que durante a Revolução Farroupilha foi nomeado como o primeiro professor de Alegrete, pelos farrapos.De Carlos Frederico Lecor Bento descendia a família Almeida de afrodescendentes de Canguçu com uma escrava de Vicente Ferrer de Almeida, seu tio político. A primeira pista me foi fornecida por Adail Bento Costa, neto do Professor Antônio Joaquim Bento, este hoje nome do Teatro Municipal de Canguçu. Teatro construído sobre a antiga cadeia local que de 1845- 1849 foi o Posto de Comando do então Capitão Antonio de Sampaio no comando de uma Companhia de Infantaria de Regimento de Infantaria vindo de Recife-PE. Ver meu livro **O Brigadeiro Antônio de Sampaio –Bicentenário 2010**-Disponível em Livros e Plaquetas no meu site www.ahimtb.org.br e no Google. Antônio Bento veio de Portugal muito jovem e como praça.

Pedro Aurélio de Góes Monteiro -General (1889-1956)

GeneralPedro Aurélio deGóes Monteiro

General Pedro Aurélio de Góes Monteiro foi assinalado político e militar, de grande projeção de 1930-52, no Brasil e nas Américas. No primeiro caso, ao consolidar e valorizar, na sociedade brasileira, o profissionalismo ou espírito militar verdadeiro. Aliás, sonho também do seu primeiro comandante, o Marechal Hermes, sem obterem os resultados sonhados. Esta obra Góes a empreendeu com determinação, depois de concluir da análise do processo histórico brasileiro de 1831-1930: "Um repúdio, no Brasil, pelo espírito militar, na forma de antimilitarismo e o predomínio, até então, no Exército, de um espírito miliciano ou pretoriano e não o do verdadeiro soldado ou do profissional militar e, a negação aos militares do acesso à cidadania e a um pacifismo brasileiro.” E, tudo isso, alheio à tendência das nações poderosas de absorver ou exercer um imperialismo militar sobre as nações mais fracas, como o demonstrou a 2ª Guerra Mundial.

Assim ele batalhou dentro de um quadro nacional e internacional conturbado para que não fosse feita “Política no Exército e sim a Política do Exército”. Esta se traduziu pela preparação do Exército para a eventualidade de uma guerra, atividade que envolveria e interessaria todas as manifestações da vida nacional, nos campos material e moral. Complementarmente a esta ação nacional, foi o elemento chave da aproximação militar Brasil-EUA, mantendo contato estreito naquele pais com general Marschal e o presidente Roosevelt, dos quais resultaram a participação militar vitoriosa do Brasil na 2ª Guerra Mundial, em defesa da democracia e da liberdade mundiais e, por via de consequência, a modernização do Exército e a consolidação de um profissionalismo militar que até hoje se sustenta e que acaba de ser consagrado na Constituição Brasileira. E mais do que isto, a erradicação do espírito que dominara, segundo Góes Monteiro, o Exército de 1831-1930, em função de uma egoísta e preconceituosa política de erradicação do Exército, praticada por grupos nacionais dominantes, conformedemonstrou Edmundo Campos Coelho na obra **Em busca de Identidade Exército e a Política na Sociedade Brasileira**(Rio, Forense, 1976) e em data recente, Américo Jacobina Lacombe, em artigo A Questão Militar e a República na **Revista do Exército Brasileiro** (nº 04, out/dez 1989). Aliás, que devem ser lidos e meditados por todos os oficiais do Exército com responsabilidade na construção de seu futuro, à altura do destino de grandeza do Brasil. Góes Monteiro, esta foi a sua grande realização no Exército a justificar que hoje e sempre, ela seja lembrada e estudada por seus integrantes. Góes Monteiro foi um dos quinhoeiros da grandeza atual do Exército, que ele ajudou a edificar de 1930-43, com sua inteligência rara a serviço de um grande soldado, e pensador e, historiador militar terrestre no livro de suas Memórias **General Góes Depõe** de Lourival Fontes. Ele foi também um patriota que em seu tempo fez o máximo para assegurar ao Brasil elevado grau de segurança interna e externa. Contribuiu para a democracia, ao liderar, como ministro da Guerra, a democratização do Brasil em 1945, após fazê-la hibernar durante o Estado Novo – 1937/45, segundo ele, “para protegê-la internamente da radicalização entre esquerdistas da ALN e direitistas da AIB, e externo, decorrente guerra mundial entre aliados e o Eixo. Góes Monteiro ingressou no Exército aos 14 anos, na Escola de Aplicação do Realengo, sob o comando de Hermes da Fonseca. Depois estudou na Escola de Guerra em Porto Alegre (1906-10). Ali frequentou o bloco acadêmico castilhista da Faculdade de Direito, onde colaborou com assuntos militares no Jornal **O Debate**, fundado por Getúlio Vargas. Aspirante a Oficial de Cavalaria foi servir na construção da Ferrovia Cruz Alta -Santo Angelo, a cargo do 1º Batalhão Ferroviário, então comandado pelo Cel Fernando Setembrino de Carvalho. De 1917-18, cursou Engenharia Militar e estudou a Doutrina Militar alemã, trazida pelos jovens turcos de **A Defesa Nacional**. Em 1921, cursou a EsAO e, em 1922 a ECEME, sob a orientação da Missão-Militar Francesa (MMF) que o conceituou **Muito Bem**. Na Revolução de 1924-26, atuou como oficial e chefe de Estado-Maior no combate aos revoltosos em São Paulo, Paraná, Bahia, Minas Gerais e Mato Grosso. Já era estudioso da obra de Napoleão e revelava inclinação para o estudo dos campos da Doutrina Militar. Organização, Equipamento, Instrução,

Motivação e Emprego. De 1927-1929 chefiou o Gabinete da Aviação Militar. Em janeiro de 1930 era tenente-coronel comandante do 3º Regimento de Cavalaria, em São Luiz Gonzaga,onde foi convidado e aceitou liderar, como Chefe de Estado-Maior do Chefe Supremo Getúlio Vargas, a Revolução de 30. Vitorioso o movimento,fundou e presidiu o Clube 3 de Outubro, com vistas a impedir a divisão das forças armadas e políticas e preservar a disciplina nos quartéis, ao deslocar o debate político para o âmbito do Clube. Em maio de 1931 conquistou o generalato aos 42 anos. Comandou as 2ª e 1ª Regiões Militares. A última, no combate vitorioso à Revolução de 1932 de São Paulo. De 11 de janeiro de 1934 a 01 de março de 1935, exerceu o Ministério da Guerra. Em 1936 assumiu por sua indicação, o Ministério da Guerra, o general Eurico Gaspar Dutra. Em 1937 foi eleito presidente do Clube Militar e, em julho de 1937, assumiu a chefia do Estado-Maior do Exército, a cuja frente permaneceria 6 anos, quando liderou, no campo militar, a aproximação Brasil-Estados Unidos e a entrada do Brasil na guerra e coadjuvou o ministro Dutra em sua marcante administração no Exército. Em 1944 Góes Monteiro embarcou para Montevidéu como embaixador extraordinário do Brasil junto ao Comitê de Emergência da Defesa Política da América. Em 1945, Ministro da Guerra pela 2ª vez, quando liderou a redemocratização do Brasil, com deposição de Getúlio Vargas e fim do Estado Novo. Em 1947 foi eleito senador por Alagoas, mas o seu estado de saúde restringiu em muito sua atuação. Não conseguiu reeleger-se em 1950. Getúlio Vargas, retornando ao Governo pelo voto popular, nomeou Góes Monteiro chefe do EMFA. Em 1952 ele foi nomeado ministro do STM, função que exerceu até falecer, em 26 de outubro de 1956, aos 67 anos. Góes Monteiro se casou com uma gaúcha, Conceição Saint Pastous, de Alegrete. Seu filho Pedro, cadete de Aviação do Exército, pereceu em desastre aéreo no Campo dos Afonsos, em 02 de outubro de 1932, e sua filha, Maria Luiza, casou-secom o comandante Euclides Quandt de Oliveira, ex-ministro de Comunicações — 1974-78. Góes Monteiro, personalidade opulenta, complexa e por vezes enigmática tem sido o líder militar brasileiro contemporâneo mais estudado. Foi estudado pelo canadense Peter Seaborn Smith, na obra **Góes Monteiro and the role of the army in Brazil**, 1980. Suas **Memórias** ditadas a Lourival Coutinho foram publicadas em 1956, sob o título **O Gen. Góes depõ**e. Escreveu, além de vários artigos em periódicos militares e civis, a obra **A Revolução de 30 e a finalidade política do Exército**. Seu pensamento militar específico é relevante e atual para os militares brasileiros. Plínio de Abreu Ramos e Marcos Penchel o focalizaram com muita clareza no **Dicionário Histórico Biográfico da F.G.V**. (p. 2246-2259). O Arquivo Histórico do Exército, foi criado em 1934, como Arquivo do Exército na administração do ministro da Guerra, Góes Monteiro, com a finalidade de preservar e desenvolver a história científica do Exército, como instrumento orientador da construção segura de seu futuro,e reuniu expressivo material relativo à vida e obra de seu criador, principalmente como chefe do Estado-Maior do Exército (1937-43) e ministro da Guerra (1934-35) e 1945). Na **Revista da Academia Militar** encontrei as seguintes matérias de sua autoria: - **A Batalha de Waterloo** nº 33, p.85. Artigo escrito em 1908, como aluno da Escola de Guerra

em Porto Alegre. - **Exército e Nação** Ago 1933. - **Arma Aérea** nº 45, p.4. - **O Brasil e a Aviação** nº 49, p.63.Sua presença como historiador do Exército decorre emespecial de suas **Memórias** no livro General Góes Depõe de Lourival Fontes.

Pedro Cordolino Ferreirade Azevedo -General (1884-1958)

Gen Prof. Pedro CordolinoFerreira de Azevedo

O general Professor Pedro CordolinoF.de Azevedo nasceu em Goiás, em 20 de abril de 1884 e aos 9 anos transferiu-se com a família para Niterói. Faleceu no Rio de Janeiro em 19 de novembro de 1958 aos 74 anos. Casou-se em 17 de agosto de 1909, aos 25 anos, no Rio de Janeiro, com D. Ana Filismina de Mesquita. Professor, escritor e general do Exército, Pedro Cordolino teve uma carreira militar brilhante e deixou vasta bagagem literária. Foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e da Academia Goiana de Letras, bem como foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Como homenagens, recebeu o título de Cidadão Carioca e foi condecorado com a medalha de Ordem do Mérito Militar e a Palma Acadêmica da França.

Ingressou no Magistério Militar em 1913, defendendo a tese **"Organização Material e Tática das Marchas**". Em 1936 foi designado professor catedrático de História Militar, da Escola de Realengo. Anos mais tarde, em 1945, foi nomeado lente catedrático de História Militar da Academia das Agulhas Negras. Em 1949 foi promovido a General.

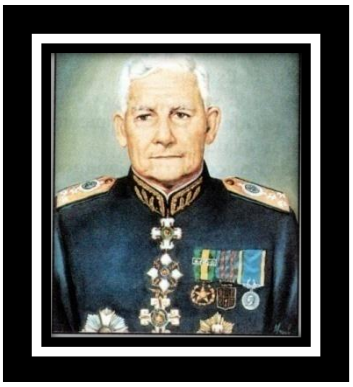
Tornou-se conhecido como escritor com o livro "**Campanha Austro-Prussianade 1866",** editado em 1923**.** A essa publicação seguiram-se **"Terra Distante",** "**Epopeia de Mato Grosso no Bronze da História**" e "**Dom Francisco, o Bispo Cego",** em que escreveu a respeito do seu tio-avô, por quem detinha grande admiração. Em 1950 publicou **"História Militar do Brasil".**Obra na qual estudamos História Militar na AMAN em 1954.

O Coronel Pedro Cordolino F. de Azevedo foi professor na Escola Militar do Realengo desde os anos finais da década de 1910, transferiu-se junto com a Escola para a cidade de Resende, onde atuou, aparentemente, nos primeiros anos. Lecionou História Militar no curso de formação de oficiais combatentes do Exército por 26 anos... Quando se aposentou, o professor juntou suas notas de aula em um livro. A edição conhecida foi publicada pelo Departamento de Imprensa Nacional no ano de 1950, com o título de **História Militar**, volume 1, que versava sobre História Militar Geral. No entanto, existem informações de uma publicação do ano de 1946. No ano de 1998, a Biblioteca do Exército (BIBLIEx),

lançou uma nova edição do volume 1, sob o mesmo título, sem mencionar que era o primeiro volume. O segundo volume tratou sobre a História Militar do Brasil, e segundo informação do General Jonas de Morais Correia Neto, na apresentação que faz da edição de 1998, foi lançada em 1952, pelo Departamento de Imprensa Nacional. Cordolino de Azevedo presidiu Comissão encarregada da implantação na Praia Vermelha do Monumento aos Herois da Retirada de Laguna; e publicou ainda o livro **Marechal Pêgo Junior e a invasão do Paraná, Rio de Janeiro ,1944.**Ao lançar seu livro **História Militar** v. 1, publicado pela Imprensa Nacional em 1950. Nele escreveu:

"Durante 26 anos, 1923-1949, fiquei à frente da Cadeira de História Militar... No decorrer desse largo período foram várias as extensões dos programas. Estes sempre modificados. Ora por regulamentos que determinavam os assuntos e a maneira de transmiti-los. Ora por determinações expressas de autoridades a que estava subordinado. Daí as profundas modificações, na extensão e natureza, às vezes inopinadas, sem tempo para coordená-las e transmiti-las com proveito. No tocante à História Militar do Brasil chegou-se a este extremo: Seu estudo compreendeu algumas vezes o início de nossa vida colonial, as lutas contra as invasões estrangeiras, todas as nossas campanhas com os povos vizinhos até 12 MAR 1870, em Cerro Corá. Vezes houve que de todo o nosso glorioso passado militar só se deveria estudar uma única campanha, por ano letivo. Quanto à História Militar Geral seu estudo foi alvo de profundas modificações. Desde a Maratona até nossos dias, em alguns programas. Em outros, em doses mínimas, o estudo de algumas campanhas notáveis. Aconteceu que houve ocasiões em que se estudaram assuntos que em nada nos podiam interessar. Disto ficou alguma coisa de minha longa permanência na cadeira de História Militar. Daí os meus 2 livros agora publicados". Informação retirada de meu livro **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro** publicado pelo Estado-Maior do Exército em 1979 e 1999 e distribuído a AMAN,EsAO, ECEME e a Academia de História Militar Terrestre do Brasil.Esta mensagem do General Cordolino sobre as diversas extensões dos programas de História Militar na AMAN é preciosa lição às autoridades responsáveis para deferir os programas de Ensino de História Militar em razão de sua importância para os Exércitos, assunto que abordamos na Introdução e, em especial a História Militar Critica aquela que agrega Conhecimento e Sabedoria Militar. E qualquer alteraçãono ensino de História militar é prudente ouvir os que se dedicam ao Ensino de História Militar,que a maioria das vezes não são consultados.É uma preciosa lição da História, não ouvir quem entende do assunto História Militar.Falo com a minha experiência de 52 anos no trato da História Militar em especial a História do Exército, assunto fundamental na formação de seus líderes.

Raimundo Negrão Torres - General (1925-2006)



General Raimundo Negrão Torres

Faleceu em Curitiba, em 12 de julho 2006, aos 81 anos, o acadêmico emérito da AHIMTB, Gen Div Raimundo Maximiano Negrão Torres, ocupante da cadeira n.º 15 (Cel Genserico Vasconcellos), e Delegado de Delegacia da AHIMTB em Curitiba, General Luiz Carlos Pereira Tourinho. Sua posse ocorreu no Colégio Militar de Curitiba, em 20 de março de 2000, sendo recebido por esta Presidência da AHIMTB, conforme sua oração constante das páginas 17/20 do volume n.º 20 de Posses na AHIMTB, ano 2000.

O General Raimundo nasceu em Belém, em 25 fev de 1925 e casou-se no Paraná com D. Maria Clarice de cujo consórcio sobrevive o Engenheiro Mecânico Ricardo. Era integrante da primeira turma formada integralmente pela AMAN. Como Oficial-General comandou as AD/6 e AD/5 e a3ª RM. O biografamos nas histórias da AD/6 e 3ª RM. E nesta foi sua penúltima função, tendo encerrado sua bela carreira, em Brasília, em 1985, como um dos subchefes do EME. O conhecemos em 1993, em Curitiba, quando lá abordamos, no Centenário da Revolução de 93, e a convite do Governo do Estado do Paraná, o tema: **Os cercos federalistas de Bagé da Lapa – duas resistências épicas de História Militar do Brasil.** Merece destaque seu livro de memórias sobre sua vida militar **Meninos eu também v**i. Livro de memórias com o qual nos distinguiu na ocasião. Ele abordou neste seminário o esquecido Cel Antônio Bodziak, polonês que comandou no Paraná, em 93, um batalhão federalista integrado por poloneses e italianos.O General Negrão foi destacado colaborador nos jornais **Ombro a Ombro** e **Letras em Marcha** e colaborava com o jornal **Inconfidência**, em defesa da Contrarrevolução de 64, em bem fundamentados artigos históricos, fontes preciosas para um julgamento sereno daquele movimento, longe das paixões políticas e ideológicas que dominam o presente, e que deformaram na opinião pública aquele movimento, conforme autocrítica de AlfredoSirkis na obra **Os carbonários,** onde este admitiu a derrota na luta armada esquerdista, mas se orgulhava de ver vitoriosa na opinião pública, manipulada ideologicamente, a versão esquerdista dos fatos, levada a efeito por vencidos na luta armada, mas que se enraizaram em posições chaves do magistério e da mídia, na qual passaram a proclamar a “liberdade de imprensa” uma rua de mão única por onde eles transitam, mas que nega o direito ao contraditório ou o direito de resposta aos vitoriosos na luta armada.O General Negrão integrou-se na vida paranaense onde serviu na ativa cerca de 15 anos descontínuos, e onde se radicou, definitivamente, ao passar para a Reserva.Ele além de acadêmico emérito da AHIMTB e seu Oficial do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, era sócio correspondente do IHGMB e efetivo do IHG Paranaense, Centro de Letras do Paraná e acadêmico da Academia Paranaense de Letras.

O acadêmico emérito General Raimundo travou uma luta corajosa, mas desigual, admirável e oportuna, em defesa da sua verdade, através de seu artigos e livros muito respeitados e apreciados por seus companheiros através do Brasil, para que as gerações futuras tenham uma história resultado de análise isenta de fontes históricas fidedignas, produzidas por forças que se enfrentaram na luta armada no campo e nas cidades.Sua morte constitui uma grande perda para a causa da Contra Revolução de 64 em defesa da qual com muita autoridade, bravura, coragem moral e competência ele lutava como muitos poucos o faziam. Aqui os sentidos pesares dos integrantes da Academia de História Militar Terrestre do Brasil pela perda deste notável guerreiro que tão bem sabia manejar a sua pena em defesa de sua verdade sufocada, bastante manipulada e deformada que esperamos um dia o grande público adquira a consciência de quanto foi manipulado criminosamente. E ao que parece, esta consciência vai sendo aos poucos restaurada. Praza a Deus que a verdade histórica como a Justiça demore, mas não falhe, doa a quem doer! (Cel Cláudio Moreira Bento,Presidente AHIMTB).

Raul Silveira de Mello -General (1882-1984)

General Raul Silveira de Mello

Nasceu em Cruz Alta-RS em 1882. Cursou a Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo e a Escola da Praia Vermelha e formou-se na Escola de Guerra em Porto Alegre que substituíra a extinta Escola Militar da Praia Vermelha. Sua vida militar transcorreu na Arma de Engenharia. Atingiu na reserva o posto de Gende Exército. Católico fervoroso, liderou a campanha dos militares católicos que restaurou o catolicismo no Exército. Campanha que iniciou em 1920 no 4ª BE em Itajubá. Chefiou o Serviço de Engenharia nas revoluções de 1924-26 em São Paulo, Mato Grosso e no Nordeste.

Produziu 12 livros sobre História Militar do Oeste: **Santos Militares, Cel Ricardo Franco, A Santa protetora do Forte de Coimbra, O Forte de Coimbra,** (4 volumes), **Corumbá, Albuquerque e Ladário, A Epopeia de Antônio João, Para Além do Bandeirantes.** Foi colaborador assíduo de **A Defesa Nacional...**Obra que o consagra como o maior historiador militar da Fronteira Oeste. O General Raul foi que descobriu os restos mortais do herói de Coimbra Ricardo Franco, tataravô do saudoso acadêmico General Pitaluga, o comandante

da Cavalaria da FEB.

A Academia incorporará ao processo de posse do gen Pitaluga síntese da vida e obra do gen Raul, elaborada a nosso pedido por seu filho cel Luiz Gonzaga de Mello, Cel Cláudio Moreira Bento - presidente da AHIMTB.

O General Raul nasceu a 8 de fevereiro de 1882, na Fazenda São Joaquim da Boa Vista, no município de Cruz Alta, no Rio Grande, atual Rio Grande do Sul.Filho de pais gaúchos, João de Deus de Oliveira Melo e Rosalina Silveira de Melo. Cursou dois colégios os públicos, de ensino elementar, na cidade de Cruz Alta, onde os pais passaram a morar a fim de atenderem às necessidades de filho já em idade escolar.Durante cerca de três anos, estudou com os jesuítas, no Colégio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo-RS. Ingressou no Exército como praça, em 26 de março de 1902, como aluno na Escola Preparatória e de Tática, de Rio Pardo-RS e a seguir a Escola Militar de Porto Alegre, no final de 2003.

Curso concluído, com aprovação, em princípios de 1904, em Porto Alegre, para onde a sede da Escola tinha sido transferida, quase no final de 1903.E a seguir na Escola Militar da PraiaVermelha, cujos estudos foram interrompidos com a Revolta da Vacina Obrigatória, na noite de 14 de novembro de 1904.No dia seguinte a Escola foi ocupada por tropas legais, alunos e oficiais, exceto uns poucos, menos de uma dúzia, não aderentes: foram presos, desligados da Escola e esta fechada indefinidamente. Transportados para diferentes lugares, no Brasil. Viraram civis de novo; pois durante a viagem, foram expulsos do Exército.Somente no correr do ano seguinte, 1905, em setembro, o governo concedeu anistia a ex-alunos e oficiais participantes, enganados por politiqueiros. (Alfredo Varela, e outros).No Parlamento, o senador Rui Barbosa defendeu-lhes.Com raras exceções, a grande maioria, quase a totalidade, apresentou-se ao corpo de tropa mais próximo de onde se achasse. Ele ganhou passagem, viajou de retomo ao Rio de Janeiro; alojou-se, com permissão, em dependências da Ex-Escola; preparou-se intelectualmente e, prestou exames vagos, perante bancas examinadoras nomeadas. Aprovado, readmitido nas fileiras do Exército, Praça, de novo!A partir de então, passou-se a ter em vista, em acordo com os novos Regulamentos, a profissionalização do Exército, e não mais o bacharelismo (1873/1905).Cursou a recém-criada, a Escola de Guerra, em Porto Alegre, a partir de março de 1906.Aprovado, e com licença concedida, classificado em corpo de tropa, continuou os estudos. Agora, na Escola de Artilharia e Engenharia, sediada em Realengo.Com a contratação e a chegada dos componentes da Missão Militar Francesa (M.M.F), começaram a ser traduzidos e publicados novos regulamentos regendo o ensino militar e criando-se outras e recentes escolas no Exército.Assim, em janeiro de 1922, iniciaria o curso da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (Es.A.O.) , na Vila Militar.Promovido a major, passou a fazer, em 1927, na Vila Militar, o Curso de Oficiais Superiores.Diplomado oficial de Estado-Maior, em acordo como Regulamento de 1905. Sob orientação da Missão Militar Francesa, criara-se a nova Escola de Estado-Maior (E E M), construíram-se prédios especiais, no bairro do Andaraí, no Rio de Janeiro, a qual fora inaugurada em 1920 (atual Quartel da Polícia do Exército).

Matriculou-se nessa mesma Escola, em 1928, passou a fazer o Curso de

Revisão de Estado-Maior, e o de Revisão, destinado a atualizar os conhecimento anteriormente adquiridos e absorver os novos, gerados pela Guerra de 1914-1918.Concluído o de Engenharia, e aprovado, ao findar de 1911, recebeu os diplomas de Engenheiro Militar e Civil, e o de Estado-Maior, todos, em acordo com o Regulamento de 1905.

Serviu no 1º Batalhão Ferroviário (Ie B.F.V.),e nele serviu em Cruz Alta e em Santo Ângelo, durante dez anos, de 1912 e 1922 - Depois, esteve classificado no 4º Batalhão de Engenharia (4ª B.E), em Itajubá(MG), em 1923, durante meses, como comandante da Companhia de Sapadores-Mineiros (Cia. Sap.Min.). Em seguida, no 1º Batalhão de Engenharia (1º B.E), na Vila Militar, de 1924 a 1927.A seguir, novamente, no 4º Batalhão de Engenharia, agora, em seu novo quartel, recém-construído, em Itajubá. E nele esteve por uns oito meses, nas funções de Fiscal, Subcomandante, em 1928 e começo de 1929.E, mais tarde, de fevereiro de 1936 a abril de 1937, no então 3º Batalhão Rodoviário 3º Btl. Rdv.), como comandante, em Vacaria, no Rio Grande do Sul.

Regressou para o Rio de Janeiro, vindo de Itajubá, em 1929, classificado no Estado Maior do Exército, na 1ª subseção da 2ªSeção.Exerceu então, as funções de: A - Oficial de Ligação do Ministério do Exército, através do Estado-Maior do Exército, junto ao Ministério das Relações Exteriores;Secretário da Ordem do Mérito Militar; Assessor Militar da Representação Brasileira à 7ª Conferência Internacional panamericana, em Montevidéu, em dezembro de 1933; Oficial às ordens do Cardeal Eugênio Pacelli, Legado Pontifício, em sua visita oficial ao Brasil, vindo do Congresso Eucarístico em Montevidéu, em 1934, o qual seria, mais tarde, o Papa Pio XII; Conferencista designado, pelo Estado-Maior do Exército, realizava conferências, na Escola de Estado-Maior, relativas à História, Geografia e Organização, todas elas militares, referentes a países sul-americanos, limítrofes com o Brasil.Promovido a coronel, foi nomeado para a Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional (C.G.C.S.N.) , no Palácio do Catete, sendo dela Presidente o Generalde Divisão Francisco José Pinto.Nessa função de Secretário, exerceu, concomitantemente, uma função civil, a de membro efetivo da Comissão Especial da Faixa de Fronteiras (C.E.F.F.), órgão especializado daquele Conselho, mesmo na inatividade, e por cerca de sete anos, até a transferência do governo federal para Brasília.Participou das seguintesOM:A -como capitão, comandante da Companhia de Transmissões (Cia. Trans.) do 3º Batalhão de Engenharia, na Revolução de São Paulo, no período de 12 de junho de 1924 a 2 de agosto de 1924;B - como capitão, Chefe do Serviço de Engenharia, das Forças em Operações nos Estados do Paraná e de Santa Catarina, sob o comando do Generalde Brigada Cândido Mariano da Silva Rondon, no período de 28 de setembro de 1924 a 12 de junho de 1925; seu chefe de Estado-Maior era o Coronel Benedito Olímpio da Silveira;

Ainda como capitão, como Chefe do Serviço de Engenharia, das Forças de Operações no Norte da República (F.O.N.R.), no período de 28 de novembro de 1925 a 20 de abril de 1926, sob o comando do GeneraldeBrigada João Gomes Ribeiro, tendo como chefe de Estado-Maior o Coronel Brasílio Taborda, "Jovem Turco".

Pertenceu às seguintesinstituições culturais: Sócio Efetivo, da Sociedade Brasileira de Geografia; Sócio Benemérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB); Sócio Honorário da Sociedade Brasileira de Cartografia;e sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMG).

CONDECORAÇÕES: Medalha Militar de Ouro, com passadeira de ouro, (três estrelas), por contar mais de trinta anos de bons serviços;- Medalha

Comemorativa do Cinquentenário da República, pela cooperação prestada nas festas cívicas promovidas para comemorar o acontecimento.Devotado estudioso e cultor de nossa Geografia e História, e, de modo especial, nossa História Militar.Realizou pacientes e meticulosas pesquisas, cujos resultados transformou em apreciados artigos, opúsculos e livros.

Eis a relação de opúsculos e livros que escreveu:

1 - **OS SANTOS MILITARES,** Rio: Magister, 1953. Edição do Autor.
2 - **CORONEL RICARDO FRANCO.** Rio: Bibliex, 1953.
3 - **A PROTETORA DO FORTE COIMBRA,** Rio: Imprensa, 1955, Edição do Autor - com várias reedições.
4 - **HISTÓRIA DO FORTE DE COIMBRA,** Rio: Imprensa do Exército, 4 volumes. 1958, 1959 e 1961, Edição do M. do Exército.
5 - **A PROTETORA DO FORTE COIMBRA,** Rio: Imprensa do Exército, 1961: ‘ Edição, definitiva, do Autor.
6 - **UM HOMEM DO DEVER,** Rio: Bibliex, 1964.
7 **- APRECIAÇÃO E COMENTÁRIO, À OBRA “INVASÃO DE MATO GROSSO** por Jorge Maia de Oliveira Guimarães, Rio: Bibliex, 1964. Edição comemorativa do 1º Cinquentenário da Guerra do Paraguai.
8 **- AS MARAVILHAS DA PADROEIRA DO FORTE COIMBRA,** Rio: Imprensa ■ Exército, 1965, Edição Especial, Comemorativa do Centenário do ataque paraguaio ao Forte Coimbra, na guerra de 1864-1870. Edição do Autor.
9 **CORUMBÁ, ALBUQUERQUE** e **LADÁRIO,** Rio: Bibliex, 1966.
10 - **PARA ALÉM DOS BANDEIRANTES,** Rio: Bibliex, 1968.
11 - **A EPOPÉIA DE ANTONIO JOÃO,** Rio: Bibliex, 1968. Prêmio General Tasso Fragoso, em 1968.
12 **–HEROICIDADEE FÉ,** Rio: Imprensa do Exército, 1972. Edição do Autor, extraordinária, comemorativa do bicentenário do Forte de Coimbra.

A DEFESA NACIONAL, revista veterana, conceituada, de assuntos militares, e estudos de problemas brasileiros, acolheu, em suas páginas, um bom número de artigos seus, sobre assuntos bem variados:

-**ANACIONALIZAÇÃO DAS FRONTEIRAS**. Nº 206, fevereiro.1942;

- ALTAR DE CAMPANHA DO MARECHAL DUQUE DE CAXIAS, nº 336, maio,1945;

- **O CENTURIÃO CORNÉLIO**. Nº 369, fevereiro;

-SÃO JOÃO DE DEUS, Patrono do Serviço de Saúde e dos Corpos de Bombeiros. Nº 370, março;

- D. SEBASTIÃO LEME - GRANDE AMIGO DO SOLDADO, nº 373, jun;

-**NO CAMINHO DE DAMASCO - REMINICÊNCIAS DO GENERAL ALCIDES MENDONÇA LIMA FILHO,** nº 377-378, outubro e novembro.1946;

- **CAMPANHA RURALISTA PARA O EXÉRCITO**, nº 383, abril;

-**O DESASTRE DE FORMIGAS**, nº 388, setembro1949;

- A PROTETORA DO FORTE DE COIMBRA, nº 419, abril.**1**952;

- **AUTO DE FUNDAÇÃO DE VILA BELA DE MATO GROSSO E SEUS BRAZÕES**,nº 456, julho.1953;

- **NA RETIRADA DA LAGUNA HOUVE OU NÃO, ASSISTÊNCIA RELIGIOSA?** nº468. Julho;

-**TERIA CHEGADO IRALA AO SALTO AVANHANDAVA NO TIETÊ?**Nº 471, out;

-**COMANDANTES DE FORTALEZAS PASSAM O BASTÃO DE MANDO AOS-SANTOS PROTETORES**, nº 472, novembro1954;

- **A GRUTA RICARDO FRANCO, AO PÉ DO FORTE COIMBRA**; n8 476, março;

-**ONDE ESTARIA O CÉLEBRE PORTO DE CANDELÁRIA NO RIO PARAGUÁI?**nº 477, abril;

- **AQUELES BRAVOS DO FORTE DE COIMBRA**, nº 479, junho;

- **PELA PÁTRIA, NADA DE MESQUINHEZ**; nº 480, julho;

- **O INCIDENTE DE FECHO-DOS-MORROS EM 1850, UM CAPÍTULO DAHISTÓRIA DO FORTE DE COIMBRA,** nº 482, setembro;

- A **VERDADE HISTÓRICA SOBRE OS LIMITES DO BRASIL-PARAGUAI AOSUL DO MATO GROSSO,** n° 483, outubro; 1955;

- **ESPIONAGEM E INCURSÕES PARAGUAIAS NO MATO GROSSO, ANTES DA GUERRA,** nº 487, fevereiro;

- **NOSSA SENHORA DO CARMO, PADROEIRA DO FORTE DE COIMBRA,MAS TAMBÉM DE MIRANDA E CORUMBÁ**, n8 491, junho.1956;

- **A VOLTA DO CORONEL RICARDO FRANCO AO FORTE DE COIMBRA**, nº 496, janeiro 1957;

- **GENERAL JOÃO FERREIRA JOHNSON - INFLUÊNCIA DA GRAÇA DIVINA NA MOCIDADE DE UM SOLDADO TURBULENTO**, nº 511, fev;

- **TROPÉLIAS E LUTAS DOS GUAICURÚS CONTRA OS PARAGUAIOS NORIMÓRDIOS DA INDEPENDÊNCIA DESTES**,nº 514, maio;

-1957 **- O GOVERNO PARAGUAIO E SUAS RELAÇÕES COM O BRASIL DE 1822.** n 518, setembro;

-**AOS GUAICURUS DEVE O BRASIL O SUL DE MATO GROSSO**, nº 519, outubro;

- **RETROSPECTO HISTÓRICO SOBRE FECHO DOS MORROS**, ne 520, nov.-1963;

- **O RETRATO DO CORONEL RICARDO FRANCO E A ANÁLISE - PSICOGONÓMICA E GRAFOLÓGICA DE SUA PERSONALIDADE**; n9 581, jan;

- **O PRÓXIMO CENTENÁRIO DO ATAQUE AO FORTE DE COIMBRA E - INCOLUMIDADE DOS SEUS DEFENSORES,** nº 584, abril;

-1964 - **CENTENÁRIO DO ATAQUE AO FORTE COIMBRA**, n9 593, jan-fev;

-**REINVIDICAÇÀO HISTÓRICA PRÓ MORTOS NA GUERRA** 1864-1870, n9 595, maio-junho- 1970;

- **POR QUE ANTÔNIO JOÀO VIROU LEGENDA?** n9 630, março-abril;

A REVISTA MILITAR BRASILEIRA, que hoje em dia circula com a denominação REVISTA DO EXÉRCITO BRASILEIRO, publicou os artigos:

- 1963 _ **RICARDO FRANCO DE ALMEIDA SERRA NA EXPANSÃO E DELIMITAÇÃO DE NOSSAS FRONTEIRAS**, nº 1 e 2, janeiro-junho;

1975 - **O BI-CENTENÁRIO DO FORTE DE COIMBRA, 15 DE SETEMBRO**

DE 1775 - 13 DE SETEMBRO DE 1975, número Especial Comemorativo;

1976 - **MEMORÁVEL FUNDAÇÃO BICENTENÁRIA. O FORTE PRÍNCIPE DA BEIR**A. Nº 1 e 2, Janeiro-junho;

A REVISTA DO INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL publicou os seguintes artigos:

1967 - **DISCURSO DE POSSE NA CADEIRA nº 53, CUJO PATRONO É O CORONEL RICARDO FRANCO DE ALMEIDA SERRA**, nº 53, 1º semestre.

1970 - **POR QUE ANTÔNIO JOÃO VIROU LEGENDA**, nº 59, 1º semestre.

No seu centenário, o autor Cel Cláudio Moreira Bento comandante do 4º Batalhão de Engenharia de Combate, inaugurou a Biblioteca de Cultura Geral e Profissional, batizando-a de General Raul Silveira de Mello.

Em 1983, no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil o general Raul pronunciou conferência **"Ha sessenta anos atrás!"** tratava-se do movimento vitorioso de recatolização do Exército que ele iniciara em Itajubá em 1923.Conferência em homenagem ao autor, pelas homenagens que lhe prestara e correspondência que mantiveram.No pátio do Batalhão existiam árvores de Eucaliptos plantadas pelo Major Raul Silveira de Mello. Conferência pronunciada aos 101 anos. Aos 102 anos ele viria a falecer de uma acidente doméstico ao tropeçar num chinelo e cair .

No Bicentenário do Forte de Coimbra em 1975 o autor foi encarregado pelo Ministro da Guerra de organizar o número especial desta Revistae nela priorizando os trabalhos do General Raul Silveira de Melo

Reinaldo Goulart Correia - Coronel(1955/2016)

Coronel Cavalaria e de Estado Maior Reinaldo Goulart Correia

Faleceu em Porto Alegre dia 24 de junho de2016o acadêmico Cel Cav Reinaldo Goulart Correia que ocupava a cadeira da FAHIMTB General Jonas de Morais Correia Filho,seu avô, sucedendo nesta cadeira seu pai, o acadêmico emérito,faz pouco falecido Gen Ex Jonas de Morais Correia Neto,cuja vida e obra recordamos em artigo disponível em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB, www.ahimtb.org.br.

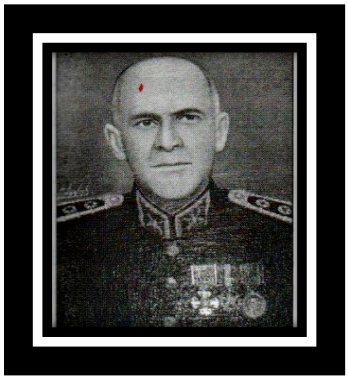
O acadêmico Cel Reinaldo foi cremado no Crematório Petropolitano em presenças de familiares e de inúmeros amigos que muito o apreciavam por suas características especiais... projetando qualidades herdadas de seu avô e pai,

destacados e estimados historiadores do Exército. O Cel Reinaldo foi empossado acadêmico em Santiago do Boqueirão, no Círculo Militar, local onde tivemos a honra de recebê-lo, como homenagem aos seus ilustres pai e avô, com os quais muito convivi e de ambos recebi distintas e amigas considerações. O Cel Reinaldo integrava a Turma Cavalaria da AMAN 1976, Turma 31 de Março.Era natural do Rio de Janeiro, mas intimamente ligado às tradições gaúchas como seu pai. Os avós do Cel Reinaldo, General Jonas Correia e D. Valmerina são os autores da letra e música da Canção da Engenharia. O Cel Reinaldo possuíatodos os cursos do Exército: Cavalaria na AMAN; Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais; e de Comando e Estado-Maior, onde foi titulado Doutor em Ciências Militares, além do Curso de Mestre em Equitação.Todas as suas promoções de Oficial Superior foram por Merecimento.Seu último curso no Exército foi o de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército. Possuía os cursos civis de Análise Prospectiva, Gestão Empresarial e Excelência em Gestão, Como influenciar pessoas, Liderança, Apresentações em Público, Negociação, Gestão de Pessoas, Gestão de Equipes. Realizou estágios Básico de Inteligência, Proteção Radiológica em Soluções de Emergência e Gerenciamento de Crises. Isto atesta a sua primorosa e notável bagagem cultural acumulada. Foi instrutor de Cadetes na Academia Militar das Agulhas Negras, subcomandante do Regimento Dragões da Independência, em Brasília, oficial do Estado-Maior da 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, no Mato Grosso do Sul, da 6ª Divisão de Exército – Divisão Voluntários da Pátria e Comandante do 2º Regimento de Cavalaria Mecanizado, Regimento João Manoel, em São Borja... Foi agraciado com as seguintes medalhas militares:Cavaleiro e Oficial da Ordem do Mérito Militar; Cavaleiro da Ordem do Mérito Forças Armadas; Medalha Militar de Ouro; Medalha Corpo de Tropa; Medalha do Pacificador; e Medalha Brigadeiro João Manoel.Condecorações civis: Cavaleiro de Ordem de Rio Branco; Medalha Duquesa de Caxias; e Medalha D. João VI.Seupai, seu avô e Reinaldo possuíam fortes ligações sentimentais com o Colégio Militar do Rio de Janeiro, local onde empossei como acadêmico na cadeira do pai,o General Jonas Neto, Reinaldo era membro da Legião de Honra do Colégio Militar de Porto Alegre; assinou o Livro de Honra da AMAN, por havê-la cursado sem nenhuma punição; e obteve o maior conceito de aptidão para o oficialato da Turma de 1976, da AMAN. Possuía diversas distinções culturais, entre as quais registramos: - Sócio honorário de Centro Nativista Boitatá, de São Borja; - Membro da Augusta Ordem de Santa Bárbara da Guarnição de Santiago; - Comenda Apparicio Mariense, pela Câmara de São Borja; - Membro Vitalício do Conselho de Vaqueanos do Piquete de Tradições Gaúchas João Manoel, do 2º R C Mec, São Borja; - Membro do Instituto de História e Tradições do RGS, e seu delegado em São Borja;- Sócio acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, Cadeira General Professor Jonas de Moraes Correia Filho seu avô e seu delegado em São Borja. Integrou representações do Exército no exterior: Paraguai, Uruguai, Chile, Argentina, Timor Leste. Historiador militar autor dos seguintes trabalhos:- **A FEB e a Ofensiva da Primavera** -1977;- **A Primavera de Praga** 1978;- **A Geopolítica do Prata** - 1992;- **EMFA - situação atual e perspectivas** - 1992;- **A Estratégia**

Americana pós 11 de setembro - 2002;- **O Chefe Militar do século** XXI - 2002:- **Desmobilização da UNMISET e Perspectivas para o Timor Leste** - 2003;-**A Logística Militar Terrestre no Alvorecer do século XXI;** -**O Comando Logístico.**É notável a sua atuação como tradicionalista gaúcho e no hipismo, tendo fundado a **Liga Hípica de Fronteira Oeste**, em 1988, e o **Núcleo Sul – mato grossense de Hipismo**. Tenha orgulho de haver servido nos comandos militares do Sul, Sudeste, Leste, Oeste e Planalto e na área das 4 brigadas de Cavalaria Mecanizada do Exército; na área das duas Divisões de Exército do Rio Grande do Sul e nas fronteiras com o Uruguai, Argentina e Paraguai. O Cel Reinaldo foi transferido para a Reserva em 31 de março de 2007, e foi Delegado, em São Borja, da FHE POUPEX. Era casado com Carmen Lúcia, pai de Marcelo e Leandro, avô de Isabella e sogro da historiadora e acadêmica, da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, Lauriane Fernandes Wild, que era prevista por Reinaldo, para inaugurar a Cadeira Especial Presidente Getúlio Vargas.

Todos nós viemos a este mundo, escrevemos uma História e partimos. E de igual modo que seu ilustre avô e seu pai, Reynaldo escreveu uma bela história de vida e a todos deixam saudades e boas lembranças de suas passagens na Terra.(Texto do autor disponível em Personalidade no site www.ahimtb.org.br, criado e administrado pelo filho do autor Capitão de MareGuerra Carlos Norberto Stumpf Bento, historiador naval e professor de Navegação na Escola Naval.

Rinaldo Pereira daCâmara -General (1899-1974)



General Rinaldo Pereira da Câmara

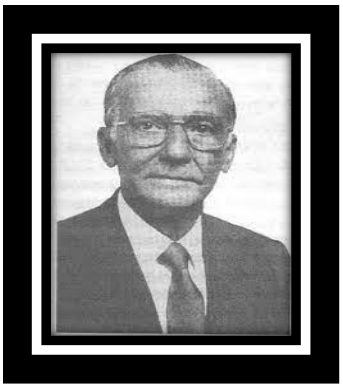
Rinaldo Pereira da Câmara (Nasceu em Porto Alegre, 7 de maio de 1899 e Faleceuem Porto Alegre em, 20 de agosto de 1974). Foi militar, escritor e historiador brasileiro.

General do Exército Brasileiro, Rinaldo era neto do Marechal José Antônio Corrêa da Câmara (o segundo Visconde de Pelotas), sendo assim, foi o historiador da biografia do avô, escrevendo o livro "**O Marechal Câmara**", em três volumes.Rinaldo foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. É denominação histórica da Academia de História Militar Terrestre do Brasil-Rio Grande do Sul (AHIMTB-RS), a qual,em continuidade a extinta FAHIMTB procura resgatar, preservar e divulgar História Militar no Rio Grande do Sul. E para a AHIMTB-RS foi conservado como sua denominação histórica General

Rinaldo Pereira da Câmara, autor, no nosso entender, da mais expressiva e alentada biografia de um militar do Exército, a do Marechal José Antônio Corrêa da Câmara. É dentro de uma moldura muito bem feita da História do Rio Grande do Sul, sem esquecer seu ilustre ancestral, o Marechal Patrício Corrêa da Câmara, Visconde de Pelotas, patrono da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, cuja biografia, de nossa lavra, abordamos na História desta Grande Unidade, que desenvolvemos em parceria com o historiador militar ePresidente da AHIMTB-RS, o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. A seguir da lavra do Cel Caminha o esboço biográfico do General Rinaldo Pereira da Câmara. Nasceu em Porto Alegre, RS, a 07 de maio de 1899, filho de Alfredo Pinheiro, e de Dona Zeferina Pereira da Câmara. Era neto, na linha paterna, do Marechal José Antônio Corrêa da Câmara, 2º Visconde de Pelotas. O jovem Rinaldo estudou no antigo Ginásio Anchieta, hoje Colégio Anchieta, em Porto Alegre. Ingressando na carreira militar, nos passos de seu avô e de seu pai, estudou no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA). Seguiu então para a Escola Militar do Realengo, onde fez o Curso de Infantaria, tendo sido declarado Aspirante a Oficial em 30 de dezembro de 1919. Sua primeira unidade como oficial foi o 7º Regimento de Infantaria, em Santa Maria, RS. As demais organizações militares em que serviu e as datas das promoções, nos seus 37 anos e 10 meses dedicados ao Exército foram as seguintes: - 4ª Companhia de Estabelecimentos (Rio de Janeiro, RJ): 1917/18; - Escola Militar do Realengo (Rio de Janeiro,RJ): 1918/20; - 7º Regimento de Infantaria (Santa Maria, RS): 1920; - Promoção a 2º Tenente: 15 de abril de 1920; - Promoção a 1º Tenente: 31 de outubro de 1920; - 7º Batalhão de Caçadores (Porto Alegre): 1920/22; - 13º Batalhão de Caçadores (Porto Alegre, RS): 1922/23; - 7º Batalhão de Caçadores (Porto Alegre): 1923/25; - Inspetoria de Tiro da 3ª Região Militar (Porto Alegre): 1925/27; - Colégio Militar de Porto Alegre: 1927/28; - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO/Rio): 1928; - 7º Batalhão de Caçadores (Porto Alegre): 1929; - Colégio Militar de Porto Alegre: 1929/30; - 8º Batalhão de Caçadores (São Leopoldo,RS): 1930; - Promoção a Capitão: 07 de agosto de 1930; - 7º Batalhão de Caçadores (Porto Alegre): 1931; - Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Porto Alegre (CPOR/PA): 1931/32; - 8º Batalhão de Caçadores (São Leopoldo): 1923/33; - CPOR/PA: 1933; - Escola de Estado-Maior (Rio de Janeiro): 1933/36; - Estado-Maior do Exército (Rio de Janeiro): 1936; HISTÓRIA DO CASARÃO DAVÁRZEA - Cláudio Moreira Bento 101 - 7º Regimento de Infantaria (Santa Maria, RS): 1936/37; - Promoção a Major: 24 de maio de 1937; - 7º Batalhão de Caçadores (Porto Alegre): 1938 (Jan/Fev); - Quartel-General da 3ª Região Militar (Porto Alegre): 1938; - 7º Batalhão de Caçadores (Porto Alegre): 1938/40; - QG da 3ª RM/3ª Divisão de Infantaria (P. Alegre): 1940/43; - Promoção a Tenente-Coronel: 24 de maio de 1942; - 8º Batalhão de Caçadores (São Leopoldo), na função de Comandante: 1943/44; - 11º Regimento de Infantaria (São João D'El Rey, MG): 1944 (Fev/Abr); - Hospital Central do Exército (HCEx,Rio): 1944 (Abr/Mai); - Estado-Maior do Exército (Rio): 1944 (Jun/Ago); - Promoção a Coronel: 25 de junho de 1944; - 8ª Circunscrição de Recrutamento (P. Alegre): 1944/45; - QG da 3ª RM (P. Alegre): 1945/46; - Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre (ex-CMPA), na função de Comandante: 1946/50; - QG da 3ª RM (como adido): 1950/52; - Escola Superior de Guerra (Rio de Janeiro): 1952; - Transferência para a Reserva Remunerada: 11 de outubro de 1952. As condecorações recebidas pelo General Rinaldo ao longo da carreira foram as seguintes: - Medalha de Ouro (Tempo de Serviço/mais de 30 anos); - Medalha de Guerra; - Medalha de Prata do Cinquentenário da República; - Medalha da Ordem do Mérito Militar-Grau de Comendador. Transferido para a Reserva Remunerada em outubro de 1952, o então Coronel

Rinaldo recebeu, de acordo com a legislação da época, duas promoções simultâneas, a de General de Brigada e a de General de Divisão. Suas promoções, de major em diante, foram todas por merecimento. Na época em que estava servindo no 7º BC, em Porto Alegre, o então 1º Tenente Rinaldo contraiu núpcias, a 21 de janeiro de 1921, com Dona Eugênia Rodrigues Puente, filha do ilustre filho de Canguçu e distinto professor André Leão Puente, segundo o Cel Bento, em seu livro **Canguçu – reencontro com a História.** Porto Alegre: IEL, 1983, Dona Eugênia o deixaria viúvo 31 anos depois, falecendo a 05 de outubro de 1953, no Rio de Janeiro, ou seja, seis dias antes de sua passagem para a reserva. Rinaldo Pereira da Câmara era homem de profunda fé católica, tendo pertencido a várias entidades religiosas, como a Venerável Confraria de Nossa Senhora do Carmo e à Congregação Mariana dos Formados "Auxilium Christianorum". O General Rinaldo destacou-se desde cedo por trabalhos intelectuais de grande valor, mormente na pesquisa histórica. Era membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e do Instituto Sanmartiniano de Buenos Aires. Na época de Comandante da Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre (EPPA), realizou diversas Conferências, dirigidas aos oficiais e alunos, das quais destacamos as seguintes: - **Osório e a Batalha de Tuiuti** (23 de maio de 1946); **- Caxias, grande Capitão** (24 de agosto de 1946); - **O Marechal Foch** – vida e obra (31 de março de 1949); - **A Campanha da Cordilheira** (21 de março de 1950); - **Homenagem ao Marechal Visconde de Pelotas** (1940); - **Nun'Álvares e a Vocação Universalista de Portugal** (1940); - **O Visconde de São Leopoldo** (1945); - **Ecos de uma Polêmica** (1945); - **Aquidaban perante a História** (1946); **- Os Fundamentos da Raça** (1949); - A **Campanha dos Andes** (1949); - **O Exército, a Igreja e a Nação** (1950); - **Significação histórica de San Martin**(1952); - **À Margem de um Documento Histórico** (1952); - **Interpretando um Documento Histórico** (1953); - **A Eucaristia e a Formação do Povo Brasileiro** (1954); - **A Recuperação da Amazônia** (1955); - **O Povo Judeu em Face do Século Messiânico** (1956); - **A Revolução Farroupilha em face da legislação da época** (1968); - **A Morte de Solano López descrita pelo Brig Corrêa da Câmara** (1970); **O término da luta: a morte de López** (1970); - **Caxias, cristão de fé robusta** (1970). Mas sua principal obra foi sobre seu avô, o Marechal José Antônio Corrêa da Câmara, Visconde de Pelotas. Intitulada **O Marechal Câmara**, é composta de três volumes, a saber: - 1º volume: **Reflexões introdutórias à sua Biografia**. Porto Alegre: Globo, 1964; - 2º volume: **Sua vida militar**. Porto Alegre: Globo, 1970; - 3º volume: **Sua vida Política**. Porto Alegre: IEL/SECDT/ RS, 1979. Dos três volumes, o Gen Rinaldo completou dois. O 3º estava em preparo quando a morte o colheu, a 20 de agosto de 1974, com 75 anos de idade. O 3º volume foi concluído pelo escritor gaúcho, seu amigo, General Riograndino da Costa e Silva, patrono de cadeira na AHIMTB-RS. O Gen Rinaldo deixou viúva sua 2ª esposa, Dona Geny Alberton Câmara e uma filha, Dona Maria Teresa Câmara Alves. Ao colocarmos seu nome na Delegacia AHIMTB do Rio Grande do Sul, hoje AHIMTB-RS,a então Academia de História Militar Terrestre do Brasil prestou homenagem ao ilustre militar, educador e cidadão, representada pela figura e pelo conjunto da obra do General Rinaldo Pereira da Câmara.

Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira-General 1914-



General Ex TácitoTheóphilo Gaspar de Oliveira
Veterano da FEB

O conceituado historiador - Cel. Cláudio Moreira Bento, Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, conferiu-nos a honra de saudar, em nome deste Sodalício, o ilustre General de Exército Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira, que hoje adentra os umbrais da Academia para ser o primeiro ocupante da cadeira cujo patrono é o ínclito General Tasso Fragoso.

Feliz, muito feliz, foi a iniciativa do Presidente Cláudio Moreira Bento de dar posse ao novo acadêmico na Academia Militar das Agulhas Negras, proporcionando aos Cadetes de Caxias, oficiais de amanhã do nosso Exército, o contato com destacados Chefes Militares que deram à nossa Pátria o melhor de si, exemplos a serem seguidos. Oportuno, portanto, este encontro de gerações promovido pela Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

Nascido aos 12 de janeiro de 1914, o jovem Tácito Theóphilo ingressou, aos 11 anos de idade, no antigo e tradicional Colégio Militar do Ceará, então comandado pela figura impoluta do General Eudoro Corrêa, grande educador a seu tempo, sempre lembrado pelos seus antigos alunos e cuja memória reverenciamos nesta oportunidade, 51 anos após foi o primeiro ex-aluno daquele modelar Estabelecimento de Ensino a galgar o último posto de hierarquia militar - General de Exército.

Concluído o curso do Colégio Militar, Tácito ingressou na antiga Escola Militar do Realengo, sendo declarado, em 1934, Aspirante aOficial da Arma de Infantaria.

Iniciava, então, sua brilhante carreira militar. Aspirante e Tenente, serviu nos 23ª BC (Fortaleza), 22ª BC (João Pessoa), 25ª BC (Teresina), 20ª BC (Maceió) e 29ª BC (Fortaleza). Em 1939, como 1º Tenente, contraiu matrimônio com a Senhorita Yolanda Gadelha, sua dedicada companheira e incentivadora de todas as horas ao longo de 59 anos de sua feliz e estável vida matrimonial, fato que se está tomando raro na sociedade contemporânea, que sofre as consequências danosas da desagregação familiar.

Como Capitão, foi Instrutor-Chefe do Curso de Engenharia do CPOR do Recife e, em setembro de 1944, embarcou para o Teatro de Operações na Itália como Comandante da Companhia do Quartel General da 1ª Divisão de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira, de onde retomou, após o término da guerra, em agosto de 1945, trazendo em suas folhas de alterações merecidos elogios feitos pelo seu Comandante imediato, pelo Comandante da Iª DIE, Gen. Mascarenhas de Moraes e pelo Comandante do 15ª Grupo do Exército, Gen. Mark Clark. Ainda como capitão, cursou a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e, após sua conclusão, foi estagiário no Estado-Maior do Comando da

10ª Região Militar. Terminado o estágio, serviu como Adjunto da 3ª Seção do Estado-Maior do Exército.

Suas promoções no quadro de oficiais superiores foram todas três por merecimento.

No posto de Major, continuou na função que já vinha exercendo e, posteriormente, cursou a Escola de Guerra Naval, sendo, então designado Assessor do Exército junto à referida Escola.

Tenente-coronel, prestou concurso e, aprovado, integrou, por 2 anos, o "staff" da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército Norte-Americano, no Fort Leavenworth, como encarregado da edição brasileira da "Military Review". Retomando ao Brasil, chefiou a 3ª Seção do Estado-Maior da 10ª Região Militar e, interinamente, exerceu Chefia do mesmo. Ainda como Tenente-Coronel foi oficial de Gabinete dos Ministros da Guerra, General Teixeira Lott e Odílio Denys, e oficial de ligação com o Congresso Nacional, Supremo Tribunal Federal, Assessoria Técnica Parlamentar da Presidência da República e Ministérios da Marinha, Aeronáutica e Relações Exteriores. Sua última comissão neste posto foi a de Assistente-Secretário do Marechal Odílio Denys, Ministro da Guerra.

Atingindo o posto de Coronel, foi Chefe de Gabinete do Gen. Humberto de Alencar Castello Branco, Diretor Geral de Ensino do Exército, Chefe da IªSubseção da 2ª Seção do Estado-Maior do Exército e Comandante do 23º BC, em Fortaleza. Cabe aqui ressaltar a firmeza e o equilíbrio do então Coronel Tácito Theóphilo, no Comando daquela Unidade, ao iniciar-se a Revolução de 31 de março de 1964, assegurando aos presos políticos recolhidos ao seu quartel o tratamento correto, evitando quaisquer excessos que pudessem ser praticados contra os mesmos. Deixou o Comando do 23ª BC para assumir a Chefia da Seção de Planejamento e Operações da Força Interamericana de Paz que atuou na República de São Domingos. Retomando ao Brasil, cursou a Escola Superior de Guerra.

Atingiu o generalato aos 52 anos de idade e como oficial general foi Diretor da Diretoria de Promoções, no Rio de Janeiro, Comandante da Artilharia Divisionária da 2ª Divisão de Infantaria, em Jundiaí, da Infantaria Divisionária da 3ª Divisão de Infantaria, em Pelotas, da 3ª Divisão de Exército, em Santa Maria, da 10ª Região Militar, em Fortaleza, Vice-Chefe e Chefe do Departamento Geral de Serviços, em Brasília.

Ainda na ativa, como General de Brigada, foi nomeado Superintendente da SUDENE, no Recife, em meio a uma grave crise reinante naquele órgão, tanto que entre o convite e a nomeação para o cargo mediaram apenas 72 horas, crise que conseguiu superar, permitindo-lhe assegurar uma eficiente gestão à frente daquela Superintendência. O Senador Virgílio Távora, de saudosa memória, ao proferir na Casa do Ceará em Brasília vibrante discurso quando da promoção de Tácito Theóphilo a general de 4 estrelas, assim se pronunciou:

"Sua presença administrativa no Governo foi além, quando chegou a titular da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE, onde deixando marca inconfundível de sua personalidade, muito trabalhou por nossa sofrida região."

Em outubro de 1977, assumiu o cargo de Ministro Chefe das Forças Armadas, coroamento de uma brilhante carreira militar, transferindo-se para a reserva em dezembro de 1978, após 53 anos de excelentes serviços prestados ao Brasil, na paz e na guerra, na vida militar e na civil.

O General Tácito foi agraciado com as seguintes condecorações e

medalhas: Grã- Cruz da Ordem do Mérito das Forças Armadas, Grã-Cruz da Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho, Grã-Cruz da Ordem do Mérito de Brasília, Grã-Cruz da Ordem da Estrela do Acre, Grande Oficial da Ordem do Mérito Naval, Grande Oficial da Ordem do Mérito Aeronáutica, Medalha da Campanha da FEB (conferida aos militares da FEB que tomaram parte na Campanha da Itália, sem nada que os desabonasse), Medalha Militar de Ouro com passadeira de platina, Medalha de Guerra (concedida a oficiais da ativa, da reserva e civis que cooperaram na preparação da tropa ou concorreram para o esforço de guerra do Brasil no país ou no estrangeiro), Medalha do Pacificador, Medalha do Mérito Tamandaré, Medalha do Mérito Santos Dumont, Medalha da Abolição, Medalha Pernambucana do Mérito, Medalha do Mérito Mauá, Medalha Bronze Star Medal (concedida pelos Estados Unidos da América por conduta heroica em ação, serviços meritórios em combate ou ainda por serviços meritórios em apoio a operações de combate), Medalha Army Comendation Medal (Estados Unidos), Medalha Abdon Calderon (Equador), Medalha Gran Estrela al Mérito Militar (Chile), Medalha ao Mérito da Força Interamericana de Paz (OEA) e Medalha Barão de Studart do Instituto do Ceará.

O historiador cearense Geraldo da Silva Nobre, ao traçar o perfil dos Presidentes do Instituto do Ceará adianta que “O General Tácito Theóphilo, em operações de guerra ou de paz, de estudos ou de recreio, conheceu a Inglaterra, Portugal, Espanha, França, Itália, Áustria, Alemanha, Holanda, Bélgica, Dinamarca, Suécia, Noruega, Suíça, Estados Unidos, Turquia, Grécia, Egito, Israel, Argentina, Uruguai, México e São Domingos” o que lhe dá uma visão global deste mundo que se torna cada vez menor.

Como intelectual, o novo Acadêmico participou da revisão dos aspectos históricos das monografias básicas da História do Exército Brasileiro; publicou vários artigos em “A Defesa Nacional”, “Revista Militar Brasileira” e “Revista do Instituto do Ceará”, proferiu inúmeras palestras e pronunciou outros tantos discursos que enumerá-los tomaria algum tempo.

Recentemente publicou “**Tempos e Homens que Passaram à História**”, em que o autor, com muita lucidez e perspicácia aborda tópicos de nossa História e fatos por ele vividos na sua brilhante trajetória, tomando-o valioso repositório de conhecimentos para estudiosos e pesquisadores. Sobre o mesmo se pronunciou o intelectual Vianney Mesquita, afirmando:

“O livro do General Tácito é obra que avulta como contribuição de monta - peça fundamental - aos estudos dos nossos registros, pois assentados em férteis fontes primárias e secundárias, e, de modo especial, com arrimo na participação do Autor, com todas as qualidades de que é portador, no locus das ocorrências.”

O Gen. Tácito Theóphilo é Sócio Honorário do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, no Rio de Janeiro, e da Academia Cearense de Letras, em Fortaleza, além de Sócio Correspondente do Instituto Cultural do Vale Caririense, de Juazeiro do Norte, no Ceará.

Eleito em outubro de 1980, Sócio Efetivo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), a mais antiga Instituição Cultural do Estado do Ceará...Tomou posse em abril do ano seguinte e já em março de 1983, assumia a Presidência, pela escolha unânime de seus confrades, tendo realizado uma administração das mais profícuas para o Instituto, fato que motivou seus consócios a levarem-no de volta à Presidência, que hoje ocupa.

Graças ao movimento de sua Iniciativa no Instituto do Ceará, os restos mortais do Brigadeiro Antonio de Sampaio, Patrono da nossa Infantaria,

repousam hoje, no terreno fronteira à Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, sede do Comando da 10ª Região Militar, num panteão digno do Herói Nacional.

"A Academia de História Militar Terrestre do Brasil está de parabéns pelo seu ingresso, onde uma cadeira, por direito e por justiça, desde logo lhe estava reservada."

O autor como Presidente e fundador da AHIMTB presidiu a cerimônia de posse do General Tácito em Resende, na qual o saudei . Saudação que foi lida por um cadete de sua família.

OMinistro José Parsifal Barroso, ao saudá-lo por ocasião de sua posse no venerado e centenário Instituto do Ceará:

"Ficai conosco por longo tempo, beneficiando-nos com o calor de vossa amizade, as luzes do vosso espírito, a alta valia de vossa cultura, e a força do vosso intelecto, a serviço da História e da Geografia" e, agora, também, da História Militar Terrestre do Brasil."

Abordamos o General o General Tácito Theóphilo como comandante das 8ª Brigada de Infantaria Motorizada e 3ª Divisão de Exercito, em livros que escrevemos sobre estas Grandes Unidades em parceria como o Cel Inf Luiz Ernani Luiz Caminha Giorgis, e o empossamos como acadêmico da AHIMTB em Resende,onde ele foi saudado por cadete de sua ilustre família.

Em Recife quando o General Tácito Theóphilo era Superintendente da SUDENE tivemos seu apoio para publicar o livro **O Projeto Rondon nos Guararapes,**de autoria de estudantesuniversitários e 3 cadetes convidados para realizarem pesquisas em torno das Batalhas dos Guararapes.Foi um chefe que nos deixou boas lembranças.Resgate com apoio em texto de autoria do saudoso acadêmico Professor Paulo Ayrton de Araujo com complementos do autor.

Tristão de Alencar Araripe – Marechal (1894/1969)

Marechal Tristão de Alencar Araripe

Sua projeção como pensador militar terrestre brasileiro se revela em especial com sua obra:

-O Exército Brasileiro a partir da Guerra do Paraguai

- **Tasso Fragoso** Bibliex 1960;

- **Expedições militares contra Canudos** Bibliex 1985

na Revista do Clube Militar;

- **O Ensino Militar no Brasil** nº 158, 1961, p. 18;
- **Guerra Moderna** nº 48, 1937, p. 143;
- **Escreve o Gen Gamelin** nº 82, 1947, p. 3;
- **Tendência das OM dos tempos novos**. 80, 1997, p. 13;
- **Organização para a guerra** nº 84, 1977, p. 28;
- **Responsabilidade do comando em chefe nos Estados Democráticos**, nº 79, 1946, p. 13;

O Marechal Tristão publicou na **Revista do IGHMB** a sua autobiografia que a seguir transcrevo:

Autobiografia do Marechal Tristão de Alencar Araripe

Filho do ex-militar e engenheiro TÚLIO DE ALENCAR ARARIPE, capixaba, descendente de troncos nordestino e gaúcho (ALENCAR e BACELAR) e de ANTONIETTA VIEIRA DA SILVA, castelense, filiada aos tradicionais troncos espírito-santense, fluminense e mineiro dos VIEIRA DA CUNHA, PINHEIRO DE SOUZA WERNECK e SILVA PINHEIRO, o jovem TRISTÃO emigrou, ainda em tenra idade, e em companhia dos pais e irmãos, para Belém do Pará, o então Eldorado Brasileiro. Lá fez as primeiras letras e completou o Curso Primário.Aos doze anos, ingressou no Colégio Militar do Rio, no qual, aos dezoito anos, concluiu o Curso de Madureza, como dos melhores alunos de sua classe, tendo sido Tenente-Coronel-Aluno, comandante do Batalhão Escolar e recebendo o título de agrimensor. Teve aí sólida educação moral e cívica, a consolidar-se em toda a vida.Levado pelo entusiasmo pela carreira militar, que o mesmo Colégio despertava, alistou-se no Exército em 9 de março de 1912 e matriculou-se na Escola Militar do Realengo, no Curso de Infantaria e Cavalaria, Regulamento de 1905. Após três anos de dedicação e rudes trabalhos, concluiu esses cursos, como segundo colocado em sua turma e foi declarado Aspirante a Oficial em 2 de janeiro de 1915, com vinte anos de idade.Classificado na guarnição em que residiam seus pais, aí iniciou com entusiasmo e perseverança a vida de oficial de tropa, no papel de instrutor, educador e condutor dos homens-soldados bisonhos, de cujo preparo e comportamento militar seria obreiro em toda a vida de militar, compenetrado de sua missão.Sua grande preocupação em adquirir maior cultura fez com que reingressasse na Escola Militar, a fim de fazer o Curso de Engenharia Militar.Depois de um interregno em corpo de tropa em Belo Horizonte, onde assistiu a adoção do Serviço Militar Obrigatório, voltou ao Realengo para concluir o curso e receber os títulos de Engenheiro Militar e Bacharel em Matemática e Ciências Físicas em 1919, títulos de que nunca se serviu.Inicia, então, a atividade nitidamente profissional, como instrutor e educador.Depois de pequeno estágio nos corpos de tropa no Rio, serviu, durante quatro anos, na Escola de Sargentos de Infantaria, instituição que se notabilizou na época renovadora por que passou o Exército, na terceira década do século XX.

Imprimiu ao ensino uma orientação prática, objetiva, inspirada nos conhecimentos da Pedagogia moderna. Os manuais de sua autoria tiveram franca aceitação e foram muito louvados pelos mestres da Missão Militar Francesa; e o então Tenente ARARIPE tornou-se nome acatado por sua capacidade de

instrutor, comprovada no alto conceito alcançado em todo o Exército pelos sargentos de Infantaria formados sob a orientação da conceituada Escola.

Matriculado na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, em 1925, concluiu o Curso destacadamente com o 1º lugar da turma, menção "Bem" e o seguinte conceito dos referidos mestres franceses:

"Oficial muito distinguido, de inteligência e saber superiores, antigo instrutor da ESI, onde deixou renome, ingressou no Curso de Aperfeiçoamento, já com todos os regulamentos conhecidos. Contudo, não deixou de trabalhar sempre, durante o ano e cada vez estudar e se aplicar com mais acentuada vontade de ampliar os conhecimentos já adquiridos. Conhece a fundo os processos atuais de combate de Infantaria e toma em presença de qualquer situação imprevista soluções sempre lógicas. O Tenente ARARIPE é oficial que se impõe por sua autoridade pessoal e pela sede de aprender e de ensinar, servindo-se de sua excepcional capacidade de trabalho. Demais, animado de excelente espírito, destaca-se como oficial de valor e futuro, que pode ser utilmente empregado em qualquer cargo que exija confiança.É indicado para ingressar na Escola de Estado-Maior. Nota de aptidão para o comando — dez."

Terminado esse proveitoso curso, foi designado com outros companheiros de turma para o Quartel-General do Comando das Forças em Operações no Norte da República.

Na desincumbência de várias missões nos QG e junto à tropa, em operações de Campanha, armazenou valiosa experiência para a consolidação de seus predicados de chefe, pela firmeza de atitudes e confiança nas próprias possibilidades. Embora simples tenente, enfrentou muitas situações em que acentuou raro senso de responsabilidadee volta a servircomo ajudante-de-ordens e modesto cooperador do ilustrado General TASSO FRAGOSO, na elaboração de regulamentos de sua arma. Recebeu desse chefe destacados louvores.Matriculado, em 1927, na Escola de Estado-Maior do Exército, foi aluno de excepcional destaque e concluiu o curso em 1929, primeiro lugar da turma, Menção "Muito Bem" e "Honrosa". O seu conceito concluiu:"Oficial muito apto para qualquer função quese lhe queira confiar. Oficial de futuro."

Foi aproveitado, em 1930, como auxiliar de instrutor de Tática Geral da mesma Escola.

Ainda em 1930, por espírito legalista e convicções apolíticas, cumpriu ordens na repressão ao movimento revolucionário. Servia no QG das Forças Legalistas na Vila Militar, quando foi deposto o Presidente da República.Não sofreu a sua carreira nenhuma influência da sua situação legalista. Ao contrário, em 1931, foi honrado com a designação para Comandante interino da ESI, função de Major.Nessa função, realizou, com rara felicidade, um grande comando.Deu excepcional brilho a esse organismo e ampliou o conceito de oficial grande instrutor e educador na sua arma.

Instrutor de organização da instrução na EsAO, Chefe de Curso de Tática Geral na Escola de Estado-Maior, Diretor do Ensino Militar na Escola Militar do

Realengo, Diretor do Ensino na Escola de Estado-Maior do Exército, cada vez mais acentuou os seus invulgares pendores de instrutor de oficiais, como pioneiro de ideias e processos sempre renovados. Doutrinava pelo exemplo, pelos livros, conferências, manuais e monografias. A sua evoluída e clara orientação muito beneficiou a mais de meio milhar de oficiais, alguns hoje chefes de real destaque no Exército. No fundo, são muitos os que muito devem ao "velho" ARARIPE.

No Gabinete do então Ministro da Guerra e na Embaixada Extraordinária do Brasil às Comemorações do Duplo Centenário de Portugal, em 1939/1940, o Tenente-Coronel ARARIPE reafirmou as suas qualidades de cultura e de dignidade, impondo-se à admiração de todos.Nos comandos de corpos de tropa, primeiro no 3º BC, na Capital de seu Estado natal, depois no 13° RI e na ID 5, no Paraná e no 2º RI, na Vila Militar, foi o Cel Araripe notável Chefe de Arma, educador apaixonado e administrador seguro e de larga visão. Fez de sua unidade um instrumento de grande sensibilidade e eficiência. Seus processos de comando, profundamente sensatos e humanos, dos quais não se afastavam a bondade e a energia, fizeram época.

Em todos esses cargos fez verdadeira obra construtiva.

Principalmente no 3º BC, o seu primeiro comando de corpo de tropa, foi notável sua atuação na melhoria das instalações, do conforto e da assistência, na reparação da Fortaleza deSão Francisco Xavier, na criação da granja da Ilha do Boi, etc; e aumentou o prestígio do BC perante a opinião pública, por seu trabalho, apresentação e contribuição para manter a ordem e a tranquilidade públicas.

Teve as promoções a Major, Tenente-Coronel e a Coronel, por merecimento.Em meado de 1943, foi designado para comandar o Destacamento Misto de Fernando de Noronha, tropa constituída de várias unidades das armas e serviços para a defesa do Atlântico Norte, sob ameaça de ataques de forças navais e de forças terrestres do Eixo. Logo depois foi investido, sem prejuízo do comando, no cargo de Governador do Território Federal, então criado. Lá esteve durante um ano, em pleno regime de campanha, enquanto permaneceram aquelas ameaças e sob o peso da responsabilidade e sacrifícios de toda a ordem, pois, além dos encargos civis de criação e manutenção do Território, havia os do comando militar de tropa, cujas condições combativas deviam ser mantidas, apesar do desconforto e da precariedade dos meios.

Sob duras provações, o Coronel ARARIPE cumpriu a sua missão, com pleno reconhecimento da parte dos comandados, por sua atuação notória e esclarecida.Tendo excedido um ano de permanência no Arquipélago, quando o limite máximo era de seis meses, houve por bem o Governo transferi-lo para o comando da ID 4, em Belo Horizonte, função de General.

Aí, o Coronel ARARIPE, mais tarde promovido a GeneraldeBri-gada, por seus predicados e serviços, desenvolveu proveitosa atividade no preparo da tropa para os contingentes a serem enviados à Itália, na manutenção da ordem e vibração patriótica nos Estados de Minas, Espírito Santo e Sul da Bahia.No meio da agitação política que se anunciava, conseguiu o General ARARIPE preservar

seus comandados das agitações político-partidarias, apresentando-se a tropa federal como um todo coeso e só se manifestando pela voz de seu Chefe.Graças à sua clarividente atuação e à confiança que inspirava em suas relações com as autoridades e com as classes sociais, as modificações políticas se processaram com o resguardo da ordem e da autoridade constituída.

Tendo assumido o comando da 4ª RM no momento mais agudo do movimento político, manteve sua tropa, com autoridade, em estado de disciplina e coesão bem compreendidas. Foi nessa época que os amigos do Espírito Santo, tendo à frente o Arcebispo D. HELVECIO DE OLIVEIRA e o Interventor SANTOS NEVES, prestaram significativa homenagem ao modesto primeiro General capixaba dos últimos cinquenta anos (Na República só houve um General da ativa do Estado — o General MANOEL RODRIGUES DE CAMPOS, que foi Comandante do Colégio Militar do Rio).

Restabelecida a situação nacional, foi o General ARARIPE nomeado sucessivamente comandante do Centro de Aperfeiçoamento e Especialização do Realengo, da Escola de Estado-Maior do Exército. Promovido a General de Divisão, em 1949, foi nomeado para o comando da 5ª DI e 5ª RM no Paraná.

Nesses altos comandos, imprimiu o General ARARIPE um surto novo nos processos de ensino e de instrução, aproveitando a sua velha experiência de passagem pelas Escolas. Aí muito fez pela renovação do Exército, através da doutrinação de uma grande massa de oficiais de Estado-Maior e de tropa, hoje chefes influentes do Exército e responsáveis por sua notável atuação nos quadros da Vida Nacional.

Na Escola de Estado-Maior, influiu corajosamente na renovação dos programas, dos processos de ensino e do julgamento dos oficiais--alunos. Interessou esses na apreciação dos problemas nacionais do tempo de paz.

Quando General de Brigada e Comandante da Escola de Estado--Maior, foi lembrado para candidato ao cargo de Goverandor do Estado, em 1946, por ocasião da reconstitucionalização do País. Pareceu-lhe, inicialmente, poder ser útil à sua terra, aceitando esse encargo, mas prevaleceu, no seu subconsciente, o seu apego à carreira a que se dedicou desde a juventude sem discrepância. Abafando a natural vaidade pela honraria, preferiu continuar militar e apenas militar.Completando o tempo de comando da 5ª RM, foi o General ARARIPE escolhido pelo Dr. GETÚLIO VARGAS, Presidente da República, em 1952, para Ministro do Superior Tribunal Militar.Surpreendido com a designação, pois nunca lhe ocorrera a possibilidade dessa nova atividade, de que estivera alheado, aceitou os novos encargos com entusiasmo e vontade decidida de acertar.Habituado ao estudo dos problemas humanos e sociais, não lhe foi difícil adaptar-se à nova esfera de cogitações.

Os seus doze anos de Juiz-Ministro de foro especial não chegaram a ser uma revelação para ninguém, pois eram por demais conhecidos o zelo, a força de vontade, a cultura e a capacidade de trabalho do General ALENCAR ARARIPE.

Lucrou a Justiça com a cultura e o conhecimento humano do Ministro; com o grande interesse do Chefe Militar culto e experimentado pelos problemas de

direito castrense, que deparam de ser só apanágio dos bacharéis; com o tino de administrador e de autoridade do eventual Presidente.Foi sempre um aprendiz, um estudioso, apaixonado pelo trabalho intelectual.

Desde cedo habituou-se ao manejo das ideias. Suas modestas produções ficaram pelo caminho. Muitas feneceram, mas muitas produziram frutos ótimos. Desde Tenente produziu livros técnicos, úteis à profissão, colaborou em revistas; publicou, em várias épocas, conferências, monografias sobre a segurança nacional e a História Militar. Foi, durante vinte anos, sócio do Instiuto de Geografia e História Militar do Brasil, cadeira TASSO FRAGOSO e seu Presidente por quinze anos e por fim Presidente de Honra. Tem publicado além de artigos e monografias diversos: — **TASSO FRAGOSO — Um pouco da História do Exército; EXPEDIÇÕES MILITARES CONTRA CANUDOS; A GUERRA DO PARAGUAI (Revue d'Histoire Militaire Internationale); PROBLEMAS DA SEGURANÇA NACIONAL; O FORO ESPECIAL, etc.**

Frequentou a Escola Superior de Guerra em 1952 e lá cooperou no estudo de vários problemas.Sessenta anos de vivência militar, proveitosos à Nação e ao Exército.Setenta anos de vida honrada e digna — orgulho de sua numerosa prole, filhos, netos; irmãos, parentes, amigos e conterrâneos! Felizmente, sente-se realizado.Glória e honra às veneráveis sombras que lhe deram a mão, nessa longa caminhada:Seus saudosos Pais;

Sua primeira Esposa, tão carinhosa e compreensiva;Seus irmãos;Seus filhos e seus netos; Sua segunda Esposa, amparo dos seus atuais passos; Seus mestres do primário, do secundário e superior.

E, sobretudo, MARCOS NUNES, TEMISTOCLES SAVIO, MAXIMINO MACIEL, DALTRO SANTOS, MIGUEL CALMON, ESPIRIDIÃO ROSAS, MANOEL RODRIGUES DE CAMPOS, ALEXANDRE BARRETO, PIO BORGES, DUQUE ESTRADA e ANTONIO OSORIO;Seus chefes e estimuladores: TOLEDO BORDINI, OUTUBRINO NOGUEIRA, HEITOR BORGES, RAYMOND DUMAY, TASSO FRAGOSO, BAUDOUIN, RENATO NUNES e MASCARENHAS DE MORAES ;Seus colegas e colaboradores, que tanto lhe compreendiam; e a todos os amigos que lhe deram a mão;Grande corte de batalhadores sobre os quais deve recair o preito da gratidão e do reconhecimento. O Marechal Tristão de Araripe, como presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB) produziu vasta obra histórica em sua revista, da qual elaboramos um Índice ao tempo em que dirigíamos o Arquivo Histórico do Exército. Foi oficial ligado a instrução de cadetes no comando do Cel José Pessoa.

A Revista do IGHMB cujo Índice elaboramos quando diretor do Arquivo Histórico do Exército estádisponível em Livros e Plaquetas, em Instrumentos de trabalho do historiador do Exército, relaciona seus numerosos artigos nela publicados.

Umberto Peregrino Seabra Fagundes - General (1911-2003)

General Umberto PeregrinoSeabra Fagundes

Umberto Peregrino Seabra Fagundes nasceu em Natal em 1911. Ao lado do General Francisco de Paula Cidade, ambos patronos de cadeiras na Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), dedicaram-se intensamente, desde tenentes à produção cultural literária militar no nosso Exército. Um guasca de Porto Alegre e um "potiguasca", na expressão de Câmara Cascudo em bilhete que nos enviou em 1971 e que assim se considerava ao saber que éramos gaúchos.Tivemos a oportunidade de presidir sessão no Arquivo Histórico do Exército em que foi inaugurada com a sua presença, a cadeira 47 General Humberto Peregrino da AHIMTB de que era patrono em vida.

Entre as muitas e variadas projeções de sua vida cultural, brilhante e intensa, destaco a singular e marcante direção de Humberto Peregrino da Biblioteca de Exército de 1954/60, da qual também é o seu historiador com a obra lançada no IHGB: **A Biblioteca do Exército - um capítulo da História Cultural do Brasil,** na qual não figura o ano e o editor. Mas sei que foi editada pelo SENAI, por iniciativa de seu presidente nacional por 12 anos, nosso confrade Cel Arivaldo Silveira Fontes. Aliás a ele devemos a edição de nosso livro **O Exército na Proclamação da República** em 1989, obra 1º lugar em concurso da Biblioteca do Exército, mas que não seria publicada por ela. E outros escritores e entidades militares devem ao Cel Arivaldo, nosso ilustre vice presidente da AHIMTB, gratidões semelhantes. Recordo por exemplo, o saudoso confrade e amigo General Jonas Correia, centenário este ano, que teve publicado pelo Cel Arivaldo sua valiosa obra sobre Símbolos Nacionais.

Na Biblioteca do Exército Humberto Peregrino foi fiel ao espirito com que ela fora criada. Publicar obras de preferência de oficiais do Exército e manter, no Rio, uma Biblioteca de apoio aos militares do Exército.

E então estimulou o surgimento de uma geração de escritores militares, encomendando-lhes obras importantes e os apoiando com copy desk, revisão e indicações de conteúdo. E sempre preocupado em atingir o público militar jovem, cadetes, aspirantes, tenentes e capitães, como complemento às suas formações profissionais.

Seu período como Diretor da BIBLIEx 1954/60, correspondeu ao nosso último ano na Academia Militar das AgulhasNegras e a nosso período com aspirante e tenente. Lembro que nas unidades em que servia nesta época eu era o representante da BIBLIEX, encarregado de distribuir livros aos associados,

tendo como estimulo receber um exemplar grátis que eu lia com grande prazer e passava adiante.

Com o objetivo de despertar e amparar novas vocações de escritores militares para alimentarem uma corrente do pensamento militar brasileiro, Humberto Peregrino criou os prêmios Tasso Fragoso, Pandiá Calógeras e Franklin Dória e muito concorridos em seu tempo, conforme sua **História da BIBLIEx**.Com o retorno da FEB, vitoriosa da Itália, preocupou-se em preservar a sua memória, editando diversos livros a ela relacionados como o **Fontes de História da FEB,** do patrono em vida de cadeira na AHIMTB, Cel Francisco Ruas Santos, que fora comandante de Companhia do Regimento Tiradentes na Itália. Esforço do General Peregrino que lhe valeu este reconhecimento do hoje também patrono de cadeira na AHIMTB, o Marechal Mascarenhas de Morais. "Que a Biblioteca do Exército continue a ser o regaço da FEB."

Na divulgação da História Militar Terrestre do Brasil destaco suasobras sobre Euclides da Cunha e Canudos, biografias dos marechais Hermes da Fonseca e Floriano Peixoto e a sua participação na Comissão de Exumação dos restos mortais do Duque de Caxias, assunto sobre o qual muito conversamos a respeito.

Foi ajudante de Ordens dos marechais Dutra e José Pessoa. É grande biografo e talvez o maior do Marechal Hermes da Fonseca, cujo arquivo recebeu da viúva do marechal Dona Nair de Tefé, com a qual muito conversou e muito colheu para seu trabalho biográfico.

Ao tratar da vida e obra desses grandes líderes do Exército adquiriu valiosa noção do que se passava nas altas esferas do Exército.

Nosso primeiro contato indireto com o General Peregrino aqui no IHGB, não foi agradável para nós. Em 1978 apresentei a CEPHAS nosso livro editado pelo Estado-Maior do Exército, **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro.** Obra ora reeditada pelo mesmo órgão e mais uma vez como um Manual Militar**.**

Na seção seguinte, que deve estar registrada na CHEPHAS, o General Peregrino usou a palavra e referiu indiretamente ao nosso livro citado, com uma certa mágoa, por não termos referido a sua marcante direção de BIBLIEX, de onde ele saíra em meio a um desgastante incidente com autoridade militar poderosa na época.

Daí em diante passamos a nos entender e eu a compreender a grande projeção de sua obra na Direção da Biblioteca do Exército, que acabei de referir.

Certa feita fomos procurado por sua companheira que nos relatou a situação crítica de saúde do General Peregrino, decorrente de possuir enorme próstata, que necessitava uma solução urgente e não permitia mais delongas. Foi ai que procuramos o Diretor do Hospital Central do Exército, nosso amigo e hoje membro do IHGB e acadêmico da AHIMTB, General Alberto Martins da Silva, que prontamente tomou a tarefa a seu cargo, poupando o confrade de uma cansativa espera cheia de entraves burocráticos, numa repartição onde o general não era conhecido.

Depois fomos convidados com nossa equipe do Arquivo Histórico do Exército que dirigíamos, a visitar a sua Casa de Cultura São Saruê, um enorme complexo cultural privado em Santa Teresa. Lembro a alegria e a satisfação com que nos recebeu e mostrou-nos tudo! Lembro da sua notável biblioteca e de sua expressiva coleção de literatura de Cordel.

Ao final da visita nos fez deixar nossa assinatura, a carvão, numa parede, ao lado de muitos outros visitantes. E com muita alegria e satisfação e, notamos um pouco de gratidão com que se despediu de nós. O que será feito deste valioso patrimônio cultural? Tomara tenha tido destino honroso!

Parece que o estou vendo ele chegar no IHGB, para as reuniões da CEPHAS, dirigindo o seu Fusca e o ouvindo falar de sua amada terra Natal, onde possuía uma casa de praia e do mestre Câmara Cascudo. e de seus amigos de lá! Natal, terra e gente, que reverenciou em sua obra: **Crônica de uma cidade chamada Natal**. Natal: Ed.Clima,1989.

Sobre sua obra literária colhemos as seguintes no Google e no Catalogo da BIBLIEx 1995.**Euclides da Cunha e outros estudos**.O Exercício singular da comunicação na vida e obra de Euclides da Cunha,**Vida e obra de Euclides da Cunha**.**Vocação de Euclides da Cunha.Técnica e Cultura Reflexões sobre Euclides da Cunha** BIBLIEx 1941); **Os sertões como História Militar**.(BIBLIEX 1956); **História e projeções das instituições culturais; História da Biblioteca do ExércitoGeneral Valentim Benicio da Silva; Subsídios,Imagens do Tocantins e da Amazônia**.(BIBLIEx 1942);**A Guerra do Paraguai na obra de Machado de Assis;Armas atômicas e a atualidade militar**.(BIBLIEx 1960);**Literatura de cordel em discussão;Crônica de uma cidade chamada Natal; Nossas vidas nossas almas** (BIBLIEx 1942**);Nove histórias reiúnas** (BIBLIEx 1956);**Significação do Marechal Hermes da Fonseca** (BIBLIEx 1956). Publicou na Revista do IHGB os seguintes artigos: **Algumas especiais qualificações de «Os sertões».**338:109-132, jan./mar. 1983;**Autores militares em discussão**. 334:67-78, jan./mar. 1982;**Bolivar.** 340:123-126, jul./set. 1983;**Crônica da Revolução de 1930.** 341:43-66, out./dez. 1983;**Dimensões de Basílio de Magalhães**. 305:34-50, out./dez. 1974;**Discurso de recepção de Cybelle Moreira de Ipanema**. 337:127-135, out./dez. 1982;**Discurso na inauguração do Museu de Arte Popular**, em 23 de outubro de 1991. 152(373):1201-1203, out./dez. 1991;**A exumação dos ossos de Caxias**. 320:373-376, jul./set. 1978;**Fatos e idéias em torno da Biblioteca do Exército centenária**. 336:105- 136, jul./set. 1982;**História militar da Independência: circunstâncias e contradições**. 326:279- 304, jan./mar. 1980;**A história na poesia popular: do negro na literatura de cordel.** 149(359):189-210, abr./jun. 1988;**Juscelino Kubitschek perante a história**. 325:61-89, out./dez. 1979;**Justiça histórica ao marechal Hermes da Fonseca**. 344:69-86, jul./set. 1984;**Lembranças e reflexões sobre o marechal Teixeira Lott**. 344:45-48, jul./set. 1984;**Missão no Planalto Central: o general José Pessoa nas origens de Brasília.** 147(350):159-163, jan./mar. 1986;**Origens e implantação da Academia Militar das Agulhas Negras.** 333:25- 32, out./dez. 1981; **Pedro Calmon e a história social do Brasil.** 147(351):353-361, abr./jun. 1986;**Projeção da cultura militar no Segundo Reinado.** 314:183-204, jan./mar. 1977;**A propósito da Guarda Nacional: uma criação da Regência.** 307:206-207, abr./jun. 1975; **Quadros e caracteres da oligarquia de Pedro Velho no Rio Grande do Norte.** 279:203-230, abr./jun. 1968;**Reflexões de conteúdo histórico**

à margem da doença e morte de Tancredo Neves. 349:49-51, out./dez. 1985;**Sobre o Luís da Câmara Cascudo.** 147(352):951-954, jul./set. 1986;**Virgílio Corrêa Filho**.148(354):78-80,jan./mar.1987; Por Claudio Moreira Bento.Sócio emérito do IHGB.

Valentim Benícioda Silva– General (1883-1958)

General Valentim Benício da Silva

Valentim Benício da Silva nasceu em Uruguaiana (RS) no dia 14 de fevereiro de 1883, filho de José Benício da Silva e de Josefina Viana da Silva.

Fez seus estudos primários em sua cidade natal, sentando praça em agosto de 1900. No ano seguinte transferiu-se para a Escola Preparatória de Tática de Rio Pardo (RS), concluindo ali o curso em 1904. Ingressou em seguida na Escola Militar do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, saindo em 1908 Aspirante a Oficial da arma de Cavalaria. Promovido em fevereiro do ano seguinte a segundo-tenente, fez o curso geral da Escola Militar, chegando a primeiro-tenente em janeiro de 1916.

Exerceu de 1918 a 1919 a função de assistente do Estado-Maior e de 1919 a 1920 a de adjunto da Escola Militar. Neste último ano fez o curso de revisão e alcançou a patente de capitão. Em 1921,foi designado adido da Missão Militar brasileira na França, função que desempenhou até 1922, sendo comissionado no ano seguinte Adido Militar junto à embaixada do Brasil na Argentina. Retornando ao Brasil, assumiu em 1928 a chefia de seção da Diretoria de Aviação, sendo promovido, em julho do mesmo ano, a major. Ainda nesse ano, comandou o 11º Regimento de Cavalaria, ali permanecendo até 1930. Com a Revolução de Outubro de 1930, ocupou a secretaria da Junta Governativa que assumiu o poder após depor Washington Luís. Chegando ao posto de tenente-coronel em abril do ano seguinte, passou a comandar a Escola de Cavalaria. Comandou o Regimento Andrade Neves, na Vila Militar do Rio de Janeiro, durante a Revolução Constitucionalista de 1932, tendo sido promovido a coronel em dezembro desse ano. Deixando a Escola de Cavalaria em 1935, ocupou no ano seguinte as chefias do Estado-Maior do 2º Grupo de Regiões Militares e da 1ª Região Militar (1ª RM). De 1936 a 1937 foi chefe de Gabinete do Ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, tendo recebido a patente de generaldebrigada em novembro de 1937. Nesse ano fundou a Biblioteca do Exército Editora, assumindo a sua presidência, organizando-a e transformando-a em editora.

Segundo reportagem publicada no **Diário de Notícias** de maio de 1938, teve sua residência atacada durante o levante integralista ocorrido naquele mesmo

mês. Ainda em 1938 comandou a 1ª Brigada de Infantaria e a guarnição da Vila Militar e de Deodoro, e passou a exercer a função de Secretário-geral do Ministério da Guerra.

Em 1939, foi nomeado embaixador extraordinário do Brasil no Peru e assumiu a presidência do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, cargo que deixou em 1941, juntamente com o de presidente da Biblioteca do Exército. No ano seguinte afastou-se da secretaria do Ministério da Guerra para assumir o comando da 3ª RM, em Porto Alegre. Promovido em junho de 1943 a generaldedivisão, passou a integrar a Comissão de Promoções do Exército. Segundo Floriano de Lima Brayner, por essa época ele recusou o convite do Presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra, para que ocupasse o comando da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Em fins de 1943 deixou o comando da 3ª RM e assumiu a 1ª RM, no Rio de Janeiro, ali permanecendo até 1945. Em 1946 foi designado Adido Militar junto à embaixada brasileira em Washington. Passando à reserva, foi promovido a generaldeexército.

Ao longo de sua carreira militar, fez os cursos de infantaria, cavalaria, artilharia e de engenheiro-geógrafo, além do curso superior de informações e o de comando e estado-maior. Foi ainda chefe de seção do Estado-Maior do Exército, fundador e presidente do Instituto CulturalBrasil-Paraguai e da Confederação Brasileira de Hipismo. Pertenceu à Academia Rio-Grandense de Letras, ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, ao conselho diretor da Liga de Defesa Nacional e à Sociedade Beneficente Sul-Rio-Grandense.

Faleceu no Rio de Janeiro no dia 23 de agosto de 1958.

Foi casado com D Zilpa Viana da Silva, com quem teve dois filhos.

Além de colaborar em jornais e revistas, publicou **Antônio João** (1938); **Batalha de Tuiuti** (1941); **O oficial de cavalaria, como é, como deve ser**; **A República do Peru, suas vias de comunicação; e o Livro do soldado brasileiro. A Biblioteca do Exército Editora mantém uma séri**e denominada Coleção General Benício, em sua homenagem, na qual já editou cerca de duzentos títulos.

Visconde de Taunay -(1843- 1889)

Visconde de Taunay,Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay

Visconde de Taunay (1843-1899) foi um escritor, militar e político do império brasileiro. Monarquista e grande admirador de D. Pedro II, com ele manteve uma longa correspondência quando o ex-imperador foi exilado do país.

Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay nasceu em São Cristóvão, no Rio de Janeiro, no dia 22 de fevereiro de 1843. De família aristocrata, era filho de

Felix Émile Taunay, um dos preceptores do Imperador e seu fiel amigo durante quarenta anos, e de Gabriela Hermínia d'Escragnolle Taunay, filha do conde d'Escragnolle.

Seu avô, o pintor Nicolas Antoine Taunay, veio para o Brasil como integrante da Missão Artística Francesa, em março de 1816.

Formação:Visconde de Taunay ingressou no Colégio Pedro II, onde em 1858 concluiu o curso de Humanidades.

Em 1861 ingressou no Exército Imperial, no 4.º Batalhão de Artilharia. Em 1863 formou-se em Ciências Físicas e Matemática na Escola Militar. Em 1**8**64 foi promovido a 2.º tenente.

Em 1**8**65 iniciou o curso de Engenharia Militar, interrompido pela convocação para servir na Guerra do Paraguai.

A Retirada da Laguna:**Com a eclosão da Guerra do Paraguai (1864-1870), em 1865, Taunay foi incorporado à Comissão de Engenheiros, anexa ao Corpo Expedicionário que seguiu para a província de Mato Grosso, que havia sido invadida pelas tropas de Solano López.**

Durante três anos, Taunay permaneceu na região do Planalto Central, tendo tomado parte ativa na “Retirada da Laguna”.

Em 1868 retornou ao Rio de Janeiro e em 1869 foi convidado pelo Conde d’Eu, comandante das forças brasileiras em operação no Paraguai, para redigir o “Diário do Exército”, que em 1870 foi reproduzido em livro do mesmo nome.

Terminada a guerra, o Visconde de Taunay foi promovido a Capitão e retorna ao curso de Engenharia Militar.

Em 1871, Visconde de Taunay publica uma de suas principais obras: "A Retirada da Laguna", onde em uma narrativa forte, e dramática, evidencia os problemas militares, o sofrimento dos combatentes e o nacionalismo durante os anos na guerra.

Escrita em francês, a obra foi posteriormente traduzida para o português por seu filho Afonso.

Terminado o curso de Engenharia, Taunay passa a lecionar História, Línguas, Mineralogia, Biologia e Botânica no Colégio Militar.

Inocência:Trazendo para a literatura suas experiências da guerra, projetou-se com o romance “**Inocência”** publicado em 1872 e considerado o melhor romance sertanejo do Romantismo.

Na obra, Taunay retrata a vida rústica do sertanejo: a paisagem, os hábitos, os costumes, a naturalidade dos diálogos, os tipos humanos com pouca dose de idealização e fantasia.

Conta a história sentimental e dramática da cabocla Inocência "donzela de fascinadora beleza". Prometida em casamento a "Manecão", a jovem adoece e é tratada por um curandeiro da região. Durante o lento processo de cura, nasce entre eles o amor. Manecão descobre e mata o rival. Dois anos depois Inocência

morre de saudade.O romance tornou-se um clássico do fim do romantismo, obteve extraordinária popularidade e foi traduzido para diversas línguas.

Vida política:Em 1872, o Visconde de Taunay ingressou na vida política pelo Partido Conservador. Foi nomeado Deputado Geral pela Província de Goiás.

Em 1874 casou-se com Cristina Teixeira Leite, filha do Barão de Vassouras, com quem teve quatro filhos, entre eles Afonso d'Escragnolle Taunay, futuro biólogo e historiador brasileiro.

Entre 1876 e 1877, Taunay foi Presidente da Província de Santa Catarina. Nessa época, inaugurou o Monumento aos Heróis Catarinenses da Guerra do Paraguai, na Praça XV de Novembro, em Desterro, hoje Florianópolis.

Taunay passou dois anos estudando na Europa. Em 1881 foi eleito Deputado Geral por Santa Catarina, encerrando o mandato em 1884.

Entre 1885 e 1886, Taunay foi presidente da província do Paraná. Nessa época, presidiu a Sociedade Central de Imigração que promoveu a chegada dos primeiros imigrantes alemães e italianos para o sul do Brasil.

Entre 1886 e 1889 foi senador por Santa Catarina na vaga do Barão de Laguna. Foi um dos mais dedicados partidários da abolição da escravatura.

Dedicado às suas múltiplas atividades, Visconde de Taunay destacou-se também como jornalista músico e pintor, além de ter sido administrador da floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro.

Títulos e honrarias:Visconde de Taunay foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Música, onde ocupou a cadeira n.º 13.

Taunay foi oficial da Ordem da Rosa, Cavaleiro da Ordem de São Bento, da Ordem de Avis e da Ordem de Cristo.

No dia 6 de setembro de 1889, recebeu de D. Pedro II o título de "Visconde, com Grandeza". Neste mesmo ano, com a queda da Monarquia, afasta-se do Senado, mas permanece fiel ao ex-imperador, por quem mantinha a mais profunda admiração.

Durante o exílio de D. Pedro, Taunay manteve farta correspondência com ele, que posteriormente foi reunida e publicada por seu filho Affonso de E. Taunay, no livro "**Visconde de Taunay: Pedro II".**

Visconde de Taunay faleceu no Rio de Janeiro, no dia 25 de janeiro de 1899.

Pouco antes de sua morte disse ao filho Afonso: "Não sei se te caberá a grande felicidade que alcancei: a convivência próxima e prolongada com homens de imensa elevação como o Imperador e Rio Branco, tipos verdadeiramente grandiosos".

Obras do Visconde de Taunay:

- **A Retirada da Laguna, diário de guerra** (1871);
- **Mocidade de Trajano** (1871);
- **Narrativas Militares** (1871);

- **Inocência, romance** (1872);
- **Lágrimas do Coração** (1873);
- **A Campanha de Mato Grosso;**
- **Manuscrito de Uma Mulher, romance** (1873);
- **Ouro Sobre Azul, romance** (1875);
- **Céus e Terras do Brasil** (1882);
- **Amélia Smith, dram**a (1886);
- **No Declínio, romance** (1889);
- **O Encilhamento, romance** (1894); e
- **Reminiscências, Memórias** (1908, póstumas).

Waldemiro Pimentel – General (1898-1981)

General Waldemiro Pimentel

Nasceu no Rio de Janeiro em 14 de abril de 1898 e faleceu em 23 de fevereiro de 1981 na mesma cidade. Ingressou no Exército, em 1919, como tenente veterinário. Mais tarde, doutorando-se pela Faculdade Nacional de Medicina, fez a carreira de oficial médico, atingindo o posto de general. Serviu em diversas guarnições do país. Foi, também, o organizador do Serviço Médico do Clube Militar, que chefiou durante 20 anos. Pertencia à Academia Brasileira de Medicina Militar, à AcademiaNacional de História (Argentina), ao InstitutoBrasileiro de História da Medicina, à Sociedadede Medicina e Cirurgia do RJ, à Associação Paulista de Medicinae ao IHGRJ. Foi eleito sócio honorário do IHGB em 17 de dezembro de 1971, passando a efetivo em 11 de dezembro de 1974. Possuía mais de 30 condecorações nacionais e estrangeiras, entre elas a Medalha Rocha Lima de Ciências do Estado de SP, a condecoração da Ordem da Rosa (Pedro I) do IHG/SP e as medalhas Moniz Barreto de Aragão e Vital Brasil. Publicou artigos versando temas médicos e de história da Medicina.Pertencia a Academia de História do Japão. Publicou na Revista do IHGB os seguintes artigos:

Contribuição ao estudo dos prisioneiros de guerra do Brasil 306:174-201 jan/mar 1975;

Medalhística Militar Brasileira Antiga.338:91-94 jan/mar 1983;

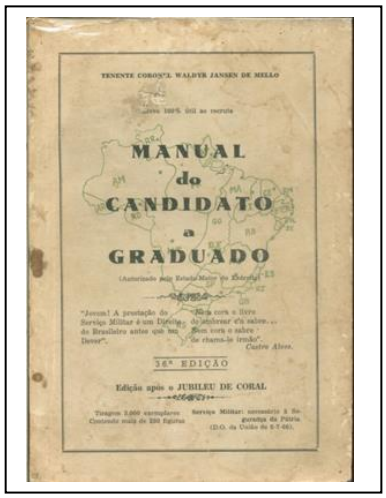
Santos Dumont e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro 327:239-245.abr/jun 1980;

A Medicina Militar Brasileira na Guerra do Paraguai. RGHMB,nº 73, p.73-91;

Coronel Dr. João Muniz Barros de Aragão.Rio de Janeiro de 1942.

Tivemos uma boa convivência com o General Waldemiro no IHGB, tendo ele sido um dos primeiros a indicar a minha admissão como sócio doIHGB.

Waldyr Jansen de Mello – Ten Cel



Na falta de uma foto do Ten Cel Waldyr publicamos a capa do Manual do Candidato a Graduado de sua autoria , a sua grande contribuição a Instrução do Exército, na formação de seus graduados

Recepção do tenente-coronel Waldyr pelo presidente da AHIMTB Cel Cláudio Moreira Bento**.**E com muita alegria e honra que um cadete de Infantaria da AMAN serve hoje de porta-voz da Academia de História Militar Terrestre do Brasil para acolher em seu seio, como acadêmico o escritor e historiadormilitar, tenente-coronel Waldyr Jansen de Mello que há mais de 50 anos integrou a 1ª turma de aspirantes de Infantaria formada na Academia Militar das Agulhas Negras aqui em Resende.E aqui hoje veio o ilustre e velho infante para através da voz de um cadete de Infantaria da AMAN, uma espécie de seu neto profissional, por filho da sua mãe profissional em 1945.

Sr. coronel Waldyr, para que receba a consagração e os aplausos na Cidade dos Cadetes do Exército, pela sua trajetória utilíssima ao País e ao Exército de cidadão e de soldado. Trajetória proveitosíssima traduzida no seu alentado e expressivo currículo construído, em mais de meio século de labor intenso e fecundo o qual está colocado sob a mesa diretora dos trabalhos e à disposição dos interessados e cuja leitura demandaria muitas horas, Currículo que ora integra o patrimônio desta Academia.

O coronel Waldyr é campista, tendo passado sua infância à vista do histórico Rio Paraíba que banha esta Resende - A cidade dos Cadetes repetimos. Iniciou sua formação de oficial na velha e benemérita Escola do Realengo que forneceu a maior parte dos oficiais da FEB, que elevaram bem alto o nome do Exército na Itália, como o nosso velho e querido mestre de Direito, o coronel Cecil Wall Barbosade Carvalho, herói da conquista de Monte Castelo e mais o general Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira que hoje aqui tomou posse na cadeira do ínclito filho do Maranhão, o general Tasso Fragoso, cuja túnica perfurada a bala, foto da guarnição da peça que comandava no combate da Ponta da Armação e mais citação presidencial por seu comportamento heroico naquele combate em 1893, integram o patrimônio do Museu da AMAN desde 1945.

Declarado aspirante de Infantaria aqui em Resende em 11 agosto 1945,

desde 5 setembro do mesmo ano o coronel Waldyr se radicou em Curitiba onde se casou com D. Aracy Miranda de tradicional família paranaense e de cujo consórcio nasceram três filhas: Lúcia, Ana Lúcia e Maria Helena todas com curso superior e casadas.De Curitiba o coronel Waldyr saiu para servir no 3º RI em São Gonçalo e para cursar a EsAO.

Sua projeção profissional e cultural transcende o Exército. É uma vida multifacetada, lembrando um enciclopedista. Mas aqui será enfatizada a sua face de historiador e de autor de assuntos de instrução de interesse militar que explicam a sua eleição para integrar o Colégio Acadêmico desta novel Academia que se propõe, entre outros alevantados objetivos, tentar aproximar as velhas gerações de soldados historiadores do Exército com as novas gerações de alunos e alunas militares, razão da presença gratificante hoje nesta sessão de cadetes e de alunas da Fundação Osório, criada para educar órfãs de militares das 3 Forças Armadas.

O Cel. Waldyr é engenheiro civil; Administrador; Economista; e professor de Matemática, Física e Desenho, etc...

Lecionou 3 anos no Colégio Militar de Curitiba. Por quase 7 anos esteve àdisposição do Ministério da Aeronáutica em Curitiba, como coordenador e professor de cursos de formação de oficiais Especialistas e de Infantaria da Aeronáutica. Sua contribuição àInfantaria da Aeronáutica é área de interesse desta Academia, conforme seus Estatutos,por ela se enquadrar como força terrestre brasileira.

Foi instrutor do NPOR do 3º RI de São Gonçalo e do CPOR de Curitiba, de soldados em unidades de Infantaria. Portanto larga experiência com a juventude brasileira militar.

A obra que mais o projeta no auto adestramento e autoeducação no Exército foi oconhecido e utilíssimo **Manual do Candidato a graduado,** que com nomes diversos desde 1945 já alcançou 135 edições com cerca de 450 páginas cada, num total aproximado de meio milhão de exemplares que foram usados por diversas gerações de instrutores e monitores e de futuros graduados do Exército. Podem os profissionais do Exército bem aquilatar a projeção do instrutor Cel. Waldyr na desempenho profissional de milhares de militares de que seu manual foi guia. E este aspecto interessou sobremodo a Academia de História Militar Terrestre do Brasil em seu pragmatismo de colocar seus préstimos historiográficos terrestres a serviço da crescente operacionalidade das forças terrestres brasileiras por preservar a memória de suas atividades.

Ressalta neste **Manual do graduado** do Cel. Waldyr a sua ajuda em não só adestrar mas a educar praças, por divulgar e auxiliar os monitores e instrutores a explicar o sentido das Virtudes Militares, escala de valores ou axiológica, da profissão soldado e essencial para que ele aceite a sua profissão com seus valores, para que não ceda às tentações da Sociedade de Consumo com escala de valores que não se coaduna com as da profissão soldado que tem algo de sacerdócio cívico na defesa das Tradições, da História e dos valores materiais, morais e espirituais da Pátria Brasileira.

E entre estas Virtudes a de Devotamento sob o seguinte argumento;

"Soldado de um país sob Deus, pacifista e que repudia a guerra de conquista, não posso como soldado brasileiro, desperdiçar um só segundo, no preparar-me o melhor possível para a indesejável e imprevisível possibilidade de uma guerra, fenômeno social ainda tão presente e vivo na História da Humanidade."

Em 1972 o coronel Waldyr lançou trabalho de interesse desta Academia **Contribuição do Exército no Campo da Educação,** num total de 12.000 exemplares. Trabalho vencedor de concurso no Sesquicentenário da Independência.

Especialista em Foto-informação lançou utilíssimo trabalho **Manual de Foto Informação** com 5 edições 10.000 exemplares o que atesta a aceitação e a projeção de seu trabalho no Exército e Aeronáutica, nesta importante atividade ligada ao melhor conhecimento dos importantes fatores da decisão militar - o Terreno e o Inimigo.

Em 1980 foi a consagração do historiador brasileiro Waldyr Jansen de Mello com o lançamento de sua **História do Brasil,** prefaciada pelo grande historiador Pedro Calmon, patrono da cadeira 25 desta Academia. Foram editadas 10.000 coleções das quais uma se encontra à disposição dos consulentes da Biblioteca do Congresso dos EUA.

Esta ésó uma amostragem da obra do escritor, de interesse desta Academia.

O Coronel Waldyr tem sido conferencista de História Militar Terrestre com os temas: **Batalha de Tuiuti;**R**ondon;Dia da Vitória19 de Abril;Dia do ExércitoBrasileiro;** *e* outros ternas na Liga de Defesa Nacional. Acaba inclusive de com o apoio desta Academia, pronunciar palestra para a sociedade paranaense, focalizando a contribuição das Forças Armadas no Campo Cultural do Brasil.

Dentre suas 61 comendas, 72 medalhas, 94 diplomas e 14 placas destaca-se o reconhecimento do Exército e das Forças Armadas do Brasil que o agraciaram com os títulos de Cavaleiro do Mérito Militar e do Mérito das Forças Armadas e com o Mérito Santos Dumont pelo Ministério da Aeronáutica. Possui a Medalha Militar de Prata por mais de 25 anos de bons serviços ao Exército.

É Grã Cruz do Mérito Educação e Integração, comendador da Ordem do Mérito Nacional Educativo e integra a Ordem do Mérito Municipal de Campos, sua terra natal. Em Curitiba, sua terra adotiva, tem recebido as mais expressivas e consagradoras homenagens.

Ostenta no centésimo sétimo ano de República Brasileira, o título de Barão do Mileto, concedido na Itália, por serviços prestados à Casa Imperial e pela antiga nobreza gosada por seus antepassados. Foi concedido por Casa Imperial Reinante do Oriente, pelo Príncipe D. Gabriel. Foi publicado no **Diário Oficial de São Paulo** e visado pela Secretaria de Estado das Relações Exteriores, em 25 maio 1968, que o legitimam.

É membro correspondente das seguintes entidades históricas dentre as 60 outras queintegra dedicadas aos mais variados assuntos de seus vários campos

de interesse cultural:

Instituto de Geografia e História Militar do Brasil; Institutos: Históricos e Geográficos de São Paulo (cadeira Mal Rondon); do Distrito Federal; de Mato Grosso,de Minas Gerais; de Goiás, do Rio Grande do Norte; etc.

Ocupa a cadeira Duque de Caxias no Colégio Histórico e Geográfico de São Paulo e a cadeira Pedro Calmon na Academia Paulista de História, além de ser membro da Academia Brasileira da História, em São Paulo e de várias de Letras.

O coronel Waldyr comemorou 50 anos de escritor profissional e fez jus ao troféu "Junter" por possuir mais de 710.000 exemplares impressos de sua obra em 44 anos de escritor.

Este é em largos, traços o perfil do historiador militar terrestre Cel Waldyr Jansen de Mello que acredita e espera a Academia que tenha sido uma das mais expressivas para o velho soldado de Infantaria e, guia seguro de várias gerações de instrutores e monitores e de graduados que utilizaram para instruir ou auto instruir-se os seus cerca quase meio milhão de exemplares de seu **Manual do Candidato a graduado.**

Prezado e ilustre acadêmico coronel Waldyr.Votos de que de o melhor de seus esforços e liderança cultural para tornarmos grande e vigorosa a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, no estado do Paraná, como apelamos ao general Tácito no mesmo sentido, no seu castrense Ceará, berço de Antônio Sampaio, patrono da Infantaria e do intrépido e legendário general Tibúrcio de Souza e dos marechais Castello Branco e Tristão de Alencar Araripe, entre outros soldados assinalados.

Pois, na atual conjuntura historiográfica em que a Mídia que domina a tudo e a todos e que não dá oportunidade para o debate amplo e democrático da História do Brasil, num Projeto Verdade que se impõe, é crítica a pesquisa e difusão da História Militar Terrestre do Brasil, vítima de manipulações criminosas como o livro **Genocídio americano - A Guerra do Paraguai,** que terminam por fazer na opinião pública a mentira impor-se como verdade.

Pois, os senhores e nós, membros de todas as categorias de sócios, somos a Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Se não trabalharmos e nos conformarmos em colecionar títulos e diplomas, ela morrerá e terá sido mais uma tentativa como o foi um dia o Instituto Histórico Duque de Caxias e que teve vida curtíssima. No entanto srs. general Tácito Theóphilo e coronel Waldyr, se trabalharmos pela Academia e não ficarmos inertes ela viverá! E com ela a preservarão da História Militar Terrestre do Brasil, na qual sobressai a História do nosso Exército, atualmente em crise previsível, por falta de estímulos a novas vocações de historiadores. Confirmar é obra de simples verificação e raciocínio! Qual é a solução? A Academia está tentando novos caminhos, e a sensibilizar as autoridades que tem o dever de Estado de promover os estudos e divulgação de História do Brasil. É como um passarinho que tentava apagar o incêndio de uma floresta levando água no seu bico em atividade febril, tendo a consciência cívica de estar fazendo a sua parte. Os tempos são outros e os estudos históricos têmque encontrar soluções que respondam e sejam vitoriosos nos novos tempos.

E é este o grande desafio que os senhores viciados em vitórias e êxitos,

enfrentarão com a Academia. E o penhor de sucesso acreditamos sejam os seus passados de persistência e luta, em defesa da vitória das boas causas que abraçaram, sempre com denodo e determinação. E para vencer!

Senhores acadêmicos, general Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira e tenente-coronel Waldyr Jansen de Mello com a permissão prévia da mesa, convido a que todos os presentes aplaudamos as vidas úteis e exemplares desses dois expoentes da Infantaria, que trilhando caminhos diferentes, deixaram um rastro luminoso atrás de si, dignos de serem refletidos e seguidos como padrões de cidadãos e soldados devotados ao Brasil e as suas grandes causas. De pé, nesta festa em família de soldados e de filhas de soldados da Fundação Osório, em que oficiais de várias gerações confraternizam e trocam experiências com os companheiros mais novos dos oficiais - os cadetes, conforme o marechal José Pessoa idealizou o sentido deste posto na República do Brasil. Aplaudamos(Recepção pelo Cel Bento, Presidente da AHIMTB,lida por cadete da AMAN).

Muitos oficiais do Exército publicaram livros sobre História do Exército e relacionados no **BIBLEX Catalogo de Publicações 1938-1995,** os quais reproduzo como homenagem aos seus autores, nem sempre conseguindo distinguir se são militares do Exército ou de outra Força Armada ou civis

ADELPHO POLI MONJARDIM
- **Bolívar e Caxias** 1967
- **O EB visto por um civil** 1968

ADHEMAR RIVERMAR ALMEIDA
- **Montese: Marco glorioso de uma trajetória** – 1985

AFFONSO RUY
- **Dossiê do Marechal Pedro Labatut**

ALBERTO MARTINS DA SILVA
- **João Severiano** 1989

ALIATAR BARRETO
- **Capítulo da História Militar do Brasil (Colônia – Reino)** 1941
- **Capítulo da História Militar do Brasil (Antecedentes da Guerra do Paraguai)** 1953

AMILCAR BOTELHO DE MAGALHÃES
- **A obra ciclópica do General Rondon** 1956

AMERICO PALHA
- **Soldados e Marinheiros** 1962

ANIBAL BARRETO
- **Fortificações do Br**asil 1958

ANTÔNIO H DE ALMEIDA DE MORAES
Teatro de Operações do Mediterrâneo 1953

ANTORILDO SILVEIRA
- **O 6º RI Expedicionário** 1947

ARTHUR LOBO DA SILVA
- **Serviço de Saúde do Exército (Origem e Evolução) 1958**

ASTOLFO SERRA
- **A Balaiada** 1946
- **Caxias e seu governo civil no Maranhão** 1943

DANTE DE MELLO
- Recolocando a verdade 1961
- A verdade sobre os sertões 1958
DELMIRO PEREIRA ANDRADE
- **O 11º RI na 2ª GM**
DEMERVAL PEIXOTO
- **Memórias de um velho soldado** 1960
DILERMANDO DE ASSIS
- **General José Leovigildo Paiva – O de Brack Brasileiro** (1948)
ERNANI AYROSA DA SILVA
- **Memórias de um soldado** 1985
EURICO GASPAR DUTRA
- **A República dos EUA e o Exército Brasileiro (Discursos)** 1941
EUSÉBIO DE SOUZA
- **Anedotário da Guerra da Tríplice Aliança** 1944
- **Sampaio Patrono da Infantaria** 1944
- **Os Tamborins** 1941
- **Tibúrcio** 1958
FERDINANDO DE CARVALHO
- **Comunismo no Brasil**
- RPM 709-1966 4v
- Lembrai-vos de 1935
- Os sete matizes do Rosa 1978
- Os sete matizes do Vermelho 1979
FILADELFO REIS DAMASCENO
Vida de Cadete
FIRMINO LAGES CASTELLO BRANCO
- Rondon: o civilizador do Sertão
FRANCISCO LAVAQUIAL BIOSCA
- A Intendência no TO da Itália 1990
GENTIL PALHARES
- **Frei Orlando** 1982
- **De São João Del Rei ao Vale do Pó** 1957
HENRIQUE BOITEUX Almirante
- Santa Catarina no EB
HENRIQUE DUQUE-ESTRADA DE MACEDO SOARES
- **A Guerra de Canudos** 1959
HIGINO DE BARROS LEMOS
- **O Exército e o Êxodo Rural** 1953
HIRAM FREITAS CÂMARA
- **Marechal José Pessoa – A força de um ideal 2 edições**
JARBAS PASSARINHO
- **Liderança Militar** 1987
JERÔNIMO DE VIVEIROS
- **O Coronel Luiz Alves de Lima e Silva no Maranhão** 1946
JOÃO BATISTA PEIXOTO
- **Conquistas de uma década** 1978
- **Segunda Grande Guerra** 1951
JOÃO MARINÔMIO CARNEIRO AVEIRO
- **Filosofia e Educação na obra de Rondon** 1988
JOÃO SEVERIANO DA FONSECA
- **Viagens em torno do Brasil (1875-1878)** 1986

JOSÉ AGOSTINHO RODRIGUES
- **Terceiro Batalhão o Lapa Azul** 1985
JOSÉ CAMPOS DE ARAGÃO
- Cadete de Realengo 1959
- Guardando os céus nos Trópicos 1956
- Histórias para soldados 1964
- **Inspiração da Rosa** 1968
- A intentona comunista1935. 1973
JOSÉ CÂNDIDO DA SILVA MURICI
- **A Revolução de 93 no Estado de SC e PR** 1946
JOSÉ DE MESQUITA
- **Exército fator de brasilidade** 1941
José Figueiredo Albuquerque
LAURÊNIO LAGO
- **Brigadeiros e Generais de D. João VI e de D. Pedro I no Brasil** 1941
- Os Generais do Exército Brasileiro 1860-1889 (1942)
- STJ e STF 1828-1970 (1978)
LEOBALDO RODRIGUES DE CARVALHO
- **REMINISCÊNCIAS E HISTÓRIA DA FORTALEZA DE SANTA CRUZ** 1954
LOBATO Filho
- A última noite na Escola Militar de PV 1992
LOBO VIANA
- **Osório e Tuiuti e Tuiuti e Osório** 1940
LUIZ BARRETO LIMA FLAMARION
- **Formação das nacionalidades americanas** 1964
LUIZ LOBO
- **História Militar de Pará** 1943
LUIZ MANOEL DE LIMA E SILVA
- A Guerra com as Províncias Unidas do Rio do Prata1956
MANOEL THOMAS CATELLO BRANCO
- **O Brasil na 2ª Guerra Mundial** 1960
MÁRIO FERNANDES IMBIRIBEIRA
- **Breviário de instruções moral e cívica do soldado** 1945
- Estudos de Português1940
- Sentido heróico da poesia de Castro Alves
- Subsídios para um vocabulário de Gíria Militar
MÁRIO MARTINS DE FREITAS
-Reino Negro dos Palmares1988
NELSON RODRIGUES DE CARVALHO
- O Duque de Caxias1941
- Do Terço velho ao Sampaio da FEB 1955
OBINO LACERDA ALVARES
- Estudos de Estratégia 1971
ODÍLIO DENYS MARECHAL
- O Ciclo Revolucionário Brasileiro 5 Jul 1922 a 31 Mar 1964 - Memória
OLYNTO PILLAR
- Os Patronos das Forças Armadas
OMAR EMIR CHAVES GENERAL
- Cinco páginas de História Militar - 1954
OSWALDO PEREIRA GOMES

- História do 4º GAC 1983
OTÁVIO COSTA
OTÁVIO DE CASTRO FILHO
- Vida e História das Unidades do I Exército 1960
PAULO MOTA BANHO
- História do EME 1984
PEDRO SHIRMER
- Das virtudes militares 1987
RAIMUNDO BARBOSA RODRIGUES
- O Exército na Batalha de Riachuelo 1941
RAUL MATOS SIMÕES
- A presença do Brasil na 2ª GM (Antologia) 1967
REINALDO CORREIA MOREIRA
- O Batalhão Laguna 1990
RENATO IGNÁCIO DA SILVA
- Amazônia: Paraíso e Inferno 1970
RUY COLLARES MACHADO
SALM DE MIRANDA
- Expansão para o Norte 1946
- Floriano 1963
- Rio Doce 1944
SATURNINO DE SOUZA E OLIVEIRA
- Bosquejo Histórico e Documentação de Operações Militares na Província do Rio Grande do Sul 1938
SILVIO DE MELLO C.ABREU
- A Revolução NativistaPernambucana 1951
SILVIO PEIXOTO
- As Atalaias da Guanabara 1947
WALTER DOS SANTOS
- Antônio João 1961
WALTER MENEZES PAES
- Lenda Azul (O Batalhão de Regimento Sampaio na Campanha da Itália) 1991
WALTER SPALDING
- A Epopeia Farroupilha

POSFÁCIO

[Digite uma citação do documento ou o resumo de uma questão interessante. Você pode posicionar a

Daniel Mata Roque[1]

[1] Cineasta e memorialista. Mestre em História (PPGH-UNIVERSO). Diretor da Pátria Filmes e do Festival Militum. Associado Titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB) e da Academia de História Militar Terrestre do Brasil – Seção Rio de Janeiro (AHIMTB-RIO), onde ocupa a Cadeira Especial Brigadeiro João de Souza da Fonseca Costa.

Aos 91 anos de idade e ainda altamente atuante e produtivo, o Coronel Cláudio Moreira Bento é um dos mais conhecidos, marcantes e prolíficos historiadores militares brasileiros. Pensador da doutrina militar terrestre, é autor de mais de uma centena de livros e artigos, referência na área civil e militar há décadas, instrutor de dezenas de oficiais-generais.

No significativo ano em que celebramos o Bicentenário da Independência do Brasil, o Coronel Bento lança duas obras inéditas e reedita uma clássica, sempre abordando importantes aspectos de nossa vida militar e contribuindo, assim, para o melhor entendimento do Brasil pelos brasileiros e para pensarmos a formação de nossa identidade nacional. Somos sortudos de poder conviver com esse experiente pesquisador militar (ou seria um militar pesquisador?) e com ele aprender.

Vale destacar um importante aspecto da visão estratégica deste nonagenário historiador: a exata noção da importância da internet. Ao invés de acomodar-se a pensar em como era “no seu tempo” ou continuar “fazendo como sempre fez”, vícios comuns da idade, o Coronel Bento procura inovar e estar na vanguarda, utilizar a ferramenta absolutamente vital e revolucionária que é a rede mundial de computadores. Repetindo sempre que revistas, livros e artigos não digitalizados ou indexados, portanto que não existem no mundo virtual, são a “sepultura do pensamento” de nossos antepassados (e mesmo contemporâneos), vem disponibilizando toda a sua volumosa obra, começada nos anos 1960, no portal da AHIMTB na internet. Palmas por mais essa valiosa iniciativa!

O presente livro, “Historiadores do Exército Militares Falecidos”, nasce já relevante fonte de consulta. Reúne informações sobre vida e obra de quarenta e sete importantes historiadores militares já falecidos. É não só uma justa homenagem àqueles que nos precederam nos trabalhos de pesquisa, e que de certa maneira nos formaram, mas também um estudo sobre o próprio campo da História Militar, seus métodos, assuntos, estruturas, fontes, pesquisadores e evoluções. Insere-se, portanto, em um campo bastante valorizado no presente: a História da Historiografia, dos próprios historiadores e de seu fazer historiográfico. Tradição, memória e evolução.

Ainda neófito no meio da História Militar, tive o privilégio de conhecer pessoalmente apenas um dos destacados pensadores aqui biografados: o Coronel Amerino Raposo Filho, veterano da Força Expedicionária Brasileira (comandante da Linha de Fogo que disparou o último tiro de Artilharia da FEB na

Itália, na rendição da 148ª DI Alemã), agraciado com a Cruz de Combate de 2ª Classe (bravura coletiva em combate), autor de diversos livros importantes sobre História Militar e Geopolítica. Fomos confrades no IGHMB e na AHIMTB. Entrevistei-o duas vezes, primeiro para o documentário “Estrela de David no Cruzeiro do Sul” (dirigido pelo Professor Israel Blajberg, autor do livro homônimo e presidente da AHIMTB-RIO) e depois para minha pesquisa de mestrado. Falecido há apenas um ano, em 21/11/2021, a apenas 59 dias de completar um século de vida, o Coronel Amerino foi, em 2019, o único pensador vivo a constar da obra “Brasil – Pensadores Militares Terrestres – 1631-1990”, também de autoria do Coronel Cláudio Moreira Bento.

Nesta nova publicação, “Historiadores do Exército Militares Falecidos”,bem como em toda a sua extensa obra, o Coronel Bento defende e se debruça sobre a chamada História Militar Crítica, análise da História-Batalha, trazida à luz como ensinamento prático, criador de doutrina e elemento cristalizador dos conceitos da Arte da Guerra. Creio que a palavra-chave aqui é aplicabilidade. Não se trata de olhar para o passado e ler sobre combates e generais seculares por diletantismo, curiosidade ou saudosismo. Trata-se de aprender para executar. Claro que os fatos e as situações não se repetem. Também não se entra no mesmo rio duas vezes, ensinou-nos Heráclito. Mas o foco do aprendizado é o conceito, o princípio. A doutrina geral, capaz de ser adaptada ao caso particular. O nível estratégico e o poder do exemplo, que convence e arrasta. A arte, enfim. É voz corrente que, na guerra, todos erram e vence quem erra menos. Para tanto, é preciso estudar e, principalmente, aprender com erros e acertos do passado.

Não há nada de novo sob o sol, disse Salomão e repetiu Eça de Queirós. Repetimos, portanto. Não devemos procurar inventar a roda, ela já foi inventada! É preciso aprender com o passado para saber de seu invento, suas aplicações e sua evolução. Quando dominarmos os usos possíveis, podemos partir daí e pensar em novos.

Bibliografia

BENTO, Cláudio Moreira. **Índice da Revista do IGHMB**. AHEx, 1987.Contribuição ao Centenário do Clube Militar.

___. Índice da **Revista do Clube Militar**, 1926-1987. AHEx, 1997.

___. **O Exército na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, 1839-1984 (Contribuição ao Centenário do IHGB, 1988 (Instrumento de Trabalho do Historiador, nº7)

___. Índice **de Assuntos dos Relatórios de Ministros da Guerra e do Exército 1822-1937** (Instrumento de Trabalho nº10, 1990. Contribuição ao Centenário da República).

Os instrumentos de trabalho do historiador do Exército tiveram a seguinte distribuição (em princípio): Ministro do Exército, Presidente do Clube Militar, Secretário Geral do Exército, Arquivo Histórico do Exército, Museu do Clube Militar, Biblioteca do Clube Militar, Biblioteca do Exército, Centro de Documentação do Exército, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Centro de História Contemporânea FGB e Diretor do Arquivo Histórico do Exército.

___. Paula Cidade – um soldado a serviço do Exército. **Revista A Defesa Nacional** nº 709, nov/dez 1983. P.13-35.

___. Centenário do General Bertoldo Klinger – co-fundador da **Revista A Defesa Nacional.** Nº 711, jna/fev 1984. P. 5-16.

___. Marechal Odylio Denys – uma vida inimitável. **A Defesa Nacional**, nº 772, 1987, jul/ago, p. 728-730.

___. Centenário de Pedro Aurélio de Góes Monteiro. **Revista A Defesa Nacional**. Nº 749, ou/dez 1980, p. 164-165.

___. Gen Div Augusto Tasso Fragoso (biografia). **Revista A Defesa Nacional**, nº750, out/dez 1980, p.105-117.

___. Centenário do Marechal Odylio Denys. **Revista A Defesa Nacional**. Nº756, 1992, abr/jun, p.131 ss.

___. Troféus de Combate do General Tasso Fragoso no Museu da AMAN, nº 1995, jul, p. 162 ss.

___. General Alfredo Souto Malan e a História do Exército. **Revistado Clube Militar**, 1983, jan/fev, p.13.

___. Marechal Mascarenhas de Moraes – significação histórica. **Revista do Clube Militar**, 1983, nov/dez, p.21-24.

___. Centenário do General Souza Docca. **Revista do Clube Militar** Nº1985, set/out, p. 38-39.

___. O escritor militar Marechal José Pessoa, **Revista do Clube Militar** 1985, set/out, p.38039.

___. Marechal Mascarenhas de Moraes p Conferência no IHGB no Centenário do Comandante da FEB. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** Volume 344, jul/set, p.119-136.

___. Centenário do General Pedro Aurélio de Góes Monteiro. **Cadernos da Comissão Coordenadora dos Centenários da Proclamação da República e da criação da Bandeira Nacional**. Rio de Janeiro: SENAI, BIBLIEx, 1991, p. 337 ss.

___. O Centenário do General Souza Docca. **Letras em Marcha**, nº161, 1985, out, p. ss.

___. Centenário do Marechal Odylio Denys. **Letras em Marcha** nº 231, 1992, jan, p.92.

___. General Bernardino Bormann. **Ombro a ombro.** nov 1994.

___. et GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. Rinaldo Pereira Câmara, **Casarão da Várzea, 1885-2008**. Resende: AHIMTB, 2009, p.99.

___. et GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. General Dionísio Cerqueira. **Casarão da Várzea, 1885-2008**. Resende: FAHIMTB, 2009. p.89.

___. Coronel Mário Clementino. **Brasil – Pensadores Militares Terrestres 1631-1990**. Resende: FAHIMTB/IHTRGS/ACANDHIS, 2019.

___. Marechal Estevão Leitão de Carvalho. BENTO, Cláudio Moreira. **Brasil- Pensadores Militares Terrestres** (1631-1990). Resende: FAHIMTB, 2019. p. 86-89.

___. General Bertoldo Klinger (1884-1969). **Brasil- Pensadores Militares Terrestres (1631-1990)**. Resende: FAHIMTB, 2019.

___. Marechal Fernando Setembrino de Carvalho. **Brasil – Pensadores Militares Terrestres 1631-1990**. Resende: FAHIMTB, 2019. p. 101 - 107.

___. General Augusto Tasso Fragoso. **Brasil Pensadores Militares 1631-1990**. Resende: FAHIMTB, 2019.

___. Marechal Tristão de Alencar Araripe. **Brasil – Pensadores Militares 1631-1990**. Resende: FAHIMTB, 2019, p. 127.

___. Marechal José Pessoa. Brasil – **Pensadores Militares Terrestres 1631-1990**. Resende: FAHIMTB, 2019, p. 137-148.

___. General Francisco Paula Cidade. Brasil – **Pensadores Militares Terrestres 1631-1990**. Resende: FAHIMTB, 2019, p. 149-187.

___. General Pedro Aurélio de Góes Monteiro. **Brasil – Pensadores Militares Terrestres 1631-1990**. Resende: FAHIMTB, 2019, p. 188-191.

___. Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes. **Brasil – Pensadores Militares Terrestres 1631-1990**. Resende: FAHIMTB, 2019, p.192-213.

___. General Carlos de Meira Mattos. **Brasil – Pensadores Militares Terrestres 1631-1990**. Resende: FAHIMTB, 2019, p.214-224.

___. Marechal Humberto de Alencar Castello Branco. **Brasil – Pensadores Militares Terrestres 1631-1990**. Resende: FAHIMTB, 2019, p. 225-250.

___. General Aurélio de Lyra Tavares. **Brasil – Pensadores Militares Terrestres 1631-1990**. Resende: FAHIMTB, 2019, p.251-260.

___. General Golbery do Couto e Silva. **Brasil – Pensadores Militares Terrestres 1631-1990**. Resende: FAHIMTB, 2019, p.261-262.

___. General Francisco de Paula Azevedo Pondé. **Brasil – Pensadores Militares Terrestres 1631-1990**. Resende: FAHIMTB, 2019, p.263-271.

___. Coronel João Batista Magalhães. **Brasil – Pensadores Militares Terrestres 1631-1990.** Resende: FAHIMTB, 2019, p.171-284.

___. General Alfredo Souto Malan. **Brasil – Pensadores Militares Terrestres 1631-1990**. Resende: FAHIMTB, 2019, p.285-298.

___. General Antônio Souza Junior. **Brasil – Pensadores Militares Terrestres 1631-1990**. Resende: FAHIMTB, 2019, p.299-317.

___. General Aguinaldo Sena Campos. **Brasil – Pensadores Militares Terrestres 1631-1990**. Resende: FAHIMTB, 2019, p.317-320.

___. Coronel Francisco Ruas Santos. **Brasil – Pensadores Militares Terrestres 1631-1990**. Resende: FAHIMTB, 2019, p.321-328.

___. Coronel Amerino Raposo Filho. **Brasil – Pensadores Militares Terrestres 1631-1990**. Resende: FAHIMTB, 2019, p. 229-333.

___. Coronel Arivaldo Silveira Fontes. (CRJ). **AHIMTB – Posses de Acadêmicos**. Brasília: SENAI, DF, 1997.
___. Marechal Fernando Setembrino de Carvalho. **A Revolta do Contestado (1912-1916) nas Memórias e Ensinamentos de seu pacificador**. Resende: FAHIMTB/IHTRGS, 2013.
___. **Marechal José Pessoa, os seus méritos na inauguração de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército**. Brasília:DF, AMAN/AHIMTB, 2020.
___. Centenário do Marechal Pedro Góes Monteiro. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 22 dez 1989.
SANTOS, Francisco Ruas. **Índice da Revista da Escola Militar da AMAN**, 1961.
___. **Coleção Bibliográfica Militar.** Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1960.
___. **Índice de Autores e Assuntos da Revista A Defesa Nacional,** 1960.
VIANA, Regina Lúcia Cascão. Currículo de Cristóvão Pires de Ávila. **Brasões de Armas – Armorial Histórico da Casa da Torre**. Rio de Janeiro Hexis, 2014, p. 182-183.
VILLAS BÔAS, Pedro Leite. **Dicionário Bibliográfico Gaúcho**. Porto Alegre, EST, 1991.
- **ÍNDICE DA REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO E AUTORES E ASSUNTOS** do nº 1 ao 400, 1988.
- **PUBLICAÇÕES DA BIBLIOTECA DO EXÉRCITO** – **CATÁLOGO** 1938-1995.

CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO AUTOR
CEL CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Veterano Cel Eng Cláudio Moreira Bento, Historiador e pensador militar. Memorialista e Jornalista.

(X) Coronel Cláudio Moreira Bento nascido em Canguçu-RS, em 19 out 1931. Filho de Conrado Ernani Bento e de Cacilda Moreira Bento. Turma Asp Mega Eng AMAN 1955. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, emérito do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na República Argentina. Integrou como adjunto do Presidente, Cel Francisco Ruas Santos,a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual, como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, Gen EX Alfredo Souto Malan, escreveu o artigo As Guerras Holandesas, da **História**

do Exército perfil Militar de um Povo. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras1978/1980. Academia sobre a qual escreveu5 livros sobre sua História, além de diversos artigos. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1990. É autor de mais de 120 obras (Álbuns, livros e plaquetas) disponíveis para serem baixados no site www.ahimtb.org.br e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no citado site . Seus últimos livros foram sobre **Marechal José Pessoa e seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército.Os 78 anos da Aman em Resende com Almanaques de todos os Aspirantes a Oficialpor la formados de 1944/2021.**Livro em Parceria com o hisoriador milita Luiz Faguntes e **O Duque de Caxias Patrono do Exército Brasileiro;** Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul, constante de 24 livros, do quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu como Diretor do Arquivo Histórico do Exército ,Comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, a qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1982. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves RS, na construção do Tronco Ferroviário Sul, considerado serviço de natureza nacional relevante. Fundou e presidiu as Academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaiense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba,Petrópolis, Pelotas, do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Vale do Paraíba e correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembleias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. É cidadão itajubense, itatiaiense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária. Foi palestrante sobre História do Exército nas ESG,ECEME,IME, EsAO,AMAN,ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife,Rio de Janeiro,Porto Alegre e no NPOR de Pelotas e Itajubá e Colégios Militares de Porto Alegre,Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes e lançado neste ano de 2022, Bicentenário da Independência, a presente obra **Os 78 anos daAcademia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021.** E**,** ainda para o Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançou seu livro **Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional,** como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. Este ano completou 91 anos de idade . Em seu site e no Google pode ser acessado seu livro digital **Meu**

legado historiográfico civil e militar, não vivi em vão! Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170.Site www.ahimtb.org.br. E-mail bento1931@gmail.com